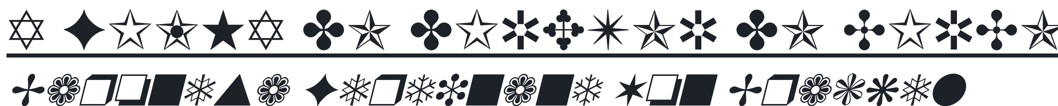
Ferdinande Freiin von Brackel

A FILHA DO DIRETOR DO CIRCO



É com verdadeira satisfação e com sentimentos de sincera gratidão que, ao sair em livro o romance “A Filha do Diretor do Circo, ou “Die tochter des kunstreiters” obra alemã de 1875 , já publicado na revista «Vozes de Petrópolis, desvanecido de tanta bondade da parte da exma. sra. d. Maria Eugênia de Afonso Celso, filha estremecida do exímio escritor brasileiro: Conde de Afonso Celso, que com tanto zelo, dedicação e desinteresse o auxiliou na tradução do original alemão para o belo idioma de Camões, deixa aqui, publicamente, testemunhados os seus mais sentidos agradecimentos.
O Tradutor.





É o homem que faz a sua própria sorte!

SOBRE as almofadas *pompadour* de um canapé Luís XV, num dos mais elegantes aposentos do Hotel Imperial, em Genebra, repousa uma jovem, de vinte e seis a vinte e sete anos aproximadamente.

Duas pesadas tranças louras, de um louro mortiço, desse raro e precioso matiz, que os franceses chamam *blond cendré*, escapam-se da mantilha de rendas pretas, que envolve a pequena cabeça fatigada, pendendo sobre o tapete vermelho que cobre o chão. Tem os olhos fechados, e as mãos, que se entrelaçam abandonadamente entre as pregas amplas de um roupão de flanela branca, são quase imateriais à força de brancura e de delicadeza.

E é esta mesma sensação de excessiva e irreparável fragilidade que a todos causa essa que agora descansa no aconchego luxuoso daquele quarto aquecido. Não é bela, oh! Não! Nem mesmo bonita, mas a extrema delicadeza de seus meigos traços de madona do norte, a leveza doentia do seu ser franzino e mimoso, a graça sofredora de seu raro sorriso, tudo isto contribui para irresistivelmente seduzir quem dela se aproxima.

Parece dormir; Seu rosto, de uma palidez de camélia, imobiliza-se numa expressão de impaciência, quase dolorosa; um sopro irregular entreabre-lhe os lábios sem cor, e um frêmito nervoso percorre-lhe de quando em vez as mãos inertes, onde as veias se desenham azuladas sob a extraordinária fineza da epiderme.

O silêncio é quase completo; mas, de súbito, uma porta bate em baixo, nas profundezas do corredor sonoro.

A jovem estremece. Um suspiro subleva-lhe o peito magro, e, erguendo-se a custo, seus olhos interrogam ansiosamente a porta

de entrada volvendo depois desanimados ao ponteiro dourado do relógio de viagem, que se acha sobre a mesinha, junto ao canapé.

Com o movimento brusco a mantilha escorregou-lhe sobre os ombros, pondo a descoberto uma graciosa cabeça, que esse penteado desleixado de “Gretchen” torna quase infantil, acentuando-lhe o caráter de debilidade sonhadora. De debilidade, sim, de uma debilidade mórbida. Dessa debilidade invencível que tanto entre os homens como nas plantas é o característico das flores de um só dia. A jovem, entretanto, esperou um instante, meio curvada para o lado da porta, como à escuta de um passo desejado, mas o silêncio restabelecera-se, e, com um novo e mais desalentado suspiro, ela deixou-se escorregar sobre o canapé acolchoado.

Não conseguiu, porém, cair na imobilidade repousante de há pouco; um visível nervosismo fazia-lhe tremer as mãos fracas, que arranjavam, num gesto friorento, a mantilha em torno ao pescoço. Seu pezinho agitava-se impaciente no chinelo de cetim branco e um brilho de febre acendia-lhe os largos olhos azuis. Oh! Esses olhos! Esses olhos demasiado grandes para aquele semblante tão pálido. Esses olhos de um azul profundo, de um azul de lago de balada, que brilham de um fulgor anormal, de um fulgor doentio. Que segredo se esconde na transparência de suas magoadas pupilas?

O relógio bateu lentamente.

A fisionomia da jovem teve uma contração de desagrado, e, repelindo a grande manta de zibelina que lhe cobria as pernas, sentou-se com a visível intenção de se levantar. Mas suas forças não lhe permitiram satisfazer esse desejo, um grande arrepio sacudiu-a, uma expressão de infinita fadiga cobriu-lhe o semblante

melancólico, e, puxando novamente a manta protetora, chamou imperiosamente: Ana!

Esse apelo, apesar da fraqueza da voz que o lançava, foi ouvido por uma corpulenta matrona, cujo vulto repleto se lobrigava de vez em quando por entre a porta entreaberta do quarto imediato.

__ Ana! __ Repetiu desassossegadamente a voz fraca. __Nora ainda não terá voltado?

__ Ainda não, senhora, a pequena está com o patrão, e o patrão nunca chega antes das onze horas. Não se aflija! A menina está bem vigiada, não fará estrepolias. __ Respondeu a velha cuja cor morena indicava não ter tido uma origem precisamente europeia.

__Como tardam! __ Murmurou a jovem com inquietação. __ Que lhes terá acontecido? ... Alfredo é tão imprudente! Meu Deus, minha pobre filha!

Um acesso de tosse seca, violentíssimo, dessa tosse funda, extenuante, que parece despedaçar o peito de onde sai, interrompeu-a, interrompendo também ao mesmo tempo os arranjos ordenados de Ana, que se precipitou, sobressaltada, mas com um copo de água açucarada, já de há muito preparado, na mão.

A doente tomou o copo, levando-o avidamente aos lábios; não pôde, porém, sorver dois goles, recaindo extenuada sobre as almofadas.

__ Para que se excita dessa maneira? Senhor, Meu Deus! __ Exprobrou Ana, cobrindo-a carinhosamente com a manta. __ A senhora mesma é que se torna doente! O médico recomendou-lhe sossego e a senhora vive a agitar-se como se a menina estivesse no meio de salteadores perigosos! Isto não é vida. Quando era

solteira, tinha saúde, lembre-se, porque não se atormentava com essas ninharias.

__Tinha saúde! __ Suspirou tristemente a jovem. __ E tinha mãe que só para mim vivia. É verdade, Ana, agora tudo me impacienta, tudo, tudo me fadiga! Quem passa os dias a consumir-se de angústias pelos outros não pode ter a saúde de uma aldeã! __ Declarou rancorosamente à criada.

__ Não é isso, Ana. __ Replicou a doente com um sorriso leve, agitando no ar a mão onde brilhava a aliança de ouro. __ É que agora sou casada, sou mãe. Não posso ter a despreocupação de outrora. Outra vida, outros cuidados. A alegria passa, mas não é aí que está o mal. Todos são tão bons para comigo! É aqui... __ Acrescentou com inexprimível amargura, apertando o peito com as mãos diáfanas. __ E ninguém, ninguém... mas ouço passos... aí vem eles, Ana! Aí vêm eles!

Uma onda de sangue cobriu-lhe as faces brancas, enquanto a porta se abria de chofre e uma menina, correndo impetuosamente para o canapé, precipitava-se sobre ela, cobrindo-lhe de beijos frenéticos as mãos, o rosto e as tranças.

__ Mamã, mamã! __ Balbuciava a criança, meio sufocada pela abundância de palavras que lhe ocorriam para narrar o que lhe acontecera. __Que pena não teres ido! Não imaginas que belo, que belo! ... Montei em pé como Isabel Derlange, e saltei pelo arco! Oh! Mamãezinha, tu não podes saber. Foi lindo!

__Como estás esbaforida, filhinha! __ Disse meigamente a mãe, afastando da testa úmida da pequena entusiasta, as mechas negras do cabelo.

__ Não te fatigaste?

__ Oh! mamãezinha, eu não me fatigo nunca! __ Respondeu a criança com um sorriso radiante. __ Papá disse que eu sou de elástico! __ Continuou voltando-se para um homem de alta estatura, supremamente elegante, que acabava de entrar.

__ Oh! Alfredo! __ Censurou a doente com tristeza, lançando um olhar repreensivo ao marido. __ Por que excitas com elogios a mania de exibição desta criança?

__ Como te sentes, coração? __ Atalhou ele ternamente, inclinando-se para roçar com um beijo a fronte branca da doente.

Tinhas prometido, Alfredo! __ Prosseguiu a moça, acentuando o tom sentido da exprobração e sem retribuir a carícia.

O marido encolheu os ombros, e o braço, que cingia amorosamente a cabeça loura, caiu num gesto de enfado. O sorriso brilhante apagou-se-lhe dos lábios, e uma expressão de tédio congelou-lhe por um instante o belo e enérgico semblante.

Afastou-se do canapé, e, atirando sobre a mesa as luvas e o chapéu, deu alguns passos a esmo pelo aposento, assobiando em surdina uma ária conhecida.

O semblante da doente ainda mais pálido se transformou. Seus grandes olhos febris umedeceram-se de súbito, enquanto Nora, a quem tudo escapara, exclamava com veemência:

__ Mamã, tu não me queres ouvir! Mamã, tu estás distraída! Mamã, Nora não gosta disso! __ E, carinhosamente, a criança que se instalara sobre o canapé, tomou entre as buliçosas mãozinhas a cabeça da mãe, prendendo-lhe assim numa irresistível cadeia ao mesmo tempo a atenção e o olhar. __ Montei em pé! __ Repetiu com os olhos iluminados de ingênuo orgulho. __ Em pé, no cavalo branco, e saltei pelo arco, mamãezinha, saltei muito melhor que o

pequeno Wimbleton, que é um medroso enorme! Isabel Derlange batia palmas, o cavalo corria que parecia não pisar o chão, e eu saltava tão alto, tão alto, que era como se voasse!

__ Nora! __ Interrompeu secamente o pai. __ É hora de mudar a roupa. Vai ter com Ana.

__ Oh! Papá, deixa-me acabar! Eu vou mais tarde, Ana pode esperar... A mamã ainda não sabe todos os meus "sucessos" como disse o meu amigo clown!

__ Helena __ Volveu impaciente Alfredo, deixando a janela, onde parecia muito entretido em observar a rua. __ Manda embora essa menina. Realmente dir-se-ia que lhe ensinas a desobedecer; não há uma ordem minha que cumpra. __ Continuou em tom irritado, franzindo o sobrolho. __É insuportável!

__ Vai-te, minha querida! __ Ordenou a mãe num beijo, empurrando docemente a criança. __ Pede a Ana que te vista o vestido cor de rosa.

Nora, a quem a desusada severidade do pai arrefeceu o entusiasmo, saiu cabisbaixa, lançando de longe à mãe um beijo tímido.

Helena teve um suspiro e, reclinando-se novamente nas almofadas, fitou com olhar sentido a silhueta esbelta do marido que, com o cotovelo apoiado à janela, parecia absorver-se inteiramente na recordação de uma música imaginaria, cuja toada rebelde seus dedos indecisos se esforçavam por reproduzir na vidraça.

__ Alfredo! __ Chamou ao cabo de algum tempo. Alfredo, vem cá! __ Insistiu com doçura, estendendo para o lado dele as mãos suplicantes.

O marido voltou-se enfastiadamente, mas, diante da meiguice daquele sorriso suave, diante da meiguice daquele olhar transparente, toda a sua irritação tombou, desfez-se, e, tomando as duas mãozinhas frágeis que o atraiam, beijou-as uma após outra, interrogando com uma malícia afetuosa, que fez acentuar-se o sorriso nos lábios descorados da doente:

__ Queremos uma reconciliação em regra, não é isto, senhora minha esposa? Umas “pazes” oficiais, com o clássico acompanhamento de beijos, abraços e juramentos de não recomeçar?

__ Sim! __ Replicou Helena com carinho, afastando-se para lhe fazer lugar no canapé. __ Quero-te ao pé de mim, Alfredo, há tanto tempo que não te sinto todo meu!

__ Pois, então, faça-se a vontade dessa querida Alteza! __ Replicou o marido sorrindo e, tomando um tamborete baixinho, sentou-se encostado ao canapé, cingindo com o braço esquerdo os ombros da mulher.

Puxou-a muito a si, de modo que a cabeça loura de Helena lhe descansasse sobre o peito.

A moça teve um sorriso lento, de íntimo contentamento, e, fazendo-se pequena, fechou os olhos, encolhendo-se, como se tivesse frio, nos braços fortes do marido.

__ Como estou bem! __ Murmurou com uma expressão de inexprimível bem-estar.

__ Tão bem assim, Lena? __ Perguntou sorrindo o rapaz, beijando-lhe de leve os cabelos. __ Então já sei que não escapo a um sermão! Um sermãozinho pérfido, que vejo esboçar-se nos cantos dessa boca, que não quer rir, cuja frase inicial leio no azul

desses olhos, que se fecham para poderem ficar severos: “Alfredo, por que levaste Nora ao circo?

__ Leste bem. __ Respondeu Helena, abrindo para ele as límpidas pupilas exprobradoras. __ Tinhas prometido, e promessa é divida, e tu não pagaste a tua dívida! Alfredo, tu, um homem de palavra! Por que fizeste isto?

__ Por que? Ora, por que... __ Replicou o marido em tom de gracejo, afagando a própria testa com a ponta de uma das tranças de Helena, que enrolava e desenrolava com a mão livre, e fitando no teto um olhar de perplexidade cômica. __ Sabe lá sempre a gente o porquê de seus atos? ... Por quê? Porque Alfredo é um homem de impulsão, um homem de capricho, um homem fraco e vil, que não sabe resistir às tentações da fantasia. E depois, francamente, não é assim tão grande crime, minha austera consorte, levar eu ao circo uma criança e fazê-la ensaiar exercícios de acrobacia, sendo ela acrobata por natureza. Nora nasceu para o circo. Tem da acrobata a leveza nervosa, a impecável elegância, a coragem risonha, a graça de silfo, e, mais que tudo, uma paixão, um amor inato ao movimento e à equitação, um brio, um donaire que são dela só, e hão de fazer de nossa filha uma artista sem par!

__ Uma artista de circo, nossa filha! __ Murmurou Helena, com intraduzível expressão de amargura. __ Minha Nora, uma acrobata!

__ E o que é teu marido, senão um diretor de circo, senhora dona Helena?!

__ Oh! contigo a situação é diferente! És homem, e o homem honesto e trabalhador enobrece todas as profissões. E depois, tens-me repetido muitas vezes que foram as circunstâncias que te impeliram a essa carreira aventurosa. As circunstâncias e também a

tua índole, meu indomável senhor! __ Acrescentou envolvendo a bela fisionomia expressiva do marido, em um olhar de orgulho indulgente, inexprimível.

__ Foram as circunstâncias... __ Disse lentamente o diretor com uma entonação singular, fitando no vácuo seus negros olhos, que essa evocação do passado enchia de sombras. __ E eu interrogo-me às vezes se não teria feito melhor escolhendo outro trilho, e se tinha o direito de te sacrificar, Helena, ao meu independente amor à vida livre.

__ Não pensavas assim outrora... __ Murmurou a doente com voz hesitante.

__ Outrora, outrora? Quer dizer, no tempo abençoado do nosso idílio, do nosso “*flirt*”, como dizem os teus patrícios, quando eu não era mais que um pobre coitado, perdido de amores por uma loura “*miss*”, e tu, essa “*miss*” de tranças de ouro que desorganizava os meus planos de futuro com a candura de seu sorriso cativante; quando o presente ainda estava cheio das tristíssimas recordações do que perdera no turbilhão de minha tormentosa mocidade. Tempo triste, na verdade! Tempo de luta, de ânsia, de horror à vida, mas também tempo bendito, pois foi quando te conheci, minha preciosa Helena! __ Acrescentou numa recrudescência súbita de ternura, apertando com força, de encontro ao peito, a cabecinha loura da mulher, que sorria vagamente, os olhos
semicerrados, embalada por esta palavra vibrante, que ela sabia tão lealmente sincera.

__ Felizmente tudo mudou! __ Prosseguiu Alfredo, depois de uma curta pausa, atirando para trás a cabeça audaz, num gesto de

desafio que lhe era habitual. __ Graças ao meu trabalho, vives com o conforto com que outrora te sonhara cercar, e o passado caiu no olvido, muito merecidamente, como um mau passado que era....

Alfredo calou-se; e, durante alguns instantes, o silêncio pesou, ouvindo-se apenas no quarto vizinho as risadas abafadas de Nora, que tagarelava com Ana.

__ E... quais foram essas circunstâncias que te obrigaram a seguir essa carreira um tanto... especial, visto a tua educação e o teu nascimento? ... __ Indagou a doente, com timidez, lançando ao marido um olhar perscrutador.

__ Carreira um tanto especial... __ Repetiu ironicamente o rapaz. __ Admiro a delicadeza com que te exprimes; poderias dizer anormal, sem custo nenhum! Creio mesmo ter sido a anormalidade de minha índole, no meio em que nasci, a primeira causa da minha decadência social. Porque, não nos iludamos, Lena, sob o ponto de vista social, eu decaí. O que me espanta, porém, é que só agora manifestes curiosidade a esse respeito; nunca me falaste nisso, e, todavia, temos tido horas de tão grande intimidade como a de hoje. Receaste talvez alguma inconfessável confidência?

__ Oh! Não. __ Protestou Helena com veemência, aconchegando-se mais ao marido. __ Eu tive e tenho absoluta confiança em ti, meu Alfredo, mas o teu passado pertencia a ti somente. Eu apenas tinha direitos sobre o teu presente e o teu futuro.

Foi tal a expressão de confiança e de ternura que a jovem pôs nestas singelas palavras, que uma onda de ternura cobriu o semblante de Alfredo; seus olhos brilharam, e, depondo um longo beijo na fronte pura da mulher, exclamou fervorosamente:

__ Minha única amada! Helena. __ Prosseguiu ele depois, em tom mais calmo, porém comovido ainda. __

Posso assegurar-te sem presunção que, não obstante as fraquezas humanas, sou digno da tua confiança. O meu passado nada encerra que não possam encarar de frente os teus olhos de santa. Se bem que leviano e arrebatado, nada fiz que me pudesse envergonhar; lutei e errei como os outros, e, num momento de completo desconforto moral, abracei esta carreira aventurosa, para a qual me atraía tudo o que em mim havia de aventureiro e de boêmio. Como sabes, Carsten, o nome que uso e ilustrei, como nenhum, no mundo do teatro e da acrobacia, não é verdadeiramente o meu. Meu pai descendia de uma antiga família francesa, de uma família fidalga, dessa nobreza militar onde, de pai a filho, os homens todos pertencem ao exército e têm por ideal e por lema morrer pela pátria. Era de gênio irrequieto e brigador, sendo um dos poucos nobres que se alistaram nas fileiras da revolução.

Tomou parte nas guerras que esta teve que sustentar contra o estrangeiro, e, no intervalo de paz de uma delas, casou-se com uma alemã pela qual loucamente se apaixonara, quando fora recolhido, ferido, pelo pai dela. O casamento não foi feliz, era demasiado o contraste de educação, de família e de caráteres. As recordações que conservo do lar paterno são tristes. Minha mãe vivia a chorar, meu pai a ralhar, e, por cima de tudo, a pobreza estreitava-nos em seus braços de ferro.

Ao cabo de alguns anos, meu pai veio a morrer numa batalha, como sempre sonhara, coroando com uma bela morte uma vida cheia de vicissitudes. Minha mãe ficou na miséria e, durante alguns anos, a nossa vida arrastou-se melancolicamente no isolamento a

que nos obrigava a nossa mais que precária posição. Chegara a época de entrada para o colégio. Meus parentes, magistrados ou militares com quem minha mãe conservava relações amistosas, vendo que as disposições turbulentas de meu caráter inclinavam-me decididamente para a carreira paterna, arranjaram-me um lugar gratuito numa escola de cadetes. Esse arranjo encheu de satisfação minha mãe, para quem eu era um constante motivo de apreensões e de lágrimas.

Herdara de meu pai o temperamento fogoso e audaz, o amor entranhado ao ar livre e ao barulho, a alegria impetuosa, o arrebatamento fácil, e tudo isso que nele a fascinara outrora, a ela, sossegada natureza de alemã, em mim assustava-a sobremaneira. Tinha um receio louco de que o filho seguisse o mesmo caminho guerreiro do pai, mas esperava que a disciplina e o regulamento severo do colégio submetessem meu o espírito indisciplinado. Quanto a mim, ia contente por ter com quem brincar. Desses companheiros a cordialidade de minhas maneiras fez em breve amigos. Meu nome francês, meu aspecto estrangeiro, a vivacidade da réplica que me distinguia de meus pesados camaradas, a facilidade de compreensão de que dei logo mostras, e principalmente a alegria comunicativa de meu gênio expansivo, tornaram-me em pouco tempo uma influência entre os rapazes.

Os professores mesmo achavam-me graça, e o ardor com que discutia e estudava, a confiança cega e um tanto ingênua que depositava em mim próprio, fizeram de mim o favorito de todos. É notável como o caráter francês, que tanto desagrada em conjunto como nação, aos alemães, exerce sobre eles fascinação quando isoladamente considerado. Minha vida de colegial foi, pois, um

verdadeiro triunfo; as repetidas lisonjas de meus condiscípulos e a bondade de meus mestres, que não estavam longe de me considerar um talento, subiam-me ao cérebro, inchando-me todo de desmedida vaidade. Estava firmemente convencido, ao deixar a escola, de que
o mundo ia ter em mim um renovador e a arte militar mais um glorioso campeão; chegando até a crer, quando rememoro esse curioso estado d'alma de outrora, que, se porventura se tivesse declarado a guerra na ocasião da minha saída da escola, eu na verdade me distinguiria, tal a exaltação de meus sentimentos. A permanência numa guarnição de diminuta importância, numa pequena cidade, sonolenta e atrasada, veio arrefecer esse entusiasmo heroico. A disciplina, que até então me fora leve, caiu sobre mim como um manto de chumbo; a exiguidade de soldo ainda mais contribuiu para em breve se me tornar odioso o jugo daquela vida regular, pautada e aborrecida, que tão mal satisfazia minha mania de grandeza e os arroubos ambiciosos de minha alma de vinte anos.

A guarnição tornou-se-me insuportável; como não tinha, porém, outros meios de subsistência, tive de submeter-me, mau grado meu. Por infelicidade, meu chefe imediato era um veterano da guerra de independência, homem rotineiro e regulamentarista em excesso, que não tardou em tomar aversão à minha pessoa suscetível. Não perdia ocasião de fazer-me sentir o peso de sua superioridade hierárquica, humilhando incessantemente meu orgulho de francês. Quanto a mim, tinha reunido todos os defeitos das duas nações de que descendia.

__ E também todas as suas qualidades! __ Interrompeu vivamente Helena. __ Tens o bondoso coração do alemão e a generosidade cavalheiresca do francês.

__ Sim, o que justamente não me faltava era a teimosia germânica. __ Prosseguiu Alfredo, sorrindo. __ Um dia, por uma questiúncula insignificante, impôs-me o chefe uma punição que se me afigurou injusta, e foi isto suficiente para fazer estalar a ira que há tanto tempo contive. Arrogantemente, pedi-lhe explicações sobre esse castigo imerecido, negando-se ele peremptoriamente a dar satisfação a um subalterno, aumentando-me ainda mais a punição por esta falta de respeito.

Exasperado, julgando-me mortalmente ofendido, aproveitei a primeira ocasião que se me apresentou para desrespeitá-lo em público, declarando-lhe em face o meu desprezo.

O velho protestou, furioso, diante da acusação de ter sido devido o castigo não a pequena infração do serviço, mas a uma razão pessoal de ódio e talvez de inveja. Esse protesto fez-me perder a cabeça, e, desvairadamente, num assomo de cólera, muito francês, aliás, atirei-me a ele e o esbofeteei. O caso era grave, equivalia a degradação ou à pena de morte. O chefe, entretanto, exigiu ali, de momento, uma reparação pelas armas.

Não podia deixar de aceitar; batemo-nos, pois, e meu adversário caiu, mortalmente ferido, vindo a falecer na tarde seguinte.

Eram severíssimas as leis contra o duelo; além disso, o fato de ter levantado a mão contra um superior condenava-me irremissivelmente. Fui preso, pois; antes, porém, que entrasse em

julgamento, os amigos que possuía na guarnição facilitaram-me a fuga.

Evadi-me com felicidade, partindo imediatamente, disfarçado em emigrante, para a América do Norte.

A minha primeira sensação, ao deixar essa Alemanha que se afigurava mesquinha para os meus alevantados projetos, foi de uma alegria louca.

Alegria não só de ter escapado à morte certa, se entrasse em conselho de guerra, como também de conhecer esse novo mundo, pátria da liberdade, onde tudo me parecia possível. Era então muito jovem, e minha imaginação, embriagada por essa liberdade tão dificilmente conquistada, exaltava-se na construção de castelos magníficos. Vivia em pleno sonho, mas a realidade veio bem cedo derrotar todos esses castelos.

Chegando à América, vi-me só, sem relações e sem meios, pois na viagem haviam-se esgotado meus últimos recursos. A educação que recebera não me preparara absolutamente para a subordinação de carreira alguma. Os pequenos ofícios não me seduziam; considerava-me nobre demais para eles. A verdade era que não possuía habilitação para coisa alguma. A miséria, no entanto, em pouco tempo obrigou-me a exercer os mais baixos e variados ofícios. Foi uma época horrível! Graças a ela, porém, aprendi a falar corretamente a língua do país e perdi muito da minha enfatuada arrogância. Já começava a desanimar, quando, por mero acaso de minha existência errante, travei conhecimento com o chefe de uma quadrilha de caçadores de feras e de cavalos. Propôs-me ele fazer parte de seu bando rude e livre, que nenhuma lei governava e nenhum compromisso ligava. Aceitei com entusiasmo,

e, durante anos, andei de planície em planície, em companhia desses homens intrépidos, a cavalo sempre, livre como jamais o supusera poder ser.

Aprendi com eles a arte de montar, mas, em poucos meses, a minha habilidade natural e a educação, que tão profundamente me distinguia deles, criaram-me prestígio na quadrilha. Fui eleito chefe dos domadores de cavalos selvagens e, durante algum tempo, não tive outra aspiração senão a de descobrir nos vastos prados onde cavalgava o meu bando, um espécime mais raro do nobre animal de que fizera o instrumento de minha vida. Nas nossas longas jornadas através das campinas encontrávamos, não raro, tribos de indígenas, com as quais entretínhamos estreitas relações para facilitar a compra ou a troca de cavalos. Foi observando-lhes a montaria que aprendi muitos dos exercícios equestres que mais tarde vim a celebrizar. Os *“peles-vermelhas”* são cavaleiros admiráveis! É a eles que devo uma boa parte de meus sucessos, pois foram meus professores e como creio haver poucos.

A vida como chefe dos caçadores agradava-me, pois, e na simplicidade primitiva do prado, eu não sentia, eu não podia sentir a desigualdade de condições entre mim e meus companheiros; a guerra, porém, entre os nativos-americanos e a crescente inimizade que entre eles se declarava contra os brancos, impediram-nos, em breve as excursões, obrigando-nos primeiro a espaçar, depois a suspender, por completo, as nossas grandes caçadas. Achávamo-nos de novo sem meios de subsistência, mas os meus camaradas, homens práticos como verdadeiros *“yankees”*, lembraram-se logo de aproveitar os nossos talentos equestres, exibindo-nos e aos nossos belos animais numa feira da localidade mais próxima.

Sem grande entusiasmo, mas acossados pela necessidade, adotamos a ideia de dar uma representação pública de exercícios de equitação numa cidadezinha de operários do interior. O resultado dessa primeira exibição, que era, por assim dizer, um ensaio, foi tão superior as nossas esperanças, que resolvemos explorar esse novo negócio, e dar representações de aldeia em aldeia, de vila em vila, fixando-nos onde mais propiciamente nos sorrisse a fortuna.

Por mais primitivas e secundárias que fossem as nossas apresentações, eram novidade e, por isso, alcançaram um êxito surpreendente. Minhas recordações do que em circos da Europa outrora vira serviram-nos de muito, e alguns meses depois da nossa estreia, tínhamos uma companhiazinha regularmente organizada, e lá íamos de localidade em localidade, muito aplaudidos pelas povoações que atravessávamos e que a beleza, a destreza dos nossos animais, a temeridade dos nossos arriscados exercícios, entusiasmavam. Pouco a pouco foi aumentando o pecúlio, o dinheiro chovia de todos os lados e o Carsten-Circo ia adquirindo nome.

Encorajados pelos sucessos crescentes da companhia, decidimos afinal trabalhar num grande centro, onde o lucro seria fabuloso. Inútil é dizer-te, Lena, que já era nesse tempo, o Carsten que hoje sou; deixara o meu velho nome francês na Alemanha, com as reminiscências de minha mocidade. O nosso triunfo na grande cidade que escolhêramos para campo de nossas manobras equilibristas, foi estrondoso, e, depois de um mês de representações consecutivas, vi-me rico, a testa de uma companhia, incompleta ainda, mas que em pouco tempo seria a primeira do mundo. Introduzi melhoramentos, adquirindo novos e mais variados

elementos para o brilho do meu circo, como o chamava, e ao qual me dedicara de corpo e alma. Estava feita a fama do Carsten-Circo, e eu em vias de ser milionário. Uma tristeza, porém, me acabrunhava.

Enquanto me exibira em pequenas cidades, na satisfação de nosso inesperado sucesso, não tivera tempo de sentir a decadência social que comportava essa nova e excêntrica profissão, mas, em Nova York, diante desse público fino e educado, de quem fora outrora igual, sentia-me rebaixado e, apesar da popularidade que aureolava meu nome, como diminuído muito aos olhos de todos e aos meus próprios. Tive um remorso pungente das minhas proezas passadas, e só então compreendi o que perdera, perdendo o nome de meu pai e o lugar que devia ser meu na sociedade.

Esse sentimento tornava-se mais agudo e mais doloroso diante de senhoras e, conquanto fosse por todos geralmente considerado, nada me podia consolar de não ser mais - de nunca mais poder ser! - o fidalgo oficial de antanho, que às mais nobres senhoras era dado tratar de igual para igual.

Um dia te vi, Helena, num camarote, lembra-me bem, seguindo com grandes olhos maravilhados minhas façanhas equestres, e, desde esse dia, o indomável, o incorrigível boêmio, que era Alfredo Carsten, ficou para sempre rendido à doçura até aí desconhecida do claro olhar de uma menina!

Assim falando, o diretor fitava a mulher e nos seus olhos inteligentes passava um estremecimento.

Helena não respondeu, mas, curvando prontamente a cabeça, roçou com um beijo rápido a mão livre do marido.

__ Desde esse dia... __ Continuou Alfredo, retirando a mão, a sorrir. __ Minha tristeza aumentou; a sensação de que era um ente à parte na sociedade de meus semelhantes supliciava-me o espírito, e a ideia de que jamais conseguiria aproximar-me da dama dos meus pensares amargurava-me os dias.

Foi então que a Providência mais uma vez se manifestou em meu favor, sob a figura do teu irmão Cirilo. Devo dizer-te, todavia, que eu já era nessa época o diretor do circo, trabalhando só na arena em noites de grande função, quando o espetáculo tinha um fim humanitário, e às vezes, confesso-o, para atrair mais espectadores às arquibancadas. Ocupava-me também de um ramo de negócios que me fornecia valiosos capitais. Consistia ele na compra e venda de cavalos para corridas ou casas particulares.

Como conservava relações amigáveis com alguns bandos de caçadores, velhos conhecidos meus das planícies, comprava os animais por preço diminuto, vendendo-os depois por preços altos aos ricos “*dandys*” de Nova York.

Havia fundado uma espécie de clube hípico, onde era *chic* ir todas as manhãs experimentar cavalos na areia. Era esse estabelecimento o “*rendez-vous*” de toda a mocidade “*smart*” e foi aí que as negociações para a compra de um animal me relacionaram com teu irmão.

Havia-o desde logo distinguido pela extraordinária semelhança que aparentava contigo, e, como tive a ventura de salvar-lhe a vida mais tarde, contendo na disparada o animal que montava, tornou-se esse bom Cirilo um dos meus mais devotados amigos.

Graças a ele, pude penetrar de novo na sociedade, e readquirir, no convívio de meus iguais em educação, a elegância, o

verniz mundano que perdera nos meus anos de caçadas e de vagabundagens.

Cirilo, conhecendo-me a história intima e sabendo da perfeita honorabilidade de minha vida, patrocinou-me entre os rapazes da elite, introduzindo-me depois na intimidade de sua família. Foi então que, conhecendo-te mais de perto, Helena, e vendo que, mesmo despido do prestígio radioso do palco, teus olhos tinham para mim a mesma maravilhosa expressão, concebi o plano ousado de te conquistar, como conquistado havia a riqueza e a fama.

Graças aos independentes costumes dessa livre América, pude saber de tua querida boca se te agradava ou não o culto idólatra que te dedicava este romântico diretor de circo, e, diante da afirmativa abençoada, pedi-te atrevidamente em casamento.

O resto sabes tu tão bem como eu. Teus pais recusaram, quase ofendidos, não me julgando digno de aspirar à tua mão; todos os preconceitos da sociedade se eriçaram contra o nosso amor. Mas nós tínhamos Cirilo por nós, e tu, apesar de teus frágeis dezessete anos, eras felizmente de uma obstinação pouco comum. Lutaste, enquanto eu me consumia de desespero, lamentando mais do que nunca a perda do nome e da posição que me teriam tornado apto a esposar-te sem oposição e sem vexames para tua família.

A sorte, porém, estava para mim e, diante da felicidade cada vez maior de meus negócios, teus exigentes pais cederam e tu vieste a ser Madame Carsten. Graças a Deus e ao meu trabalho, pude sempre rodear-te do conforto e do carinho que meu afeto por ti ambicionava...

Eis a minha história, Helena... __ Terminou ele. __ Foste o único amor. Dize, não temos sido felizes até agora? ...

Havia nessa interrogação um mundo de ansiedade e, no olhar brilhante com que envolvia a doente, uma imensa, uma apiedada ternura.

__ Oh! quase demasiado felizes! __ Murmurou Helena, levantando-se um pouco e passando o braço ao redor do pescoço do marido, num gesto de carinho adorável.

__Demasiado, não! __ Replicou ele rindo. __ Nunca se é demasiado feliz, e a sorte não pode ter ciúmes da nossa felicidade presente, pois duro tributo paguei à adversidade para ter o direito de hoje gozar a tranquilidade serena que me coube afinal por quinhão. Agora, dize-me com franqueza, Helena, não te parece que aquele que assim soube vencer as dificuldades de uma atrapalhada existência, saberá também hoje, que o mar está calmo, guiar o barco precioso que encerra o que de mais caro tem no mundo: a mulher e a filha?

Alfredo Carsten disse isto com a orgulhosa confiança do homem que a seu próprio esforço tudo deve e tudo de si espera.

__ E... e Nora? __ Perguntou Helena a meia voz, fitando no marido, que se erguera e consertava ao espelho o complicado nó da gravata, o olhar hesitante de seus grandes olhos brilhantes.

__ Teimosa, teimosa, teimosa! __ Repetiu o diretor, e o seu semblante cobriu-se como de uma nuvem, ameaçando-a de longe com o dedo. __ Como tive razão em dizer que és de uma teimosia pouco comum! Olha que, quando se te mete qualquer coisa na cabeça, não há nada que te convença... Mas, afinal de contas, dize-me, uma vez por todas, o que me exprobras a respeito de Nora? E por que, de repente, assim te inquietas

Helena baixou os olhos, enquanto Alfredo, cruzando os braços, esperava, visivelmente aborrecido. Uma mancha rosada tingia-lhe as faces pálidas; era evidente que hesitava em tratar de um assunto que a emocionava, mas decidiu-se afinal, e para ter uma atitude, dobrou com o máximo cuidado a mantilha que há pouco lhe protegia o pescoço, e declarou, sem levantar as pálpebras:

__ O que te exprobro? Apenas de estimular e fomentar com elogiosa predileção de Nora pelo circo, e...

__ Mas, senhora... __ Interrompeu ele impacientemente. __ Que mal pode fazer isto a uma criança de oito anos? Espera, para te afligires das predileções de tua filha, que ela tenha dez anos mais... Nora ama a equitação por natureza, herdou isto de mim! São as leis do atavismo, e, francamente, não vejo grande perigo em que ela se habitue a apreciar o nobre animal ao qual seu pai deve fortuna e a celebridade. Deixa-me educá-la a meu jeito, e, com os dotes naturais que possui. Hei de fazer dela a mais original, a mais admirada, a mais aplaudida das mulheres. Conquanto a carreira seja “especial”, como tu dizes, não impede de ser-se feliz, a prova está em mim. __ Acrescentou com um sorriso forçado.

__ Alfredo! __ Exclamou Helena agitadamente, pondo-se em pé, impelida pela indignação que por um momento lhe dominou a fraqueza. __ Como podes pensar deste modo? Como aceitas e acarinhas a ideia de fazer de nossa filha, de nossa inocente Nora, uma artista de circo, uma acrobata, uma igual a Isabel Derlange?! ... Trazes-me sempre o teu exemplo como argumento decisivo, mas tu és homem, já o tenho dito e repito, e um homem corre muito menos perigo que uma mulher, que uma jovem, pois Nora só poderia exercer essa profissão enquanto tivesse mocidade, numa carreira

que, tu mesmo o confessaste, importa uma decadência social. A missão da mulher é outra, e eu não posso admitir a hipótese de que a minha filha, minha pequena, para quem desejo todas as felicidades da terra, venha a ser o joguete do público enquanto for bela e jovem, e o objeto de seu desprezo quando já não tiver mais atrativos físicos, que lhe angariem aplausos e ovações. Não, mil vezes não! Sou fraca e doente! __ Acrescentou com um súbito desfalecimento na voz. __ Mas terei energia bastante para preservar minha filha de semelhante desgraça! Deus é testemunha, Alfredo... __ Continuou com veemência. __ de que tenho sido até hoje uma esposa submissa, mas, neste ponto, estou disposta a fazer-te oposição; Alfredo, eu não quero que Nora seja acrobata!

Helena tremia toda, o peito arfava-lhe sob o domínio da emoção extraordinária que assim a arrancava à calma habitual, fazendo-a afrontar pela primeira vez a vontade, até então indiscutida do marido. Um rubor ardente tingia-lhe as faces e, diante do fulgor de febre daqueles olhos azuis, há pouco tão doces, agora brilhantes de uma energia quase selvagem, Alfredo Carsten, que adiantara encolerizado, pronto para a luta, retrocedeu assustado.

__ Helena! __ Exclamou imperiosamente, medindo, com o olhar a franzina silhueta da mulher, cujo emagrecimento o longo "*peignoir*" branco acentuava. __ Tu não sabes o que dizes, e só atribuo ao delírio esse extemporâneo acesso de cólera, que te faz quase ver em mim um inimigo de nossa filha. De que perigos queres preservar Nora? Não está ela debaixo de tua proteção, e não és tu a incumbida de educá-la até à época em que seja necessário pensar no seu futuro?

__ Educá-la! __ Replicou a doente, cobrindo o rosto com as mãos transparentes, que tremiam cada vez mais. __ Mas tu não vês, Alfredo, tu não percebes que eu estou morrendo? __ Murmurou numa queixa, tão baixa que o marido não a ouviu. __ Não! __ Prosseguiu com voz opressa, descobrindo o alterado semblante e apoiando-se com ambas as mãos ao espaldar do canapé. __ Não quero que ma entregues agora, para mais tarde, quando mais necessária se tornar a minha influência, tu, com a tua autoridade de pai e a fascinação que indubitavelmente sobre ela exerces, a arrancares de meus braços, para entregá-la à vida de exibição e de falsa glória, para a qual ela não está preparada. É melhor que a eduques tu mesmo, desde já, neste intuito! Que, desde já, se embotem os seus sentimentos femininos, que ela, desde já, desaprenda os verdadeiros deveres da mulher!

Um acesso de tosse sufocou-lhe as últimas palavras; cambaleou, e teria caído, se Alfredo não se precipitasse, e, amparando-a nos braços, a fizesse sentar novamente no canapé.

__ Helena disse com brandura, arrancando-lhe as almofadas. __ Por que te agitas dessa maneira? Por que estás hoje tão dura comigo? Por que te assusta assim de repente o futuro de Nora?

__ Por quê? __ Respondeu a esposa com voz rouca, sorrindo tristemente. __ É o amor de Mãe, Alfredo, o amor de uma mãe que está prestes a deixar a sua filha. Não protestes. __ Pediu num tom novamente manso, segurando-lhe novamente o braço. __ Não protestes, pois mais do que ninguém conheço o meu estado. Tem paciência, meu amigo, tem paciência com os caprichos de uma enferma e ouve o que há muito te desejava dizer. Ouve os sonhos que me inspirou a solicitude maternal nas minhas longas noites de

insônia, quando me detenho a imaginar qual será o futuro de nossa filha.

Alfredo hesitava; era-lhe evidentemente desagradável ter de ouvir as queixas da mulher sobre um assunto no qual não podiam concordar; preferia naturalmente retirar-se, mas Helena o detinha pelos braços, e nos olhos fundos que o encaravam súplices havia uma tal intensidade de sofrimento, uma tão imperativa insistência, que ele cedeu, tornando a sentar-se com um suspiro resignado.

__ Tu te excitas demasiado, Helena. __ advertiu ele, passando, no entanto, a mão pela testa abrasada da esposa. __ É impossível que esta exaltação te faça bem. Não seria melhor deixar para mais tarde esta conversa? __ Insinuou diplomaticamente, procurando uma evasiva.

__ Não, não! __ Protestou Helena com força, agarrando-lhe o braço como se lhe receasse a fuga. __ Há de ser hoje mesmo, mais tarde talvez eu não tenha tempo...

E como o marido não respondesse, fitando desconsoladamente o bico envernizado das botinas, um sorriso lhe apareceu à flor dos lábios, transformando por completo o abatido semblante. Seus grandes olhos se impregnaram de uma irresistível ternura, o sorriso fez-se fagueiro e uma expressão de meiguice maliciosa lhe avivou por um instante as delicadas feições.

Toda a fraqueza parecia haver desaparecido; era uma Helena nova, a Helena que talvez, outrora, havia cativado Carsten, que surgia revestida de inexcedível sedução, risonha, afetuosa, pronta a domar, ainda uma vez mais, o rebelde que ali estava ao seu lado.

A moça demorou-se um minuto a contemplar o marido; depois, bruscamente, num movimento airoso, atirou para trás as tranças

louras, rodeando-lhe o pescoço na débil cadeia de seus braços e, levantando para ele o rosto sorridente, que o desejo de vencer tornava encantador, começou em tom de gracejo terno, a que Alfredo não sabia resistir:

__ Estás muito zangado comigo, não é assim, meu belo senhor? Muito zangado, talvez não... mas aborrecido e enfadado, até ao desespero, com essa Helena maldosa, que te retém, a ti - o errante por excelência! - horas e horas ao pé desse enfadonho sofá de doente. Pois olha, meu impaciente, hás de ficar aqui cem anos, se for preciso, prisioneiro como um príncipe de conto de fada, se não te decidires a dizer sim a tudo o que exigir a tua incontentável metade. “Conforme”... Alfredo, eu aposto que estás pensando “conforme”!... Ah! malcriado de minha alma, como os tempos mudam! Antigamente, se eu por acaso alguma coisa te pedisse, nem precisava falar: bastava olhar para teus olhos, e era logo uma afirmativa completa, mas agora!... Ai, agora!... __ Continuou com um suspirozinho cheio de subentendidos. __ Quanto circunlóquio, quanto argumento é necessário!... Nem queres mais saber de meus sonhos, e, quando te peço uma entrevista mais comprida, temos uma cara feia, uns olhos muitos distantes, um bigode rebarbativo, uma testa franzida, um ar de quem vem de Missa de defunto, e uma maneira de olhar a gente que exprime claramente: “Meu Deus! Como essa Helena é teimosa!” E dizer que ainda não sou feia, e ainda tenho esses cabelos dourados que amavas... há muito tempo! O que será quando for enrugadinha como um limão guardado em fundo de gaveta, e não tiver mais se não tranças de algodão branco?... Mas... não falemos neste tempo triste! Tratemos de assuntos sérios. Tu mesmo me disseste que os negócios andam às

mil maravilhas, dando-te um lucro fabuloso. És rico, por conseguinte não tens necessidades de te matares com a direção desse circo que me rouba a sua presença e a tua atenção. Já se te ofereceu, muita vez, quem o comprasse, vende-o, pois; e a transação não só te trará grandes capitais, como te permitirá voltarmos à minha terra, lá onde me conheceste, e onde de novo conquistarás uma digna posição na sociedade, trabalhando numa outra empresa qualquer, preparando assim para Nora um futuro independente e até brilhante. Poderemos também renovar a nossa lua-de-mel! __ Rematou como conclusão definitiva e convincente.

Carsten considerava-a atônito e desconcertado; era evidente que não esperava por semelhante proposta.

__ Interessas-te muito mais pela felicidade de tua filha do que pela minha, Helena. __ Disse em tom sentido, ao cabo de alguns minutos de reflexão.

__ Ingrato! __ Respondeu ela com um sorriso meigo, acariciando com uma das mãos os negros cabelos do marido. __ Tua felicidade é o meu constante cuidado e, no meu pensamento, tu és inseparável de Nora; ambos resumis o que de mais amado tenho na terra. Se, porém, te custa muito vender o teu circo, passa a administração dele a um gerente qualquer e contenta-te em dirigi-lo de longe, recebendo os lucros sem ter intervenção direta nos negócios. __ Alfredo... __ Insistiu com uma expressão de esperança nos olhos tristes. __ Não podes calcular o desejo que tenho de voltar à América! Parece-me que lá reviveria... E, quem sabe?... talvez que a viagem e a mudança radical de clima me pusessem boa?

A voz morreu nessa última frase, como abafada por longo soluço, e os longos cílios dourados de Helena se abaixaram, velando o olhar, como se receassem que o marido lesse nele o desmentido da falsa esperança que haviam exprimido suas palavras.

O diretor parecia não ter ouvido; uma ruga de contrariedade lhe vincava a fronte autoritária e preocupadamente, sob o impulso das reflexões que o agitavam, pôs-se a passear pelo aposento, de um lado para o outro.

Depois de alguns instantes desse exercício, que era como um paliativo à surda irritação que o dominava, parou de repente e, tomando brusca decisão, encarou resolutamente a esposa que, meio erguida sobre as almofadas, fixava nele o olhar ansioso:

__ Helena! __ Disse com firmeza. __ É-me impossível fazer o que pedes. Além de ter grandes interesses nesta empresa, interesses de tal ordem que não posso entregá-los sem perigo às mãos mercenárias de um administrador qualquer, o circo faz parte da minha vida, tornou-se indispensável à minha atividade; o seu sucesso presente compensa para mim os dissabores do passado; o circo é meu trabalho, a minha razão de ser, a minha glória. Bem sabes que para mais nada sirvo, e que, se o abandonasse, recairia na inação, na inação que me aniquila as forças de corpo e espírito, na inação que gera a neurastenia, na inação que me mata. Isto, todavia, não seria empecilho se eu percebesse que na realidade uma mudança de clima te restituiria a saúde comprometida, mas o teu estado de fraqueza não te permite uma longa viagem, e, de mais a mais, tu nunca te lembraste de semelhante projeto, Helena. Tu nunca manifestaste o desejo de regressar à América se não agora

que, por um capricho pueril, pretendes subtrair Nora à minha influência. Eis o que de sobejo confirma a minha asserção: tu não pensaste nem em mim nem em ti, quando planejaste esta volta. Nora, só Nora te preocupa. É sincero o meu desejo de te satisfazer mas nisto não posso, Helena; asseguro-te que não. Tranquiliza-te, porém. __ Acrescentou vivamente, ao ver que o rosto já tão alterado da mulher se cobria de uma palidez mortal. __ Sacrifício por sacrifício. Deixa-me tu a minha profissão e eu dou-te em troca tua filha. É um sacrifício, podes crê-lo, viver de todo apartado dessa criança a quem, por pior que me julgues, consagro um verdadeiro, um entranhado afeto.

__ Prometo-te, pois, faço mais que prometer, dou-te a minha palavra de honra de não intervir em coisa alguma na educação de minha filha. Entrego-te Nora para sempre, faze dela o que quiseres. Triunfa, se puderes, desse caráter voluntarioso e independente, e, se te sentires com força, domina essa índole de fogo, amolda esse temperamento assomado, educa-a em suma como te educaram a ti; Não terei a mínima coparticipação no ensino que lhe deres. Não direi que aprovo essa educação para minha filha, mas também não me imiscuirei nela, prometo-te solenemente. Respeitarei em tudo a tua vontade. Aceitas este contrato? __ Concluiu, aproximando-se da doente que, exausta pelo esforço que fizera ao levantar-se, recaíra extenuada sobre as almofadas.

Helena não respondeu, cerrara as pálpebras, cujos cílios frisados projetavam uma sombra leve sobre as faces descoradas, enquanto os lábios e as mãos lhe tremiam convulsivamente.

__ Não estás contente? __ Perguntou Carsten, com um meio sorriso, inclinando-se sobre ela e tomando-lhe a mão. __ Realmente

estás muito exigente, amor! __ Continuou num tom de carinho, um pouco irônico. __ E é impossível ser-se mais condescendente do que fui. Vamos! Abre esses olhos de miosótis, onde quero ler o meu perdão, e lembra-te que, quando Nora for uma menina muito bem educada, seu pai - com a profissão “um tanto especial” que o singulariza entre os demais pais de educação - lhe terá ajuntado um dote soberbo que a colocará entre os partidos mais invejáveis da Europa. Então, não te seduz este futuro risonho? ... Lena, Lena, não sejas má, e deixa que eu mire, em recompensa, o cristal azul de teus olhos amados, que tantas coisas de mim têm conseguido.

Helena, pelo contrário, muito pouco parecia haver conseguido, pois esperava muito mais. Mas a voz de Alfredo, essa voz de tão cálidas e persuasivas entonações, que desde o primeiro dia em que a ouvira lhe dominara por completo a vontade e a alma, exerceu mais uma vez sobre ela o seu irresistível poder de sedução.

Um meigo sorriso lhe avivou as descoradas feições, e Carsten que sabia os tesouros de indulgência recebidos neste sorriso, beijou um após outro, aqueles famosos olhos, de onde as suas carícias não conseguiram, porém, banir a sombra de inquietude que lhes toldava a luminosa limpidez.

Então, como homem habituado a lidar com mulheres, o diretor segredou ao ouvido da enferma todas as razões que lhe pareciam mais próprias para a convencer, todas as ternuras que lhe suscitava, não somente a sua afeição por Helena, mas ainda mais talvez: a experiência que tinha daquele coração, cuja sensibilidade, quase mórbida, ele sabia tão habilmente manejar.

Helena ouvia-o sem responder; não estava de todo persuadida da eficácia daquelas promessas, mas não se achava com força de

resistir a esse hino de amor com que Alfredo lhe embalava a precária existência.

Cedia sempre, mesmo ao conhecer que errava cedendo, mas cedia pelo prazer de ter a seus pés, a falar-lhe desse afeto que para ela era a vida, aquele a quem dedicara toda sua alma casta e vibrante, num arroubo definitivo, com a paixão e impetuosidade características de sua raça impressionável.

__ Nora almoçará comigo. __ Tornou Carsten, tirando o relógio da algibeira e dirigindo-se para a porta. __ Não quer que ela te fatigue com sua tagarelice. As emoções de hoje abalaram-te muito; precisas dumas boas horas de repouso. A tarde te fará de novo companhia.

E como Helena não replicasse, o diretor saiu, não sem ter ido buscar Nora, recomendando a Ana o máximo cuidado com a doente que dormia.

Helena ficou só, de olhos fechados, estendida no canapé, onde passava a maior parte de seus dias, e agora, que ninguém a podia observar, uma expressão de fadiga imensa lhe endurecia o rosto franzino, cujas faces se manchavam de duas placas vermelhas, duas rosetas de um vermelho ardente, como afogueado, de um vermelho de febre.

Como de ordinário acontece aos organismos extraordinariamente depauperados, um esgotamento total sucedera à superexcitação de há pouco, mas, no grande torpor que lhe cerrara as pálpebras pesadas, tornando como de chumbo as mãos débeis, Helena não cessara de pensar.

Seu cérebro, exaltado pela cena que acabava de ter com o marido, lhe avivava as frases de Alfredo, e, longe da presença dele,

agora que o encanto de suas palavras cessara de operar sobre o seu espírito, sentia de novo renascer-lhe no coração a angústia intolerável que o seu amor materno doentiamente exagerava.

O que seria o futuro de Nora quando já não estivesse ali para protegê-la?

Duas lágrimas lentas, de intensa amargura, lhe rolaram pelas faces, e num ímpeto de revolta e de temor, a revolta de todo o seu ser, ávido de vida, o temor de sua mocidade em flor, que protestava ante a morte traiçoeira e inevitável, sacou do peito um crucifixo de ouro, que trazia pendente a uma correntinha do mesmo metal, e, apoiando nele fervorosamente os lábios secos, murmurou com voz entrecortada: "Minha mãe, tu me disseste que eu me arrependeria um dia, faze que não se realize essa funesta predição... Ah! Se eu pudesse viver, meu Deus, se eu pudesse viver..."

* * * * *

Helena Wild era filha de pais irlandeses os quais, sendo ela ainda muito criança, haviam emigrado para a América, onde com trabalho e economia conseguiram fazer fortuna.

Filha única, adorada dos pais e do irmão, vira sempre cumpridas à risca todas as suas vontades razoáveis, encontrando, na educação piedosa e rija que recebera desde o berço, um freio à índole exaltada e impressionável que herdara de seus antepassados irlandeses.

E foi talvez a longínqua influência desses avós, cujo sangue impetuoso lhe corria nas veias de irlandesa americanizada, que a levou, ela, fidalga de educação, de fortuna, a enamorar-se assim

loucamente por esse belo aventureiro inteligente, mas aventureiro, em suma, que era Alfredo Carsten.

À oposição formal dos pais em consentir nesse casamento disparatado, Helena, que contava apenas dezessete anos, recusou absolutamente submeter-se, iniciando uma luta respeitosa mas tenaz, que, não obstante a vitória final, lhe minou para sempre a saúde.

Os Wild, entretanto, exigiram do genro a promessa de que Helena nunca interviria nos negócios da companhia, fazendo vida à parte, não tendo contato algum com as pessoas e coisas do circo.

Realizado o casamento, Carsten cumpriu fielmente a palavra dada, rodeando a jovem esposa de todo o luxo que os lucros da companhia lhe permitiam. Jamais, porém, envolveu Helena nas intrigas do circo, nem sequer a entreteve com seus negócios particulares.

Durante alguns anos foi completa a felicidade do casal; representava Helena, para Carsten, o encanto, a graça, a sedução do seu viver.

Nela encontrava reunidas a fineza, a ternura, a sensibilidade femininas, aliadas a uma exaltação de sentimentos, uma impressionabilidade de alma, que muito bem condiziam com a fogosidade de seu próprio caráter. Além disto, a educação e a elevação moral dessa nobre filha da verde Brin eram-lhe como recordação constante, a continuação, por assim dizer, do mundo que outrora ele frequentara e cuja intimidade a sua profissão para sempre lhe vedava.

Helena, por seu lado, adorava o esposo; o nascimento de Nora veio estreitar ainda mais os laços que os uniam, e como os médicos

receitassem uma viagem à esposa, muito debilitada com a criação da menina, que ela própria amamentou, Alfredo Carsten resolveu partir para a Europa.

Servindo ao mesmo tempo os interesses de sua família e de seus negócios, percorreu várias capitais do velho mundo, dando em todas, representações que se transformavam em triunfos sucessivos.

Os lucros da companhia eram fabulosos, e Helena, cercada um luxo principesco, no movimento e variedade de sua existência errante, absorta no amor do marido e da filha, não sentia, não podia sentir a falta de vida da sociedade que fora outrora a sua.

Era plenamente feliz. As grandes felicidades, no entanto, não duram; dir-se-ia que um misterioso poder de maldade anda disperso pelo mundo, invejosamente à espreita dos nossos dias de alegria para fazer-nos pagar com lágrimas de sangue as poucas horas felizes que a sorte avara nos concede.

A primeira nuvem que obscureceu o céu daquela felicidade sem mancha foi a morte violenta de um filho recém-nascido, filho esse que Helena desejava com toda a paixão concentrada de seu temperamento nervoso.

A morte da criança aniquilou-a, e, depois de uma febre ardente, durante a qual Alfredo supôs que se lhe extinguisse para sempre a razão, contraiu essa moléstia lenta e exaustiva, contra a qual nenhum tratamento conseguiu ainda triunfar. Mais do que o corpo, porém, estava a alma doente. Uma incurável melancolia a prostrava sobre a "*chaise-longue*" horas a fio, num mutismo fatigado que secretamente exasperava o turbulento Alfredo.

Conquanto fosse irrepreensível de paciência e de carinho para com a enferma, ajudado nisso pelas exigências de sua movimentada profissão, Carsten foi desertando pouco a pouco o quarto triste, onde Helena arrastava os seus dias solitários, confinada na recordação do pequeno morto, inerte, chorosa, desprendida de tudo, num acabrunhamento que involuntariamente irritava a criatura brilhante e superficial que era seu marido.

Arrastado, pois, no turbilhão da vida mundana, o diretor não percebera os progressos que ultimamente fizera a moléstia da esposa. Não percebera, ou não quisera perceber talvez, iludindo-se com falsas esperanças, para manter a tranquilidade ridente em que se comprazia o seu egoísmo de favorito da fortuna.

Helena, esta sentia - e quão dolorosamente! - a vida esvair-se-lhe dia a dia, e a certeza de seu fim próximo contribuía para lhe aumentar os temores acerca do futuro de sua filha.

Da conversação que havia tido com o marido, ambos haviam saído descontentes. Ambos haviam feito um sacrifício forçado, incompleto, insuficiente, que a nenhum havia podido satisfazer.

* * * * *



Ai de mim, ai de mim,

enterraram minha mulher e toda a minha felicidade✎

DEIXANDO o quarto de Helena, Carsten, levando Nora pela mão, dirigiu-se à sala de jantar, onde a maior parte dos hóspedes se

achava já reunida para a refeição costumeira.

Todos os olhares se dirigiam, instintivamente, para o lado do diretor, que, com o desembaraço discreto de perfeito cavalheiro, tomava lugar na pequena mesa que lhe era reservada. Alguns amigos aí o esperavam e o acolheram com alacridade, cumulando Nora de galanteios e de carícias.

A criança a todos respondia sem acanhamento, com a indiferença soberana de uma princesa a quem todas as homenagens são devidas, pois desde o berço se acostumou a indistintamente recebê-las. Um sorriso gracioso lhe arqueava os lábios frescos, seus grandes olhos claros iam de um a outro francamente, com uma expressão de audácia ingênua que encantava e, no meio exclusivamente masculino que a cercava, sentia-se que nenhuma vergonha pueril tolhia a graça livre e altiva de seus movimentos, ou impedia a expansão de alegria exuberante que lhe irradiava a expressiva fisionomia.

Não era, no seu gênero, um verdadeiro tipo de beleza infantil. Alta, muito mais desenvolvida que o comum, herdara do pai a esbelteza aristocrática do porte, as feições de clássica regularidade, as sobrancelhas espessas e finas, a cabeleira ondeada e negra, as maneiras senhoris; mas Helena revivia toda na pureza incomparável da tez, na delicadeza extrema das mãos, na candura e vivacidade daqueles olhos de um azul irlandês, de um azul de abismo, entre a franja escura dos cílios crespos.

Trajava um simples vestido branco, à moda inglesa, que uma longa faixa cor de rosa apertava um pouco mais abaixo que a cintura, deixando nus o pescoço e os braços de uma rosada alvura. As meias curtas, de seda preta, e os sapatos de verniz também

pretos completavam a elegância sóbria dessa toilette; o que constituía, porém, a originalidade dessa criaturinha privilegiada era o contraste estranho e delicioso desses claros olhos do norte com negror daquela opulenta cabeleira de andaluza que lhe caía em cachos sobre os ombros, presa apenas na frente por um laço de fita cor de rosa.

Nora estava silenciosa; a atenção dos amigos de seu pai abandonara-a pouco a pouco, concentrando-se na conversa de Alfredo Carsten, que os entretinha com anedotas de Circo, ou episódios interessantes de viagem.

À medida que a refeição se adiantava, a conversa ia se tornando mais grave, resvalando depois para o terreno dos negócios, que a inteligência da menina já não podia de modo algum acompanhar.

A pobre Nora aplicava-se a bocejar de minuto em minuto, passeando pela animação rumorejante da sala uns olhos desconsolados e sonolentos, onde mui distantemente se refletia o grande aborrecimento que lhe paralisava o garfo à beira do prato cheio.

De súbito, porém, seus olhos se animaram e um sorriso resplandecente lhe iluminou o rosto móvel. Acabavam de entrar na sala novos hóspedes, dois dos quais eram pouco mais ou menos da idade de Nora.

Para o seu maior contentamento, sentaram-se os recém-chegados a uma mesa fronteira à dela, e, levada pela irresistível atração que as crianças exercem sobre as outras, a menina não tirou mais deles seus olhos brilhantes e observadores.

Compunha-se o grupo de uma senhora alta, de nobre aparência, já de meia idade, que dava a mão a uma menina loura e fraca, dois ou três anos mais nova que Nora, seguida de dois meninos, um de treze e outro de onze anos, trajando todos, rigoroso luto. Um homem ainda moço, evidentemente o preceptor, e cujas vestes escuras indicavam o seu caráter sacerdotal, acompanhava-os.

Como estivessem ocupadas todas as mesas, e a que restava fosse de tamanho insuficiente para os acomodar a todos, o preceptor e o menino mais velho tomaram lugar à mesa de Carsten, onde restavam duas cadeiras vagas.

Os olhos da criança resplandeceram de prazer; mas o menino, ocupado em estudar os segredos do "*menu*", não lhe deu atenção, continuando o silêncio aborrecido em que se desolava a língua tagarela de Nora.

Uma caretinha de desagrado crispou-lhe o lábio vermelho, e seus olhos cheios de expressão deram claramente a entender ao preceptor, que a contemplava cativo pelo encanto de sua linda figura, a vontade que a consumia de travar relações com o seu distraído discípulo.

Depois de alguns momentos de espera, Nora, não podendo conter a sua impaciência, decidiu esquecer as conveniências sociais, e com desafogada franqueza, própria das crianças, dirigiu-se ao menino, perguntando-lhe a sorrir como se chamava.

Espantado, o rapazinho respondeu com reserva a essa brusca interpelação, mas a afabilidade da formosa interlocutora, que tão deliberadamente se lhe impunha à atenção, venceu esta primeira

impressão, e em poucos instantes sustentavam ambos uma animada conversação.

O preceptor, divertido pela viveza das réplicas da menina, animava-a com um sorriso ou uma pergunta de quando em vez, e Nora, excitada pela necessidade de desforrar-se do silêncio forçado do princípio do almoço, falava como um papagaio, imitando a pronúncia francesa de um dos hóspedes do hotel, ou falando inglês, para mostrar como sua mãezinha ralhava quando fazia alguma travessura.

Carsten, distraído com os amigos, apenas havia reparado nos novos conhecimentos da filha, e quando Nora, mais entusiasmada do que nunca, descrevia com fogo um passeio a cavalo com o pequeno Wimbleton, o diretor ergueu-se, fazendo-lhe sinal para que lhe seguisse. Nora obedeceu a contragosto, e, fazendo as suas novas
relações uma gentil mesura de despedida, acompanhou o pai, que os hóspedes seguiram com um olhar de interessada curiosidade.

__ Quem é este cavalheiro e a encantadora criança que está com ele? __ Perguntou ao "*garçon*", que lhe apresentava um prato apetitoso, a senhora de luto, vendo a profunda inclinação que esse dirigira a Carsten.

__ É Alfredo Carsten, o célebre diretor do Carsten-Circo. __ Explicou este obsequiosamente com o tom de voz respeitoso, em geral reservado pelos subalternos aos personagens de alta categoria ou que lhes proporcionam boas gorjetas.

__ O diretor do Carsten-Circo?! ... __ Tornou a senhora admiradíssima.

__ Sim, senhora condessa; em pessoa! __ Respondeu o *garçon*. __ E a criança que o acompanha é sua filha. Há já alguns dias que estão aqui; a senhora do diretor esta adoentada, e creio que só partirão quando terminar a série de representações que projetam para breve.

__ Oh! mamã, representações a cavalo! __ Exclamaram ao mesmo tempo os dois meninos. __ Deixa-nos ir ao Carsten-Circo, mamã?!

A condessa fez-lhe com a cabeça um sinal de assentimento para acalmá-los, dando ao mesmo tempo a entender por um olhar ao *garçon* que estava suficientemente informada. Mas na expressão admirada de sua severa fisionomia perdurava ainda o espanto que a assaltara ao saber que esse elegante cavalheiro, de tão fidalga e sobranceira aparência, era apenas um simples diretor de circo.

__ Quem o diria? __ Pensava ela, seguindo com a vista o vulto de Carsten, que atravessava o vestíbulo, dirigindo-se ao andar superior. __ Quem o diria, com aquela suprema distinção de maneiras? ... E a filha, pobrezinha, pobrezinha... como é linda!

* * * * *

Durante esse tempo Carsten também interrogava à filha, que subia dois a dois, os degraus da escada:

__ Então, minha tagarela, como se chamam os teus novos amigos?

__ Ainda não lhes sei o nome, papa, mas o menino que falou comigo chama-se Curt, e o outro, o menor, Nickel. Curt,

Nickel... __ Repetiu pensativamente, sacudindo a cabecinha de azeviche. __ Que nomes curiosos! ... A menina é Lily que se chama, mas não é imã deles, é prima, creio, pois disse tia à senhora.

__ E como dizia o sacerdote à senhora.

__ Dizia-lhe senhora condessa. Curt contou-me que vieram da Áustria, onde moram num castelo muito grande e muito bonito. Lily não tem pai nem mãe, por isso vive com eles. Nickel e Curt também não têm pai.

__ Vejo que empregaste bem o teu tempo, meu diabrete! __ Disse o diretor sorrindo e parando no patamar da escada. __ Temos aí já uma série de informações. Agora vai ter com Ana e trata de não fazer barulho, pois creio que a mamã dorme. Se quiseres brincar no corredor, pode fazê-lo, contanto que não rias alto.

Assim falando, Alfredo Carsten abriu a porta do quarto de Ana, onde Nora entrou sem relutância; em seguida o diretor aproximou-se cautelosamente da porta do quarto da mulher, apoiando o ouvido ao batente de madeira.

Uma visível contrariedade lhe anuviava o semblante, habitualmente risonho, e o vinco de indecisão, que lhe crispava o canto dos lábios, bem claramente exprimia o pouco desejo que tinha de entrar. Na realidade a cena da manhã tinha-lhe sobremaneira desagradado, e a ideia de recomeçar a mesma discussão, de tornar a ouvir as mesmas queixas e as mesmas exigências, de rever aquela doentia fisionomia que um eterno descontentamento melancolizava, repugnava-lhe ao egoísmo.

Tinha compaixão de Helena, a quem muito queria, mas um invencível aborrecimento o acometia ao apenas avistar o rosto descorado e triste da enferma. Esteve, pois, alguns segundos a

escutar e, como o silêncio do quarto permanecesse completo, esquivou-se absolvendo-se interiormente com esta explicação: “Dorme com certeza!”, enquanto galgava os degraus da escada com o passo rápido e deliberado.

No quarto de Helena o sossego era com efeito absoluto, mas a doente não dormia. Na grande prostração de todo o seu ser, exausto de forças, a jovem continuava as suas angustiosas reflexões. Desde a manhã, recusara tomar qualquer alimento, e era tamanha a fraqueza que a acabrunhava, que até falar lhe custava imenso esforço. De quando em quando um acesso de tosse seca, logo abafada nas dobras espessas da mantilha, a arrancava a este mórbido torpor.

Ana chegava à porta de instante a instante, a ver se não era necessária a sua presença; a tranquilidade e o mutismo da doente enganavam-na e, julgando que Helena dormia, não consentiu que Nora penetrasse no quarto, mandando-a brincar no corredor.

A criança, cuja índole exuberante não tolerava por muito tempo o sossego, obedeceu sem replicar, mas o silêncio e a solidão do corredor arrefeceram-lhe o entusiasmo.

Encostou-se com ar aborrecido à grade da balaustrada que circundava o patamar da escada, entretendo-se durante algum tempo em observar as pessoas que atravessavam o vestíbulo.

Mas essa distração em breve a enfadou, e um bocejo irreprimível lhe entreabriu a boca rosada.

__ Talvez Curt e Nickel ainda não tenham subido. __

Pensou, depois de alguns segundos de
absoluto desânimo. __ Vou esperá-los e quando vierem brincarão comigo.

Animada por esta esperança, pôs-se de novo a observar o vestíbulo, dando um suspiro de alívio quando lobrigou o vulto do sacerdote e dos dois meninos subindo a escada.

__ O que faz aí tão quieta e tão sozinha, miss Nora? __ Perguntou afavelmente o preceptor, ao avistá-lo topo da escada.

__ Papá saiu, mamã dorme e Ana resmunga! __ Replicou laconicamente, resumindo nessa breve frase todo o tédio da situação.

__ Realmente está muito abandonada. __ Respondeu o sacerdote, sorrindo. __ ... e aborrecida com certeza, não?

__ Oh! Muito! __ Repetiu Nora com efusão, levantando para ele seus olhares brilhantes. __ Mas pensava que havíeis de subir com os meninos e tive paciência... __ Acrescentou com um sorriso franco. __ Já ouvi chorar a vossa pequena lá dentro. __ Continuou, apontando para uma das portas do corredor.

__ Sim, Lily está ali com mamã. __ Disse o menino mais velho. __Queres vir conosco?

Nora sacudiu negativamente a cabeça, repetindo num suspiro sentido:

__ Mamã proibiu-me de ir ao quarto das pessoas do hotel. Tenho de ficar aqui mesmo.

__ Então vou buscar Lily e brincaremos todos aqui... se Vossa Reverendíssima o permitir. __ Concluiu com deferência, voltando-se para o preceptor.

__ Permito, permito. __ Respondeu sorrindo o sacerdote, a quem divertiam os modos decididos de Nora.

O rosto da menina iluminou-se, enquanto Nickel batia palmas de satisfação.

__ Que devemos fazer? __ Perguntou Curt, que voltava trazendo pela mão a pequenina prima. __ Sabes saltar? __ Continuou, ao ver a corda que Nora atirara a um canto.

__ Se sei saltar! __ Replicou Nora numa gargalhada de mofa. __ Vais ver já!

E, entregando uma ponta da corda a Nickel e outra a Curt, fez-lhe sinal para que tocassem mais rapidamente possível.

Os meninos obedeceram, acelerando o movimento da corda, que apenas tocava o soalho encerado, ressoando sonoramente.

Nora, atirando para trás a cabeleira negra, pôs-se então a saltar ou antes a dançar a mais leve, a mais original das danças. Num arremesso gracioso de todo o seu corpinho ágil, a menina quase não parecia tocar no chão; os babados do vestido enfunavam-se formando-lhe como um empavesado saiote de dançarina; o manto ondeante dos cabelos esvoaçava-lhe em torno ao semblante rosado, onde os olhos fulgiam como safiras e, erguendo para o ar os braços alvos, Nora saltava, bailava, borboleteava, segundo os giros precipitados da corda, com a maestria de uma profissional e a inexcedível ligeireza que lhe era própria.

__ Bravo, bravo! __ Gritaram os meninos e Lily, entusiasmados, quando, ofegante, as faces em fogo, a testa úmida,

a criança parou, obrigada pela fadiga a interromper o gracioso, mas violento exercício.

__ Aprendi isto com Miss Emília. __ Disse com voz ainda entrecortada, passando pela fronte a mãozinha molhada de suor. __ Mas... não o deveria ter feito. __ Acrescentou, num tom entre envergonhada e arrependida. __ Pois mamã me recomendou que não o fizesse diante de estrangeiros.

__ E por que não quer sua mãe que o faça? __ Interrompeu o preceptor, a quem o tom destas palavras despertara a atenção.

__ Porque... porque diz que não é bonito para uma menina andar a mostrar-se a toda gente. mas vós não sois toda a gente. __ Concluiu, à guisa de desculpa.

__ E sabes fazer ainda outros exercícios? __ Indagou sofregamente o pequeno Nickel, a quem Nora parecia um ente extraordinário.

__ Sim, muitos, mas o que prefiro é montar a cavalo; mamã ralha sempre... mas é tão bom!

__ Tua mamã não monta contigo? __ Perguntou Curt com gravidade.

__ Oh! pobre mamã, montar... __ Exclamou a menina com uma inflexão de desdém na voz carinhosa. __ Papá é que monta como ninguém! __ Acrescentou, levantando com orgulho a cabecinha morena.

__ E tu montas como ele? __ Interrogaram os dois meninos ao mesmo tempo.

__Naturalmente! __ Declarou Nora com importância envaidecida pela admiração que sentia nos seus interlocutores. __ Tenho quatro *poneys* e um lindo carro, que me comprou o papai;

Se fordes ao circo, podereis entrar nele, pois dei licença ao pequeno Wimbleton de guiar os meus *poneys*, conquanto seja um grande poltrão e grite como possesso assim que os cavalos trotam.

Os meninos olhavam-na boquiabertos; nunca haviam imaginado que pudesse existir uma criatura semelhante! Nora revolucionava a ideia de recato e comedimento a que os tinham habituado até então não só a pequenita Lily, como todas as meninas que conheciam. Estavam fascinados de admiração.

__ Guias realmente quatro pôneis? __ Murmurou Lily, com uma suspeita de incredulidade, fitando quase com receio a filha do diretor.

__ Guio seis, às vezes! __ Replicou soberbamente Nora, que arrastava o desejo de maravilhar os companheiros. __ Quando estivemos essa primavera em São Petersburgo, guiei seis, perante o Czar. Mamã não queria consentir, mas o Czar duvidara, e papá comprometera-se; por isso, depois de muitas instâncias, ela cedeu e eu tomei parte na representação. Lembro-me ainda o que me disse o Czar. __ Continuou com hesitação, num visível desejo de que Ihe perguntassem o que.

__ Que te disse ele? __ Exclamaram os meninos, para quem a menina estava tomando proporção de uma heroína.

__ Mandou-me chamar a seu camarote e, beijando-me na testa, deu-me primeiro isto. __ Declarou, mostrando um coração de ouro cravejado de diamantes, que trazia ao pescoço, suspenso de um fio de pérolas. __ E, voltando-se para papá, disse-lhe... Mas por que te ris? __ Perguntou bruscamente a menina, vendo que uma leve e zombeteira contração encrispava os lábios finos de Curt.

__ Eu não rio. __ Repetiu o rapazinho. __ Desejo apenas saber o que de tão formoso disse o Czar.

__ Disse... disse... __ Balbuciou Nora, a quem desagradara o tom de motejo da frase, e não sabia como terminar a anedota. Afinal, tomando coragem e lançando a Curt um olhar de desafio, concluiu com decisão: __ Disse-lhe: “Meu caro Carsten, essa linda criança há de mais tarde eclipsá-lo; será uma das mais faladas artistas do futuro, verá!”

Foi tal a exagerada solenidade que Nora deu a essas palavras que um sorriso geral acolheu o final da história; Nora percebeu-o.

__ Por que rides? __ Interrogou com impaciência, fazendo-se vermelha como uma cereja.

__ Rimos de tua vaidade, Nora! __ Respondeu Curt com gravidade. __ Tua mãe tem bem razão em não te querer no circo. Uma menina de educação não se deve exibir a qualquer pessoa; isso é bom para as filhas de atrizes! Tu nunca hás de ser dançarina, se o fosses eu te retirava a minha amizade.

Curt, levado por íntimo ressentimento, pusera nessas palavras tanta aspereza e era tão severo o franzir de sobrancelhas, ao considerar a jovem, que Nora, inteiramente desabituada a ser tratada com tal dureza, abaixou a cabeça, envergonhada. Com a espontaneidade de seu gênio de bruscas mudanças, passou sem transição da alegria à tristeza; seu semblante expressivo cobriu-se como de um véu e lágrimas de sentimento lhe subiram aos olhos.

Curt sentiu imediatamente o remorso de sua reprimenda. Pôs um joelho em terra para se fazer da altura de Nora, e, respeitosamente, num gesto de proteção, que era um afago,

afastou-lhe da testa os pesados cachos do cabelo, implorando num sorriso:

__Não te zangues comigo, amiguinha; se fui brusco, desculpa-me, falava somente para o teu bem. E que sabes tu fazer mais? Diz! __ Acrescentou para distraí-la.

__ Sei muitas outras coisas. __ Respondeu Nora, já consolada, envolvendo-o na carícia de seus olhos Sorridentes. __ Mamã dá-me lições todos os dias; tenho também professores de línguas. Falo Alemão, Inglês e Francês e sei o catecismo! __ Disse, voltando-se para o preceptor, como se lhe quisesse angariar a simpatia com a enumeração desses graves estudos.

__ E quem lho ensinou?

__ Mamã, minha mamãezinha. Já fiz a minha primeira Comunhão, sei muito bem a doutrina. Quando ficamos um tempo numa cidade, mamã leva-me sempre a um sacerdote para que me examine. Oh! Mamã é muito piedosa! Antes de adoecer ia todos os dias a igreja.

__ Vejo que, na verdade, e impossível ter-se uma melhor mamã! __ Disse o sacerdote, admirando o cuidado daquela mãe que nas distrações de uma vida errante e movimentada, achava tempo para incutir na alma da filha os princípios salutares da religião. __ Estou vendo que vais também ficar muito piedosa! __ Prosseguiu passando a mão pela cabeça frisada da criança.

__ E tu, és também muito piedoso? __ Perguntou Nora, deitando a Curt um olhar de maliciosa dúvida.

__ Eis o que te valeu teu sermão, meu rapaz! __ Disse o sacerdote, sorrindo. __ Mas agora são horas de nos retirarmos: a Sra. condessa já deve estar impacientada.

__ Ir embora? __ Acudiu a menina com vivacidade, fazendo uma caretinha de desagrado, muito graciosa. __ Ainda é tão cedo! Nickel e Lily que partam, mas tu, Curt, fica comigo!

Nora disse estas palavras num tom entre peremptória e suplicante e, apoiando a mãozinha no ombro do camarada, como se tomasse posse dele, sorriu-lhe, um sorriso mais dos olhos do que dos lábios, um sorriso de ingênua meiguice, um sorriso, porém, que a tornava irresistível! Verdadeiro sorriso de batalha, um sorriso que valia mais que os melhores argumentos e que subjugou instantaneamente a vontade vacilante do rapazinho.

Curt ficou de joelhos, contemplando-a como a um raro e delicioso brinquedo, num embevecimento quase extático.

__ Como és singular! __ Murmurou, tomando-lhe a mão com infinita delicadeza. __ Não conheço ninguém que se te compare ou nem sequer se assemelhe a ti! Mas... eis mamã! __ Acrescentou, levantando-se com presteza, diante da condessa, que, saindo de um dos quartos do corredor, vivamente se adiantava para o grupo.

__ Que fazem aí? __ Indagou, lançando um severo olhar em redor.

O preceptor fez um gesto para responder, mas um grito lancinante, um verdadeiro brado de socorro, o interrompeu ao mesmo tempo que a porta do aposento de Helena Carsten se abria de chofre, dando passagem a uma mulher de estranho e alvoroçado aspecto, que se precipitou para eles, bradando desesperadamente:

__ Acudam, acudam, a senhora morre!

__ Ana, Ana! __ Exclamou Nora, atirando-se aos braços abertos da velha criada. __ O que sucedeu? Quem é que morre...

__Oh! minha pobre pequena... __ Soluçou Ana, abraçando-a com violência. __Sua mamã está muito mal e o papá saiu.

__ Mamã, mamã! __ Gritou a criança, arrancando-se assomadamente dos braços da velha empregada e correndo para o quarto como uma louca.

Ana, desnorteada, e Curt, assustado pelo desespero quase selvagem que vira brilhar no semblante subitamente decomposto da criança, seguiram-na sem refletir. A condessa, perplexa, voltou-se para o sacerdote:

__ Sr. Preceptor... __ Disse-lhe com precipitação. __ Tenha a bondade de entregar Nickel e Lily à criada de quarto e de ir informar-se lá embaixo, sobre quem é o marido dessa pobre senhora. Eu vou ver o que há e dar as primeiras providências, pois a criada parece ter perdido completamente a cabeça.

Assim falando, a condessa fez um gesto de despedida, penetrando por sua vez no quarto da doente, onde se ouviam os soluços convulsivos de Nora.

Um triste espetáculo se lhe deparou aos olhos: estirada sobre o canapé, com a cabeça atirada para trás sobre as almofadas ensanguentadas, Helena jazia desfalecida. Seu meigo e delicado semblante, desfigurado pelas convulsões que haviam precedido a hemoptise, repousava inerte; um filete de sangue se escapava ainda dos lábios entrefechados, ensopando o roupão de flanela branca e gotejando sobre as mãos descarnadas, que se crispavam num gesto de agonia.

Nora, ajoelhada - ou antes abraçada às pernas da mãe - chamava-a entre soluços pelos mais ternos nomes, beijando-lhe doidamente as mãos e o vestido, como se pensasse que o calor

dessas carícias e a ternura desses abraços reanimariam a enferma, que lhe não podia responder ao desesperado apelo.

Ana chorava a um canto, sem saber o que fazer, e Curt, que esta cena de morte havia tornado lívido, tentava reanimar a doente, levantando-lhe a custo a cabeça inanimada.

A Condessa compreendeu logo a gravidade da situação.

__ Curt! __ Ordenou imperiosamente. __ Leve para fora esta criança, a quem este espetáculo só pode ser nocivo. E você... __ Continuou, voltando-se para Ana. __ Vá mandar um portador ao seu patrão, prevenindo-o do ocorrido e outro ao primeiro médico da vizinhança. É preciso agir com rapidez. __ Acrescentou, atalhando com um gesto as oposições da criada. __ Se não quer que esta desgraçada senhora nos expire entre as mãos.

Ana obedeceu, e Curt, tomando nos braços Nora, que se debatia numa crise de pranto assustadora, arrastou-a para fora do aposento, não obstante a sua resistência e os seus protestos veementes.

A condessa aproximou-se então de Helena, e, tomando sobre um aparador, um frasco de água de Colônia - aí desordenadamente esquecido por Ana - despejou o conteúdo num lenço, com o qual umedeceu as fontes e a testa da enferma. Um suspiro quase imperceptível sublevou o peito magro de Helena; a condessa, curvou-se sobre ela, passou-lhe o braço sob a cabeça, molhando-lhe os lábios secos e ardentes com a água açucarada do copo.

__ Alfredo! __ Ciciou a doente, num sopro, abrindo desmedidamente os grandes olhos nublados e inexpressivos.

A condessa enxugou-lhe cuidadosamente a boca sangrenta levantando-lhe a cabeça pesada.

__ Alfredo! __ Repetiu Helena, com esforço, fitando com o olhar ainda vago, o rosto bondoso de sua improvisada enfermeira.

A consciência voltava-lhe pouco a pouco, seus olhos, mais vivos, não deixavam o semblante daquela que supunha ser o marido; de súbito, porém, a visão tornou-se nítida e, deparando-se-lhe uma desconhecida fisionomia, uma expressão de surpresa lhe contraiu as decompostas feições. Tentou fazer um gesto, mas um borbulho de sangue de novo lhe subiu aos lábios; teve um gemido doloroso.

__ Não se mova. __ Disse-lhe carinhosamente a condessa, tomando-lhe a mão fria. __ Já mandei chamar o seu marido por Ana; apenas a casualidade me trouxe a sua cabeceira; permita, entretanto, que lhe dispense os primeiros cuidados, enquanto não volta a sua criada.

Helena lançou-lhe um olhar de profundo reconhecimento e, cerrando os olhos, abandonou-se sem reservas aos cuidados dessa que tão providencialmente lhe aparecia. A condessa tomou-lhe o pulso, considerando com piedade o pobre rosto sem cor, onde os sinais da morte se iam rapidamente inscrevendo.

A boca da doente torcia-se num espasmo brusco, a palidez aumentava, a respiração tornara-se opressa e silvante, um círculo violáceo ia-se alargando em torno dos olhos cavos, e a mão, que a condessa tinha entre as suas, esfriava assustadoramente.

A condessa relanceou pelo quarto em desordem um olhar assustado. Que fazer? Que poderia dizer ao marido se essa desgraçada expirasse sem a consolação de um rosto amigo para lhe suavizar os últimos transes?

Seus olhos caíram de repente sobre o terço que as mãos trêmulas da doente haviam deixado cair no momento da crise; apanhou-o respeitosamente, e, reconhecendo por ele a religião da jovem, pensou que talvez lhe fosse consolador ver um padre naquele doloroso instante. Helena justamente abria os olhos; seu rosto, mais
pálido ainda, parecia definhar, diminuir de segundo a segundo; um suor frio e abundante lhe molhava a testa, o peito arquejava dificilmente como sob a pressão de intolerável peso.

__ Sente-se pior? __ Perguntou compassivamente a condessa, curvando-se sobre ela.

Helena entreabriu os olhos para responder, mas não teve forças para articular as palavras, nenhum som lhe saiu da garganta; uma expressão de angústia quase desvairada lhe passou no olhar, fez um esforço supremo e penosamente traçou sobre a testa e sobre o peito um vago sinal da cruz.

A condessa estremeceu. Era impossível enganar-se sobre a significação desses gestos! Fez também idêntico sinal, perguntando a Helena, que a fitava com suplicante insistência.

__ Tenho um padre como preceptor de meus filhos, quer que o chame, enquanto se vai em busca do vigário da próxima freguesia?

__ Sim... depressa... __ Balbuciou a doente, num sussurro, tornando a fechar os grandes olhos amortecidos.

A condessa saiu apressadamente para contentar o desejo daquela que ia morrer. No quarto próximo, Nora, com os braços passados em redor do pescoço de Curt, ouvia entre soluços as consolações com que o rapazinho procurava abrandar a violência dessa tão justa e inevitável dor; Ana chorava a um canto,

perfeitamente idiotizada pelo inesperado daquele brusco e trágico desfecho.

__ Já mandou prevenir seu patrão? __ Perguntou a Ana com vivacidade. A velha criada fez com a cabeça um sinal que sim, o preceptor entrava nesse instante no aposento.

Era jovem ainda; apenas ordenado, entrara em casa da condessa, como encarregado da educação dos dois meninos, e soube, pela pureza, pela elevação de seu caráter, captar-lhe não só a confiança, mas também a admiração e a amizade.

Quando penetrou, pois, no quarto de Helena, era a primeira vez em que ia exercer junto a uma moribunda os seus sagrados misteres. A doente fixou nele um olhar profundo, ávido, agudo, um desses olhares da alma, que penetram consciências e desvendam corações, e, diante da serenidade austera e afável daquele semblante como que impregnado agora da mais sincera, da mais indulgente compaixão, a angústia mortal que lhe desvairava o olhar aplacou-se de súbito, seus traços crispados tomaram novas feições, sentiu que ia ser compreendida e, unindo as mãos num gesto de submissão, começou a falar.

Baixinho, numa voz que era um cicio entrecortado, confiou-lhe não só as poucas faltas de sua vida pura, mas, ainda, os seus últimos desejos acerca de Nora. O sacerdote, que pelas tagarelices da criança suspeitara do drama secreto daquela alma de mãe, veio-lhe em auxílio, adivinhando, por assim dizer, as palavras que a custo pronunciava.

A confissão de Helena não foi longa; sua vida recolhida e casta, tão profusa em ternura e dedicação, nada tinha de culpada aos olhos de Deus; amara muito, com todas as forças de seu terno

coração, e era talvez esse exagero de ternura, esse desperdício insensato de sentimento, que a levava, tão jovem ainda, à sepultura.

As palavras de absolvição do sacerdote acalmaram-na; a inquietude do olhar desapareceu. Uma grande serenidade, feita de desprendimento e resignação, baixou sobre ela e quando a condessa - que discretamente se retirara, entrou no quarto acompanhada de Ana – notou que esta Helena já não era a criatura fremente, cuja a ideia da morte fazia palpitar de revolta, a qual encontrou. Era uma cristã, que a proximidade do último sono deixava tranquila e confiante na infinita misericórdia da Providência.

Auxiliada por Ana, a condessa mudou-lhe a roupa manchada de sangue; Helena deixou-as fazê-lo com docilidade, tendo para suas enfermeiras um sorriso de mudo reconhecimento.

Poucos minutos depois, chegava Carsten. Prevenido por um criado do hotel, no circo, em pleno ensaio, a notícia fatal caíra sobre ele como um raio que o fulminasse. E foi num ímpeto furioso, num verdadeiro turbilhão de dor, em que soçobrava não só a sua vontade forte, mas também a linha de impecável elegância sob a qual costumava ocultar suas emoções, que se abateu aos pés de Helena e, cingindo-lhe com os braços rijos à cintura, desatou a chorar loucamente como uma criança.

Uma contração de angústia passou pelo rosto pálido da doente, amortecendo por um instante a rigidez mortal em que pouco a pouco se imobilizava. Um raio mais vivo fez brilhar o azul de seus olhos já nublados, o peito arfou-lhe numa emoção intensa, e, sob a pressão carinhosa desses braços súplices, no calor daquele amplexo que parecia querer prendê-la desesperadamente, diante da

explosão desvairada dessa dor de homem que ela não podia mais consolar, duas lentas, dolorosas lágrimas lhe rolaram pelas faces.

Alfredo apertava-a nos braços, nesses braços másculos e sãos para os quais nunca houvera obstáculo insuperável, e que, no entanto, agora eram fracos para retê-la; apertava-a freneticamente, soluçando coisas sem nexo, numa súplica informulada e inconsciente, com toda a força impotente de seu amor e de seu remorso.

Abismado na sua dor, com toda a impetuosidade de seu caráter, Alfredo esquecera por completo o mundo exterior e até as pessoas presentes. Não via, não sentia mais nada, nada mais sabia senão que esse débil corpo de mulher, dessa mulher que fora o sonho de sua mocidade e a consolação de sua vida, breve lhe fugiria dos braços; que esses olhos azuis, tão devotamente amados, se fechariam, daqui a pouco para sempre. Para sempre, meu Deus...!

Nada mais podia reter Helena; a obscura força implacável que a arrastava, que a arrastava irresistivelmente para o mistério e para o silêncio, parecia isolá-la de todos e o olhar de infinita piedade com que fitava o marido, a carícia leve de seus dedos a afagar-lhe os cabelos, tudo isto estava distante... Oh! Tão inexprimivelmente distante!

Helena ia-se, apagava-se de mansinho, num desprendimento de tudo, numa resignada desolação que pungia mais que um brado violento de revolta, e o coração de Alfredo partia-se de remorso ao pensar que talvez a cena da manhã tivesse apressado essa crise fatal. A doente, porém, parecia querer alguma coisa mais; Seus

lábios agitaram-se e, fitando a condessa, cuja emoção era visível, pediu mais com os olhos do que com a voz:

__Nora!

A condessa era mãe; compreendeu imediatamente o desejo da moribunda, e, abrindo a porta do quarto de Ana, chamou o filho.

O rapazinho entrou, trazendo Nora pela mão; a menina adiantou-se lívida, trêmula, desgrenhada, contendo, num esforco heroico, o pranto, pois Curt lhe dissera que a vista de suas lágrimas muito afligiria a sua mamã, e como não pudesse atingir com os seus lábios a testa da doente, Curt, num movimento impulsivo, ergueu-a nos braços, aproximando-a da doente para um derradeiro beijo.

Fosse repugnância de receber nesse instante supremo sua filha dos braços de um estranho, fosse apenas um movimento nervoso, a verdade é que Helena, afastando o filho da condessa, tomou a mão de Alfredo, pondo-a sobre a cabecinha inclinada da criança, cujas lágrimas corriam silenciosamente.

Qualquer coisa de brusco no gesto da doente feriu vivamente a alma delicada de Curt, que recuou um passo, fazendo-se vermelho, como se o dominasse repentino acanhamento.

Helena, com a penetração própria dos agonizantes, percebeu o que se passava nele, e, retendo-o com a mão, puxou-o brandamente para junto do marido e da filha. Olhou-o então de frente, com uma atenção profunda, e diante daquele belo semblante franco, onde os olhos negros brilhavam de incontida emoção, uma fugitiva impressão de contentamento lhe animou o semblante desfigurado; com grande esforço tomou a mão de Curt e, colocando-a também sobre a cabeça de Nora, como numa presciência do que seria talvez o futuro, contemplou-nos

longamente, sentidamente, avidamente, como para levar nas retinas, prestes a encherem-se de sombra, a visão luminosa dos entes que mais profundamente amara na terra...

Abriu os lábios como para uma derradeira recomendação, mas uma comoção violentíssima a sentou de chofre no sofá; levou as mãos ao peito como a pedir ar, a boca contraiu-se-lhe num ríctus de agonia, e o sangue jorrou numa golfada, inundando-lhe as vestes e salpicando de manchas rubras o vestido branco de Nora e a jaqueta escura de Curt.

Chegava nesse instante o médico; seus cuidados, porém, nada puderam contra o irremediável; com um gemido rouco, Helena recaiu hirta sobre o canapé.

Veio depois a noite de vigília em torno do leito onde a morte dormia, imaterialmente bela; junto a Alfredo, que parecia embrutecido de dor, acharam-se até ao amanhecer, além da fiel Ana e do preceptor, que prodigalizara a Helena Carsten os últimos e infalíveis consolos da religião, Curt, o pequeno Curt, tendo nos braços a pequena Nora adormecida, e a condessa, que rezava junto dessa desconhecida, junto da mulher desse diretor de circo, cuja profissão havia arrancado na véspera, a seu orgulho de aristocrata, um gesto de compassivo desdém.

* * * * *

Havia quinze dias que o corpo de Helena descansava no cemitério. A vida retomara seu curso habitual.

A impressão produzida no hotel pela morte dessa pálida doente, que poucos hóspedes tinham podido conhecer apagara-se

aos poucos, e a dor mesmo de Alfredo, essa dor cuja violência inspirara cuidados pela sua razão, já perdera muito de sua desesperada intensidade. A vida, fazendo sentir as suas imperiosas e inadiáveis
exigências, empolgara-o na onda absorvente dos pequenos acontecimentos diários, e, sentindo sempre, mas calmo já e senhor de si, Carsten preparava-se para deixar a cidade onde perdera aquela que tão desvairadamente o amara.

Durante esses dias de luto e de lágrimas a condessa foi infatigável de atenções e delicadezas. Esquecendo por um tempo o seu orgulho de nobreza, prodigalizou à filha dessa desconhecida, que a casualidade lhe fizera morrer nos braços, todos os cuidados que uma inteligente compaixão lhe podia inspirar. Adotou temporariamente a pequena Nora, fazendo-a companheira inseparável de seus filhos e de Lily. A menina, no convívio dessas crianças de sua idade, sentia menos a perda irreparável que experimentara e o grande vazio em que a deixara o desaparecimento da pobre Helena.

Nos íntimos infortúnios como nas públicas calamidades há um poder providencial e nivelador que, derrubando por momentos as barreiras sociais, a todos aproxima e reúne num mesmo apiedado sentimento.

Assim acontecera à condessa; forçada pelo acaso a ocupar-se destes estrangeiros, a quem tão inopinadamente ferira a desgraça, deixara-se impulsionar pela natural bondade e, olvidando a insuperável distância que a separava, a ela, aristocrata descendente de uma casa de alta linhagem, daquela família yankee e aventureira, vivera com eles em um relativo pé de igualdade. Agora,

porém, que as circunstâncias já não a obrigavam a uma caritativa intervenção, o seu orgulho começava a sofrer da intimidade cada vez mais crescente de seus filhos com a filha desse boêmio diretor de circo, cujas relações, por mais cerimoniosas que fossem, não eram admissíveis para uma condessa, que não só pelo seu consórcio, como também pelo nascimento, pertencia à mais alta nobreza, essa nobreza exclusivista por excelência, a que todo contato com a plebe se afigura uma decadência.

Muitos são os que reprovam esse espírito de exclusivismo, que isola uma classe dentro de um círculo ciumentamente fechado a outras classes sociais, conservando-a afastada dos interesses gerais, como imobilizada nas mesmas aspirações e nos mesmos ideais. O que, porém, produz esse isolamento é a identidade de educação e tradições, o culto excessivo do passado, o mesmo modo de viver e de compreender a vida.

As barreiras criadas por preconceitos, que anos e anos de existência fortificaram, são próprias da natureza humana; não há filosofia que consiga jamais fazê-las desaparecer. A igualdade de condições é uma utopia. Só pode haver igualdade nos países que compreendem e que põem em prática as doutrinas igualitárias do cristianismo.

A suave lei da caridade a todos irmana e, diante d'Aquele que deverá um dia julgar a todos, não há pobres nem ricos, fidalgos nem plebeus; as divisões de casta desaparecem; são todos verdadeiramente iguais e com iguais direitos.

A condessa, conquanto religiosa, não podia furtar-se a esses preconceitos de classe; desagradavam-lhe por isso as relações demasiado íntimas com os Carsten; era, porém, muito “*grande*

dame” para o deixar claramente entender; uma quase imperceptível frieza no modo de tratá-los era a única demonstração que dava
desse desagrado, desculpável em suma.

Alfredo Carsten, que, pelo nascimento e educação, pertencera outrora à mesma esfera que essa aristocrata, e cujo orgulho era talvez ainda mais apurado e mais fino, percebera a mudança e foi com perfeito tato, com a suprema correção de maneiras que lhe dera uma longa prática da sociedade, que se apresentou a mãe de Curt para levar não só os seus mais reconhecidos agradecimentos, como também as suas despedidas.

O acolhimento da condessa foi frio a princípio, mas o desembaraço, a singeleza, a despretensiosa dignidade da atitude do diretor do circo, a distinção de “*gentleman*” de sua bela figura, a que a dor havia emprestado um cunho de nobre gravidade e principalmente a irresistível sedução que dele inegavelmente emanava, tudo isso abrandou a severidade da fidalga, e, em poucos instantes, a conversação tomou um caráter quase confidencial. Nora estava com Curt, que a deixava o menos possível, fazendo-se o servidor atento de todos os seus caprichos.

__ E a menina, leva-a consigo? __ Perguntou a condessa, depois das frases preliminares de estilo em tais circunstâncias, quando Carsten lhe anunciou a sua próxima partida. O semblante de Alfredo anuviou-se, passou a mão pelos olhos, como se quisesse reter uma lágrima, respondendo com voz surda:

__ Não, sra. condessa, não a levarei comigo. Perco de um só golpe, mulher e filha. Os desejos de Helena são formais, e o preceptor, a quem, ao morrer, os transmitiu, acha, como eu aliás,

que a vontade de uma morta é sagrada. Helena julgava, com razão por certo, que a instabilidade de minha vida não era um meio próprio para a educação de uma menina, e sobretudo de uma menina com a índole independente de Nora. Os seus derradeiros pedidos serão cumpridos à risca: Nora irá para um convento. Minha primeira viagem tem justamente por fim interná-la numa dessas casas de educação, para a qual o preceptor de vossos filhos teve a bondade de me fornecer cartas de recomendação.

__ Um convento? __ Repetiu a condessa, surpreendida.

__ Parece-lhe estranho o contraste! __ Repetiu ele com delicada ironia. __ Mas o que quer? Obedeço às ordens de minha pobre Helena. Se tivesse de escolher espontaneamente o modo de educar minha filha, confesso-lhe que não escolheria um convento de onde ela sairá com ideias inteiramente contrárias ao modo de viver que a espera em minha companhia. Se tivesse que escolher optaria por uma educação mais livre, mais americana, mais conforme a sua índole e ao seu temperamento; porém não me é lícito consultar as minhas preferências; o que a minha Helena ordenou é para mim sagrado. Nora será educada num convento, como aliás o foi também Helena, com quem, segundo o meu íntimo, se deve parecer. __ Acrescentou com súbita emoção, desviando da condessa os olhos, que se haviam arrasado d'água.

__ Compreendo o seu desgosto ao separar-se desta criança, que representa agora a razão de ser de sua vida. __ Respondeu a titular com fria cortesia. __ Resta-lhe, todavia, o consolo de sabê-la em boas mãos.

__ E de ter cumprido, embora com sacrifício, a vontade de minha saudosa morta. __ Concluiu Carsten, inclinando-se com

sorriso triste.

Entrava nesse momento o preceptor, trazendo as cartas de recomendação pedidas por Alfredo; cumprimentou respeitosamente a condessa, e, apertando em silêncio as mãos do diretor, entregou-lhas.

__ É tempo de avisar Nora! __ Disse Carsten; levantando-se e voltando-se para um canto do salão, onde a criança se isolara em companhia de Curt, fez-lhe um breve sinal para que se aproximasse.

A menina, entretanto, não se apressou, respondendo com um significativo levantar de ombros ao gesto imperioso do pai. Curt nesse momento entregava-lhe um livrinho, onde escrevera uma frase de despedida.

__ Guarda-o em recordação dos dias que passaste em nossa companhia. __Disse o menino, procurando em vão disfarçar a emoção profunda que lhe fazia tremer a voz.

Nora tomou o livro, sorrindo:

__ O que escreveste? __ Indagou, folheando-o rapidamente.

__ Não sabes ler? Lê então, e o saberás.

__ “Os homens quando se separam dizem: __ Até à vista!; é a esperança de se reverem que lhes põe nos lábios essas palavras de consolo!” __ Leu Nora com severidade. __ Que belo, Curt!.. Como soubeste dizer tão bem o que sentimos?!... Como te hei de agradecer, meu bom, meu querido Curt?

E, num ímpeto de sua natureza impulsiva, Nora atirou-se ao pescoço do menino, beijando-o efusivamente.

__ Não o mostres a ninguém! __ Recomendou Curt, que se fizera corado como um morango. __ É uma recordação que guardei

só para ti. E a mim, o que me darás como lembrança? __ Continuou, desprendendo-se meigamente dos bracinhos de Nora e olhando-a com um sorriso iluminado.

A menina fez-se grave, uma expressão de perplexidade lhe passou pela móvel fisionomia; que teria ela de bastante precioso para oferecer a esse querido Curt?

__ O que te hei de dar? __ Murmurou pensativamente. __ Queres isto? __ Perguntou, desenrolando no dedo um dos anéis de seu cabelo e mostrando-o ao rapazito com ingênua meiguice. __ Foi a lembrança que mamã deu também ao papá. __ Explicou com candura, levantando para ele o inocente olhar.

Curt sorriu para disfarçar o vexame que de novo lhe cobria as faces de rubor.

__ Seria pena cortar um tão lindo cacho! __ Respondeu, acariciando comovidamente a cabecinha morena da pequenina.

__ Então, toma isto! __ Concluiu Nora sem hesitação, tirando do pescoço o fio de pérolas, onde se balançava o coração de ouro, dádiva do Czar, e antes que o rapazinho, colhido de surpresa, fizesse a mínima objeção, desprendeu a joia, pondo-lha vivamente no bolso.

__ Oh! Nora. __ Exclamou ele, fazendo um gesto de recusa. __ Não posso, não devo aceitar uma lembrança que nem tu mesma tens, talvez, o direito de me dar!

__ Tenho o direito de dispor do que é meu! __ Replicou peremptoriamente a despotazinha, segurando-lhe a mão. __ E tu não só podes como deves aceitá-la, porque... __ Acrescentou com estranha meiguice, prendendo-lhe novamente a cabeça entre os

braços graciosos. __ Depois de mamã e de papá, não há ninguém a quem eu neste mundo queira como a ti, meu Curt!

Os olhos do menino encheram-se de lágrimas; estreitou com força de encontro ao peito a singular e deliciosa amiguinha que o acaso lhe deparara, e, roçando-lhe a fronte pura num beijo de irmão, balbuciou com ansiosa precipitação:

__ Nora, Nora, prometes-me que tu nunca serás uma artista de circo?!

__ Nora! __ Chamou pela segunda vez o diretor, voltando-se impacientemente para a filha. E Nora, então, obedecendo à voz do pai, desprendeu-se dos braços afetuosos que a retinham. Durante um minuto seus olhos brilhantes de lágrimas encontraram os súplices olhos leais de seu amigo, e, adivinhando talvez que fosse o único meio de consolar a grande mágoa que ia ser para ele a sua partida, estendeu-lhe silenciosamente a mão com a solenidade de uma promessa.

A condessa aproximava-se nesse instante; seu grave e altaneiro aspecto sempre fora pouco simpático à expansiva criatura que era a filha de Helena Carsten. Foi, pois, sem pronunciar palavra que deixou cair a mãozinha fria na mão estendida da titular.

__ Não tens nada a dizer, Nora? __ Perguntou Carsten admirado.

__ Até à vista! __ Disse a criança com respeito, estendendo à mãe de Curt a fronte inocente.

__ Até à vista! __ Respondeu a condessa, a quem essas palavras causaram singular impressão. __ Praza a Deus que quando te revir te encontre ajuizada e feliz.

__ E eu a ti! __ Replicou resolutamente a menina, envolvendo-a num límpido olhar.

A Condessa encarou-a, um pouco espantada da expressão decidida destas singelas palavras. Hesitou um instante em retribuir a carícia que o gesto meigo da criança implorava. Como Nora, porém, continuasse a fitá-la com a graça infantil de seu sorriso, inclinou-se sobre ela, depondo-lhe na testa um beijo frio.

Carsten, neste instante curvado diante da condessa, bejiou-lhe respeitosamente a mão, murmurando confusos agradecimentos e despedidas. Voltou-se, em seguida, para Curt, que a custo retinha o pranto, e apertou-lhe a mão como um amigo. O menino corou de íntima satisfação; aquele aperto de mão, tão eloquente na sua mudez, era para ele mais expressivo que todas as possíveis efusões. Quis dizer alguma coisa, fazer a Nora uma última recomendação, mas a voz faltou-lhe, e o diretor, levando a filha pela mão, abriu nesse momento a porta.

Uma saudade intensa invadiu o coração alvoroçado de Curt: sentia que a vida os separava talvez irremediavelmente.

__ Nora! __ Exclamou num soluço que queria ser um adeus.

A menina ouviu-o e, voltando para ele o lindo rosto orvalhado de lágrimas, atirou-lhe na ponta dos dedos apinhados um derradeiro beijo.

__ Que homem original! __ Disse a condessa, apenas se fechou a porta. __ E que singulares caprichos tem às vezes o acaso! É evidente que, pelas suas maneiras e distinção absoluta de seu todo, pertenceu a um meio elevado e recebeu educação superior. Que acontecimentos o terão impelido a esse boêmio

gênero de vida que, entretanto, parece adorar? E para onde levará ele a filha? __ Continuou, diretamente ao preceptor.

O sacerdote nomeou um dos mais afamados conventos da Bélgica.

__ Como pôde ocorrer a vossa Reverendíssima o nome desse estabelecimento onde se educam as filhas das mais importantes famílias belgas? Carsten há de forçosamente escolhê-lo, e nada poderá ser mais prejudicial à menina.

__ Carsten escolheu-o justamente por ser uma das melhores casas nesse gênero. __ Replicou tranquilamente o preceptor.__ Deseja dar a filha uma educação completa, não faz questão de pouco. Deve ser, na verdade, muito rico.

__ Não é de fortuna que se trata! __ Repetiu a condessa, com impaciência. __ Isso é de o menos. O que julgo nocivo a menina é o ambiente em que vai viver nesse convento, são as companheiras que vai ter; são os princípios de que se vai imbuir e que estarão mais tarde, em contraste flagrante com os princípios, com os companheiros e ambiente de seu pai. Educada como uma aristocrata, Nora terá ideias, aspirações, desejos de aristocrata, e o gênero de vida que lhe prepara o pai, não é tudo quanto há de mais aristocrático. Vossa Reverendíssima mesmo convirá nisto. Assim bruscamente transplantada da atmosfera sã do convento para a esfera inferior e duvidosa em que se deverá decidir o seu futuro. Nora há de forçosamente sofrer. Era preferível que o pai nunca se apartasse dela.

__ Talvez tenha razão, sra. Condessa. __ Repetiu delicadamente o preceptor. __ Porém as vontades da mãe foram estas. Receava muito para a saúde moral de sua filha a insalubre

influência dessa livre existência de circo. Temia não só as facilidades do pai como também a exuberância do caráter apaixonado da criança e achou que, educada num meio totalmente diverso do seu, fortificada por uma piedade sabiamente esclarecida, tendo por freio a religião e por exemplo a virtude das companheiras, Nora com mais confiança e valor poderia melhor conhecer e cumprir o seu dever.

__ Ilusões, sr. preceptor, ilusões!. . . Não há freios para certas naturezas e, educando-a desse modo, só conseguirão fazer dela uma infeliz, deslocada do seu meio natural e mais deslocada ainda dum meio cujo acesso, o seu nascimento e a profissão do pai inexoravelmente lhe vedam!

__ Ninguém sabe os desígnios da Providência. __ Resumiu docemente o sacerdote. __ O desejo da mãe era preservar a alma da filha do contágio pernicioso do circo. Deus inspirou-lhe a ideia do convento. Deus sabe o que faz e "a virtude é flor de todos os climas e de todos os meios".

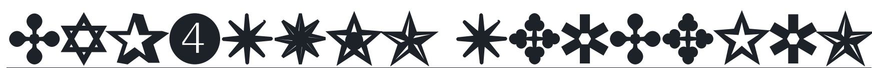
__ A virtude é flor de todos os meios! __ Repetia interiormente Curt, que a conversação da mãe com o preceptor tornara pensativo, e sem saber por que essa frase lhe ecoava consoladoramente no coração.

A partida da pequena amiga, que um tão grande lugar soubera em pouco tempo conquistar nas suas afeições, deixara nele um vazio que nem a amizade de Nickel, nem os carinhos infantis de Lily, ele o sentia angustiadamente, poderiam jamais fazer desaparecer. O que havia naquela estrangeirazinha para assim o prender à graça fugitiva do seu riso sonoro e de seus olhos claros? O espírito reflexivo do rapazinho perdia-se em considerações, e a imagem

travessa de Nora, que a separação idealizava, enchia-lhe a mente duma obsessão quase dolorosa. Desde a tarde fatal em que, levando nos braços a menina em prantos, ajoelhara com ela junto ao leito da moribunda, e esta os unira na mesma bênção suprema, julgava-se com responsabilidade pela sorte da menina. O gesto agonizante de Helena impressionara-o profundamente, compreendia pouco mais ou menos os perigos que a criança corria, no meio sem escrúpulos que lhe criara a profissão errante do pai, e uma imensa enternecida compaixão por essa linda criança desprotegida, tão cedo órfã dos cuidados maternos, lhe subia ao coração. Se pudesse salvá-la, protegê-la, ampará-la... Diversos planos lhe acudiam entre eles avultava o de pedir à mãe que recolhesse Nora e a adotasse como fizera com Lily, mas era detido pelo receio de ser ridicularizado, e pelo pudor desse sentimento que não podia claramente definir.

"A virtude é flor de todos os meios!", repetiu em resposta às implacáveis teorias da mãe, e Nora era para ele a flor de raro e desconhecido aroma cuja suave recordação lhe embalsamaria saudosamente a estudiosa adolescência.

*   *   *   *   *



Miro a minh´alma e miro o mundo
E lágrimas brotam, sentidas, de meus olhos.
São tão estreitos os limites e o mundo é tão vasto!
Interroga os teus desejos, linda donzela,
Interroga a tua mocidade, interroga o teu sangue juvenil,
E vê se podes suportar o hábito austero da freira.

DEZ anos haviam passado. No pátio interior de um dos mais afamados conventos da Bélgica, em torno de uma vetusta fonte, onde, no recreio da manhã, as pensionistas iam beber água fresca, achava-se reunido um grupo de meninas, dessas adolescentes que, na linguagem dos colégios, se chamam “as grandes”.

O ruído sonoro das risadas casava-se ao murmúrio gotejante da água, e no velho pátio sombrio era tudo um reboliço movimentado de brincadeiras, um vaivém irrequieto de cabecinhas estouvadas que expandiam nessa escassa hora de liberdade a alegria que as severidades do regulamento inexoravelmente reprimiam.

As línguas, durante as aulas tão dificilmente contidas, irrompiam então numa crescente maré de palavras e gargalhadas; dir-se-ia que todas as frases, acumuladas durante o longo dia fastidioso, se precipitavam numa exuberância de torrente, e a mocidade retomava então fartamente os seus direitos.

A fonte e o tanque de cimento que a circundavam eram o centro, o ponto favorito desse bando barulhento, que não só lhe apreciava a frescura excepcional da situação, à sombra de dois velhos carvalhos frondosos, mas também - e ainda mais talvez! - a límpida transparência da água que se espraiava como um espelho sobre o fundo limoso do tanque, refletindo assim fielmente as nuvens fugitivas do céu alto, uma réstea de sol entre as folhas e, mais frequentes vezes ainda, o rostinho risonho de quem nela por acaso se fosse mirar.

A algazarra era nesse dia maior, e as risadas eram mais expansivas no grupo folgazão, onde uma nova brincadeira evidentemente se improvisara.

__ Não há nenhuma que faça o que eu faço! __ Exclamou, de chofre, uma voz vibrante, dominando o tumulto. __ Aposto o que quiserem, prometo o que pedirem! Mas duvido! Vejam se são capazes!

Assim falando a jovem destacou-se afoitamente do grupo e tomando um dos jarros em que se costumava apanhar água, subiu de um salto os três degraus que levavam a fonte.

Aí chegada, parou, e circundando, com um olhar brilhante, o pátio, de onde as companheiras a contemplavam a rir, uma ideia singular lhe atravessou a mente.

Num gesto rápido, arrancou a rede de filó que, por sábia medida do regulamento, aprisionava todas as cabeleiras, e sacudindo a cabeça fez cair sobre os ombros, duas pesadas tranças que os grampos mal retinham: depois, com mais rapidez ainda, tirou do bolso um lenço branco e, dobrando-o vivamente, colocou-o sobre a cabeça, à guisa de turbante.

Os risos redobraram, mas a travessa não se perturbava por tão pouco, e antes que ninguém pudesse adivinhar a intenção, arregaçando sobre os braços torneados as mangas do uniforme escuro, mergulhou no tanque o jarro vazio, e ligeira, num gracioso movimento que lhe alongou airosamente a silhueta esbelta, pô-lo sobre a cabeça, cheio a transbordar.

__ Rebeca na fonte! Rebeca na fonte! __ Gritaram de todos os lados.

__ Nora, pareces tirada de uma página da Bíblia ilustrada!

A comparação era efetivamente muita justa. Assim de pé, à beira da água cantante, numa atitude de desafio que desenhava sobre o fundo movediço das árvores, a esbelteza de junco de suas

formas adolescentes, com o jarro sobre a cabeça altiva, as negras tranças pendentes sob o toucado alvo do lenço, os braços finos e o sorriso triunfante de seus lábios vermelhos, a menina evocava, de uma pitoresca maneira, a figura virginal da escolhida do patriarca.

Tinha da heroína bíblica a rara harmonia do talhe, o modelo incomparável dos traços, a graça ao mesmo tempo singela e majestosa do andar, e foi para tornar mais sensível talvez essa fugitiva parecença que, baixando pudicamente os longos cílios pretos desceu, em passo lento e cadenciado, os degraus da fonte, indo depositar o jarro cheio no meio das companheiras, que a aplaudiram com entusiasmo.

__ Nem uma gota entornada! __ Disse com tom soberano. __ Agora quero ver quem faz o mesmo!

Como era de supor, quiseram todas experimentar, contudo, sem o aparato desenvolvido por Nora; poucas foram felizes na tentativa, tomando várias um banho imprevisto, que levantava entre as espectadoras verdadeiras tempestades de riso.

A um canto a Irmã Bárbara, astuciosamente distraída por algumas mais comportadas, não lhes percebia a imprudente brincadeira, e, diante dessa abençoada distração, resolveram as mais audazes renovar a engraçada experiência.

Depois de um animado conciliábulo em voz baixa, e de uma troca expressiva de sorrisos e olhares maliciosos, acercaram-se todas de uma adolescente que, pela timidez com que levava o seu jarro, bem demonstrava pertencer ainda à classe dessas infelizes que são, no colégio, as “novas”.

__ Lily! __ Declarou peremptoriamente uma lourita de quatorze anos, pousando sobre o ombro da interpelada uma autoritária mão.

__ Hás de levar hoje o jarro à cabeça! Tens de aprender a equilibrá-lo, quer queiras, quer não; é uma vergonha não o fazeres ainda...

__ Eu... eu não sei... não posso! __ Balbuciou a pobre novata, levantando para o grupo galhofeiro que a cercava um olhar suplicante.

__ Qual... “não posso”... hás de experimentar, como todas nós!

E assim falando, empurravam para a beira do tanque a desnorteada Lily, cuja acanhada resistência ainda mais as excitava à caçoada.

Em menos de um minuto foi enchido o jarro e colocado à pressa sobre a cabeça da vítima, que, aturdida pela bulha que ao redor dela faziam, puxada por umas, empurrada por outras, deu a esmo uns passos, tentando, num esforço supremo, manter em equilíbrio o jarro escorregadio.

Mas, fosse a perturbação violenta que a fazia tremer de pés à cabeça, fosse o safanão de alguma colega mais maliciosa, a verdade é que o jarro vacilou de súbito, indo fazer-se em estilhaços nos degraus de pedra da fonte.

A água jorrou por todos os lados, debandando como uma revoada de pardais o grupo álacre, inundando o vestido e o avental da desgraçada Lily, que, imobilizada de susto, contemplava, com ar atônito, os destroços do jarro no chão alagado.

O alarido recrudesceu.

__ Agora, que já está molhada, completemos a ducha! Vamos batizá-la. __ Sugeriram várias vozes, no meio de um delírio de gargalhadas.

A ideia teve um acolhimento entusiasta e, antes que Lily pudesse sequer esboçar um gesto de defesa, o grupo envolveu-a

num turbilhão, a água pôs-se a chover sobre ela com a violência e abundância de um verdadeiro dilúvio.

Tonta, aturdida, sufocada, a criança procurava escapar à sanha de suas perseguidoras; mas as travessas cercaram-na num círculo compacto, era impossível a evasão.

Gritou por socorro, mas a sua voz aflita, embargada pelos soluços perdeu-se no tumulto geral. Lily debateu-se em vão, quando repentinamente dois braços robustos romperam a roda e Nora, parecida com Rebeca, postando-se resolutamente em frente à pobre menina meio asfixiada, bradou às companheiras:

__ Covardes! Não têm vergonha de agredir assim a quem é menor e mais fraca do que vocês? ... Quem atirar mais uma gota sobre essa pequena terá de se haver comigo...

__ Olhem Rebeca a tomar atitudes de Judite! __ Replicou zombeteiramente a lourita, que fora a instigadora do cruel brinquedo. __ A pequena já está como um pinto, que lhe podem fazer mais algumas gotas? Deixe-se de ares atrevidos, senhora Nora, e avante, camaradas!

Arrastado por esse apelo veemente, o grupo de novo arremeteu, porém, mais rápida que o pensamento, Nora, arrancando das mãos da que vinha na frente, um jarro cheio, atirou vivamente sobre elas o conteúdo dele.

Foi um banho em regra, sob a violência do qual o grupo retrocedeu, intimidado.

__ Avante, avante! __Gritou desesperadamente a loura, que respondera à insolente intimação de Nora. Esta, de olhos chispantes, narinas frementes, cabeça erguida, tendo atrás de si Lily

em prantos, afrontava-as destemidamente, pronta para a luta, resolvida a ir até aos extremos em defesa da sua protegida.

__ Muito bem! __ Disse de chofre uma voz severa, a da Irmã Bárbara, a quem a demasiada algazarra despertara, afinal, a atenção. __ São brincadeiras estas dignas de meninas de educação, na verdade! Meus parabéns a quem teve a ideia de semelhante grosseria!...

O silêncio fez-se como que por magia, e as que dirigiam o movimento desapareceram, confundindo-se na aglomeração geral; Nora ficou só, isolada, em frente à Irmã, cuja fisionomia nada tinha de indulgente.

__ Quem principiou o brinquedo? __ Tornou com impaciência a religiosa, correndo um olhar investigador pelo pátio, sossegado agora como se não estivessem ali mais de cinquenta criaturinhas a palpitar de susto e de ansiedade.

Ninguém respondeu e, no silêncio cada vez mais profundo, os soluços abafados de Lily foram a única réplica à autoritária interpelação de Irmã Bárbara.

__ Quem principiou o brinquedo, que pôs neste belo estado aquela pequena tola? __ Repetiu ela ameaçadoramente, designando Lily, que parecia querer transformar-se em fonte.

O silêncio continuou, e foi debalde que os olhos penetrantes da velha Irmã perscrutaram, fila por fila, esses rostinhos inocentes, de uma admirável inocência, como se as donas deles jamais tivessem tomado parte em brincadeira alguma.

Nora era a única, cuja atitude, por demais expressiva, podia justificar suspeitas.

__ Ah! Foi a senhora, Nora Carsten? __ Prosseguiu lentamente, depois de uma pequena pausa solene, fitando a menina, que permanecia imóvel, erguendo para ela desassombradamente seus grandes olhos límpidos.

__ Só podia ser a senhora, na verdade, que é sempre a cabeça de tudo quanto há de mau e chefe de toda a revolta. Não era de se esperar outra coisa; Os trajes indecorosos com que a vejo, com esses cabelos desgrenhados e mangas arregaçadas, essa atitude de batalha, e o atrevimento com que me encara, bem indicam a pouca influência que, sobre sua índole rebelde, tiveram os anos de permanência nesta casa. Não há regulamento que vença uma tara de origem, e as demasiadas indulgências de nossa boa Irmã Superiora ainda mais têm fomentado o espírito de indisciplina que inspira, a cada instante, teimosias e - direi mesmo brutalidades! - como a de que acaba de ser vítima a sua pequena companheira.

Os soluços de Lily redobraram, as outras meninas entreolharam-se assustadas, e a Irmã Bárbara, excitada pela fleuma imperturbável de Nora, prosseguiu com veemência, lançando em torno olhares fulminantes.

__ Não creia, porém, que o que acaba de se passar há de ficar impune! A Irmã Superiora será informada conscienciosamente do ocorrido e, enquanto não recebe dela própria o castigo que merece, retire-se para seu quarto, onde o esperará, refletindo sobre os inconvenientes da ação que praticou. Ficará privada de todos os recreios até à noite. Quanto a senhora... __ Continuou com mais brandura dirigindo-se à encharcada Lily. __ Vá mudar de vestido à rouparia e dê-se por muito feliz se nada disser à Superiora do tristíssimo papel a que se prestou nesta ocorrência. As lágrimas são

inúteis; não precisa voltar ao recreio, trate de consolar-se com uma meditação salutar, sozinha na classe, e sirva este castigo de lição às demais para que jamais se repita semelhante cena de selvageria.

A Irmã Bárbara falara com impressionante severidade, descarregando sobre Nora todo o peso de sua indignação. Obedecia ela não somente à cólera que em sua alma, amiga da compostura, despertara aquela inconcebível falta de educação, porém, mais ainda, talvez, à secreta antipatia que nutria pelas maneiras independentes e o modo desabusado da menina Carsten, a quem a Superiora votava uma inexplicável predileção.

A impassibilidade, um "nada zombeteira", com que a criança recebia as suas enfáticas reprimendas, essa exuberância de gesto, essa vivacidade de réplica e intransigência de opiniões que a faziam um ente de uma tão intensa vibratilidade, chocavam as ideias de etiqueta e correção com as quais a Irmã Bárbara fora educada e estava habituada a ver por todos reverentemente acatadas.

Nora recebeu com indiferente tranquilidade o "pito". Não se dignou dar explicações nem desculpar-se, contentou-se em lançar ao grupo silencioso das colegas um olhar de soberano desprezo; depois, caladamente, tanto sem arrogância como sem humilhação, desceu as mangas do uniforme, envolveu e acomodou dentro da rede de filó as tranças secas do cabelo, sentiu o avental úmido e, erguendo a cabeça, num desafio mudo à Irmã Barbara, tornou a encher o jarro e, atravessando o pátio, dirigiu-se para o interior da casa.

Lily seguiu-a, chorando sempre, e deixando após si, no chão arenoso, um longo rasto de água.

Houve um momento de silêncio no recreio depois da saída das duas; Os grupos dividiram-se.

Um, o mais receoso e o menos culpado, cercou a Irmã que continuava a protestar, a meia voz, contra a admissão em colégios aristocratas de criaturas cuja educação e nascimento não estavam à altura do meio e da distinção dessas casas de ensino, o outro conservou-se afastado, comentando em voz baixa a culpabilidade de Nora.

__ Fomos muito poltronas! __ Disse, de súbito, uma das mais conscienciosas. __ Não devíamos ter deixado castigar só Nora, desde que também havíamos tomado parte na brincadeira. Era de nosso dever acusarmo-nos.

__ Na verdade, não foi Nora quem teve a ideia do batismo de Lily. __ Interpôs uma segunda.

__ Se ela se meteu, foi em defesa da amiga! __ Tornou uma terceira.

__ Ela é sempre em prol dos mais fracos, Justiça lhe seja feita! __ Acrescentou uma quarta.

__ Mas por que não falou Lily?

__ Lily falar! __ Replicou com desdém uma moreninha espevitada. __ Era mais fácil a fonte desculpar Nora! Aquilo é incapaz de um movimento mais corajoso!

__ Ora, que importa! __ Opinou a lourita que tomara a iniciativa do batismo e cuja consciência começava a doer de se não ter se apresentado como verdadeira culpada. __ Nora é a preferida da Irmã Superiora; não lhe acontecerá nada! Depois, Nora já está tão acostumada com repreensões que uma de mais, ou uma de

menos, não a perturbam. Não viram com que sossego ela olhava a Irma Bárbara?

__ É verdade! __ Suspirou com inveja uma tímida. __ Nora tem um sangue frio!

__ Sangue frio ou insolência? __ Repetiu a lourita, que o sorriso desdenhoso de Nora magoara mais que toda e qualquer recriminação de sua consciência. __ Nora está tão certa de indulgência da Superiora que pode tomar os ares que quiser. Creio que é devido à sua misteriosa origem essa inexplicável predileção da Superiora, porque, em suma, ninguém sabe de onde veio e quem é Nora Carsten.

__ Realmente, tens razão, Magda! __ Concordou uma gorda e vulgar criatura, cujos modos displicentes e emproados, Nora muita vez ridicularizava. __ E eu acho pouco decente, para uma casa de educação como esta, receber pessoas cujos pais e origens se ignoram.

__ É melhor às vezes ignorá-las. __ Respondeu com uma suspeita de ironia uma esbelta adolescente de olhos pardos, que estivera a ouvir as outras, sem tomar até então parte na conversa.

Essa frase provocou um riso geral, pois todas sabiam do péssimo nome que trazia a que tão orgulhosamente exigia um berço nobre e uma família sem mácula.

__ Por minha parte... __ Prosseguiu Isabel, a que por último falara. __ Pouco se me dá conhecer a origem de Nora Carsten. Basta-me saber que ela é uma das mais inteligentes alunas do colégio e, sem contradição possível, a primeira da classe. Sou amiga dela, gosto do seu modo franco, de suas ideias originais, e não posso deixar de admirar a maneira com que agora se portou.

Sofrendo um castigo sozinha, quando lhe teria sido tão fácil acusar a verdadeira iniciadora do batismo de Lily. Que me importa a mim a maior ou menor fidalguia do seu nascimento, se a nobreza do seu caráter a torna tão fidalga como qualquer uma de nós?

As meninas emudeceram diante do argumento de Isabel, cuja situação como filha de um príncipe alemão a tornava insuspeita de ideias “revolucionárias”, como dizia a Irmã Bárbara.

Algumas concordaram, outras, senão concordaram, calaram-se, e, em breve, a discussão esmoreceu nas palpitantes peripécias de uma partida de jogo de barras.

O objeto desta discussão, porém, Nora Carsten, obedecendo às ordens formais da religiosa, subia a seu quarto, para aí aguardar, no silêncio e na meditação, a inevitável repreensão da Superiora.

Encostada ao peitoril da janela, Nora refletia, deixando vagar os olhos pela paisagem circunvizinha. Uma expressão de gravidade quase triste lhe empanava o brilho habitual do lindo semblante malicioso, e entre os cílios escuros e frisados, o olhar tinha uma inquietude quase dolorosa.

A tristeza, porém, que imobilizava naquele pensativo abandono, a criatura de movimento e animação, que era Nora Carsten, não provinha da reprimenda e do castigo infligidos por Irmã Bárbara; Nora estava tão habituada a esses “pitos”, que já não a impressionavam; chegava mesmo a achar-lhes graça; seu orgulho desprezava as escusas como indignas de uma consciência reta, e a certeza de que a Superiora lhe atenderia às explicações fazia-lhe considerar o incidente do recreio como perfeitamente insignificante.

Não era tampouco a solidão do seu quarto branco e simples, duma nítida simplicidade de convento, que lhe punha nos olhos esta

sombra de melancolia, enquanto contemplava, à janela, o perfil distante das montanhas que ciumentamente fechavam o horizonte.

Não, Nora amava, pelo contrário, esta solidão tão rara, que lhe permitia dar asas à sua imaginação e fartar-se livremente de fantasia; o que a entristecia, nem ela mesma o poderia explicar.

Era o cansaço mal definido daquele horizonte imutável, um desejo confuso de liberdade, uma ânsia de novidade, de imprevisto, uma ardente curiosidade por esse mundo de que tão veladamente lhe falavam as professoras e cuja desconhecida formosura aquelas implacáveis montanhas lhe vedavam há tanto tempo.

Era a seiva de suas dezessete exuberantes primaveras que lhe fazia girar tão quente o sangue nas veias e lhe enchia a alma vivaz de um fremente desejo de partir, prisioneira entre as paredes demasiado estreitas desse colégio hospitaleiro, mas que já não lhe podia bastar à grande sede de desconhecido e de vida.

Nora absorvia-se em sonhos; A hora fugia, e do pátio ao longe, subia até ela o rumor confuso do recreio. O inesperado contato de uma mãozinha tímida, fê-la estremecer dos pés à cabeça, arrancando-a de súbito a seu devaneio.

__ Estás triste, Nora? __ Murmurou a seu lado uma voz chorosa, enquanto uma cabeça loura se encostava familiarmente ao seu ombro. __ Perdoa-me, não tive coragem de falar, e deixei-te castigar, quando, tão generosamente me havias defendido!

__ Ah! És tu, Lily? __ Respondeu Nora, Sorrindo. __ Não te esperava; na verdade, chegaste a assustar-me. Tranquiliza-te, porém; não é o castigo que me entristece, os castigos de Irmã Bárbara não me produzem efeito. Mas por que não falaste, coraçãozinho de lebre?

__ Eu nunca me atrevo! __ Respondeu a criança, cujos olhos azuis se encheram de lágrimas. __ Tenho medo de tudo! Se soubesses como me arrependi de não ter falado à Irmã Bárbara, como senti por tua causa, Nora, tu, que és tão boa para mim!

E, num ímpeto de sua natureza sensível, Lily atirou os braços ao pescoço da amiga.

__ Hás de criar coragem para outra vez. __ Repetiu Nora, em tom de consolação, beijando-a afetuosamente. __ Nem todos são obrigados a ter valentias de soldado. Mas tu vives chorando, Lily... __ Acrescentou com uma impaciência amigável, vendo que as lágrimas corriam de novo pelo rostinho desfeito da criança. __ Pareces ter o oceano dentro de ti! Não posso compreender como ainda não te habituaste ao colégio depois de três meses de estadia aqui!

__ Não posso! ... Não posso... __ Chorou Lily, aconchegando-se mais ao colo da amiga. __ Tenho tantas saudades de casa! Acho aqui tudo tão indiferente... mesmo tão hostil, às vezes! ... Mas tu também não vives satisfeita, Nora! __ Acrescentou, enxugando os olhos e fitando na companheira um olhar já meio sorridente. __ Vejo-te muitas vezes suspirar como se escondesses algum pesar secreto. Tens saudades também, aposto, somente não queres confessá-lo.

__ Saudades? __ Repetiu Nora, como interrogando a si mesma. __ Sim... talvez... em todo caso, muito diversas das tuas. Tu choras pelo regresso a um lar, onde queres a todos e todos te querem, tu suspiras pela tua casa; eu suspiro pela liberdade, pelo espaço, pelo mundo! É porque não tenho casa, provavelmente, nunca niguém desejou mais impacientemente a minha presença. __

Prosseguiu, com um meio sorriso triste. __ E, por melhor que me sinta neste querido convento, não posso impedir de desejar mais algumas coisas que os "pitos" cotidianos de Irmã Bárbara e os sermões imutáveis de padre Leonel. Como a gente muda! .... Houve um tempo em que limitava todos os meus desejos a uma palavra mais afetuosa de Madre Sibila ou a um primeiro lugar no quadro de honra do parlatório! ... Hoje este solo parece queimar-me os pés, tenho ímpetos de empurrar aquelas insuportáveis montanhas, que tão implacavelmente nos velam o horizonte; meu desejo seria ver um cavalo, um belo cavalo fogoso, e, numa carreira louca, partir... voar pelo mundo afora... sem limites!

Arrastada pela veemência dos sentimentos que exprimia, Nora animara-se insensivelmente e, num impulso de sua natureza apaixonada, estendeu para fora os braços, num largo gesto de impaciência, como se quisesse abraçar o universo na cadeia desses braços ávidos de sensações e frementes de juvenil curiosidade.

__ Por que não voltas, então, para tua casa? Parece-me teres idade já bastante para isso. __ Arriscou timidamente Lily, olhando a amiga com todo o respeito que a seus quinze anos inspiravam as dezessete primaveras de Nora.

Esta corou ligeiramente.

__ Não tenho casa! __ Respondeu depois de alguma hesitação. __ Minha mãe morreu e meu pai anda sempre em viagem.

__ E quem é teu pai? __ Indagou curiosamente Lily, que a disposição para confidências em que via a amiga encorajava.

Nora corou ainda mais.

Era a primeira vez, em dez anos, que nessa casa achava quem lhe dirigisse, assim à queima-roupa, esta pergunta.

Sentira-a palpitar, muitas vezes, nos lábios de suas companheiras, mas, diante do seu altivo silêncio sobre a sua família e o seu passado, nenhuma se atrevera a pedir-lhe maiores detalhes. A Nora mesmo repugnava expandir-se sobre este assunto, e, sem poder explicar a razão do secreto retraimento que a impedia de evocar, como as outras, cenas de sua infância ou figuras de entes queridos, jamais a ninguém falara de seus pais ou de sua terra.

As reservas que sobre isto guardavam as professoras, ainda mais arraigavam esse estranho pudor; foi, pois, com verdadeiro alívio que viu entrar no quarto Isabel, a camarada que no recreio tomara, sem que ela o soubesse, a sua defesa.

__ Chegas a boa hora, Isabel! __ Exclamou alegremente, abençoando no íntimo, essa providencial interrupção que a dispensava de responder a Lily. __ Estávamos ambas muito melancólicas. Imagina que esta alma de sensitiva está a consumir-se de saudades e acaba de confessar-me que morre por voltar para casa.

__ E Nora de desejo de voar pelo mundo! __ Completou Lily, voltando-se a sorrir para a recém-chegada.

__ Voar pelo mundo... Como isto é bem desta irrequieta Nora! __ Disse Isabel, sorrindo também. __ Pois os meus desejos são mais modestos. Amo tanto este nosso tranquilo convento que, por meu gosto, não o deixaria... viveria eternamente aqui, numa paz de corpo e alma!

__ Sim, compreendo o que queres dizer. __ Atalhou Nora com vivacidade, fitando atenciosamente o puro e grave semblante de

Isabel. Mas que queres? Nem todas têm a tua alma. Contemplativa. E tu, no fundo, és talvez mais ambiciosa do que eu. Enquanto o meu pensamento vaga pelo mundo, que é vasto, sim mas tem limites, o teu Isabel vai mais longe, sobe mais alto, procura de um ideal, de bem mais difícil conquista.

E assim falando, Nora apontava o céu, que se azulava ao longe.

__ Muito bem dito, como tudo o que dizes. __ Concordou Isabel, em tom de gracejo, mas corando um pouco. __ Mas o que podem fazer ao destino as nossas aspirações e os nossos desejos? Quem sabe o que nos reserva a vida?

__ Oh! Como eu quisera sabê-lo! __ Exclamou Nora com fogo. __ O que não daria eu para desvendar o mistério desse porvir que se me apresenta tão obscuro e tristonho. O que não daria eu para saber?!

__ Pois eu já sei! __ Interrompeu Lily com ar de quem conhece a fundo a situação.

__ Tu, pequena! __ Exclamaram rindo as duas mais velhas.

__ Eu sim! __ Replicou Lily com inocente segurança. __ Minha tia já tudo dispôs para meu bem. Ficarei aqui mais um ano para completar os meus estudos, voltando em seguida para a casa dela, onde me casarei com meu primo.

__ E como se chama esse ditoso primo? __ Perguntou Isabel, que não podia conter o riso diante da certeza com que a menina anunciava esses vindouros fatos.

Nora ria também com uma vaga incredulidade; Lily tornou-se vermelha.

__ Não sei por que riem! __ Respondeu um pouco mortificada. __ O que digo é a simples verdade. Meu pai, ao morrer, mostrou desejo de que assim fosse. Minha tia também o acha bom e toda gente sabe que assim há de ser.

Nora ia replicar que aquilo era um abuso de autoridade. Dispor assim da pessoa de Lily sem nem mesmo consultar-lhe as preferências, mas o tanger sonoro de um sino veio interromper a conversação.

__ É o sino da classe! __Disse Isabel. __ Terminou o recreio. E este som mais claro de campainha é a Irmã Superiora a chamar alguém. Nora, isto é contigo; Irmã Bárbara foi inflexível, não perdeu tempo, prepara-te para um bom sermão.

__ Queres que te acompanhe, para dar testemunho de que não foste só a culpada? __ Ofereceu a tímida Lily.

__ Muito obrigada, minha querida, não te quero impor tamanho sacrifício. Defender-me-ei sozinha, sinto-me com força para isso, acredita? __ Respondeu Nora, rindo e levantando-se para sair. __ Gosto da luta, pareço ter sido criada para ela, prefiro a tempestade à calma inalterável e, pelo que vejo, Irmã Bárbara desencadeou contra mim uma pequena tempestade.

__ Nora, Nora! __ Advertiu gravemente Isabel. __ Toma sentido no que vais fazer; olha que a Irmã Bárbara não morre de amores por ti e...

__ Madre Sibila tem um fraco por mim, vocês todas o afirmam; vou explorá-lo! __ Acudiu Nora a rir, e saiu precipitadamente, sem dar tempo a Isabel de concluir a frase.

Embora não ligasse àquela cena, insignificante no fundo, a importância que as amigas, verdadeiras colegiais, lhe davam, Nora

não deixava de estar um pouco inquieta. Não que temesse o relatório forçosamente exagerado da Irmã Bárbara; tinha a consciência tranquila, saberia defender-se; mas a ideia de ter incorrido no desagrado de Madre Sibila, a quem dedicava um reconhecido afeto, incomodava-a.

Por isso, atravessando, com passo rápido, o longo corredor, em cujo início estava situado o quarto da superiora, ia pensando nos argumentos que empregaria para convencer Madre Sibila e, ao chegar junto à porta do dito quarto, esperou um instante antes de bater, lançando o olhar de inspeção de um soldado que se vai apresentar ao general em chefe.

Não, não havia nada a arranjar, o avental caía sem pregas sobre a saia escura do uniforme, o cinto roxo, distintivo da última classe, não saía da linha, o filó aprisionava severamente a massa compacta da cabeleira, a cruz pendia no lugar certo da fita, também roxa, que a sustinha sobre o peito; as mãos estavam tratadas, a fisionomia contrita. Nora podia apresentar-se; Madre Sibila nada teria a repreender no seu vestuário.

Deliberadamente, depois das três pancadas de estilo, a menina entrou no pequeno salão que servia à Superiora ao mesmo tempo de escritório e de sala de audiência, e, após a reverência regulamentar, esperou de pé que esta lhe expusesse os motivos de seu chamado.

Madre Sibila, entretanto, não parecia achar-se em disposições repreensivas; sentada ante a escrivaninha - onde se espalhava a esmo a sua volumosa correspondência - tinha na mão uma carta aberta, que preocupadamente considerava.

Nora não tinha que temer o interrogatório inevitável em casos tais e quase sempre desfavorável à ré; Madre Sibila estava evidentemente absorta em mais graves reflexões, e, ao sentir entrar a menina, levantou do papel os olhos pensativos, envolvendo-a num longo e compassivo olhar.

Madre Sibila já não era criança; de estatura mediana, cheia de corpo, tinha na fisionomia bondosa uma irresistível simpatia; seus modos eram brandos, seus gestos, conciliadores, seu sorriso, um tesouro de indulgências, e só no brilho penetrante de seus olhos castanhos é que revelava a inquebrantável energia, a segura perspicácia que dela haviam feito a Superiora de uma das mais frequentadas e afamadas casas de ensino da Europa.

__ Aproxime-se, minha filha. __ Disse à menina, com essa voz doce e repousada que era ainda um de seus encantos. __ Preciso falar-lhe.

Nora, que esse imprevisto acolhimento deixava completamente desconcertada, obedeceu, ajoelhando junto a escrivaninha, para pôr-se ao nível da Superiora sentada.

Esta considerou um minuto, em silêncio, a bela fisionomia atenta da menina, que erguia para ela seus grandes olhos perplexos, à espera de uma explicação. Madre Sibila suspirou.

__ Nora... __ Começou com afetuosa gravidade, pondo-lhe a mão sobre os ombros. __ Recebi hoje uma comunicação para o conhecimento da qual me encarregaram de prepará-la... Lembre-se minha filha, que nada neste mundo nos acontece sem a expressa vontade do Senhor; é, pois, do nosso dever curvarmo-nos ante seus desígnios, por mais duros que eles às vezes nos pareçam.

__ Meu pai, meu pai... morreu? __ Balbuciou a criança, que este exórdio quase solene assustava sobremaneira.

__ Não! __ Acudiu vivamente a Superiora. __ Tranquilize-se minha filha; seu pai, graças a Deus, continua bem e feliz, segundo me mandou ele mesmo dizer. Foi ele quem me incumbiu, por carta hoje recebida, de comunicar-lhe um próximo acontecimento que modificará inteiramente sua existência.

__ Vai deixar o circo?! __ Exclamou Nora num ímpeto involuntário, enquanto um raio de vivíssima alegria lhe iluminava o ansioso semblante.

A Superiora sacudiu negativamente a cabeça.

__ Minha filha... __ Tornou com indizível compaixão, percebendo o quanto suas palavras iam ferir a alma vibrante da menina. __ Há já dez anos que o Senhor levou de seu pai a esposa, deixando-a assim órfã dos carinhos de uma extremosa mãe. Por uma proteção especial da Providência encontrou nesta casa uma nova família, pois temos toda consciência de haver feito o possível para suprir a falta dessa mãe que tão profundamente lhe queria. Nora, se não o fiz por completo, minha filha, é que o lugar de uma mãe não se preenche; entretanto, esforcei-me quanto mo permita o meu caráter de religiosa para cercá-la de um carinho verdadeiramente maternal.

Nora beijou, comovida, a mão da Superiora.

__ Seu pai, porém... __ Continuou Madre Sibila gravemente. __ ... não encontrou na solidão de sua viuvez o consolo de uma companhia amiga, pois teve que separar-se de você para atender a sua educação. Viveu só durante longo tempo, muito só, tão só que a solidão se lhe tornou afinal insuportável e não somente para ele

como talvez para você, Nora; Ele quer agora refazer um lar, dar-lhe uma nova família; vai casar-se de novo, minha filha.

Ao ouvir esta inesperada notícia, Nora abriu desmesuradamente os olhos e quedou imóvel a fitar a religiosa, como se não houvesse compreendido o sentido do que esta dissera.

__ Vai casar-se outra vez! __ Repetiu Madre Sibila, querendo acabar, de uma vez, a penosa comunicação. __ E a pessoa escolhida para este fim é, segundo me escreve, a senhora Emília Laner. Conhece-a por acaso?

Nora não pôde responder; tudo o que ouvia se lhe afigurava tão extraordinário, tão incompreensível, tão absurdo mesmo, que não encontrava palavras para exprimir a inquietação que lhe ia na alma.

Ficou um instante pensativa, a testa franzida num esforço de compreensão; depois, diante do silêncio piedoso da religiosa que a contemplava, um soluço irrompeu-lhe do peito e, atirando os braços ao pescoço de Madre Sibila, como em busca de um abrigo, desatou a chorar inconsolavelmente.

__ Minha filha, minha pobre filha! __ Murmurou a Superiora, que este brusco desespero muito emocionava, apertando-a em seus braços maternais. Achando que o melhor meio de acalmar essa dor violenta era deixá-la livremente expandir-se, Madre Sibila deixou soluçar a menina, acariciando-lhe, de manso, a cabecinha morena que, com tanta espontaneidade, se lhe aninhara ao regaço.

Nora chorava com veemência. Apesar de nunca estar com esse pai pelo qual a mãe lhe soubera inspirar uma tão viva admiração, mantivera sempre para com ele as mais ternas relações. Escrevia-lhe sempre e quando, duas vezes por ano, ele vinha visitá-

la, trazendo um mundo de presentes e cumulando-a de carícias, não era só de prazer que se enchia o coração da menina, era também de orgulho.

Tinha vaidade da beleza, da elegância, da distinção do pai; admirava-lhe o desembaraço, o espírito, o superior desdém que professava pelo dinheiro, e como Carsten, nas cartas que lhe dirigia, dava asas ao seu lirismo e só a entretinha de elevados sentimentos e elevadas ideias, Nora fizera do pai um tipo ideal, julgando-o um ser à parte, inacessível a paixões vulgares, belo e forte como um herói de lenda.

Imaginava também que a morte de Helena, dessa mãe que lhe aparecia numa auréola de santa nas longínquas recordações de sua infância, deixara irremediavelmente vazia a alma e a vida de Alfredo Carsten.

Comprazia-se em ser para o pai, o único laço que o prendia a essa existência que a viuvez irreparavelmente entristecera; julgava-o um inconsolável, um desses entes que a vida fere em cheio, nas suas mais caras e mais legítimas esperanças, e em quem jamais se cicatrizaria a dolorosa ferida.

A imaginação e o seu afeto exaltavam-se ao pensar que a ela incumbia o dever, o sagrado e suave dever de consolar essa alma solitária, de ser a alegria, o conforto, o raio de sol dessa existência toda votada ao culto exclusivo de uma morta.

Sentia-se com forças para isto e orgulhava-se em ser o tesouro do pai, o único ente que tinha o direito de reclamar o seu amor, a única pessoa que o poderia arrancar àquela vida de circo, para a qual o julgava demasiado superior.

E, diante da esmerada educação de Alfredo Carsten, diante da suprema distinção de suas maneiras, da cultura de seu espírito, chegara à conclusão de que só por uma fatalidade do destino abraçara essa carreira aventurosa que o fazia certamente infeliz e que ela, Nora, o forçaria a abandonar.

Seus planos de futuro eram, pois, todos baseados na ideia de encher e consolar com a sua presença - e os seus carinhos - a casa desse pai sempre querido e sempre incondicionalmente admirado.

Agora, no entanto, tudo mudava. Uma estranha ia ocupar o lugar que fora de Helena, o lugar que competia a ela, somente a ela, filha dessa Helena tão depressa esquecida.

Carsten já não era o inconsolado que ela supunha; descobria os pés de argila de seu ídolo e, diante dessa inesperada decepção, ferida ao mesmo tempo no seu amor e no seu orgulho, a alma vibrátil de Nora revoltava-se num ímpeto de selvagem indignação.

Como se enganara a seu respeito quando o supunha vivendo só da recordação de Helena! ... Pobre mãe, como se apagara em pouco tempo a sua terna imagem! ... E, com a inconsciente crueldade da juventude, que tudo julga e sente em excesso, Nora condenava implacavelmente o pai.

Seus soluços aumentaram e como a Superiora, para acalmá-la, lhe apresentasse a carta onde viera a nova fatal, a menina teve um gesto violento de repulsa; um sorriso amargo, quase mau, lhe crispou a boca pequena.

__ Não condene o que não pode compreender, minha filha! __ Aconselhou a Superiora, ameigando-lhe mansamente os cabelos. __ Você não sabe, não pode avaliar o que é a solidão no outono da vida.

__ Meu pai não estava só, tinha-me a mim! __ Replicou ela arrebatadamente.

Madre Sibila teve um sorriso fino e, mergulhando fixamente seu penetrante olhar nos olhos úmidos da menina, perguntou, com delicadeza:

__ Tê-la-ia realmente para sempre, Nora? As filhas às vezes deixam os pais...

Um rubor ardente crestou as faces alvas da menina, e, no íntimo de sua alma adolescente, um não sei quê de vago, de indeterminado, de confuso, de ingenuamente perturbador, fê-la curvar a cabeça, baixar os olhos e ficar sem resposta ante a pergunta - aliás tão simples! - da Superiora.

__ Ninguém tem o direito de querer governar e amoldar a seu capricho a felicidade alheia. Isto não passa de um disfarçado egoísmo. Quando se quer bem, Nora, deve-se desprendidamente desejar e aceitar o que a pessoa querida supõe ser a sua felicidade. Procure ver neste acontecimento a vontade de Deus, minha filha; aceite a situação com coragem, resigne-se, e lembre-se que seu pai, casando-se, espera criar-lhe um lar, dar-lhe um lugar em sua casa, para onde a reclamará poucos meses depois de realizado o consórcio. Em breve nos vamos, pois, separar, Nora, e pode crer que o que o sinto com toda minha alma.

Nora, cujos pensamentos ainda estavam todos concentrados no penoso acontecimento que vinha revolucionar sua existência, não reparou no tom sentido com que a Superiora pronunciou estas palavras.

__ E... a senhora... a senhora com quem se casa meu pai... é... alguém da companhia? __ Perguntou com esforço, enxugando

os olhos para disfarçar o embaraço.

__ Não é de crer que, na situação em que se acha, seu pai tenha escolhido companheira noutra roda. Ele não mo escreveu, mas mesmo esta reserva me faz crer que assim seja. O que me disse é que ela, por ser bondosa e amável, há de certamente agradar-lhe.

__ Oh! Meu Deus, ainda mais isto! __ Exclamou Nora, disparando outra vez a soluçar. __ Oh! Madre Sibila! __ Prosseguiu com veemência, escondendo o rosto no regaço da boa freira. __ Não me deixe levar, não me deixe ir embora...

Madre Sibila, profundamente emocionada por esse apelo infantil, onde vibrava a aflição daquela alma desamparada, estreitou com força ao coração a criança insubmissa que tão confiantemente lhe implorava a proteção.

Estreitou-a com desusada ternura, como se na verdade a quisesse reter longe desse mundo falacioso, onde a sua experiência divisava para ela tantos ignorados perigos. Madre Sibila era inteligente e observadora; nos longos anos de convívio diário com meninas de todas as índoles e de todas as tendências adquirira uma prática de almas excepcional.

Centenas de adolescentes lhe haviam passado pelas mãos de mestra conscienciosa; nenhuma, porém, lhe havia mais fundamente despertado o interesse e excitado o afeto do que esta voluntariosa criatura, cuja natureza estranha e sedutora a regra severa do convento não conseguira vulgarizar.

Nora, com a sua inteligência vivaz, a mobilidade excessiva de seu gênio, o inconsciente encanto de sua graça esquisita, era na realidade a sua predileta. Amava-a pela sua franqueza, pela

espontaneidade, pela generosidade de seu caráter, pela galhardia com que sustentava as suas opiniões, pela paixão concentrada e vibrante que punha em todos os seus deveres e em todos os seus afetos.

Nora era um desses seres privilegiados que levam de vencida todos os corações, possuía esse perigoso poder de sedução que seria uma arma de inapreciável valor, apenas tivesse dele consciência, e o espírito previdente de Madre Sibila assustava-se ante o abandono moral em que se veria essa Criança, assim que transpusesse as portas do colégio.

Ah! se a pudesse reter! Retê-la nesse tranquilo ambiente de paz, longe das tentações do mundo, daquele mundo equívoco e pernicioso que era o meio habitual de Alfredo Carsten!

Ainda se Nora fosse uma dessas apagadas personalidades que passam insignificantemente pela existência, sem atrair a atenção de quem quer que seja, num sossegado retiro, não se assustaria Madre Sibila. Dotada, porém, daquela incontestável formosura, inteligente, instruída, rica, Nora não poderia passar em parte alguma despercebida e que ciladas não teria para esta criatura de exceção, a liberdade que lhe deixaria o pai provavelmente?!

O coração afetuoso da religiosa tremia pela alma de sua filha de eleição, e nas suas orações incessantemente pedia para esta criatura. Que Deus velasse pelo futuro dela com particular carinho, e que de seu caminho afastasse toda demasiada tentação.

A menina, entretanto, continuava a chorar, suplicando-lhe baixinho que não a deixasse partir. Seria sincero esse pedido? Proviria ele de uma vocação escondida ainda, mas já seguramente

baseada, ou do desespero em que a mergulhara a comunicação do casamento do pai?

Madre Sibila era indulgente e conhecia demais o coração humano, para acreditar sem desconfiança na realidade dessas súbitas e violentas resoluções.

__ Nora! __ Disse com grande brandura, acariciando-lhe levemente os cabelos. __ Se quiser ficar conosco, fique, minha querida filha! Conhece o afeto que todas aqui lhe dedicamos, sabe a imensa alegria que para mim seria a sua entrada definitiva nesta casa. Quer viver em Deus e para Deus? É tão doce a paz que aqui reina, fique conosco, minha filha! Não a perturbariam mais as tempestades do mundo e, no desprendimento das coisas profanas, encontraria, por certo, a tranquilidade do coração. Se é sincero este seu desejo, minha filha, bendito seja o Senhor que lho inspirou!

Madre Sibila falava com emoção, tentando em vão perceber o efeito que na menina produziam suas palavras; mas Nora tinha o rosto escondido no seio da religiosa e era impossível distinguir-lhe a impressão.

Seus soluços, todavia, diminuíram ao ouvir esta estranha proposição; chegaram mesmo a parar como se a assaltasse repentina reflexão e, levantando bruscamente a cabeça, num gesto de súbita decisão, respondeu com voz alternada e firme:

__Não, não posso ficar, Madre Sibila; creio que foi o orgulho que me inspirou estas palavras. Por enquanto não sinto inclinação nenhuma para o sossego e a paz: prefiro lutar no bulício do mundo. Sou imperfeita demais para escolher o papel de Maria aos pés do Senhor.

A Superiora não pôde deixar de sorrir a esta tão espontânea quanto franca profissão de fé; dir-se-ia mesmo que esperava por ela, pois, sem manifestar espanto, pousando a mão sobre a cabeça da menina, continuou, com indulgente gravidade:

__ Tem razão, Nora, e, desde que não sente vocação para o claustro, siga o seu destino, minha filha; vá para casa de seu pai, onde o dever a reclama. Muitos e variados são os caminhos que a Providência, aos homens designa; todos eles, porém, têm o mesmo fim, não o esqueça nunca. Vá para casa de seu pai, que a sua velha amiga aqui fica pedindo a Deus que a proteja e a guie nesta sociedade tão semeada de escolhos, onde, porém, espero vê-la, sempre, a cumprir galhardamente os seus deveres de filha e de cristã. É quase inútil dizer-lhe a saudade que aqui deixa. Nunca poderia saber o quanto lhe queria a sua velha Superiora, pequena Nora!

A voz da religiosa morreu, abafada pela emoção que debalde procurava dominar; a mão que afagava a cabeça inclinada da criança tremia, e, diante da sinceridade dessa dor suscitada pela sua partida, o coração da menina transbordou de gratidão e de carinho.

__ Oh! Mãe! __ Murmurou com calor, cobrindo de beijos efusivos as mãos frias da boa freira. __ Com que palavras exprimir-lhe o reconhecimento de minha alma?! ... Como dizer-lhe o profundo, o verdadeiro, o filial afeto com que correspondo à sua amizade?! ... Agora, que estou prestes a deixar esta casa onde tão generosamente fui tratada, é que compreendo e avalio essa amizade abençoada, essa amizade que, na tristeza do presente e

na escuridão do meu futuro, é e será sempre o meu refúgio, o meu asilo, a minha consolação!

Os olhos de Madre Sibila brilhavam estranhamente; um frêmito agitava-lhe os lábios, dir-se-ia que ia chorar. Mas a comoção foi passageira, e afastando brandamente de si Nora, que chorava, encarou-a de frente com tenra seriedade, dizendo, já de todo senhora de si:

__ Nora, minha querida filha, não nos deixemos ir a um excesso de emoção que enfraquece a alma. Vamo-nos separar, é verdade, mas a separação só se efetuará daqui a três meses, no mínimo, e não se deve nunca sofrer do futuro antes que ele se torne presente, diz a Imitação. Resignemo-nos, pois, e aceite o casamento de seu pai corajosamente, como uma verdadeira cristã deve aceitar as provações que a Providência lhe envia. Não chore mais, e trate de se habituar com a ideia de que deve respeitar e mesmo amar a nova companheira de seu pai. A princípio isto há de lhe custar, mas, com um pequeno esforço, o conseguirá por certo e, quando o esforço lhe parecer muito difícil e tiver desejos de se julgar infeliz, lembre-se de que tem sempre a quem recorrer, e que Madre Sibila, mesmo de longe, está sempre disposta a aconselhar e a consolar as suas filhas. Agora levante-se, Nora; já tocou o sino para a oração da tarde, são horas de se retirar. Como está ainda muito emocionada, e provavelmente despertará curiosidade com esses olhos vermelhos de lágrimas, dispenso-a por hoje de ir à capela e ao refeitório. Vá para o seu quarto, e aí, na solidão, recolha-se e reflita na resposta que dará à carta de seu pai, que tão bondoso se tem mostrado sempre para consigo.

Assim falando, a Superiora estendia a Nora a carta de Carsten e, com um sorriso amigável, indicava-lhe a porta, num gesto de despedida.

A menina inclinou-se na reverência do estilo e, tomando a carta, saiu, atravessando nervosamente o longo corredor, agora deserto, onde a religiosa de serviço começava a acender as lâmpadas para a noite. Na solidão do seu quarto tranquilo, Nora leu e releu a carta do pai. Pouco a pouco, à medida que lhe penetrava o sentido e descobria o grande carinho com que fora escrita, abrandava o seu rancor, e um sentimento de piedade, quase de perdão a invadia.

__ Pobre pai! Como devia ter sofrido para se decidir a reconstruir um lar!

As palavras de Madre Sibila lhe voltavam a memória; precisava tomar uma decisão, não atender ao egoísmo, agir com desprendimento, com generosidade, com sacrifício para a felicidade de seu pai.

Impulsionada por essa ideia de sacrifício, com a espontaneidade que a caracterizava, tomou da pena e sem mais reflexões escreveu ao pai uma lacônica mas afetuosa resposta. Madre Sibila não podia exigir mais! E para não ter a tentação de se arrepender e inutilizar a carta conciliadora, a menina despiu-se e deitou rapidamente.

O sono, porém, não chegava. Por mais que ela fechasse os olhos e procurasse não pensar em coisa alguma, as pálpebras insensivelmente se abriam, os lençóis pesavam-lhe e um turbilhão de pensamentos contraditórios se lhe agitavam na cabeça dolorida.

Tinha os nervos demasiado excitados para dormir. O silêncio entretanto, era completo. Pela porta aberta entrava a luz da lamparina do corredor, iluminando frouxamente pequeno quarto, e Nora, pela primeira vez, compreendia o quanto amava, o quanto lhe seria doloroso deixar esse singelo quarto, tão simples e tão branco, onde passara as melhores horas de sua descuidada meninice.

Como fora depressa realizado o seu desejo de deixar o convento!

Ia partir! ... Deixar para sempre o sossego virginal desse abrigo seguro, onde a sua alma só conhecera puras e elevadas emoções! Ia para o mundo misterioso e ignoto, para a casa desse pai que já não seria mais somente seu, para junto de uma mulher que roubara o lugar sagrado de sua mãe; para perto de uma madrasta.

Madrasta! Ia ter uma madrasta!

As lágrimas de Nora puseram-se silenciosamente a correr, e, no fundo do seu coração angustiado, a criança ouvia de novo a voz interior que lhe aconselhava ficar definitivamente na paz imperturbável do claustro, onde jamais a molestariam as lutas e vãs cogitações do mundo frívolo.

Mas Nora não se sentia com força para renunciar a tudo e a todos no grande desprendimento dos votos religiosos; receava ao mesmo tempo o convívio de antemão detestado dessa intrusa madrasta, e, combatida por sentimentos opostos, chorava inconsolavelmente os seus passados anos de colégio, numa vida tão alegremente
despreocupada.

De súbito, porém, uma sombra assomou à porta. Alguém, deslizando de manso sobre o chão encerado, aproximou-se do leito;

um braço lhe rodeou carinhosamente o pescoço, enquanto uma voz lhe perguntava baixinho:

__Então, foi assim tão grave?

Nora levantou a cabeça; era Isabel. Assustada pela ausência da amiga no refeitório e na capela, pensava que - vítima de um severo castigo da Superiora, devido ao relatório exagerado da Irmã Bárbara - Nora se desesperasse no abandono e no remorso; viera pois, pronta, consolá-la e acariciá-la.

__ Não se trata de Irmã Bárbara. __ Respondeu Nora, depois de alguns instantes de hesitação, relembrando a cena do recreio. __ Antes fosse Irmã Bárbara! ... Isabel, eu vou para casa de meu pai.

__ Então por que choras? __ Indagou a outra sorrindo. __ Não tinhas tanta ânsia de voar pelo mundo?

__ Oh! Isabel, Isabel! __ Soluçou Nora, tomando-lhe impetuosamente as mãos. __ Pede a Deus que eu nunca tenha de me arrepender desta ânsia imoderada ou não a sinta depois, mais tarde, na saudade de regressar.

__ E por que não pedir a Deus que te inspire o desejo de regressar, se for para te trazer à verdadeira pátria? __ Respondeu a amiga com carinhosa gravidade, erguendo para o Crucifixo negro da parede os seus olhos cheios de confiança.

*   *   *   *   *



Para o Reno, para o Reno,
Não vás para o Reno,
Ouve meu conselho, bom moço.
Corre ali a vida sempre amena
E vive a alma em doce alvoroço.

CORRIA o mês de abril. Grossos rolos de nuvens, cor de chumbo, impelidas por vento forte, passavam em acelerada carreira, atropeladamente, umas após outras, como se as da frente fugissem à perseguição das de trás, e, em meio às distâncias que entre si deixavam, brilhava o frágil azul de um céu de primavera. Havia ainda no ar mornos vestígios do passado inverno.

De quando em vez a brisa soprava, um sopro frio corria, o céu toldava-se sem motivo aparente e flocos de neve, apressados, como envergonhados de aparecer quando já os calendários anunciavam a estação das flores e do calor propício, caíam sobre a regelada terra.

Mas a borrasca não durava, o sol rompia as nuvens sorrateiramente, e surgia como um soberano benévolo, fazendo transformar-se em gotas de cristal brilhante a neve derretida, e resplandecer, num brilho de ouro claro, o verde tímido das arvores.

Tudo rebrilhava, tudo refulgia, tudo parecia sorrir sob a carícia dessa luz primaveril; era um renascimento glorioso. É sempre assim este caprichoso mês de abril!

Ora prazenteiro e ameno, ora irritado e chuvoso, parece ter nervos como uma mulher e bruscas melancolias como as crianças, sempre incerto, sempre mutável e por isso mesmo sempre encantador. Nesse dia, entretanto, o calor suave da temperatura

convidava todos os habitantes de Bonn, a cidade universitária das margens do Reno, para a delícia de um passeio naquela manhã de sol radioso.

E todos haviam sensivelmente acedido ao tácito convite; as calçadas regurgitavam de uma multidão vistosa, onde abundava o gorro característico do estudante alemão.

Largas poças de água, espalhadas aqui e acolá, indicavam a visita de uma chuva importuna logo nos primeiros albores da madrugada, e o escuro das nuvens carregadas era como uma perene ameaça para toda essa animação.

Ninguém, porém, dava atenção àquela ameaça longínqua, e as conversas subiam num crescendo de alegria e de vivacidade dos grupos que estacionavam sob as árvores ainda sem folhas.

O sol refletia como um riso de ouro nas poças do chão úmido; O Reno não era mais que uma larga faixa de prata liquida à luz dourada, e o vento na altura prosseguia na tarefa difícil de enxotar para o norte o bando importuno das feias nuvens escuras.

Tudo era movimento, barulho, vida.

A multidão girava compacta, e na turba vária o que predominava era sempre o gorro de cores vivas sob o qual se distinguiam os rostos juvenis, serenos ou zombeteiros, dos estudantes em passeata.

O mês de abril e a mocidade alemã tem entre si estreitas afinidades e apresentam um caráter próprio e original, que os diferencia completamente de todas as outras.

Repentinas ventanias e inesperados brilhos de sol; rigores imprevistos de inverno e súbitas alegrias de primavera; aparências despreocupadas e levianas, fecunda fermentação de ideias e

raciocínios calorosos, entusiasmos e profundos abatimentos sem razão, tal é o mês de abril, tal é a mocidade na Alemanha.

Em nenhuma outra parte do mundo encontrareis uma tão singular confusão do bom e do mau tempo, uma tão desconcertante mistura de duas estações que se vão desvanecendo e seguindo até se fundirem nesse caprichoso mês - que não é inverno nem ainda bem primavera! - mas que de ambas participa. Em nenhuma outra região achareis uma mocidade de tantos contrastes, período difícil de transição entre duas vivazes épocas da vida e na qual se amalgamam a jovialidade imprevidente da infância e as graves reflexões estudiosas da idade madura. Ide mais ao norte ou ao sul, a leste ou ao oeste, e vereis um mês de abril em que predominem as intempéries primaveris, observareis uma mocidade que pela sua irreflexão e instabilidade mais se aproxime da infância ou outra em que mais comum se mostre a seriedade e a ponderação próprias ao outono da existência.

Assim, porém, como as frutas sazonadas e as flores perfumosas são frutos da inconstância de abril; assim também dessa louca e brincalhona mocidade saem pensadores profundos, poetas inspirados, lutadores intemeratos, homens, enfim, em toda a bela acepção da palavra.

Naquele dia, porém, o que predominava era evidentemente a influência risonha de abril; a influência grave, triste, chuvosa, parecia ter-se dissipado aos raios daquele belo sol, e nas fisionomias de todos esses rapazes, na maioria cultores das musas, viam-se estampadas a satisfação de viver, a consciência ingenuamente orgulhosa de seu próprio valor.

Os grupos faziam-se e desfaziam-se entre pilhérias e risadas, com o desembaraço familiar que a camaradagem de escola torna tão natural, e as interpelações cruzavam-se nessa linguagem particular, espécie de gíria que nada tem de retórico, que aos leigos se afigura inteiramente incompreensível.

O uso e a tradição a tornam sagrada aos olhos dos estudantes, e o menos boêmio deles considerar-se-ia para sempre desonrado se não enfeitasse as suas frases pelo menos com uma dúzia desses termos expressivamente fantásticos.

Um dos grupos, entretanto, onde era mais viva a saraivada dos ditos picantes e das gargalhadas sonoras, dissolvia-se naquele instante; dois dos mais animados na palestra retiravam-se, depois de trocados numerosos apertos de mão e a frase sacramental: “Quatro horas! Hotel X! Ponche!”, que bem claramente indicava as intenções desses senhores para a segunda parte do dia.

Retiravam-se lentamente, um pouco a contragosto, e, de braços dados, internavam-se numa alameda meio deserta onde não os podia mais perseguir a caçada barulhenta dos companheiros.

Era realmente notável o contraste que entre eles existia. O mais velho, baixo, gordo, de largas espaduas de atleta, era, com a sua face bonacheirona e corada, seu andar pausado, o louro apagado dos seus cabelos lisos, a personificação exata da fleuma germânica.

Seus gestos, sempre sóbrios, acompanhavam discretamente a palavra lenta, como refletida, e o sorriso repousado com que acolhia os arrojados discursos dos amigos raramente se transformava numa franca e radiosa gargalhada.

Só nos olhos, de um azul esverdeado, quase imperceptíveis naquele rosto redondo que a gordura pouco a pouco invadia, é que se poderia notar a vivacidade, a perspicácia daquele espírito irônico e observador, que as coisas e os homens sossegadamente divertiam, sem nunca lhe perturbarem a grande calma comodista e filosófica. Havia nesses olhos como uma faísca perene, uma faísca zombeteira, cuja penetração muita vez dispensava à língua o trabalho de exprimir o pensamento, pois, antes que esta o fizesse, já os olhos haviam dado sinal do gracejo.

Seu companheiro, entretanto, talvez pela força do contraste, parecia ainda mais alto do que na realidade o era; esbelto, flexível, de vivos movimentos e gestos prontos, tinha, na elasticidade do andar, na elegância natural do porte, na linha fidalga do perfil, um cunho de aristocrata inconfundível.

Seu rosto claro e pálido, de extrema mobilidade de expressão, era a antítese do impassível semblante do primeiro; os olhos, naquele pequenos e claros, eram neste, grandes, pretos e sérios, de uma expressão quase sempre sonhadora. A fronte ampla e firmemente desenhada indicava a inteligência e a vontade, mas o modelado arqueado, quase feminil, dos lábios, muito vermelhos sob o crespo bigode escuro, desmentiam essa afirmação de energia, imprimindo àquela bela fisionomia um caráter de bondade, quase de meiguice, que a tornava irresistivelmente simpática.

Uma abundante cabeleira, castanho-escura, lhe coroava a cabeça altiva, completando assim a incontestável formosura desse jovem, para o qual a natureza tão pródiga se havia mostrado.

Suas palavras estavam em harmonia com o seu exterior.

__ Que bela manhã! __ Exclamava ele, agitando alegremente no ar a bengala de junco. __ Como é bom viver-se nesta agitação, neste movimento e alegria! Sente-se mais a vida, não achas? Aqui a natureza fascina, os homens atraem. De tal modo se vive que apenas se tem tempo para respirar, e... contudo, como a gente muda
e progride interiormente no meio desta abençoada liberdade!

__ Vós, meridionais, não sois mais que meninos de colégio nas vossas universidades! __ Replicou o primeiro, com esse ar de soberano desdém que os alemães do norte afetam pelos seus compatriotas do sul, quando querem engrandecer as suas coisas. __ Viveis excitados com essa ideia de liberdade que, no entanto, é
a perdição de muitos de vós, pois essa abençoada liberdade não passa de um belo e abençoado abuso de vinho e de cerveja. Não penses, porém, que o condeno; muito pelo contrário! Até te aconselho a não desperdiçares com o tempo, as forças de teu entusiasmo; guarda-as cuidadosamente para a noite, pois no último "*commers*" um calouro meu conhecido perdeu-as logo no início da batalha, indo para debaixo da mesa às primeiras investidas.

__ As primeiras investidas são sempre difíceis, mas, com perseverança, chega-se a um vitorioso resultado. __ Respondeu o outro, rindo. __ O tens a prova em ti mesmo, meu caro! Mas, para ser franco, devo dizer que não é da minha predileção esse beber contínuo, sei de alguns que nunca deixam de estar embriagados.

__ É melhor do que nunca ter estado embriagado! __ Repetiu filosoficamente o gordo. __ E neste vale de lágrimas, se o vinho não subisse a algumas cabeças, não haveria nada nelas. É providencial,

pois. Mas... como pensas distrair-te dos teus profundos estudos? Quais são os teus projetos para as férias de Pentecostes?

__ Ainda não tenho nenhum. Se achares, todavia, boa a ideia, tenho a intenção de convidar-te para dares um pulo às minhas terras, Dahnow, e visitares os sítios onde teu pai e o meu se conheceram e com tão sólida amizade se ligaram.

__ Obrigado pela amabilidade do convite, mas, com franqueza, prefiro lá ir no outono, para as caçadas. Mas... dar-se-á o caso de que tua mãe já te esteja reclamando? __ Perguntou, cravando no seu amigo, penetrante e zombeteiro olhar.

__ Reclamando-me, não! __ Respondeu o outro com leve constrangimento. __ Porém gostaria muito se eu fosse.

__ Pois convite por convite, Degenthal! Queres vir comigo dar uma volta pelo Neckar? Já convidei vários amigos e a excursão promete ser divertidíssima.

__ Isso não é mal pensado... Vou escrever para casa, comunicando o projeto à minha mãe.

__ Que diabo! Até quando precisarás da licença da mamã para tomar uma resolução qualquer!? ... Olha que já não és precisamente uma criança de peito, precisas acabar com isto de uma vez e resolver-te a fazer alguma coisa por ti mesmo.

__ O que se precisava muito... __ Acudiu Degenthal com certa acrimonia. __ ... era modificar esse hábito que há aqui de tratar tão levianamente a família! Isto não é mais que uma grosseria de sentimentos, que me ofende como uma impolidez.

__ Também a mim ofenderia, se eu tivesse a vantagem, ou a desvantagem, de ter família. Mas não vejo leviandade alguma em dizer que o menino é menino e o homem é homem. Toda

exageração conduz ao extremo oposto, e, se tu agora consultas tua mãe por qualquer bagatela, dia virá em que a não consultarás para coisa alguma, por mais importante que seja. Tudo tem seu tempo, meu velho, e os homens nascem para mandar, capacita-te disto!

Estas palavras não deixavam de exprimir uma verdade e por isso Degenthal não achou réplica, conservando-se silencioso, com um ar agastado que não escapou ao amigo.

A submissão à vontade alheia era para ele um tão antigo costume, principalmente à vontade de sua mãe, para a qual julgava a obediência um dever filial, que não podia compreender como alguém pudesse contra ela se revoltar.

__ Que queres? __ Desculpou-se, porém, depois de alguns instantes de reflexão. __ Minha educação tem sido quase exclusivamente obra de minha mãe; é natural que lhe seja reconhecido e esteja firmemente resolvido a jamais contrariar sua vontade.

__ Jamais! ... Que imprudência pronunciar palavras quando não se tem certeza de as poder um dia sustentar... Quem é que pode neste mundo vazio afirmar com segurança que jamais fará ou não fará isto ou aquilo? Tu não sabes as circunstâncias que te esperam, ignoras se um dia, a vontade de tua mãe não estará em contradição formal com a tua; é bom desde já não comprometeres com asserções imprudentes a liberdade de teu futuro, e ires acostumando tua mãe, sem infringir em nada o respeito e o reconhecimento que lhe tributas, a não ver mais em ti uma criança. Habitua-te e habitua-a a uma independência que a ambos será extraordinariamente vantajosa, e não te arrependerás, acredita-o.

Degenthal, pela segunda vez, não encontrou resposta, e, como as palavras do amigo lhe causaram uma vaga irritação que não sabia explicar, apressou instintivamente o passo, abatendo nervosamente com a bengala as plantas rasteiras, que bordejavam o caminho.

Não podia dissimular que Dahnow tinha razão no fundo, mas estranhava ao mesmo tempo que alguém ousasse censurar aquilo que até então havia considerado como virtude.

Sua mãe, como todas as mães a quem a viuvez torna únicas responsáveis pela educação dos filhos, exercera sempre sobre sua vontade de menino e de adolescente o mais absoluto domínio.

Começava a percebê-lo e agora somente compreendia a razão da insistência de seu discreto preceptor em mandá-lo terminar longe de casa os seus estudos.

E, como toda pessoa que se descobre subitamente vítima de um plano que não suspeitava, aborreceu-se, continuando a caminhar em silêncio.

Dahnow não era um homem que facilmente abandonasse um assunto encetado; ia, pois, prosseguir, quando dois cavalos, passando a trote pelo caminho estreito, obrigaram os dois amigos a separar-se para o lado.

__ Arre! Que cavalos! __ Exclamou Dahnow, com o máximo entusiasmo de que era suscetível. __ Na minha vida ainda não vi animais como estes!

__ E que cavaleira! __ Acudiu Degenthal, seguindo com olhos de admiração o vulto elegante da amazona que desaparecia ao longe. __Que encanto de cavaleira! Quem será?

__ Oh! Se quiser ser admirada, aconselho-lhe muito não montar aquele soberbo cavalo branco; ninguém terá olhos senão para a beleza do animal.

__ Bárbaro! __ Tornou Degenthal com indignação. __ Só ter olhos para o animal, quando a cavaleira é uma criatura daquelas! O senhor que a acompanhava não me tem um aspecto desconhecido, parece-me tê-lo encontrado várias vezes, não me recordo onde, mas a jovem!? ... Que elegância de linha, que lindos cabelos! Tu, que conheces meio mundo, Dahnow, não saberás acaso quem sejam?

__ Bravo, meu caro, podes gabar-te de ter boa vista! Desilude-te, porém, de minha ciência da sociedade de Bonn; ignoro completamente quem sejam, podendo afirmar, todavia, que não são daqui. Aqui não há cavalos como aqueles. Devem ser dos muitos estrangeiros que pululam nesta época na cidade. Mas, se pretendes ficar
aí a sondar o horizonte, à espera da bela desconhecida, acho insuficiente o abrigo desta bengalinha... Olha acolá, para as nuvens.

__ Na verdade, parece que as coisas se vão estragar! __ Disse Degenthal, fitando com um sorriso as nuvens opacas que tomavam agora toda a altura. __ Acho que devemos apressar deveras o passo, se quisermos chegar a Bonn antes da trovoada.

__ Corre tu, magro andarilho. __ Replicou Dahnow com sossego. __ Não é muito da minha natureza acelerar a marcha deste meu roliço corpo. O único proveito que daí se tira é ficar a gente sem fôlego e molhar-se da mesma maneira. Com franqueza, basta-me um desses dois prazeres.

__ Então, permite que te abandone à tua sorte, pois confesso-te que tenho fôlego suficiente para escapar indene ao temporal. Até as quatro, preguiçoso, se o aguaceiro não te submergir, pois de que o vento te leve creio que não há perigo. __ Continuou Degenthal, rindo, e lançando ao corpulento amigo um olhar de comiseração e com um gesto de adeus, afastou-se correndo em direção da cidade.

As coisas haviam-se na realidade estragado, como dissera Degenthal, pois em poucos minutos o céu escurecera e o vento começara a soprar com violência; Dahnow abotoara com toda a calma o sobretudo, caminhando pacatamente no meio da chuva e da neve que caiam momentos após, em redemoinhos espessos.

Quando já se achava a pequena distância da cidade, os dois cavalos tornaram a alcançá-lo, passando num galope desenfreado em frente dele.

Um turbilhão de vento arrancou o chapéu de feltro escuro que protegia a cabeça da jovem e Dahnow não pôde deixar de admirar a destreza com que ela fez estacar, de súbito, o animal no meio da mais precipitada carreira.

O estudante, com mais agilidade do que se poderia esperar da sua corpulência, deitou a correr atrás do chapéu e, antes que a cavaleira tivesse tido tempo de apear, apanhou-o, assim como o grampo de ouro que o prendia e que a velocidade do galope fizera cair, e com um gesto dos mais galantes apresentou-o cortesmente à sua dona.

Uma mãozinha enluvada o recebeu, uma linda cabeça morena se inclinou num cumprimento airoso, e dois olhos azuis, que brilhavam como estrelas entre as pestanas negras, o fizeram com tão agradecida expressão que, apesar de bem abotoado o

sobretudo, Dahnow sentiu que esse olhar lhe chegara até ao íntimo do coração.

A jovem, entretanto, prendendo à pressa o chapéu sobre os cabelos meio em desordem, teve uma frase de agradecimento que se perdeu no ruído da ventania e, chicoteando o animal, desapareceu no meio da neve, à procura do companheiro que, não podendo sofrear o galope, se sumira ao longe no caminho.

__ Arre! Degenthal tinha razão, é lindíssima! __ Murmurava Dahnow aos seus botões, chegando momentos depois a sua casa. __ Se este maldito aguaceiro não me tivesse posto neste lastimável estado, iria agora mesmo percorrer todos os hotéis para saber quem é essa forasteira. Que olhos, e como galopava! Mas
que triste figura não terei eu feito! __ Acrescentou com melancolia, lançando à sua encharcada pessoa um desolado olhar.

* * * * *

__ Como fizeste para não te afogar? __ Perguntava Degenthal a Dahnow, em tom de gracejo, quando algumas horas mais tarde o encontrou no "hall" do hotel previamente combinado.

__ A Providência tem proteções especiais para os preguiçosos. __ Respondeu este com um sorriso cheio de subentendidos. __ E, se suspeitasses das aventuras que me sucederam, invejar-me-ias, meu caro!

__ Os gordos sempre tiveram boa sorte!

__ Nem imaginas a profunda verdade que enuncias! Se não fosses dono desse ridículo corpo de junco, não terias fugido dela com a celeridade de lebre e terias tido a ocasião de... Mas adivinha

a quem tive a dita de encontrar? ... Não atinas? .... Pois sabe, menino, que o melhor meio de travar relações é... prestar serviço de gentil-homem a...

__ A bela cavaleira! Dahnow, tu a viste, não negues?! __ Interrompeu vivamente Degenthal, batendo no ombro do amigo. __ Ela caiu do cavalo e tu a salvaste, patife!?

__ Infelizmente não foi ela, foi o chapéu.

__ Infelizmente! ... Dahnow, previno-te que regressas à barbaria! Mas, afinal de contas, dize quem é?

__ Não posso dizê-lo, não havia nome escrito no fundo do chapéu.

__ Ora esta! É a isso que chamas travar relações, pretensioso! Deixa-te de histórias e vamos subindo, pois os outros já devem estar impacientados à nossa espera.

E, tomando o braço do amigo, subiram ambos ao primeiro andar, onde se devia realizar o “*commers*” em honra de um colega que se devia ausentar por algum tempo das delícias da vida acadêmica. Quando chegaram os dois amigos, já se achavam presentes todos os convivas e a discussão ia já animadíssima. A chegada de Degenthal e Dahnow trouxe-lhe um acréscimo de entusiasmo e as gargalhadas redobraram, aumentando ainda mais a balbúrdia quando estouraram as primeiras garrafas de champagne. Dahnow naturalmente não fez mistério de sua “aventura”, e como ele era um excelente narrador, um desses caçoístas sérios que fazem rir sem jamais perderem a gravidade, risadas sem conta lhe acolheram a narrativa, e as mais arriscadas suposições se levantaram acerca da personalidade da bela cavaleira.

__ Fala mais baixo, Dahnow! __ Advertiu de súbito Degenthal, batendo com o cotovelo no braço do amigo. __ Olha que ali está o desconhecido que a acompanhava.

E com os olhos o estudante indicava um homem alto, elegante, e já não muito novo, que acabava de entrar e se abancara numa das mesas laterais do restaurante.

__ Eis o nosso herói! __ Continuou Dahnow em voz baixa e confidencial. __ Falta-nos desgraçadamente a heroína. Há de ser portanto, algum pai tirano ou algum marido Otelo que oculta, ciumentamente, a sua bela aos olhos atrevidos do mundo pecador.

Todas as cabeças imediatamente se voltaram para o lado designado.

__ Onde terei eu visto aquele homem? __ Murmurou pensativamente Degenthal. __ Tenho a certeza de o ter encontrado já várias vezes.

__ Não admira, meu caro! __ Replicou Rudolf, o estudante a quem fora oferecido o "*Commers*" __ Deves tê-lo visto várias vezes no espetáculo, pois é ele Carsten, Alfredo Carsten, o célebre diretor do celebérrimo Carsten-Circo.

__ Hurra ao sr. Alfredo Carsten! __ Exclamaram os outros, a meia voz, levantando os copos. __ Agora, Dahnow, o conhecimento da bela cavaleira será coisa fácil.

__ É verdade! Afiançam que ele tem uma linda mulher! __ Prosseguiu Rudolf. __ Deve ser a heroína de Dahnow.

__ Não, não! __ Interrompeu vivamente Degenthal. __ Ela é nova demais para poder ser a mulher. É Nora, a pequena Nora! Como não a reconheci logo, Meu Deus? ... E Como ficou bonita...

__ Nora? Pequena Nora?... __ Repetiu Dahnow, surpreendido. __ Que intimidades são essas, rapaz? Dar-se-á o caso de estares melhor informado de minha heroína do que eu mesmo?

__ Tua heroína? __ Replicou Degenthal com desdém. __ Não sabes o que dizes! Nora Carsten! ... Agora me explico porque tão de pronto me feriu a atenção, aqueles cabelos só poderiam ser dela! __ Concluiu com entusiasmo.

__ Parece que o nosso amigo anda a caminho de enamorar-se! Vejam que olhos iluminados e que voz comovida! Proponho uma “salamandra” em honra do feliz encontro de Degenthal com a princesa de seus sonhos! __ Disse um dos convivas, sorrindo.

__ É de supor que ela não seja tão intratável que não nos queira dar o prazer de suas relações.

Degenthal fez-se muito sério; sem saber por quê, o tom alegremente irreverencioso com que os companheiros falavam daquela que era a mais doce recordação de sua infância feriu intimamente a delicadeza de seus sentimentos. Parecia-lhe uma coisa assim como uma profanação.

__ Senhores... __ Explicou com uma gravidade absolutamente fora de propósito. __ Minha mãe conheceu há anos em Genebra, os Carsten, em circunstâncias particularmente dolorosas para essa família. Miss Carsten era naquele tempo uma criança, com quem eu, meninote então, fiz muito boa camaradagem. Eis donde provém o nosso conhecimento.

Os estudantes entreolharam-se sorrindo. Era evidente que não acreditavam no que adiantava Degenthal. Um deles, a quem o vinho já subira à cabeça, ergueu a taça e, com um sorriso malicioso, exclamou:

__ A saúde da bela amiga de infância do nosso Degenthal!

Os olhos de Degenthal chisparam, ia responder violentamente, quando Dahnow lhe tocou no braço, prevenindo-o de que o sr. Carsten saía. Degenthal levantou-se também, decidido a convencer os amigos da veracidade do que afiançara, e resolutamente foi ao encontro do diretor do circo.

__ Sr. Carsten! __ Disse com voz ainda trêmula da indignação que lhe causara a caçoada do amigo. __ Será indiscrição da minha parte querer renovar o conhecimento que há anos tão amigavelmente encetamos em Genebra?

E, como notasse que o seu interlocutor o olhava estupefato, sem o reconhecer evidentemente, acrescentou, inclinando-se num gesto de perfeita cortesia:

__ Sou o conde Degenthal.

__ O conde Degenthal? __ Exclamou Carsten com efusão. __ Mas isto é uma grandíssima surpresa para mim!

E com a espontaneidade de seu caráter expansivo, estendeu ao jovem as duas mãos, que Degenthal calorosamente apertou.

__ Vi-o hoje pela manhã a cavalo. __ Disse o estudante para romper o silêncio um tanto embaraçado que se seguira e durante o qual, Carsten, procurava debalde vencer a emoção que pouco a pouco o dominava ante essa evocação inesperada do doloroso passado. __ Pareceu-me reconhecê-lo, mas não tinha suficiente certeza para me atrever a cumprimentá-lo; há tanto tempo que nos perdemos de vista!

__ É verdade! __ Respondeu Carsten com um sorriso afável. __ ... E desde então quanta neve tem caído por aqui! __ Acrescentou com imperceptível melancolia, mostrando os cabelos

que os anos haviam estriado de branco. __ Eu, com certeza, não o teria reconhecido, mas isto, na sua idade, conde, não passa de uma lisonja. E a senhora sua mãe, como está? Acha-se também aqui? Jamais poderei olvidar o quanto lhe devo!

A fisionomia expressiva de Carsten iluminara-se de gratidão e seus belos olhos sombrios fitavam com inexprimível simpatia o semblante risonho e aberto de Curt Degenthal.

__ Minha mãe vai bem! __ Replicou este. __ Mas raramente deixa o nosso castelo da Morávia. Aí temos vivido até à data em que tive de me apartar de sua companhia para continuar os meus estudos universitários.

__ E escolheu para este fim Bonn, a cidade acadêmica por excelência? Que feliz ideia, conde! Mas permita que lhe peça notícias de seu antigo preceptor; ainda está em sua casa? Não calcula como devo obséquios a esse excelente amigo! Escreveu-me inúmeras vezes; infelizmente, os caprichos de minha vida errante impediram-me de lhe responder com a devida regularidade.

__ O nosso preceptor ainda se conserva com Nickel; creio que nos seria impossível dispensar um tão fiel amigo. Quantas vezes recordei com ele os dias de Genebra! ... Como vai Miss Nora? ... Não era ela que o acompanhava esta manhã? __ Curt perguntou, levado por irresistível curiosidade, corando como uma menina.

__ Sim, era minha filha! __ Tornou amavelmente o diretor, não reparando na perturbação do rapaz. __ Há uns seis meses que deixou o convento onde foi educada. Hesitei por muito tempo em chamá-la para minha companhia; receava para ela o aborrecimento de minha vida de solitário; depois que me casei, este inconveniente desapareceu.

A notícia desse casamento, que ignorava, causou surpresa a Degenthal: esta surpresa não escapou à perspicácia de Carsten, e como ela se refletisse não muito aprobativamente no franco semblante do jovem conde, o diretor, como homem de tato, não o deixou expandir-se em palavras, atalhando todo comentário com uma hábil frase de explicação:

__ A gente, com a idade, vai sentindo a necessidade de um ar amigo; para mim, então, na perpétua agitação dessa vida nômade, a falta de família era-me imensamente dolorosa.

__ Tem razão! __ Aprovou Degenthal com tanto mais convicção que não era esta a sua opinião. __ A família é sempre um insubstituível consolo. Receba meus sinceros parabéns. Terei, pois, o prazer de rever em breve Miss Nora? __ Continuou sem transição, para fugir a um assunto que visivelmente desagradava a Carsten.

__ Se nos quiser dar esta honra... Estamos por ora hospedados num hotel da cidade, mas, como a saúde de minha mulher exige cuidados, aluguei uma vila nos arredores. Aí passaremos uma temporada. E como minha mulher e minha filha nada tenham que ver com a minha profissão, ficarão aí, enquanto os meus negócios aqui me retiverem.

__ Será então na vila que terei o prazer de lhe apresentar os meus respeitos? __ Indagou sofregamente o jovem conde.

__ Se nos quiser dar esta honra... __ Retorquiu Casten, com uma afetação de cerimônia que podia parecer uma reserva.

Era evidente que não fazia empenho em facilitar em nada os projetos de relação de Degenthal. Este, porém, arrastado pelo seu impaciente desejo de rever Nora, não lhe percebia ou não lhe queria perceber as hesitações.

__ Qual será a hora mais apropriada para os encontrar a todos? __ Insistiu com redobrada afabilidade.

__ Tenho as manhãs todas tomadas pelas minhas ocupações, mas as tardes passo-as de quando em vez em família. Amanhã será uma delas.

__ Irei amanhã, se me der licença. Peço-lhe, entretanto, que apresente desde já meus respeitos a sua senhora e que me recorde a Miss Nora.

__ Minha filha não me perdoaria se não lhe proporcionasse o prazer de sua visita, conde; tanto ela como eu não esquecemos as muitas bondades e atenções que nos dispensou em Genebra. Vá, pois, visitar-nos quando quiser, será sempre bem-vindo.

Assim falando, Carsten retribuía o aperto de mão do jovem titular, inclinando-se ligeiramente para o lado da mesa, de onde os outros estudantes olhavam atentamente para os dois enquanto durava a conversação.

__ Parece-me que reconheço alguém... __ Disse, parando e designando o grupo com o olhar. __ ... alguém a quem tenho de agradecer da parte de minha filha. É aquele senhor gordo, ali do canto; queira ter a bondade de me apresentar a ele, conde.

__ Dahnow! __ Chamou Degenthal, fazendo sinal ao amigo. __ O sr. Alfredo Carsten deseja falar-te. Já nos contou o caso do chapéu. __ Tornou, com um sorriso alegre, dirigindo-se ao diretor. __ É um excelente rapaz, o meu melhor amigo. O barão Dahnow! __ Acrescentou, apresentando o amigo, em tom de gracejo de raça mecklemburguesa, um tanto pesada, se as aparências não enganam.

__ Se as informações de minha filha são exatas, é ao barão que devo agradecer o serviço a ela prestado esta manhã. __ Disse Carsten, cumprimentando-o com essa nobre singeleza de homem de sociedade e de educação.

__ Infelizmente o meu físico acentuado impede-me de guardar o incógnito; não posso por conseguinte dissimular a minha ação de cavalheiro. Os papéis, porém, estão invertidos, pois só posso agradecer ao acaso a dita de ser útil a tão graciosa amazona! __ Respondeu Dahnow com galanteria.

O diretor inclinou-se.

__ Mas se o senhor permite... __ Continuou o estudante com o maior sangue frio. __ Irei eu mesmo receber de sua filha os agradecimentos que ela julga dever dispensar-me, pois, reclamo em paga do meu serviço o mesmo favor que acaba de conceder a este imprestável Degenthal.

__ Pois não! __ Replicou o diretor rindo. __ Ainda que minha mulher e minha filha levem uma vida um tanto retirada, será para elas e para mim verdadeiro prazer recebê-los em nossa casa.

Dahnow inclinou-se com reverência.

__ Sr. Carsten! __ Acudiu vivamente o jovem conde. __ Não nos quer acompanhar num brinde ao nosso feliz encontro?

__ Aceitaria com muito gosto, se não tivesse outras ocupações urgentes. Por outro lado, meus cabelos brancos destoam entre vós, que sois a própria mocidade, e a velhice tem suas vaidades, não gosta de comparações. Dispense-me, pois, conde; creia, porém, que esse encontro foi também para mim a mais feliz das surpresas.

E apertando de novo a mão dos dois amigos, Carsten retirou-se, não sem ter correspondido com um aceno de cabeça ao respeitoso cumprimento do resto do grupo.

Dahnow e Degenthal voltaram à mesa.

__ Que belo tipo de homem! Que distinção de maneiras! __ Exclamou calorosamente um dos convivas, que estivera todo o tempo observando o diretor. __ Ser assim um espécime aperfeiçoado da espécie humana vale realmente a pena!

__ Concordo, meu velho! __ Replicou o segundo. __ No entanto, as aparências enganam! Quem suspeitaria da profissão desse homem, ao ver-lhe a fidalguia da figura? Há quem afirme que ele não passa de um judeu desembaraçado.

__ Ele tem tanto de judeu como eu! __ Atalhou com voz passada um alto vestfaliano, cujos cabelos ruivos e o nariz chato, afastavam toda probabilidade de origem semítica. __ Já o viste a cavalo? Monta como um oficial, dir-se-ia que tem músculos de aço. É prodigioso. Para mim ele é, antes, o filho transviado de alguma grande família.

__ Um príncipe disfarçado? __ Insinuou Dahnow com ironia.

__ Tu, Dahnow... __ Respondeu o estudante. __ Não tens o direito de dar uma palavra. Foste de uma sem-cerimônia tão rara e insolente, convidando-te a ti mesmo para ir prestar homenagem a bela desconhecida, sem mesmo teres a amabilidade de nos proporcionar esse prazer, que não mereces mais a nossa atenção.

__ A Comissão pareceu-me numerosa demais! __ Explicou laconicamente o imperturbável Dahnow.

__ Pois não ganhaste nada com essas precauções, meu caro; Havemos de ver a tua heroína! __ Exclamou um a quem o vinho já

subira à cabeça. __ Degenthal afortunado! __ Prosseguiu ele dirigindo-se ao conde. __ Brindo à tua bela! Não imites aquele miserável Dahnow, e não sejas, por Deus, tão cruel, que não nos queiras proporcionar o prazer de lhe fazermos um pouco de companhia. Conde, à saúde de tua formosa americana, à saúde de Miss Nora Carsten!

Degenthal levantou-se de um salto, como impelido por uma mola; seus olhos lançavam chispas.

__ Com que direito põe o senhor em seus lábios o nome de uma pessoa com quem não tem, nem pode ter relações? __ Exclamou com violência. A resposta não pode ser ouvida, pois uma garrafa, impetuosamente atirada, veio quebrar-se sobre a mesa, partindo e entornando as taças e os copos. Os rapazes ergueram-se em confusão, rindo-se uns e protestando outros; os criados aproximaram-se solícitos, para verificar os estragos.

Dahnow, aproveitando a balbúrdia provocada pelo incidente, tomou o braço de Degenthal e segredou-lhe ao ouvido:

__ Vamos, amigo! Um pouco de ar fresco não nos fará mal depois deste excesso de champagne e cerveja. __ Vamos, antes que os outros descubram qual o autor do atentado.

Degenthal vacilou um instante, mas Dahnow arrastava-o brandamente pelo braço, e ele acabou por ceder, seguindo o amigo, que em poucos instantes o levou para fora da sala, onde forte discussão entre estudantes e criados ameaçavam degenerar em briga franca.

__ É de justiça que pagues as garrafas e taças quebradas, Curt! __ Disse Dahnow com a sua habitual tranquilidade, apenas

transpuseram a porta do restaurante. __ Já não foi pouco fazer-te eu o favor de as quebrar.

__ Fizeste-o de propósito? __ Interrompeu o conde, admirado.

__ Não havia outro meio de interromper o arrebatamento de teus discursos e impedir uma briga absurda.

__ E por que desejavas impedir, não uma briga absurda, como dizes, mas uma justa correção à insolência de um mal criado? __ Atalhou vivamente Degenthal. __ Achas por acaso bonito que um vagabundo qualquer leve de troça o nome de uma menina, na liberdade de uma ceia de rapazes?

__ Em primeiro lugar, não era um vagabundo! __ Corrigiu pacatamente o barão. __ Era um colega teu, quase um amigo, e de mais a mais, um colega teu embriagado - situação esta em que são inúteis todas as considerações de convivência social. Depois, o respeito que em geral consagro a todas as meninas - seja qual for a sua posição! - me diz que a reputação de uma menina sempre se melindra, quando o seu nome se acha ligado a uma disputa de rapazes. Crês lealmente que, se tivesses tido um duelo com aquele curlandês, a fama dela ganharia muito com isso?

Degenthal calou-se, concordando no fundo com o amigo, mas, ferido pelo tom com que Dahnow pronunciara algumas das precedentes palavras, retorquiu com certa aspereza:

__ Por que acentuaste seja qual for a sua posição?

__ Porque me parece que a situação de seu pai não é lá das que mais a preservem de desrespeitos!

__ E o que tem ela com a situação do pai? __ Replicou Degenthal com impaciência. __ Desde criança que a tem conservado apartada do circo; sua mãe era pessoa de finíssima

educação, um exterior e maneiras de fidalga. Minha mãe assistiu-a nos últimos instantes. Datam daí as nossas relações; os Carsten são perfeitamente respeitáveis, asseguro-te, e o diretor é bastante rico para fazer à filha uma situação independente e invejável, até.

__ Independente, é certo, mas invejável, duvido ... Em todo caso estás firmemente decidido a ir vê-la amanhã?

__ Sem dúvida! __ Replicou Degenthal com decisão. Nada mais natural. Minha mãe há de regozijar-se de ter notícias da pequena Nora, pela qual tanto interesse tomava.

Dahnow não pareceu muito convencido do regozijo da condessa, e, dirigindo-se ao amigo, nesse tom de ironia que lhe era familiar, aconselhou, sorrindo:

__ De todos os modos, Curt, se eu tivesse como tu, o hábito de me aconselhar com a mamã, não perdia esta ocasião.

* * * * *



Vós sabeis como éramos felizes,
Tão felizes e a um tempo tão puros.
Puros como se é puro com dezoito anos,
Foi no belo mês de maio.

NÃO muito longe de Bonn, num recanto sombrio, à margem desse Reno tão fértil em legendas românticas, uma vila de construção moderna e elegante, elevava entre as árvores, a sua fachada de tijolos brancos e vermelhos. Um vasto jardim,

caprichosamente arranjado, a cercava, e, galgando as colunas de pedra da varanda, um verdadeiro manto de trepadeiras bravas engrinaldava pitorescamente as janelas da frente.

Destacava-se esta vila do meio das outras residências de verão, habitações de luxo, espalhadas ao longo da estrada larga que bordeja o rio, pela sua cor, pelo ar de luxo que a caracterizava. Era ali, nesse sítio aprazível, rodeadas de todas as comodidades do mais apurado, do mais inteligente conforto, que Alfredo Carsten instalara a mulher e a filha, para ali gozarem, no retiro um tanto artificial dessa casa isolada, as delícias de um verão no campo.

O retiro era realmente dos mais artificiais, pois a estrada que conduz a Bonn apresenta sempre o mais animado dos aspectos. Em passeio a cavalo, de carro, ou mais singelamente a pé, os “turistas” apressados ou apreciadores contemplativos da natureza, todos escolhem a estrada para o passeio predileto e Nora via diariamente desfilar sob suas janelas floridas, todo o mundo elegante de Bonn, cuja vida mundana a proximidade do campo lhe permitia seguir.

Da sacada do seu quarto, como de qualquer ponto da casa ou mesmo do jardim, a casa era admirável; e a paisagem suave que servia de engaste ao velho Reno caudaloso, enlevava a alma, a menos poética, pela harmonia majestosa de suas linhas, pela grandeza luminosa de seu horizonte, limitado ao longo pela serra, semelhante a um baluarte de ardósia azulada. Nora amava essas montanhas distantes, amava essa paisagem serena como o deslizar das grandes águas do Reno e na novidade dessa vida de luxo, no meio dessa riqueza com que tão facilmente se familiarizara, sentia-se feliz como jamais supusera poder sentir-se. Alfredo Carsten

rodeava a filha de todo o conforto de que a sua grande fortuna lhe permitia dispor, contentava-lhe os mínimos caprichos, e diariamente punha em prática a sua velha máxima: “O dinheiro foi feito para se gastar”.

Quase todos os que fazem fortuna unicamente por seu próprio esforço e a seu trabalho devem as vitórias contra o destino adverso, adotam inconscientemente este sistema e não recuam diante de nenhuma despesa.

São pródigos sem moderação, quase sem compostura; querem gozar ostensivamente aquilo que tantos labores lhes custou; não tem, não podem ter o comedimento desses cuja fortuna, herdada de pai a filho, os habituou desde o berço ao necessário. De mais a mais a riqueza adquirida necessita de aparato, de pompa, para se impor aos outros; precisa conquistar pelo espalhafato o respeito e a consideração da sociedade, enquanto a riqueza herdada, de sólidas bases desde sempre estabelecidas, não necessita dessas exterioridades.

Quanto mais duvidosa é a fonte de onde provém a fortuna e incerta a posição social do indivíduo, tanto maior é o aparato de que se cerca para angariar a estima geral, e Carsten, cuja fortuna não tinha felizmente uma origem duvidosa, mas cujas vicissitudes o haviam tornado mais apto a gozar das vantagens que lhe proporcionava a riqueza, procedia insensivelmente como o comum dos enriquecidos, e o luxo de sua casa tinha esse cunho de vistas, um pouco yankee, que o assinalava nas rodas chiques de Bonn.

Nada lhe parecia suficientemente belo e rico para a filha ou a mulher, e Nora, sentada nessa manhã à escrivaninha do seu “*boudoir*”, uma verdadeira joia de luxo e de bom gosto, repassava

na mente distraída as bondades sempre renovadas desse pai extremoso. O “*boudoir*”, todo branco e ouro, dava portas para a varanda; uma profusão de flores raras, a ligeira desordem das revistas sobre a mesa, um trabalho feminino abandonado sobre o canapé, o esboço de um desenho a um canto e principalmente a atitude pensativa de Nora junto à escrivaninha, tudo contribuía para dar a esse aposento o ar íntimo dos lugares onde se costuma viver e sonhar.

Era ali, com efeito, no meio das flores e de seus livros, que a menina passava as melhores horas, as preferidas, por certo, de sua existência sem cuidados. A tendência para os longos devaneios, que herdara da mãe, prendia-a àquele canto perfumado e solitário, horas a fio, absorta na contemplação da paisagem, ou dedilhando em surdina, no piano que lhe dera a madrasta, vagas melodias sentimentais.

Quando o calor do sol se tornava demasiado intenso, costumava Nora abaixar os estores de seda branca das janelas, mas nessa gloriosa manhã de maio, toda vibrante de movimento e de vida, não se sentia com coragem de interceptar o brilho louro da luz e pelas janelas largamente abertas a claridade entrava a flux, inundando o pequeno “*boudoir*” luxuoso, onde a silhueta esbelta da jovem se destacava como uma grande flor no meio de outras flores. Nora cismava. Um sorriso indeciso lhe entreabria a boca rosada, e esse sorriso era como que um remoque às apreensões que, ainda não havia seis meses, nutria acerca de sua vida em casa do pai.

Como fora criança em se afligir sem razão. E como tudo se tornara fácil, risonho, bonito... A madrasta, mesmo, essa madrasta

que se lhe afigurava de longe uma inimiga e uma intrusa, com que cordialidade, com que simpatia a acolhera!

A Nora, julgando encontrar nela uma intrigante, depara-se com uma inocente criatura, bondosa, frívola, artificial, ingenuamente orgulhosa de ter sido elevada pelo seu casamento ao posto de diretora da companhia.

Tinha o cuidado excessivo com a sua elegante pessoa e um verdadeiro culto pela sua beleza de ruiva que tanto sucesso fizera outrora nos espetáculos do circo. Carsten fora sincero quando afirmara à filha ter contraído segundas núpcias, somente no intuito de criar-lhe um lar e dar-lhe uma companhia agradável, desde que a sua vida ocupadíssima não lhe deixava, a ele, o tempo para o fazer.

Emilia Laner, com a estreiteza do seu espírito pouco cultivado, a frivolidade quase pueril de suas maneiras, as lacunas de uma educação mais que incompleta, não era mulher que pudesse ter seduzido ao homem que tão sinceramente havia amado o ente de exceção que fora Helena Carsten. Alfredo compreendera que não lhe seria possível, com a celebridade de seu nome e a idade que lhe começava a pesar, encontrar mulher em outra roda que não fosse a de artistas e dançarinas de circo.

Escolhera Emília não só pela graça incontestável de seu físico, dote este ao qual não lhe era possível ser insensível, mas ainda mais pela reputação de honestidade de que gozava entre os companheiros, coisa raríssima no seu meio corrompido e sem escrúpulos. Influenciara-o também a admiração fervorosa que por ele transparecia nos belos olhos claros da dançarina, e como sentisse a urgente necessidade de um lar onde tivesse pelo menos

a ilusão da família, desposara Emília Laner muito por cálculo e um pouco por gosto pela picante formosura de alemã americanizada.

Emília, a quem não faltava certa esperteza, compreendeu logo que o único meio de tornar bem seu o caprichoso marido, que jamais sonhara conquistar, era acolher com carinho essa filha sempre tão idolatradamente querida. Recebeu Missa Nora com uma efusão, uma naturalidade, uma afetuosa intimidade que imediatamente dissipara o desrespeito e a prevenção da menina e lhe asseguraram para sempre a gratidão de Alfredo Carsten.

Ajudada pela sua natural bondade e pelo arraigado horror que tinha de se incomodar, cedeu sem grande relutância e até com certo alívio o governo da casa à direção de Nora. A jovem herdara do pai o tino administrador e a energia de ação; a despeito de sua grande inexperiência, em pouco tempo estava senhora da situação. Sua instrução, seus modos de uma irrepreensível distinção, a decisão de seu caráter, impunham respeito à natureza indolente de Emília, que admirava ingenuamente a enteada, como admirava o marido; e como Nora lhe retribuísse essa admiração pela mais franca das amizades, as relações entre ambas eram as mais cordiais.

Emília, desistindo de toda veleidade maternal, tomara para com Nora uma atitude de irmã mais velha, de camarada mais experiente, não consentindo que ela lhe chamasse “mãe” ou “senhora”, dizendo que esse tratamento a envelheceria por demais aos olhos da sociedade. Era “Emília” simplesmente, a amiga com a qual se pode rir e brincar e Nora sentia-se à vontade na companhia dessa madrasta, tão pouco madrasta, cujo espírito juvenil a tornava mais verdadeira companheira e amiga.

Durante os seis meses que precederam a sua instalação na vila, os Carsten haviam levado uma vida de viagens, errantes de cidade em cidade, conforme o lucro das representações e o êxito dos espetáculos. Nora, cuja a opulência dos hotéis em que se hospedavam e o luxo de seus pais, a princípio, ofuscara, só agora começava a tomar pé na sua nova existência. O contínuo bulício em que viviam dava-lhe a ilusão de pertencer a uma elevada posição social, sendo muito criança ainda para perceber que a sociedade que frequentava sua casa era quase exclusivamente masculina.

Pela primeira vez agora, nessa vila florida, se sentia instalada com um pouco mais de fixidez, e a perspectiva dos longos passeios a cavalo, dos serões alegres junto a esse pai sempre tão amado e afinal tão pouco conhecido, enchia-lhe a alma de serena alegria. Estava naquela quadra feliz em que os desejos latentes ainda não se definiram, contentando-se o coração com o que lhe traz cada dia. Tudo era novidade, tudo divertimento.

Nora sentia-se no ar, vivia numa espécie de embriaguez deliciosa e mesmo os seus cuidados de dona de casa, que faziam sorrir a mundana Emília, eram para ela uma fonte de diversões. Carsten satisfazia-lhe todos os caprichos; apenas tivera que riscar de seu programa de vida em família os serões com música e leitura em companhia do pai. Alfredo nunca estava em casa; passava às vezes alguns dias ausente, dando espetáculos nas cidades circunvizinhas; voltava por algumas horas, tendo que partir de noite para Bonn, onde trabalhava cotidianamente a companhia.

Nora tinha, pois, inteira liberdade. Ainda não frequentava a sociedade por julgá-la o pai muito jovem para isto, consistindo o seu

maior prazer nos longos passeios a cavalo, que fazia muito cedo, pela manhã, com Alfredo, Emília ou mesmo só.

Oh! esses passeios! ... Quando Nora recebera do pai um lindo animal que fizera a admiração de Dahnow na chuvosa manhã do encontro, pensara enlouquecer de alegria!

Segundo o costume invariável, desde a saída do convento, escrevia continuamente a Madre Sibila, comunicando-lhe as suas impressões. Essas impressões eram naturalmente entusiastas, e ao ler a frase final da Superiora em resposta às suas exaltadas expansões, os olhos se lhe encheram de lágrimas. Pela primeira vez achara sua velha amiga retrógrada e estreita nas suas concepções.

Dizia a boa freira: “Não seria melhor, minha dileta filha, que em atenção as circunstâncias te abstivesses por completo desse exercício?”...

Nora, num gesto de enfado, atirara a carta para um canto.

Que ideia a de Madre Sibila! ... Reprovar um exercício que sempre fora a grande aspiração de sua vida! que intolerância! ... Madre Sibila não sabia, não podia saber o que havia de excitante, de delicioso, num galope desenfreado pelo campo afora, ao ar puro da manhã!

Madre Sibila não compreendia, não podia compreender os encantos da equitação! Nunca tinha montado, nunca tinha possuído esse cavalo excepcional, esse cavalo maravilha, que parecia ter asas nas patas nervosas.

Pela primeira vez a menina teve um assomo de revolta ante um conselho de sua velha amiga; era digna filha de seu pai nessa paixão desordenada pela equitação; não consentia que ninguém lho censurasse. E como lá no íntimo qualquer coisa lhe dizia que Madre

Sibila talvez tivesse razão, achou logo, como toda pessoa que defende qualquer coisa de ardentemente amado, um pretexto para desculpar-se.

“É o único prazer que me aproxima de meu pai”, escreveu à Superiora, e, diante desta afirmativa tão habilmente achada, Madre Sibila não insistiu nos seus prudentes conselhos.

Nora julgou-se vencedora; ah! se ela tivesse ouvido o profundo suspiro que a sua frase arrancara a Madre Sibila! ... Na verdade, os passeios a cavalo eram o único passatempo que a aproximava do pai, sempre tão separado de casa e da família. Durante as horas em que a seu lado percorria os arredores de Bonn, falava-lhe, indagava de sua vida, expunha-lhe os seus projetos, ouvia os seus conselhos, tinha-o, enfim, um pouco só para ela, era forçado a repartir a atenção e as palavras entre ela e Emília. Carsten, também por seu lado adorava essas longas carreiras matinais. Comprazia-se na graça, na coragem, na beleza da filha; admirava, como artista, a linha de impecável elegância que formava com a sua montaria, a destreza com que transpunha os obstáculos, o clarão de selvagem paixão que lhe chispava nos olhos quando excitava o animal ao galope.

Seu orgulho de pai desvanecia-se se alguém lhe elogiava o garbo inconsciente e a juvenil formosura; quando um transeunte se voltava para a ver passar, erguia instintivamente a cabeça como a dizer: “É minha filha, admirem-na!”. Era ainda um pouco a si mesmo e a sua arte que ele admirava em Nora; não tinha, porém, consciência disso, e um pesar da promessa feita à morta o assustava às vezes, quando, por alguma proeza equestre, Nora merecia mais o elogio.

A menina, entretanto, não suspeitava desse pesar, deixava-o viver dia a dia, numa embaladora inconsciência de tudo e de todos, ébria de mocidade, parecendo-lhe ter alcançado o máximo de seus desejos, numa alegria que a fazia sorrir de momento a momento, um sorriso de íntima satisfação que era como que um perene agradecimento à vida benfazeja. Este sorriso justamente lhe enflorava os lábios frescos, enquanto lembrava as suas passadas apreensões e a longa excursão que pela manhã fizera. O livro sério que abrira para
meditar jazia fechado sobre a escrivaninha; as ordens já estavam dadas para o arranjo da casa. Nora estava firmemente decidida a pensar em coisas graves, mas a alegria esparsa dessa esplêndida manhã de Maio, a aragem branda que brincava entre a folhagem tenra das plantas suspensas das janelas, tudo isso a distraía. De súbito, porém, um passo rápido subiu a escada da varanda, palmas sonoras ecoaram.

__ Posso entrar? __ Indagou de fora uma voz risonha.

Nora ergueu-se com presteza, um raio de alegria lhe brilhou nos olhos claros, e com mais presteza ainda lançou instintivamente ao espelho fronteiro um olhar indagador, corrigindo com a mão a rebeldia de um fio de cabelo que se desprendera do penteado.

__ Bem-vindo, conde! __ Respondeu com afabilidade, adiantando-se pressurosa para o visitante.

__ Então, sozinha, miss Nora? __ Perguntou este, apertando amigavelmente a mãozinha que lhe estendia. __ Mas não quero de maneira alguma arrancá-la a seu retiro predileto. __ Continuou com desembaraço, envolvendo a moça num olhar de cariciosa admiração. __ Não imagina como este “*boudoir*” florido e claro está

em harmonia com a sua pessoa! Não me disse que é aqui onde passa a maior parte de seu tempo?

__ Sim! __ Confessou Nora ingenuamente, tornando a sentar-se junto da escrivaninha e indicando com o gesto uma cadeira ao conde. __ Tenho a sensação de me sentir mais eu neste lugar. Conservo melhor, sinto-me mais no meu “*home*”, como dizem meus patrícios americanos. Fiquemos; é aqui onde prefiro conversar com o senhor.

Degenthal sorriu e, depositando sobre a mesa o chapéu, bengala e luvas, aproximou de Nora a cadeira indicada, com uma sem-cerimônia de movimentos que bem claramente denunciava a frequência habitual dessas visitas.

__ Pode-se ver o que estava a ler? __ Prosseguiu, sentando-se e puxando a si o livro “sério”.

Nora acedeu com um sorriso.

__ Senhor! Que grave assunto! __ Exclamou Curt com um exagero de admiração. __ Não esperava achá-la entregue a tão profundas leituras, miss Nora....

__ Pois não é necessário em tudo um contrapeso? __ Replicou a jovem, levantando para ele seus grandes olhos confiantes, com uma tênue melancolia na voz. __ Na frivolidade das coisas que me cercam é necessário haver uma pequena dose de variedade; fui procurá-la nesse livro e... talvez a encontre no senhor. __ Concluiu com malícia, sorrindo-lhe mais com os olhos do que com os lábios.

Curt correspondeu ao sorriso; achava-a linda na intimidade dessa atitude abandonada, com a fronte apoiada à mão como se vergasse ao peso da negra e luxuriante cabeleira, tão esbelta na simplicidade elegante daquele vestido de batista de um rosa

desmaiado, todo aberto de valencianas custosas, tão deliciosamente singela no meio desse luxo principesco!

__ Não é meu forte a seriedade! __ Retorquiu com fingida vergonha, desviando o olhar do formoso semblante de sua interlocutora, num receio pueril que ela, nele, pudesse ler a admiração que lhe inspirava. __ Sou uma ventoinha. Vivo a perder tempo, numa despreocupação total do que é sério. Se não tivesse certeza de que isto terminará com a vida de estudante, chegaria a sentir remorsos. Já se vê que o seu livro está muito mais apto a sugerir-lhe seriedade, miss Nora, do que seu humilde criado. Mas não tratemos de coisas sérias; seria uma heresia para esta bela manhã de Maio... Sabe que lhe trouxe hoje? ... Ouvindo-a outro dia queixar-se da falta de livros, tomei a liberdade de trazer-lhe este.

E, tirando do bolso um livro de capa encarnada, mostrou-o de longe a Nora, como para fazer-lhe vontade.

__ Oh! Que boa ideia! __ Exclamou ela com espontaneidade, estendendo as mãos para o livro, num gesto de criança. __ Só tenho agora livros de colégio, e, francamente, começava a achá-los meio monótonos. __ Madre Sibila recomendou-me tanto cuidado com as leituras que não me atrevia a guiar-me por minha própria cabeça, e como não tinha ninguém para consultar... Mas este posso eu ler, não? __ Acrescentou com candura, tomando-o das mãos do conde.

Degenthal não se lembrou nem de rir, nem de se ofender da ingenuidade da pergunta; um sentimento muito doce, misto de respeito, de piedade e de satisfação, o invadiu, e foi com desusada gravidade que, fitando comovidamente os grandes olhos puros de Nora, respondeu:

__ Minha mãe mesmo não hesitaria em aconselhar-me esse livro, miss Nora; é uma seleta dos nossos melhores poetas. Gosta de versos, não? ... Pois deixe-me ler-lhe estes, talvez não conheça, e será isso bastante para dispensá-la de agradar-me. __ Tirando familiarmente o volume das mãos da menina, Curt abriu-o, e, parando numa página previamente marcada, pôs-se a ler a meia voz.

Era uma poesia delicada, de um sentimentalismo repassado de melancolia que a voz quente do mancebo acentuava; e Nora, embevecida, esquecia-se na contemplação desse belo rosto expressivo, animado agora por uma expressão de entusiasmo poético, que o transfigurava. Degenthal lia bem; a atenção religiosa com que se sentia ouvido excitava-o e, sob a influência da música dos versos, da manhã gloriosa e tépida, do “tête-à-tête” com essa amiga de infância, cujos olhos de safira lhe sorriam sob a franja negra dos cílios, uma grande emoção o ia pouco a pouco avassalando. Quando acabou, a voz tremia-lhe, e foi quase com receio que interrogativamente levantou os olhos para a companheira.

Nora não respondeu logo; a emoção de Curt repercutira-se nela intensamente; seus olhos azuis, que a menor perturbação escurecia, tinham um brilho úmido, seu peito arfava, e o sorriso aberto de há pouco transformara-se num vago sorrir, cheio de sonho, que lhe idealizava a graciosa fisionomia.

__ Lindos versos ! __ Murmurou afinal, aprumando a cabecinha altiva, que duas grossas tranças coroavam como um diadema de azeviche. __ Não os conhecia, e com que expressão os leu, conde!

__ Conde... __ Repetiu amuadamente Degenthal. __ Por que se obstina a dar a seu amigo de infância esse título, que põe entre nós todas as barreiras da cerimônia?

__ Porque... porque... Primeiramente porque esse título lhe compete, e em seguida porque foi o primeiro a chamar-me de "miss Nora".

__ É verdade! __ Confessou ele tristemente, vendo-a assim tão diferente do diabrete de Genebra. __ Tive receio de ofendê-la com um tratamento por demais familiar. Vou, porém, ser o primeiro também a suprimir o "miss" não me quer imitar, Nora?

A menina não pode deixar de rir ante o ar suplicante com que a fitava.

__ Dir-lhe-ei "Curt" quantas vezes quiser! __ Declarou com jovialidade. __ Contanto que me torne a ler estes versos. __ E como o rapaz hesitasse, indeciso entre a leitura e a conversa, pousou-lhe como outrora a mão no ombro, dizendo entre imperiosa e meiga:

__ Vamos, Curt, não desobedeça à pequena Nora.

E o conde, subjugado, encantado, feliz, recomeçou, e com entusiasmo, a leitura desses velhos versos sentimentais, que para ambos, naquele instante, tinham o encanto indefinível de uma radiosa novidade...

É assim o primeiro amor. Todo feito de enleios e de respeitos, o seu calor não queima e não perturba, toma-nos a alma quase insensivelmente, envolve-nos numa cadeia de sonhos, e é tão poderoso e tão suave o seu domínio, que nenhum outro amor, por mais violento, por mais profundo que seja, nos consegue apagar do coração a sua imperecível lembrança.

Havia já várias semanas que Degenthal frequentava a casa dos Carsten e tão instintivamente o fazia que não tinha consciência do muito tempo que lá passava. Nora, sem o saber, atraía-o como um imã. Na primeira visita que fizera à vila, Dahnow havia-o acompanhado e, talvez pela presença desse desconhecido, a menina, não obstante sua visível emoção, mostrara-se constrangida e quase silenciosa. A Curt, a quem a emoção também dominava, esse constrangimento e esse silêncio haviam naturalmente escapado, mas o tranquilo barão, ao qual nenhuma recordação de infância perturbava, observara a atitude retraída da moça, fazendo dela reparo mais tarde ao amigo.

__ Não passa de uma colegial bonitinha! __ Declarou com certa decepção. __ Com aquele penteado de adolescente, e a tendência infantil a baixar virginalmente os olhos, é tudo quanto pode haver de menos perigoso. E eu que a julgava uma sereia! ... Pobre heroína; está se banalizando, não há dúvida! Nem sequer nos pode vir a tentação de libertá-la do jugo de uma madrasta tirânica, pois esta espevitada senhora de cabelos cor de fogo é a personificação da nulidade. Qual, meu velho, o planeta está ficando inabitável! Não há mais originalidade, não há mais romantismo, não há mais interesse! A civilização tudo uniformizou. Nem na família de um diretor de circo que, segundo todas as probabilidades, devia ter qualquer coisa fora do comum, se encontra novidade. Meninas bonitas e bem educadas temo-las as dúzias, meu Deus! Como esses conventos apagam a personalidade!

Degenthal nada replicou, pode-se mesmo afirmar que nada ouviu; estava mergulhado na mais complicada e ao mesmo tempo na mais simples das cismas: pensava em Nora.

Poucos dias depois dessa visita partia o barão para suas terras, onde devia regularizar alguns negócios de família, deixando Curt inteiramente livre para se entregar ao sentimento que pouco a pouco lhe absorvia o tempo - e sem que ele o percebesse! - as ocupações e o coração. O que Degenthal fora procurar ao visitar a família do diretor do circo, não havia sido a sensação rara de conhecer tipos mais ou menos interessantes, não procurara coisa alguma a não ser satisfazer a curiosidade de rever essa jovem que tão encantadora conhecera em criança. Não lhe causara decepção nenhuma, pelo contrário. A timidez emocionante com que o recebera, a reserva de seu olhar e de suas maneiras, a distinção de seu todo, agradara sobremaneira ao aristocrata convencido que ele era. Outro mais pervertido ou mais amante do inédito e do povo vulgar teria deplorado a perda daquela espontaneidade graciosa que fora o característico da criança de outrora e que a educação severamente refreara. Teria tido saudades talvez daquela liberdade de opiniões e de movimentos que a tornavam tão amável, tão diversa desse tipo batido de menina bem educada que pulula em toda a parte do globo.

Mas Curt fora nascido e criado numa atmosfera de preconceitos e de ideias feitas, o seu ideal de donzela moldara-se insensivelmente ao ideal que havia sido e que era ainda o de seus antepassados e o de sua raça: o bom tom. Tinha uma aversão inata, conquanto não confessada, a toda e qualquer originalidade da mulher. Por isso, encontrando em Nora, além de beleza e das perturbadoras recordações do passado, essa linha de sobranceria e de distinção que a faziam de seu mundo, esse esmero de educação

que a igualavam a qualquer aristocratazinha de seu meio, Degenthal entusiasmava-se, ao inverso de Dahnow.

Por outro lado, a espécie de tutela moral de que se julgava obrigado para com a filha de Helena Carsten - tutela de que lhe parecia ter sido investida pela morta na hora suprema de suas despedidas ao marido e à filha - predispunha-o a achar em Nora um conjunto de perfeições até então nunca encontrado. A liberdade americana, que permitia a Nora receber um rapaz à hora e ao tempo que lhe aprouvesse, ainda mais contribuiu para fazer dele, em pouco tempo, um íntimo da casa. Na sua vida de estudante poucas vezes tinha ele ensejo de frequentar casas de família; vivia ocupado não só pelos estudos como pelas brincadeiras de seus colegas e, mesmo quando as frequentasse, não lhe seria possível fazê-lo com essa assiduidade que só motivavam os direitos que lhe valia o episódio de Genebra. Oh! Esse episódio... Quantas vezes o evocara outrora nas suas cenas de adolescente, quantas vezes o tornara a evocar com Nora, só pelo prazer de ver sorrir afetuosamente entre os cílios escuros, os lindos olhos azuis de sua amiga de infância!

Ninguém em casa dos Carsten achava o que censurar nessa intimidade dos dois jovens; o diretor, habituado aos independentes costumes da América, considerava-a a coisa mais natural deste mundo, e d. Emília desvanecia-se toda de satisfação ao ver sua casa frequentada por um titular autêntico, cujas relações lhe davam a ilusão de ter realmente conquistado um lugar saliente na sociedade. Tentara, a princípio, imiscuir-se nas longas conversações do rapaz com a enteada, por um hábito antigo de mulher bonita, acostumada as homenagens de todos que dela se aproximavam; procurara mesmo distrair para seu lado as atenções do jovem,

esboçando com ele um flirt sem consequências, mas bem depressa compreendeu a impossibilidade desses galanteios, visto a índole grave de Degenthal e a sua evidente admiração por Nora. Renunciara, pois, sem grande esforço, aos preitos desse recalcitrante admirador, dispensando-se muita vez de lhe aparecer e deixando-lhe assim plena liberdade no tocante às suas relações com a enteada.

A verdade é que a conversação do conde era demasiado elevada para o espírito frívolo de d. Emília; aborrecia-se francamente na companhia dele e suspirava de alívio quando Nora por uma réplica mais pronta ou mais fina a dispensava de responder. Nada menos frívolo, na realidade, do que as conversações dos dois jovens. As ideias de Curt, severamente educado pela mais formalista das mães, eram as mesmas que haviam incutido em Nora os seus dez anos de convento; existia em ambos uma inegável conformidade de ideias e aspirações e a mesma grave maneira de considerar as coisas da vida, a idêntica propensão a sentir profundamente e exaltar-se facilmente.

A moça, além de ver em Curt um companheiro divertido e assíduo, um quase irmão, com o qual as suas expansões nada teriam de indiscreto, admirava nele a falta absoluta de respeito humano, o que o fazia confessar publicamente, perante a estudantada céptica e zombeteira, a sua fé na religião de seus pais. Para Nora, cuja piedade a regra do convento avigorava, fazendo-lhe considerar a religião como a base primordial de toda a existência e o alicerce indispensável de toda alma; para Nora, cuja madrasta pertencia a uma seita protestante e cujo pai há muito esquecera os sentimentos de crença que Helena outrora nele tentara despertar,

era esse predicado uma das mais belas qualidades do seu amigo de infância. No íntimo acariciava, a menina, a ideia de - à força de orações e bons exemplos - conquistar à prática do catolicismo a alma extraviada do pai.

Essa reconquista, porém, anunciava-se muito difícil e muito lenta, e Nora achava um verdadeiro consolo em saber que Curt aprovava suas ideias religiosas, concordava com elas, e jamais teria para exprobrá-las uma frase ou um sorriso de motejo. Agradava-lhe sobremaneira o respeito com que se referia sempre as coisas sagradas e, no seu coração ingênuo, Curt começava a tomar proporções de herói - e de herói católico! - o que para uma discípula de Madre Sibila era ainda mais perigoso. Curt, por seu lado, deixava-se levar pela doçura das sensações presentes; resolvera não se preocupar com o futuro, e conseguira persuadir-se que a Providência o tinha colocado propositadamente no caminho de Nora, para servir-lhe de guia, de apoio, de proteção.

Escrevera à mãe, narrando-lhe com inconsciente entusiasmo o seu reencontro com a filha de Helena Carsten, mas como a condessa em sua resposta apenas tocara nisto, tratando desse acontecimento, capital para ele, com a mais fria das indiferenças, Curt, intimamente despeitado, jamais lhe tornara a falar na vila e nos seus habitantes. No entanto, a vila constituía agora o encanto e a razão de sua existência. Suas visitas tornaram-se diárias e era forçoso confessar que cada vez se faziam mais agradáveis as reuniões dos Carsten, como diziam em Bonn. Com a permanência num lugar fixo, multiplicaram-se as relações do diretor; Alfredo gostava de sociedade e d. Emília comprazia-se em rodear-se sempre de um círculo admirativo de adoradores, onde as suas

toilettes pudessem brilhar. Nora, por uma tácita combinação de todos, nunca assistia a uma festa em que não se achasse Curt; não frequentava grandes bailes, nem teatros, mas ia a concertos de caridade, exposições de pintura, pequenos saraus, divertimentos esses quase sempre lembrados pelo próprio Degenthal.

Uma vez, convidando-a d. Emília a assistir à representação de uma ópera em voga, estava prestes a aceder, quando um severo olhar do seu "tutor", como ela o apelidara por brincadeira, lhe veio advertir que o não devia fazer. A jovem desistiu imediatamente, com grande pasmo da madrasta, que não podia compreender que se preferisse a leitura de uns versos insípidos à exibição de um vestido elegante em um dos mais frequentados "*music-hall*" de Bonn.

Nora, porém, compreendeu o cuidado do amigo e cada vez mais se fortaleceu a confiança reconhecida que nele depositava. Assim se passavam as semanas e Maio finalizava, quando d. Emília resolveu dar um piquenique nas cercanias do velho castelo de Rolandseck, onde existiam, segundo ela, umas lindas ruinas apropriadas como nenhum outro sítio para uma excursão dessa ordem.

A ideia foi aceita por unanimidade de votos, e, feitos os convites, a caravana partiu alegremente à tardinha pelo caminho pitoresco que leva ao vetusto castelo.

A originalidade do piquenique consistia justamente nisto: a partida à tarde para poderem voltar com o luar.

D. Emília estava multo animada; cercava-a um luzidio esquadrão de jovens excursionistas, todos admiradores fervorosos de seus cabelos de chama e de seus dentes de pérola. Distribuía a torto e a direita ditinhos e risadas, e a satisfação de se ver muito

elegante, na graça provocante de um vestido de *foulard* azul-pavão, sob o negro de um atrevido chapéu que fazia sobressair deliciosamente a nuança ardente de seus cabelos de ruiva, dava-lhe um brio, um donaire, uma expansão que, se não eram muito de bom tom, tinham ao menos a vantagem de angariar-lhe um verdadeiro rosário de elogios da parte de seus entusiastas companheiros.

Nora ia na frente com Curt. Apressava instintivamente o passo, não só para fugir à estrepitosa alegria da madrasta, como também para se isolar em companhia do amigo predileto na contemplação da paisagem linda que se desenrolava aos seus olhos. Iam ambos tão embebidos numa tão íntima conversa que só se aperceberam da grande dianteira que haviam tomado, quando se viram, de súbito, sozinhos no cimo da colina agreste, onde jazem os últimos restos do antigo castelo de Rolandseck.

O lugar é de uma inexprimível beleza. Sobre a erva rasteira que cobre a colina, espalham-se as ruínas dispersas aqui e acolá, numa desordem pitoresca, e do meio delas, único vestígio intacto do passado, surge inesperado, no desmoronamento melancólico que o cerca, um arco esguio e firme, todo debruado de erva brava
pelos anos que passaram. Nora deixou-se cair sobre o destroço de um antigo muro. A seus pés, lá em baixo, o Reno rolava, impetuosamente, a opaca torrente de suas águas, que fervilhavam e espumavam ao redor de duas ilhas verdes. Numa delas, um campanário esbelto dominava a folhagem, espiritualizando a solidão, e ao longo, à luz fraca do sol que morria, as cidades e aldeias estendiam seu casario branco ao longo do rio caudaloso, que vira outrora erguer-se sobranceiro o velho castelo arruinado.

Uma suave melancolia envolvia o ambiente; as montanhas no fundo do horizonte perdiam-se na bruma roxa do crepúsculo, e Nora, tomada pela beleza divina da hora e das coisas, quedava-se sem palavras, os olhos fitos no campanário claro da ilha distante. Curt, este não se absorvia na contemplação da paisagem. Seus olhos
fixavam com admiração e um pouco de surpresa o belo semblante distraído de sua jovem companheira, achando-a linda como sempre, mas de uma beleza mais grave, muito diversa da graça costumeira de todos os dias.

Nora estava toda de branco, a saia curta, de linho branco, punha-lhe a descoberto os pequenos pés calçados de branco, e a blusa sem gola, de linho branco também, que um grande cabeção de renda irlandesa completava, deixava ver o alvo do pescoço torneado. Uma gravata branca de seda mole caía-lhe sobre o peito num laço de menino, uma pérola prendia-a ao meio, e assim, na singeleza quase infantil desse traje de colegial, com as tranças negras do cabelo, meio escondidas pelas largas abas do chapéu de palha de Itália, engrinaldada por uma coroa de flores do campo e espigas de trigo, parecia a Curt tão franzina, tão criança... ah! Tão criança, para compreender a íntima emoção que lhe ia pouco a pouco enchendo e dominando o coração! ... Entretanto, fitando seu delicado perfil, que se idealizava na sombra do grande chapéu, afigurava-se-lhe, de súbito, que uma nova e mais profunda expressão agora o transformava.

Os olhos claros tinham um brilho estranho, pensativo; e, nessa atitude de cisma, seu rosto de criança ia aos poucos perdendo o que nele ainda havia de infantil. Não era mais a pequena Nora de

outrora, não era mais a colegial acanhada que fizera desdenhosamente sorrir o barão Dahnow; era a mulher encantadoramente jovem que ali se achava a seu lado, um pouco misteriosa, como todas elas, no enigma daquela muda contemplação. Curt queria falar, romper de qualquer maneira o enleio que, mau grado seu, o perturbava, mas não achava nada que lhe fornecesse ensejo para romper o silêncio que se ia fazendo embaraçoso, quando de repente duas lentas lágrimas se desprenderam dos olhos da donzela, rolando-lhe tristemente pela face.

__ Nora! __ Exclamou o rapaz, profundamente emocionado por essa mágoa, cuja causa ignorava, travando-lhe arrebatadamente das mãos. __ O que tem, Nora? Pelo amor de Deus, diga-me o que tem?!

A moça voltou para ele o seu fino rosto melancólico e, com as pálpebras ainda úmidas, mas sorrindo já, respondeu com voz sumida:

__ O que tenho, Curt? ... Vê o campanário daquele convento, lá em baixo na ilha verde? ... Não imagina quanta recordação, quanta saudade em mim desperta! ... Que grande paz o envolve e de que serenidade se reveste a paisagem em torno dele! ... Dá-me vontade de fugir para lá. Não lhe parece belo? __ Continuou, como se falasse a si mesma, fitando novamente com uma estranha expressão, a torre esbelta do convento. __ Entregar-se a gente a Deus de corpo e alma para unicamente o servir e amar, sem dar entrada no coração a qualquer outro profano sentimento? Tenho uma amiga que professou quando eu ainda estava no colégio e outra que talvez o faça muito em breve... Como as invejo! Como

quisera com todas as energias de minha alma, todas as ternuras de meu coração, dar-me inteiramente a Deus, olvidar tudo o que não fosse o seu serviço e o seu amor. Nada pode haver de mais belo, de mais elevado, de mais desejável na terra! __ Concluiu com exaltada convicção.

__ Nem todos podem ter esse exclusivo amor de Deus. __ Replicou Degenthal, perplexo ante esse inesperado entusiasmo religioso.

__ Oh! Não há nada que se não possa com a graça de Deus! __ Atalhou ela, arrebatadoramente. __ Quem é capaz de resistir a sua voz? E quando ele nos pede o coração total e integralmente, quem pode lutar contra a sua vontade onipotente?

__ Mas, Nora... __ Interrompeu Curt, cada vez mais surpreendido, desconhecendo-a inteiramente naquela exaltação que a transfigurava. __ Nora, você não pensa?! Você não pretende?

__ Seria provavelmente a minha maior felicidade! __ Replicou ela com indescritível emoção, adivinhando-lhe o pensamento e fitando-o em cheio com os seus grandes olhos cândidos, que brilhavam de um extraordinário fulgor.

O conde não teve tempo de responder; nesse instante desembocava o resto dos excursionistas sobre a colina, interrompendo com alegres remoques o “*tête-à-tête*” dos dois jovens.

__ Não seria premeditada esta dianteira? __ Perguntou rindo Ludwig Tauber, um apaixonado de Nora, que não via com bons olhos a intimidade do colega com miss Carsten.

Nora ergueu-se com vivacidade, compondo, num gesto gracioso, a ligeira desordem do vestuário, e, dirigindo-se ao

encontro da madrasta, replicou com espírito ao motejo um tanto despeitado do jovem Ludwig.

Toda a seriedade, todo o misticismo haviam desaparecido, era outra vez a menina despreocupada e risonha a que todos estavam habituados. O grupo, que a longa caminhada fatigara, instalou-se a esmo, entre as ruínas, alguns sobre a relva e outros sobre as pedras desmoronadas das antigas muralhas.

Serviu-se o repasto que dois criados haviam trazido da vila; todos, à exceção de Curt Degenthal, lhe fizeram honra. Ao "*punch*" procederam aos brindes, e d. Emília, inspirada talvez pela sossegada beleza da tarde, ou talvez também pela admiração de seus companheiros, cantou com alma um velho "*Lied*" sentimental, que lhe valeu aplausos frenéticos do auditório.

Atraído pela bulha que faziam, um bando de meninas pobres, louras como o sol, veio oferecer-lhes pequenos ramalhetes de flores agrestes. Todos se enfeitaram e Ludwig Tauber, num galanteio amável, ofereceu a Nora um bouquet de miosótis, que a menina aceitou a rir, declarando considerar a oferta como uma reparação aos gracejos que lhe dirigira ao chegar as ruínas.

A maior alegria e a mais franca cordialidade reinavam entre os excursionistas; somente Curt, que as singulares palavras de Nora haviam fundamente impressionado, não conseguia tomar parte na animação geral. Um mundo de ideias contraditórias o absorvia, e a expressão com que Nora pronunciara a última frase daquele estranho colóquio penetrara-lhe até ao fundo da alma, acordando nele uma vaga tristeza, angustiosa e indefinida que, mau grado seu, o tornava silencioso.

__ Será possível? __ Indagou ele a si mesmo, seguindo com os olhos as evoluções graciosas de Nora a oferecer confeitos aos convivas. __ Será possível que seja o convento o ideal de suas aspirações? Significará isto uma resolução definitiva? Foi por saber então, já de antemão, garantido o futuro que se tornou tão confiante e aberta comigo? Mas por que não me teria falado nesse projeto há mais tempo? Qual! Impossível! ... Com essa alegria, essa graça, essa exuberância de vida, não é possível! ... Mas têm-se visto tantos exemplos de moças - as mais alegres! – professarem quando menos se espera. O que teria levado Nora a tomar essa resolução desesperada? Uma decepção? Algum atrito com a madrasta? A consciência de sua posição equívoca na sociedade? Uma vocação, meu Deus, não é possível!

Curt sentia um frêmito de revolta à ideia de ver sepultar-se para sempre atrás das sombrias grades de um convento aquela criatura cheia de graça e de mocidade, cujos olhos de luz resplandeciam de vida, e cujos lábios, tão adoravelmente, sabiam sorrir.

Conquanto em geral nutrisse um grande respeito pela vocação religiosa e soubesse perfeitamente que as “grades” não são na verdade tão sombrias quanto se pintam, e que o “sepultar-se” nesses casos, nada tem de tenebroso e cruel, em se tratando de Nora tudo mudava, os conventos eram cárceres e a vida de freira um suicídio moral.

__ Foi afinal aquela absurda educação do convento! __ Resumiu com impaciência, à guisa de conclusão, quando já noite feita, se levantaram para partir. __ E eu afinal nada tenho a ver com isso!

Mas, não obstante esta justa reflexão, as conjeturas acerca da vocação de Nora ainda lhe atormentavam a mente, quando, momentos após, sentado em frente dela no bote que os reconduzia à vila, procurava decifrar o enigma de seus pensamentos, interrogando-lhe em vão a expressão da linda fronte pensativa.

Fizera-se noite; os ruídos da cidade chegavam amortecidos até junto deles; a lua enchia o espaço de sua pálida luz, e as ondas majestosas do Reno franjavam-se de prata sobre a passagem rápida dos botes; Nora tirara o chapéu e, colocando-o a seu lado sobre o banquinho, cruzara as mãos sobre os joelhos; para se proteger, no entanto, do orvalho noturno, envolvera a cabecinha morena numa branca "*echarpe*" de crepe da China, que lhe aprisionava por completo a espessa cabeleira. Ergueu pensativamente para o azul os grandes olhos límpidos e, ao luar que tornava de neve seu puro e grave perfil, tão formosa, tão cândida, tão imaterial e tão distante das coisas impuras da terra estava, que o coração de Curt se confrangeu de assustado receio. Pareceu-lhe vê-la freira votada a Deus, perdida para sempre!

__ Nora! __ Murmurou numa súplica, inclinando-se irrefletidamente para ela. __ Não se faça freira, pelo amor de Deus, não se faça freira...

Ela, surpreendida, baixou para ele seus olhos, leu-lhe no semblante expressivo a ansiedade que o torturava, teve desejo de consolar com uma palavra de animação; mas qual é a moça que não tem no coração um pequeno desejo de atormentar, um bocadinho, aqueles que sabe rendidos a seus encantos?

Um sorriso malicioso lhe assomou aos lábios frescos e, com uma expressão enigmática na voz e no olhar, respondeu

laconicamente:

__ Por que não?... Não me disse você há tempos que é a mais bela vocação!

Essa tranquila resposta, caindo como uma ducha fria sobre seus inquietos pensamentos, teve pelo menos a vantagem de o fazer cair em si; achou soberanamente ridículo o seu pedido e absurda a sua atitude. Que direitos tinha ele sobre as resoluções da jovem? Considerando bem, ela pensava acertado; na sua situação não poderia haver maior felicidade que um convento! E como o bote acostasse nesse momento, despediu-se à pressa, dando como motivo de sua retirada uma enxaqueca exagerada. O pretexto tinha tanto mais aparências de verdade, quando todos o haviam visto taciturno durante a tarde; ninguém ousou, pois, retê-lo, e o pobre Curt afastou-se tristemente, não sem ter visto - e com que desesperado aperto de coração! - Ludwig Tauber oferecer o braço a Nora Carsten!

Dormiu mal essa noite, sonhos agitados o atormentaram, e, em todos eles, voltava sempre a fachada escura de um convento. Nora, toda de preto, pálida como um espectro, a transpor-lhe a porta, e ele a correr, a correr loucamente para chegar antes de Ludwig, que lhe tomara a dianteira e pretendia impedi-la de por em execução o seu irreparável intento.

Teria provavelmente sido mais calmo o seu sono, se tivesse sabido que Nora, no aconchego de seu quarto de luxo, presa também de inexplicável insônia, as faces incendiadas, os olhos longo tempo abertos, repetia a si mesma, numa insistência quase dolorosa, essa pergunta à qual só ele poderia dar resposta.

__ Por que será que Curt, sempre tão piedoso, não quer que me faça freira?

*   *   *   *   *



Não se deve construir a vida sobre sentimentos
Que não harmonizem com as coisas.
O coração é mutável e permanecem as coisas.

DAHNOW voltava depois de quatro meses de ausência.

__ Mas que é feito de Degenthal? __ Perguntou ele aos amigos que, tendo ido esperá-lo à estação, o haviam acompanhado até sua residência.

__ Oh! Degenthal... __ Respondeu maliciosamente, num significativo levantar de ombros, um dos rapazes presentes. __ Ninguém mais o vê! anda tão ocupado!

__ *L'amour est enfant de Bohème!* __ Cantarolou um gaiato, apoiando enfaticamente a mão sobre o coração.

__ Que significa isto? __ Tornou Dahnow, um pouco impaciente. __ Passou-se alguma coisa durante a minha viagem? Teve Curt questão convosco?

__ Questão conosco?! ... Meu caro barão, é impossível ter-se questões com o nosso amigo, pois há três meses, se não erro a soma, que anda pouco mais ou menos invisível. Ninguém o

enxerga, ninguém atina com o motivo desse eclipse total. Talvez sejam os estudos... Quem sabe... Afirmam alguns espíritos informados e observadores que ele, na vila, se dedica ao estudo aprofundado da psicologia e da plástica.

__ Da psicologia e da plástica! __ Repetiu Dahnow, perplexo.

__ Não lhes dês crédito, Dahnow! __ Intercalou resolutamente um grave vestfaliano, muito camarada de Degenthal. __ São piores que uma reunião de solteironas! Curt frequenta tanto quanto eles a vila, vejo-o diariamente, e se não está hoje aqui é que anda muito atarefado com os preparativos de uma excursão pelo Reno. Mas que línguas, senhor! Não se tem mais a liberdade de olhar para uma moça, que se não ponham a murmurar.

__ Homem, tudo depende da frequência e da intensidade do olhar! __ Replicou rindo um dos estudantes. __ E a franqueza me obriga a afirmar que o nosso conde tem conhecido este prazer a fundo!

__ Exagero de imaginação! __ Retorquiu secamente o vestfaliano. __ ... E depois, que têm vocês a ver com isto?

__ Espírito de solidariedade! __ Atalhou Dahnow, sorrindo para afastar a disputa que insensivelmente se preparava. __ Mas deixemos Degenthal em paz e vamos ao jantar, que estou morto de fome!

Todos acederam ao convite e, durante a refeição e o resto da tarde, não se fez mais questão de Degenthal.

Dahnow, entretanto, não cessava de pensar nele. Havia quatro meses que não recebia uma linha de Curt e, conquanto desse o desconto à natural aversão de todo homem à correspondência, estava começando a ver que qualquer coisa de mais sério ocupava

realmente o amigo. Confirmou-lhe as suspeitas, a ausência de Curt na estação. Ele, sempre tão solícito nessas pequenas atenções, e os gracejos cheios de subentendidos dos colegas ainda mais o fortaleceram nessa opinião.

Como não queria, porém, passar por mal informado da vida do amigo perante os outros, não perguntou, decidindo resolver por si o enigma. Terminado o jantar, quando, retirando-se os amigos, Dahnow se decidia a interrogar abertamente o vestfaliano, único que com ele se demorara. Este, como se lhe adivinhasse o pensamento, disse-lhe com gravidade:

__ Clemente, tu, que és íntimo de Curt, vê se o podes impedir de cometer uma tolice. Há pouco, desmenti o que diziam aqueles meninos, mas, no fundo, sabes, têm perfeitamente razão. Desde que partiste, Curt sumiu-se das nossas reuniões, passa os dias na vila, e anda tão absorvido, que nem deu pela tua chegada, tu! - seu melhor amigo!

__ Mas, afinal, que vila é esta? __ Interrompeu Dahnow, absolutamente fora da questão.

__ A vila dos Carsten, homem de Deus! Eu sou dos que não duvidam da honestidade de Alfredo Carsten, mas, refletindo um pouco, vê-se bem que aquilo não é sociedade para um rapaz da educação e da família de Curt. A menina é bonita, muito bonita mesmo, tive ocasião de a ver de perto, num passeio a cavalo, mas seria realmente uma lástima que o nosso fino Degenthal se deixasse prender nos seus laços.

__ Ora, senão é mais que isto! __ Retorquiu o barão com ironia. __ Estás a exaltar a imaginação à toa. Curt conheceu a pequena em criança, assistiu à morte da mãe, a condessa entreteve

mesmo relações com o diretor, e relações muito afáveis, creio. Esta intimidade não passa de uma inofensiva amizade de infância.

__ Sim, sim, sabe-se em geral o resultado dessas inofensivas amizades de infância! ... Põe a palha seca junto à chama e vê se não arde! A menina tem habilidade, conhece o seu valor, outros mais espertos que Degenthal têm sido presos... Que talismã o defende?... Acredita-me, Clemente, é para o bem do nosso amigo, aconselha-lhe prudência.

__ És também um frequentador da vila? __ Perguntou Dahnow, principiando a tomar o assunto a sério.

__ Não! Mas muito dos outros, que lá são recebidos, têm-me falado nisto. São todos unânimes em dizer que a família é direita e a menina, encantadora tanto no físico como no moral, mas, como na minha terra é uso procurar a gente noiva no seu meio, evitando destarte muita tolice, acho que é tão prejudicial a Degenthal quanto a mocinha, essa comprometedora assiduidade.

__ Noiva? __ Repetiu o barão, sinceramente admirado. __ Pois as coisas já chegaram a este ponto? Ou não será apenas exagero do teu zelo pela liberdade de nosso amigo? Olha, que vós outros, vestifalianos, entes essencialmente concentrados e sonhadores, tendes um ponto de vista muito pessoal para julgar essas coisas de
sentimento. Aposto que não passa de um “*flirt*” sem consequências.

__ Sem consequências ou não, isso não é comigo! Julguei de meu dever, como camarada de Curt, prevenir-te. Preveni-te, faze tu agora o que entenderes.

__ Está bem, está bem! __ Resmungou Dahnow, atirando fora o charuto encetado. __ Degenthal já está na idade de saber como

deve agir, e eu nunca tive jeito para mentir.

Seu interlocutor encolheu os ombros sem responder e, momentos após, deixava Dahnow entregue às suas reflexões, que não eram tão tranquilas quanto quisera parecer ao vestfaliano.

__ Diabo de rapaz! __ Murmurava consigo mesmo. __ É preciso sempre estar a gente a vigiar-lhe as extravagâncias do coração. Inflamável como um fósforo! ... Aquele vestfaliano, com toda a sua lógica aborrecida, tem perfeitamente razão; ele possui as qualidades requeridas para cometer irreparáveis loucuras! É demasiado bom para ser frívolo e demasiado apaixonado para ter juízo! É necessário realmente que eu intervenha. Mas como os amigos nos complicam a existência! __ Concluiu, num ímpeto de mau humor, tão contrário à sua imperturbável filosofia habitual.

Nos primeiros oito dias, a sua intervenção foi nula, pois, não obstante as visitas diárias que fez a Curt, não foi possível uma só vez encontrar o amigo nem sequer avistá-lo nas ruas da cidade.

__ Talvez tomasse juízo e partisse! __ Dizia Dahnow, tentando consolar com essa explicação a secreta mágoa que lhe causava o singular retraimento do amigo. Afinal, cansado de esperar, decidiu certificar-se por seus próprios olhos do que havia e, com o excelente pretexto de ir apresentar os seus respeitos a Mme. Carsten, depois de uma tão grande ausência, encaminhou-se para a vila.

A diretora recebeu-o com efusiva amabilidade, fazendo-lhe mil desencontradas perguntas acerca da sua viagem e de sua terra. Dahnow, como rapaz de sociedade e de galanteria, deixou passar algumas inexatidões sobre a situação geográfica do grão-ducado de Mecklemburgo, sua pátria, e procurou com muito jeito dirigir a tagarelice de sua interlocutora para o assunto que o interessava.

Mas d. Emília obstinava-se nas suas perguntas e o barão não sabia mais o que inventar para por termo à curiosidade dessa verbosa senhora. Seus pequenos olhos penetrantes haviam já inspecionado o salão e, pela porta entreaberta, lançado um raio inquiridor ao “*boudoir”*, infelizmente vazio.

De repente, porém, seu olhar divisou, através dos vidros do “bow-window” que terminava a galeria, um par que, passeando vagarosamente pelas alamedas do jardim, parecia absorto na mais animada das conversações. D. Emília seguiu-lhe a direção do olhar;

__ É o seu amigo, barão... __ Explicou com a máxima naturalidade. __ que certamente vai regozijar-se por encontrá-lo aqui. Mas que rapaz tão sisudo que é o conde! __ Continuou num riso pueril, alisando com a mão cheia de anéis as ondas fulvas do cabelo. __ Fujo das suas conversações com a nossa Norita, confesso-o, são
ambos tão graves! Dão-me dor de cabeça. Quer que lhes interrompa as sábias meditações ou prefere a frivolidade de minha companhia? __ Perguntou com uma inflexão de voz maliciosa, lançando ao impassível Dahnow um olhar de estudada “*coquetterie”*.

Dahnow fingiu não perceber o olhar nem tampouco o evidente desejo da diretora de prosseguir no “*tête-a-tête”*, e, num requinte de cortesia, exprimiu o desejo que alimentava de cumprimentar miss Nora. A diretora levantou-se, indo à janela chamar a enteada, depois, voltando-se para o estudante, declarou num tom de criança contrariada:

__ Como vão todos agora tornar-se muito sérios e a costureira me reclama, “*sauve qui peut”*. Deixo-o aos cuidados daqueles dois

filósofos, esperando todavia ter o gosto de vê-lo muitas vezes aqui, barão!

E com uma ligeira e graciosa reverência, que tinha a dupla vantagem de ser do “*bom tom*” e de salientar a elegância de seu talhe, d. Emília retirou-se, antes que os dois passeantes entrassem no salão.

Curt manifestou mais surpresa do que alegria ao rever amigo, seu abraço não teve a espontaneidade expansiva de outrora, e conquanto essa nuança não escapasse à observação de Dahnow, quase não lhe pode dar atenção, cativado pela extraordinária transformação que se operara em Nora.

Não era mais a mesma criatura; e Dahnow, perplexo diante dessa radiosa encarnação de mocidade a quem tão desdenhosamente qualificara outrora de “colegial insignificante”, perguntava-se a si mesmo se não era aquele fresco vestido de verão que a fazia tão vantajosamente mudada. Mas a mesma elegância a um tempo sóbria e luxuosa desse vestido, a faceirice de dois lindos brincos de safiras que tremeluziam como gotas de luz azul ao menor movimento da cabeça, o esmero, a graça requintada, o evidente desejo de agradar, que de toda a pessoa da menina ressaltava, contribuíam para ainda mais confundir a perspicácia do barão.

Nora recebeu-o com uma naturalidade tão amável que nada tinha da desenvoltura da madrasta e muito menos do antigo acanhamento da pensionista, e, diante desses luminosos olhos, tão limpidamente azuis sob o negro dos cílios longos, diante dessa esplêndida cabeleira que um penteado artisticamente simples punha em destaque, diante da esbelteza aristocrática desse corpo elegante

e sadio, diante do frescor incomparável dessa tez e sobretudo diante da graça ingênua desse adorável sorriso, Dahnow não pode deixar de confessar que jamais se vira em presença de uma tão incontestável formosura e que Degenthal, na verdade, tinha gosto!

__ Então, já está de volta, meu velho? __ Disse familiarmente Curt, pondo-lhe as mãos sobre os ombros e encarando-o com afetuosa solicitude. __ A viagem fez-te bem! Estás com magnifica aparência. Asseguro-te, porém, que não teria adivinhado que se tratava de te abraçar quando nos chamaram.

__ E eu te asseguro, meu Curt, que não é muito lisonjeiro, para a minha amizade, o “já” com que principiaste a tua frase. __ Retorquiu Dahnow, cujos olhos iam do amigo para Nora e de Nora para o amigo, com aquela penetrante e maliciosa expressão que tanto contrastava com sua face tranquila de boêmio. __ Não sentiste os meus quatro meses de ausência? Há oito dias que cheguei, e, se o teu criado para alguma coisa vale, deve ter em tua casa, uma verdadeira coleção de cartões meus!

__ É verdade! __ Replicou Degenthal distraidamente, olhando para Nora, que brincava com um molho de cravos brancos, trazidos do jardim. __ Estive fora uns dias... muitos afazeres... ignorava completamente a tua volta. Não imaginas quanto o lamento!

__ Lamento inútil, caro amigo; estou perfeitamente convencido de que sabes passar largo tempo sem notícias minhas. Mas diga-me uma coisa, miss Nora, o que fizeram durante este verão? Dar-se-á o caso que os estudos de Curt o tenham feito também esquecê-la?

__ Oh! Não, pelo contrário... __ Respondeu Nora com vivacidade. __ Curt... o conde... tem sido para nós o mais constante

dos cicerones e o mais amável dos amigos. Vem ver-nos diariamente, e, na verdade, não sei o que teria sido de nós, neste retiro, se não fosse ele...

A moça falara com calor, levada pela natural espontaneidade; mas, percebendo, de súbito, a insistência do olhar de Dahnow, corou um pouco, e, baixando os olhos sobre o molho de cravos, concluiu:

__ O verão passou como um sonho encantador...

__ Por que como um sonho? __ Perguntou Degenthal com interesse.

__ Porque, em breve, com a caída das primeiras folhas, levantaremos as tendas e tudo mudará! __ Respondeu com repentina melancolia na voz.

Degenthal lancou-lhe um olhar interrogativo, entreabriu os lábios como para pedir explicações, mas coibiu-o a presença de Dahnow.

Este compreendeu claramente o papel de trambolho que representava, mas a sua mania de observação foi mais forte que seu desejo de não ser indiscreto, e ficou, dirigindo a conversação sobre o acontecimento de sua viagem.

Ao cabo de alguns instantes, porém, Degenthal, cuja impaciência era visível, levantou-se e, batendo no ombro do amigo, disse com sorriso forçado:

__ Meu bom Clemente, os viajantes são em geral inesgotáveis narradores, e como me é impossível continuar aqui, peço-te que reserves o resto de tuas aventuras para quando te for ver logo à noite. Miss Nora... __ Acrescentou, voltando-se para a jovem. __ queira dar-me licença e apresentar os meus respeitos a d. Emília.

Dahnow levantara-se também, decidido a dizer a Curt que o acompanhava, mas o conde, não lhe dando tempo à palavra, tomou o chapéu, e, aproximando-se de Nora, disse-lhe a meia voz:

__ A partida não será tão precipitada que eu não possa vir amanhã, não? __ E como o meigo sorriso de consentimento que obteve em resposta o satisfizesse plenamente, Curt retirou-se, não sem ter um instante retido nas suas, a pequenina mão da amiga de infância.

Dahnow sentiu o furioso desejo de correr atrás desse endiabrado rapaz que tão simplesmente se lhe escapulia das mãos, quando ele se propunha a dar-lhe uma admoestação em regra.

Mas a boa educação lhe impedia esta saída precipitada e, com um sorriso contrafeito, prosseguiu na narrativa de uma anedota de viagem, que para os ouvidos distraídos de Nora era como o zumbido de um inseto impertinente.

Seus olhos azuis seguiam, com uma expressão profunda, o vulto elegante de Curt, que se afastava no jardim e, talvez por inadvertência, ou para esconder uma emoção ou um enleio, apertava nervosamente contra os lábios o ramalhete de cravos brancos, como se lhes quisesse sorver todo o delicioso perfume...

Dahnow tinha certamente muitas coisas sérias em que se ocupar, mas, naquele momento, não pensava senão no íntimo prazer que teria sentido, se tivesse sido ele, o feliz doador desses cravos que em tão próximo contato se achavam com a boca dessa linda criança pensativa.

Duas horas mais tarde, no conforto de um roupão caseiro, Dahnow passeava envolvido nas suas preocupações, de um lado para outro de seu aposento particular, lançando para o teto lentas

baforadas de um havana superior que lhe oferecera um calouro de quem se despedira momentos antes.

Como bom filho do norte, o barão não gostava de desabafar as suas mágoas ou discutir seus aborrecimentos ao ar livre com amigos, na expansão de um passeio pelas ruas frequentadas de Bonn. Apenas qualquer coisa o incomodava ou lhe ocupava seriamente a atenção, encerrava-se entre quatro paredes, dando-se por ausente a quem lhe viesse ocasionalmente bater à porta.

É verdade que as quatro paredes de Dahnow eram representadas por quatro espaçosos aposentos: o quarto de dormir, o gabinete de toilette, o salão e o *fumoir*, preparados e ornamentados com todas as regalias de um filho do norte, a quem a fortuna desde o berço contentou sempre os caprichos.

Até então a sua vida de estudante e os seus trabalhos intelectuais tinham-se passado e elaborado ali na moleza dos canapés macios e daquelas preguiçosas "*chaises longues"*, tão próprias à reflexão e à leitura sonolenta dos mestres.

Dahnow, porém, naquele dia, parecia totalmente fora dos hábitos de calma e de repouso indiferente. Esse vaivém anormal não só pelo calor que fazia como também pelo sossego ordinário de seus gestos e de seus movimentos, era já uma prova de prova de grande perturbação que o dominava.

__ É preciso fazer alguma coisa! __ Repetia a si mesmo, como para insuflar à sua vontade vacilante esta convicção de seu espírito. __ Não se pode deixar um rapaz do mérito de Curt fazer uma asneira dessas. Ela é simplesmente ideal, mas, ideal ou não, ele não deve, não pode pensar em casar-se com ela! A filha de um diretor de circo, condessa Degenthal! É preciso fazer alguma coisa!

E como se esta necessidade de agir o impelisse sensivelmente para o lado da escrivaninha, Dahnow sentou-se em frente de uma folha de papel e maquinalmente pegou na pena.

As ideias, porém, custavam a vir e, mordendo com a ponta dos dentes, raivosamente, o cabo de madeira da caneta, indeciso sobre o partido a tomar, o amigo de Curt mandava, interiormente, ao diabo a amizade em geral e todas as tribulações que ela comporta.

__ Prevenir à mãe é o meio mais eficaz! __ Monologava com um irritado franzir de sobrolhos. __ Mas é uma traição, uma traiçãozinha indispensável... mas uma traição, no fundo! Aquele rapaz faz-me perder anos de vida! Eis o resultado de uma educação nas saias da mamã, sob a exclusiva influência da mulher: um sentimentalismo que toca às raias do absurdo! A primeira meninota que aparece no caminho... pronto! Paixão, juramento a Romeu e Julieta, suspiros, grandes frases, noivado. Tolices sobre tolices; ela faz dele o que quer e o que o bom-senso não quer. Aquele Curt precisava mesmo de se embaraçar muito com estas complicações. O fim de tudo isto é a infelicidade da pequena. Enfim, o dever da amizade, aqui, é...

Dahnow fez uma pausa nos seus pensamentos para molhar a pena com o máximo cuidado; sentia um remorso de ter comparado Nora "à primeira meninota que se cruza no caminho" e, relembrando a graça incomparável da filha de Alfredo Carsten, compreendia a injustiça dessa comparação.

__ A verdade é ... __ Continuou ele, apoiando pensativamente o queixo sobre a mão __ que ela é capaz de fazer perder a cabeça a um anacoreta. Que espiritualidade no sorriso! ... E o delicioso contraste dessa cabeleira de princesa hindu com aqueles olhos

transparentes de virgem do norte! Felizardo esse Curt! Como ela o olhava! É um perigo, um perigo terrível, um olhar daqueles põe a cachola dum homem de juízo completamente às avessas! Coitado do meu conde! Com todas as suas aristocracias e a corte de antepassado que lhe constitui a família, a diferença de posição social e a proveniência aventureira da fortuna e do nome tornam-se um obstáculo inseparável. Eis aí um caso em que ser bem nascido é uma enorme massada. Pobre Curt! No íntimo, compreendo-lhe o derriço: aquela americanazinha besuntada de misticismo até a mim era capaz de conduzir ao casamento!

E por uma brusca reviravolta sobre si mesmo, os pensamentos de Dahnow abandonaram Degenthal para se fixarem com sorridente complacência sobre o agradável de sua própria situação. Filho de uma nobre e antiga família, rico, quase desde o berço, de uma independente fortuna pessoal, herdada dos pais, bem cedo arrancados às mazelas desta vida ingrata, fora educado pelos irmãos mais velhos, que sempre para ele haviam tido fraquezas e carinhos que neste mundo só os mais novos conhecem.

Desobrigado de constituir família, pois os irmãos, compreendendo os deveres que um nome impõe, tinham contraído enlaces vantajosos, perpetuando assim a raça dos Dahnow, via-se livre, em plena mocidade, com essa liberdade que não conhece limites, pois não tinha pais a quem sempre mais ou menos o filho deve dar conta de suas ações.

Se quisesse escolher por consorte a filha de um carvoeiro, tinha certeza de o poder fazer sem suscitar de uma família formalista, recriminações escandalosas, e justamente por isso sentia

esta aversão ao matrimônio que em geral só conhecem aqueles a quem ninguém e nada impede de livremente o contrair.

E diante dos embaraços sentimentais do amigo, consciente de sua liberdade de ação e de coração, um sorriso satisfeito lhe assomou aos lábios finos e uma expressão de bem-estar se lhe desenhou na pacata fisionomia.

Teve de fazer um verdadeiro esforço para se arrancar à doçura dessas considerações egoístas e recomeçar a pensar no que devia fazer para salvar o amigo desse desastre iminente: o casamento!

__ É necessário que a mãe o saiba... é um caso de consciência. Amigos como somos, ela nunca me perdoaria o não a prevenir do que se passa. Depois, sou mais velho do que Curt, devo olhar por ele. Se ela o chamasse e por qualquer pretexto o afastasse de Bonn, estaria sanado o mal. Esses temperamentos impulsivos como o dele, esquecem tanto mais depressa quanto mais rapidamente se apaixonam. Curt vai provavelmente odiar-me, que fazer? ... Deixar que as coisas sigam o seu curso?

E a filha o diretor de um circo, a enteada de uma ex-dançarina de corda, tornar-se a nora de mui nobre condessa Degenthal! ... Realmente, como ironia da sorte, é superior! ... E, para a fidalguia da condessa, que tremendo choque!

Assim pensando, Dahnow retomara a pena para, depois de um profundo suspiro, num arranco em que se afirmava a firmeza de sua decisão, pôs-se a escrever rapidamente, como se tivesse receio de que o arrependimento lhe tolhesse o caminho, impedindo-o de chegar ao fim que se propunha.

Encheu de uma letrinha miúda e fina, em que um grafólogo teria descoberto o contraste que existia entre o seu físico pesado e

a sutileza de seu espírito irônico, as quatro folhas de papel.

Quando chegou à assinatura, hesitou um segundo, mas, com um gesto enérgico, fez cessar as dúvidas e, assinando com decisão, meteu a carta no envelope, subscritou-o, atirando-a em seguida para o lado, como se lhe queimasse as mãos.

__ É uma verdadeira denúncia! __ Murmurou, depondo a pena à beira do tinteiro. __ Mas não há outro remédio! ... Embora isto me repugne, tenho a consciência de ter cumprido o meu dever. Agora, vamos à outra parte! Quando se começa alguma coisa, é preciso ir até o fim. Avisemos o partido contrário do estado de coisas. É preferível desenganá-la desde já da esperança de agarrar o conde para marido. Dói menos deixar as esperanças quando ainda novas, do que mais tarde, quando criaram raízes. Carsten parece-me homem de juízo, há de desejar evitar à filha uma mágoa certa enquanto ainda é tempo.

E, tomando nova folha de papel, Dahnow escreveu uma nova carta, essa, porém, mais demorada do que a primeira, certamente porque oferecia maiores dificuldades.

Uma vez terminada, selou-as ambas e, sem as reler, tocou a campainha, ordenando ao criado que as fosse imediatamente levar ao correio.

O criado obedeceu, e o barão, liberto, enfim, dessa fatigante tarefa, respirou fortemente, indo estender-se no mais fofo de seus divãs, para fumar em paz um de seus melhores havanas, não sem ter assegurado a si mesmo, oitenta vezes em cinco minutos, que acabava de proceder da mais vantajosa maneira. Mas se naquele instante o tivessem condenado à forca por denunciador e intrigante,

acharia justa a sentença, tal o abatimento em que o deixara essa vantajosa maneira de proceder.

__ Matem-me amanhã, se, quando eu encontrar esse demônio de Curt, não lhe disser tudo o que penso a respeito de suas maluquices e não lhe contar a medida que, para seu bem, acabo de tomar. __ Disse a meia voz, sacudindo, impacientemente, fora do cinzeiro a cinza morna do charuto.

Foi essa a última resolução que nesse agitado dia tomou o bom mecklemburguês, resolução essa que nem no dia seguinte, nem oito dias depois pode por em prática.

Curt Degenthal continuava invisível e enigmático e, contrariamente ao que prometera, ainda não havia aparecido em casa de Dahnow.

Uma inquietação feita de irritação e de curiosidade ia pouco a pouco dando cabo da filosófica tranquilidade do jovial barão e recordando-se que se a montanha não viesse a Maomé, Maomé devia ir a montanha, decidiu, procurar o amigo e falar-lhe, custasse o que custasse!

Fez-se, pois, introduzir uma tarde em casa de Curt, sem se anunciar, encontrando-o à janela do pátio, com a fronte apoiada na mão, numa atitude de cisma muito poética e muito comprometedora.

Ao sentir passos no quarto, Degenthal voltou-se bruscamente, e, dando com o amigo, fez o que este menos esperava que fizesse: atirou-se-lhe ao pescoço, estreitando-o no mais efusivo, no mais fremente dos abraços.

__ Clemente, meu bom Clemente! __ Exclamou com calor, enquanto o barão, admiradíssimo, a custo se desvencilhava desses braços sôfregos. __ Tu és justamente a pessoa que eu mais

desejava encontrar neste momento. Tenho o coração a transbordar, felicita-me depressa! Tu, o meu melhor amigo! Clemente, ela é minha! Clemente, nunca fez caso daquele pretensioso Ludwig! Clemente, sou feliz, feliz, feliz! ... As dúvidas desfizeram-se e tudo dora em diante está claro entre nós!

__ O que está claro é que, no frenesi em que te achas, amarrotas a minha pobre roupa, o que não é precisamente uma felicidade para mim! __ Replicou Dahnow com mau humor, desprendendo dos ombros as mãos do amigo. __ Palavra que estás louco, Curt! ... Que acontecimento te transtornou os miolos? E que diabo de felicidade é esta que te cai assim, desprevenidamente, do céu, sem que avises, ao menos, o teu "melhor amigo" para compartilhar tuas alegrias?

__ Clemente, tu estás zangado comigo! __ Respondeu Curt num grande riso satisfeito, com os olhos a brilhar. __ Tens toda a razão, meu amigo. Mas, que queres? Eu estava louco de ansiedade e agora estou louco de contentamento. Para os louros têm-se indulgências especiais, e tu não podes desmentir teu nome! ... Perguntas do que se trata? ... Tens toda razão em fazê-lo; eu fui muito retraído contigo; deves ter estranhado a minha atitude, porém, quando se ama... Porque não podes fazer uma pequena ideia de como eu gosto dela! ... É tão simples, tão confiante, e tão adoravelmente linda! Será possível que não tenhas suspeitado de nada? ... Clemente, será possível que não adivinhes que se trata de Nora, a quem desde ontem eu tenho o direito de chamar minha?

__ Se não estás completamente cego. __ Retrucou friamente Dahnow, fitando no semblante iluminado do conde, um olhar cheio

de rancor. __ Deves compreender o enorme disparate que praticaste. Pediste então a mão de Nora Carsten?

__ Naturalmente... __ Retorquiu Degenthal com certo espanto, diante da inesperada atitude do amigo. __ Que que querias que fizesse?

__ Podes gabar-te de ter feito uma tolice, meu caro! Uma tolice e uma indignidade. Tolice por te teres deixado agarrar como um colegial inexperiente pelas artimanhas dessa gente que só te cobiça o título, e indignidade porque não podes seriamente pensar, tu, conde Degenthal, em fazer da filha de um boêmio diretor de circo, da enteada de uma bailarina, tua esposa; e sabendo isso, foste pedir-lhe a mão! __ Atalhou vivamente Dahnow, animando-se mau grado seu. __ Perdeste a cabeça, Perdeste-a do mais banal, do mais vulgar dos feitios!

Degenthal fizera-se grave, um vinco duro lhe cavara entre as sobrancelhas e foi num tom quase solene que, fitando fixamente o amigo, redarguiu:

__ Não repitas nunca a calúnia que acabas de pronunciar, Clemente! Nora e sua família jamais tentaram em coisa alguma “agarrar-me”, como disseste! São inatacáveis sob o ponto de vista de dignidade. Se o coração de Nora veio a mim, foi por um abençoado decreto do destino, meu título em nada disso pode influir. Tu não a conheces, não sabes quanto é generosa, desinteressada, espontânea, incapaz de cálculo, senão não terias jamais pensado no que acabas de dizer. Até ontem à noite não nos tínhamos explicado; não haviam findado as minhas lutas, porque tudo o que me objetaste sobre nobreza de nascimento, já o pensara. Foi o desastrado pedido daquele Ludwig Tauber que tudo veio

esclarecer. Vamos, Clemente, não tomes este ar amuado, deixa que pelo menos um dia eu seja plenamente feliz. Se soubesses como hesitei, e que dias amargos passei antes de tomar essa resolução definitiva!

__ Vale mesmo a pena ter hesitado tanto para chegar a semelhante loucura! __ Murmurou Dahnow entre dentes, deixando-se cair desanimadamente sobre uma cadeira.

Degenthal não o ouviu, aproximara-se de novo da janela e fitando o pátio com uma expressão absorta, continuou, como se falasse a si mesmo:

__ Cheguei a crer que uma vocação mais forte, contra a qual não me atrevia a lutar, a separava para sempre de mim....

Dahnow sorriu ironicamente.

__ Sim! __ Tornou Curt, voltando-se insensivelmente para o amigo. __ Pensei assim, levado pela irresistível necessidade de expansão que a todo homem domina nas grandes emoções, sobretudo nos últimos tempos, quando se mostrava tão reservada, tão fria para comigo, ela, a exuberância, a franqueza personificadas. Julguei que o convento a atraía, cheguei a ter ciúmes de Deus; quando Ludwig, que há meses lhe fazia a corte, a pediu em casamento, senti um choque no coração, dizendo-me que ela afinal declararia as suas secretas preferências. E ao vê-la recusar esse rapaz, um bom partido, em suma, ao vê-la entristecer dia a dia e não se decidir a partir para o claustro, compreendi - e com que profunda, com que inebriada alegria! - que ela silenciosamente correspondera ao meu afeto, e todas as minhas indecisões desapareceram. Falei-lhe então, disse-lhe tudo que dela esperava o meu amor, e se de alguma coisa agora me posso arrepender, é de

não ter falado mais cedo, evitando-lhe assim a mágoa de ter duvidado algum tempo de mim.

__ Muito bem! __ Interrompeu um pouco zombeteiramente o barão. __ Mas, em todo esse idílio à Florian, que fazias de teus tão apregoados princípios de casta, como enfaticamente dizias outrora?

Curt teve um olhar divertido para o amigo e, apoiando as costas no parapeito da janela, cruzou os braços sobre o peito.

__ Princípios! __ Repetiu sorrindo, como se se referisse a uma coisa muito distante, muito passada, quase anacrônica. __ Há neste mundo uma coisa mais forte que todos os princípios, sábio Clemente; uma coisa da qual zombávamos como zombam os ignorantes da ciência, uma coisa que a gente nega por bravata ou para fingir um ceticismo de bom tom, uma coisa que a filosofia talvez ignore, mas que eu felizmente conheço hoje em toda a sua radiante plenitude. Essa coisa é o amor. Podes encolher os ombros num desdém apiedado, podes sorrir com superioridade e esmagar-me sob irônico de tua sensibilidade; tudo isso não passa de literatura, é uma pose como outra qualquer. Quer queiras, quer não, essa coisa existe, e quanto mais considero meu encontro com Nora, mais claramente vejo nele a mão da Providência, mais convictamente descubro nele a ação aproximativa do sentimento, que pouco a pouco nos tornou indispensáveis um ao outro. Falávamos antigamente de almas irmãs, lembras-te? e com um sorriso platônico qualificávamos isto de chapa batida do romantismo chorão; no entanto, embora te vá parecer muito ridículo, dir-te-ei que encontrei em Nora essa alma irmã de que falam os poetas. Desde o nosso primeiro encontro em Genebra, compreendi que essa criança travessa teria uma influência decisiva na minha vida. Ela

impressionou a minha imaginação de adolescente tão profunda e definitivamente, que sua imagem, sem que o percebesse, me encheu a meninice, cresceu comigo, e pouco a pouco, por um lento trabalho de infiltração, pode-se dizer, tomou conta de minha alma, concretizando - a despeito de todas as distrações e leviandades próprias da mocidade! - o meu ideal feminino. Quando a vim achar mais tarde tão semelhante ao meu sonho, calcula com que transporte de íntima alegria saudei nela a "escolhida" entre todas as outras! Não sei por que, mas afigura-se-me que o gesto de bênção de sua mãe, que um momento nos fez irmãos junto àquele leito de morte, para sempre nos uniu as existências. Desde aquele tempo senti, como sinto ainda hoje uma responsabilidade moral pela sorte de Nora. Helena Carsten legou-me a obrigação de a fazer feliz. E não creio, Clemente, que seja um desdouro para os meus princípios dar o meu nome a uma jovem que, pela sua beleza, dotes de espírito e coração, e principalmente pela sua educação, é digna de figurar entre as mais nobres da nossa sociedade. No dia em que entrou para o aristocrático convento de Bruxelas, Nora rompeu com o seu meio e veio fazer parte do nosso. E depois, ainda que o não faça, que me importa a mim, se eu não posso já compreender a felicidade sem ela?

Curt parou, esperando uma resposta, um pouco vexado também de se ter deixado emocionar a esse ponto pela força dos sentimentos que exprimia; Dahnow, no entanto, permaneceu calado, fitando muito atentamente a biqueira envernizada das botas.

Estava deveras desconcertado. Viera à casa do amigo decidido a abrir-lhe os olhos sobre o perigo que o ameaçava, arrancar-lhe a confissão de seu segredo, e convencê-lo da loucura

de sua resolução com uma série de argumentos irrespondíveis que armazenara durante o trajeto, e encontrava um fato consumado; a confissão
que viera forçar, recebera-a espontaneamente, sem a ter provocado, e não sabia que dizer, diante de Curt, resoluto e grave, insuspeito até então sob as aparências do estudante frivolamente risonho de sempre, diante desse novo Curt, tão senhor de sua vontade, e tão lúcido sobre o que ele, Dahnow, se obstinava em chamar uma loucura.

__ E tua mãe? __ Começou ele, para fazer cessar o silêncio penoso.

__ Ah! minha mãe! __ Suspirou Degenthal, deixando cair os braços num gesto de desânimo. __ Ai é que reside toda a dificuldade. Se não fosse a ideia de seu desagrado, há muito que me teria declarado a Nora. Por causa dela lutei comigo mesmo, e por causa dela teria sacrificado sem hesitar o meu afeto, se se tratasse só de mim. Mas a felicidade de Nora está em jogo também, e eu não tenho o direito nem me sinto com força de a sacrificar, sem saber ainda ao certo a opinião de minha mãe. Escrevi-lhe ontem mesmo; olha, ali está a carta, pedindo permissão para tornar oficial o nosso noivado. Que venha até Bonn para conhecer Nora; estou certo de que se ela a vir e lhe falar, compreenderá logo que só a insignificância do nome nos separa, e que Nora é justamente a filha que ela pode desejar.

__ Mas não se dará o caso de que tua mãe tenha formado outros planos de casamento para ti? Ainda não lhe perguntaste se o teu noivado com miss Carsten não lhe irá contrariar algum antigo projeto de aliança? __ Insinuou prudentemente o barão.

__ Estou disposto a não deixar ninguém determinar o meu futuro! __ Replicou secamente Curt, franzindo a testa. __ Se minha mãe opuser tamanhas dificuldades, estou resolvido a ceder a Nickel os meus direitos de primogênito e o meu título para ter livremente o direito de ser feliz como entender. Mas por que me olhas com tanta insistência? __ Continuou com mais brandura e sorrindo sem o querer. __ Achas que estou exageradamente romântico? ... Nora merece tudo, meu amigo! Pelo teu ar vejo que me exprobras e me julgas sob a impressão do arrebatamento de um capricho passageiro; enganas-te, estou tranquilíssimo. E, para te dar a prova disto, vou escutar com todo o respeito e mesmo gratidão a grande quantidade de coisas desagradáveis que me queres participar, desde que entraste aqui.

E, tomando uma cadeira, Degenthal veio sentar-se em frente do amigo, tentando debalde apagar dos lábios o sorriso que a fisionomia severa do barão fazia brotar irresistivelmente neles.

Dahnow teve um segundo de hesitação, mas, recobrando de chofre o seu sangue frio, disse a Curt tudo o que o bom-senso e ao mesmo tempo a amizade lhe inspirava, tudo o que, enfim, se costuma dizer em casos tais.

Curt ouviu-o com muita atenção, acenando afirmativamente de vez em quando com a cabeça, mas a eloquência do barão foi inteiramente perdida.

Conseguiu o que em geral se consegue dos apaixonados... quer dizer: coisa nenhuma! As suas palavras caíram sobre a resolução do amigo como pingos de água fresca sobre um braseiro, evaporando-se num momento.

__ Previ tudo isto! Pensei em todas as hipóteses. __ Declarou um pouco impacientemente Curt, pondo-se de pé. __ O teu discurso foi inútil, meu caro Clemente, nada adiantou, pois estou decidido mais do que nunca a vencer todos os obstáculos.

Houve um silêncio embaraçador, durante o qual Dahnow fez um minucioso estudo das suas unhas e Curt deu umas duas ou três voltas pelo quarto.

__ Já falaste ao pai? __ Perguntou afinal o barão.

__ Ainda não, mas já lhe escrevi, solicitando uma entrevista para hoje; deve ter recebido a minha carta. Agora só me resta esperar a resposta e a vinda de minha mãe.

__ Se a conheço bem... __ Replicou Dahnow numa volta de sua habitual ironia. __ Creio que não a terás cá tão cedo, meu rapaz. Enfim, como estás metido em grandes sentimentos e resolvido a grandes áfricas, tudo isto te será provavelmente indiferente. É, pois, inútil insistir. O que todavia não posso conceber... __ Acrescentou, levantando-se e tomando o chapéu e a bengala. __ é que um homem, que até agora nunca dera provas de alienação mental, jogue assim o seu futuro por um momento de paixão.

__ O casamento é sempre uma cartada! __ Retorquiu Degenthal. __ Eu não posso chamar momento de paixão a um sentimento que faz parte de meu ser e, sem o qual, não posso já compreender a vida. Olha, se houvesse pelo mundo outro par de olhos como os dela, eu te diria: fita-os, amigo, e vem contar-me depois o que podem esses momentos de paixão. Vamos, Clemente! __ Prosseguiu, rindo e passando o braço pelos ombros do amigo

para o acompanhar até à porta. __ Abandona esses ares de Catão e dá-me o abraço de parabéns, que eu debalde te reclamo há meia hora!

__ Já que fazes questão dum abraço, toma-o lá. __ Retorquiu Dahnow com um resto de mau humor,
retribuindo o amplexo. __ Mas, se fores infeliz mais tarde, lembra-te de que não tiveste a minha aprovação para esta maluquice.

E, levantando o dedo, num gesto de profecia, Dahnow desceu a escada sem voltar a cabeça para Curt,
que lhe sorria no patamar com a fisionomia brilhante de felicidade. Conquanto reprovasse o ato do amigo, ele era moço também, e não foi sem uma secreta inveja que relembrou na rua a expressão de orgulho satisfeito que iluminava radiosamente o belo semblante de Degenthal.

Era o justo orgulho do homem amado, do homem que atingiu afinal o seu sonho, que lhe enchia os olhos negros de tanta luz e lhe fazia vibrar a palavra convencida com um tão comunicativo calor.

Estava naquela época, única na existência e divina entre todas, em que a ideia só do sorriso do ente amado, torna leve como uma pena, a carga às vezes tão pesada da existência! ... Dahnow, com toda a sua filosofia, deu um suspirozinho de pena.

__ Se houvesse pelo mundo outro par de olhos como os dela, dissera esse maluco de Curt... ah! Se o houvesse.... olhos assim, daquele azul de abismo, ora maliciosos, ora sonhadores, ora tão perturbadoramente lânguidos sob a seda escura dos cílios, olhos que o fitassem com aquela irresistível expressão de meiguice submissa com que haviam fitado Curt na tarde da visita... Ah! se

encontrasse um par de olhos como os dela... __ Mas um suspiro pontuou o final desta reflexão.

__ São uns ditosos! __ Murmurou convencidamente o cético Dahnow; mas, arrependido logo dessa expansão: __ São uns loucos, uns verdadeiros loucos! __ Corrigiu com raiva, descrevendo no ar terríveis giros com a bengala. __ Eu não me meto mais com eles; que se arranjem, que se arranjem!

*   *   *   *   *



"Minha deve ser! __ Deve ser minha!"

EM geral, poucas coisas são tão importunas como a contrariedade. Parece ter uma satisfação maligna de escolher, para nos ferir, nas horas em que estamos justamente menos dispostos para recebê-la.

É verdade que, se fossemos consultados, nunca estaríamos ao seu dispor; tem-se, porém, observado que momento há em que lhe suportamos mais galhardamente os rigores, e outros em que o sopro da revolta nos subleva a perversidade das suas combinações maquiavélicas.

Clemente Dahnow era um devotado amigo da tranquilidade, tanto externa como interna. Toda a emoção e todo o demasiado barulho faziam-lhe vibrar desagradavelmente os nervos. Mas, quando mais entranhado e mais intransigente se fazia este amor,

era de manhã, nessa preguiçosa hora em que, ainda mal acordado, os olhos entrefechados, o corpo imobilizado pela mais deliciosa das molezas, o espírito flutuando numa vaga sonolência de sonho, ainda não se tomou pé na realidade; em que no claro-escuro do quarto, onde o silêncio se quebra aos poucos, ameaçado a cada instante pelo bulício da vida que acorda, a gente se deixa entorpecer e se demora na tepidez dos lençóis, sem pensamentos, sem sensações, sem vontade, deliciosamente anestesiado por um resto de sono, onde começa já a palpitar um desejo de movimento e de ação.

Dahnow gozava conscienciosamente deste prazer todas as manhãs, e se por acaso alguém lhe viesse interromper o descanso da madrugada, considerava-se lesado num direito, e era certo que o tinham de um humor endiabrado para todo o resto do dia.

Parecia-lhe verdadeiramente tê-lo perdido, se não o deixassem ficar na cama até à hora costumada e entregar-se à leitura demorada do seu jornal, fumando charutos, sozinho e repimpado como um rechonchudo pachá, depois do banho morno e em seguida ao café com leite e acompanhado de uma inacreditável quantidade de torradas com manteiga.

O idílio romântico e imprudente de Degenthal já lhe havia roubado bastante de sua tranquilidade interna; fora, porém, decretado pelo fado adverso, que chegara o momento em que esse idílio lhe roubaria também a externa.

Um dia, depois da entrevista que tivera com Curt, deviam ser aproximadamente sete horas da manhã, hora esta que Dahnow costumava dormir como um bem-aventurado, apesar dos apartes indignados do seu vigilante criado, quando Degenthal em carne e osso, perfeitamente acordado e disposto a vencer todos os

obstáculos lhe invadiu o quarto, arrancando-o sem cerimônia de seu tão querido repouso matutino.

Dahnow ia protestar com veemência contra essa invasão brutal dos seus domínios, quando parou, surpreendido ante a palidez e a agitação anormal do amigo.

Curt parecia preso de violenta agitação, dessas agitações que não respeitam nem hora, nem lugar, e foi com a mão trêmula que lhe entregou uma carta:

__ Leia isto! __ Disse com voz rouca, atirando sobre um divã o chapéu e a bengala.

Dahnow sentou-se tranquilamente e tomou o papel amarrotado, tão amarrotado que, a julgar pelo mal que lhe haviam feito as mãos nervosas de Curt, devia ser terrível o mal que o seu conteúdo fizera na alma sensível do apaixonado de Nora. Pôs-se a ler, sem fazer comentários.

Curt, cujo nervosismo não lhe permitia estar quieto, pôs-se a passear de um para outro lado do quarto, sem tirar os olhos da face impassível de Dahnow, que prosseguia imperturbavelmente na sua leitura.

Degenthal teve um gesto de verdadeiro desespero ante esta inimaginável impassibilidade. Seria possível que Dahnow tivesse um coração empedernido até tal ponto, que não se comovesse com a leitura dessas linhas que haviam cavado em Curt um abismo de desespero?

Costuma em geral suceder assim; os infortúnios amorosos dos outros só nos afetam, quando tomamos direta ou indiretamente parte neles. Se Curt tivesse contado ao barão as suas mágoas no sentimentalismo de uma noite de luar sob a cúpula verde das

árvores de um parque, numa dessas horas oportunas em que tudo nos predispõe à confidência e ao devaneio, Clemente as deploraria por certo, com muito mais convicção do que no desagrado de um sono bruscamente interrompido, com o espírito ainda cheio de sonho e a boca a escancarar-se no mais prosaico, no mais preguiçoso dos bocejos.

Curt continuava a observar o amigo e este a ler com indiferença fleumática de um filósofo, a quem nunca atingiram essas inferiores e mesquinhas coisas do coração.

Eis o que dizia a carta, em cujo final se destacava a garrafal assinatura de Alfredo Carsten:

Senhor conde. Sou-lhe infinitamente grato pela honra que fez à minha família, pedindo-me ontem a mão de minha filha. Acredite que, se não nos separassem insuperáveis preconceitos de classe, de meio e de nome, não hesitaria em confiar-lha, certo de que ninguém é mais digno de fazê-la feliz.

Sou obrigado, entretanto, a responder negativamente a essa lisonjeira proposta. Obrigado não só pelo bom-senso, como também pela responsabilidade que tenho desta felicidade.

Lamento-o de coração, e tanto mais o lamento, que não ignoro os nobres e generosos sentimentos que esta negativa vai ferir. Há de, porém, compreender o sentimento que me inspira: é o justo conhecimento das nossas respectivas posições sociais. Quando conseguisse mesmo de sua família o consentimento necessário para este enlace, não me seria possível deixar minha filha entrar numa casa onde forçosamente destoariam e seriam condenados o seu nascimento obscuro, o seu nome, a sua fortuna, causa talvez de dissensões, cujas consequências ela iria sofrer mais tarde.

V. Excia., cuja mocidade e natural generosidade de sentimentos não lhe permitirão talvez julgar imparcialmente da gravidade do passo que pretende dar, há de convencer-se da impossibilidade da realização dele, sabendo que minha filha, rendendo-se por completo às minhas razões, aprova o que lhe comunico agora com dissabor. Não lhe quero fazer nenhum reparo acerca da promessa que V. Excia. arrancou a minha filha antes de ter solicitado o meu consentimento indispensável. Nora teve o cuidado de me informar das circunstâncias especiais que determinaram isto, e só posso deplorar não ter sido informado mais cedo para cortar a tempo as asas a um sonho cuja imprudência só poderia fazer a desgraça de ambos. Peço-lhe, pois, sr. conde, que não tente de modo algum modificar esta nossa resolução; peço-lhe isto confiado na sua lealdade e na retidão das suas intenções. Ser-lhe-á fácil, tanto mais que a nossa partida de Bonn virá auxiliar o fatal esquecimento dessa hora de irreflexão, que um dia V. Excia. mesmo será o primeiro a qualificar de leviandade, agradecendo-me então ter-lha impossibilitado.

Com toda a estima e consideração, sou do sr. conde criado atento e muito reconhecido

Alfredo Carsten

__ Eis um homem de juízo! __ Pensou Dahnow, dobrando lentamente a carta e levantando para o amigo o olhar tranquilo; mas, antes que este pensamento lhe chegasse aos lábios, já Curt o advinhara e com os olhos faiscantes interpelou-o com incisiva ironia, cruzando os braços:

__ Não podia esperar senão uma aprovação de tua parte! A tua filosofia superior e o desdém que professas pelas coisas do

sentimento deviam fatalmente fazer-te sorrir ante um acontecimento que me torna para sempre a existência infeliz! Muito obrigado, meu caro; isto é próprio de um verdadeiro amigo. O que me tortura, porém... __ Acrescentou com intraduzível expressão. __ ... é a ideia de como a terão feito sofrer para lhe arrancar esta decisão!

E, cobrindo o rosto com as mãos, Curt deixou-se cair sobre uma cadeira, num abandono desesperado de todo o corpo, que indicava claramente a intensidade da aflição que lhe ia na alma.

Dahnow sentia-se comovido por este transe de dor.

__ Pobre Curt! __ Murmurou compadecidamente, abanando a cabeça com o ar desolado de quem previu catástrofe, fazendo tudo para a evitar, podendo só contemplar tristemente os seus estragos. __ Pobre Curt! __ repetiu com mais compaixão ainda, pondo-se de pé sobre o tapete e vestindo o macio roupão com que se agasalhava cotidianamente pela manhã; interiormente, porém, repetia com um excesso de pena, que em outra ocasião qualquer o teria espantado muito: __ Pobre menina! Pobre e ingênua menina!

Sim, a ideia de que Nora estava nesse momento sofrendo a mesma angústia que seu amigo comovia-o muitíssimo mais do que a própria angústia desse amigo, pois é verdade que sentimos com maior simpatia as mágoas amorosas das pessoas do outro sexo que as do nosso.

Mas, relembrando de súbito o olhar com que a donzela seguira Curt, quando este se afastava no jardim, um olhar profundo, demorado, falando à força de expressão, um olhar em que ia toda a sua alma enamorada e ardente, Dannow teve um gesto de mau humor contra este criançola de Curt, que tivera a habilidade de se fazer amar por aquela adorável criatura, e que agora só achava

suspiros e queixas tolas, quando lhe teria sido tão fácil deixar o lugar a outros, que não tinham, como ele, de dar contas dos seus atos à mamã e à aristocracia em peso.

Nunca um homem chega a compreender plenamente por que um outro homem tem a preferência no afeto de uma mulher, e Dahnow seguia nesse momento a regra geral.

Curt, entretanto, pressentiu na expressão compassiva do amigo uma simpatia pela sua presente decepção, descobriu o rosto e, pálido ainda do esforço que fizera para não chorar, ofereceu-lhe outro papel, e tão amarrotado que Dahnow pode decifrar a custo as linhas seguintes, escritas numa nervosa letra de mulher.

Foi um sonho, meu amigo... um sonho irrealizável!
É melhor que nos separemos para sempre, enquanto ainda é tempo.
Que Deus o faça feliz. Esqueça-me. Adeus!

Nora

Clemente suspirou. Pela primeira vez sentiu no fundo do coração um remorsozinho triste de ter sido em parte causador daquela grande tristeza; mas a sua filosofia natural reagiu em breve e, com a experiência que tinha dos homens e do mundo, consolou-se a si mesmo, pensando:

“Ela é muito criança ainda, há de esquecer facilmente; e depois, com aquele lindo palminho de cara, não lhe hão de faltar consoladores!”

Não ousando, porém, comunicar esta última hipótese de seu espírito avisado ao amigo, que silenciosamente esperava dele consolações, voltou-se para ele com grande amizade e mais precaução ainda, e, como se tratasse com doente irritadiço, dirigiu-lhe a palavra nestes termos:

Meu caro Curt, compreendo perfeitamente a amargura de tua decepção, pois conheço a tua sensibilidade e sabia da importância que ligavas às tuas relações com miss Carsten. Deixa-me, porém, dizer-te, e não creias que eu o faço no intento de tomar partido contra ti, que o diretor tem razão e agiu como homem de juízo, impondo desde já esta separação salutar para ambos. Quando estiveres um pouco menos exaltado, compreenderás, como Nora, como eu, como toda gente, a loucura que ias cometer e...

__ Então julgas que vou abandonar a luta? __ Interrompeu vivamente Degenthal, saindo do seu abatimento para encarar o amigo com olhos brilhantes de rancorosa decisão.

Dahnow sentiu que havia dado um passo em falso, pois fazer ver o insuperável dos obstáculos, em casos tais, é confirmar a pessoa na resolução de os vencer.

__ Pensas talvez que esse miserável papelucho... __ Continuou o conde com ímpeto, atirando desdenhosamente a carta do diretor sobre a mesa me vai fazer renunciar ao meu sonho? Puro engano, meu caro! Sei que ela me ama e, forte nesta abençoada certeza, iria em sua busca aos gelos do polo Norte, pois não há ninguém que nos consiga separar para sempre.

Dahnow teria ponderado de boa mente que os gelos do polo Norte esfriariam em pouco tempo o seu ardor amoroso, mas achou inoportuna a observação, visto o estado de ebulição em que se

achava o amigo, e, julgando que o melhor para ele era expandir em palavras a revolta humilhada de sua tristeza, deixou-o prosseguir sossegadamente.

__ Já lancei mão de todos os meios humanos para conhecer o paradeiro da família Carsten. __ Tornou Curt com ansiedade. __ Ninguém pôde informar! Esses agentes do correio e do telégrafo são uns idiotas de marca; não me souberam dizer coisa alguma. Se eu fosse autoridade, mudava tudo e afianço-te que o serviço andaria cem vezes melhor! É incrível que numa cidade como Bonn, a partida de um homem conhecido como Carsten passe inteiramente despercebida. Vou daqui à estação; talvez lá me possam esclarecer, não achas?

__ Pois ainda não te basta o que fizeste tão cedo? __ Atalhou melancolicamente Dahnow, enviando ao seu querido sono interrompido um suspiro cheio de saudade.

__ Ainda te quero pedir um favor! __ Continuou Curt, sem fazer caso da interrupção e foi este justamente o motivo que me trouxe à tua casa a estas horas inoportunas.

Dahnow fez um enérgico sinal afirmativo.

__ Recebi ontem carta de minha mãe, onde me anunciava a sua chegada e me falava de Lily ... Enfim, uma atrapalhação! Vinha te pedir, em nome de nossa amizade, que a fosses esperar à estação, pois, no estado em que me acho, não me é possível ligar razoavelmente duas ideias. Toma, lê a carta, documenta-te acerca do que há a fazer, e faze-o em meu lugar, pois bem sabes que és considerado como da família.

Assim falando, o conde entregou ao amigo mais esta carta, a terceira que o obrigava a ler naquela atormentada manhã, e que ele

leu com uma paciência de verdadeiro filósofo.

__ Tua mãe passará somente por aqui. __ Disse, depois de ter percorrido rapidamente as lacônicas linhas, onde a condessa prevenia o filho de sua chegada. __ Vai à Bélgica buscar tua prima, que termina agora seus estudos. Espera-te à passagem do comboio, para que a acompanhes até Bruxelas.

__ Até Bruxelas?! __ Exclamou Degenthal estupefato e desolado. __ É impossível! tenho de procurar Nora!

__ Olha que tua mãe se desgostará muitíssimo com a tua recusa.

__ Não é possível, Clemente! Mamã já deve ter recebido a estas horas a minha carta, sabendo por ela as razoes que me detêm.

__ Pode ser que não! __ Insistiu o barão, pensando lá consigo que, se a condessa não recebera a de Curt, a dele já lhe devia certamente ter chegado às mãos. __ O correio é tão caprichoso! Eu, no teu lugar, far-lhe-ia a vontade; agora, mais do que nunca, deves ter empenho em estar em perfeita harmonia com ela. Habituaste-a sempre a ver-se cegamente obedecida, por que contrariá-la agora sem motivo plausível?

Uma palavra dita a tempo e horas consegue sempre o seu fim, e Curt, conquanto protestasse por forma, dizendo que uma vez sempre seria a primeira, não achou argumento nenhum decisivamente contrário ao conselho de Dahnow. Este, sentindo que havia ganho terreno, prosseguiu em tom persuasivo:

__ Por outro lado, as tuas pesquisas acerca do paradeiro de Carsten nada podem sofrer com este insignificante atraso. O diretor tem uma vida que logo lhe põe em evidência a morada; encontrá-lo-

ás com a máxima facilidade, apenas se anuncie em qualquer folha um espetáculo do Carsten-Circo. Terás ao mesmo tempo ocasião de conversar a sós com a tua mãe durante a viagem, abrir-lhe o teu coração, expor-lhe os teus projetos e convertê-la habilmente a teu partido. Vês que a ida a Bruxelas só te poderá ser vantajosa.

__ Sim, tens razão! __ Concordou pensativamente Degenthal, já meio convencido. __ Vou pensar nisso. De todos os modos, porém, não deixes de ir à estação. Minha mãe terá grande prazer em te ver, e tu, como amigo, aproveitarás a ocasião de advogar a minha causa.

__ Meu Deus, se ele soubesse... __ Suspirou Dahnow, fechando a porta do quarto, depois da brusca saída do amigo.

Um novo suspiro fugiu-lhe do peito ao dar com os olhos na desordem convidativa da cama, onde poderia estar ainda gozando da bem-aventurança de um sono preguiçoso, se o não tivesse vindo perturbar aquele demônio de Curt com todas as suas complicações sentimentais.

Uma onda de mau humor franziu-lhe o sobrolho, trazendo-lhe aos lábios uma contração de amargura; tocou a campainha, ordenando ao criado que lhe preparasse o banho, o café e os jornais.

Meia hora mais tarde, refrescado pelo banho, tendo vestido um amplo mandrião turco, e coberto a cabeça com o "*fêz*" muçulmano, as suas ideias já se haviam modificado sensivelmente; fazendo diminuir rapidamente a apetitosa pilha de torradas que se achava a seu lado sobre a mesa.

Com o corpo acomodado deliciosamente no mais embalador dos *rocking-chairs*, Dahnow ia pensando que realmente assim,

com aquele saboroso café com leite, com aquele frescor novo, que lhe vinha do banho frio, e da beleza rara da manhã, com a promessa do jornal tentadoramente aberto no título sedutor de um artigo político, a vida era, na verdade, uma coisa superior, digna de ser apreciada mesmo por um filósofo desabusado.

Mas, quando o fado adverso toma por vítima um desgraçado mortal, é de esperar que o não deixe, sem lhe ter feito esgotar até às fezes o cálice das amarguras.

Dahnow não se devia comprazer muito tempo no seu bem-estar epicurista. Apenas terminou o café e se recostou preguiçosamente na cadeira para dar início à leitura habitual, soltando para o teto lentas e deliciosas baforadas de um havana superfino. O toque brusco da campainha feriu-lhe de novo os ouvidos, sacudindo-lhe impertinentemente os ouvidos sensíveis com uma desagradável vibração.

Era um novo visitante, e não menos apressado e exigente do que o primeiro, pois que, não obstante a resistência encarniçada do criado, entrou na sala de fumar onde o nosso Dahnow gozava tranquilamente a madrugada. O barão teve um gesto de furor, e, atirando o jornal para o lado, ergueu-se, enterrando ameaçadoramente até as orelhas o “*fêz*” escarlate, que lhe dava a feição de um louro “*Tartarin*” do norte. Voltou-se com majestade para o importuno, pronto a fulminá-lo não só com olhar, mas com a mais virulenta das apóstrofes; estacou, porém, tomado de surpresa, ante o caráter de seu matutino visitante.

Era um sacerdote alto, ainda jovem, muito aristocrático na negrura da batina que lhe envolvia em pregas amplas o corpo magro e esbelto.

__ Sou o preceptor da família Degenthal! __ Disse o recém-chegado, sem poder dissimular um pequeno sorriso ante o traje altamente fantástico do estudante. __ Suponho que o senhor me conhece, pelo menos de nome, por meio do conde. Eu já o conhecia há muito tempo como o melhor amigo do nosso Curt.

__ Peço-lhe desculpas, sr. preceptor... __ Respondeu cortesmente Dahnow, cujo semblante se desanuviara. __ por recebê-lo nesse traje por demais... íntimo. A hora, porém, escusa-o. Curt, na verdade, já me falara tanto no senhor, que nesta casa é e será sempre bem-vindo.

O eclesiástico inclinou-se em sinal de agradecimento e, aceitando a cadeira que Dahnow, com um gesto lhe indicava, entrou logo no assunto, dirigindo-se deliberadamente a Clemente.

__ Já adivinhou talvez o motivo desta minha visita matutina, barão. Trata-se de seu amigo. Devo antes de tudo agradecer-lhe em nome da sra. condessa o verdadeiro serviço de amigo que prestou ao conde e a ela, avisando-a do que se passava.

__ Se Curt o soubesse, provavelmente não teria para mim a mesma gratidão. __ Retorquiu melancolicamente Dahnow, cujo semblante se cobria de sombras às primeiras palavras do sacerdote. __ E saiba Vossa Reverendíssima que, se eu suspeitasse os aborrecimentos que me tem trazido esta maldita intervenção, jamais me envolveria em semelhante negócio. É uma imprudência meter-se a gente a dirigir a vida alheia. Sobre cem, há noventa e nove probabilidades de mau êxito, tornando-se desgraçado aquele que se desejava tornar feliz.

__ E como vai a coisa? __ Indagou interessadamente o preceptor, sem fazer caso das considerações pessimistas de

Dahnow.

__ Bem e mal, conforme o ponto de vista em que a gente se coloca.

E, decidido a ver-se livre o mais depressa possível de uma palestra que se ia tornando sumamente desagradável para ele, o barão relatou ao sacerdote atento os últimos acontecimentos, concluindo:

__ Ele, como é natural, está decidido a travar luta com a mãe, caso ela se oponha ao casamento. Se a condessa julga que convencerá o filho com duas ou três razões peremptórias, estará completamente enganada. Curt, pela primeira vez na sua vida, está inabalável na sua resolução.

__ Trata-se então de uma intriga de família para captar um título. __ Disse preocupadamente o eclesiástico, sem tirar os olhos perscrutadores da fisionomia impassível do estudante. __ O nosso Curt foi o que vulgarmente se chama de “agarrado”. E que lhe parece a jovem, barão? __ Perguntou com o interesse de alguém que necessita de uma opinião esclarecida para formar um conceito claro e determinado.

__ Se quer que lhe fale com absoluta franqueza... __ Replicou um pouco impacientemente Dahnow. __ Dir-lhe-ei que, com os olhos que possui, miss Carsten não precisa de intrigar para roubar corações. Se se tratasse de mim, não haveria argumento no mundo que me fizesse renunciar-lhe à mão. É uma deliciosa criatura, toda de graça ingênua e de meiguice alegre; tem tudo o que um homem de coração pode sonhar para a sua amada, e, além disto... Mas estou enveredando por um terreno em que Vossa Reverendíssima não me pode seguir. __ Terminou, com certo azedume, corrigindo

logo com um sorriso afável o que o tom de sua frase podia ter de ambíguo.

E havia nesta fisionomia irônica, quando sorria, uma tal expressão de bonomia indulgente, que instantaneamente dissipava a impressão desagradável que acaso causasse a causticidade das suas palavras.

__ Sim! __ Concordou pensativamente o capelão. __ Deve ser como me diz, pois já em criança era notável não só pela beleza como pela rara vivacidade de inteligência. Como depositário e intérprete da última vontade da mãe, interesso-me muito por ela. Fui eu quem escolheu o convento onde foi educada. A sra. condessa exprobrou-me até hoje esta escolha, dizendo que aquela educação aristocrática excitaria na menina desejos e ambições, que não seriam do seu meio nem da sua condição. Estou quase achando que ela tinha razão. Se fosse a sua educação, talvez não tivesse esta jovem urdido, como o supõe a condessa, a intriga em que lhe enredou o filho.

__ Qual intriga! __ Acudiu vivamente Dahnow. __ As mulheres não podem nunca ver as coisas simplesmente. Hão de, por força, imaginar intrigas, mistérios, dramas. Não houve intriga nenhuma, sr. preceptor. Essas duas belas crianças, jovens, ardentes, livres, viram-se e amaram-se naturalmente, sem mistérios nem complicações, Era fatal aliás; se eles se não amassem é que seria anormal. A mocidade quer mocidade. Se não fosse a posição crítica do pai perante a sociedade, era o caso de se dar os parabéns a Curt! Compreendo, no entanto, que, dadas estas circunstâncias, a condessa não possa admitir que os Carsten não sejam uns intrigantes. Enfim, o que lhe posso assegurar é que, se o

arrependimento matasse, eu já devia estar morto a esta hora, tanto me arrependo de me ter metido neste atrapalhado negócio...

O preceptor fitou surpreendido o seu mal humorado interlocutor; uma ideia especial atravessou-lhe sem dúvida a mente, pois abriu a boca para falar, mas a cerimônia conteve-o, e contentou-se com sorrir, um sorriso de malícia fina, que lhe subiu pelos lábios aos olhos graves, iluminando-lhe um instante a pensativa fisionomia.

Dahnow metera as mãos nos bolsos do mandrião turco e, apinhando os lábios como para um assobio que não saía, contemplava com uma expressão de extremo aborrecimento as árvores amarelecidas da rua.

__ Creio que, estando as coisas no pé em que estão... __ Insinuou prudentemente o sacerdote. __ O melhor é deixá-las tal qual. O pai já tomou providências; a condessa já foi prevenida e pretende que o conde a acompanhe não só a Bruxelas, mas ainda ao castelo, onde espera que as distrações da sociedade e o convívio
com pessoas de seu meio lhe façam em breve esquecer esse mal esboçado idílio.

__ Bem se vê que o senhor não entende de amor! __ Replicou Dahnow com certa impaciência. __ Ou que pelo menos não esteve ainda com Curt! Eu já tenho alguma experiência nesta matéria e creia-me, quando um homem está enfeitiçado como Curt, é difícil fazê-lo mudar de ideia.

__ Tem razão, barão! __ Tornou o preceptor com doce ironia. __ O amor não é o meu forte! Todavia, a observação da vida e a prática dos homens já me tem demonstrado que não é assim tão

difícil o esquecimento neste mundo. O que seria de nós se não se apagassem com o tempo, as impressões da mocidade! De mais a mais, foi o que o barão asseverou na carta à condessa.

Dahnow ficou sem saber o que responder; viu-se preso nas suas próprias malhas. O sacerdote não o deixou sair do embaraço, continuando em tom natural:

__ A condessa chegou ontem à noite a C*** e mandou-me adiante tomar informações; eis por que o vim incomodar a esta hora imprópria. A condessa passará por aqui à tarde no expresso; espera encontrar o conde na estação, e, com as notícias tranquilizadoras que lhe levo, há de provavelmente correr tudo muito bem.

__ Não se fiem extraordinariamente na presença de Curt na estação; é muito capaz de lá não aparecer, apesar de eu o haver aconselhado muito neste sentido! __ Respondeu Dahnow, pondo-se de pé, ao ver que o eclesiástico se preparava para sair. __ E já que Vossa Reverendíssima me imputou, muito veladamente, é verdade, certa inconsequência entre o meu modo de escrever e o de pensar... __ Prosseguiu com o seu irresistível sorriso de simpatia. __ vou tratar de ser menos inconsequente agora. O sr. disse-me ter chegado ontem à noite a C***; para alcançar o comboio que chega de madrugada aqui, não deve ter tido tempo de tomar nada em viagem, pois não há entroncamento nem parada em caminho. E, não obstante o hábito que deve ter do jejum, aposto que está a morrer de fome. Permita-me o prazer de lhe aquecer o estômago.

E sem esperar pela resposta do preceptor, cuja apetite era com efeito de um esfomeado - e de um esfomeado viajante! - chamou o criado, mandando servir imediatamente uma pequena refeição.

O sacerdote não se sentiu com coragem de recusar, e Dahnow, que fazia grande alarde de ter sempre as ordens uma adega bem provida e uma ceia preparada, pelo menos em poucos instantes, fez improvisar o mais apetitoso e substancial dos almoços.

__ A sua saúde e bom êxito da nossa campanha *contre l'amour*! __Disse Clemente, enchendo um cálice de sherry e apresentando-o a seu hóspede, que cruzara o talher depois de valentemente ter feito honras à hospitalidade alimentícia do barão. __ Se eu não fosse um herege inconvertível continuou em tom de confidência, confesso-lhe que invejaria essa batina, escura insígnia de um estado que tão superiormente o faz pairar longe das atormentadoras misérias da carne e do coração

__ Desde que não posso brindar ao bom êxito do romance, brindo ao da campanha! __ Respondeu rindo o capelão da condessa. __ Sabe Deus com que prazer abençoaria eu a união desses dois jovens, se os não separassem tão graves e insuperáveis obstáculos! Sou de sua opinião, barão; nunca se deve a gente meter a fazer a felicidade alheia. A Providência sabe como agir, e só a ela devemos deixar o cuidado de unir e desunir corações. Pobre menina! Na sua situação este pesar lhe será mais um tropeço; Que Deus a guie e proteja!

__ Ora, Sr, preceptor! __ Exclamou Dahnow com a sua irreverente ironia. __ O senhor não conhece as mulheres! A memória é uma coisa muito rara nelas, e quando são belas como miss Carsten, nunca falta quem as console! O pior de tudo isto é para nós, pois esta composição só nos traz fadigas e massadas.

*   *   *   *   *

À tarde, segundo havia prometido ao amigo, Dahnow achava-se na estação, à espera da condessa, fazendo pachorrentamente exercício ao longo da *gare* já bastante movimentada.

O preceptor partira, indo encontrar a titular numa estação antes de Bonn, para lhe dar as informações e seguir neste mesmo dia para o castelo de Degenthal, onde Nickel ficara só.

Cinco minutos antes da chegada do expresso, apareceu Curt, muito pálido, as faces alteradas pela fadiga do dia passado em pesquisas e pela mágoa da cruel decepção.

Estava, porém, em traje de viagem e trazia na mão uma elegante mala de turista.

__ Acompanho minha mãe até Bruxelas. __ Explicou nervosamente a Dahnow. __ Mas amanhã mesmo estarei de volta e espero-te aqui.

O barão não teve tempo de responder, pois o comboio chegava e precipitaram-se ambos para o vagão, onde se achava à portinhola a alta figura da condessa Degenthal.

O encontro da mãe e do filho foi cerimoniosamente afetuoso; eram demasiado aristocratas para darem expansão em público aos seus sentimentos, e o beijo que o jovem conde depositou na mão de sua mãe, foi-lhe friamente retribuído na testa.

Durante os dez minutos de demora do comboio, a condessa ocupou-se exclusivamente de Dahnow, interrogando-o sobre seus estudos e ocupações, com um excesso de interesse em que o barão sentia o calor de uma oculta gratidão.

O comboio deu afinal o sinal de partida, e a condessa, depois da mais amável das despedidas, entrou apressada no compartimento reservado.

__ Até amanhã! __ Gritou Curt ao amigo, pondo a cabeça fora da janela e agitando o chapéu num gesto de adeus, como se quisesse testemunhar por este breve aviso, a sua firme intenção de não se demorar em Bruxelas.

O comboio deslizava rapidamente sobre os trilhos, e Dahnow, que correspondia ao adeus do amigo com um amigável aceno de mão, ainda teve tempo de entrever, através dos vidros do vagão, o semblante austero da condessa contrair-se severamente a essa indireta manifestação de independência.

__ A mãe tem um ar resoluto... que é para intimidar um regimento! ... Eu é que não me quero meter em lutas contra ela. __ Pensava Dahnow ao voltar para a cidade. __ Pobre Curt! Será difícil vencer aquele dragão! O melhor para ele seria que a prima fosse linda como um astro e que ele se enamorasse dela sem mais detenças. Não há nada para curar um amor como outro amor, e o meu conde, conquanto tenha revelado mais força de vontade do que dele se esperava, é homem como outro qualquer e deve ter, como todos nós, a inconstância no sangue. Pobre Nora, tão risonha! ... Tem razão o preceptor; seria terrível, se não se apagassem as impressões vibrantes da mocidade! ... Enfim, como o deixei nas mãos da mãe... __ Concluiu num suspiro. __ Tenho a consciência em paz e juro pelos sagrados manes de todos os Dahnow passados e futuros nunca mais me meter nos negócios sentimentais do meu próximo.

*   *   *   *   *



Direito algum há de ser jamais um obstáculo.

DEIXANDO o amigo nas mãos da mãe, pensava Dahnow não só ter acabado a missão, mas também ter realizado todas as presentes aspirações da condessa. Não se enganou muito. Como toda mulher autoritária, julgava ela, ter sido a causa desse noivado intempestivo, o abandono moral em que deixara o filho, permitindo que ele viesse para Bonn.

Se Curt havia deixado o sossegado castelo de Degenthal, se ele se metera nesse antro de perdições, que era a cidade universitária das margens do Reno, fora unicamente pelos desastrados conselhos do preceptor. Bem percebera a condessa o fim almejado do eclesiástico: tornar mais independente o menino efeminado pela sua educação solitária, virilizá-lo ao contacto dessa livre vida de estudante, furtá-lo enfim um pouco a esta influência despótica da mãe.

Como se arrependia ela agora de não ter seguido como sempre as suas próprias aspirações! Relutara muito a princípio e se afinal cedera fora absolutamente contra a sua vontade; no meio das contrariedades de agora, diante do pálido rosto de seu filho, cujas feições traíam o profundo abatimento moral, era-lhe uma espécie de

consolo pensar que, se tudo isso se dera, fora só e unicamente porque haviam procedido contra o seu parecer.

O golpe recebido pela carta denunciadora de Dahnow tinha sido rude ao seu orgulho. Educada com grande severidade de princípios rigorosamente aristocráticos, a condessa aplicava-os, a todos os negócios da vida prática; um arraigado sentimento do dever fora sempre a norma de sua conduta; e o dever para ela consistia justamente em não decair, em não quebrar, um segundo sequer, a linha de fidalga distinção que o seu nascimento, a sua situação, a sua fortuna e o seu nome lhe haviam traçado na sociedade.

Nos caracteres fundamentalmente ativos, sobretudo nas mulheres, oferece este demasiado sentimento do dever um grande perigo, degenera quase sempre em tirania, quando o coração não lhes vem suavizar as asperezas.

Casada aos dezoito anos, por muita conveniência e alguma simpatia, com um homem muito mais velho do que ela, a condessa tivera uma infância melancólica, uma meninice rígida, enclausurada desde os oito anos num dos mais formalistas conventos da aristocracia, e uma mocidade prematuramente entristecida pela morte súbita do conde Degenthal, a quem se consagrara com todas as forças concentradas de seu coração reservado.

A viuvez pô-la, ainda jovem, à testa não só de uma grande fortuna, mas ainda da educação de dois filhos e de uma filha, pois adotara a pequena Lily, órfã ao nascer, como se a tivesse ela mesma concebido. Dedicara-se, pois, com todas as energias de um caráter voluntarioso, oprimido até então pela estreiteza das

circunstâncias, à educação desses filhos e à conservação da fortuna.

Tudo quanto tinha de terno no coração concentrara-o no filho mais velho, nesse tímido e caprichoso Curt, cuja índole meiga e sedutora era como o complemento e o contraste do seu gênio seco.

Esta predileção fizera-a tomar sobre o menino o mais completo, o mais despótico ascendente: Curt era possessão sua, obra sua; não podia admitir que ele não lhe obedecesse cegamente, sem pensar - coisa aliás muito frequente entre as mães! - que esta absoluta dependência teria um dia uma inevitável e terrível reação.

Nunca pensara também que, habituado desta maneira ao domínio de uma mulher, Curt, irresistivelmente levado pelo hábito de sujeição, havia de procurar outro mais doce e mais forte, que monopolizasse todas as forças afetivas do seu ser ávido de ternura e de afeto, apenas se libertasse dela. A condessa procurara formar o filho à sua imagem, incutindo nele os fortes princípios de sua raça e os seus próprios preconceitos.

Mas na alma ardente e sonhadora de Curt toda esta ríspida lição de grandeza orgulhosa, que lhe alimentara a solitária infância, se transformara num gosto pronunciado para tudo o que de longe se parecesse com heroísmo, cristalizado numa exaltação idealista e altaneira, em que bem poucos traços restavam do primeiro e frio original.

Para a condessa fora, pois, um cruel desengano ver que este filho, tão desveladamente idolatrado, em quem pusera todas as suas maternais esperanças, faltava assim a todos os seus deveres e princípios no primeiro passo que dava na vida pública.

Curt decaíra um pouco do alto pedestal em que sua vaidade o trazia, mas, como o amor e a admiração que ele lhe inspirava não lhe permitiam acusá-lo muito tempo, ia buscar a causa das suas contrariedades na influência perniciosa exercida por aquela família de intrigantes.

Culpava veementemente os Carsten, e para desculpar o filho, descarregava toda a sua cólera sobre essa pequena afortunada, namoradeira e esperta, que lhe queria roubar o nome e o coração do filho, e um pouco também sobre esse excelente preceptor, que tão funestamente a aconselhara. Mas agora, que o tinha ali no seu lado, longe de toda influência alheia, reconquistado a tempo, começava a julgá-lo são e salvo e tachar interiormente Dahnow de exagerado. Vê-lo a sós, entregue a ela, parecia-lhe uma quase vitória e, fitando disfarçadamente o semblante tristonho e pensativo de Curt, punha-se sem querer a rememorar as frases apaixonadas da carta, onde lhe participava o seu noivado e lhe pedia aprovação e sua bênção para a consagração dele.

Qualificava desdenhosamente de “crise passageira de fascinação” essa epístola vibrante e confidencial, onde o rapaz, mau grado seu, pusera o melhor de sua alma enamorada e juvenil. Uma de suas regras principais era operar logo, sem vacilação nem atrasos, não dando tempo ao arrependimento; foi assim que aceitou imediatamente a inspiração de Dahnow, resolvendo levar o filho para casa, custasse o que custasse, e retê-lo aí por todos os meios e modos a seu alcance.

Era um verdadeiro rapto; e, com a prontidão de decisões que a caracterizava, a condessa pôs sem demora seu projeto em execução. Tirar a sobrinha do colégio era-lhe um esplêndido

pretexto; aproveitou-o sem demora, tanto mais que no fundo dos seus pensares acariciava a secreta esperança de que talvez a graça e a mocidade de Lily contribuíssem para fazer esquecer a Curt essa absurda paixão.

Sempre fora seu sonho casar a sobrinha com o filho, e, contando com a submissão de Curt, preparara o terreno, esperando que, apenas comunicasse aos interessados o seu plano, estes anuíssem entusiasticamente a ele. Sendo, entretanto, uma mulher prudente nada dissera ao filho dos seus projetos; sentindo-o assim tão magoado, não lhe falara acerca de carta, achando que era preferível não o irritar de antemão e adiar para ocasião mais propícia a admoestação que lhe reservava.

Curt, por seu lado, ignorava completamente a carta de Dahnow e a visita do preceptor, não sabendo a que ponto chegava a ciência da mãe a respeito de seu noivado, e, lembrando-se de que toda a sua diplomacia estaria agora em fazer-se aliado da mãe, calou a sua revolta e as suas apreensões; colocou-se em terreno seguro e falou de Degenthal, cujas cavalariças necessitavam de uma reforma em regra, dos estudos de Nickel, das boas notas de Lily, da estação teatral de Bonn, de tudo, enfim, exceto precisamente daquilo que tão profundamente preocupava a ambos.

E durante a longa viagem não houve entre esta mãe e este filho, que no entanto se adoravam, um minuto de íntimo abandono, um instante sequer de intimidade moral; havia entre ambos a insuperável barreira de dois orgulhos, que pela primeira vez se encontravam face a face e mediam as armas antes de começar o combate.

A única preocupação da condessa era não deixar escapar o filho à sua vigilância, e a ideia fixa do conde era saber o paradeiro de Nora.

Saber o paradeiro de Nora! ... Esta ideia martelara-lhe dolorosamente o cérebro toda a noite, e ainda agora lhe vincava a fronte com um traço duro, que lhe dava à fisionomia uma estranha expressão de intransigente decisão.

Saber do paradeiro de Nora! Encontrá-la, falar-lhe, e assegurar a Alfredo Carsten, assegurar a essa adorada criatura, que tão facilmente se submetera ao rompimento, que para ele não havia obstáculos insuperáveis e que para conquistá-la não havia sacrifício que não estivesse pronto a fazer.

Todas essas ideias, todos esses projetos turbilhonavam como bandos de aves de arribação na mente em fogo do rapaz, mas não tinha ainda nenhum plano formado. Uma coisa, porém, o animava: era a certeza plena e absoluta, a convencida certeza, esta magnífica certeza da mocidade, de que cedo ou tarde encontraria Nora, ou pelo menos seu pai, e então... ah! Então, não deixaria fugir nunca mais essa querida esquiva, em cujos meigos olhos verde-mar, em cujo sorriso de maliciosa candura residia para ele a felicidade!

Era-lhe inútil achar-se agora em Bonn, desde que os Carsten lá não estavam; muito vagamente dizia que tanto se lhe dava ir para Degenthal com a mãe, se de lá mesmo pudesse prosseguir nas suas investigações, como tornar para a universidade.

Estas e outras reflexões ocupavam-no tanto, que não se negou a acompanhar a condessa ao convento para buscar Lily, causando destarte à titular um verdadeiro espanto, que se traduziu por um

sorriso triunfante e um curioso olhar indagador, que Curt não percebeu.

Na verdade, chegada, esta proposição feita no dia seguinte ao da chegada, depois da refeição da manhã, não lhe agradava muito num belo dia de sol. Preferiria mil vezes percorrer Bruxelas livre e sozinho, a ir ouvir as despedidas lamuriosas de uma colegial banal num locutório de convento; mas, quando se está sob a pressão de uma grande contrariedade, a gente não se sente com coragem para lutar contra as pequenas.

Curt disse que sim ao convite da mãe, encantando-a sem o saber com mais esta prova de submissão, e acompanhou-a sem dar mostras de aborrecimento ou de fadiga.

Ao chegar, porém, à porta, quis retirar-se, mas o destino, que trabalhava traiçoeiramente contra a condessa, instigou-a a detê-lo, invocando o grande desejo que tinha de o apresentar à Superiora, a sua melhor amiga de infância.

Curt cedeu com indiferença; desde que não estava com Nora, tanto lhe fazia estar aqui como ali. Ao toque sonoro da campainha, a irmã porteira escancarou o pesado batente da antiga porta, introduzindo-os no grande locutório, deserto - a esta hora e silencioso como um túmulo!

A irmã porteira escusou-se, fazendo uma mesura, por ter de deixá-los, pedindo-lhes que esperassem um instante, pois ia prevenir a Madre Superiora.

A condessa acomodou-se num dos altos sofás estofados, que se alinhavam com um quê de hierático e rebarbativo ao longo das partes brancas, enquanto Curt examinava desinteressadamente a sala. Era um vasto quadrilátero, cuja parede do fundo fora

substituída por uma complicada grade de ferro, em cujas extremidades se abriam duas estreitas portas de madeira escura.

A grade não era propriamente um muro, pois não subia até ao teto; era antes um biombo, que transformava em corredor o fundo do vasto salão. O chão cuidadosamente polido reluzia como um espelho, as paredes nuas na brancura viva da cal davam uma impressão de limpeza escrupulosa e de frio também. Aquela grande sala clara era glacial; um crucifixo de madeira negra, onde o corpo de marfim de Cristo ressaltava doloroso e torturado, e dois largos quadros, os tradicionais quadros de honra, onde se liam em arabesco de gótico, os nomes das alunas mais distintas, eram o único ornamento deste imenso locutório sombrio, não obstante a brancura imaculada das paredes e do teto.

Uma mesa coberta de veludo verde-escuro, onde havia um tinteiro de prata, uma pasta de couro preto, duas canetas e um peso de vidro opaco, ocupava-lhe um dos ângulos, e Curt que a tudo isto lançava o distraído olhar de um namorado infeliz, não podia deixar de confessar que naquela simplicidade e naquela brancura havia o quer que fosse de nobre e de imponente que impressionava.

A condessa conservava-se silenciosa e ele por seu lado não se achava disposto para a futilidade de uma conversação ligeira; tinham ambos os corações demasiado cheios.

A irmã porteira voltou ao cabo de alguns minutos, prevenindo-os de que, detida por um negócio urgente, a Superiora pedia que a esperassem um quarto de hora.

A condessa respondeu com uma inclinação à respeitosa saudação da freira, que a passo curto e silencioso de sombra, sumia já por uma das portas escuras abertas no gradil.

Alguém, entretanto, vindo de dentro e, por conseguinte, invisível aos hóspedes do locutório, a deteve um momento imóvel em frente à porta entreaberta, a pedir-lhe uma informação em voz baixa.

__ Não suba, menina! __ Respondeu a religiosa. __ A Superiora deve vir já. Se quiser esperar no locutório, ela não tarda. __ E, com a mão sobre o trinco da porta, a religiosa afastava-se para deixar passar a sua interlocutora.

__ Não é mais que para dizer-lhe uma palavra, irmã Gisela! __ Explicou uma voz fresca, cujo timbre harmonioso, ecoando argentinamente no locutório, fez estremecer Curt dos pés à cabeça. __ Uma palavrinha apenas; diga-lhe isto de minha parte. __ E num ruge-ruge de seda assomou ao limiar da porta uma esbelta silhueta feminina.

__ Mas há gente lá fora! __ Exclamou, recuando um pouco, como se o inesperado encontro com estranhos lhe houvesse desagradado.

Curt voltou-se, como se o tivesse tocado uma faísca elétrica, ao som dessa voz cristalina tantas vezes devotamente ouvida, e com indizível pasmo viu Nora hesitante no limiar da porta, Nora em pessoa! Nora, que um vestido escuro fazia mais alta e mais fina ainda!

Nora empalidecida, abatida, mudada, mas Nora em carne e osso! Nora, cujos olhos se dilatavam de espanto ao reconhecê-lo, e cujos braços tinham por seu lado um gesto instintivo de apelo.

__ Nora! __ Exclamou, precipitando-se desvairadamente para ela, num esforço de toda a sua alma, de todo o seu ser, que era mais eloquente do que uma longa confissão. __ Nora, que faz você

aqui? Quem lhe deu o direito de vir sepultar-se sob estas grades, se eu ainda não a desliguei da promessa que me fez?

A donzela não pode responder; recuou instintivamente, tentando em vão repelir as mãos trêmulas de Curt, que se prendiam as suas; Fez um esforço supremo para falar, mas a surpresa prendeu-lhe a voz e, sucumbindo de chofre ao excesso de emoção, fez-se de um palor de cera, caindo desfalecida aos pés de Irmã Gisela, que esta rápida e imprevista cena positivamente petrificara.

__ Previna a Superiora e traga sais depressa. __ Ordenou-lhe Curt, tomando nos braços o corpo desmaiado da donzela.

Irmã Gisela fez um gesto para pegar nesse corpo, murmurando um confuso protesto contra essa inqualificável inconveniência, essa coisa escandalosa e nunca vista até então: um rapaz tomando nos braços uma menina de mais a mais educada ali, naquele corretíssimo convento! ... Nunca as santas paredes desta casa haviam assistido a semelhante cena!

__ É minha noiva! __ Disse-lhe imperiosamente o conde, para dissipar a confusão em que esta infração às regras do bom-tom lançara aquele pobre espírito escandalizado. __ Tenho o direito de socorrê-la! __ E, levantando do chão a donzela desmaiada, foi recliná-la cuidadosamente no sofá, junto ao qual se achava a condessa de pé, hirta como a estátua viva da reprovação.

A Irmã Gisela desapareceu com a presteza de um turbilhão, para ir prevenir a Superiora do escândalo que ameaçava arruinar a reputação imaculada do seu colégio, e no susto horroroso que lhe causavam o desmaio de Nora e a brusca intervenção de Degenthal, havia já um pouco de compaixão para essa pobre menina, que o

tufão do mundo arrastara tão longe do sossegado abrigo onde se haviam passado os anos tranquilos de sua meninice.

A condessa presenciara a cena, ouvira o grito vibrante do filho, vira a emoção fulminante da donzela, o seu gesto desesperado para repelir Curt e finalmente a fraqueza repentina que lhe descompusera as feições, prostrando-a inerte aos pés do conde.

Não dissera uma palavra, não fizera um movimento de auxílio ou de repulsa, apenas se pusera de pé, e, num gesto que era a exteriorização do seu desdém de aristocrata pela vulgaridade desta cena de melodrama, compusera, com uma afetação de impassibilidade, as plumas do “boá” de penas caras que se lhe enrolava no pescoço.

Curt, entretanto, ajoelhado junto ao sofá onde Nora jazia sem sentidos, cobria-lhe de beijos as mãozinhas geladas, pedindo-lhe perdão de a ter assustado daquele modo, pedindo-lhe que voltasse a si; e, chamando-a pelos nomes mais ternos, fazia-lhe as mais desconexas perguntas, as mais absurdas queixas, perguntas e queixas em que palpitava, inegável e sincera, toda a aflição que lhe ia na alma apaixonada.

Fosse pelo calor desses beijos de fogo, que lhe queimavam as mãos abandonadas, fosse pela força de reprovação quase odienta que deixava cair sobre ela o duro olhar da condessa, a verdade é que um fraco suspiro entreabriu os lábios cerrados da donzela, que fez um ligeiro movimento, como se quisesse erguer-se, e, abrindo os olhos, fitou um olhar sem expressão no rosto aflito de Degenthal, que se inclinava ansioso sobre ela.

__ Nora! __ Suplicou o jovem, apertando-lhe docemente as mãos.

__ Curt! __ Murmurou ela com uma inefável expressão de carinho, reconhecendo o amigo e deixando falar a sua alma na semi-inconsciência do delíquio, que começava a dissipar-se.

Uma alegria intensa lhe encheu de luz por um instante os grandes olhos profundos, esboçou o gesto de acariciar a cabeça morena que se erguia para ela numa silenciosa imploração, mas seu olhar encontrou o da condessa e, diante da cólera rancorosa que se estampava nas frias retinas hostis da titular, a consciência de sua situação voltou-lhe como um raio.

Soltou uma exclamação abafada e, repelindo Curt, sentou-se vivamente no sofá, passando as duas mãos pela testa, como para reunir as ideias que lhe fugiam.

O conde ergueu-se e, aprumando o busto, deu dois passos para a mãe, que o considerava como uma estranha expressão de cólera e de piedade ao mesmo tempo.

__ Minha mãe! __ Começou em tom conciliador, lançando um olhar resoluto à severa figura que o dominava, e onde o desdém imprimia o cunho de uma incontestável majestade. __ Eis Nora! Tentaram arrebatar-ma, separaram-me dela, mas a Providência que não nos quer separados na vida, encarregou-se de nos unir, servindo-se para isto de mamã. Que seja abençoada a Providência! Era difícil, era quase impossível fazer-lhe conhecer a minha noiva... e mais difícil ainda imaginá-la tal qual ela é. A mamã mesma exigiu esta minha viagem a Bruxelas, a sra. mesma trouxe-me a esta casa; não me pode acusar de premeditação. Olhe para Nora, minha mãe, olhe para ela, e a aprovação, a bênção que eu lhe pedi por carta, para o meu noivado, dê-mas agora, dê-mas com o seu coração, que

por certo não resistirá ao apelo de um filho, a quem tantas vezes tem cedido tão indulgentemente.

Curt dissera estas palavras num tom que queria ser reservado, mas, à medida que falava, a emoção ia-o penetrando, e quando acabou, a sua voz ameigara-se insensivelmente, tomando essas quentes inflexões de respeito e de ternura, a cuja sedução a condessa raramente era insensível.

A titular endureceu-se para resistir a essa voz de carinho, que mau grado seu lhe amolecia coração e vontade. Parou um pouco, antes de responder; e sentindo a gravidade dessa hora, que pela primeira vez os punha face a face, como adversários - sim, como adversários! - Pois não podia deixar de considerar como um desafio a atitude resoluta de seu filho, de seu dócil Curt de outrora, deste homem de calma e energia, cujo olhar não mendigava, mas exigia uma resposta; sentindo que as palavras que pronunciasse seriam decisivas, recolheu-se um instante, e, medindo o filho com um ar glacial, retorquiu num tom seco, cujo mal disfarçado desprezo fez estremecer de revolta o coração de Nora:

__ Recebi a tua carta, com efeito; mas há loucuras que não merecem resposta, e o que nela me pedias estava justamente nestes casos.

__ Mamã! __ Gritou Curt, voltando sem querer a essa palavra infantil no desespero que lhe causara o tom intratável da condessa. __ Mamã! __ Continuou com veemência, estendendo para ela as mãos, num gesto que era ao mesmo tempo uma ordem e uma súplica. __ Você não leu certamente a minha carta! A mamã certamente não sabe que dessa loucura depende a felicidade de

minha vida, e que para consegui-la estou disposto a tudo... Ouviu bem, a tudo?!

__ Ouvi bem! __ Respondeu altivamente a condessa. __ E não precisava ouvir-te; bastava-me ver-te para saber que estás disposto a tudo, como dizes: “a tudo!”, mesmo a tomar para com tua mãe esses modos de desrespeito e de violência, que me fazem desconhecer-te. Mas basta de cenas! Se há pessoas a quem essas cenas sejam naturalmente agradáveis... __ Acrescentou com intenção, lançando a Nora um olhar quase de ódio. __ não é do nosso meio, nem da nossa educação estarmos a discutir a tua felicidade em presença de estranhos.

Era tão ofensivo o tom da condessa e havia na expressão irritada de sua fisionomia tanto desprezo e tanta ironia, que uma onda de sangue subiu às faces pálidas de Nora.

__ Senhora!... __ Balbuciou, levantando-se e dando um passo para a condessa.

Mas a Superiora entrava nesse instante, e Nora, ante esse rosto inteligente, onde se refletia a bondade de um coração amigo, sentiu uma emoção bizarra e contraditória, que lhe encheu de lágrimas os olhos claros.

__ Madre Sibila! __ Murmurou como a pedir auxílio, adiantando-se para a freira.

__ O que há, minha filha? __ Indagou a religiosa, com essa terna e harmoniosa voz que era um dos seus grandes atrativos.

A jovem não teve tempo de responder. Curt, a quem o traje da religiosa rememorava a cena do *pic-nic* e o que Nora lhe dissera no bote, sentiu reavivarem-se os seus receios, e, na angústia pungente de ver ligada por indissolúveis votos aquela a quem tão fundamente

queria, esqueceu tudo e, dirigindo-se à Superiora, respondeu com agitação:

__ Senhora Superiora, é do meu dever preveni-la de que esta menina não deve... não pode ficar aqui! A sra. não tem o direito de retê-la, nem mesmo de a aceitar na sua congregação, pois é minha noiva. Tenho a sua promessa. Se ela está aqui, ou é forçada ou é por desespero; não tem vocação alguma. Nora... __ Acrescentou, voltando para a menina o seu pálido rosto transtornado. __ você não terá a coragem de negar perante a sua mestra predileta que me prometeu a sua mão e me confessou o seu amor!

__ Nora não tem nada que negar nem tão pouco que confessar, senhor. __ Atalhou tranquilamente Madre Sibila, sorrindo com o seu belo sorriso desprendido das coisas humanas. __ E o senhor engana-se completamente julgando que temos a intenção de a reter aqui à força. Miss Carsten veio aqui passar conosco uns dias de despedidas, antes de sua partida para a América.

__ Para a América?! __ Repetiu Curt, profundamente admirado pela naturalidade com que a Superiora anunciara esta resolução. __ Ah! Nora! O seu afeto é assim tão pequeno e tão mesquinho, que não pode resistir ao embate da primeira contrariedade e que tão facilmente desanima ao primeiro obstáculo? __ Prosseguiu num queixume sentido, que foi direito ao coração da jovem e que a molestou mais do que uma frase violenta de indignação.

Nora fez-se branca como um lírio; os lábios e as mãos tremiam-lhe convulsivamente.

__ Senhor conde... __ Acudiu prontamente Madre Sibila, vendo que a menina desfalecia. __ V. Excia. não se pode dirigir em minha presença com essa intimidade a uma donzela que tenho sob

a minha vigilância. Não sei e não quero saber se tem o direito de o fazer. __ Tornou ela com uma seriedade que fez arrefecer como por magia o arrebatamento do rapaz. __ E das razões que se possam opor ao seu enlace só é juiz o sr. Alfredo Carsten. Dirija-se a ele e consulte os seus. __ Acrescentou, lançando a furto um olhar ao desfigurado semblante da condessa e, colocando a mão sobre o ombro da jovem, como para lhe certificar proteção, disse-lhe com autoritária doçura:

__ Retire-se, minha filha, que o seu lugar não é aqui, onde vamos tratar de assuntos que não a podem interessar.

Nora deu alguns passos para obedecer; no seu móvel semblante lia-se claramente a luta que lhe ia na alma.

Combatida entre o desejo de dizer a Curt uma última palavra que a desculpasse aos olhos dele e o receio de desagradar à Superiora, teve de súbito uma inspiração e, com a sua habitual espontaneidade, voltou-se para a condessa, dizendo com uma franqueza tão simples que a qualquer outra teria desarmado:

__ Senhora condessa, como sinto que o instante em que nos tornamos a ver, depois de tão longos anos de separação, seja para ambas tão doloroso! A senhora foi outrora tão boa para minha mãe, que é impossível não o ser hoje também para a filha! Para a filha que, recordando sempre com reconhecimento a sua dedicação, só pode lastimar do fundo da alma ser agora a causa involuntária de sua aflição!

A condessa estava demasiadamente irritada para poder enxergar nestas singelas palavras - em que a menina pusera todo o seu coração! - outra coisa que o desejo de a reconquistar e de lhe arrancar com bons modos o consentimento.

Seus olhos frios tiveram um clarão, seus lábios cerraram-se; levantou a cabeça com ar de soberano desdém, e, dardejando a Nora o mais esmagador dos seus olhares, replicou com uma ironia verdadeiramente insultante:

__ Creio que o pesar de ser a causa de minha aflição não será tão grande que perdure ante a satisfação de ver bem preso aos seus encantos o conde Degenthal. Pode gabar-se de ter sido tão hábil! Dou-lhe os meus parabéns. Esta última cena com acompanhamento do desmaio e das entonações de voz, próprias do seu estado de alma, foi, na verdade, enternecedora e representada com uma maestria de artista!

Nada dói mais do que uma injustiça; e ao ver tão injustamente interpretadas as suas palavras sinceras, uma violenta indignação sublevou a alma leal de Nora.

Todo o sangue de seu pai, esse sangue impetuoso e arrogante, que jamais pudera suportar sem revolta a suspeita sequer de uma ofensa, afluiu-lhe ao rosto numa onda de púrpura.

Ergueu também a cabeça, aprumou o busto flexível e com um ar e tom de dignidade, que não teria desmentido a boca fidalga de uma duquesa, fitou na condessa seus grandes olhos luminosos.

__ Senhora! __ Disse com voz vibrante, retribuindo-lhe orgulhosamente o sorriso. __ Engana-se completamente sobre o sentido de minhas palavras. Não lhe quis dar satisfações, nem foi tão pouco no intuito de comovê-la que preparei esta cena, como acaba de insinuar. O meu encontro com o conde Degenthal neste recinto foi meramente casual. Havia poucos dias, recusara-lhe a minha mão; não me pode, pois, acusar de lhe ter querido captar o título, muito menos de ter premeditado esta entrevista tão

desagradável. Se falei, há pouco, foi para obedecer a um escrúpulo de consciência, que me obrigava a agradecer-lhe as bondades que outrora dispensou a minha mãe; era unicamente esta a minha intenção! Creio, sra. condessa, que nada mais temos a dizer, a não ser, para tranquilizá-la, que o seu filho está livre, inteiramente livre!

E, fazendo um altivo cumprimento de cabeça, Nora passou, por diante da condessa estupefata, pálida, grave, soberba de dignidade e de graça insolente, sem lançar sequer a Curt, que a considerava com inexprimível desolação, a esmola derradeira de um olhar.

A condessa não achou que replicar; um espanto, em que havia um vago princípio de admiração pela galhardia dessa criança tão linda na revolta da sua dignidade ofendida, embargou-lhe a palavra.

A atitude altaneira de Nora impôs-se-lhe, mau grado seu; no espaço de um segundo, enquanto a donzela atravessava o salão e desaparecia pela porta do corredor, diante da esbelteza airosa desse talhe e da radiosa formosura desse perfil, compreendeu e desculpou a louca paixão do filho.

Mas o seu orgulho feroz reagiu imediatamente contra esta fraqueza passageira; um furor impotente contra essa atrevida filha de ator a invadiu, e foi numa recrudescendência de frieza que se voltou para o filho, pronta a terminar ali a discussão, de uma vez para sempre, custasse o que custasse.

Curt estava lívido até aos lábios; os seus olhos negros tinham um brilho quase desvairado no palor de cera do rosto amorenado; por uma extraordinária tensão de vontade, continha a cólera que lhe enterrava furiosamente as unhas nas palmas das mãos cerradas.

__ Mamã! __ Disse num tom que um supremo esforço fazia quase calmo. __ A sra. deve compreender que a cena que se acaba de passar é das que não podem repetir. Precisamos hoje mesmo acabar com isto. Repito-lhe, pela última vez, que amo Nora Carsten com um afeto tal que estou decidido a passar por cima de todos os obstáculos. Fui até hoje um filho obediente; mas, se até esta data fui submisso, previno-a de que também sei agir... Mamã! __ Continuou com um súbito desfalecimento na voz, dando um passo para a condessa, que permanecia imóvel e silenciosa. __ Não queira fazer a minha infelicidade! Deixe falar o seu coração, diga uma palavra e eu irei buscar lá dentro aquela que, mais do que nenhuma, é digna de ser sua filha!

Assim falando, o conde fizera insensivelmente um movimento para a porta do corredor, por onde saíra Nora.

A Superiora compreendeu que era urgente intervir, antes que a atitude inabalável da condessa suscitasse entre esses dois entes, que no fundo se amavam, palavras de irremediáveis consequências; decidiu-se a falar:

__ Meu caro conde... __ interrompeu com vivacidade, tomando-lhe o braço com uma familiaridade autoritária que as circunstâncias escusavam. __ A sua mãe tem perfeitamente razão num ponto: Aqui não é lugar próprio para tratar de questões da gravidade da que acaba de levantar. Eu não posso permitir que continue nesse tom. Se quiser discutir as conveniências ou inconveniências do seu casamento com miss Carsten, vá procurar-lhe o pai no Hotel Pelloux. Aqui não é possível.

E, falando assim, Madre Sibila empurrava brandamente para a saída o conde - um pouco perplexo e já um tanto confuso de se ter

deixado arrastar pelo ardor dos seus sentimentos - sorrindo sempre para suavizar com este sorriso a firmeza de suas palavras. Curt Degenthal lançou um rápido olhar à bondosa fisionomia que o contemplava com uma evidente expressão de simpatia:

__ Senhora... __ Disse com ímpeto a meia voz, tomando-lhe respeitosamente a mão. __ Peço-lhe mil desculpas por ter vindo perturbar o sossego desta casa. Creia, porém, que nunca esperei encontrar aqui miss Carsten. A surpresa e a emoção fizeram-me perder a cabeça um instante. Reitero-lhe as minhas desculpas. A senhora, que conhece Nora de perto, que a educou, que a teve por tantos anos ao seu lado, deve compreender, deve desculpar o louco afeto que ela me inspira! Estou disposto a tudo para conquistá-la, e tenho a certeza de que, agindo assim, obro conforme os desígnios da Providência, que já nos reuniu três vezes da mais estranha, da mais imprevista das maneiras.

__ Sempre somos levados a considerar a vontade de Deus o que sucede segundo o nosso gosto! __ atalhou Madre Sibila com uma expressão quase imperceptível de zombaria na voz. __ No entanto, é muita vez o contrário que Ele reclama de nós. Percebo, porém, que o detenho, conde. __ Continuou com firmeza. __ E como tenho a certeza de que sua mãe deseja um carro o mais depressa possível, não o quero impedir de satisfazer esse desejo.

Curt não pode conter um sorrisozinho de admiração ante a engenhosidade desse pretexto, que tinha a dupla vantagem de o afastar da mãe por minutos, impossibilitando, ou pelo menos adiando penosas explicações, e de dar liberdade às duas amigas de se expandirem a sós.

__ Senhora Superiora... __ Respondeu Degenthal, roçando respeitosamente os lábios na mão fina da religiosa. __ Interceda por Nora à minha mãe; a sra. tem influência sobre ela, Convença-a. Prometa-me que fará tudo para a convencer?

__ Não lhe posso prometer nada, meu caro conde... __ Retorquiu Madre Sibila, apertando-lhe afetuosamente a mão. __ A não ser rogar muito a Deus por ambos!

Curt inclinou-se em sinal de reconhecimento; retomara já as suas habituais maneiras de gentleman, e depois de um disfarçado olhar, lançado a furto para o lado da mãe, afastou-se à procura do carro pedido.

A Superiora dirigiu-se à condessa. Esta deixara-se cair sobre o sofá, como extenuada pela luta que acabava de sustentar.

Atirara para trás o “*boá*” escuro para respirar melhor e nos seus traços, alterados ainda pela irritação, havia como uma fadiga, um ar de cansaço extremo, que lhe tornava o aspecto ainda mais inacessível.

__ Maria Luísa! __ Disse com ressentimento à religiosa, que se sentara ao seu lado, dando sem querer a Madre Sibila o seu antigo nome de batismo. __ Peço-te que me desculpes a inqualificável cena de há pouco! Vês-me ainda envergonhada da falta de bom-senso e comedimento de que acaba de dar provas o meu filho. Viemos incomodar-te com questões de família, que nada têm que ver com o motivo de minha vinda a Bruxelas.

__ Clotilde! __ Redarguiu a Superiora, tomando-lhe a mão com essa confiada intimidade com que se tratavam nos antigos tempos do colégio. __ Compreendo perfeitamente o teu descontentamento e estou deveras penalizada de que esta cena desagradável se tenha

dado no meu estabelecimento. Na tua presente decepção há, entretanto, um consolo: é que a escolha de teu filho nada tem de que se possa suscetibilizar a mais exigente das mães. Conheço Nora desde pequena, segui-lhe durante dez anos a existência; foi educada por mim, e asseguro-te que, sob todos os pontos de vista, ela é digna de pertencer à tua família.

__ Tu professaste sempre ideias muito democráticas, Maria Luisa! __ Replicou secamente a condessa, retirando com impaciência as mãos dentre as da freira. __ Mas a tua cegueira pela tua aluna não vai ao ponto de me quereres fazer aceitar para nora a filha de um diretor de circo?

__ Sim, tens razão! __ Concedeu diplomaticamente a religiosa. __ A diferença das posições sociais é, na verdade, um grande obstáculo. Mas a educação, a beleza, a inteligência, um nome honesto, se não nobre, e a fortuna não serão por acaso predicados suficientes para destruir essa diferença? Dado o gênio de Nora e pelo que pude julgar da exaltação de sentimentos do teu filho, não se trata aqui de uma passageira paixão de crianças. Estamos diante de um grande, de um verdadeiro amor. Não achas, Clotilde, que é uma imprudência, ao mesmo tempo que uma inutilidade, opor-se a gente, em nome de princípios respeitáveis, mas antiquados, em suma, à felicidade de dois entes que parecem ter sido criados um para o outro?

__ Eu não sei, nem quero saber se estes princípios são antiquados ou não! __ Respondeu com azedume a titular. __ A verdade é que têm sido os meus guias na vida. Consentir nesse casamento indigno, obra de uma ambição intrigante, seria ir contra eles e, por conseguinte, contra o meu dever.

__ Um dever que só o teu orgulho te impõe, Clotilde! Clotilde, não sejas inflexível; expões-te a perder um filho em vez de ganhar uma filha. __ Advertiu Madre Sibila com tristeza.

__ Só eu posso saber ao que me exponho! __ Retorquiu a condessa, num tom sem réplica. E, como o rodar de um carro ao longe, na rua sossegada, anunciasse a chegada de Curt, a titular levantou-se, recomendando em despedida à amiga:

__ Sobretudo, Maria Luísa, não digas nada de tudo isto a Lily. Desejo que esta criança ignore o que aqui se passou. Sinto-me ainda demasiado emocionada para poder levá-la agora. Mandá-la-ei buscar hoje à tarde ou amanhã.

E como Curt aparecesse nesse instante, anunciando o carro, a condessa retirou-se, depois de ter amigavelmente abraçado Madre Sibila.

O trajeto do convento ao hotel foi silencioso, como era de prever. Curt esperava da parte da mãe uma palavra de doçura, e a condessa, um gesto da parte do filho, um gesto qualquer de submissão.

Tinham ambos demasiado orgulho para dizerem esta palavra ou fazerem este gesto; e entre eles havia neste momento toda a profunda e ignorada divergência, cavada entre os seus corações como um abismo intransponível, revelada agora ao choque das suas vontades contrárias.

Ao chegar ao hotel, a condessa recusou a mão de seu filho para descer do carro, penetrando sozinha no hall luxuoso, de onde se adiantara um criado para lhe receber as ordens.

__ Para onde foi o conde? __ Perguntou ao rapaz, vendo que Curt retomara o carro, dando ao cocheiro outro endereço.

__ Para o Hotel Pelloux! __ Respondeu laconicamente o empregado.

Um suspiro profundo se exalou do peito de Clotilde Degenthal, pois compreendia - e com que ímpeto de desesperada indignação! - o motivo que para lá arrastava seu filho.

*   *   *   *   *



Hei de eu trair o que tão ardentemente senti?
E abandonar para sempre o que amo?

Ao sair do locutório, onde tantas e tão diversas emoções a tinham assaltado, Nora, obedecendo ao conselho de Madre Sibila, subiu ao primeiro andar, encerrando-se no seu pequeno quarto que, por delicada atenção das religiosas, era o mesmo que ela ocupara no tempo de colégio.

O silêncio do aposento, tão asseado e virginal na brancura das cortinas de musselina, fez-lhe bem, abatendo, como por magia, a febre de indignação que a impusera momentos antes com a condessa.

Por um movimento instintivo de pudor, ou talvez de orgulho, fechou a porta a chave; não queria que ninguém presenciasse o acesso de fraqueza que a levou soluçando para a cama em que durante tantos anos dormira o despreocupado sono de colegial.

As lágrimas corriam-lhe pelas faces abrasadas, quentes ainda de cólera reprimida; era a inevitável reação da calma, que a impulsionava a responder à mãe de Curt, insolência por insolência, desprezo por desprezo.

Pouco a pouco, porém, à medida que o pranto a desafogava, este grande rancor fundia-se numa imensa e consternada piedade por esse Curt, cujos olhos de meiguice e de lealdade tão aflitivamente a tinham implorado.

__ Curt, meu Curt! __ Repetia baixinho, escondendo no travesseiro o rosto desfigurado, como se a repetição desse nome amado a pudesse, um instante, aliviar do remorso absurdo, mas torturante, de não lhe ter afirmado mais uma vez a firmeza de seu afeto.

As duras palavras da condessa, as suas malévolas insinuações, o desprezo ofensivo de sua voz e de seus gestos, todo o insulto de sua atitude arrogante desapareciam ante a muda reprovação dos olhos tristes de Curt.

Com que ternura ele a fitara! ... E como fora pungente o queixume de sua voz, quando lhe suplicara que repetisse a Madre Sibila a confissão que fizera! ... Pobre e querido amigo! ... Como ela fora cruel, como fora culpada em o deixar partir assim, desesperado e sozinho, sem ter mesmo a consolação de saber se ela era toda dele, sem lhe dizer mais uma vez que o amava, que o amava sobre todas as coisas da terra, indestrutivelmente, como a pobre Helena Wild amara outrora a Alfredo Carsten.

As lágrimas de Nora já não corriam com tanta abundância: agora eram amargas, infinitamente tristes. Se a condessa pudesse um instante penetrar na alma vibrante da que supunha uma

intrigante e uma ambiciosa; se acaso imaginasse tê-la definitivamente subjugado pela soberba dos seus modos e a decisão de suas palavras, com que humilhante decepção verificaria seu engano!

A condessa passava naquele momento quase despercebida a Nora; que lhe importavam a impertinência de suas maneiras, a rispidez de suas palavras, a energia mesmo de sua oposição? O que era grave, importante, urgente saber, era o que dizia, o que pensava, o que sentia Curt a respeito de tudo isto.

Curt, só Curt a preocupava, e foi a lembrança da coragem com que o rapaz afrontara a mãe, o orgulho fidalgo que mostrara em tê-la escolhido a ela, filha de um diretor de circo, para companheira de sua vida, que pouco a pouco secou o pranto nos olhos claros de Nora.

A crise passara; o sangue do pai falou-lhe de novo, e foi num arranco de energia que, abandonando o leito, veio debruçar-se no parapeito da janela, dizendo a sós consigo que era necessário refletir nos meios de tomar uma resolução definitiva.

Enxugou os olhos com decisão; a brisa pura e fresca do jardim fez-lhe descair brandamente os cabelos sobre a testa, e uma emoção muito diversa invadiu-a ante esse horizonte familiar, tantas vezes contemplado.

Os seus pensamentos tomaram outro rumo e, arrastados por inexprimível saudade, voltaram ao passado, a esse passado tão próximo ainda, e que, no entanto, estava distante, ah! quanto, quanto....

Como o tempo nos modifica e nos transforma! .... Poucos meses haviam decorrido, e contudo não era já a mesma Nora,

aquela Nora febril de curiosidade e de impaciência, aquela Nora imprudente que estendia ao mundo os seus ávidos braços de criança ignorante e que abria à vida o seu virgem coração intemerato, a que ali novamente se debruçava.

O sopro do mundo crestara a pureza de suas sensações, e nesse coração, há pouco intacto, a vida já depositara perfeitamente o germe de todas as tristezas e de todas as íntimas decepções.

Quanta emoção neste curto lapso de tempo! Onde achar agora a sua antiga alma colegial e a despreocupação com que outrora pousara o olhar nas longínquas montanhas, que fecham o horizonte, azuladas idealmente pela distância?

Curt entrara imperiosamente na sua vida, e, não obstante as apreensões que agora lhe causava, não trocaria por nenhum tesouro a felicidade que um dia conhecera quando ele lhe confessara seu amor!

Apesar da revolta de sua dignidade ofendida, apesar das dificuldades que impossibilitavam quase a realização do seu sonho, apesar dos obstáculos que os separavam, algo de íntimo a aconselhava a esperar.

__ Eu amo-o! Ele prefere-me a tudo... venceremos! __ Murmurou Nora, pondo as mãos, como para jurar; e, mau grado seu, o período encantado do seu encontro e da sua intimidade com Curt ressuscitou-lhe na mente... Como fora delicioso e como fora rápido!

Lembrou-se da primeira vez em que o vira, depois de longos anos de separação, da emoção que lhe embargara quase as palavras, quando o pai dela lho apresentara, e da alegria profunda que a invadira, quando percebera que esta emoção era partilhada.

Como o achara belo, e com que louco receio consultara, à noite, o espelho, para saber se ele poderia realmente tê-la achado bonita!

Depois, as horas de camaradagem, as leituras dos dois, o susto de o não ver chegar todos os dias a certa hora, e o grande medo que ela lhe metia de propósito, dizendo-lhe que sentia uma vocação religiosa.

Nora sorriu, quase insensivelmente, um sorriso comovido e brejeiro, que se esvaía num suspiro de saudade, ao recordar a cena do *pic-nic* e a cena de ciúme, de legítimo ciúme, que Degenthal lhe fizera no dia seguinte por ter aceitado o braço de Ludwig Tauber.

Aquele pobre Ludwig! Com que risonha perversidade, e com que graça também, lhe ridicularizava Curt as maneiras um tanto pretensiosas! Nora não podia conter o riso, o que lhe valia sempre uma disfarçada reprimendazinha de Emília.

Mas não era somente o lado divertido das suas relações com Curt que lhe vinha à memória; era a lenta progressão do afeto que fora uma inofensiva amizade de infância, desse afeto que ambos haviam muito tempo escondido no fundo do coração, e que um belo dia irrompera forte, dominador, irresistível, numa confissão, cuja lembrança fazia ainda nesse momento turvarem-se de lágrimas felizes os seus grandes olhos sonhadores.

Como se recordava! ... Com que nitidez ressurgiam as mínimas circunstâncias, e ressaltavam os mais insignificantes pormenores!

Era uma noite de festa; devia acompanhar a madrasta ao concerto, e, para vestir-se, saiu da sala antes da chegada de Curt.

A *toilette* não lhe levou muito tempo, descendo antes de Emília, cujos preparos eram sempre extremamente demorados; mas, antes de entrar na sala, mirou-se um instante ao espelho do hall e, com uma vaidade que a fazia corar ainda agora, achou-se bonita.

Trazia um leve vestido de gaze rosa ligeira, sob outro transparente, de seda de uma cor mais viva; uma grande túnica de renda antiga, de uma delicada cor creme, como amarelecida pelo tempo, recobria essa gaze, fazendo esmaecer todo esse *rosicler* numa nuance sutil de um rosado macio de concha ou pétala de flor.

O pescoço ressaltava sem colar e muito branco, sustentando a pequena cabeça, nobre e fina, mais e enobrecida ainda pela graça de um penteado grego; duas rosas quase vermelhas punham uma nota viva, uma nota espanhola, na negrura ondeada dos cabelos. Foi calçando as luvas, sorrindo a agitar de leve a cabeça para fazer brilhar os rubis que lhe pendiam das orelhas, que entrou no salão, sem se lembrar! Oh! sem se lembrar sequer que Degenthal estivesse ali.

E Curt estava lá. Ao vê-la, ergueu-se de chofre, fitando-a com uma expressão de surpresa intensa, como quem fita a inesperada aparição de um sonho de beleza, de um sonho de arte, de cuja realidade sempre duvidou, conquanto intimamente anelasse por ele todo o dia.

E Nora compreendeu que devia, com efeito, estar numa hora de rara e excepcional formosura, ante a admiração sem limites que se refletira nos negros olhos leais de seu amigo de infância. Compreendeu que ele era dela para sempre; que o tinha cativo de sua radiosa mocidade, mais seguramente do que se o tivesse ligado

com todos os juramentos do mundo. Quando ele lho disse, quando ele lhe repetiu que a amava acima de tudo na vida, que a amara sempre desde Genebra e que sem ela não podia compreender a existência, não se sentiu com forças para resistir ao apelo frenético dessa adoração, confessou a Curt, dando-lhe a sorrir uma das rosas vermelhas do penteado, que lhe queria também - ah! tanto! - que os seus lábios recuaram ante a ousadia da confissão, deixando aos olhos o trabalho de acabarem a perturbadora confidência.

Curt, então, inclinando-se sobre as mãos, que apertava nas suas, beijou-as uma após outra com infinita delicadeza, como se beijasse as mãos bentas de uma frágil imagem de pedra ou de gesso, pedindo-lhe que lhe permitisse falar a Alfredo, e que não fosse aquela noite ao concerto.

Sim, que não fosse, que renunciasse por amor dele a essa festa, pois não queria que nenhum outro olhar masculino pudesse conservar na retina a recordação de sua beleza, dessa beleza, cuja irradiação lhe arrancara dos lábios a revelação do seu grande amor.

E Nora consentiu em não ir, renunciou sem sacrifício aos sucessos dessa noite de triunfo, afrontou serenamente a irritação da madrasta, cuja contrariedade diante desse inexplicável capricho fora violenta e expansiva, e ficou só na sala florida, inutilmente linda na pompa festiva de sua toilette de baile, mas tão feliz, tão magnificamente recompensada desta fictícia solidão pela inexplicável alegria que transparecia na móvel fisionomia do seu noivo.

E queriam que ela sacrificasse o prazer sem igual de fazer feliz Curt, sob o pretexto imbecil de que insuperáveis obstáculos os separavam!

Primeiramente, não há obstáculos insuperáveis; em segundo lugar, se os houvesse, eram ambos bastante jovens, bastante sérios, bastante fortes para vencer estes obstáculos, ou, pelo menos, para esperar que desaparecessem com o tempo.

Ela não podia renunciar a Curt! -   E, no entanto, fora ela a primeira a desfazer, com uma penada, esse belo sonho de felicidade e de união que ambos tinham arquitetado...

Os olhos de Nora marejaram-se outra vez de lágrimas; escondeu o rosto entre as mãos, como para esconder a crispação de sofrimento que lhe alterou um instante a linha pura da boca, e as palavras de seu pai, essas palavras que tinham indelevelmente gravadas na memória, essas palavras que haviam determinado a sua recusa ao pedido oficial de Curt, soaram-lhe de novo aos ouvidos:

__Minha filha... __ Dissera-lhe Carsten, com uma severidade que ela nunca lhe conhecera. __ Faze o que quiseres. Fica certa, porém, de que não há ninguém que não nos suponha culpados de ter captado a confiança do conde para lhe herdarmos o título. A diferença de posição social entre vocês é tal, que todos te censurarão de ter querido abusar da inexperiência e da paixão desse rapaz, para entrar num meio e conquistar um nome que, não obstante a tua fortuna e os teus dotes físicos, jamais poderias ambicionar. O conde mesmo, quando passar esse período de exaltação, será o primeiro a censurar-te!

Oh! essa ideia, essa intolerável ideia de que Curt a pudesse supor capaz de lhe ter correspondido só pela ambição de seu título! A alma intransigente de Nora revoltava-se contra essa suspeita com toda a violência de um caráter cujo sinal distintivo era a lealdade; e

fora esta revolta indignada que a levara a escrever a Curt a carta de rompimento e a obrigara a pedir ao pai que respondesse negativamente ao pedido oficial.

A afeição, porém, que dedicava ao amigo de infância era demasiado sincera e viva para que a sua estadia em Bonn, depois da resolução fatal, não se lhe tornasse logo insuportável. Com a exageração própria da verdadeira mocidade, julgava terminada sua vida, e a permanência nesses sítios onde fora tão feliz e onde sonhara sê-lo ainda mais, tornou-se-lhe tão dolorosa, que suplicou ao pai para partir imediatamente; por entre ela e o seu amor impossível a imensa barreira do oceano, deixá-la ir conhecer a família da mãe nessa distante América, onde tudo seria novo para ela, e lá esperar que o tempo apagasse do coração e da memória de Curt a sua triste lembrança.

Alfredo Carsten, a quem muito impressionava a desfiguração e a exaltação em que a via, concordou com ela, achando que realmente nada seria mais vantajoso nas circunstâncias atuais do que retirar-se, e nada concorreria também mais para evitar as maledicências de Bonn acerca desse casamento frustrado.

Como homem prático e experiente, quis todavia evitar qualquer resolução precipitada, e sem contrariar a filha, com muito jeito e mais diplomacia, insinuou-lhe a ideia de ir, antes da viagem, fazer uma visita a Madre Sibila, e aí, no sossego e na solidão do convento, refletir maduramente sobre o partido melhor a tomar.

Nada podia ser mais agradável à donzela do que a perspectiva de ir confiar ao espírito esclarecido desta grande amiga, as tristezas e as desilusões de seu coração magoado. Partiu, pois, quase com

satisfação para Bruxelas, e o acolhimento a um tempo afetuoso e risonho da Superiora foi-lhe de uma doçura indizível.

Nora, sequiosa como se achava de confidência, abriu a Madre Sibila o íntimo de sua alma, disse-lhe tudo, chorou no seu regaço, e ouvindo-lhe os conselhos com a docilidade resignada de uma criança a que alguém maldosamente tirou o predileto brinquedo.

A vida desfizera-lhe o sonho; agora que o excesso da primeira dor se amortecia ante a seriedade com que Madre Sibila encarava os fatos, a impossibilidade do seu casamento com Curt aparecia-Ihe pela primeira vez, na sua fria e dolorosa realidade.

Lá, em Bonn, nessa encantadora margem do Reno, onde a primavera tem o esplendor de uma mágica ou de uma fantasia de poeta, achara tudo fácil e tudo possível, ouvindo falar a Curt, sugestionada pela convicção de sua voz, pelo ardor de seu olhar e pela sedução de sua presença.

Que importava a um amor, como o deles, o irrisório obstáculo de um nome?

Dizia-se então que era um abismo? Pois transporiam ambos esse abismo; estavam dispostos a transpô-lo com o sorriso da confiança nos lábios e o clarão da esperança no coração. Mas ali, sob o olhar grave de sua velha amiga e a braços principalmente com a dura realidade, compreendeu a inutilidade de uma indignação e aceitou firmemente este estado de coisas, conquanto o peito lhe palpitasse de desesperado sofrimento.

Madre Sibila aprovou muito a viagem à América; pelo seu afeto para com a discípula, sofria também ao ver quão fundamente o nefasto contacto com o mundo perturbara a alma querida de sua filha de predileção, e a separação parecia-lhe o meio mais seguro

de acabar de vez com esse amor, ao qual a mocidade dos dois heróis
dava certas probabilidades de pouca duração.

Escreveu a Alfredo Carsten, informando-o da resolução definitiva da filha e pedindo-lhe ao mesmo tempo informações sobre a passagem e a pessoa encarregada de acompanhar Nora a Nova York.

O diretor, que afinal de contas se opunha a esta longa viagem, respondeu adiando o seu consentimento para depois de liquidada a casa de Bonn e de fixado o novo itinerário da Companhia; e foi este adiamento que, prolongando a estadia da donzela no convento, motivou imprevistamente o seu encontro com Degenthal. Se Alfredo tivesse dito que sim um dia antes, ela ter-se-ia afastado de Curt para sempre....

Nora deu um lento suspiro e, descobrindo o rosto, pôs as mãos diante do peito, como para uma prece; seus olhos fixaram, mas sem o ver, o fundo anilado do horizonte, e um sorriso de gratidão assomou-lhe vagamente aos lábios.

Efetivamente, ela não podia deixar de considerar como uma proteção especial da Providência o adiamento e sobretudo o encontro, esse encontro maravilhoso, que vitoriosamente os reunia de novo, a despeito de sua resolução e da oposição evidente do pai e da condessa.

Deus destinava-os certamente um para o outro; não havia que admitir dúvidas. E, note-se bem que os fatos começavam mesmo aparecer-lhe sob outros prismas, agora que tornava a ver Curt, que lhe ouvia a triste exprobração, que lhe presenciava a aflição e lhe experimentava o afeto ante a atitude nada amável da condessa.

Estava decidida a sacrificar a sua própria felicidade à de Curt; desde que, porém, este sacrifício era inútil, e que sacrificando-se sacrificava também a ele, não via já razões para renunciar voluntariamente a essa felicidade mútua, só em virtude de preconceitos absurdos.

* * * * *

A queixa de Curt, tão natural e tão sentida ao mesmo tempo, voltava-lhe ao ouvido. “É tão fraco e mesquinho o seu amor, que não resiste ao combate da primeira dificuldade?” Quanta exprobração e que dolorosa admiração nessas singelas palavras... E Como ele tinha razão!

Como fora Nora covarde ante a oposição, com que facilidade admitia a hipótese de separar-se dele para sempre, com que fraqueza, com que falta de confiança o julgara capaz de um juízo temerário a seu respeito!

Deixara-se logo vencer pelo orgulho tolo de não querer passar por ambiciosa aos olhos dele, esquecendo que este orgulho, cuja precipitação motivara o rompimento, ia fazê-la passar por inconstante, ia fazer talvez que Curt duvidasse de seu grande afeto.

Pobre e querido Curt! ... Nem sequer um segundo duvidara dela, e, forte nessa alentadora certeza, encetava sem temor a luta, enquanto Nora abandonara a liça antes mesmo de começar o combate.

Na realidade, que fraco, que mesquinho amor!

Curt tinha o direito de desprezá-la, tinha o direito de não acreditar mais na firmeza de suas promessas... Teria verdadeiramente contribuído para a felicidade de Curt, cedendo sem detença aos desejos do pai?

A esta atormentadora pergunta revia como resposta a aflição profunda que imprimira um cunho de tão estranha gravidade no rosto ainda pueril de seu amigo de infância.

Como o fizera sofrer! E com que remorso - com que apaixonado remorso! - repreendia-se agora de não lhe ter dito mais uma vez que o amava para sempre e que estava pronta a arrostar por ele todas as dificuldades, todas as contrariedades!

__ Meu Deus! __Soluçou baixinho, erguendo para o crucifixo negro da parede, os seus olhos úmidos de lágrimas de um amor humano. __ Inspirai-me neste transe difícil! ... Devo eu fugir de Curt, renunciar com resignação a felicidade que me promete o seu amor, ou combater a seu lado, combater contra tudo e contra todos pela vitória do amor que me domina, mau grado meu, e que para Curt me arrasta e me inclina cada vez mais?!

Escondendo de novo o rosto nas mãos, debruçada no parapeito da janela, ante este horizonte familiar, onde as sombras do crepúsculo desciam lentas e cautelosamente, como se temessem empanar com a sombra o brilho festivo do dia agonizante, à mesma hora em que meses antes Madre Sibila a mandara chamar para lhe anunciar a sua saída do colégio, Nora, que a inevitável lei do amor venceu, afinal, pôs-se a chorar baixinho, com a infinita desolação das crianças cientes de sua impotência, num desfalecimento completo de toda energia que a fizera outrora desafiar o mundo, num desânimo pungente que era a confissão

implícita de sua derrota perante essa grande ensinadora de orgulhos, essa implacável destruidora de sonhos que é a vida.

O olhar iluminado do Cristo de prata caiu sobre ela, e talvez diante da graça sofredora dessa jovem criatura desarmada e fraca, diante da súplica inconsciente dessa donzela que pelo amor sofria uma dor de mulher, ele, que por amor padecera tanto na terra ingrata, sentiu-se comovido, e, para arrancá-la desse desespero, fez intervir um agente externo.

Já duas ou três vezes haviam batido à porta de Nora, oferecendo serviços ou indagando se precisava de alguma coisa. Sabendo, porém, que não podia ser Madre Sibila, impedida na cela, pela multiplicidade de seus negócios, a menina dispensou-se de responder, abismando-se com amargo prazer na tristeza de suas tumultuosas reflexões.

O bater, porém, era agora insistente e a tímida voz de irmã Gisela veio reforçar esse chamamento:

__ Menina, abra; trago-lhe uma carta. É urgente! __ Dizia a voz no tom de súplica que lhe era habitual.

Uma carta!... Nora estremeceu dos pés à cabeça, erguendo-se bruscamente; por um movimento instintivo enxugou os olhos, abrindo depois resolutamente a porta.

Irmã Gisela entregou-lhe um envelope, no reverso do qual se destacava uma coroa de conde, e Nora, que um súbito receio fez estacar com a mão sobre o trinco, fingindo desconhecer esse papel que, ela tinha certeza, vinha da parte da mãe de Curt, pôs-se a fazer mil conjeturas acerca do conteúdo dessa carta que ela, sem o confessar a si mesma, estava com um medo pueril de abrir.

O pressentimento de Nora não a enganava; a carta era efetivamente da condessa.

Natureza essencialmente ativa, a mãe de Curt era um desses seres enérgicos que, sob uma aparência de extrema reserva, escondem uma vontade de ferro, que nenhum acontecimento, que nenhuma contrariedade conseguem jamais completamente vergar.

A aflição neles só encontra lenitivo na ação, numa ação pronta e resoluta, que seja ou que pelo menos lhe pareça eficaz.

Quando a condessa se viu só no quarto do hotel, depois das violentas e contraditórias emoções que a haviam agitado no locutório do colégio, não caiu, como qualquer outra teria feito no seu lugar, na puerilidade de uma crise de lágrimas ou na fraqueza maior ainda de um acesso de cólera; pôs-se a refletir friamente sobre a situação.

Era indubitável a indignação de Curt e a sua formal decisão de levar avante esse extravagante projeto de casamento, não obstante a oposição desesperada da condessa, não obstante a polida recusa de Alfredo Carsten.

Pela primeira vez o filho, até então escravo submisso de todas as suas vontades, se mostrava senhor de si, capaz de decisões próprias e resolvido a passar todos os obstáculos para a realização de um desejo, no qual não entrara a colaboração da vontade materna.

Era forçada a reconhecer que, apesar do longo hábito de obediência, apesar de seu sentimentalismo de *enfant gaté*, Curt se revelara de uma fibra muito superior ao que ela esperava dele.

Era inútil, pois, tentar convencê-lo; com a tenacidade própria dos apaixonados e dos caprichosos, toda a tentativa para fazê-lo

desistir do seu projeto teria como resultado confirmá-lo ainda mais em suas absurdas resoluções.

A ida ao Hotel Pelloux, depois das cenas do colégio, era a prova evidente de sua rebeldia e do pouco peso que sobre ele tinham, tanto a atitude como as severas palavras de sua mãe.

A condessa compreendeu que o melhor meio de o vencer era abandoná-lo às suas próprias inspirações e dirigir as suas baterias para outro ponto.

Lembrou-se imediatamente de Nora.

Era inegável que fora de uma dignidade de "fidalga", tanto no seu porte como nas suas respostas, e era inegável também que, se queria bem a Curt, fizera o possível para escondê-lo.

Esse pudor de um sentimento, que ela sabia não ser aprovado por todos, agradara, mau grado seu, ao orgulho da condessa, a beleza de Nora, a graça palpitante dessa mocidade em flor, que um dote de americana aureolava com o esplendor de milionária, impressionara-a também, conquanto ela não o quisesse deixar transparecer, e desde que Madre Sibila afirmava a absoluta lealdade do caráter dessa menina, desde que o filho e o preceptor lhe juravam a inteira nobreza de coração e a pureza de intenções da que ela supunha uma intrigante e uma ambiciosa, ela faria um apelo a essa nobreza, a essa lealdade, a esse coração.

Se era verdade que Nora mesma renunciara a ser esposa de Curt, certamente não hesitaria em afastar-se dele e procurar com a condessa um meio de convencer o rapaz da inutilidade de suas insistências; se ela tivesse apenas obedecido à sugestão paterna, contando com o futuro para realizar o seu sonho, a condessa o veria logo.

Em todo caso, urgia tomar uma decisão; e esta decisão consistia em atacar o ponto mais fraco, quer dizer, em escrever a Nora.

E, sem vacilar, a condessa, com a sua habitual rapidez de execução, dirigiu à filha de Helena Carsten a carta que a menina relia agora pela terceira vez, com as faces ardendo em uma incontida emoção.

Depois de alguns cumprimentos preliminares e de uma exposição clara e concisa das razões que a faziam opor-se ao casamento, a condessa terminava da seguinte hábil maneira:

"Não me queira roubar o filho, miss Carsten! Não se interponha entre ele e mim, que de qualquer maneira isto Ihe seria prejudicial. Se, por um acaso, que eu não receio, Curt, desprezando a minha autoridade, persistisse em contrair um casamento tão contrário a sua posição e ao seu nome, a menina teria o eterno remorso de separar dois entes que até então unicamente se queriam. Quando passado este primeiro ímpeto de paixão - porque a paixão passa, como tudo mais! - meu filho chegasse a compreender a diferença das respectivas posições sociais, seria o primeiro a censurá-la por ter se aproveitado um momento de exaltação sentimental para entrar num meio e herdar um título que o seu nascimento e a profissão de seu pai jamais lhe permitirão.

Diziam-me que é boa e generosa, que é desinteressada e sobre tudo que quer muito bem a meu filho; pois bem, é em nome deste afeto que Ihe venho lealmente pedir um sacrifício... de amor, senão de amor-próprio. Nós, as mulheres, somos capazes de imensos sacrifícios para o bem daqueles que amamos. Dê-me uma medida do seu amor, sacrificando o triunfo de seu casamento com um conde à felicidade de meu filho. Só

quando Curt ouvir dos seus lábios que já não o ama, que voluntariamente lhe devolve a palavra dada, é que se considerará desligado perante a própria consciência. Diga, pois, essa palavra, miss Carsten, diga-a, corajosamente, pois eu não pretendo ocultar-lhe que Curt há de provavelmente sofrer com isso.
Este sofrimento, porém, o tempo se encarregará de o dissipar.

A menina terá, como recompensa, o justo orgulho de ter cumprido o seu dever e ao mesmo tempo a admiração, o respeito e o reconhecimento de

Clotilde, condessa Degenthal"

A conclusão, como se vê, não estava mal apanhada; mas que importa a um coração enamorado o respeito, a admiração e o reconhecimento de outrem, quando, para obter esse reconhecimento, essa admiração, esse respeito, se deve renunciar à ventura de uma vida inteira?

Nora, como se não tivesse ainda compreendido o que dela exigia a mãe de Curt, pôs-se a ler a carta pela quarta vez. Tinha as faces abrasadas, as mãos trêmulas; a onda de indignação interior, que lhe turvava a vista, levantava-lhe violentamente o tecido leve do corpinho, acelerando-lhe as pulsações do coração.

Deixou afinal cair o papel e maquinalmente, como para dar expansão à indignação, pôs-se a passear pelo quarto estreito, de um lado para outro; seus olhos tinham um brilho forte, que os fazia quase negros sob a franja escura dos cílios.

O que pretendia dela essa senhora? Com que direito lhe vinha exigir um sacrifício, um sacrifício de amor, ela, que recusava

sacrificar um preconceito de nome, a vaidade de um título, à felicidade desse filho, que afirmava idolatrar?!

E tinha realmente a ingenuidade de pensar que Nora, a um pedido seu, destruiria a própria felicidade, renunciaria para sempre à doçura de fazer Curt feliz?

Oh! como se enganava, como se enganava!? Queria, em suma, que ela dissesse a Curt que já não o amava, que se mostrasse aos olhos dele inconstante e volúvel, para que ele mais facilmente a pudesse esquecer...

__ A que aberrações o orgulho faz chegar esta senhora! __ Murmurou Nora, passando nervosamente a mão pela testa abrasada. __ Pede-me simplesmente uma mentira. Uma mentira... __ Continuou com indignação, sorrindo amargamente. __ Uma mentira que despedaçaria a minha vida, apenas isto, e que de vaidade a faria rir satisfeita, depois! Como está iludida a meu respeito! Eu não quero dar um passo para dissuadir Curt, mas também não posso, não quero dizer-lhe já que renuncio à felicidade de ser a companheira de sua existência. Não quero que ele me suponha infiel; prefiro tudo a vê-lo julgar o meu afeto inferior ao dele, no quer que seja! Sei perfeitamente o que tenho a fazer.

E, sentando-se à mesinha, Nora tomou rapidamente de uma folha de papel, começando a escrever com uma precipitação tal que a qualquer denunciaria a cruel desorientação moral em que a carta da condessa a veio colocar.

Todas as dúvidas anteriores iam-se, porém, dissipando à medida que escrevia, todas as hesitações desapareciam e o orgulho da vida injetava-lhe uma energia superior; sentia-se forte contra

todos e contra tudo, revestida de seu amor como uma armadura medieval.

A seiva de sua vibrante mocidade subia-lhe ao cérebro, infiltrando-lhe nas veias uma embriaguez sutil, que a exaltava como um vinho forte, tingindo-lhe as faces de um rubor de febre; a mão, porém, não lhe tremia ao traçar as linhas que deviam levar à mãe de Curt, o protesto de sua indignação:

"Minha senhora! Seu filho está livre, inteiramente livre, como eu mesma tive a honra de lho dizer hoje. Meu pai recusou-lhe há dias a minha mão, e recusou-a plenamente autorizado por mim, motivando essa recusa o perfeito conhecimento em que estava, como ainda estou, do abismo existente entre a filha de um diretor de circo e o conde Curt Degenthal. Não darei, pois, um passo para dissuadir nem sequer lembrar a seu filho as promessas que teve a imprudência de fazer-me; entre nós está tudo terminado.

Serão doravante injustificáveis as suas inquietações maternais. Quanto a dizer a seu filho que já não o amo, tendo encontrado alhures a felicidade que só por ele julgara poder vir-me, isso é impossível. Seria mentir, e eu tenho demasiado orgulho deste sentimento, que reputo nobre e puro, para o rebaixar à vileza de uma mentira.

Amo seu filho, minha senhora, e creio dar-lhe aqui a maior prova deste afeto, confessando-o lealmente; amo-o só por ele, estando pronta a cortar as relações se nisto consiste a felicidade dele.

Não quero, porém, que ele suponha um só instante que o meu afeto não pode perseverar e esperar. Devolvi-lhe a palavra dada; cumpra-se a vontade de Deus. Se esta vontade é que sejamos um do outro, Ele saberá aplanar os obstáculos e unir-nos cedo ou tarde.

Em todo caso, creia, senhora condessa, que em nada concorrerá para isto a influência de

Nora Carsten"

Apenas acabadas estas linhas, como se receasse o arrependimento de reflexão, Nora apressou-se em ir ter à portaria com a Irmã Gisela, pedindo-lhe instantaneamente que fizesse partir a Carta nessa mesma noite.

Irmã Gisela prometeu mandá-la pela religiosa que acompanhava as externas, e Nora regressou aliviada a seu quarto, onde a noite se fizera quase completa.

Um cansaço imenso a acabrunhava, latejavam-lhe as fontes; um tremor nervoso enfraquecia-lhe as pernas, as pálpebras pesavam-lhe como se fossem de chumbo.

Tinha as mãos e o corpo a arder, e, no entanto, longos arrepios de frio a estremeciam de instante a instante.

As palavras da carta que acabara de escrever vinham-lhe obstinadamente à memória, numa toada monótona e ininterrupta, que lhe fazia doer a cabeça intoleravelmente.

Um desejo ardente de repouso a invadiu; despiu-se às pressas, às escuras, e, deixando aberta a janela para respirar melhor, deitou-se na cama, enterrando a cabeça no macio travesseiro.

Oh! Se pudesse dormir!... Se pudesse esquecer num sono profundo toda a amargura e a imperfeição desta vida miserável... Teria feito mal em decidir-se a lutar pelo seu amor? Teria feito bem? Estas perguntas queimavam-lhe os lábios e queimavam-lhe talvez

mais o coração; o sono fugia-lhe e, ao calor de seu corpo abrasado, os lençóis se haviam aquecido, parecendo-lhe quase de fogo.

Num movimento de impaciência atirou-os para os pés da cama e, sentando-se, arredou a longa cabeleira, que nem se dera ao cuidado de entrançar, pondo as mãos num gesto de oração.

Sim, ia rezar; talvez rezando encontrasse lenitivo à agitação que a dominava, e, cerrando os olhos, fez um esforço para concentrar-se toda no fervor de sua prece.

Alguém, entretanto, entrou silenciosamente no quarto pela porta que Nora deixara aberta, com a preocupação de ver partir a carta. Esse alguém aproximou-se de mansinho do leito e, mais de mansinho ainda, para não assustar a donzela distraída, pousou-lhe a mão no ombro.

Nora não fez um movimento, nem sequer estremeceu: pela doçura sem igual desse contato, pela calma súbita que esta mão assim pousada lhe derramou no coração, compreendeu que não podia deixar de ser Madre Sibila.

Era ela, com efeito, impedida todo o dia pela variedade de suas ocupações, não quis ir descansar sem trazer à filha predileta a consolação de sua presença e de sua palavra.

Viera, não obstante a fadiga do dia afanoso, e, obrigando sua alma de mística a baixar de novo à terra, veio disposta a ouvir e a absolver as confidências do coração dessa menina, que o tufão do amor profano abatera e desarmara logo no princípio da vida.

Tomou, pois, entre as mãos a cabeça inclinada da donzela, ergueu docemente para si o rosto abrasado, que não tentava esquivar-se à amistosa observação, e, mergulhando nos grandes

olhos febris, que se abriam para ela tão sinceros e tão ardentes, seu calmo olhar perscrutador, perguntou a meia voz:

__ Então, minha filha, que decidiu?

E foi talvez o magnetismo deste bondoso olhar sereno, penetrando na alma como um clarão de paz, que fez jorrar dos lábios secos de Nora a onda tumultuosa das confidências.

Disse tudo e, à medida que falava, a agitação mórbida de sua alma ia-se pouco a pouco acalmando, uma estranha tranquilidade a penetrava toda e foi com delicioso abandono de doente que, chegando ao leito, pôde afinal entregar-se à sua fraqueza, que cerrou os olhos, entregando-se à sua amiga com a confiança irrefletida de uma criança.

Madre Sibila permaneceu um instante silenciosa, contemplando com inexprimível aperto de coração esse lindo rosto, que se imobilizava agora num palor de fadiga e de tristeza resignada e, beijando com ternura a fronte pura, onde os pensamentos se iam serenar ao poderoso influxo de suas palavras de conciliação, respondeu docemente:

__ Se você fez bem, Nora, em ter escrito a Clotilde?! Nem bem nem mal, minha filha. A verdade é que não tinha obrigação nenhuma de fazer o sacrifício do que julga a sua felicidade; e se esta felicidade lhe parece ao mesmo tempo seu dever, deve, pelo contrário, lutar por ela com todas as energias de sua alma. Mas olhe, minha filha, não há nada de extraordinário, nada de grande ou de heroico em lutar, em padecer pelos amores da terra, pois fazem-no igualmente os seres fracos. Perante os olhos de Deus vale isto bem pouco, pois o amor é fruto natural do nosso coração; certamente é a mais bela oferta da vida, a mais bela flor que Deus

plantou no jardim de nossa existência. Quem quer gozar de seu perfume deve resignar-se a aceitar também os espinhos. Se você sente que seu amor por Curt Degenthal é bastante forte para resistir às contrariedades, ao tormento das longas esperas, às vicissitudes da entrada em um meio onde não a querem e nunca a poderão ver com bons olhos, então lute, minha filha, persista, continue. Mas se, por acaso, alguma fraqueza, algum receio se mistura a esse amor, ah! Então, Nora, desista agora, minha querida filha, faça o sacrifício enquanto ele ainda não significa a desventura integral de sua vida. Seu coração é neste caso seu único e mais seguro guia. Siga-lhe as aspirações. Eu não sou das que condenam o amor. Talvez o Senhor o tenha despertado em seu coração como sentinela, para preservá-la de outras lutas e de mais cruéis tropeços. Seja feita a vontade do Senhor! Deite-se agora, minha Nora, e durma em paz, que eu vou pedir a Deus por você.

E, estendendo as mãos sobre a cabeça profundamente inclinada da menina, tão formosa no desalinho de seus lindos cabelos desentrançados, Madre Sibila traçou lentamente sobre ela um sinal de bênção, murmurando com infinita tristeza e infinita indulgência:

__ Pela segunda vez preferiu a guerra à paz, a tempestade à bonança... Que o Senhor a proteja e a ilumine, minha pobre e querida filha!

*   *   *   *   *



Se um coração arde em amor, oh!

QUANDO a condessa recebeu a carta de Nora, não deu demonstração alguma de espanto ou de desagrado, apenas um sorriso ligeiro lhe desmanchou um instante a severidade habitual da linha dura da boca.

__ Era o que esperava! __ Pensou, atirando para o lado a missiva, tão cheia de vibrantes medidas, e, retomando o bordado que estivera fazendo, pôs-se de novo a refletir.

Havia dois dias, por assim dizer, que não via o filho, pois desde a sua chegada do colégio cerrara-se em seus aposentos, tomando neles as refeições habituais; e Curt não lhe viera bater à porta.

Passou, pois, esses dois dias na mais completa solidão, e à noite dera ordem ao preceptor, que chegara na véspera, de ir buscar Lily pela manhã e de passear com ela pela cidade até a hora do jantar, para distraí-la do pesar que provavelmente ia ter ao despedir-se das mestras e das companheiras.

Estas horas de silêncio e de meditação não as passou ela vagas; havia-as aproveitado em aprofundar a situação e em pesar maduramente os prós e contras da questão.

Antes de receber a resposta da carta de experiência que escrevera a Nora, já as suas resoluções estavam tomadas e assentado o seu “plano de combate”, como intimamente lhe chamava.

Compreendeu, com a perspicácia de sua inteligência de intuição, que soara para Curt aquela tão falada “hora de reação” com que outrora a ameaçava o preceptor.

Fatigado de submeter-se, o rapaz sacudira o jugo, e querer fazê-lo retomar o antigo freio seria tempo perdido.

O melhor, o mais acertado, o mais hábil também, seria ceder, ceder aparentemente, pelo menos para que o reconhecimento admirativo provocado por esta inesperada generosidade lhe desse o direito de impor condições e exigir adiamentos, que o tempo se encarregaria de prolongar indefinidamente.

Se, pelo contrário, optasse pela intransigência e pela dureza levaria as coisas ao extremo, não lucrando com isto senão ver-se definitivamente impossibilitada de intervir ou de sequer influir no curso dos acontecimentos.

__ Não há outro remédio! __ Concluiu num suspiro, rematando ao mesmo tempo o último florão de seu bordado de costume, pois era dessas pessoas que jamais podem ficar inativas. __ Quando as crianças desejam um brinquedo qualquer, tanto mais se empenha a gente em demonstrar-lhes a impossibilidade de obtê-lo, mais se obstinam em querê-lo. Apenas se lhes contenta o desejo, fartam-se do objeto desejado e atiram-no para um canto, esquecendo-o. Curt está como as crianças, tratá-lo-ei como tal!

E, levantando-se, a condessa guardou a carta e o bordado, tocando a campainha para que a criada viesse proceder à sua toilette da noite, pois o primeiro toque da Sineta anunciando o jantar já se fizera ouvir.

A toilette consistia apenas em aligeirar a severidade de seu vestido de cetim preto com uns folhos de brancas rendas de valor, e enriquecê-lo com um adereço de ametistas - única pedra preciosa que ainda permitia à sua viuvez de aristocrata elegante!

A camada de pó de arroz, alguns retoques no penteado, e cinco minutos depois descia a condessa para o salão, tendo desanuviado a fronte para mais amavelmente receber a sobrinha.

Lily chegou poucos instantes depois, acompanhada pelo preceptor; o encontro da sobrinha e da tia foi cerimonioso, como era de esperar, mas não de todo despido de cordialidade.

Lily pediu licença para ir a seu quarto deixar o chapéu e as luvas e arranjar o cabelo; enquanto atravessava o hall luxuoso e iluminado, com um acanhamento que, apesar de natural, nada tinha de gracioso, a condessa seguia-lhe com o olhar o andar ainda indeciso e a linha nada elegante do talhe pouco desenvolvido.

Uma expressão de descontentamento pintou-se na fisionomia da titular. Mais uma decepção, esta Lily!

Pequena e magra - não dessa magreza juvenil, em que se percebe a verdura do fruto ainda não sazonado e cheio de seiva, que mais tarde lhe promete o brilho de uma maturação magnífica – mas dessa magreza doentia de raquítica contra a qual são impotentes anos e cuidados. Lily agradaria talvez pela delicadeza sem par de uma tez agora manchada de malhas rubras, traços ainda das lágrimas que vertera à despedida.

Os seus olhos, de um azul sem brilho, de um azul desbotado sem par, talvez valessem pelo candor de expressão que os caracterizava, mas assim vermelhos e inchados entre o ouro pálido dos cílios só contribuíam para afear o pequeno rosto banal e pouco expressivo na sua infância.

Realmente, a sobrinha era de uma insignificância desoladora!

Talvez, com o tempo, a faceirice, a toilette, se conseguisse dar mais garbo a esse corpo ainda pouco formado, mais donaire a esse talhe, mais brilho a esse rosto; o que, porém, não se conseguiria provavelmente mudar era a expressão de timidez, de susto, que

dava a Lily esse ar encolhido de colegial receosa, que tão desagradavelmente impressionara a condessa.

Enfim, talvez Lily melhorasse com a mudança de penteado, de vestido, que não fosse aquele horrível uniforme preto.

Era incontestável que tinha bonitos cabelos, leves, ondeados, abundantes, de um louro delicado de trigo ao sol.

Contanto que Curt não a visse hoje, era tudo o que pedia aos céus a condessa!

Mas os céus não lhe eram propícios, pois, apenas principiou o jantar, Curt apareceu, tendo, ao ver a prima, a exclamação de sempre.

Era evidente que a considerava uma criança.

Beijou a mão da mãe com um requinte de polidez, em que havia a intenção muito perceptível de esconder uma emoçãozinha importuna, que indiscretamente lhe fazia tremer as pontas frisadas do bigode.

A condessa recebeu-o friamente, não lhe dirigiu a palavra, e, se não fossem os esforços do preceptor, que fazia o impossível para animar a conversação, o jantar teria decorrido em silêncio.

Curt estava pálido, abatido, com uma frouxidão triste no canto dos lábios e uma inquietação no fundo dos olhos; procurou várias vezes, sem o encontrar, o olhar da mãe, e era tão visível o esforço que fazia para parecer animado, que Lily, ignorante de tudo como estava, o percebeu.

Ela também pouco falou, acanhada pelo brilho e movimento da sala, sentindo-se mal na fealdade desse vestido de uniforme, em contraste violento com a elegância dos convivas das outras mesas; dominava a custo uma vontade reprimida de chorar e tinha os olhos

deslumbrados para o *sans façon* com que Curt a servia e falava à mãe, ao preceptor e ao criado.

Essa vontade pueril de chorar, que se esforçava por dissimular, dava-lhe um ar mais “encolhido” do que nunca, o que fez aparecer uma ruga de impaciência na fronte olímpica de sua tia.

A condessa, imersa em tristes reflexões, não perdia um só dos movimentos de Lily, e no seu espírito justo, apesar dos preconceitos, uma terrível comparação se ia pouco a pouco estabelecendo.

Na verdade, a comparação era esmagadora entre essa lourinha mais do que insignificante, o sorriso de admiração estampado nos lábios sem cor, os contornos dum corpo mal jeitoso, e a graça livre e exuberante da “outra”, o sorriso e o olhar de inteligência, a esbelteza flexível do talhe.

Era inegável, a filha do diretor do circo tinha mais “raça” que esta filha e neta de fidalgos.

A fronte da condessa cobriu-se de nuvens e Curt, que sentia na atitude da mãe a decisão formal de não lhe dar atenção, retraiu-se também, caindo em breve no mais melancólico dos devaneios.

O jantar terminou, pois, quase lugubremente; a condessa, cumprimentando o filho de longe, declarou que, precisando tratar de negócios com o preceptor, retirava-se para o seu quarto.

Curt teve um momento o desejo de segui-la e pedir-lhe francas explicações; a despedida fria da condessa fê-lo mudar de resolução, e dizendo um adeus distraído a prima, saiu sem perceber sequer que a deixava sozinha.

Pobre Lily...

Para uma primeira noite em família, francamente, era triste!

E ela, que se alegrara tanto em deixar o colégio, em tornar a ver a tia, em abraçar esse Curt, por quem sempre nutria a mais ingênua admiração! Como se enganou, julgando que a esperavam com impaciência...

Um suspiro fundo, em que se evolava a mágoa de sua primeira decepção, saiu-lhe do peito, enquanto se dirigia sozinha para o quarto.

Tinha finura suficiente para perceber que havia qualquer coisa entre a mãe e o filho, e ignorando os fatos, mas com a instintiva solidariedade dos novos, esse *esprit de corps* da juventude que os faz perdoar tudo uns aos outros, tomou logo o partido de Curt e condenou inteiramente a tia.

*   *   *   *   *

Na manhã seguinte, cedo ainda, parava uma carruagem à porta do Hotel Pelloux e descia dela o preceptor, pedindo ao porteiro para falar ao sr. Alfredo Carsten.

Essa visita matutina era fruto da conversação tida na véspera com a condessa.

O diretor, que estava escrevendo, levantou-se imediatamente ao receber o cartão do inesperado visitante, indo recebê-lo ao patamar da escada.

__ Quanto folgo em vê-lo, sr. preceptor! __ Exclamou com sua habitual afabilidade, tocada agora de uma pontinha de emoção. __ E principalmente em vê-lo assim robusto e bem disposto! __ Acrescentou, apertando efusivamente as mãos do eclesiástico. __ Dir-se-ia que os anos lhe passaram despercebidos.

O preceptor sorriu desvanecido, não obstante o caráter religioso e o desprendimento que professava pelas vaidades humanas; é sempre agradável ouvir-se a gente chamar novo por outro homem quase da mesma idade.

E, na verdade, a serenidade de que estava como que impregnada a pessoa do sacerdote, a limpidez de seu olhar, a tranquilidade de sua fronte, a esbelteza conservada de seu talhe davam-lhe um aspecto muito mais novo do que na realidade o era.

A gravidade da batina acentuava ainda mais esse ar de juventude que logo havia chamado a atenção sempre alerta de Alfredo Carsten.

__ Veio provavelmente como embaixador. __ Continuou interrogativamente o diretor, apresentando-lhe uma cadeira, enquanto ele mesmo se conservava de pé, por um velho hábito de homem de negócios, acostumado a tratar rapidamente todas as questões. __ Este infeliz encontro, do qual já fui informado e que lamento tanto como a sra. condessa, pode crê-lo, veio de novo trazer à tona uma questão que eu julgava felizmente terminada. Nora adoeceu com tudo isto. Ah! Essas crianças, como nos fazem embranquecer os cabelos! Acredite que, se eu permiti as relações familiares do conde com minha família, foi por julgar absolutamente improvável qualquer sentimento mais terno entre eles. E, no entanto, devia ter previsto que, imbuída das ideias de sua educação de convento, minha filha não poderia achar sedução senão em pessoas da classe e do gênero do conde... Quanto a ele, é um perfeito gentleman; estimo-o como a ninguém. A imprudência foi minha; essas duas crianças não têm culpa nenhuma. Se soubesse como o lamento, sr. preceptor!

__ Venho como intermediário __ Disse o religioso sorrindo. __ Vamos ver se podemos arranjar as coisas. O conde não esteve ontem aqui?

__ Oh! Várias vezes! __ Respondeu Carsten com um sorriso de ironia indulgente. __ Às primeiras não me encontrou; às segundas mandei dizer-lhe que não estava em casa; encontrou-me finalmente ontem e reiterou-me o pedido, insistindo muito sobre o fato de ser ele maior, independente, por conseguinte, e senhor absoluto de sua vontade. É preciso convir em que advogou sua causa com calor e com expressão, e, apesar de minha negativa, soube achar argumentos... e bem capciosos, creia, para convencer-me! É um excelente rapaz e estou convencido de que o afeto que dedica a minha filha é profundo e... desinteressado. Não obstante tudo isto, não hesitaria em dizer "Não!" e recusar esse pedido de casamento com o mesmo orgulho com que a condessa repele a minha filha, se não fosse Nora. Ela é uma natureza de uma sensibilidade apaixonada, capaz de extremos... a natureza da mãe... sabe amar... amar demais... foi o que matou Helena... e é o que não quero que mate minha filha! __ Acrescentou com súbita violência, atirando bruscamente sobre a mesa, a faca de marfim japonês com que brincava distraidamente. __ Ela é a minha única filha, quero-a feliz a despeito de todos e de tudo. V. Revma. não sabe, sr. preceptor, o que é ter a gente um orgulho... __ Continuou com brandura, interrompendo, para encarar o sacerdote, os passos que estivera dando a esmo pela sala. __ Um orgulho que tem sido a força e a base de uma existência, e ter a gente que sacrificá-lo por causa... Oh, Meu Deus! Por causa de uma menina que chora e que adoece... Enfim, se for para a felicidade dela... Mas o senhor acha

realmente que a condessa chegará a dar o seu consentimento? __ Perguntou subitamente, como se já estivesse arrependido daquele segundo de expansão.

__ Vim precisamente para isso! __ Replicou o preceptor. __ A sra. condessa, depois de refletir muito sobre este assunto e... não querendo romper com o filho, consente em que o casamento se faça, mas não já! Se V. Excia. e sua filha estão dispostos a esperar o prazo que ela marcou, a sra. condessa receberá com prazer miss Carsten em sua família.

__ Vejamos esse prazo! __ Disse o diretor, sentando-se e, com um sorriso de condescendência, que teria feito subir o sangue às faces aristocraticamente pálidas da condessa, continuou, mostrando um papel coberto de algarismos, que tomou de sobre a mesa. __ Porque, se a sra. condessa se julga com direito de impor condições, eu nem por isso deixo de pôr as minhas, meu caro preceptor.

__ Naturalmente! __ Concordou o sacerdote, um pouco constrangido diante da atitude levemente zombeteira de seu interlocutor. __ A sra. condessa, achando ainda o conde muito moço para contrair matrimônio, pede dois anos de espera. Dois anos, durante os quais os dois jovens não terão licença de se ver, e se corresponderão muito pouco, só em casos excepcionais. Será um noivado por assim dizer secreto, durante o qual miss Nora e o conde poderão livremente frequentar a sociedade e dar assim uma prova de firmeza desse afeto, que dizem ser indestrutível. Creio, como a sra. condessa, que esta espécie de noviciado de amor será salutar a ambos. Se forem constantes, a felicidade deles se tornará muito maior por terem resistido a tantas provas; e se, por um acaso

qualquer, um deles faltar ao compromisso, ficará o outro desligado e livre para fazer à vontade sua escolha.

O diretor ouviu com atenção o preceptor, torcendo um pouco nervosamente as pontas frisadas do bigode.

__ Muito bem! __ Disse depois de alguns segundos de silêncio. __ Percebo perfeitamente as intenções da condessa; conta com o tempo, a separação, a mocidade de nossos dois heróis para fazê-los a ambos mudar de ideia. O plano não é mau; eu, por minha parte, aceito-o sem restrições; e é de coração que participo das esperanças da condessa. Porque, a falar com franqueza, sr. preceptor, e não obstante a incredulidade que esta afirmação vai provavelmente despertar no seu espírito, o conde Degenthal não é o casamento que eu sonhava para minha filha, apesar do seu título, de sua fortuna, aliás medíocre para nós americanos; apesar de seu belo físico e de seus apreciáveis dotes de espírito e de coração, preferir-lhe-ia um desses rudes trabalhadores do novo mundo, um desses *self-made man*, como lá se diz, produto do próprio esforço, que o micróbio do sentimentalismo ainda não tocou, para os quais não há obstáculos e que domam a sorte como se doma um cavalo selvagem nas planícies do sul. Um homem destes estaria mais em relação com o nome, o meio e a situação de minha filha; havia de fazê-la feliz. Se não fosse a educação, a absurda educação de Nora. Ah! se eu não tivesse prometido a Helena! Enfim, o passado é o passado. Vou consultar minha filha, sr. preceptor, expor-lhe as condições da condessa, porque é ainda um hábito da América deixar aos filhos plena liberdade de decidirem o futuro que lhes aprouver, e Nora neste assunto fará o que melhor lhe parecer. Se ela aceitar, aceitarei com ela e cumpriremos ambos à risca as

condições postas. Há um ponto, porém, que a condessa esqueceu de mencionar. __ Continuou, encarando o sacerdote com uma estranha expressão de ironia e de penetração a um tempo. __ É a questão do dote. Conheço perfeitamente a situação do conde, sei das vantagens pecuniárias, além das familiares, a que renuncia não casando com a prima, e quero que por esse lado ao menos a compensação seja completa. O senhor dirá, pois, à condessa que, não obstante o seu nascimento obscuro, minha filha não necessita correr atrás do conde; tem aqui... __ Acrescentou, estendendo ao preceptor o papel que examinou quando o havia feito entrar. __ com o que pretender a mão de príncipes, se tal fosse o seu capricho, e de príncipes que se julgariam felizes se a pudessem desposar. Eis o seu dote, a quantia que receberá no dia em que se casar ou no dia em que entrar na maioridade, se não decidir antes a tomar estado.

Assim falando, Alfredo Carsten indicava ao preceptor um dos números do papel; este teve involuntariamente um sobressalto diante da exorbitância da quantia.

__ Será possível?! __ Murmurou com assombro, examinando de novo o papel, onde os algarismos se alinhavam numa elevação quase fantástica.

Um sorriso de satisfação orgulhosa iluminou a bela fisionomia enérgica do diretor e foi sem atenuar sequer a ironia vitoriosa do tom que retorquiu:

__ Sim, é verdade, sr. preceptor! Esse casamento tão desprezado é, no fundo, um esplêndido negócio. E se fosse pesar as vantagens dos dois partidos, creio que a balança penderia para o lado de minha filha. Esse dote representa a fortuna de minha primeira mulher, que eu, por felizes especulações, quadrupliquei;

será dado integralmente a Nora no dia do seu casamento. A condessa pode ficar sossegada sobre a segurança desses fundos, depositados todos em bancos acreditados. Creio, porém, que, para transpor o abismo existente entre o nobre conde e a filha de um diretor de circo, não são suficientes pontes de ouro! Há ainda esse nome de Carsten, esse desastrado nome, cuja demasiada popularidade ofusca e melindra os princípios intransigentes da condessa. Pois bem, diga-lhe que Nora tem direito de usar um nome francês, um nome nobre como o dos Degenthal, o nome da parte dos meus avós, cuja autenticidade estou pronto a provar com irrefutáveis documentos. O sr. preceptor deve compreender que, se condescendo com tais explicações, é porque se trata da felicidade de minha filha. Bem sei que, facilitando-lhe os meios para contrair esse casamento, trabalho para afastá-la cada vez mais de mim. Na convivência com essa gente, para quem a minha profissão é objeto de desprezo e o meu modo de vida é um desdouro, é natural, é quase fatal, que a pessoa de seu pai se lhe vá tornando pouco a pouco estranha e finalmente antipática. Nora tem excelente coração, sentimentos nobres, muita afeição a mim, mas... quem pode resistir à influência cotidiana do meio? Enfim, essas considerações puramente egoístas não me farão hesitar. Não posso olvidar que a mãe dela sacrificou tudo por mim; quero pagar-lhe agora a minha dívida e sacrificar também tudo por minha filha!... Nora é o meu único amor na vida! __ Concluiu simplesmente, como se quisesse escusar com esta declaração a emoção repentina que lhe fazia esmorecer a voz.

E era tão sincera a emoção que a evocação de um passado sempre vivo fazia surgir nesse homem de luta e de energia, que o

preceptor, mau grado seu, sensibilizou-se também. Pareceu-lhe tornar a ver naquele trágico dia de Genebra, esse mesmo homem a soluçar desesperadamente, abraçado ao corpo de uma pálida e loura agonizante... Uma onda de simpatia o fez levantar-se:

__ Sr. Carsten! __ Exclamou, apertando efusivamente a mão do diretor. __ É impossível fazer-se mais do que tem feito por sua filha! O conde e a condessa só lhe poderão ser reconhecidos.

__ Oh! __ Replicou Carsten com um significativo levantar de ombros e um sorriso, em que já não havia sombra de emoção. __ Não é pelo conde nem pela condessa que faço isto! Talvez não seja nem mesmo por Nora... São as circunstâncias que me obrigam. Se tivesse seguido outrora o meu desejo e dirigido segundo o meu parecer a educação dessa menina, ela não estaria hoje em embaraços tais...

__ Talvez estivesse em piores! __ Interrompeu gravemente o sacerdote. __ E não era a felicidade terrena de sua filha que mais preocupava a morta, era principalmente a salvação de sua alma e de sua felicidade na outra vida.

__ Sim, este é o aspecto religioso da questão e o senhor naturalmente só se guia por ele. Se tivesse vivido mais em contato com os homens, veria como em pouco tempo a vida acaba com esses místicos modos de pensar. Nós, os seculares, temos um diverso ponto de vista e encaramos mais praticamente os acontecimentos. Se eu tivesse tido a liberdade de fazer de Nora o que queria, ela seria hoje verdadeiramente minha filha, a mais celebrada *professional-beauty* dos nossos tempos, uma artista em evidência, o objeto de meu orgulho, uma triunfadora, enfim! Em vez disto, deram-lhe uma educação de planta de estufa, separando-

a moralmente de mim e do seu meio natural; fizeram dela uma desclassificada. Por tudo isto tenho eu hoje que sacrificar a minha altivez, e, sacrifício bem mais doloroso e bem mais sentido, perder em vida a minha filha! ...O mundo é isto mesmo!

O preceptor não respondeu; no íntimo dava um pouco de razão a Alfredo, e sobretudo compreendia que não poderia haver nunca um acordo entre ele, representante duma classe só de preconceitos e de tradições, e este homem liberto de escrúpulos, que a vida calejara contra toda a fraqueza, e que não conhecera freios a suas ambições, nem obstáculos insuperáveis à sua vontade. Decidiu terminar a entrevista por uma evasiva amistosa.

__ V. Excia. não pensa ainda em descansar de tantos sacrifícios? __ Disse, levantando-se para despedir-se. __ Ainda não se sente cansado? Com a fortuna que adquiriu ser-lhe-ia fácil gozar fartamente de um merecido repouso.

__ Sim, ser-me-ia fácil... __ Concordou alegremente o diretor, levantando-se também. __ mas, caro amigo, eu já não posso. O repouso seria para mim a morte, a minha vida é a ação, ou antes, a minha vida é a vida de meu circo, a cuja prosperidade me dediquei de corpo e alma. Como pode verificar, os negócios não vão mal; e, se tiver saúde, espero ainda fazer milionários a meus netos. Mas estamos esquecendo os nossos namorados. Vou mandar prevenir e buscar Nora hoje mesmo! A Superiora escreveu-me que ela tivera febre toda a noite; foi provavelmente a emoção... A notícia que lhe vou mandar há de curá-la. V. Revma. encarregue-se do conde e não se esqueça de transmitir à condessa as minhas palavras. Espero que tudo resulte na satisfação geral; em todo o caso, esta entrevista

já me tem roubado um tempo precioso, e, como tenho que partir amanhã, preciso deixar tudo regulado.

Assim falando o diretor acompanhou o sacerdote até ao patamar da escada, e chegados aí despediram-se pela maneira mais afável.

O preceptor voltara impressionado não só pela generosidade de Alfredo Carsten e pelo dote excessivo de Nora, mas ainda mais pelas maneiras, pelas ideias, pelas expressões do mesmo Carsten.

Era o perfeito tipo do arrivista honesto, é verdade, a despeito de tudo, mas sem escrúpulos diante dos obstáculos, embriagado de energia; pessoa de impulso, de egoísmo e de fantasia, que no seu desprendimento de eclesiástico ele não podia compreender.

__ Não há ninguém que não sofra a influência cotidiana do meio. __ Pensava tristemente o bom preceptor. __ Como ele tem razão! ...Queira Deus que essa pobre menina tenha força bastante para resistir e chegar um dia ao porto de salvação.

*   *   *   *   *

Curt passou a noite em claro.

Depois de um passeio melancólico pela cidade, recolheu-se cedo aos seus aposentos e aí ficou a fumar cigarro sobre cigarro a maior parte da noite. A atitude intratável da mãe levantara nele uma verdadeira tempestade de revolta.

A entrevista que tivera com o diretor contribuiu ainda mais para alimentar essa revolta. Alfredo Carsten, com palavras muito polidas,

mas muito firmes, declarara não lhe conceder a mão de Nora senão quando a condessa desse um consentimento formal, e Curt regressara ao hotel disposto a obter consentimento, custasse o que custasse.

Decidiu, depois de tergiversações sem conta, ter no dia seguinte uma explicação em regra com a mãe; acumulou para isto todos os argumentos que lhe pareciam mais convincentes, preparou uma coleção de réplicas esmagadoras e delineou cem vezes um plano hábil e inteligente para demonstrar à mãe, sem zangar, que se não tratava ali de um leviano capricho de rapaz, mas sim de um afeto definitivo e verdadeiro.

E se ela não se rendesse a suas razões, se ela não cedesse a suas súplicas, e não respondesse com doçura a seu pedido... Ah! Então estava decidido a tudo, Desde que queria a guerra, tê-la-ia! Curt preferia romper com a mãe, renunciar aos seus direitos de herdeiro, e deixar o título a Nickel, expatriar-se, a perder Nora. Abandonaria a Alemanha, iria com Nora para essa distante e benfeitora América onde trabalharia, se preciso fosse, mas onde seria feliz, em liberdade, a despeito de todos e de tudo. Esse estado de violência, a que não estava habituada a sua sensível natureza de afetivo, durou uma boa parte da noite; vencido afinal pelo cansaço de remoer tanto projeto e tanta combinação, atirou-se para uma cama, só conseguindo conciliar o sono aos primeiros albores da manhã.

O sono foi profundo, mas fatigante, entrecortado de pesadelos agitados, em que sempre e sempre recomeçava a luta contra a condessa para a conquista de Nora. Quando Curt acordou, ia alto o dia, e dessa noite mal dormida ficou-lhe um mau humor irritadiço,

que o predispunha a receber desfavoravelmente qualquer impressão exterior. Este mau humor foi logo aumentado por um bilhete da condessa, em que lhe dizia ter ela partido com Lily para Degenthal no primeiro comboio, e o prevenia ao mesmo tempo de que o preceptor ficava encarregado de o por ao fato das suas últimas e imutáveis resoluções.

Curt teve, pois, que esperar o preceptor, vendo-se destarte privado do passeio ao ar livre, que tanto bem teria feito aos seus nervos em vibração; ficou, então, em seus aposentos, a imaginar o que teria resolvido a mãe e a confirmar-se cada vez mais no propósito de sacrificar tudo ao seu amor.

Quando o preceptor chegou, encontrou-o, pois, num estado de extrema tensão nervosa e foi-lhe preciso muita força de vontade para conter a exclamação de surpresa condoída diante do semblante desfigurado de seu ex-discípulo.

Com muito carinho e muito jeito, comunicou-lhe o sacerdote a boa notícia, felicitando-o em seguida pelo belo e imprevisto resultado. O efeito, porém, desta notícia foi inteiramente negativo. Como toda pessoa que concentrou sobre um ponto o máximo de suas forças físicas ou morais para a realização de um almejado fim - e que, vendo sem esforço nenhum de sua parte realizado esse fim! - sente uma íntima decepção pela facilidade desta realização, para a qual nada contribuiu, Curt não deu a mínima demonstração de alegria ao saber do consentimento da mãe.

Uma impressão penosa, em que havia humilhação e desconfiança, o dominou. Humilhação por ver frustrado o prazer da luta, a vitória devida a si mesmo e ser tratado com uma condescendência de superior para inferior; desconfiança ante esta

súbita mudança tão anormal na condessa, que ele suspeitava, com razão, de que ocultaria algum plano maquiavélico.

Não podia, contudo, dizer nada, apresentar objeção nenhuma, pois, se protestasse contra o muito longo do prazo, o acusariam logo de pouca confiança na firmeza de seu afeto.

Aceitou, pois, sem contrariedade aparente as condições impostas, prometendo ao preceptor escrever imediatamente à mãe uma carta de submissão e agradecimento. O bom sacerdote, que esperava ser recebido com transportes de entusiasmo e efusões de contentamento, achava-se deveras desnorteado ante a tibieza dessa atitude.

Empregou todos os esforços para reanimar seu discípulo, fez-lhe ver o lado bom da espera, deu-lhe conselhos, felicitou-o em termos elogiosos para a noiva, procurando debalde aquecê-lo ao calor de sua própria satisfação; só conseguiu que um clarão de verdadeira alegria desanuviasse um instante a fisionomia carregada do rapaz, quando lhe anunciou que Nora o esperava à tardinha no Hotel Pelloux.

Retirou-se, então, o preceptor, perplexo e preocupado; as maneiras tão estranhamente reservadas de Curt, haviam-no mergulhado num abismo de considerações filosóficas acerca das inexplicáveis contradições do complicado coração humano. Apenas saíra o velho amigo, Curt escreveu resolutamente à mãe uma carta que, a despeito do seu grande desejo de ser afetuoso, não era mais do que seca e cerimoniosa.

À tarde, vestiu-se com o costumado esmero, indo procurar Carsten ao hotel; havia, porém, concorrência na antecâmara, pois o diretor anunciara precisar de novos artistas para a Companhia, e a

chusma dos pretendentes afluíra. O conde foi por isso obrigado a esperar um instante, enquanto Carsten despachava um pretendente mais qualificado, com o qual estava nesse momento em audiência.

Enquanto esperava, Curt era obrigado, mau grado seu, a olhar e a ouvir esse mundo equívoco e espalhafatoso de artistas e boêmios, que pela primeira vez via de perto. A cor “berrante” das toilettes femininas, o estravagante dos penteados, a graça provocante das atitudes, a liberdade dos modos dos homens, os risos
altos, as interjeições exageradas, os ditos picantes, a familiaridade dos gestos, todo esse conjunto brilhante e fictício feria no íntimo os seus refinados instintos de aristocrata.

E Nora fazia parte desse meio, vivia em contato com essa gente. Respirava nesse ambiente equívoco os miasmas sutis da corrupção, de que até então a protegera a educação conventual! Com que fervor, com que decisão prometia Curt a si mesmo arrancá-la o quanto antes do perigo do contágio, levá-la para longe de tudo que pudesse manchar de leve a candura virginal da alma de eleição, que transparecia nas límpidas pupilas de sua amiga de infância!

Exigiria de Alfredo que a noiva passasse longe da Companhia os dois anos de separação e o exigiria com a energia de quem tem consciência de seus direitos e da justiça de suas exigências.

O diretor saiu nesse momento do salão particular, transformado para a ocasião em gabinete de recepção, acompanhando com a sua afabilidade protetora de *grand seigneur* a um sujeito alto, de ondeada cabeleira meio longa, nariz adunco,

olhos pretos como carvão e ar de desalinho elegante e de suficiência arrogante, próprios do homem de arte ou de boêmia.

Um impulsivo sentimento de antipatia fez com que Curt correspondesse com o mais frio e impenetrável dos olhares ao olhar de impertinente indignação que este singular desconhecido lhe lançou ao passar. O diretor dirigiu-se pressurosamente a Curt, apertando-lhe a mão com a mesma amabilidade franca com que despedira segundos antes o homem de cabeleira de poeta, artista evidentemente aceito na Companhia.

Essa igualdade de tratamento despeitou a Curt mais do que qualquer desconsideração pessoal, e foi, pois, com uma certa frieza que acolheu as escusas, aliás justificáveis, do diretor:

__ Sinto deveras que V. Excia, tenha sido obrigado a esperar tanto tempo, mas disponho de tão poucas horas que, precisando reformar um pouco o pessoal da Companhia, vi-me obrigado a pôr o anúncio, o que me valeu este aperto! __ Disse designando o bando barulhento que se aglomerava na antecâmara, e, tomando Curt pelo braço, introduziu-o num pequeno salão luxuoso, onde se sentia a influência de uma presença feminina.

Talvez mais do que o tom equívoco das pessoas que cruzara, desagradou ao rigorismo do jovem Curt a maneira “*yankee”* com a qual o diretor tratara a questão do noivado; pela primeira vez sentiu e mediu o abismo moral que existia entre ele, genuíno produto de uma educação do passado, e este filho do modernismo e da liberdade, que era o seu futuro sogro. Este desagrado se teria transformado talvez num sentimento mais penoso, se não aparecesse naquele instante, essa que tinha o poder de dissipar com sua presença, todo desagrado e toda contrariedade.

Nora trazia um elegante vestido de foulard azul marinho, sarapintado de branco, que ainda mais lhe empalidecia o rosto descorado pelas últimas emoções. Curt achou-a ainda mais bela nesse palor, que fazia mais brilhante e mais expressivos os seus largos olhos de anil.

E, diante do sorriso amoroso desses caros lábios, diante desses olhos pisados de lágrimas vertidas por ele, um enternecimento o invadiu e tudo mais desapareceu, afogado na grande alegria de ter mais uma vez reconquistado essa adorada e preciosa criatura.

Alfredo Carsten, ao qual os seus princípios americanos e os seus negócios não permitiam perder tempo, deixou-os a sós; Nora pôde, pois, confiar livremente ao noivo os transes dolorosos por que havia passado. Pareceu-lhe ainda um sonho que tão imprevistamente se houvesse mudado a face das coisas! Sofrera tanto, chorara tanto, que, quando o pai lhe anunciara a boa-nova, não lhe dera crédito a princípio.

Teria sido por causa da energia de sua carta? Ou a condessa se teria comovido ao ver o abatimento dos dois?

Nora aceitara sem relutância todas as condições impostas, achou muito natural que lhes impusessem condições, desde que lhes faziam a vontade. Uma alegria imensa a dominara, uma alegria tão funda, tão grande, tão grata para com Deus e para com todos, que não podia compreender como seu pai e Madre Sibila haviam tomado ares graves diante do rumo dos acontecimentos. Curt também não lhe parecia suficientemente radiante: estaria descontente por causa dos dois anos? O que eram dois anos para eles, que tinham por si a mocidade? Dois anos passam tão

depressa! Ela ter-se-ia sem receio submetido a vinte, é verdade! A vinte anos e na certeza absoluta de ao cabo desse longo tempo amá-lo ainda como agora o amava.

“Vinte anos!” Assim o diziam seus lábios sorridentes, assim o repetiam seus luminosos olhos, assim o afirmava o abandono terno de suas mãos, que Degenthal apertava nas suas, e afogado pela meiguice dessa voz, subjugado pelo encanto dessa graça, enfeitiçado pela doçura desse sorriso, Curt também achava que nada eram dois anos para eles, que tinham diante de si a vida inteira.

Nora falava com a descuidada inexperiência de seus dezoito anos e ainda talvez com a convicção eloquente de um amor que lhe enchia a alma, parecendo-lhe tão grande, que para o qualificar não hesitava em dizê-lo eterno.

*   *   *   *   *

Curt permaneceu ainda três dias em Bruxelas, três dias que roubou ao tempo da separação, três dias ideais que levou arquitetando com Nora os meios mais subversivos e mais ocultos de, sem faltar à palavra dada, terem notícias um do outro. Fizeram juramentos sem conta, promessas inúmeras de fidelidade. Curt comunicou à noiva a sua intenção de deixar Bonn, apenas lá tivesse liquidado alguns negócios e acabado com a *garçonniëre*.

Pretendia retirar-se para Degenthal, onde levaria a vida de campo e satisfaria um dos grandes desejos da mãe, que era vê-lo

acompanhar a prima na sociedade. Por uma delicadeza de sentimento, que Nora entusiasticamente aprovou, desejava, à força de carinho, de docilidade e respeito, reconquistar com muito jeito a benevolência da mãe tanto para contentamento de seu amor filial, como no intuito, um pouco pérfido mas muito escusável, de lhe fazer diminuir o tempo da separação.

Antes de partir, Curt pediu ao diretor que durante estes dois anos Nora vivesse separada do circo. O diretor não pôde esconder um movimento de contrariedade, ante este pedido, que disfarçava uma exigência; todavia, como não queria contristar a filha, prometeu tomar uma dama de companhia para se ocupar exclusivamente de Nora, conciliando assim as coisas.

Havia algum tempo que ele desejava ter uma casa própria, uma residência fixa em qualquer das grandes capitais europeias. Compraria, pois, uma habitação nos arredores de qualquer cidade e aí instalaria Nora, que, se acaso Emília faltasse, teria sempre a companhia da governante. Curt anuiu de boa mente a este plano e os dois noivos separaram-se com lágrimas nos olhos, é verdade, mas levando no coração essa radiosa prestidigitadora, a fada dos belos sonhos e dos projetos do futuro, que é a esperança.

*   *   *   *   *



Esta é a tática das mulheres:
Não combatem, e contudo vencem!

TRÊS meses depois da partida de Curt para Degenthal, deixava a condessa o castelo, indo instalar-se em sua nobre residência de Viena. Era a primeira vez que regressava à capital depois de viúva; as reminiscências do curto, mas brilhante período de vida mundana que em plena lua-de-mel ali gozara, iam provavelmente reavivar antigas mágoas, mas a titular não era mulher que recuasse diante de mágoas a sofrer, quando almejava alcançar um determinado fim.

A sociedade não estranhou a reabertura dos salões Degenthal; sabia-se que a condessa tinha uma sobrinha para quem soara a hora melindrosa da estreia no mundo, como se diz em linguagem de convento; não deixou, entretanto, de fazer comentários, e acerbos alguns, quando se anunciou oficialmente a entrada do jovem conde para o corpo diplomático.

O que significava aquela fantasia? Quando se pertence, como Curt, a uma família de tão alta linhagem e de tão sólida fortuna, a escolha de uma carreira é sempre considerada como um capricho da mocidade, ou uma originalidade de espírito, em que o mundo ironicamente repara ou insidiosamente exprobra.

A que motivo atribuir esta súbita resolução de Curt? Moço, nobre, regularmente rico, a sua vida na sociedade parecia traçada de antemão: mundanices e frivolidades enquanto lhe aprouvesse divertir-se, casamento rico apenas começasse a sentir-se cansado da liberdade de solteiro.

E quando viesse este cansaço, ali estava a prima, herdeira de um belo nome e de uma ainda mais bela fortuna, propositadamente designada para lhe tornar fácil e agradável o jugo inevitável do matrimônio. Assim falava o “mundo” ou antes o círculo de suas relações e conhecimentos - a que geralmente se dá o nome de mundo, e onde os nossos atos são infalivelmente julgados e discutidos.

Afirmava esse “mundo” que, existindo sérias desavenças entre a mãe e o filho, a condessa preferiria vê-lo seguir uma carreira a perder nos seus domínios a autoridade que até então exercera sem empecilhos; diziam também - e com que sorrisos de vitoriosa zombaria! - que, fatigado da longa submissão, o primogênito dos Degenthal recusara aceder ao casamento com a prima que se lhe queria impor, e para demonstrar a sua independência dedicara-se à carreira diplomática.

O “mundo” tinha e não tinha razão. Se não existiam realmente entre a mãe e o filho sérias desavenças - pois nunca mais houve questão entre eles do assunto que os indispusera! - a vida em comum na intimidade forçada do campo tornara-se-lhes pouco a pouco impossível. Se as coisas tivessem seguido o seu curso normal, jamais consentiria a condessa que o seu predileto abraçasse uma carreira que necessariamente o afastaria dela; os seus preconceitos, por outro lado, também se opunham a que a sobrinha frequentasse a sociedade antes dos dezoito anos. Diante, porém, da tristeza persistente de Curt e do seu evidente desapego a tudo o que dizia respeito aos interesses de suas propriedades, a condessa resolveu por de parte preconceitos e amor materno, e com muita habilidade lhe aconselhou a diplomacia.

A verdade é que a condessa não estava sossegada; não obstante serem cumpridas à risca as condições impostas por ela, Curt custava deveras a esquecer. Na existência retirada e solitária do castelo, o rapaz concentrava-se cada vez mais no seu sonho. A mãe sentia-o abstrato, esquivo, desinteressado de tudo, sempre polido, mas envolto numa reserva fria, que impossibilitava toda e qualquer veleidade de confidência ou de expansão.

A condessa sentia o sangue ferver-lhe nas veias ante essa indiferença sorridente, que lhe tirava o meio de se zangar; a atitude dos Carsten, impedindo-a de se opor abertamente ao casamento, irritava-a como uma ironia perene, e no íntimo jurava por em jogo todos os meios e modos a seu alcance para tornar irrealizável o cumprimento definitivo.

Era obrigada a reconhecer que Lily era absolutamente incapaz de alegrar uma casa e ainda mais de exercer qualquer influência sobre o primo; seus modos tímidos, a ingenuidade um pouco infantil de suas perguntas e a extrema reserva de sua índole, juntas à insignificância de seu físico, faziam dela um ser apagado, cujo encanto, muito velado, todo feito de candor e de discrição, Curt não estava absolutamente em condições de apreciar.

A condessa, com a sua habitual perspicácia, sentia que perdia terreno e que a ausência, longe de apagar a imagem da “outra” ainda mais lhe avivava a romanesca sedução. Nickel, muito absorto nos seus estudos, não podia servir de companhia ao irmão; urgia arrancar Curt ao perigo desses longos devaneios, em que vivia engolfado o seu espírito de sonhador e cujo fim a mãe facilmente adivinhava.

A condessa deliberou partir para Viena; como precisava todavia de esconder ao filho o motivo desta imprevista deliberação, insinuou-lhe em conversa à mesa a ideia de seguir a carreira diplomática e, para mais seguramente mascarar os seus fins, pretextou a introdução de Lily na sociedade para acompanhá-lo.

Como atribuía à inexperiência do mundo a funda impressão causada por Nora no espírito ainda novo do filho, achou que o melhor meio de o curar desta absurda paixão era fazer-lhe conhecer esse mundo, onde tão desastrosamente se ensaiara em Bonn. Sim, uma vida movimentada, cheia de distração e de novidades na alta roda de Viena, uma vida mundana e toda de exterioridades, em breve lhe restituiria a confiança e o coração do filho, e talvez - quem sabe? As vienenses são tão formosas! - alguma das jovens do grande mundo faria esquecer a Curt essa pequena americana de olhos claros, cujo verdadeiro atrativo residia, em suma, na excepcional grandeza do dote.

Desde que Lily não soube agradar ao primo, desistiu de Lily para Nora e receberia de braços abertos uma qualquer que não fosse a filha do diretor do circo. Enfim, é preciso dar tempo ao tempo, e, com a sua habitual confiança no futuro, a condessa partiu para Viena, dizendo-se que, se ao cabo do prazo marcado, Curt ainda se obstinasse por um caso extraordinário a desposar a Carsten, ainda haveria uma compensação no fabuloso dote da menina.

A ideia de mudar de meio e mesmo de abraçar uma carreira foi sumamente agradável a Curt. A vida por demais íntima em Degenthal tornara-se-lhe um verdadeiro suplício.

A frieza de suas relações com a mãe, em contraste violento com a expansão e o carinho de outrora, faziam-no sofrer, mau grado seu; não podia falar a ninguém de seus sentimentos, de seus desejos, de seus projetos; sentia um ambiente hostil, apenas se referia aos alegres dias de Bonn; nenhum trabalho o preocupava, nada lhe prendia já vivamente a atenção nessa tranquila vida castelã; havia na sua existência uma como pausa; adiara tudo para daí a dois anos, para quando enfim tivesse Nora. Uma saudade profunda, absorvente, estiolante, o invadiu, e, nas longas cavalgadas que diariamente fazia pelos seus domínios, revivia as cenas de Bonn, rememorava - e com que nostalgia! - não só os episódios do seu idílio com Nora, mas também as brincadeiras de seus companheiros e a liberdade, a bela liberdade prazenteira de sua despreocupada vida de estudante.

A distância tornava-lhe Nora mais cara ainda, e na solidão do campo a sua lembrança fazia-se mais imperiosa e mais terna; com a sua tendência para o idealismo, Curt refinava-se no seu sonho, alheando-se de tudo e de todos, o que, em pouco tempo, o tornou um verdadeiro estranho em sua casa.

A vida em comum, tão unida na aparência, e tão cheia de hostilidade no fundo, era-lhe indizivelmente penosa; por outro lado, sua inteligência sofria com aquela modorrenta ociosidade e sua mocidade protestava contra aquela solidão e aquela monotonia. Foi, pois, quase com entusiasmo que Curt aceitou a ideia da entrada para o corpo diplomático.

Desde que não podia estar ao pé de Nora, preferia mil vezes viajar, ver países, gente e costumes novos, instruir-se, ter um campo

para sua atividade intelectual, a vegetar naquela melancolia deprimente, como uma criança agarrada às saias da mãe.

A diplomacia parecia talhada para ele; nobre, moço e rico, possuía todos os requisitos exigidos para um secretário de legação, e a perspectiva de se ver livre da curiosidade bisbilhoteira do ambiente provinciano em que se achava deu-lhe, nos últimos dias de estada em Degenthal, uma animação que fez as secretas alegrias da condessa.

Mal sabia Curt, quando aceitava sem relutância a proposta materna, que era intenção formal da titular usar toda a sua influência no sentido de conservá-lo o maior tempo possível como adido ao ministério dos negócios estrangeiros, sujeito, por conseguinte, à sua estreita fiscalização.

Partiram, pois, todos para a capital nas melhores disposições de espírito, e mesmo Lily, a quem agradavelmente surpreendera a desusada animação do primo, alegrou-se em ir ver essa Viena de que lhe haviam dito maravilhas e onde a esperava essa coisa, tão grave entre todas e tão deliciosamente perturbadora para uma alma de dezesseis anos: a estreia na sociedade.

O salão dos Degenthal tornou-se em pouco tempo um dos mais frequentados da alta roda; reunia ele o prestígio de um nome fidalgo e as recordações que em Viena deixara esse mundano impenitente que fora o conde Leopoldo Degenthal, e um atrativo bem mais poderoso ainda: uma gentil herdeira e um rapaz por casar.

Embora não fosse Lily um tipo de causar admiração, tinha por si a mocidade e o dinheiro; era o suficiente para que o bando sempre alerta dos caçadores de dotes volteasse em torno dela.

Quanto a Curt, teve um verdadeiro sucesso. A princípio foi esse sucesso abafado pela expectativa em que estavam do próximo noivado dos dois primos. Ninguém ignorava o grande desejo da condessa de estreitar por um consórcio em família os laços de parentesco que uniam os dois jovens; o resultado, porém, fazendo-se esperar, a curiosidade da expectativa arrefeceu e, perante a frieza dos interessados, convenceram-se em breve de que entre Lily e o conde nada mais havia que um sossegado afeto de irmãos.

Muita cabecinha loura ou castanha se alegrou com isto e em muito coração terno germinou o plano ousado de conquistar o título de condessa e o amor desse belo e distraído Curt, à força de sorrisos, amabilidades e... toilettes. Em muita cabeça grisalha delineou-se também esse plano e assim, alvo das atenções gerais, o filho de Clotilde Degenthal tornou-se em pouco tempo o "rapaz da moda", o predileto das meninas, o "grande atrativo" de todas as festas que se reunia e se recreava a elite da sociedade vienense.

Curt, é preciso dizer-se, suportava com modéstia o peso desse papel em evidência; em relação à prima, era de uma passividade desesperadora; se adivinhava os projetos matrimoniais, que em torno dele fermentavam, nada deixava transparecer e tratava Lily com a indiferença de sempre.

A vida mundana obrigou-o a sair um pouco de si mesmo, e, embora tentasse parecer muito engolfado nos seus estudos, era demasiado jovem para que as distrações da sociedade não o distraíssem com efeito, sem lhe tirarem, entretanto, a expressão de tristeza que uma feição de tão interessante morbidez dava a seus grandes olhos escuros.

As moças estavam naturalmente doidas por ele, como geralmente se diz; nenhuma, todavia, se poderia gabar de ter tido de Curt mais do que as simples gentilezas que a polidez social impõe a um rapaz de educação; nenhuma, com verdade, se ufanaria de ter tido com ele o esboço inocente de um *flirt* ou de lhe ter ouvido sequer algum galanteio mais significativo.

Era “o belo desdenhoso”, como o alcunhou a espirituosa Mitzy Holbein, uma das mais louras e infatigáveis valsistas de Viena; e ante esta atitude de distração superior, mais se aguçava o desejo de triunfar afinal desse desdém, que todos eram unânimes em considerar apenas aparente.

Não desesperava somente as meninas, a indiferença anormal de Curt; havia uma pessoa a quem essa indiferença fazia passar noites em claro: era a condessa, que, à medida que o tempo fugia, sentia reavivar-se o receio de não ser assim tão “criancice” quanto ela supunha a paixão do filho pela filha do diretor do circo. Essa ideia fazia ferver-lhe o sangue nas veias, e com mais tenacidade do que nunca jurava a si mesma por tudo em jogo para tornar impossível esse casamento disparatado.

Estava no último dia de carnaval e uma das festas mais ansiosamente esperadas era o *bal-de-tête* da condessa Degenthal. Este baile, previamente anunciado pelos jornais nas notas mundanas, e em que as senhoras e as meninas deveriam apresentar cabeças fantasiadas, atraíra desde logo a atenção, não só por ser a primeira grande festa dada pelos Degenthal à seleta roda de amigos e relações, mas por ser considerado “*chic”* pertencer ao número desses amigos e dessas relações.

A afluência, se não era excessiva, tinha pelo menos a vantagem de ser de escolha, e a condessa fazia com muita distinção as honras de seus salões. Ainda esbelta e supremamente aristocrática, na negrura de um rico vestido de veludo preto, ligeiramente decotado para satisfazer as exigências carnavalescas do baile, contentara-se em empoar os seus cabelos grisalhos. A brancura deste postiço encanecimento ameigava-lhe a expressão habitualmente severa, disfarçando sob a elegância histórica de um penteado à Luis XVI, o que havia de dureza no desenho dos traços e de altaneiro no olhar.

Curt, a seu lado, auxiliava-a na delicada tarefa de receber os convidados, e realmente seria difícil imaginar alguém que com mais elegância e mais donaire vestisse o traje de cerimônia. A casaca assentava-lhe como em poucos, acentuando-lhe a desenvoltura elegante do corpo fino e a graça fidalga e desafetada das maneiras.

Um ramalhete de valor ornava-lhe a lapela e era verdadeiramente delicioso o contraste entre a expressão tristonha e como que aborrecida dos olhos e da boca e a extrema gentileza do porte e da fisionomia.

__ Que distinção a de seu filho, condessa! __ Dizia à titular um velho diplomata, cujas opiniões em matéria de elegância e etiqueta eram preconizadas como as de um Petrônio aposentado. __ É bonito, sem efeminação, e sabe *porter l'habit*, como dizem os nossos amigos franceses. Não imagina que importância tem para um futuro diplomata o saber vestir-se e o saber mover-se num salão! __ Continuou, seguindo com os olhos de admiração a figura elegante de Curt, conduzindo neste momento uma senhora ao vestiário. __ Seu filho possui esta ciência inata, é, além disso,

instruído e inteligente; tive ocasião já de conversar com ele, podendo destarte apreciar o quanto é digno do orgulho de sua mãe.

A condessa inclinou-se sem responder, agradecendo com um sorriso um pouco contrafeito os elogios que lhe fazia do filho; seus olhos, seguindo a direção dos do velho diplomata, acompanharam também um instante a silhueta do rapaz, que com a mais displicente das expressões ouvia a tagarelice desse diabrete de saias que era Mitzy Holbein, mais loura do que nunca sob as largas pontas negras de seu laço de alsaciana improvisada.

Uma ruga de contrariedade franziu um segundo a fronte da condessa: meu Deus, o que poderia interessar este Curt?! ... A ruga desfez-se em segundos na amabilidade forçada do sorriso. Não foi, porém, tão passageira, que a não percebesse a perspicácia sempre alerta do antigo diplomata.

O que teria a condessa contra o filho?

O velho tinha experiência do mundo e da vida, conhecia a proverbial prolixidade das mães, quando se trata dos filhos, e diante desse laconismo anormal sentiu que devia haver qualquer coisa entre eles. A sua natural curiosidade levou-o a prosseguir, para sondar o terreno.

__ Não é só a distinção e a inteligência do conde que admiro, é a sua seriedade precoce, a sua austeridade de princípios. As distrações da nossa grande capital, em geral tão apreciadas na idade dele, têm-lhe prendido tão pouco a atenção, que eu, se fosse V. Excia., recearia do futuro. Bem sabe que todos nós temos uma época em que é forçada a leviandade, como mais tarde se torna forçosa a gravidade.

__ Se essa época é geral, pode ter a certeza de que o meu filho lhe pagará também o tributo. __ Respondeu a titular com uma ironia em que se percebia a amargura de uma recente experiência. Esta ironia excitou ainda mais a curiosidade do velho diplomata.

Teriam razão as más línguas e existiria realmente entre esta mãe e este filho uma desavença oculta? Seria talvez a resistência do rapaz em consentir no casamento com a prima? perguntava a si mesmo, vendo Lily aproximar-se timidamente do primo e fazer-lhe, corando, uma pergunta, a que ele respondeu com a máxima indiferença.

__ Preciso esclarecer a questão! __ Disse consigo e, reatando a conversação depois de uma pequena pausa, continuou em tom malicioso: __ As *demoiselles* terão em breve um grande pesar. Sei de várias, que hoje riem, a quem a partida do conde para o estrangeiro vai cobrir de luto. Quantas ilusões desfeitas! Embora seu filho lhes tenha mostrado sempre um coração de mármore, e não possa nenhuma dessas belas envaidecer-se de o ter feito prisioneiro, a esperança é tão tenaz nos corações de vinte anos...

__ Meu filho é demasiado jovem para pensar em se deixar “fazer prisioneiro”, como V. Excia. diz! __ Retorquiu a condessa. __ Mas, desde que se interessa tanto por Curt e com tanta benevolência lhe segue os sucessos mundanos, não poderia dizer-me para onde o tencionam mandar?

__ Ah! É um segredo diplomático. __ Replicou o velho, sorrindo finamente e continuando a observar a condessa, em cujo olhar se refletia agora a sombra de uma verdadeira inquietação. __ De mais a mais recearia, se lho dissesse, tirar-lhe toda a alegria

desta noite de festa. As mães são tão suscetíveis, quando se trata de separação!

__ Oh! Por isso não, sr. diplomata; pois, quando aconselhei Curt a abraçar a diplomacia, claro estava que há muito devia ter posto de parte toda a sensibilidade excessiva. Antes de tudo, o bem de meu filho. Se o mandarem, porém, para o norte da Alemanha, procurando aparentar indiferença, creio que a separação não será muito longa.

__ Norte da Alemanha... __ Repetiu com ar entendido o velho diplomata, abanando a cabeça. __ Não me parece... Palpito antes que tomará rumo bem oposto... Lá para os lados da Sublime Porta. Se, no entanto, uma comissão de meninas bonitas dirigisse ao ministro um abaixo-assinado, pedindo a permanência do conde na capital, creio que o nosso chefe não hesitaria em aceder. A remoção de secretários de embaixada não é coisa assim de que dependa o equilíbrio das nações.

__ Naturalmente! __ Concordou a condessa, tomando também o tom de motejo. __ Mas, como esta gentil comissão provavelmente não se apresentará, deixaremos Curt seguir o seu destino. Se eu quisesse, podia empenhar-me com o embaixador Türner, um velho amigo nosso, e meu filho ficaria em Viena; não acho, porém, conveniência em prender desta forma os filhos no regaço materno. Mas, como anda bem informado, excelência. __ Acrescentou com o mais amável dos sorrisos, deslizando habilmente para um assunto menos perigoso. __ Não há nada que escape a sua penetração!

O velho diplomata inclinou-se desvanecido; nada era mais lisonjeiro ao seu amor-próprio do que ser tido pelos outros na conta de um homem influente e sagaz.

A condessa ergueu-se imediatamente para receber novos convidados; O antigo ministro seguiu-a um instante com a vista, murmurando por entre os dentes:

__ Uma verdadeira Semíamis! Daria boa parte da minha experiência para saber o que a move a querer afastar o filho. Provavelmente questões de mulher... O rapaz, com aquela seriedade toda, parece-me que é um sonso ou... um enamorado. Oh! As mulheres, as mulheres! Quem diria ao vê-las, assim cândidas e tímidas, que são capazes de fazer a desgraça de um homem... de vários homens mesmo! __ Rematou à guisa de moralidade, fitando com simpatia a figurinha silenciosa de Lily, que se sentara desconsolada a seu lado.

Lily fazia em geral a delícia dos homens de idade, agradava-lhes pela sua frescura de pele e de alma, pela graciosidade do seu todo ainda infantil, pela sua extrema facilidade em corar, os rapazes, esses haviam-no declarado terminantemente “estaca”, e só os prudentes conselhos das mães, recordando-lhes o bom dote da sobrinha da condessa, conseguiam que alguns lhe fizessem corte.

Lily, porém, dir-se-ia que havia tomado lições do primo; mostrava-se para com todos de um retraimento que tocava as raias do desdém, não denunciava preferência alguma, e tinha para todos o seu eterno sorriso de ingenuidade... “exasperante”, dizia irritadamente a condessa, quando verificava os poucos progressos feitos pela sobrinha na amizade do filho.

__ O que ela tem de melhor são os cabelos! __ Disse de Lily o demônio da Mitzy. __ E isto mesmo é porque têm a cor das libras esterlinas!

Observadores, ou, antes, observadoras perspicazes haviam, porém, descoberto que seus olhos estavam sempre fixos no primo, o que raramente acontecia, pois ele poucas ocasiões lhe dava de o contemplar.

Curt tratava-a com uma indiferença que podia sem injustiça ser chamada pouco caso; nessa noite mesma viera alguns instantes antes pedir-lhe para dançar com ele o *two steps* e deixou-a repentinamente ali sozinha, sem par, junto ao velho diplomata, para ir receber no vestíbulo a Dahnow, que chegara nessa noite a Viena, especialmente para o baile, a convite da condessa.

__ Parece-me que não és de uma cortesia excepcional para com tua prima! __ Disse-lhe o barão, depois do efusivo abraço de entrada, enquanto Curt lhe punha amavelmente o sobretudo no vestiário. __ Deixaste-a em plena dança e...

__ Ora, Clemente, o que tem isto entre parentes?! Eu não tenho culpa de que ela me prometesse este *two steps!* ... Mas, dize-me, vagabundo, por que chegaste no último dia de carnaval? Eu escrevi-te que viesses pelo menos quinze dias antes.

__ Andei fazendo uma excursãozinha pelos livros antes dos exames. Sabes que com o tempo a tua prima pode vir a ser muito bonita? __ Continuou, lançando pelo salão iluminado e cheio, um olhar distraído, enquanto calçava as luvas à porta do vestiário. __ Se engordar mais um pouco e crescer uns palmos, ficará bem apresentável. Apesar da expressão aborrecida de que foste causa pelo teu brusco abandono, o rosto tem um quê de amável e a boca principalmente um traço gracioso.

__ Sim? Francamente que ainda não tinha reparado, meu caro. __ Respondeu Curt, levantando os ombros. __ Lily é boazinha,

eu gosto dela, mas tem a desvantagem de contar-se entre os seres que não existem para mim.

__ Mas tu existes para ela, coração de pedra. __ Replicou Dahnow, batendo familiarmente no braço do amigo e eu creio não me enganar muito, afirmando que aquele traje de *vergiss mein nicht* é uma discreta alusão à tua desumana indiferença.

__ Qual, história! A imaginação arrasta-te, Clemente! Meteram-lhe desde criança algumas tolices na cabeça, as quais ela teve certamente o bom-senso de renunciar; depois, a renúncia seria forçada. Sabes que entro para o corpo diplomático?

__ Sim, afirmaram-mo em Bonn. Achei pouco original o capricho; diz, porém, perfeitamente com a tua pessoa. E para onde te mandam?

__ Ainda não sei ao certo; suspeito, porém, de uma nomeação junto ao Sultão. Conhecerei assim a decantada Istambul.

__ Senhoras odaliscas, preparai armas, que se aproxima D. Juan! __ Exclamou Dahnow, com uma afetação de respeito e um cumprimento perfeitamente cômicos.

Curt teve um riso alegre, o primeiro depois de quatro meses.

__ Tenho contra as odaliscas orientais como contra as primas e as vienenses, um talismã, que me preserva de toda e qualquer sedução. Olha!

Assim falando, Curt tirou do bolso interior da casaca um medalhão de ouro, sobre cuja lisa chapa oval se viam gravadas as suas iniciais.

Apertando a pequena mola do lado abriu-o e mostrou a Dahnow, o retrato em esmalte de uma formosa cabeça emoldurada nas ondas espessas de uma cabeleira de azeviche e iluminada pelo

esplendor de dois largos olhos azuis, dos mais azuis que se possa imaginar: a cabecinha imperiosa e ao mesmo tempo meiga de Nora Carsten.

__ Admirável! __ Disse Dahnow, depois de uma hesitação quase imperceptível. __ Apanharam-lhe muito bem a expressão do olhar e o delicado colorido do rosto. De maneira que... a coisa continua? __ Indagou em tom de amigável zombaria, apertando um pouco os olhos como para examinar a miniatura em todas as suas minúcias. __ O teu silêncio sobre este assunto fez-me pensar estar tudo terminado há muito tempo; Vejo que me enganei, e, como possuis esta lembrança, finalmente conseguiste teus fins... __ Continuou entregando o medalhão a Curt.

__ Conseguir completamente... não! _ Respondeu Degental com certo embaraço. __ Minha mãe impôs dois anos de espera. Separação absoluta, nada de correspondência e segredo perante Sociedade. Mas o que são dois anos para um afeto como o nosso? ... Se não te escrevi tudo isto há mais tempo, é porque te esperava a cada instante e estas coisas contam-se muito melhor a viva voz! Mas... não suspeitaram nada lá pelo Reno?

__ Oh! meu caro, bem sabes em que leviana conta é levado o amor entre estudantes? Ninguém tomou a sério o teu romance. Partiste... supuseram ter tua mãe reclamado a tua presença, e como os Carsten partiram também pouco tempo depois, esqueceram-te... imaginando que tu tivesses esquecido igualmente aquele idílio de primavera.

__ Veremos! __ Tornou Curt, involuntariamente agressivo, fitando no medalhão um demorado e saudoso olhar.

Dahnow fixou um instante o amigo, abriu a boca como para uma réplica mais viva, mas tornou a fechá-la e, designando com os olhos o medalhão que Degenthal continuava a contemplar amorosamente, perguntou com indiferença:

__ E por onde anda ela agora?

__ Creio que pelos arredores de Dresden, onde Carsten me disse que tencionava comprar uma quinta! __ Respondeu Curt num suspiro, fechando o medalhão e guardando-o cuidadosamente no bolso do colete. __ Aí passará os dois anos de espera, pois deves supor que eu não consentiria jamais que ela seguisse de perto a vida equívoca da Companhia.

Dahnow não respondeu; abotoava com extrema afetação de cuidado uma das luvas, mas uma espécie de sorriso, em que havia uma dose suficiente de ironia, crispava-lhe indiscretamente os cantos da boca.

__ Creio que te reclamam! __ Disse afinal, sem olhar o amigo, recuando um pouco para dar passagem a um lacaio de libré. __ Estou aqui a roubar-te a teus convidados.

__ São os preparos do cotilhão, que exigem a minha presença! __ Explicou Curt, recebendo das mãos do criado o bilhete no qual a condessa o chamava. __ Preciso também dar providências acerca da ceia. Ah! Clemente __ Continuou, despedindo com um gesto o criado atento. __ Tu não sabes a que suplícios está condenado um pobre dono de casa! Foi uma ideia dessa estouvada Mitzy, a ceia dois a dois, em pequenas mesas; uma ideia muito parisiense, mas que me tem valido um sem número de reclamações. Todos exigem pares bonitos. E o cotilhão, meu velho! Queriam por força que eu o marcasse com a bela Concetta Scaldini, a filha do embaixador

italiano, aquela lânguida morena penteada a oriental, que ali vai; olha... Declinei a honra, conservando-me livre até à última hora. Meu primo Triel representará com vantagem esse papel em evidência. Se tiveres alguma preferência __ Acrescentou com uma reminiscência de sua alegre malícia de Bonn, designando o salão cintilante, onde os pares giravam nos volteios de uma valsa de Strauss. __ É só mostrar a beldade em questão e terás, além de uma apresentação em regra, permissão de servir-lhe de *chevalier servant* até ao fim da noite. Como, porém, não conheces muita gente, creio que farias bem dedicando-te à... minha prima! Não terei ciúmes! __ Concluiu rindo. __ E irei ter contigo, apenas mo permitam os meus deveres de anfitrião.

__ Não te incomodes, rapaz. __ Replicou Dahnow, entrando no salão, enquanto Curt desaparecia no meio da multidão em movimento. __ Eu saberei sempre arranjar-me!

E, com efeito, Dahnow arranjou-se do melhor dos modos, pois meia hora mais tarde Degenthal foi encontrá-lo a beira da mais afamada beleza do tempo, Edwiges Starkoft, a mais romanesca das princesas russas e a menos triste das viúvas da época, possuidora dos mais atrevidos olhos negros que jamais hajam brilhado sob o ouro de uma cabeleira de ondina ou de walkyria.

__ Ah! Conde __ Exclamou a bela estrangeira, voltando para Curt a bela cabeça flava, a que a mantilha espanhola dava nessa noite uma graça picante de andalusa, e lançando-lhe um olhar assassino, que o abanar mais brusco do leque apenas disfarçou. __ Chega a tempo para explicar-nos o motivo pelo qual seu amigo o barão só veio a Viena quando era forçoso dizer-se adeus às folias do carnaval e cobrir de cinzas penitentes as cabeças pecadoras.

__ Capricho de filósofo! __ Respondeu Degenthal, correspondendo com um reservado sorriso à carícia imperiosa dessas pupilas de veludo escuro, que durante todo o inverno o haviam debalde fitado assim ardentemente, na esperança sempre renovada de o cativarem afinal.

A princesa Edwiges teve um imperceptível assomo de amuo diante dessa indiferença persistente e ergueu lentamente a mão constelada de anéis, ajeitando com uma graça provocante a grande rosa escarlate que lhe prendia do lado direito as dobras fofas da mantilha preta.

Seu colo nu, que o vestido escuro emoldurava, por um requinte de faceirice, arfou de impaciência; voltou-se para Dahnow, deixando cair sobre o barão desprevenido o lânguido clarão de seus largos olhos de treva.

Este, que não estava armado como Curt contra ataques tais, sentiu-se imediatamente emocionado.

__ Alteza! __ Replicou, envolvendo num olhar de admiração a sua bela interlocutora. __ Até certo ponto tem razão o nosso amigo Curt. Foi por um capricho e foi também porque ignorava o que ia perder. __ Acrescentou com uma galanteria, que fez entreabrir num sorriso desvanecido os lábios de coral de Edwiges Starkoff. __ A não ser que, desejando diminuir o meu pesar, vossa alteza me conceda a graça de dançar o cotilhão comigo.

__ Conceda-lhe essa graça, alteza! __ Interrompeu Degenthal, sorrindo. __ É o melhor meio de castigar este preguiçoso, para quem todo exercício é um sacrifício. Dahnow é da opinião dos turcos, que preferem mil vezes ver dançar a sujeitarem os pés a este divertimento movimentado demais.

__ Realmente o barão é dessa opinião? __ Acudiu Fernando de Lineuil, adido militar da legação de França e um dos mais fervorosos admiradores da bela russa. __ Já não me admira vê-lo agora em Viena. Se gosta tanto de ver dançar, é provável que ver saltar também não lhe desagrade, e como teremos brevemente a abertura do Carsten-Circo, poderá entregar-se à vontade a este passatempo, tão inofensivo quanto turco, segundo o nosso Conde.

__ O Carsten-Circo em Viena?! __ Exclamou Mitzy Holbein, intrometendo-se como um pé de vento no grupo e na conversação. __ Vou tomar lições de equitação! Há de servir-me de estribeiro, Dick! __ Acrescentou, voltando-se prontamente para o seu par, secretário Rowley, um pobre diabo de americano, que levara todo o inverno a atormentar, e que justamente por isso tinha por ela a mais fanática admiração. __ Exijo que monte o mais fogoso dos cavalos e havemos de apostar corridas, em que me fará o favor de se deixar sempre vencer... Não posso admitir que a nova América triunfe no quer que seja da velha Europa! Não o convido, barão... __ prosseguiu muito alto, dirigindo a Dahnow o mais malicioso dos seus sorrisos e atraindo destarte a atenção sobre ele. __ pois, segundo informações de seus amigos, o senhor prestaria certamente mais atenção aos animais do que às amazonas, tão apaixonado é por equitação.

__ Bravo, barão! __ Disse a bela Edwiges, mostrando num riso trinado os seus dentes de pérolas. __ estamos pouco a pouco descobrindo os segredos da sua chegada tardia! Então, foram os cavalos da Companhia Carsten que o atraíram a Viena? Põe-se corado? Que vergonha! Nunca o supus tão *sportman*... conceder-

lhe-ei, no entanto, o cotilhão pedido, se confessar aqui, diante de todos, sem acanhamento e sem subterfúgios, que não
foram os cavalos, mas sim as artistas do Carsten-Circo que o trouxeram à capital.

__ Vamos, barão, escuse-se! __ Insistiu Lineuil, no intuito perverso de atrapalhar um pouco mais esse intruso, que parecia ter obtido nessa noite a predileção da princesa Starkoff, e que ele já se sentia levado a odiar cordialmente.

Dahnow, porém, sempre tão pronto a replicar e tão difícil de atrapalhar, aparentava um singular e inexplicável acanhamento. Baixou os olhos para as luvas, que desconcertadamente descalçava; um sorriso forçado lhe crispava os lábios, e Curt, que momentos antes abençoara do fundo da alma a desenvoltura de Mitzy, atraindo para Dahnow a atenção geral e permitindo-lhe assim disfarçar a emoção que o inopinado conhecimento da chegada de Carsten provocara nele, não pôde deixar de notar a singularidade da atitude do amigo.

__ Então, Clemente! __ Disse com impaciência, fixando nele um olhar frio e triste. __ Então não respondes? ...Sabias realmente da chegada de Carsten?

__ Meu caro Curt! __ Respondeu o barão, cujo sorriso se fazia cada vez mais forçado, elucidando por uma evasiva a oculta exprobração da pergunta não podia deixar de sabê-lo, viemos no mesmo comboio. Este encontro, porém, foi todo casual, e não poderia nunca um fato tão insignificante como a chegada de uma companhia de circo motivar a minha vinda. O Carsten-Circo não esteve este inverno em Berlim, mas sim no norte.

__ E por isso veio V. Excia. procurá-lo aqui! __ Atalhou na sua carregada pronúncia de ultramarino o sincero enamorado de Mitzy Holbein.

Uma gargalhada geral acolheu a maliciosa observação do americano.

__ Muito bem, Mr. Rowley! __ Aplaudiu, rindo também, a bela caçoadora. __ Está sendo muito espirituoso! Em paga deste sucesso pode beijar-me a mão! __ Acrescentou, estendendo a Dick corado a mãozinha enluvada.

O americano não se fez de rogado e, roçando os lábios na cútis perfumada, lançou um olhar de reconhecida adoração à sua terrível, mas sempre admirada tirana.

__ Não sou da opinião de Lineuil! __ Continuou, depois desta agradável interrupção afirmando que o barão veio a Viena somente para admirar os cavalos do Carsten-Circo. __ Não levo a este excesso o amor pela equitação! Creio antes que o tenha fascinado a beleza da filha do diretor. Quando, em maio, estive em Bonn, só se falava na rara formosura dessa minha patrícia, que, segundo me informaram ontem, deve estrear-se aqui em breve. Teremos assim ocasião de admirá-la.

__ Nora Carsten nunca se apresentou no circo! __ Disse de chofre uma voz tranquila; e Lily, que se aproximara silenciosamente do grupo, levantava para Rowley o seu rostinho franzino, ruborizado agora pelo esforço de dominar a natural timidez. __ Posso mesmo afirmar que nunca se apresentará! __ Concluiu, lançando em torno um olhar de assustado desafio.

Todos os olhos se voltaram curiosamente para ela, numa surpresa interrogativa.

__ Como sabes isso, Lily? __ Perguntou a bela Edwiges, encarando impertinentemente através do *lorgnon* essa menina insignificante, em quem, no entanto, pressentia uma rival. __ Conhecê-la-á, acaso?

__ Conheço-a e quero-lhe muito! __ Respondeu sossegadamente a menina, desdobrando o leque, sobre a tela azulada, no qual se desenhava delicadamente uma pintura de Watteau.__ Fomos educadas no mesmo colégio, e companheiras inseparáveis durante perto de um ano. Era muito mais adiantada do que eu e a mais inteligente aluna do meu tempo. Nunca me esquecerei de como protegia as novatas.

__ Mas que raro e interessante contraste, princesa! __ Exclamou, com a sua atrevida ironia de francês, Fernando de Lineuil. __ Uma bela artista de circo educada num convento.

__ Nora Carsten nunca foi artista de circo! __ Replicou Lily, franzindo impacientemente as louras sobrancelhas. __ A mãe, antes de morrer, exigiu que ela não o fosse, e o pai, que é muito rico, fê-la por isso educar no colégio onde estive. Enquanto lá estive, nós não sabíamos que era filha de um diretor de circo; eu mesma só o soube aqui pelo nosso preceptor, que conheceu os Carsten em Genebra.

__ E como é essa americana? __ Indagou a russa, com uma afetação de impertinência em que se percebia a irritação de uma verdadeira curiosidade. __ Mora aqui?

__ É a mais bonita e encantadora criatura que jamais tenho conhecido! __ Retorquiu Lily com intenção, encarando deliberadamente a princesa, como para lhe retribuir as impertinências. __ E muitas das mais afamadas belezas de Viena

desapareceriam, se Nora se apresentasse na sociedade. Não sei onde mora agora; o que posso, entretanto, afirmar é que nunca fará o quer que seja que não façamos ou não sejamos capazes de fazer; é demasiado educada, piedosa e boa para isto. Mas... creio que estou prendendo a atenção de todos! __ Tornou com simplicidade e fazendo-se vermelha como uma cereja. __ O cotilhão vai começar. O tenente Triel e Concetta Scaldini já se levantaram; creio que é tempo de irmos para o salão. Senhor Lineuil __ Acrescentou, dirigindo-se ao francês, que os primeiros compassos da orquestra haviam feito erguer-se. __ Se não tem dificuldade alguma, pode dar-me o braço para atravessar o salão? Preciso dizer uma palavrinha a minha tia.

Lineuil inclinou-se, escondendo no sorriso de encomenda o desagrado que lhe causava este pedido.

Ainda conservava esperanças de dançar o cotilhão com a princesa, esta, porém, estava decididamente em vias de o enciumar, pois tomara o braço de Dahnow, favorito afortunado desta noite, e nem sequer parecia perceber os olhares de súplica que lhe lançava o desdenhado francês.

Mitzy Holbein apressou-se, levando após si o feliz prisioneiro que era Rowley, enquanto a música principiava languidamente o cotilhão. Lily refugiou-se num canto da sala, não muito longe da tia, permitindo assim a Lineuil ir procurar um par com que lhe fosse possível dançar à vista de Edwiges Starkoff.

Corada ainda do esforço que fizera para defender assim em público a amiga de infância e suportar sem desfalecer de vergonha, o peso de todos aqueles olhares hostis ou curiosos, Lily abanava distraidamente o leque.

Não prometera a ninguém o cotilhão, na esperança quase indeterminada de que o primo talvez lho viesse pedir; mas Curt nem sequer se dignara olhá-la nessa noite; estava sempre tão distraído! Um suspirozinho escapou-se-lhe, reprimindo-o logo, e tentou distrair-se, olhando os pares que se cruzavam numa azáfama alegre.

__ Não tens ainda par, Lily? __ Indagou perto dela uma voz que a fez estremecer dos pés à cabeça. __ Era Curt. Pela primeira vez na sua vida, conseguira a menina chamar-lhe a atenção; enquanto falava de Nora, não percebeu a menina o interesse com que a haviam fitado os dois olhos negros, que pareciam querer beber-lhe as palavras, e agora que o via inclinar-se para ela com esta afetuosa intimidade, a surpresa tolheu-lhe a palavra.

__ Então, não respondes, priminha? __ Insistiu carinhosamente o rapaz. __ Não quererás acaso dançar o cotilhão comigo?

Lily pôs-se vermelha.

__ Havia-o reservado em tua intenção, Curt... __ Disse com voz entrecortada de emoção, erguendo para ele os olhos que a surpresa e a alegria faziam brilhantes. __ Não supunha, porém, que me quisesses para par.

__ Por que não? __ Respondeu Degenthal com um sorriso, que se refletiu como por magia nos lábios da prima, e, passando-lhe familiarmente o braço, sumiu-se com ela no vaivém movimentado da sala.

Algum tempo depois, procurando a condessa ver com quem dançava a sobrinha, seus olhos duvidaram um instante do que avistaram.

Era Curt! ... E um Curt amável, sorridente, interessado, parecendo todo absorto na conversação; um Curt galanteador, afinal! Julgou sonhar, teve o gesto maquinal de esfregar as pálpebras como para acordar e, no alvoroço de ver enfim publicamente enlaçado esse par, que tanta e tanta vez desejava definitivamente unir, nem mais um segundo desviou dele a atenção e os olhos.

Seria mesmo possível?! É preciso convir que Lily estava muito favorecida no azul daquele vestido de crepe da China.

Escolhera para a cabeça uma delicada coroa de miosótis, que fazia sobressair o brilho louro e sedutor dos cabelos, e realmente assim, como aquele sorriso radiante e o clarão de íntima felicidade, que lhe iluminava como aurora os olhos pálidos, estava transformada, quase bonita, como que aureolada de uma graça nova e tímida, que a condessa jubilosamente observava.

Pobre Lily! Mal sabia que se seu primo se inclinava com tanto interesse para ela não era pelo efeito de sua graciosa *toilette* e ainda menos pela sua pequena pessoa, maravilhada pela novidade inesperada desse interesse.

Há momentos em que os olhos mais inexpressivos podem brilhar como luzeiro e o rosto mais insignificante adquirir uma beleza especial e peregrina, feita de expressão por assim dizer, a beleza do sentimento, que lhe apaga as imperfeições e lhe empresta por instantes o brilho e a sedução de uma formosura real.

Lily estava num desses momentos felizes e a condessa não podia saber nem de longe que era com histórias do colégio que assim prendia seu filho, histórias em que voltava sempre como

numa ladainha elogiosa o nome breve e sonoro daquela que secretamente odiava.

Julgava pelo que via, e uma satisfação orgulhosa ia pouco a pouco sucedendo à surpresa primeira.

Seria possível que se realizassem afinal os seus planos?

Estivera ela cega até então, a ponto de não perceber o que silenciosamente se preparava na intimidade?

Curt e Lily pareciam tão de acordo! E agora, que iam mandar o filho para Constantinopla, agora, que se esboçava esse romance há tanto tempo desejado, não consentiria em tal.

Fora muito precipitada em querer afastar a Curt: era preciso obstar quanto antes esta partida e impedir esta separação.

Seria loucura agir de outro modo. Com a sua habitual rapidez de execução, a condessa procurou o velho diplomata, e foi-lhe fácil encontrá-lo sentado no meio das senhoras, pontificado como sempre.

Por uma série de pequenas manobras hábeis conseguiu afastá-lo do grupo a conversar e, dirigindo-lhe o mais amável dos seus sorrisos, perguntou-lhe num tom de gracejo, que mal disfarçava a preocupação que a dominava:

__ Posso eu valer-me do direito que têm todas as mulheres de ser volúveis, excelência?

__ Um pouco de inconstância só contribuirá para aproximá-la das outras mortais, condessa! __ Replicou o velho com uma cortesia de antigo galanteador. Clotilde Degenthal sorriu ainda mais amavelmente.

__ A capital da Turquia parece-me um pouco longe... __ Disse, depois de ligeira hesitação. __ Pensei, e conversando com o sr.

Lineuil, que lá esteve como adido, ele deu-me informações sobre o clima, que não deixaram de me preocupar. Curt é tão delicado de saúde! Não poderia pôr a sua grande influência em jogo no intuito de demorarem o mais possível a nomeação de meu filho, excelência?

__ *Toujours au service des dames!* __ Replicou o velho diplomata, inclinando-se, não sem uma suspeita de ironia na voz. __ Farei o possível e mesmo o impossível para agradar-lhe, condessa, e talvez o ministro desta vez se queira contentar com outro qualquer dos nossos jovens pretendentes.

A Condessa mal teve tempo de agradecer; terminava nesse momento o cotilhão.

Vários convidados se retiravam, e, na confusão barulhenta e um tanto melancólica deste final de festa, Lily, com a cabecinha constelada de estrelas de papel dourado, prendas de cotilhão, que o próprio Curt dispusera assim a esmo, sentiu palpitar no coração uma alegria transbordante ao lembrar que nem Concetta, nem Mitzy, nem Edith von Triel, nem mesmo a bela das belas, Edwiges Starkoff, haviam conseguido nesta noite merecer como ela a atenção desse distraído que, num momento de distração talvez, lhe havia dito que ela estava bonita com aquele vestido azul.

Curt retirou-se para os seus aposentos, muito preocupado com a ideia da chegada de Carsten a Viena.

Estava absolutamente convencido de que Nora não seguia a Companhia, mas a conversação de Lily, versando somente sobre Nora no colégio, havia reavivado nele mais imperiosamente do que nunca, a imagem e a recordação da noiva distante.

Um desejo ardente de saber notícias dela o invadiu; lembrava-se, porém, do que prometera e a certeza de que ela não estava em companhia do pai arrefecia-lhe este desejo, transformando-o quase num esquisito sentimento de contrariedade,

A ideia de encontrar Carsten nas ruas de Viena, de ouvir falar muito nele ou no Circo, desagradava-lhe indizivelmente.

Pela primeira vez aprovou a resolução da mãe de o fazer entrar no corpo diplomático e teve a ideia de ir pedir a intervenção do velho diplomata, com o fim de apressar a sua partida para o estrangeiro.

Fala-se tanto e de tudo em Viena... Achou, porém, melhor ir primeiro à casa de Carsten, informar-se do paradeiro de Nora e saber por ele quanto tempo a Companhia se demoraria na capital.

O sono dificilmente conciliado foi curto e agitado; no dia seguinte estava cedo na rua e, depois de informar-se num jornal do lugar onde estavam construindo a grande barraca em que, segundo a moda americana, se deveriam efetuar as representações, para lá se dirigiu, na certeza de encontrar a Alfredo Carsten.

As obras já iam adiantadas. Curt entrou no recinto um pouco vexado de se ver alvo da curiosidade geral; sua contrariedade, porém, aumentou quando, em vez do diretor, foi recebido pelo desconhecido de longa cabeleira e olhar sombrio que havia encontrado em Bruxelas, no gabinete de Carsten.

A cabeleira era mais longa do que nunca; O traje, porém, estava mais cuidado e um ar de suficiente satisfação substituía agora o antigo aspecto boêmio.

Reconheceu imediatamente a Degenthal e, com excesso de afabilidade, que teve o dom de irritar os nervos do jovem titular,

informou-o da súbita doença do diretor, doença que o retinha no hotel, tocando a ele - intendente da Companhia! - todo o trabalho dessas primeiras e atribuladas instalações.

Terminou oferecendo-se para acompanhar Curt ao hotel, onde se achava Carsten.

Com uma frieza, que lhe valeu do pernóstico intendente um desconfiado olhar perscrutador, Curt recusou e, tomando o endereço de Carsten, dirigiu-se para o hotel designado.

Sem que o pudesse explicar, o encontro com esse homem que, à primeira vista, lhe inspirara uma antipatia tão viva, impressionou-o desagradavelmente; parecia-lhe ver nisso um mau agouro.

Para dissipar essa impressão e como era demasiado cedo para visitar um doente, deu algumas voltas a pé pela cidade; a verdade é que um combate se travou nele.

Uma singular indecisão o invadiu ao saber da súbita doença do diretor, achava que era do seu dever ir procurá-lo, mas receava ao mesmo tempo desagradar à mãe.

Por outro lado, a conversa de Lily na véspera tinha-lhe de tal forma avivado o desejo de saber notícias de Nora e exacerbara-lhe tanto a saudade, que, desaparecendo em breve a indecisão, dirigiu-se resolutamente para o hotel.

__ Visto que ela não está cá, o que faço não é procurar vê-la. __ Pensava um pouco sofisticamente. __ Não falto por conseguinte ao compromisso. E seria imperdoável, de minha parte, não ir visitar um homem que está destinado a ser o meu sogro, desde que sei que se encontra doente.

Absorto nestas e outras reflexões, não pôde Curt reparar num sujeito, que o seguia sorrateiramente até ao hotel e esperou que ali entrasse para entrar também após ele.

Uma primeira surpresa acolheu Degenthal ao bater à porta do salão de recepção, que lhe haviam indicado como sendo de Carsten; foi a de ser recebido por Ketty, a criada de quarto de Nora, uma americanazinha ruiva e esperta, que, reconhecendo nele o frequentador diário da vila de Bonn, fê-lo entrar sem cerimônia no salão, indo, sem prevenir ninguém, entregar a Carsten o cartão do visitante matutino.

__ A diretora com certeza também veio! __ Deduziu Degenthal ao ver a camareira e, entrando no salão, pensou ter a confirmação viva desta sua suspeita, avistando um vulto de mulher num dos ângulos um pouco obscuros do aposento. Com a bulha que fez ao entrar, esse vulto voltou-se bruscamente; um grito de júbilo intenso ressoou:

__ Curt! Você por aqui?

__ Nora! Você por aqui? __ Repetiu como um eco e, antes que pudesse voltar a si da surpresa que lhe causava esta inopinada aparição, dois braços sôfregos suspenderam-se-lhe do pescoço e sentiu sob o lábio a maciez de uma cabeleira perfumada.

__ Nora! __ Murmurou, apertando-a com força de encontro ao peito. __ Não contava de todo encontrá-la aqui. Como veio? Por que veio? Com quem veio? __ Continuou, afastando-a um pouco de si e encarando-a de frente, como para penetrar-lhe mais intimamente o sentido da resposta.

__ Oh! Curt, que expressão tão severa! __ Respondeu a donzela, levantando para ele o rosto corado de emoção e alegria. __

Não está contente de encontrar-me? E eu que me deixei cair tão estouvadamente nos seus braços... Vai fazer arrepender-me deste movimento, que foi impossível reprimir. Tive tanta satisfação e tanta surpresa ao vê-lo diante de mim, sem combinação prévia, por mero acaso! Como é bom o acaso! __ Acrescentou com fervor, envolvendo o amigo na carícia de seu olhar luminoso.

__ Sim, é bom o acaso... __ Concordou Curt, fascinado já pela meiguice dessa voz e desses olhos risonhos, e, pousando as duas mãos sobre os ombros da menina, esteve um instante a contemplá-la em silêncio. __ Nora! __ disse afinal com uma gravidade que, mau grado seu, lhe franziu a testa numa ruga de contrariedade. __ Por que está aqui? Não sabe quanto me é penoso vê-la seguir de perto a Companhia? Por que não ficou em Dresden?

Ao ouvir estas palavras, em que sentia o azedume de uma repreensão, o semblante iluminado de Nora anuviou-se; baixou os olhos como para velar a repentina tristeza, que lhe toldara a limpidez azul, e, desviando a cabeça, explicou desanimadamente:

__ Meu pai adoeceu; fomos chamadas por telegrama.

__ E era assim tão grave a doença que d. Emília não pudesse vir só? __ Tornou Degenthal, irritado sem saber bem por quê.

__ Ah! Curt! __ Exprobrou Nora, desvencilhando-se-lhe sentidamente das mãos. __ Você não pensa o que diz! E ao vê-lo assim quase zangado, com esses modos autoritários e esses olhos severos, chego verdadeiramente a pensar que lhe desagradou encontrar-me!

__ Eu não disse tal! __ Atalhou Curt com vivacidade, tomando-lhe a mãozinha que fugia, já receoso de a ter ofendido. __ Mas não posso deixar de ver nisto uma imprudência indesculpável. Nora,

você compreende quanto me é doloroso sabê-la misturada mesmo de longe com essa gente equívoca do circo! E justamente aqui, na minha terra, nesta Viena bisbilhoteira, onde tudo se comenta e se critica... E depois, minha querida, como quer você que cumpra à risca as condições de minha mãe, se a souber aqui tão perto de mim? Tentadoramente tão perto? __ acrescentou, abraçando-a e chegando-a amorosamente para si.

O tom queixoso do final da frase e a carícia do abraço fizeram instantaneamente esquecer a Nora a repreensão do princípio, e ela, apoiando a cabeça no ombro do amigo, volveu-lhe seus olhos já submissos.

__ Partirei logo que puder! __ disse docemente.

Curt beijou-lhe os cabelos.

__ Eu também vou partir, Norinha! __ prosseguiu com ternura. __ Entro para o corpo diplomático e bendigo a Providência, que me proporcionou o ensejo de lho comunicar.

__ Vai partir?! __ exclamou a menina, desprendendo-se-lhe vivamente dos braços. __ Curt, para que tanta prudência?!

__ Não é prudência, é juízo! __ Replicou Degenthal, de novo irritado inexplicavelmente pela repreensão angustiosa da fisionomia de Nora, e, arrastado pelo desejo que leva instintivamente todo homem, que se sente amado, a abusar dessa afeição para fazer sofrer o ente que o ama, acrescentou com uma negligência intencional: __ Serei provavelmente nomeado para Constantinopla; disse-me o secretário francês que a estada lá é das mais agradáveis. Creio ter sido realmente uma boa ideia abraçar esta carreira, que, tanto no presente como para o futuro, apresenta inúmeras vantagens.

Nora ficou um instante silenciosa, como a meditar as palavras do noivo.

__ Curt! __ Disse, afinal, com gravidade, levantando para ele os olhos, quase escuros agora sob a ação da surpresa dolorosa que a dominava. __ Não percebe que é um plano de sua mãe para mais seguramente nos afastar um do outro?

__ Não vejo plano algum neste projeto, que adotei por minha livre e espontânea vontade. __ Replicou rispidamente Degenthal, bastante ofendido de que assim duvidassem de sua independência. __ Muito me admira, Nora, vê-la acolher desta maneira uma deliberação que tão grande influência terá sobre o meu futuro. Desde que não posso estar a seu lado, que lhe importa que me ache aqui ou além? Não terá por acaso confiança bastante na firmeza de seu afeto?

__ Oh! Não é de mim que se trata! __ Exclamou a menina com veemência, torcendo nervosamente uma das pontas rendadas do avental que dava a seu traje caseiro uma nota de tão graciosa faceirice. __ Para nós, mulheres, o amor é a questão máxima, resume toda a nossa existência , na de vocês, homens, não passa de um episódio... E eu não quero ser apenas um episódio na sua vida, Curt. Enquanto respiramos o mesmo ar, vivemos no mesmo ambiente, passamos pela mesma gente, parece-me que algo de mais íntimo nos une, como um laço invisível e protetor, mau grado a separação. Mas no estrangeiro! Curt, meu amigo, não vá para a Turquia! Muda-se tanto neste mundo, até as plantas, transportadas para outro clima, perdem as folhas; é provavelmente sobre isto que contam! Já não lhes basta que não nos possamos ver, querem pôr entre nós uma distância cada vez maior! Curt! __ Acrescentou,

travando-lhe arrebatadamente das mãos com a espontaneidade impetuosa que herdara do pai. __ Diga a sua mãe que cumpriremos à risca as condições impostas; não nos veremos mais, não nos escreveremos nunca, mas não vá para o estrangeiro! Curt, eu tenho tanto medo da distância! __ Concluiu num suspiro que era quase um soluço.

E, diante da angústia desses olhos suplicantes, diante da aflição fremente desse branco semblante, tão ardentemente voltado para ele, uma grande emoção invadiu a Curt. Estendeu-lhe os braços e, inclinando-se para ela, secou devotadamente com um beijo esses lindos olhos, que por causa dele se haviam marejado das lágrimas amargas do ciúme e da saudade.

__ Como é criança a minha Nora! __ Segredou-lhe cariciosamente. __ Um par de léguas a mais, um par de léguas a menos não importa? O coração não conhece distâncias...

Nora ia responder, mas o ruído súbito de uma tosse propositada fê-la desprender-se violentamente dos braços que a retinham.

Um rubor subiu-lhe às faces ao deparar-se-lhe em pé ante a porta entreaberta a figura atenta do intendente.

Curt voltou-se irritadamente para o desconhecido.

__ O diretor manda chamar a miss Nora! __ Disse este com arrogância, fixando a Curt com a mais sarcástica das expressões.

__ Pode retirar-se, que eu já vou! __ Respondeu precipitadamente a donzela, para evitar qualquer violência da parte de Curt.

O intendente inclinou-se, sorrindo sempre, e retirou-se. Degenthal mordia os lábios, branco de cólera.

__ Quem é este sujeito? __ Perguntou irritadamente. __ Nunca vi uma expressão mais insolente e um olhar mais atrevido. Antipatizo com ele, desde que o encontrei em Bruxelas; tem um ar de espião e de tratante. Eis uma das pessoas que eu não queria a seu lado, Nora.

__ É Landolfo, o intendente de meu pai. __ Explicou Nora, com uma espécie de constrangimento e uma singular expressão de desprezo. __ Meu pai aprecia-lhe muito as aptidões para os negócios, a energia e a inteligência. Bem sabe que não podemos ser muito exigentes na escolha do pessoal para a Companhia.

__ Não "podemos!?" __ Repetiu colericamente Curt. __ Diga pelo menos "não podem!" Nada me irrita e me desgosta mais do que vê-la tratar em pé de igualdade esta gente que, afinal de contas, não pode ser mais equívoca do que é.

__ Oh! Curt, não sei o que tem hoje. Toma tudo à má parte. Antes de me pedir em casamento, já sabia de quem era filha. __ Acrescentou, com uma dignidade triste que desconcertou por completo o jovem conde.

__ Quer ver meu pai? __ Tornou ela, sem dar desta vez um passo para se aproximar dele e erguendo, como para um desafio, a cabecinha altiva. __ Tem estado muito mal, mas desde ontem começou a melhorar; espero em Deus que estas melhoras se acentuem.

__ É preferível não o incomodar agora. Voltarei outro dia. __ Retorquiu Curt com uma secura que não pôde absolutamente disfarçar. __ Ser-me-ia verdadeiramente intolerável tornar a ver o tal personagem insuportável. Você explique-lhe a casualidade do nosso encontro, e far-lhe-á em meu nome uma pequena visita.

Então, Nora... __ Prosseguiu com queixume, vendo que a donzela se dispunha a deixá-lo. __ Não se despede de mim?

E, passando-lhe um braço pela cintura, uniu-a ao peito, na intenção evidente de beijá-la; Nora, porém, esquivou a carícia por um ligeiro e altivo movimento, permitindo-lhe apenas roçar os lábios na ponta rosada dos dedos.

E, fazendo-lhe de longe uma leve mesura de cabeça, desapareceu no aposento vizinho. Curt retirou-se aborrecido e melancólico.

Contrariava-o sobremaneira a certeza de ter sido surpreendido por um terceiro e contrariava-o ainda mais a despedida fria que tivera com a noiva.

Ia, pois, descontente consigo mesmo, descontente com Nora, descontente com as circunstâncias.

O receio de a haver ofendido atormentava-o mais do que tudo; este receio se transformaria provavelmente em remorso, se pudesse ver as lágrimas que haviam jorrado dos olhos de Nora, apenas ele deixara o salão.

Mas as paredes separavam-nos e Curt ia tão absorto nos seus pensamentos, que nem sequer soube reparar na maldosa expressão de dois olhos negros, que zombeteiramente o seguiam, enquanto descia a escada.

__ Quem é este pelintra? __ Indagou Landolfo a Ketty, que voltava, tendo ainda na mão o cartão de Degenthal.

__ Pelintra?! __ Indagou a criadinha, levantando ameaçadoramente para ele o narizinho arrebitado. __ Dobre a língua, meu caro! Este é o *flirt* predileto de miss Nora, e eu não

admito que se lhe falte ao respeito. Olhe, aí tem o cartão; quando fui entregar já miss Nora estava no salão.

__ Ah, ah! __ Disse com ironia o intendente, lendo o nome e o título. __ Não se pode dizer que a sua miss não escolha em boa roda o seus namorados. Compreendo agora por que é tão orgulhosa para os pobres diabos que porventura lhe queiram fazer corte. Visa um conde, pudera! E um conde empreendedor, afirmo-lho eu, miss Ketty; surpreendi-os numa intimidade!

__ Ah! que tem isso, se são noivos? E o conde é tão belo rapaz, que eu compreendo perfeitamente a miss Nora! __ Acrescentou com sentimento a ruiva camareira. __ A mãe dele é que não está muito de acordo, segundo pude perceber.

__ Ah! A mamã não está muito de acordo! __ Repetiu mentalmente Landolfo, virando e revirando nas mãos o cartãozinho aristocrático, onde se lia o nome e o endereço, enquanto Ketty, que o tinir imperioso da campainha reclamara, esgueirava-se à pressa pelo corredor. __ Eis o que me permitirá servir-lhes um pratinho de preparação minha! __ Rematou com um sorriso mau, metendo no bolso o cartão de Curt Degenthal.

No dia seguinte, pela manhã, entre as cartas da sua numerosa correspondência, a condessa recebeu um bilhete anônimo, escrito em papel finíssimo com letra elegante, mas evidentemente disfarçada:

Alguém que muito se interessa pela sua família, julga dever preveni-la do encontro havido ontem pela manhã no Grande Hotel entre o conde Degenthal e miss Nora Carsten. Se quiser evitar o desfecho fatal para um

homem dos princípios e do cavalheirismo do conde, trate de por termo, o quanto antes, a essa comédia de amor, com a qual pretendem mais seguramente enredar seu filho.

Um amigo que não teve outro meio de servi-la.

A condessa, ao receber esta carta, sentiu uma furiosa indignação, além de uma surpresa indizível. O golpe não poderia ter sido mais certeiro, nem mais perverso.

Então, toda aquela docilidade dos últimos tempos, aquela satisfação em abraçar a carreira diplomática, aquela amabilidade com Lily não haviam sido mais que um fingimento, uma comédia para atirar-lhe areia nos olhos e mais seguramente prosseguir nesse indecoroso namoro?

Daquela gente não se poderia esperar outra coisa; mas de Curt, de seu Curt, que sempre conhecera tão nobre e tão altivo... Que decepção, meu Deus, que decepção!

E que raiva também! Os sentimentos de lealdade da condessa revoltaram-se contra esta perfídia inqualificável, e no calor da revolta, que lhe fazia tremer as mãos e embranquecer os lábios, a energia acordou-lhe mais viva e altiva do que nunca. Agora, que sabia quem era e do que era capaz aquela gente, é que se tornava urgente agir e arrancar o filho aos perigos daquela indigna intriga matrimonial, custasse o que custasse!

A condessa refletiu um instante; só havia um meio: usar de franqueza com o velho diplomata. Em poucos instantes escreveu ela uma carta concisa, urgente e lisonjeira, e que em termos velados,

mas suficientemente transparentes, lhe expunha o caso, a iminência do perigo, rogando-lhe por último que empregasse toda a influência no intuito de afastar Curt da capital o mais depressa possível. Cada instante que passava era um precioso tempo perdido.

Uma hora mais tarde, recebia o velho diplomata esta missiva que era uma verdadeira obra-prima de astúcia e diplomacia feminina.

__ Francamente, a condessa, embora lhe tenha eu reconhecido o direito de ser volúvel, parece-me que anda fazendo demasiados progressos nesta virtude. __ Murmurou o esperto ancião, tomando delicadamente com os dedos uma pitada de rapé. __ Bem o suspeitava eu; era de um romance de amor que se tratava... Quem o suporia ante a indiferença e a correção daquele rapaz? As águas tranquilas são sempre as mais profundas e as que mais segredos guardam. O certo é que a mãe ponderou bem; uma mudança de ar pô-lo-á bom. Era por isso que aquela astuta condessa me afirmava não se importar com a partida do filho... É uma mulher hábil, não resta dúvida. Enfim, como me interesso por eles, vou ver se posso fazer alguma coisa.

É de crer que o velho diplomata pudesse mesmo muita coisa, pois, apesar da hora adiantada, o seu carro parou à porta do ministro e Curt, na manhã seguinte, recebeu ordem de apresentar-se no ministério, onde lhe foram entregues as credenciais, que o nomeavam secretário da legação austríaca e representante de Sua Majestade Real e Imperial junto ao trono de sua Majestade o Sultão.

Devia partir no dia seguinte, à noite, o mais tardar.

Curt, embora esperasse a nomeação, não deixou de ficar surpreendido ante a rapidez com que lhe fora concebida. Os

preparativos de viagem, as despedidas obrigatórias, e os embaraços, em que fatalmente se acha um viajante novato e apressado, impediram-no de notar, como o teria feito, se estivesse sossegado, tanto a pouca surpresa e o pouco pesar que a sua partida haviam causado à mãe, como a visível desolação da prima.

Pobre Lily! Tudo isto era para ela um enigma indecifrável, e ao ver fanar-se com a partida de Curt o seu belo sonho de criança crédula, uma tristeza imensa lhe apertava o tímido coração, que mais do que nunca se sentia órfão, por haver uma noite palpitado imprudentemente...

Foram tantos os negócios e tal a precipitação de última hora, que Curt teve que renunciar ao projeto de despedir-se de Carsten, e, ao fim desse triste dia de outono, depois dos últimos abraços familiares e das derradeiras recomendações, estava ele confortavelmente instalado no comboio de luxo, que de minuto a minuto
velozmente o separava cada vez mais de Nora.

*   *   *   *



Oh! se pelo céu suportássemos...
a metade das dores,
que por amor da mulher suportamos,
que anjos não seríamos!

HAVIA quase um mês que Curt Degenthal chegara a Constantinopla.

Absorto pela novidade do que o cercava, pelo pitoresco dos costumes e pelo imprevisto de sua nova situação de secretário de embaixada, não tivera quase tempo de pensar no que deixara em Viena, e, distraído pelos deveres da vida mundana, bastante intensa nesta época, deixava-se como embalar pela tranquilidade desta existência toda exterior e de representação, que era uma salutar compensação dos tristes dias do castelo.

A lembrança de Nora embrumara-se insensivelmente, tanto mais que esta lembrança lhe trazia sempre à memória a série desagradável de cenas e de contrariedades que direta ou indiretamente sofrera por causa dela.

A despedida mesmo não o satisfizera, apartara-se da noiva com a sensação penosa de ter sido brusco, quase grosseiro; irritava-o ao mesmo tempo a passividade da donzela no que dizia respeito a seguir de perto a vida da Companhia; um descontentamento de si e de todos o invadiu, e por estes e outros motivos, indefiníveis à

força de sutileza, fazia o possível para viver do presente, entregue todo às agradáveis impressões do momento.

Nora não estava esquecida. Oh Não! Pelo contrário! Evocava sempre a graciosa imagem, evocava-a com afeto, com saudade mesmo; fatigado, porém, de tanta luta, seu coração repousava no bem-estar daquela trégua, absolvendo-se de achar o repouso tão agradável com a ideia de estar cumprindo à risca as condições impostas.

E Curt não seria homem, e Curt não teria esses trêfegos vinte e três anos, que com tanto garbo lhe aprumavam o corpo esbelto e lhe enchiam de tanto ardor a mente imaginosa, se não concorressem para a espécie de esquecimento, em que por vezes se mergulhava, os tentadores olhos de treva que brilhavam como um misterioso esplendor de pedras preciosas sob os véus tradicionais das embuçadas filhas de Maomé.

Passou um mês; um mês passa tão célere, quando as diversões sucedem às diversões, quando é novo tudo que nos cerca e novas são as pessoas que nos rodeiam!

Mas quem poderá descrever o quanto é longo, o quanto é angustiosamente longo um mês, quando a cada instante se esperam notícias de um caro ausente, quando todo o nosso ser anela por uma carta, um bilhete, uma lembrança, uma prova de que este ausente não nos esquece ou pelo menos vai bem, está satisfeito de que vive, enfim!

Curt teve a sensação desta diferença, quando, mês e meio depois da estadia em Constantinopla, recebeu uma carta de Dahnow.

Era a primeira que o gordo barão lhe endereçava, e pelo tom incisivo da frase percebia-se a irritada disposição de espírito com que fora escrita. Depois de alguns rápidos preliminares sobre a saúde e de umas referências mais rápidas ainda sobre colegas e amigos de Bonn, dizia Clemente:

Soou a hora de juntares à lista das minhas inumeráveis qualidades mais uma, que talvez em mim não notaste até agora, mas que a tua inqualificável atitude me resolveu a mostrar. Esta qualidade, útil entre todas nos tempos atuais, é o entremetimento. Acho, meu caro amigo, e hás de perdoar-me a ousadia da opinião, que não tinhas o direito de perturbar um coração de donzela, e principalmente de exigir dessa donzela promessas e sacrifícios, quer fosse pelo gostinho perverso de a ver rendida a teus protestos de afeto, quer por uma mesquinha satisfação de vaidade juanesca. Não posso julgar das razões que te levaram a sair de Viena de fugida, como se receasses o contágio de alguma epidemia; conhecendo-te, porém, a fundo, adivinho facilmente "essas razões", de uma diplomacia tão transparente que se enxerga, sem dificuldade, através do cuidadoso dedo materno. O que julgo, porém, inqualificável e indigno de ti e do teu caráter é o teres deixado a capital sem uma palavra, sem um bilhete sequer de explicações para aquela que tinha o direito de as esperar, e mesmo de as exigir.

É quase inútil dizer-te quão profundamente magoou Nora Carsten a indiferença de teu procedimento; sabes como tem coração sensível e terno, e, no entanto, não hesitaste em permitir que fosse um estranho, em suma, o primeiro a anunciar-lhe a tua chegada com saúde a essa Istambul, onde andas, provavelmente, à cata de aventuras à Loti. Não comuniquei à tua

prometida esta literária hipótese de meu espírito, mas, diante da ingênua alegria que manifestou ao receber notícias tuas, achei que era um dever manifestar-lhe claramente a minha franca opinião. Conde Degenthal, quando não se tem envergadura para herói de romance, não se mete a gente em tão complicados enredos; obedece-se aos desejos da mamã e casa-se prosaicamente com a prima.

Eis o que tinha a dizer-te, e, se te digo, é que me penalizou, como pouca coisa me pode penalizar neste mundo, a aflição de tua... quase noiva. A casualidade e a rapidez de nosso encontro impediram-me de lhe dizer o que pensava a respeito do excesso de exatidão com que cumpres o famoso "contrato"; creio também que me impediu o receio de a ouvir defender-te. As mulheres, quando amam, são notoriamente absurdas. Embora não sendo, como tu, de uma natureza amorosa, e gozando, como filósofo, das vantagens de um temperamento polar, penso que no amor é preferível um pouco de absurdo à demasiada correção. A super-elegante Emília e a filha de Carsten saem amanhã de Viena; deteve-as até esta data a enfermidade do chefe da família. Eu parto também amanhã. Um demônio viajor apoderou-se do meu ser. Sinto a comichão das longas vagabundagens; uma alma cigana obriga-me a variar de céu e de pouso, e, consultando o horário e a fantasia, sigo para o incógnito na poeira errante dos caminhos de ferro. Se, por acaso, te apertar o desejo de saber notícias minhas ou a vontade de desabafar num peito amigo o que de turco te for na alma, tens à disposição das tuas cartas a minha casa em Mecklemburgo.

Teu sempre ex conde Clemente.

Esta carta caiu como um raio na serenidade entorpecedora de Curt; a exprobração do amigo, qual alfinetada, acordou-o por completo, abrindo-lhe na alma uma dorzinha fina e atormentadora, como o são em geral as dores do amor-próprio.

Como tinha razão Clemente! Tinha tanta razão que chegava a ser desaforo!

Consultando a consciência e consultando, sobretudo, o seu afeto por Nora, que se reavivara mais impetuoso do que nunca ao acicate das ironias do amigo, reconhecia-se culpado perante ela. Com que dureza a tratara, com que frieza se despedira dela! E como explicar o indiferentismo daquele longo silêncio?!

Nora tinha o direito de acusá-lo, o direito de romper o compromisso; tinha todos os direitos, desde que ele a desprezava dessa maneira.

E, contudo, limitava-se a chorar e a inquietar-se por ele! Durante alguns minutos, Curt considerou-se sinceramente o último dos miseráveis.

A fisionomia chorosa de Nora, quando lhe anunciara a partida, a sua frase magoada: “Curt, querem separá-lo de mim! Não vá para o estrangeiro, Curt; eu tenho tanto medo da distância!” voltaram-lhe a memória com uma intensidade tal, que lhe vieram as lágrimas aos olhos, sem que ele o quisesse.

Um grande enternecimento o invadiu. Teve o desejo louco de ter Nora a seu lado, cair-lhe aos pés, pedir-lhe perdão, afirmar-lhe novamente que a adorava, e, à força de carícias e de ternura, fazer-lhe esquecer o que por ele sofrera.

Com a exageração natural à sua idade, Curt pintava os sofrimentos de Nora muito maiores do que na realidade o eram, e,

ignorando o gênio que empregam as mulheres, os pretextos quase inverossímeis, a força de engenhos de que lançam mão, a fim de inventarem desculpas para o ente amado, via a angústia da donzela e a sua própria culpa pelo óculo de aumento de uma imaginação que o amor e a distância exaltavam.

É preciso, porém, confessar que não era a aflição de sua noiva o que mais lhe doía; era a ideia de ter sido um simples joguete nas mãos hábeis de sua mãe, quando julgava contrariar-lhe todos os planos e dar-lhe uma prova cabal de sua independência, entrando livre e espontaneamente para o corpo diplomático.

A liberdade e a espontaneidade dessa resolução, que reputara até então como toda sua, começavam a aparecer-lhe agora sob um ponto de vista bem diverso. Nora, com a sua simples intuição feminina, adivinhara logo um plano, em que pensara ele ter a própria vontade como único motor de suas ações, e farejara, por assim dizer, uma inspiração alheia sob as energias aparentes daquela súbita resolução de partir.

E agora, que a carta de Dahnow lhe desvendara os olhos, agora, que as suspeitas de Nora se lhe tornavam evidentes ante a disposição dos acontecimentos, é que a atitude impassível da mãe ao vê-lo partir assim repentinamente se lhe patenteava em toda a sua estranheza.

Meu Deus, como fora néscio! Sua mãe iludira-o como uma criança, e com tanta habilidade o enredara, que ele, sem dar por isso, lhe obedecera em tudo aos desejos, afastando-se cada vez mais desse amor, que ela julgava, sem razão, descabido e prejudicial.

Uma indignação furiosa apoderou-se de Curt; o sentimento de se ter amesquinhado não só na opinião de Nora e Dahnow, mas na da própria mãe, humilhava-o sobremaneira.

Como deveria esta rir-se agora de suas ingenuidades! E com que razão não lhe chamaria “criança” esse grande irônico que era Dahnow...

Curt retomou a carta e, para acalmar a cólera, que lhe fazia tremer os lábios e as mãos, pôs-se maquinalmente a relê-la.

Com que veemência de sarcasmo se exprimia Clemente!

Como se referia simpaticamente a Nora... Era evidente que, por mais casual e passageiro que fosse o encontro, ele a consolara e insensivelmente lhe falara com intimidade.

Isso desagradava-lhe, sem que pudesse determinar a causa deste desagrado; não que temesse qualquer coisa da parte de Nora – Oh! Isso nunca!

Conhecia o tom de americana camaradagem com que tratava todos os rapazes de sua roda, e sabia-se demasiado querido para que o receio apenas de uma aparência de infidelidade o incomodasse.

Mas Clemente, por que ficaria ele ainda em Viena? Por que coincidira com a de Nora a sua chegada à capital?

O pensamento de Curt perdia-se em conjeturas, provavelmente desagradáveis, pois uma ruga de contrariedade se lhe cavava pouco a pouco entre as sobrancelhas, Mas que...

Num gesto de violenta negativa, em que se expandia a efervescência de uma raiva contida, atirou para o lado a carta do barão.

Impossível, impossível! Clemente era tão seu amigo!...

Procurou dar outro rumo ao pensamento esquentado, mas, como uma perfídia da memória, lembrou de chofre e - quão nitidamente! - o inexplicável embaraço de Dahnow, quando lhe perguntara pelos Carsten na noite do baile...

Sentiu nas veias um calor de fogo, e, diante da hipótese informulada, mas intolerável já, que esta lembrança suscitou, varreu-se-lhe por completo da mente o resto da carta. Ergueu-se agitadamente e, abrindo uma das gavetas da escrivaninha, tirou dela uma caixinha de veludo carmesim, onde guardava cuidadosamente o medalhão que mostrara a Dahnow. Uma reflexão amarga deteve-o um instante com o dedo sobre a mola: Como tivera razão Nora ao recear a distância!

Já não era no bolso que trazia essa preciosa relíquia, e, por mais guardada que estivesse, não lhe sentia já arfar o peso (que era uma recordação!) ao bater ritmado do coração. Era um princípio de esquecimento... Curt, apertando a mola, fez saltar bruscamente a tampa oval, e do fundo anilado do esmalte, os grandes olhos leais de sua amiga sorriam-lhe outra vez.

Esteve um instante a contemplá-la, profundamente, como se quisesse arrancar à linda imagem insensível uma resposta à dúvida que o atormentava.

Mas a Nora que ele tinha nas mãos não lhe podia responder, e na graça um pouco pretensiosa das miniaturas continuava a sorrir-lhe com esse radiante e enigmático sorriso de estampa, que o enervava agora mais do que nunca. Curt, impaciente, fechou o medalhão.

Que fazer? ... Que fazer contra o suplício das suposições, que, não obstante a sua indignada resistência, aproximavam

insidiosamente estes dois nomes: Clemente e Nora, Nora e Clemente!

Era necessário agir. Era necessário provar não só à sua mãe, mas a Dahnow e à própria Nora, que não era impunemente que se haviam aproveitado de sua boa-fé e de sua credulidade.

Era necessário convencê-los de que toda tentativa no intuito de separá-lo da noiva se malograria infalivelmente, e por um ato decisivo e peremptório manifestara todos a sua inteira independência de ação.

Ocorreu-lhe logo a ideia de uma carta. Mas a palavra escrita nunca pode ter o calor de persuasão do ato ou da frase, e uma carta é tão facilmente interceptada! Posto de sobreaviso pela descoberta do plano materno, Curt, sem o querer, caia no extremo oposto, desconfiando de tudo e de todos.

A suspeita cravava-se-lhe na alma como um dardo, e, lembrando de repente o obstáculo da distância, da desesperadora distância que o separava de Nora, Curt, que o amor, a vaidade ferida e o ciúme faziam sapatear de raivosa impaciência, viu-se pela primeira vez em face de uma verdadeira dificuldade.

A ideia de deixar-se à mercê dos acontecimentos roçou-lhe um instante na mente, mas a reação fez-se imediata e enérgica. Era rapaz e amava; que obstáculos não venceria? “Em amor, como na guerra, as loucuras são lícitas, e é preferível um pouco de absurdo à demasiada correção!”, dissera Dahnow, num motejo que era uma alusão; provaria àquele cético Clemente que era capaz de por em prática o que ele apenas admitia em teoria.

E, erguendo a fronte, num gesto de desafio, inconscientemente orgulhoso, Curt guardou nervosamente a carta e o medalhão e,

curvado até tarde sobre a escrivaninha, levou horas esquecidas a estudar mapas e horários.

Inspirava-o o amor, guiava-o o ciúme; que extravagancia não cometeria ele?!

No dia seguinte, à tarde, o embaixador recebia um bilhete do Conde Degenthal em que este o prevenia de não poder apresentar-se na embaixada por ser obrigado a guardar o leito.

Acometera-o súbita enfermidade e o médico prescrevera-lhe absoluto repouso e isolamento absoluto durante alguns dias. O criado particular do conde, portador da mensagem, nada soube adiantar acerca do caráter e da gravidade da doença.

__ Que grande massada! __ Murmurou o velho embaixador, ao ler a inesperada notícia. __ Certamente um efeito da nossa incorrigível imprudência de saxões. Viemos para aqui com o organismo habituado ao frio
e às brumas do norte, e sem precauções nos expomos aos rigores deste sol de fogo. E este rapaz, que me foi tão insistentemente recomendado! ... Tenho que ir visitá-lo!

*   *   *   *   *

Um sol de primavera, quente e risonho como ela, inundava de luz dourada um palacete, que ostentava a linha elegante de sua fachada de estilo um pouco decadente, mas de uma nota intensamente original na banalidade das construções vizinhas, em um dos mais frequentados arrabaldes da capital da Saxônia.

Pertencia este palacete a uma antiga família nobre, arruinada pelos excessos de seus últimos representantes, e fora comprada, havia meses já, por uma celebridade europeia: Alfredo Carsten, o falado diretor do Carsten-Circo.

O preço exorbitante da compra e a elevada quantia necessária para as restaurações indispensáveis, faziam-no objeto dos comentários gerais, tornavam-no quase um monumento célebre, desses que os *ciceroni* mostram orgulhosamente aos turistas e que dão motivo a cálculos invejosos sobre a fortuna de seu feliz possuidor

Respeitando a ideia geral dos primeiros construtores e sem tirar-lhe a graça caduca do conjunto, os arquitetos encarregados da restauração haviam, no entanto, modernizado o interior, dando-lhe todos os requintes de um conforto americano, sem prejudicar em nada à vetustez aristocrática da aparência.

O parque, sobretudo, o extenso e ensombrado parque, que o rodeava, havia sofrido uma transformação radical, passando do estado de baldio, a que o tinham condenado os seus últimos donos, à elegância de um jardim moderno, arranjado e florido como um salão ao ar livre.

O sol penetrava-lhe as aleias, arrancando faíscas à areia dos caminhos e emprestando maciezas de veludo ao verde tenro dos relvados, eriçava de um trêmulo arco-íris o repuxo do chafariz e, banhando em ondas de ouro líquido a fachada branca do edifício, ia pousar como auréola sobre a fronte inclinada de uma jovem, que se balanceava pensativa numa dos *rocking-chair* de um varandim lateral.

A luz pura da manhã fazia sobressair radiosamente a rara formosura desse semblante ainda um pouco infantil, mas que resplandecia com o incomparável frescor da primavera da vida, não obstante o anuviasse agora uma dolorosa e melancólica expressão.

Esta expressão era um contraste vivo com a beleza estival das coisas e do dia; um contraste principalmente com a extrema juventude do lindo rosto que entristecia; e o claro sol, que a tudo parecia comunicar um alento de vida exuberante, não conseguia, entretanto, acender um raio de luz nos olhos semicerrados, nem agitar com um movimento das mãos inativas, como fatigadas, que retinham preguiçosamente sobre os joelhos um bordado já começado.

Nora, alheia à alegria comunicativa desta encantada manhã de primavera, recostara a cabeça ao inclinado espaldar da cadeira; sentia uma indefinível lassidão e, cerrando a meio os olhos deslumbrados pela intensidade da luz, engolfava-se com amargo prazer na tristeza de suas reflexões.

E, ao calor talvez excessivo, mas tão entorpecedor do sol, que a banhava toda, deixava-se ir nas céleres asas da cisma ao país distante das recordações.

A claridade acusava, sem que ela o soubesse, o abatimento do rosto empalidecido, o círculo arroxeado das olheiras, a amargura nos lábios como caídos sob o peso de algum secreto desânimo.

Não tivera coragem de continuar esse bordado aborrecidamente começado e, como se a ocupassem suficientemente os seus pensamentos, entregava-se sem arrependimento ao triste sonho, que não lhe permitia gozar da beleza da paisagem, da luz radiosa, do frescor da brisa, do perfume

suave das plantas, sob o azul acetinado desse benigno céu primaveril.

Nora tinha o inverno em si. Tudo lhe parecia escuro, envolto numa bruma imponderável de tédio, que a fazia afastar-se do presente viver, toda entregue às reminiscências desse passado encantador, que fora a primavera nas margens do Reno; desse passado de riso e de amor, quando tinha para embelezar-lhe a natureza
a vida, a presença daquele por quem lhe suspirava o coração, mau grado seu.

Nora já não se entendia. Não queria confessar a si mesma o quanto lhe era doloroso o silêncio de Curt, e atribuía as angústias, as apreensões, as melancolias súbitas de sua alma, não à desatenção ofensiva daquela atitude, mas à ausência do noivo, só à ausência e nada mais.

O que ela não queria de todo era dar ouvidos a voz insidiosa que lhe insinuava a cada instante suspeitas estranhas, falando-lhe - e com que persuasiva eloquência! - da beleza das orientais, da sedução dos seus grandes olhos negros, da graça misteriosa dos seus rostos velados e sobretudo da fragilidade do amor dos homens, da desesperadora inconsequência do seu coração fraco e amoroso.

Nora não queria desconfiar, não o queria com todas as forças de sua alma enamorada e inexperiente, a qual a traição repugnava instintivamente; mas a desconfiança roía-lhe o coração, mau grado seu.

Por isso, quando pensava em Curt, e pode-se dizer que era a cada instante, sentia aquela saudade lancinante, aquela inexplicável

inquietação, dolorosa e aguda quase como uma dor física, que lhe tirava o apetite e o sono, e a prostrava nesse abatimento insuperável, objeto das críticas encobertas da madrasta e da silenciosa reprovação do pai.

Dois anos! ... Prometera ficar separada dele dois anos, mas, quando prometeu isto imprudentemente, tinha-o ao pé de si, mirava-lhe os olhos, ouvia-lhe as palavras, sentia-lhe o carinho: dois anos pareciam-lhe quase nada. Seis meses passaram, apenas seis meses, e dir-se-ia que um abismo os separava; Os dias pareciam-lhe sem fim, as semanas, meses, e a sensação de numa distância cada vez menos transponível, interpondo-se entre eles, acabrunhava-a opressoramente. Quanta vez, depois da separação em Bruxelas, quando voltara a Bonn, quanta vez, na solidão da vila, tão vazia sem a presença de Curt, não suplicara ela a Deus que a providência de um acaso os reunisse outra vez, ao menos por um instante!

As duas súplicas haviam sido atendidas; a casualidade de um encontro fez-lhe tornar a ver aquele que tanta e tanta vez evocara mentalmente. Que desencanto, porém...

A frieza de Curt, a sua contrariedade singular, o seu tom brusco e a estranheza de sua despedida, como tudo isto a magoara e que decepção para a sua saudade...

Aquele encontro fora talvez mais prejudicial ao seu amor do que a separação, e, no entanto, era tão cheia de perigos a separação!

Duas grossas e lentas lágrimas desprenderam-se-lhe das pálpebras cerradas e, brilhando ao sol como diamantes, deslizaram pelas faces, indo silenciosamente perder-se no regaço.

__Por que partira Curt? Por que se mostrara tão excessivamente prudente no cumprimento desse contrato fatal?

As lágrimas corriam umas após outras, sem um soluço, ardentes, amargas, e, na tristeza de sua soledade, parecia a Nora que o coração se lhe partia com o peso de uma inexplicável aflição.

Estava tão abismada na sua tristeza, que não ouviu a parada brusca de um carro ao portão do parque, nem tampouco percebeu um rapaz que, pedindo ao porteiro uma rápida informação, se dirigiu apressadamente para a entrada principal da casa, enquanto o cocheiro examinava boquiaberto a gorjeta extraordinária com que
o estrangeiro o gratificara.

__ Que pressa tem esse rapaz em chegar! __ Disse com seus botões o pobre homem, fustigando os animais. __ Que me enforquem se não vai ver a namorada! Só os namorados têm dessas generosidades! __ Rematou, com a psicologia da experiência.

A hora era demasiado matutina para visitas e, no entanto, o rapaz, que entrava assim tão cedo no parque dos Carsten, não parecia acanhar-se de infringir as regras da etiqueta social.

Era evidente que vinha apressado e que chegava de uma longa viagem. Trazia na mão uma dessas cômodas malas de beliche, e o pó do seu traje, a fadiga de sua fisionomia eram sinais evidentes de uma chegada recente depois de torna-viagem. Dir-se-ia que ninguém o esperava ali, mas esta circunstância era-lhe provavelmente conhecida e ele devia ser um familiar da casa, pois, à porta principal, não tocou logo a campainha, relanceando em torno um olhar indagador, como à procura de uma entrada mais familiar.

Descobriu sem dificuldade um vulto branco, imóvel na varanda; um clarão de triunfo iluminou-lhe os olhos pretos, e, atravessando a aleia a correr, subiu de um salto a escada de mármore, indo cair aos pés da cismadora.

__ Nora, Nora! __ Exclamou, cobrindo-lhe de beijos as mãos caídas, enquanto a mala abandonada rolava nos degraus da escada.

A donzela estremeceu dos pés à cabeça, recuando para o lado da sombra e, colhida de surpresa, deu um grito que se desfez numa exclamação de júbilo intenso, quando, esfregando os olhos deslumbrados do sol, reconheceu afinal quem assim a chamava tão ansiosamente.

Um nome saiu-lhe do mais fundo do coração, e, num ímpeto irrefletido, rindo e chorando, atirou-se nos braços do recém-chegado, estreitando-o ao peito, como só sabem estreitar aqueles que uma longa separação afastou por muito tempo um do outro.

Quando a emoção permitiu a ambos falar, quanta confidência, quanta admiração, quanta pergunta, quanto protesto de fidelidade!

Curt não se fartava de a contemplar e, beijando-lhe as mãozinhas, pedia perdão de a ter deixado tanto tempo sem notícias; Fazia-lhe repetir que não a esquecera um só instante e, de olhos fitos nos seus, dizia-lhe a sorrir que nunca a vira mais linda do que agora, com esse claro vestido azul, com esse palor de emoção e esses cabelos assim caseiramente penteados. Nora duvidava ainda de tamanha felicidade!

Com a mão nas do amigo, ouvia-o com um sorriso de êxtase e repreendia-o docemente de ter feito essa louca viagem. Três dias e três noites em caminho de ferro e para ficar com ela apenas seis

horas... Que loucura, que loucura! Mas que abençoada loucura, que lhe enchia os olhos gratos de tanta luz e lhe repassava a voz de tanta meiguice!

Era debalde que ela o repreendia, e, querendo tomar um ar de zangada, ralhava com ele por semelhante imprudência. Curt sentia que ela o aprovava no fundo e tinha-lhe por “esta loucura” a mais enternecida gratidão.

De súbito, porém, no meio de muita efusão e depois de terem recomeçado vinte vezes as mesmas explicações, Nora lembrou-se de que ele deveria estar morto de fadiga, precisando por conseguinte de alimento e de repouso.

Curt protestou indignado contra o repouso, que lhe roubaria o tempo das seis horas preciosas; teve que aceitar o alimento para não tornar realidade a *blague* impingida ao respeitável embaixador, que lá no Bósforo o julgava prisioneiro dos lençóis, vítima inocente de uma enfermidade imerecida.

Carsten saíra muito cedo, como sempre.

D. Emília, cujo estado de saúde era ultimamente dos mais precários guardava ainda o leito, e Nora tocou, rindo, a campainha, encomendando ao criado qualquer coisa de confortativo para esse grande maluco, que ainda havia de fazer por castigo um pouco de *toilette*.

Com a sua perfeita liberdade de americana e o seu vestido de dona de casa, Nora fez entrar Curt para o quarto dos hóspedes, onde mandou colocar a mala, recomendando-lhe maliciosamente que não se demorasse muito ao espelho.

E enquanto ela mesma preparava no seu pequeno salão particular, que abria para a varanda, a mesa onde fazia uma festa

para servir o amigo, Nora reparou pela primeira vez como estava brilhante o sol, azul o céu, perfumadas as flores que dispunha sobre a toalha rendada, e lindo o dia!

Nunca vira o dia assim, e nunca o arranjo já conhecido do salãozinho lhe parecera tão elegante e tão bonito.

Eram, contudo, os mesmos móveis, as mesmas coisas, o mesmo sol de há pouco, mas revestia-os agora uma sedução particular, até então ignorada, um encanto novo e superior, que lhes vinha talvez desse viajante, assim inopinadamente chegado, e que lá dentro se apressava para não perder um só instante daquela abençoada reunião.

__ Oh! O amor! __ Já dissera Madre Sibila, a grave freira desprendida das coisas da terra. __ O amor vale bem pouco perante os olhos de Deus, mas é igualmente a mais bela flor colocada por Deus no caminho da vida, a única que tudo faz esquecer e tudo sabe transformar!

Como tinha razão!

A recomendação de Nora foi seguida à risca; em poucos minutos, Curt, lavado, escovado, penteado e risonho como um colegial em férias, reaparecia no salão, sentando-se à mesinha florida, onde Nora lhe servia de copeira, tendo enfeitado a cabeça com uma das rosas vermelhas da jardineira, para lhe agradar. E, na intimidade desse delicioso *tête-a-tête*, interrompendo cada garfada para furtar um beijo à copeirinha ou para rirem ambos de um dito engraçado, saboreando a doçura sem par de se amarem, de estarem juntos e de verem esvair-se como fumo, ao calor da conversação, as dúvidas

más e as suspeitas atormentadoras. Nenhum dos dois se lembrava de Dahnow, o verdadeiro causador dessa alegria toda.

Só quando Degenthal, um pouco confuso, mencionou o ciúme absurdo, causa talvez de sua estadia ali e que tão loucamente o fizera sofrer, só então é que Nora, num riso em que se lhe expandia a alma, declarou que efetivamente o barão a encontrara, fora muito amável para com ela, dera-lhe notícias do ausente, mas não sabia absolutamente para onde partira.

Nem um nem outro podia suspeitar de leve os esforços heroicos empregados pelo adiposo titular para escrever aquela carta.

“Eis-me em paz com a minha consciência! __Dissera Dahnow a si mesmo, passando distraidamente a mão pela barba raspada. __ Estamos quites, eu e esta exigente senhora, que vivia a atormentar-me com remorsos importunos. Não quero ter a culpa daqueles olhos tristes. Esta será a reparação da outra. Se então intervim, é justo que agora também intervenha, fazendo o possível para trazer aqui esse tão desejado rapazola. Se ele não vier, é que todo esse grande amor não vale um vintém, e eu desinteresso-me do assunto. Estou em paz com minha consciência.”

É de crer que a consciência do bom meckemburguês fosse de uma susceptibilidade excessiva, pois, embora estivesse Dahnow em paz com ela, não conseguia essa “paz” dar-lhe ao rosto e aos modos, a antiga e jovial serenidade.

Os amigos reparavam, admirados, na seriedade anormal desse filósofo, que outrora os divertira tanta vez com a causticidade de suas observações e a lábia alegre de suas troças. Dahnow mesmo não se sentia bem.

__ Uma mudança de ares pôr-me-á bom! __ Pensava. __ Preciso de fazer uma cura de novidade. Que o diabo carregue com esses livros pesados, cujas relações me estão tornando neurastênico! Sempre afirmei que o estudo era prejudicial à saúde! Tenho a prova em mim. Uma viagem é o remédio único. E para que seria eu um
homem livre de vínculos sentimentais e de necessidades monetárias, se não dispusesse a meu bel-prazer do meu tempo, da minha pessoa e da minha vida? Os estudos estragaram-me o organismo!

Pouco tempo depois, Dahnow surpreendia a sua numerosa parentela com a notícia de uma longa viagem de duração indeterminada e do abandono completo desses estudos, a que atribuía o seu mal-estar presente.

Dizia ele estudar mais proficuamente correndo o mundo, do que acumulando ciência sedentariamente e através de secos e enfadonhos livros. Ia a procura de sensações novas, dedicando-se doravante inteiramente ao estudo de humanos documentos.

__ Por que te tornaste de repente tão volúvel? __ Perguntaram-lhe rindo os irmãos. __ Tinhas horror as viagens, considerando-as um passatempo indigno de um pensador; como é que agora não hesitas nem mesmo diante da exploração da África?

__ A África não me seduz! __ Replicou com superioridade o gordo barão. __ O negro nunca foi a minha cor de predileção. Receio mesmo que, ao verem os indígenas o roliço apetitoso dos meus contornos, não sejam tentados a provar esta legítima carne de alemão, de que tão patrioticamente me orgulho. Não irei à África, a não ser que me decida ao suicídio. O mundo é bastante vasto para

que me tenha de reserva um cantinho onde não haja penetrado ainda o bacilo da civilização. Estou farto da Europa; anseio por sair dos domínios dos caminhos de ferro e dos hotéis niveladores de hábitos e costumes. Pesa-me a monotonia do progresso; preciso de um contacto mais direto com a benéfica natureza pura.

__ Tu, o comodista por excelência, quererás, por acaso, tentar a escalada incômoda do Chimborazo ou do Himalaia?

__ Com o dinheiro sempre hei de achar alguém que carregue comigo até lá! __ Respondeu laconicamente Dahnow. __ E arranjarei comodidade onde quer que me encontre.

Essa comodidade, fez ele o possível para efetivamente a arranjar, pois, ao partir, alguns dias mais tarde, levava nas malas recheadas tudo quanto materialmente se pode inventar para o conforto de um viajante exigente.

* * * * *

Na tarde de sua chegada a Constantinopla, Curt apresentou-se ao embaixador a fim de agradecer-lhe o interesse que tomara pela sua saúde. Recebeu-o sua excelência na intimidade do gabinete de trabalho e, fitando-o atentamente, perguntou-lhe *ex-abrupto*, indicando-lhe com o gesto uma cadeira:

__ Então, está completamente restabelecido, conde?

__ Completamente, excelência! __ Replicou Curt sorrindo. __ E acho mesmo que a doença me fez bem. Foi uma espécie de vacina; sinto-me agora ainda mais forte do que antes.

__ Realmente? __ Tornou com fineza o velho chefe. __ Felicito-o de coração, tanto mais que ainda lhe acho um certo ar de fadiga... Do que na verdade pode gabar-se é de ter no seu criado um enfermeiro dedicado e intransigente; não me foi possível, embora muitas vezes o tentasse, entrar nos seus aposentos. O seu médico
mesmo tomou muito a peito o segredo profissional; não consegui arrancar-lhe uma palavra sobre a sua estranha enfermidade.

Compreendendo a irônica indireta e sentindo-se descoberto, Curt fez-se vermelho, mau grado seu.

__ Vossa excelência foi para comigo de uma bondade que me confunde! __ Retorquiu, tentando em vão dissimular o embaraço. __ Mas o doutor ordenara...

__ O sr. é mau diplomata, conde! __ Interrompeu o embaixador, levantando-se e batendo-lhe familiarmente no ombro. __ Não sabe ainda encobrir o que sente, a sua fisionomia o trai... A que ordem do doutor obedeceu o senhor, tomando o vapor de Trieste?

Curt tornou-se da cor do lacre; quis balbuciar uma resposta, mas o sorriso zombeteiro de seu superior tirou-lhe toda a presença de espírito.

__ Menino... __ Disse gravemente o embaixador, fitando com uma espécie de comiseração o rosto confuso do seu subordinado. __ Não estrague a sua mocidade em revelações e aventuras indignas do seu nome e do seu caráter.

__ Excelência... __ Atalhou vivamente Curt, compreendendo que o seu chefe estava informado de tudo e que o único meio de reabilitar-se aos olhos dele era usar de franqueza. __ Dessa viagem

dependia a tranquilidade de uma pessoa à quem prezo mais que a própria vida.

__ O fim não justifica os meios... __ Tornou o ancião com severidade. __ Tenho do senhor as melhores informações, conde; sei que é incapaz de se meter numa aventura aviltante. Mas tome cuidado com a exaltação dos seus sentimentos; é capaz de arrastá-lo a atos irreparáveis. Veja bem o que preza mais do que a própria vida e o que considera felicidade sua... Eu me enganaria muito bem, se, pelo que conheço do senhor, não se julgasse apto para conquistar essa felicidade a despeito de tudo. O senhor é um sentimental, e a luta é sempre um perigo para quem se deixa dominar pelo sonho. Cuidado, pois... e precaução!

*   *   *   *   *

✣✡✰❹✶✷✯✭ ♣⑩✣✰★✭ ✶✥✲✣✥✰✲✭

É um defeito na vida,
que a rosa brote entre espinhos.

DESDE o dia inolvidável em que, calcando aos pés as convenções e o bom-senso, Curt lhe viera trazer a certeza de que continuava sempre lembrada e sempre querida, o mundo recuperara aos olhos de Nora todos os seus encantos.

Embora a primavera já se tivesse ido há muito, e longos dias de chuva e névoa houvessem sucedido às manhãs de sol claro e às

tardes de céu azul, o tempo parecia à donzela sempre radioso, como era a esperança que trazia no coração.

A vida que levava, porém, nada tinha de festivo e de alegre. Saía pouco; o estado de saúde da madrasta, acarretando-lhe todo o peso da direção da casa, impedia-lhe ao mesmo tempo qualquer diversão mundana.

Sua maior distração eram os passeios a cavalo, que se lhe tornavam cada vez mais indispensáveis. Aproveitando os últimos dias de outono, saía às vezes pela manhã e de tarde sozinha, entregando-se com paixão ao seu *sport* favorito, que reunia ao excitante do exercício violento a vantagem de lhe permitir sonhar à vontade nas longas excursões em que empreendia através do parque e não raro aos arredores menos habitados da cidade.

Carsten, obedecendo talvez a razões particulares, aprovava sem restrições esse gosto pela equitação, louvava-lhe as proezas equestres, aconselhando-lhe discretamente este ou aquele aperfeiçoamento, excitando-a sempre a não abandonar a prática desse *sport*, em que, segundo ele, se havia tornado inigualável.

A equitação era mesmo o único assunto de que podia sem dúvida tratar com o pai.

O gênio de Alfredo, outrora tão comunicativo e tão sociável sofrera uma sensível modificação, depois da gripe que o acometera em Viena.

Irritadiço, desassossegado, nervoso, vivia agora em perpétuo mau humor, a fronte sulcada de rugas inquietadoras, o olhar carregado, criticando azedamente o que momentos antes entusiasticamente elogiara, sob o domínio de uma preocupação que lhe tirava o apetite e o sono.

Nora ressentia-se, como era de esperar, deste estado de coisas; atribuiu-o primeiro à ansiedade provocada pela saúde de Emília e pelo nascimento do filho.

Mas, depois de nascer a criança, um robusto menino, cujo nascimento foi para Nora uma alegria verdadeira, Carsten, passada a primeira impressão de orgulho de ter um herdeiro e do contentamento de ver salvos a mãe e o filho, recaiu no primitivo desânimo e a donzela não soube já a que atribuir aquele abatimento anormal.

Pensara sempre que o nascimento de um filho era para o pai a maior bênção que Deus lhe poderia conceder. Desde que ela tinha de partir, e que a sua vida futura havia de estar tão separada e tão distante dele, que maior consolação do que esse pequenino ser, tão exigente de cuidados na sua fragilidade, para encher o vazio por ela deixado na casa paterna?

E se a inquietação causada pelo anelado nascimento não fosse a razão daquele desgosto e daquela inexplicável irritação, a que os poderia então atribuir? Nora perdia-se em conjeturas, acabando por considerar o pai doente pelo excesso de trabalho.

Quantas e quantas vezes não lhe suplicara ela que desfrutasse um pouco de repouso, umas férias pequenas, durante as quais, livre de negócios e de importunações, trataria seriamente da saúde, tão abalada nesses últimos tempos!

Carsten, porém, não lhe atendia os rogos e cada vez com maior ardor e com mais inquebrantável energia se entregava ao trabalho extenuante.

Dir-se-ia que a febre da atividade lhe exaltava os nervos, obrigando-o a passar dias a fio longe de casa, num frenesi de ação

e de movimento que não lhe permitia dar ao corpo exausto o menor descanso, a mais leve compensação à terrível soma de energia que diariamente dispendia.

Vinha frequentemente a casa, mas sempre à pressa, como hóspede de passagem e invariavelmente acompanhado de Landolfo, que parecia ter-se-lhe tornado indispensável à existência.

Nora não podia suportar o belo secretário e, embora não manifestasse nada dessa antipatia para não desagradar o pai, evitava o mais possível encontrar-se a sós com esse homem, cujo atrevimento se vira forçada várias vezes a repelir energicamente.

Landolfo, ou o "belo Landolfo", como ele mesmo costumava chamar-se, era com efeito uma dessas figuras vistosas que se impõem irresistivelmente à atenção.

De uma compleição robusta e esbelta, alto, com uma grande flexibilidade de corpo e uma extrema facilidade de expressão, agradava a lhaneza de seu modo pela incontestável correção dos traços de uma fisionomia aperaltada, se não inteligente.

Era moreno e pálido, nariz levemente adunco, característico da raça, e que ele teimava em chamar romano; tinha os olhos negros como enublados de sonho, e um sorriso suave continuamente à flor dos lábios.

Em resumo, um tipo romântico; esse romantismo comprazia-se ele em acentuá-lo, deixando crescer a barba à nazarena e usando meia cabeleira.

Essa negra melena ondeada e desgrenhada, que lhe dava o feitio de um herói de Mürger, fazia a admiração de muita gente em geral e de d. Emília em particular, que nutria pelo secretário do marido um entusiasmo especial.

Só um observador muito perspicaz poderia notar a dureza desses olhos pretos, que tão sorridentes se faziam quando não se julgavam observados, e o cunho de grosseira sensualidade desses lábios úmidos, onde bailava instintamente um sorriso de vaidade ou de perfídia.

Landolfo era um ambicioso, a quem uma indolência inata nunca permitiria sair da mediocridade.

Inteligente, mas pouco instruído e preguiçoso, invejava profundamente a todos que pelo próprio esforço conseguiam subir; a ambição do dinheiro o devorava, mas a natural indolência e esse gosto quase atávico pela vagabundagem não o deixavam empregar continuamente, os meios para a conquista dessa fortuna que a sorte adversa lhe negava desde o berço.

Quem lhe tivesse seguido de perto a existência, veria que esse altissonante nome de Landolfo encobria um modestíssimo Levi, e diria dele, como do herói de Schiller, "se partisse, logo lhe perderiam os vestígios", pois ninguém sabia donde viera e vivera escondendo a sua personalidade nas mais variadas e desencontradas ocupações.

Era um desses talentos enciclopédicos e estéreis, que têm jeito para tudo e nunca fazem coisa nenhuma, e, sem se especializarem, passam pelo mundo, levando em si o germe e a promessa de grandes obras, cuja realização são absolutamente incapazes de conseguir.

Landolfo tentara tudo e experimentara sem escrúpulo todas as profissões para cujo acesso não é necessária a apresentação de uma carta ou de um diploma qualquer.

O teatro, entretanto, fora sempre o sonho dourado de sua vaidade.

O palco atraía-o, o brilho fictício da ribalta seduzia seus instintos de exibição, e foi como obedecendo ao impulso forte de uma vocação que durante algum tempo se dedicou ao teatro.

Foi autor, ator, comparsa e até ponto, entregando-se com delícia as intrigas dessa atormentada vida de bastidores, onde sua facúndia encontrou campo livre e sua vaidade suficiente alimento.

Mas a natureza negara-lhe positivamente jeito para a cena e a grande arte; brigou com empresários e companheiros; a vida de teatro não lhe parecendo bastante boêmia, preferiu a de circo.

Foi então que, à falta absoluta de recursos, pôs-se à frente de uma dessas pequenas companhias nômades, que acampam um dia à entrada de uma cidade, dão um espetáculo e levantam tenda na tarde seguinte; um desses bandos ciganos, que nenhum lugar, nem mesmo um sucesso, tem o poder de fixar.

Seu físico belo, a facilidade de falar e a habilidade inegável que possuía para fazer valer seus próprios méritos, deram-lhe em pouco tempo alguma importância no meio restrito em que vivia.

Foi quando encontrou Alfredo Carsten. Era para ambos o momento psicológico.

Landolfo compreendeu de relance que, se conseguisse captar a confiança desse domador da sorte, que era o diretor, estava com a fortuna feita.

Sem hesitar um instante, com a confiança em si que o caracterizava, apresentou-se a Alfredo, oferecendo-lhe seus serviços, como artista ou secretário.

Na verdade, as habilidades equestres de Landolfo a pouco se reduziam; mas Carsten, que tinha o dom de saber aproveitar os mínimos talentos de toda a gente, adivinhou logo ao primeiro ensaio o verdadeiro gênio de encenação que esse homem possuía e encarregou-o sem detença da parte teatral das representações hípicas.

Landolfo encontrou o seu caminho. Carsten, fatigado de dirigir tudo por si só, carecia na realidade de um auxiliar; pensou achá-lo nesse secretário, que, sem que o percebesse e com uma habilidade de profissional, lisonjeando-lhe o amor-próprio por um sábio e astucioso programa de louvores diretos e indiretos, se tornou, em pouco tempo, senhor dos segredos e dos negócios da companhia.

Carsten tomou-se de amizade por esse tratante, manejador exímio da lisonja, que só vivia a enaltecer-lhe agradavelmente a vaidade, mas o descarregava de boa parte do seu trabalho.

Landolfo estava no seu elemento. Percebendo a influência que exercia no espírito do diretor, delineou no cérebro um plano ousado.

Não pudera ver sem perturbação a radiosa mocidade de Nora; um afeto brutal, feito não só de desejo, mas de ambição pelo dote magnífico da filha do diretor, o dominou em breve e dirigiu-se a ela com o seu habitual desplante, oferecendo-lhe em frases inflamadas, o mérito, o nome e o coração.

Nora, a quem os olhares ternos e a atitude inconveniente do secretário há muito incomodavam, repeliu-o com tal desdém e uma tão altiva e ofendida dignidade, que o amor-próprio de Landolfo sangrava ainda da afronta recebida.

O despeito transformou em ódio fidagal o antigo afeto, e com o rancor próprio dos de sua raça, jurou a si mesmo vingar-se,

humilhando essa orgulhosa, que o tratara como a um subalterno e subalterno o considerava.

Para alcançar esse fim, tornou-se o espião, por assim dizer, de todos os atos da donzela e, dissimulando os seus intentos sob as aparências de um respeito exagerado, esmiuçou-lhe a vida dia por dia, sempre alerta no seu posto de polícia secreta.

A princípio atribuíra a recusa altaneira à natural sobranceria aposição excepcional que ocupava em relação à Companhia.

Sentia-se distante de todos e de tudo, tão diferente das mulheres que a rodeavam, e ao mesmo tempo tão superior, pela sua educação, à sua esfera e à sua família, que não achou a quem acusar de sua malograda tentativa de sedução, senão o orgulho dessa educação, que a tornara uma aristocrata, ela, que afinal de contas não passava de filha de um simples diretor de circo, enriquecido à sua custa.

A vaidade desmedida de Landolfo, habituado às fáceis conquistas de seu meio e aos sucessos baratos de Don Juan que obtinha entre as bailarinas e acrobatas da Companhia, não podia admitir que uma mulher se recusasse deliberadamente a seus carinhos e rejeitasse a sangue frio a honra que ele lhe fazia, distinguindo-a
com o seu amor.

A amizade crescente do diretor, as provas de confiança cada vez mais efusivas que ele cotidianamente lhe prodigalizava, juntas à admiração que seu belo exterior inspirara a d. Emília, aumentavam-lhe cada vez mais a pretensão.

A diretora, com efeito, não fazia mistério desse entusiasmo estético. Landolfo era um homem de sua esfera; tivera como ela o

mesmo equívoco princípio e, na estreiteza de sua alma de comediante, ele realizava o tipo ideal do “artista”, com o qual haviam sonhado os seus passados dezesseis anos.

Landolfo não tinha dúvida a respeito de seus próprios méritos. Estava plenamente convencido de que seus serviços lhe davam o direito de aspirar à mão da filha de seu chefe, e achava mesmo que o diretor não podia encontrar melhor esposo do que ele para a filha... nem melhor genro para si.

Alimentava já o sonho dourado de, desposando Nora, tornar-se mais tarde o sucessor de Carsten na direção da Companhia, quando a desdenhosa negativa da donzela veio ferir-lhe em cheio o orgulho, fazendo ruir como um castelo de cartas esse belo sonho tão pacientemente arquitetado.

Teve pelo menos uma atenuante a sua crudelíssima decepção, atribuindo ao orgulho de uma superioridade de educação a repugnância e o desprezo com que Nora recebera sua proposta.

Quando, porém, levado por uma dessas certeiras intuições que fazem pressentir o perigo mesmo remoto, seguira Degenthal até ao hotel e o surpreendera naquela comprometedora intimidade com Nora, o despeito avivou-se odiento e feroz, aguilhoado pelo ciúme.

Então havia sido por causa desse aristocratazinho pernóstico que ela tão soberanamente lhe respondera?! Pobre ingênua, que julgara poder escapar-se-lhe das mãos... Era porque tinha o coração cheio desse rapazola insignificante que não quisera saber dele, pobre secretário sem nascimento.. Ah! Com que prazer a humilharia, com que profunda satisfação não faria o impossível para dificultar o namoro com esse titular franzino e tolo, a quem nem um segundo se comparava!

Com que delícia não ia agora assustá-la com a ameaça constante, insinuada em alusões transparentes, de revelar tudo ao diretor! Landolfo comprazia-se nessa ideia maldosa, porque julgava que as relações de Nora com Degenthal não passavam de um *flirt* sem consequências, ignorado da família.

Mas, quando, por informações arrancadas a Ketty e à loquaz d. Emília, soube que não se tratava ali de um namoro adiantado e inocente, mas sim de um noivado em regra, não obstante o segredo, sentiu um ódio violento contra esse conde que assim inopinadamente lhe vinha roubar o que considerava um bem seu.

Sua primeira vingança e o meio mais rápido que achou para iniciar o rompimento desse enlace, cuja realização jurou impedir, custasse o que custasse, foi a carta anônima recebida pela condessa.

Depois inteirou-se pelo próprio Carsten das condições especiais desse noivado e como, após a cena da despedida, Nora se mostrava mais fria e mais desdenhosa do que nunca, compreendeu que o único meio de a vencer era torná-la sua igual, fosse como fosse.

Tirá-la da torre de marfim em que se isolara, fazê-la baixar de nível, irmaná-la àquelas cuja profissão era objeto de seu silencioso desprezo, e, despedaçando a couraça de pureza e correção que a protegia, por entre ela e Curt o impossível com um golpe decisivo.

Como era tenaz e conhecia a fundo as presentes dificuldades de Carsten, fez trégua a guerra surda que entre ele e Nora existia secretamente e, seguro do triunfo, mantendo a paz armada, como lhe chamava no íntimo, esperou tranquilamente, confiando na ocasião, à espera do momento favorável.

As circunstâncias não tardaram infelizmente em auxiliar-lhe os maldosos planos. Nos últimos meses os negócios da Companhia não iam tão bem como Carsten queria fazer constar.

Até àquela época fora o primeiro, quase o único no seu gênero, ganhando ouro às mancheias sem o receio da concorrência e principalmente sem o receio de gastar com o luxo particular, pois tinha a certeza de que os lucros compensariam largamente as despesas.

Gastava, pois, como um nababo, ajudando-o d. Emília eficazmente nessa fácil tarefa de não pensar no dia seguinte e de desperdiçar dinheiro como se desperdiça tempo, sem o contar.

No último inverno, porém, começou a aparecer um competidor; Carsten a princípio não se importou muito com este obscuro rival, que pensava esmagar com facilidade, como o fizera a tantos outros.

Mas o rival teimava; e tanto teimou que por uma lenta e habilíssima propaganda oculta pôde, em relativamente pequeno espaço de tempo, ganhar terreno e publicidade, obrigando Carsten a tomá-lo finalmente a sério.

Quando o diretor percebeu, pela diminuição do ganho e da afluência a seus espetáculos, que esse rival tinha força e recursos para eclipsá-lo, desceu francamente à arena e travou luta decididamente.

O rival, porém, tinha por si a novidade, esse grande chamariz do público inconstante, e a vantagem de energia e capital novos.

Carsten compreendeu que o único meio de chamar de novo a si a popularidade que fugia era o reclamo.

Para isso foi-lhe, contudo, necessário empregar grandes somas.

Teve que duplicar o salário de seus artistas e empregados, para que não lhes viesse a tentação de, cedendo ao engodo de maior ordenado, passarem para a companhia rival.

Gastou uma fortuna com a reforma das cavalariças e a compra ou troca de novos animais.

Quando um homem envereda por esse caminho de reclamo a toda a prova, os gastos tornam-se ilimitados; parar um instante ou mesmo hesitar é sempre um passo em falso, é retroceder, e retroceder nestes casos é deixar o rival tomar a dianteira, é o esmagamento, é a ruína inevitável em pouco tempo.

Aconselhado por Landolfo, cujo interesse era criar ao diretor uma situação embaraçosa, Carsten foi aumentando consideravelmente as despesas; a cada novo melhoramento do rival, julgava-se obrigado a introduzir outro melhor em sua Companhia, e não havia dinheiro que lhe bastasse.

Vendeu propriedades da América, hipotecou casas, o dote de Nora foi sacrificado, e nessa luta extenuante, que lhe minava a saúde, só uma preocupação o absorvia, a de não ser vencido e principalmente que ninguém pudesse suspeitar das dificuldades em que se via.

Para arredar o mais possível toda suspeita, aumentou também a sua mobília, a conselho de Landolfo, que lhe insinuava ser a ostentação um dos mais eficazes elementos de triunfo; acentuou até à exageração o luxo dos seus e o próprio, e por último, num gesto de bravata, aliás muito de acordo com a sua natureza, fez a loucura de comprar esse palacete, que lhe custara uma exorbitância e cuja manutenção ainda mais exorbitante lhe ficava.

A situação ameaçava tornar-se insustentável. Landolfo aproveitava-se dela para mais seguramente assenhorear-se da vontade vacilante e doente de Carsten.

Havendo corrido nas últimas semanas que ameaçava falência a casa bancária onde depositara o dinheiro necessário ao manejo diário de sua Companhia, Carsten não vivia já.

Passava os dias fora, numa atividade febril e tão febril que Landolfo, para quem a falência da casa não fazia dúvida, impressionado pela agitação de espírito do seu chefe, aconselhou-lhe que se retirasse mais cedo, indo esperar em casa o resultado das operações.

Contra a sua expectativa, Carsten seguiu o conselho, chegando a casa muito antes da hora costumada. D. Emília recebeu-o em seu gabinete, um quarto atapetado e luxuoso, digno de uma rainha.

D. Emília suportava galhardamente a maternidade. Sua beleza de *bibelot* de étagère adquirira a perfeição necessária a seu pleno desenvolvimento; a natural vivacidade tocava-se agora de uma languidez muito graciosa, e a convalescença um tanto longa, que a imobilizava nas almofadas do canapé, era-lhe pretexto para um verdadeiro desperdício de toilettes caseiras, cuja elegância andava em relação com seu melindroso estado de saúde.

Trazia nessa tarde uma dessas indescritíveis roupinhas que as mãos de fadas das costureiras de Paris confeccionam para o capricho de uma tarde ou de uma manhã; era de uma muita fina seda azul pálido, extraordinariamente aberta e recortada de valencianas de um branco mortiço, obra paciente de uma artista de gênio, e cujo preço o bom-senso por certo renegaria.

D. Emília adorava o azul, e desse amontoado de fitas e veludos anilados emergia branco e nédio o seu rosto, encimado pela complicada obra de arte do penteado.

Um sorriso de gozo lhe entreabria os lábios rosados; nos olhos, mais azuis que todo esse azul que servia de anteparo ao ouro equívoco de seus cabelos ruivos, refletia-se uma tranquila satisfação da vida, e a exclamação alegre com que recebeu a chegada prematura do marido, o gesto espontâneo da mão constelada de anéis, que lhe estendeu ao vê-lo entrar, indicavam bem claramente a serenidade que lhe ia na alma.

Nora fazia-lhe companhia, a simplicidade, por assim dizer esportiva, da blusa de cambraia e da saia de flanela branca, que vestia, era um contraste vivo com o luxo quase demasiado da madrasta; tinha o pequenino nos braços e, agitando a sorrir o guizo de ouro, falava-lhe a pueril e errada linguagem do carinho, com que as mulheres se dirigem instintivamente só as criancinhas.

Jack seguia com olhar inexpressivo os giros barulhentos do guizo e, como o pai se curvasse para beijá-lo, teve um franzir de testa irritado e ameaçador, que d. Emília, rindo, muito justificadamente comparou ao ar preocupado do marido.

Esta cena de família, no calmo ambiente desse gabinete perfumado e galante, não conseguira, no entanto, desanuviar a fronte carregada do diretor. Embora ele respondesse à tagarelice da mulher, Nora estava aflita pela expressão inquieta de sua fisionomia, observava-o silenciosamente, sentia-o distante dali, nervoso, o espírito e a atenção concentrados num ponto, que ela ignorava, mas que o devia estar atormentando. Não se atrevia a perguntar-lhe a causa dessa perturbação, pois uma secreta paciência advertia-a de

que o pai já não era ultimamente o mesmo para com ela. Separava-os uma barreira invisível, e Nora sentia tristemente, sem poder fazer nada, que uma influência oculta os desunia lentamente.

Carsten esperava visivelmente alguém; seus olhos não deixavam o relógio de parede à Luís XV, e foi com um verdadeiro suspiro de alívio que viu abrir-se a porta e entrar Landolfo, com a sua habitual e insolente familiaridade. Levantou-se para recebê-lo, enquanto a diretora batia palmas, dando-lhe efusivas boas-vindas.

Landolfo inclinou-se com um sorriso desvanecido e, beijando a mão a d. Emília, voltou-se para Nora, estendendo-lhe a mão com o mais atrevido dos olhares.

Nora, a quem a fatuidade desse homem fazia ferver o sangue, parecia não ter visto o gesto e, sem o olhar, com uma afetação de distração mais injuriosa que uma afronta, tomou o menino nos braços e, erguendo-se, dirigiu-se acintosamente para a porta.

Landolfo fez-se pálido de raiva; seus olhos tiveram um lampejo de ódio, e, deixando cair a mão estendida, tentou esconder sob negligência forçada de um sorriso o despeito que lhe fazia tremer os lábios. Carsten deixou cair sobre Nora um olhar severo e descontente.

Esta cena muda não lhe escapou; era a confirmação da hostilidade que julgara descobrir há certo tempo entre a filha e o secretário.

__ Aonde vais, Nora? __ Indagou em tom áspero.

__ Vou levar Jack à ama! __ Respondeu tranquilamente a menina, desaparecendo com a criança pela porta entreaberta.

__ Vamos também, Landolfo! __ Disse o diretor, passando familiarmente o braço pelo do secretário. __ As mulheres não

gostam de ouvir falar em negócios. __ Acrescentou, como desculpando a impertinência da filha.

__ Do que elas não gostam é dos homens de negócios! __ Corrigiu rancorosamente Landolfo, elevando a voz para que Nora ainda o pudesse ouvir. __ Embora saibam aproveitar-se das vantagens que estes lhes proporcionam.

__ Oh! que injustiça! __ Protestou com ressentimento d. Emília, fazendo uma careta de criança amuada. __ Eu, Alfredo, gosto tanto deles! __ Acrescentou em tom imperioso, tomando no sofá a mais sugestiva das atitudes. __ Exijo que venham tomar chá comigo! Vai tratar dos teus negócios, mas não te esqueças de que o sr. Landolfo me prometeu trazer hoje uma romanza napolitana, que deveremos executar ambos ao piano. __ Concluiu, estendendo com um sorriso de faceirice a mão, que o secretário galantemente beijou.

__ Vamos! __ Repetiu o diretor com impaciência, arrastando pelo braço a Landolfo, que não resistia. E quando chegaram ao corredor, dirigindo-se ao gabinete, que ficava na outra ala da casa, interrogou sofregamente:

__ Que notícias traz, Landolfo?! ...Morro de impaciência!

O secretário teve um gesto evasivo e, abrindo a porta do escritório para deixar passar o patrão, disfarçou um sorriso mau entre a barba escura.

__ Eis o correio! __ Disse pausadamente, pondo sobre a secretária um maço de cartas e jornais que trouxera da cidade.

E, sem que Alfredo a isto o convidasse, tirando um charuto da charuteira, estirou-se negligentemente sobre uma poltrona, como se quisesse repousar de uma fatigante tarefa. O ar respeitoso e amável havia desaparecido completamente; julgava-se indispensável, para

que usar expressões de subordinação? E, acendendo o charuto, enquanto o diretor desatava febrilmente o cordel do pacote, cruzou as pernas e recostou-se, como se estivesse em sua casa.

__ E o banqueiro?! __ Indagou Carsten, cujas mãos tremiam de impaciência.

__ Por melhor que se regulem as coisas, há de sofrer grandes perdas; dois terços do capital, pelo menos.

__ Dois terços do capital!! __ Repetiu o diretor com desespero, deixando cair os braços num gesto de inexprimível abatimento. __ Mas isto é irreparável, Landolfo! Depois dos enormes gastos do inverno e da baixa considerável das entradas, é a ruína!

O secretário recostou comodamente a cabeça ao espaldar estofado da poltrona e, cerrando a meio os olhos, lançou para o teto uma lenta baforada de fumo.

__ É a ruína, a ruína inevitável! __ Murmurou Carsten, passando alucinadamente as mãos pela testa.

__ Uma boa estação seria suficiente para o trazer de novo à tona! __ Respondeu Landolfo com a maior das calmas, depois de um pequeno intervalo de silenciosa reflexão.

__ E donde posso eu tirar uma boa estação?! __ Exclamou o diretor, encolerizado. __ Meu rival não me dá tréguas; não poupa esforços para suplantar-me. Não sei aonde vai buscar tanto capital! Aquilo não é obra de um só homem. Sou capaz de jurar que está à testa de um sindicato anônimo; querem a minha ruína, é evidente!
Oh! mas eu saberei defender-me! __Acrescentou, cerrando os punhos numa crispação violenta de energia.

__ Que notícias tem da Companhia? __ Tornou Landolfo, com a sua imperturbável fleuma.

O diretor encolheu os ombros. Os novos *clowns* iam bem; pediriam provavelmente aumento de ordenado no próximo pagamento; em todo o caso não haviam reclamado. Os ginastas exigiam o salário; não havia com o que pagar. Era preciso adestrar os novos animais. Não se podia já conceder entradas grátis às famílias dos empregados subalternos, que só assim se conformavam com o atraso dos vencimentos.

__ Não sei já o que inventar para atrair a atenção do público! __ Confessou Carsten com desânimo. __ Só se contratar e adestrar meia dúzia de leões! __ Rematou com amarga ironia.

__ Era preferível contratar uma “leoa”... __ Replicou Landolfo com um sorriso ambíguo.

Carsten não parecia ter ouvido a maligna insinuação; tomara dentre as outras uma carta, que lia com extrema atenção, e a testa franzia-se à medida que se adiantava na leitura.

__ Era só o que nos faltava! __ Exclamou afinal, atirando raivosamente para cima da escrivaninha a desastrada missiva. __ Lisah Star, a melhor, a primeira das minhas amazonas, despede-se! Landolfo, isto acabará comigo! Mas, por que se vai esta criatura?! Não lhe satisfiz eu as exageradas exigências?! Aquele demônio seduziu-a provavelmente com a promessa de maiores ordenados! Que fazer contra isso, Senhor?!

__ Mas, afinal, o que diz ela? __ Perguntou Landolfo, cada vez mais calmo, à proporção que crescia a irritação do diretor.

__ Veja e leia! Em resumo, frases, só frases, não apresenta um pretexto plausível.

Landolfo tomou a carta e, depois de a ter lido sossegadamente, colocou-a de novo sobre a escrivaninha. Ficou

algum tempo em silêncio, como a meditar o que lera; sentia que tinha nas mãos a ocasião há tanto tempo desejada de iniciar sua vingança. Um sorriso pérfido brincava-lhe no canto dos lábios, e ele, cerrando a meio os olhos, numa concentração da fisionomia que trazia imediatamente à ideia a comparação da serpente preparando o bote, disse devagar, como a medir as palavras, recostando-se ainda mais ao espaldar estofado:

__ Eu já esperava por isto!

__ Já esperava por isto e não me preveniu! __ Censurou o diretor com indignação.

__ Era impossível preveni-lo. Lisah é de uma susceptibilidade excessiva. Julga-se, embora artista, uma senhora de sociedade. Miss Nora não lhe pagou nunca as visitas; isto ofendeu-a cruelmente. Nem todos têm a minha paciência! __ Rematou com um sorriso mimoso.

__ Tolices! __ Murmurou Carsten, contrariado. __ Esta menina perder-me-á com este orgulho néscio. É o defeito daquela maldita educação. Mas que fazer para preencher o lugar de Lisah? __ Tornou com agitação, passeando de um para outro lado do aposento.

__ É simplesmente contratar outra amazona, tanto mais que Lisah Star já não era de primeira novidade.

__ Contratar outra amazona! __ Repetiu Carsten com veemência. __ Você caçoa de mim, Landolfo! Pois não sabe a dificuldade em encontrar tão depressa uma rapariga que saiba montar corretamente a cavalo? Não sabe das loucas pretensões destas criaturas? Não sabe que tenho letras a vencer e que tenho os cofres vazios?

São coisas de enlouquecer um homem! É a ruína! __ Acrescentou com sombria veemência.

__ Pois não me parece que haja alguém mais capaz de evitá-la do que o senhor Carsten! __ Disse convictamente Landolfo, virando o rosto para com mais cuidado fazer cair no cinzeiro a cinza do charuto.

__ Eu?! __ Exclamou Carsten, estupefato, estacando em frente do secretário e procurando-lhe em vão o fugitivo olhar. __ Por que diz isso? Teve uma ideia? Ande, diga!

__ Não tenho plano algum... __ Replicou lentamente o secretário, sempre sem olhar o diretor. __ mas acho que, se tem em casa uma amazona, que por sua beleza, mocidade e maestria leva a palma a todas as Lisah Star do universo, não é preciso ir buscar no estrangeiro e a preço de ouro, o que a sorte lhe pôs nas mãos! Conjetura que me refiro a miss Nora, não é? Não há ninguém que se lhe possa igualar, e garanto-lhe que, se o senhor a fizesse representar em público alguns dos pequenos exercícios que por gosto executa no parque sozinha, o sucesso era certo e completo.

Carsten abaixou a cabeça sem responder, e, pela súbita seriedade de que se revestiu o seu semblante, Landolfo compreendeu que suas palavras correspondiam a um pensamento secreto e que haviam calado profundamente no espírito do diretor. O golpe foi certeiro.

__ Minha filha nunca se apresentará em público! __ Disse afinal, com voz surda, como se o dominasse um antigo rancor. __ A mãe opor-se-ia formalmente a isto.

__ As circunstâncias mudam as coisas! __ Insinuou docemente Landolfo.

Carsten permaneceu um instante em silêncio. Refletia.

__ Não! __ Murmurou, como se falasse consigo mesmo, abanando negativamente a cabeça. __ Ela nunca se prestará a isto. Esta tão cheia de preconceitos!

__ Se miss Nora é, como dizem, boa filha, creio que não se poderá negar a cumprir o dever filial de salvar seu pai de uma ruína certa.

Carsten fez-se pálido; olhou com hesitação para o secretário, como se quisesse confiar-lhe um segredo e não soubesse se ele era digno ou não da confiança. Por fim decidiu-se:

__ Minha filha tem outros deveres a cumprir... Ela é noiva! O noivo tem a minha palavra de que ela não se há de nunca envolver nos negócios do circo.

Landolfo teve um sorriso de superioridade entre a fumaça tênue do charuto.

__ Ah! É noiva... provavelmente daquele austríaco que encontrei em Viena. Mas... não me consta que o noivado seja oficial...

__ É ainda um compromisso apenas entre nós. __ Explicou Carsten meio confuso. __ A condessa fez certa oposição e exigiu dois anos de noivado secreto.

__ Romântico! __ Disse ironicamente Landolfo, encolhendo os ombros. __ Entre nós, Carsten, isso é um compromisso que não é compromisso. Tem a vantagem de prender miss Nora e de deixar em plena liberdade o conde. Olhe que já se tem aproveitado dessa liberdade; partiu para o Oriente...

__ Para o Oriente?! __ Interrompeu com surpresa o diretor, a quem Nora nada dissera das duas visitas de Curt.

__ Para Constantinopla! __ Continuou Landolfo, destacando propositadamente as palavras. __ Como secretário de embaixada junto à Sublime Porta. É um posto de diversões, e, como a mamã favorece esse capricho diplomático, creio que não o teremos tão cedo por cá. Olhe, meu caro... __ Prosseguiu, levantando-se e batendo familiarmente com a mão no ombro do diretor. __ Este compromisso é risível. Creia que estão brincando com sua filha; é a eterna história: querem-se muito, mas não se casam!

__ Tenho o conde na conta de homem de bem! __ Retorquiu Carsten num assomo de sua antiga altivez, fugindo com dignidade ao contacto de seu astuto interlocutor.

Landolfo compreendeu que havia dado um passo em falso e que ainda não era chegada a hora em que Carsten pudesse, sem protestar, admitir sua arrogante familiaridade.

__ Também eu! __ Concordou com impassível serenidade, para corrigir o efeito desastrado do que dissera. __ Mas o conde é jovem. Desde que estamos entre homens e entre homens de negócios, podemos falar com inteira franqueza. Meu caro Carsten, sob o ponto de vista do conde, isto seria uma loucura, uma rematada loucura por mais doce que seja a loucura, o maior louco do carnaval não atura os três dias. Eu sei o que me vai opor: eles são moços, amam-se... Isto é o clichê habitual; já não impressiona ninguém. O tempo desvanecerá este grande sentimento, tanto mais que o jovem par já teve as suas rusgas...

__ Como sabe o senhor disso? __ Atalhou imperiosamente o diretor, irritado por ver que um estranho estava realmente mais informado do que se passava em sua casa do que ele próprio.

__ Uma casualidade feliz, ou infeliz, como quiser, fez-me surpreender em Viena uma cena das mais comovedoras. Miss Nora chorando nos braços do conde... que duramente lhe exprobrava ter vindo com “o bando”. Indignação de miss Nora, anúncio da partida para Constantinopla... lágrimas... súplicas... beijos... resultado de tudo isto: partida do conde sem despedida!

__ E eu que ignorava tudo isto!

__ Oh! Miss Nora é de uma natureza muito reservada! __ Tornou Landolfo com ironia. __ Sendo aliás natural que ela não lhe quisesse confiar suas decepções sentimentais. Quanto a ignorar tudo, não me admira. Tenho observado que os chefes de família são sempre os últimos a saber o que lhes vai em casa. Em todo caso, fale a miss Nora. Ela é tão ajuizada quanto... reta nos seus sentimentos; há de por certo compreender que, mesmo para a situação dela, ser filha de um diretor de circo arruinado não adianta nada para o negócio.

Carsten estava aturdido. As palavras de Landolfo correspondiam letra por letra ao mais íntimo de suas reflexões. Estava perfeitamente de acordo com o que o pérfido secretário lhe insinuava.

Lembrava a segurança superior com que falara ao preceptor do dote da filha; esse dote já não existia ou pelo menos estava reduzidíssimo. Como não passar aos olhos de Degenthal por um charlatão e um tratante? Nora, além de filha de um diretor de circo, sê-lo-ia também de um embusteiro! Landolfo tinha razão; mesmo para ela, era de interesse entrar em cena. Não era direito natural e humano que a filha salvasse o pai? Para isso bastava-lhe querer.

__ Ela não consentirá nunca... __ Suspirou com desalento.

__ Curioso amor de filha! __ Ponderou friamente Landolfo sentindo que com mais alguns hábeis argumentos estava senhor desta vontade vacilante, lançando assim a base de sua premeditada vingança. __ Eu, que não faço grande alarde de sentimentos ternos, não hesitaria, se estivesse no caso dela... Enfim, ainda não nos caiu a casa nas costas, sustentaremos o crédito três meses ainda. Espere amanhã, reflita e depois fale a miss Nora; exponha-lhe claramente a situação e... se a decidir a substituir Lisah Star, repito-o, o triunfo está garantido. Miss Nora tem bom coração; tire a prova do afeto que ela lhe consagra; experimente, não custa nada!

Assim falando, Landolfo dirigiu-se vagarosamente para a porta, compreendendo que o único meio de ver frutificar o germe da vingança, que acabava de semear tão insidiosamente, era deixar Carsten a sós; saiu de mansinho, não sem lançar ao diretor, sucumbido ao peso dos seus pensares, um olhar e um sorriso de triunfo orgulhoso.

Carsten ficou só, apoiado à escrivaninha, onde se espalhava em desordem a correspondência aberta. Encostou a fronte à mão, e na sua móvel fisionomia estampava-se em claras linhas a luta terrível que lhe ia na alma.

Landolfo tinha razão! Era a ruína e a vergonha em pouco tempo, se Nora não se resolvesse a salvá-lo! Só ela o poderia fazer, só ela, só ela...

E o conde? Não lhe havia ele dado sua palavra? O conde...

Landolfo tinha ainda razão; aquilo não passaria de um sonho de mocidade que o tempo desvanecera já... quem sabe? Se Nora tomasse a iniciativa do rompimento, não havia desdouro para ela e

ficaria livre outra vez, livre como ele sonhara outrora fazê-la e como a vontade da morta o impedira de fazer. Duas promessas o ligavam.

Uma, feita a um vivo, que facilmente o desligaria; outra, feita a essa loura morta, cuja benéfica influência tão cedo se retirara de sua vida... a essa morta querida, que tão apagada se lhe tornara no coração.

Cumprira à risca o desejo de Helena, educando-lhe a filha como ela mesma a pretendia educar; nunca tentara influenciar-lhe a vontade, nem intrometer-se na direção de sua alma. Mas, agora, que precisava dela, agora que só se salvaria com seu auxílio, não era justo que Nora o satisfizesse?

__ As circunstâncias mudam o aspecto das coisas! __ Dissera Landolfo e a mesma Helena, que tão fundamente o havia amado e que por ele nada hesitaria em sacrificar, seria a primeira a aprovar Nora, se pudesse ainda manifestar sua opinião.

Carsten pensou um minuto em liquidar tudo e, abandonando a Companhia, retirar-se à vida privada. Não podia, porém, fazer isso sem graves perdas, e uma liquidação, na precária situação em que se achava, não lhe traria, assim como a Nora, nenhum proveito.

A ideia do triunfo do rival e da onda de motejos que essa retirada em plena luta lhe acarretaria fez-lhe ferver o sangue nas veias.

__ É impossível! __ Murmurou com sombria energia. Falarei a Nora; expor-lhe-ei a situação, e ela que decida fazer o que mais convincente julgar. Deixá-la-ei livre! __ Concluiu, levantando-se para ir ter com a mulher.

__ Não, não lhe direi nada! __ Pensou momentos depois, com a ideia do que ia fazer sofrer a pobre menina.

Mas, durante toda a noite que seguiu essa atormentada tarde, nas contorsões de uma insônia terrível, Carsten ouvia insidiosa e convincente a voz de Landolfo a segredar-lhe ininterruptamente

__ Não seria muito natural que a filha salvasse o pai?

*   *   *   *   *



Nem sempre é possível
ir tudo bem até ao fim.
quando o sol está mais alto,
logo aparece o solstício.

NA manhã seguinte, muito cedo, como era costume seu, Nora mandou selar o mais fogoso de seus cavalos, o último presente do pai; era um cavalo de pura raça ainda não domado, a que chamara Devil, e que se propunha adestrar e amansar nos seus diários exercícios matutinos.

A manhã estava linda, toda envolta em neblina fria, sob a transparência da qual se adivinhava, no entanto, o sol já alto, embora sonolentamente invisível, e sob as árvores do parque o silêncio era completo e a solidão convidativa.

Nora sentia prazer nesse longo passeio distrativo, e, com a desenvoltura viva de seus dezoito anos, desceu correndo a escada do jardim.

Trançara negligentemente no braço a comprida cauda de amazona escura, que lhe moldava como uma luva o corpo esbelto e harmonioso; com as tradicionais botas de montar, cujas esporas de prata lançavam a cada passo um lampejo argênteo, os seus pés tinham uma impaciência de movimento, um frêmito de vida, que os fazia deslizar mais vivamente sobre a terra calcada da aleia, e o chicotinho, com que acariciava aqui e ali os objetos que cruzava na passagem, vibrava de uma incontida alegria.

Nora sentia-se feliz; a mocidade transbordava-lhe da alma, como essência de um vaso demasiado cheio, o sangue girava-lhe quente nas veias; uma exuberância de vida animava-a toda, agitando-lhe a alma de uma inexplicável agitação.

Sentia o coração bater com desacostumada veemência; um desejo impetuoso de correr, de rir, de gritar, se possível fosse, a impelia para a liberdade do ar livre; sentia a indefinida liberdade de expandir na violência de um exercício forte toda essa acumulação de vida palpitante, que trazia inconscientemente em si.

Havia um mês justo que, surpreendendo seu tristonho abatimento, Curt lhe viera trazer a afirmação de seu afeto.

“Se ele voltasse hoje?” sugeriu-lhe o coração numa dessas absurdas esperanças, que, mau grado o bom-senso, o amor suscita as vezes em nós. “Se ele viesse outra vez!”

Os longos cílios de Nora abaixaram-se, projetando uma sombra sobre o palor nacarado das faces; o chicote fez no ar duas ou três evoluções significativas; um suspiro fugiu-lhe do fundo do peito.

Mas para que acalentar esperanças impossíveis? Já fora uma tão grande loucura ter vindo aquela vez, uma tão rematada

imprudência! Nora sacudiu a cabeça como para afugentar do espírito a dourada hipótese, e, alongando a vista pelo gramado, em torno do qual corria uma aleia de terra calcada, e que servia de local a seus exercícios cotidianos, seus olhos fixaram-se sobre Devil que um estribeiro trazia neste instante da cocheira.

Curt, o pai, e qualquer outra preocupação desapareceram-lhe do espírito por um momento; a paixão profissional dominava-a.

Devil adiantava-se, levado à rédea pelo estribeiro; vinha docilmente, submisso na aparência, mas um observador perspicaz observaria logo a falsidade dessa submissão.

Um frenesi de impaciência percorria-lhe o peito luzidio; as orelhas agitavam-se-lhe de momento a momento; o passo cadenciado tinha um que de raivoso; sacudia a cada instante as ancas, como se lhe fosse intolerável o peso, leve, aliás, da sela feminina; e assim com as narinas entreabertas e o movimento altaneiro da cabeça voltada instintivamente para o lado do bosque, onde pressentia estar a liberdade, era a imagem viva da rebeldia e da força.

Todo ele era um protesto inconsciente contra a humilhação dessa rédea e desse selim, que o escravizavam levemente.

Aos olhos atentos de Nora nenhum desses movimentos escapava e sorria de satisfação por saber-se capaz de subjugar esse adversário, que sentia digno de si.

Como era hábito seu, depois de corresponder afavelmente ao cumprimento do pequeno estribeiro, aproximou-se do animal e passou-lhe cariciosamente pelo pescoço a mão desnuda.

Mas Devil não admitia familiaridades; num salto, que era um protesto contra essa liberdade de mau gosto, obrigou Nora e mesmo o estribeiro a recuarem; seus largos olhos garços e inteligentes faiscaram, pode-se positivamente dizer, de indignação. A menina riu-se a bandeiras despregadas.

__ É preciso cuidado, miss! __ Advertiu o estribeiro, pondo um joelho em terra para ajudá-la a montar. __ Ainda ontem atirou por terra o professor de equitação.

__ Reservo-lhe uma surpresa, Norman! __ Respondeu ela alegremente. __ É preciso usar dos grandes meios para castigar este malcriado.

E, com um sorriso malicioso, abotoando as luvas que acabava de calçar, Nora teve para Devil, que desconfiadamente a contemplava, um rápido olhar brejeiro. Depois, apanhando num movimento lesto e flexível a longa saia, com uma ligeireza, em que se adivinhava a agilidade de uma acrobata inata, mal roçando as mãos, estendidas do estribeiro, de um salto brusco, inesperado, quase aéreo, pôs-se em sela, sem que o animal, apanhado de surpresa, tivesse tido tempo de recuar.

Devil empinou-se num assomo magnífico de revolta ao peso da graciosa carga, que tão inopinadamente lhe sobrevinha, mas era tarde.

A mão graciosa que o dominava tinha a rijeza do ferro. Em vão tentou, por uma série de saltos furiosos, desvencilhar-se da amazona; Nora parecia ter-se-lhe aparafusado as costas.

Então, vencido, mas sempre furioso, Devil rompeu num galope desenfreado pela pista, levando num turbilhão sua domadora triunfante.

Nora não esperava ter como espectadores de sua proeza outros olhos senão os de seu estribeiro; mas enganava-se. Duma das janelas do sobrado alguém contemplava - e com que ávida e maravilhada admiração! - a maestria do seu montar, o garbo incomparável de sua figura esportiva.

Esse alguém era seu pai. A insônia trouxera-o cedo à janela, no intuito de refrescar ao ar frio da manhã a fronte abrasada, e, sem o querer, surpreendera esse espetáculo, que era para ele um orgulho e ao mesmo tempo uma cruciante amargura.

Com a ciência de profissional, admirava-lhe a destreza, a flexibilidade, a negligência, a arte, enfim, com que dominava o animal, forçando-o à obediência, e com um enternecimento de autor, embevecia-se no espetáculo dessa formosura, dessa graça juvenil e vibrante, em que julgava rever sua própria mocidade.

E, realmente, nenhum traje, por mais luxuoso, por mais poético, por mais feminil que fosse, dava a Nora esse cunho definitivo, esse aperfeiçoamento que lhe realçava a beleza natural de uma perfeição quase ideal de obra de arte.

A amazona escura, de linhas classicamente severas, desenhava-lhe o corpo fino e cheio, contorno por contorno, num molde de estátua; sob o fêltro tirolês, escuro também, que um grampo de ouro prendia ao cabelo; os olhos tinham um brilho claro e vivo, as faces rosavam-se, a boca entreabria-se num sorriso de gozo, e o aprumo do busto, a firmeza da atitude, o *donaire* por assim dizer descuidado da cabeça, traziam à mente a figura ligeira de uma valquíria que se tivesse petulantemente disfarçado em amazona americana.

Nora parecia ter nascido para aquele traje, ou aquele traje ter sido propositadamente talhado para ela; na fantasia vaporosa de um vestido de baile não irradiaria mais sedução, nem mais elegância apresentaria sua linda e airosa silhueta.

O pai admirava-a sem restrições. Nora, entretanto, continuava a galopar; para conceder expansão à fúria de que sentia possuído seu cavalo, fatigava-o com a violência desse exercício intempestivo, esperando que passasse o mau humor a "mestre" Devil, para dar rumo ao passeio.

Dera já duas voltas ao gramado e encetava a terceira, quando, levantando os olhos, avistou de súbito o pai à janela.

Enviou-lhe de longe um sorriso radiante e, como o via triste e sabia a satisfação que lhe causavam seus exercícios equestres, acelerou com uma chicotadazinha o passo do animal.

Ao passar pela janela, sem diminuir a rapidez vertiginosa do galope, fez-lhe com o chicote uma graciosa continência e, deixando de chofre o caminho, enveredou pelo campo raso de grama em linha reta ao alto muro que separava da estrada o fundo da pista.

Carsten, sobressaltado por a julgar arrastada por Devil desenfreado, deu um grito, estendendo instintivamente para ela os braços aflitos.

Mas o efeito fora calculado; chegando ao muro e dando ao cavalo um "hop!" animador, num jeito de rédeas, que o empinou assustadoramente, mas dominando-o sempre com a segurança de uma mão de mestra, Nora, que uma força alada parecia levantar, galgou o obstáculo num salto prodigioso de audácia e desapareceu do outro lado, sob as árvores, arrancando palmas ao pequeno estribeiro entusiasmado.

Outro qualquer teria encontrado nesta façanha a morte certa e Carsten, trêmulo ainda do susto, pensava com uma indizível aflição que Landolfo dissera a verdade: se ela quisesse, teria o mundo a seus pés!

Se ela quisesse, seria rainha na sua arte, e isso sem grande sacrifício, pois herdara dele todas as qualidades que a poderiam tornar primeira entre as primeiras; era tão legitimamente filha de seu pai...

Nora, entretanto, não suporia nunca as estranhas ideias que sua corrida fizera germinar na mente paterna; entrara na estrada ensombrada e, fazendo tomar a Devil uma marcha moderada, entregava-se com delícia ao prazer de se sentir sozinha e livre na solidão dessa estrada sombria, cujas árvores, úmidas ainda do rócio noturno, borrifavam-lhe de orvalho as faces afogueadas pela vivacidade da carreira.

Deixara propositadamente a parte civilizada do parque, como costumava denominá-la, e, costeando-lhe o bosque pelo lado de fora, seguia a estrada que se tornava cada vez mais estreita, à medida que se afastava da cidade.

Margeava um regato impetuoso, que as últimas chuvas haviam transformado em torrente, e cujo leito se afundava, devido a depressão do terreno, dando perigoso declive à margem do lado do parque.

Nora não se incomodava com as variações do caminho que seguia; aspirava a plenos pulmões o ar frio, impregnado do odor vegetal do bosque próximo, e deixava vaguear também o pensamento.

Pensou primeiro no pai, cuja inexplicável tristeza há tanto tempo a afligia profundamente.

Uma grande piedade a invadiu. Que teria ele? Que preocupação lhe roubava assim a energia e a saúde? Que poderia ela fazer para aliviá-lo?

A estas perguntas, tantas e tantas vezes repetidas, não lhe acudiam respostas, e, influenciada pela beleza do sol, que se escoava agora em pulverizações de ouro por entre as folhas amarelecidas, seu espírito abandonava deliberadamente este assunto triste e seguia o rumo de Constantinopla, quase sem que ela desse por isso.

Curt retomava-lhe inteira posse do pensamento, e, evocando saudosamente a sua bela figura cavalheiresca, com um espanto sempre renovado, sentia quanto o amava, quão definitivamente lhe pertencia.

"Querido Curt!" Havia um mês que, afrontando os riscos da demissão e da fadiga, ele a viera visitar! Dois meses, quase três, que partira, e assim, de mês em mês, de dia em dia, de hora em hora, passaria o tempo, esse tempo que afinal parecia curto, e soaria afinal a hora abençoada de ser dele!

"Ser dele!" Nora, na sua inocência, não podia compreender bem o que "ser dele" significava em suma; mas no segredo de sua alma enamorada tinha a presciência confusa de uma comunhão de ideias tão íntima e tão funda, unindo-os indissoluvelmente um ao outro, que todo o seu ser anelava indefinidamente por esse instante.

Como o amava! Com que satisfação lhe recordava as frases, uma a uma, esmerilhando-lhes as intenções ocultas e emprestando

a todas um sentido misterioso e encantador que lhe fazia bater o coração mais apressadamente.

Mas o passado, por mais doces que lhe fossem as recordações, e o presente, por mais consolador e sossegado que se mostrasse, já não lhe bastavam à imaginação.

Embrenhou-se no futuro, e nas asas do sonho arquitetava sua felicidade, segundo os desejos que lhe palpitavam no coração. E Nora não seria mulher, e Nora não seria filha dessa raça prática e ativa, que um sangue tão novo lhe pusera nas veias, se não se deixasse prender um pouco pelo lado material dessa felicidade. O enxoval, a festa do casamento, a casa que habitaria, a vida deliciosa que levariam depois de casados, tudo isso desfilava na sua imaginação, iluminada pelo amor, num halo de visão. E os projetos sucediam aos projetos. Com que orgulho não usaria o nome... E a essa coroa de condessa, com que elegância não se propunha ela fazê-la brilhar na sociedade!

Curt tinha os mesmos gostos, viveriam unidos, trabalhando e distraindo-se juntos; sentia-se com forças suficientes para conquistar a condessa e contava com a sedução de sua mocidade e o prestígio de sua fortuna para se impor nesse meio aristocrático, onde a princípio haviam de considerá-la intrusa, como ela muito bem o sabia.

Que lhe importavam, porém, a condessa, a aristocracia e o mundo, contanto que sentisse a protegê-la contra tudo isso o amplexo forte dos braços de Curt?!

Quando se ama e se sonha, o tempo passa com a celeridade do raio, assim, Nora só percebeu a demora de sua longa ausência, quando Devil estacou inquieto e nervoso ante uma pontezinha meio

arruinada que, galgando a torrente, fazia comunicar a estrada com um atalho do parque.

Já teria passado há muito a hora do almoço. A madrasta, cansada de esperar, almoçara sozinha; Jack recolhera-se a *nursery*. Realmente, era fora de propósito esse devaneio sem fim!

Para recuperar o tempo perdido, quis atravessar a ponte movediça; mas, fosse receio do animal, fosse algum obstáculo imprevisto do terreno, a verdade é que Devil tropeçou bruscamente e teria rolado na margem em declive, se Nora, por uma oportuna manobra de perfeita cavaleira, não o tivesse feito recuar prontamente.

O animal deu um relincho assustador, que, sem que ela o pudesse explicar, a fez estremecer dos pés a cabeça. Só então notou a tristeza do lugar em que estava. Era um sítio úmido e deserto, que confinava com os cantos abandonados do parque. O riacho corria lá em baixo entre pedras com um barulho estrepitoso e ameaçador, a água que levava era escura e barrenta, e pelas margens em escarpa apenas se viam sinais de vegetação.

Nora sentiu um calafrio; animando Devil com a mão e com a voz, obrigou-o a atravessar a ponte e penetrou no parque por uma passagem dissimulada no muro, entre plantas agrestes.

Nunca viera a esse lugar e, sem saber por que, levava dele uma penosa impressão; pareceu-lhe que havia de exercer sobre ela uma influência funesta; um pressentimento mau apagou-lhe de repente a alegria das luminosas esperanças que estivera toda a manhã evocando.

Fustigou Devil com uma chicotada, que estalou no ar, e, enveredando por um atalho, chegava a casa meia hora mais tarde,

vermelha do galope desenfreado que empreendera para mais depressa fugir à melancolia opressora daquele recanto, que tão singularmente se lhe havia gravado na memória.

Suas previsões não a tinham enganado. D. Emília almoçara nos seus aposentos, donde ainda não saíra, e Jack, depois do costumado passeio pelo jardim, fora passar a sesta na *nursery*.

A casa estava, pois, sossegada. Nora, tendo entregado Devil aos cuidados do estribeiro, atravessou rapidamente o hall e dirigiu-se aos vestíbulo da escada; estacou, porém, tomada de súbito receio, quando, pela porta entreaberta do corredor, avistou na sala de fumar, sentado junto à mesa de escrever, com a cabeça enterrada nas mãos, a pessoa que ela menos esperava encontrar: seu pai!

Era coisa tão extraordinária estar Carsten a essa hora em casa, que uma repentina angústia lhe confrangeu o coração.

Sentiu que a desgraça entrara em casa e que essa atitude de inexprimível abatimento era a confirmação das infundadas apreensões que, havia meses, a inquietavam dolorosamente.

Nora queria bem ao pai. Ele fora a única afeição de sua infância, o ídolo de sua adolescência.

Tinha uma espécie de remorso de que o novo amor que lhe entrara na alma tivesse diminuído essa exclusiva predileção, e, para que ele não percebesse a diferença, fazia o possível por mostrar-se mais terna com ele.

Dividia-os ultimamente uma influência oculta; mas essa passageira divergência desapareceu como por magia, ante a aflição que se revelava no acabrunhamento daquele corpo como que vergado a um peso superior às suas forças.

Nora entrou num ímpeto irrefletido, que lhe fez atirar sobre o móvel mais próximo o chicote e as luvas, e, sem ter tempo de tirar o chapéu, correu a abraçar carinhosamente o pai.

__ Que tem, meu pai, que tem? __ Murmurou, beijando-lhe sofregamente o cabelo e as mãos, como o fazia em pequena.

Alfredo não respondeu; parecia não ter ouvido; continuava imóvel, a cabeça nas mãos, fitando estupefato o quadro de papel esverdeado, onde Nora tacitamente adivinhou um telegrama. Não a tinham enganado os seus pressentimentos; era uma notícia má!... Apertando mais a cadeia amorosa de seus braços, Nora redobrou de instâncias.

Há quanto tempo não falava assim ao pai? Não o saberia dizer; Alfredo tratava-a ultimamente com tamanha frieza, que não lhe permitia nenhuma expansão mais meiga. E como permanecesse silencioso, ajoelhou-se-lhe aos pés para se por à altura dele, dizendo-lhe em frases ardentes como era grande o seu amor por ele e decidida a tudo a sua dedicação. Suplicou-lhe entre beijos que tivesse confiança nela, que lhe dissesse, ao menos em parte, a causa de sua mágoa. A confidência alivia sempre tanto! O que não se diz, o que não se promete nesses momentos de angústias sem nome, quando o sentimento domina a razão, e tudo o que não seja o alívio imediato do ente amado desaparece ao embate do coração?

Nora falava com a eloquência calorosa de sua angústia. Adivinhou que provinha desse telegrama, cujas cifras e algarismos eram ainda para ela um mistério, a dor que tão de chofre abatia esse forte que, até então, fora Alfredo Carsten.

O coração não a enganava; no telegrama, recebido momentos depois de sua saída para o passeio, o diretor recebera de Landolfo

a notícia da falência da casa bancária, da fuga do banqueiro e, por conseguinte, de sua ruína quase total. “Era preciso __ Dizia o secretário! __ Arranjar quanto antes dinheiro para manter a vida do Circo”.

O golpe fora tão fundo para Carsten, que o prostrara ali sem ideias ante o telegrama fatal, esquecido das horas, alucinado de dolorosa surpresa. Na confusão de seu cérebro, trabalhado já pelas insidiosas palavras de Landolfo, só uma ideia sobrenadava, fixa e lancinante, à qual se agarrava, com o desespero de um afogado: se ela quiser, poderá salvar-me!

E Carsten levantou a cabeça, descobrindo num gesto de vencido, o rosto desfeito, onde os olhos tinham perdido a expressão e quase a vida.

__ Se alguém pode salvar-me... és tu, minha filha! __ Disse com voz fraca, uma voz quase de criança, que ecoou como um gemido no coração da menina.

__ Eu! __ Exclamou Nora, atônita, encarando com indizível emoção esse semblante envelhecido, onde em vão procurava a expressão de energia viril do antigo Carsten. Mas, lembrando a fortuna da mãe, que lhe constituía o dote, acrescentou com frenética vivacidade:

__ Quer falar de meu dote, papá? É dele que se recorda e que não ousa empregar nestes momentos difíceis?! Oh! meu querido, queridíssimo pai, por que hesitar? Tudo o que tenho não foi seu antes de ser meu? Disponha de tudo, se isto o pode auxiliar; disponha de mim, que estou aqui a seus pés, pronta a fazer o que quiser e julgar mais necessário!

Carsten abaixou a cabeça como um culpado.

__ O teu dote já não existe, minha filha... Fui obrigado a sacrificá-lo... __ Confesou com intraduzível expressão de humilhação.

Nora estreitou-lhe o pescoço estremecidamente. Nem de longe lhe roçou na mente a ideia, talvez justa, de um abuso de direito no emprego desses bens que não lhe pertenciam. Dominava-a uma compaixão irrefletida e expansiva por esse pai, ainda ontem tão firme e superior, que um revés de fortuna tornava de improviso fraco como um doente.

__ Como fez bem! __ Exclamou, estreitando-o com força de encontro ao peito. __ Como lhe agradeço ter-se lembrado desse meu pobre dinheiro, que seu trabalho tão carinhosamente me ajuntara! Como o aprovo, meu querido pai! Mas será a ideia da perda de meu dote... __ Continuou, tomando-lhe as mãos. __ que assim o aflige e o desconsola? Fale-me com franqueza, eu sou a filha de seu coração, aquela que mais perto está da sua confiança; desabafe comigo sem receio!

Carsten fitou-a com espanto. Seria possível que ela não compreendesse o que seria para seu futuro a perda desse dote? Seria possível que ela fosse desinteressada até esse ponto?

Carsten teve como um remorso do sofrimento que ia causar àquela menina, que com tanto abandono erguia para ele seu claro rosto, que o mais puro afeto transfigurava. Teve, um segundo, a boa tentação de não falar, mas as palavras de Landolfo voltaram-lhe imperiosamente ao ouvido. Era preciso!

Ergueu-se com esforço para dar mais força e mais solenidade ao que ia dizer, e Nora, sem saber por que,

imitou-lhe o movimento, aprumando-se instintivamente como para pôr-se em defesa.

__ Minha filha... __ Disse ele, apoiando-lhe ao ombro a mão pesada, num gesto que era o esboço de uma ordem. __ Este telegrama anuncia-me a minha ruína. Há muito que os negócios da Companhia não vão bem. Deus é testemunha de como empreguei todos os meios ao meu alcance para evitar a catástrofe que hoje me fere de cheio. O destino foi mais forte. Tive de sacrificar teu dote, minha pobre filha, e, sacrificando-o, julgava poder mais tarde reavê-lo integralmente. Não o quis o destino! Se alguma consolação me resta desta irreparável imprudência, é a ideia de que isto acontecera talvez para o teu bem, Nora... tu nunca poderias ser dele!

Nora empalideceu um pouco; sentiu que algo de terrivelmente doloroso se aproximava, e um instinto secreto a impelia a evitar de qualquer maneira as palavras que o pai ia pronunciar.

__ É a Curt que se refere? __ Perguntou, franzindo num esforço de compreensão a linha pura das sobrancelhas. __ Pensa talvez que ele não me queira pobre? Oh! como o desconhece, meu pai! Curt nunca se lembrou de meu dote! __ Afirmou altivamente, com o ingênuo orgulho de seu amor correspondido.

__ Tu não sabes o que dizes, criança! __ Replicou Carsten, num crescendo de impaciência, que lhe punha na voz um tremor anormal. __ Quando, contrariamente às minhas ideias e aos meus desejos, te prometeste ao conde e, com a independência que sempre te concedi, lhe empenhaste para sempre a tua palavra, eu só tive uma preocupação: construir, entre ti, a filha plebeia de um diretor de circo, e o aristocrata que escolheras, uma ponte de ouro, por onde pudesses chegar até ele, de cabeça erguida e

desassombradamente. Queria tanto cobrir-te de um esplendor de riqueza, que eles não tivessem já o direito de lembrar o teu nascimento obscuro, nem a tentação de te humilhar. E, separando-te de mim para toda a vida, entregava-te tão rica, tão rica àquele que havias preferido, que ao desposar-te era ele o obrigado - não obstante seu nome! – não obstante seu título. Negou-me a sorte a ventura de realizar este sonho, e se persistires, Nora, não é a filha de um boêmio que lhe darás por esposa, é a filha de um homem arruinado, que aos olhos dele não passará jamais de um embusteiro...

__ Meu pai, meu querido pai! __ Implorou a menina, juntando as mãos aflitivamente. __ A dor fá-lo desvairar. Não conhece Curt; não sabe quanto é desinteressado e generoso. Diga-lhe tudo, exponha-lhe sem rebuços a dificuldade da situação! Eu tenho a certeza de que ele lhe fará justiça. Curt é nobre entre os mais nobres; não é por uma vil questão de dinheiro que há de vacilar, ele que está resolvido a desprezar empecilhos bem mais graves.

__ Vil questão de dinheiro! __ Repetiu Carsten com um sorriso de amargo sarcasmo. __ És ainda muito inexperiente, minha pobre filha! Pois não sabes, não compreendes que é o dinheiro o único motor das coisas e das paixões humanas? Nunca te passou pelo espírito que, se não tivesses a aureolar-te os dezoito anos essa fama de grande dote que te deu a tua nacionalidade, não verias nunca a teus pés esse conde, para quem representas o custoso sacrifício de velhos princípios? Nunca imaginaste o que seria para ele o casamento contigo, em relação à sociedade e à família?

Nora apoiava-se com ambas as mãos à mesa de escrever; fizera-se pálida como a morte, e sentia do lado esquerdo uma dor

aguda e funda, como se lhe abrisse desapiedadamente no coração uma ferida dolorosíssima.

__ Em que fundas estas loucas ilusões? __ Prosseguiu Carsten, com um arrebatamento que a resistência da filha fazia assustadoramente recrudescer. __ Que esperança te anima depois dessa partida injuriosa para o estrangeiro? Que argumentação pretendes invocar contra a afronta desse público abandono? Não te basta que a família dele te humilhe com a imposição desse noivado secreto? Não te basta o desprezo da mãe dele? Queres provavelmente aguardar ainda que ele próprio, cansado de delongas, venha restituir essa palavra que não tardará a pesar-lhe como um jugo?

__ Você se engana, meu pai! __ Interrompeu resolutamente Nora, levantando para ele seus largos olhos, que a emoção escurecia. __ Curt não me esquece! Faz hoje precisamente um mês que veio de Constantinopla trazer-me numa visita rápida a afirmação do seu inabalável afeto. Ele assegura-me o seu amor; eu creio nele. __
Concluiu com veemência mal contida, levantando a cabeça numa bravata de confiança juvenil.

__ Veio ver-te às escondidas... __ Continuou o diretor, cada vez mais exaltado, dando a esmo uns passos pelo aposento. __ E tu aceitaste a injúria deste segredo? E julgaste tão correta esta visita, que não te atreveste a contá-lo a mim, teu pai e teu maior amigo? Nora, eu não te reconheço já! O amor desse homem faz-te perder a cabeça. Nem a mais ínfima das bailarinas do circo admitiria esse comportamento. O que tens de inferior ou de vergonhoso, para que ele não tenha a coragem de confessar o seu amor à face do

mundo? Nora, Nora, falas em desvario; mas, quem desvaria és tu, minha pobre filha, tu, a quem a loucura dessa paixão torna indiferente às mágoas de teu pobre pai!

__ Meu pai! __ Suplicou a donzela, num soluço abafado, tentando ainda lutar desesperadamente contra a irremediável desgraça que a ameaçava. __ Que tem Curt com a sua ruína? Bem sabe que nunca o tentei atrair, e que, se veio a mim, foi livremente, num impulso de alma que não se pode calcular. Por que me atormenta com a crueldade dessas suposições? Que lhe fez ele, para assim o tratar tão duramente? Deixe Curt, meu pai, e diga-me, pois é com o coração que estou pronta a atendê-lo, diga-me depressa que posso eu fazer para serví-lo nesta tristíssima emergência?!

Carsten estacou bruscamente diante dela. Toda a sua fisionomia exprimia uma resolução inexorável.

__ Vou tirar a prova do que valem os teus protestos de dedicação filial. __ Disse vagarosamente, como para fazer penetrar mais fundo o sentido das suas palavras. __ Repetes a cada instante que estás pronta a fazer por mim o que de ti exigir; chegou a hora de pores em prática essa teoria. Vês este telegrama? __ Continuou animando-se ante a incompreensão admirada dos grandes olhos que tão confiadamente o fitavam. __ É a notícia da minha ruína, é a desonra; pois, para sustentar a luta de morte empreendida contra o meu rival, fui obrigado a fazer grandes dívidas. Seduzidos pela promessa de maiores ordenados, os meus melhores artistas abandoram-lhe; é o desmancho de uma Companhia que foi o fim exclusivo de minha existência. __ É a morte de uma obra que resume o esforço de minha vida, a paga de meu trabalho insano. O

público, atraído pela novidade dos espetáculos do outro, abandona-me os arquibancos. Nada mais caprichoso do que o público! Se lhe apresentarem um elemento novo, fresco, imprevisto, afluirá novamente às representações com a mesma facilidade com que hoje lhes vira as costas. Este elemento está em tuas mãos, minha filha, e só depende de tua vontade.

E como Nora continuasse a fitá-lo com verdadeiro assombro, compreendendo cada vez menos aonde queria chegar o pai, pensando assustadoramente num acesso de loucura, travou-lhe das mãos, tornando, num arrebatamento crescente:

__ Nora, eu estava hoje à janela; vi a habilidade com que domaste Devil, e, tremendo por tua vida, assisti ao salto do muro e à corrida vertiginosa, que a qualquer outra cavaleira teria infalivelmente lançado em terra. Tu não podes saber, Nora, tu não poderás jamais compreender o que foi para mim esse espetáculo! Um orgulho desmedido de ter-te por filha enchia-me o coração. Ah! tu não suspeitavas o que eras naquele momento, criança! Tu não suspeitavas que eras a imagem radiosa da minha morta juventude, a personificação do sonho irrealizado de minha paternidade, frustrada nas suas mais legítimas esperanças, o que se passava contigo. Porque, quer queiras, quer não, herdaste de mim o brio incomparável da atitude, a negligência na coragem, a maestria do manejo. Parece teres sido criada propositadamente para a equitação. Quer queiras, quer não, tens no sangue essa indestrutível paixão pelo exercício e pelo *sport*, que te apruma o corpo com uma linha de tão suprema arrogância e te levanta instintivamente a cabeça num meneio de desafio. Nora, minha filha, não é teu pai que te fala neste instante; é o homem, o profissional, é

o crítico... afirmando-te insuperável em nossa arte! Teu salto de hoje foi prodigioso. Tens para vencer não só o dom natural e a ciência de montar, mas também o deslumbramento de tua mocidade em flor, e, acima de tudo isso, o reclamo sem rival de tua beleza. Nora, consente em reproduzir no circo o salto desta manhã; tenho a certeza, afirmo e juro, que eclipsarás num minuto todas as Lisah Star do universo! Consente em aparecer na singeleza daquela amazona escura sem o enfeite postiço das fantasias do palco, simplesmente na tua graça primitiva e arisca, nesse clarão feliz, que te irradiava hoje dos olhos, e estará realizada a profecia que outrora te fizeram: serás a primeira entre as primeiras!

Nora compreendia afinal aonde queria chegar o pai! Uma expressão de horror dilatava-lhe as pupilas, e foi num impulso irreprimível de indignação que, desvencilhando-se-lhe das mãos, lhe gritou, numa revolta de toda a sua alma, de todo o seu ser vibrante de indomável indignação.

__ Eu, no circo?!... Nunca, nunca, nunca!

Fez-se um grande silêncio. Realizava-se afinal o que fora outrora o receio inconfessado da pobre Helena. Aí estavam de pé, face a face, como adversários, quase como inimigos, num desafio sacrílego, que lhes trazia aos lábios palavras de irreparáveis consequências, esse pai e essa filha, que a doce morta havia querido unir tão estreitamente!...

__ Era o que eu já esperava! __ Disse enfim o diretor friamente, cruzando os braços sobre o peito. __ Desde o dia em que dei meu consentimento para a tua entrada nesse colégio, onde te deram uma educação que fez de ti uma estrangeira, senti que deixavas de ser minha. Tua afeição não passa de palavras, tua

dedicação é nula, como nulo é o interesse que ligas ao que me diz respeito. Tu já não tens o direito de te chamares minha filha!

__ Oh! meu pai, meu querido pai! __ Suplicou Nora, dando um passo para ele e torcendo convulsivamente as mãos no auge de uma intolerável aflição. __ Você não pode querer isso! Não sabe o que me impõe! ... Peça-me tudo, tudo o que quiser, menos isso, menos isso... A pobreza não me põe medo. Sou jovem, instruída, forte; trabalharei para ajudá-lo, abandonarei tudo para segui-lo. Serei sua, só sua; não há humilhação que não esteja pronta a arrostar, nem fadigas que não possa suportar. Procurarei uma colocação... darei lições... farei... tudo o que estiver na medida de minhas forças... mas não me peça isso! Não me fale no circo! Não é possível! Meu pai mesmo deve compreender que não é possível!

__ É o único meio que tinhas para salvar-me da desonra e da ruína! __ Respondeu implacavelmente o diretor. __ Tudo o mais são palavras... Palavras ocas como o sentimento que as inspira. De que me valeriam teus magros lucros de professora no sorvedouro em que se abisma agora a minha fortuna e o meu nome? São puerilidades! A verdade, a dura, a indiscutível verdade é que teu orgulho é maior que teu afeto. Fica com teu orgulho, e vota teu pai ao desespero e à ruina.

__ Lembre-se de minha mãe. __ Gemeu Nora, apertando com as mãos o seio arfante de emoção. __ Lembre-se da promessa que lhe fez no seu leito de morte!

__ Tua mãe? __ Repetiu Carsten, num riso terrível. __Não tens o direito de invocar-lhe aqui o nome santo. Tua mãe, se aqui estivesse, renegar-te-ia, filha ingrata; ela, para quem toda dedicação era pequena, não hesitava diante de nenhum sacrifício! Por mim

rompeu tua mãe com toda a sua família, o seu meio, a sua classe, pois eu já era nesse tempo o diretor de circo que a tua vaidade sempre em mim desprezou silenciosamente; por mim sacrificaria a vida, se eu lha pedisse. Não fales em tua mãe; tu não sabes quão desprendidamente me amou! Se ela estivesse hoje aqui, seria a primeira a querer salvar-me da ignomínia e da miséria; teu egoísmo não poderá jamais compreender o que foi para mim tua mãe.

Nora cobriu o rosto com as mãos. No torvelinho de morte em que se agitavam seus pensamentos, alguma coisa a impelia, entretanto, à resistência, e no fundo do coração soluçava baixinho uma voz de infinita amargura: “Antes morrer, antes morrer!”

__ E se teu pai te suplicasse? __ Exclamou violentamente Carsten, que este silêncio animava, segurando-a pelos ombros e chegando-a irresistivelmente para si. __ Se o teu pai se ajoelhasse a teus pés e de mãos postas te rogasse: Nora, minha filha adorada! É preciso que saibas toda a verdade; tu és o meu último refúgio; se não te decidires a agir, teu pai está perdido!

Nora fechou os olhos para não ver esse rosto convulsivo que desesperadamente se curvava para ela; mas a voz, essa voz suplicante, rouca, mudada, essa voz de agonia... como dolorosamente a ouvia, meu Deus!

__ Antes morrer, antes morrer! __ Balbuciou numa voz sem timbre, que era como a voz de sua própria angústia a falar-lhe pelos lábios.

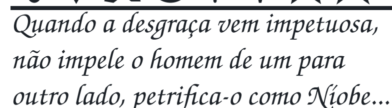
Carsten deixou cair os braços, sua fisionomia, de uma palidez de cinza, carregou-se assustadoramente.

__ Tens razão! __ Respondeu em tom sufocado. __ Só a morte poderá abater o teu orgulho inexorável! __ E, sem um gesto, saiu

precipitadamente do gabinete, sem olhar sequer para Nora, esmagada ao peso de sua dor.

*   *   *   *   *

✣✡✰➍✷✹✯✭ ✤⑩✣✰★✭ ✱✹✰★✷✭



Quando a desgraça vem impetuosa,
não impele o homem de um para
outro lado, petrifica-o como Níobe...

NORA nunca soube quanto tempo permaneceu ali. Talvez minutos, horas talvez. Na desorientação de seu espírito magoado, no atordoamento em que a haviam deixado as últimas palavras do pai, perdera a noção do tempo, do lugar, da vida exterior.

Era como se um turbilhão a houvesse arrebatado, um turbilhão de dor e de vergonha, em que soçobrava a confiança que até então depositara cegamente nesse pai idolatrado; um turbilhão em que, cerrando os olhos na vertigem fatal das grandes quedas, sentia-se arrastada para o abismo, um abismo em que se submergiam inexoravelmente sua honra e sua felicidade.

Com a cabeça reclinada nas mãos, debruçada sobre a mesa de trabalho, onde tanta vez surpreendera o pai com uma visita matutina ou vespertina, Nora procurava em vão reunir e coordenar suas ideias.

Fazia esforços para recordar o que o pai lhe dissera, mas a violência da emoção que a revoltava era tamanha, que não lhe permitia a lembrança nítida dos fatos e das palavras.

Tinha a cabeça em fogo e os olhos secos e brilhantes como num acesso de febre; sentia no cérebro uma confusão estranha; tudo lhe parecia tão obscuro, tão incrível, tão complicado e tão doloroso!

Tão doloroso, que se soergueu inconscientemente, como procurando um lenitivo à tortura moral que a abatia; relanceou em torno de si um olhar vago e espavorido, e, encontrando o telegrama atirado sobre a mesa, entrou de novo na realidade.

Compreendeu que não sonhara e que todo esse sofrimento que lhe arrancava agora esse gemido de protesto involuntário, era o início, o esboço, por assim dizer, de outros sofrimentos muito maiores e mais profundos, que ela sentia aproximarem-se às ocultas, inevitavelmente... Como teria tido o pai aquela ideia? Quem lha sugerira? Um pressentimento insinuava-lhe o nome de Landolfo e ao mesmo tempo uma energia invencível a impelira à resistência contra súplicas, exigências, ameaças, exprobrações, promessas, à resistência louca, desesperada, contra o que considerava uma degradação e uma desonra. Nora passou as mãos frias pela testa, dando a esmo dois ou três passos pelo escritório, como para retomar posse de sua personalidade. Avistou de súbito a porta escancarada e, com medo de ser surpreendida de um momento para outro, fugiu precipitadamente pelo corredor, subindo a correr a escada em direção a seu quarto. Não encontrou ninguém no caminho, a casa parecia deserta e reinava um silêncio profundo.

Arquejando ainda da carreira, Nora parou indecisa no meio do aposento, depois de ter dado duas voltas à chave, como se receasse que viessem perturbar a expansão de sua mágoa. Agia maquinalmente, impulsionada pelo sentimento natural a todo ente

que sofre, de ocultar aos olhos de estranhos a dor que lhe abate por um momento a vontade e o orgulho; o mesmo sentimento que faz esconder no fundo dos bosques o animal ferido de morte, esse pudor do sofrimento, que é a última coragem dos vencidos.

Nora estava só, inteiramente só. Em toda a casa os objetos familiares pareciam sorrir-lhe acolhedoramente, mas o luxo “rebuscado” dessas coisas, que suas mãos de herdeira rica manejavam tão distraidamente, nada podiam contra a imperiosa angústia que lhe torturava agora todas as fibras da alma. A sensação de seu isolamento acabrunhou-a; sentiu-se órfã, como jamais se havia sentido e, no desespero de se ver assim abandonada, sozinha ante a gravidade dos acontecimentos, voltou-se instintivamente para o lado do
único ente que a amava no mundo, desde que seu pai se lhe tornara um inimigo; voltou-se para o lado da secretária, onde se via o retrato de Curt entre dois floridos vasos de cristal.

Era um retrato antigo, onde Curt nem sequer estava só. Era um grupo alegre de rapazes tirado por amador, um grupo onde a pose propositadamente galhofeira dava à fotografia um ar de troça desenvolta e jocosa, onde Curt aparecia em ponto pequeno, rindo muito sob as abas exageradas de um grande chapéu à espanhola, tendo envolvido os ombros e o busto numa vistosa toalha, para mais acentuar o romanesco da fantasia improvisada.

Nora, porém, na aflição do momento presente, não dava atenção a essas minúcias, que tanto a haviam feito rir outrora em Bonn; o que ela só via nesse retrato era Curt, esse Curt que, se ali estivesse, talvez a pudesse salvar; esse Curt em quem confiava,

esse Curt que amava e cuja imagem risonha ela agora levava apaixonadamente aos lábios.

As lágrimas jorravam dos olhos de Nora. Lágrimas de desespero, de indignação, de fraqueza; lágrimas amargas, mas benfazejas, pois que lhe aliviavam um instante o peso insuportável do coração. Porque, afinal de contas, ela não passava de uma criança, de uma criança desconsolada, que precisava do refúgio de dois braços amigos e do abrigo de uma afeição segura e forte, a que pudesse pedir um conselho e um conforto.

Nora abandonou-se alguns instantes à expansão de sua mágoa. Chorou desesperadamente durante uns dez minutos, mas a energia natural de seu caráter reagiu em breve.

Enxugou o rosto e, pensando que a imprevista gravidade das circunstâncias lhe permitia transgredir as condições impostas pela condessa, decidiu escrever a Curt, expondo-lhe minuciosamente os acontecimentos e pedindo-lhe com simplicidade seu parecer.

Esta resolução, obrigando-a a analisar e a descrever as causas de sua dor, acalmou-a quase por completo. Sentou-se à secretária, preparou pena, tinta e papel, mas a emoção da cena do escritório agitava-a demasiado; tinha as mãos tão trêmulas, que a caneta escapava-lhe involuntariamente dos dedos, e só conseguiu escrever duas palavras à custa de muito esforço: “Meu Curt...”. Não pôde continuar, não tanto pelo tremor nervoso das mãos, como por um ruido insólito, que ecoou no corredor e na escada, perturbando, mau grado seu, o silêncio de sua solidão.

Nora levantou-se, tomando a defensiva; pareceu-lhe distinguir o seu nome num chamar imperativo e aflito no meio de uma vozeria, em que reconhecera o soprano agudo da madrasta, de passos

apressados e interpelações que se cruzavam. Não se achava em condições de receber pessoa alguma, e, decidida a não abrir, fosse a quem fosse, dirigiu-se de novo à secretária.

Um bater violento na porta obrigou-a a retroceder.

__ Miss Nora! __ Gritou uma voz, cuja mudança não lhe permitiu reconhecer quem era. __ Miss Nora, seu pai não está aí? ... Abra depressa, preciso falar-lhe.

A menina hesitou um segundo, era-lhe penosíssimo ser vista naquela ocasião; mas, diante da insistência do bater, do chamar e sobretudo da agitação que revelava o seu invisível interlocutor, decidiu abrir a porta.

__ Que deseja? __ Perguntou com dignidade altiva, que se transformou em frieza, apenas reconheceu na penumbra do corredor o perfil adunco de Landolfo.

O secretário fitou-a com espanto; era tão grande a alteração de seus traços e tão pouco natural vê-la àquelas horas naquele pesado traje de amazona, que adivinhou facilmente haver ocorrido qualquer coisa de muito grave.

__ Onde está seu pai, miss Nora? __ Repetiu, relanceando o olhar curioso por esse lindo quarto de donzela, tão luxuosamente elegante na sua simplicidade voluntária e artística. __ Meu telegrama deve tê-lo abalado muito. D. Emília disse-me que estava em sua companhia, quando eu cheguei; não quis interrompê-los. Ninguém o poderia consolar e fortalecer melhor. Como o deixou? A situação é tão grave, que só me atrevi a falar-lhe depois das expansões familiares. Onde está ele agora?

Nora fez um gesto vago; seu rosto desfeito, onde a vermelhidão das pálpebras e o palor das faces indicavam lágrimas

recentes, teve uma contração de angústia estranha e dolorosa.

__ Não sei. __ Confessou baixinho, como a custo.

__ Não sabe? __ Retorquiu Landolfo com dureza, não pensando, na agitação que o arrastava, que entrara no quarto sem ser convidado, e falava à donzela num tom de censura absolutamente descabido. __ Não sabe para onde foi seu pai, e deixou-o ir sozinho, depois da terrível notícia que recebera? Deixou-o ir, sabendo de que excessos é capaz num momento de desespero, cuja causa é a ruína imediata e a desonra próxima? Realmente, eis o que não abona muito o seu grande amor filial! __ Acrescentou com uma ironia que penetrou como um dardo no coração de Nora.

A menina fez-se ainda mais pálida; havia tantas entrelinhas, tanta assustadora reticência nas palavras do secretário, que um temor incrível a invadiu.

Dominando a repugnância que lhe causava Landolfo, encarou-o de repente, recuando um pouco sob a insistência de seu olhar perscrutador, e, esquecendo na ansiedade da hora presente o que era e o que dela pretendera sempre aquele homem, respondeu quase humildemente com uma voz entrecortada, onde se adivinhava a angústia sem nome de uma afeição em alarma.

__ Não sei para onde foi meu pai... Tivemos uma cena violenta... Uma cena terrível... Estava muito agitado quando deixou o escritório. Creio que tomou o rumo do jardim. Mas que pensa? Que receia. senhor?! __ Exclamou com impetuosidade diante do ar assustado de Landolfo. __ Diga-me, por piedade, que pensa! __ Implorou, aproximando-se dele e pousando-lhe suplicantemente a mão no braço.

Este gesto de familiaridade, que o receio arrancava à menina desorientada, fez sorrir orgulhosamente o secretário. Como sentia vencida essa orgulhosa que até então o tratara como um lacaio, como a sentiu à mercê de uma palavra, de um movimento seu!

Por uma perversidade, de que ele mesmo talvez não tivesse consciência, divertiu-se em aumentar a aflição que tão inesperadamente fazia da soberba Nora uma criança submissa e medrosa.

__ Seu pai foi para o jardim depois de uma cena que a senhora mesma qualifica de terrível? __ Repetiu asperamente, cravando um sarcástico olhar no súplice semblante que para ele se erguia. __ E a senhora deixou-o ir?... Abandonou-o a si mesmo no momento em que ele mais precisava do conforto de uma companhia amiga, quando, às portas da ruína e na iminência de uma derrota escandalosa, não tinha esperança senão no afeto e na dedicação da família? Nunca pensei que uma filha fosse para o seu pai - e um pai desses! - de tão refinada crueldade na hora da desgraça... Quando cheguei, fui ter com a diretora, que ainda não sabia de nada, e, como lhe contasse pouco mais ou menos a catástrofe e o telegrama que enviara a seu pai, ela disse-me que nós nada tínhamos a fazer no escritório, pois que a senhora lá estava com ele, segundo lhe informou um criado. Pobre d. Emília! Supunha, como eu, que ninguém o saberia animar melhor do que a filha!... Como se enganou!... E como todos nós teremos razão em dizê-la responsável das tristes consequências possíveis. __ Acrescentou, sem compaixão do pobre rostinho angustiado que, suas palavras duras faziam empalidecer cada vez mais.

Nora abaixou a cabeça sentindo-se culpada. Abandonara o pai, era a verdade! Abandonara-o na crise mais grave de sua existência, na hora em que ele mais necessitava de seu afeto, no momento em que pela primeira vez fazia apelo à sua dedicação. Só pensara na sua própria ventura, e, na estreiteza de seu egoísmo, repelira-o e com que implacável tenacidade! - quando ele implorava com aquela voz surda e ardente, que ela nunca mais esqueceria!

__ Oh! Meu Deus, Meu Deus! __ Balbuciou baixinho, no desvario da suposição terrível, que lhe fazia perder a cabeça. __ Vamos procurá-lo. __ Continuou num assomo de decisão, característico ainda de sua natureza enérgica.

__ Venha comigo, senhor, por piedade, venha comigo; vamos procurá-lo ambos! __ Implorou, ajuntando as mãos num gesto de súplica quase inconsciente, esquecendo por completo o que até então a separava desse homem.

__ Vamos! __ Concedeu o secretário, sentindo-se, mau grado seu, invadir também pelo terror das claras pupilas que o fitavam; __ Mas o que suceder, lembre-se a senhora que recairá sobre sua pessoa.

Nora já não o ouvia. Arregaçando vivamente a longa cauda de amazona, que lhe atrapalhava o passo, desceu quase a voar a escada e, atravessando a correr o hall, ia dirigir-se para a saída, quando a madrasta lhe embargou a passagem.

__ Para onde vais, Nora? __ Perguntou d. Emília num tom de melodrama, fitando na enteada dois olhos de desolação.

A menina compreendeu pela atitude trágica da diretora que, se lhe dissesse a verdade, lhe daria um desmaio ou um ataque, coisas que essa prudente senhora tinha sempre em reserva.

__ Não se assuste, Emília... __ Disse precipitadamente para libertar-se desse importuno obstáculo vou à procura de meu pai, que foi dar uma volta pelo parque. Seria imprudência ir comigo, fraca como está. O sr. Landolfo acompanha-me. Fique, pois, sossegada; não há perigo nenhum. Espere-nos na varanda; voltaremos já.

Tendo tranquilizado assim o espírito inquieto de d. Emília, Nora precipitou-se para o jardim. Parecia ter asas nos pés; em poucos instantes percorreu e esquadrinhou o jardim, pomar, cavalariças, lavanderias, todos os lugares enfim onde por fantasia se pudesse ter escondido Alfredo Carsten. Chamava de vez em quando o pai em voz alta, num crescendo de aflição que lhe punha na voz um tremor de inexprimível angústia.

As maldosas palavras de Landolfo soavam-lhe sinistramente aos ouvidos:

“Ninguém sabe do que é capaz um homem, quando se vê às portas da ruína... Tudo recairá sobre a senhora!”

Que tudo recaísse sobre ela, que importava! Contudo que nada sucedesse a seu pai!

E pela sua imaginação exaltada desfilavam os casos lúgubres, ouvidos contar outrora ou lidos diariamente nos jornais, dos desgraçados sem conta que, por um revés da fortuna, voltam contra si mesmos a arma assassina.

__ Meu Deus, meu Deus! __ Suspirou Nora, parando um instante à entrada do bosque, depois das pesquisas baldadas no resto do parque. __ Seria possível que acontecesse tão horrível coisa?! Seria possível que Deus permitiria isso?

A menina afastou impacientemente da testa úmida de suor as madeixas em desordem e, como que impelida por uma força

superior, tomou resolutamente o caminho da estrada pela vereda do bosque.

Sem saber dizer por que, qualquer coisa a arrastava para os lados da ponte meio arruinada e da torrente impetuosa, cujas margens escorregadias e cujo aspecto melancólico tão profundamente a haviam impressionado pela manhã.

Um pressentimento dizia-lhe que era ali, que não podia deixar de ser ali.

E, guiada por essa presciência obscura e imperiosa, acelerava o passo num frenesi, que a alheava de tudo quanto não fosse a sua torturante ideia fixa, desprendendo com gesto violento a longa saia dos espinhos e dos ramos, onde se embaraçava.

Landolfo a seguia a custo; tentara fazer algumas observações sobre a ineficácia e a imprudência dessa carreira louca, mas ela não lhe respondia, fazendo somente com a cabeça um gesto de negativa colérica, que o obrigava a calar-se, compreendendo a inutilidade de seus protestos ante a força irresistível dessa vontade desenfreada.

Tinha as faces em fogo, a respiração arquejante, os olhos extraordinariamente brilhantes; a longa saia de amazona, que nem se lembrara de despir, embora a segurasse, embaraçava-lhe a marcha, emaranhando-lhe os pés ou prendendo-se às pedras e aos arbustos do estreito caminho agreste; tropeçava então, e para não cair segurava-se com força ao braço de Landolfo.

Essa familiaridade, que em outras circunstâncias teria enchido de satisfação a vaidade do secretário, deixava-o frio; percebia que esses gestos fazia-os Nora sob a pressão da espécie de

inconsciência em que se movia; nunca ele existira menos para ela do que nesse instante de abandono involuntário.

Chegaram à portinhola praticada no muro; ouvia-se já forte e ensurdecedor o ruído da torrente nas pedras do seu leito profundo.

__ Acredita realmente que ele tenha ido à cidade? __ Perguntou Landolfo, parando um segundo para tomar fôlego, e achando que na verdade o passeio já se estava tornando demasiado longo. __ Acho pouco provável, desde que ele me supunha lá.

__ Tudo é possível! __ Replicou Nora com obstinação, tentando sossegar a si mesma com esta afirmativa. __ Talvez o encontrássemos do outro lado. __ Acrescentou, aproximando-se da ponte movediça e sondando com olhar ávido as margens desertas do córrego.

Um grito lancinante saiu-lhe dos lábios; teve um estremecimento brusco, como se fosse cair, estacando depois imóvel, lívida, os olhos desmedidamente abertos, como se todas as forças vivas de seu ser se tivessem concentrado nessas claras pupilas, fascinadas agora por uma visão de horror.

__ Para trás, miss, para trás! __ Gritou Landolfo, segurando-a fortemente pelo braço. __ Este lugar é perigoso; pode cair e ferir-se mortalmente.

Mas a menina nem sequer o ouviu; com um empurrão violento desprendeu-se-lhe das mãos e num gemido surdo precipitou-se, ou antes, deixou-se escorregar pela encosta íngreme e pedregosa. A saia fez-se-lhe em pedaços nas asperidades do terreno, e Landolfo nunca pôde compreender como ela conseguira chegar abaixo sem

rolar na água espumante ou sem ferir-se gravemente nas pedras soltas da margem quase a pique.

Uma força superior a protegia; mas foi com as mãos em sangue que caiu de joelhos junto a um corpo humano meio submergido.

Não a haviam enganado seus pressentimentos!... O corpo que ali estava numa posição inverossímel, com a cabeça e um pouco do busto apenas em terra e o resto na água, esse corpo inerte que a torrente podia de um momento para outro arrastar e cujo semblante congestionado ela cobria de beijos veementes, esse corpo – talvez sem vida! - era Alfredo Carsten!

Como teria sucedido isto? Um passo em falso na ponte corroída pelo limo? Uma vertigem súbita, muito possível na agitação terrível que o dominava? Ou... a queda propositada, voluntária, para acabar de uma vez com o suplício da existência?

Esta hipótese, que para Nora já era uma certeza, superava naquele instante todo e qualquer outro sentimento.

__ Calma, calma! __ Aconselhou Landolfo, que descera cautelosamente até ela por um pequeno atalho, praticado alguns metros mais longe na encosta. Mas o tremor de sua voz e o susto, que se estampava em sua fisionomia, indicavam bem claramente que ele estava longe de sentir o que tão insistentemente aconselhava.

Com muito jeito, muito esforço e muita cautela, pois o menor movimento podia precipitá-lo na água, cuja corrente era verdadeiramente perigosa naquele sítio, pôde Landolfo, auxiliado por Nora, tirar aos poucos o corpo da água, levando-o em seguida

com mil precauções por entre as pedras até ao atalho por onde descera.

A subida foi penosíssima; além do volume do corpo e da sua inércia, as roupas encharcadas aumentavam-lhe o peso. A menina ajudava-o, mas suas forças eram diminutas; temor de caírem os três ou de deixarem cair o corpo tirava-lhes todo o sangue frio.

Afinal, depois de muito esforço, conseguiram chegar à estrada, junto da ponte, deitando no chão o corpo desmaiado.

Landolfo pos-lhe a cabeça entre os joelhos de Nora e, curvando-se, aplicou-lhe ao peito o ouvido atento.

__ Não está morto! __ Disse afinal, após dois ou três segundos, que pareceram séculos à pobre menina. __ Ouço distintamente bater seu coração. Tire-lhe o colarinho, desabotoe-lhe o colete e esfregue-lhe com força os pulsos. __ Continuou, levantando-se e respirando fortemente, como se lhe houvessem tirado do peito a opressão de um grande peso. __ É apenas uma síncope produzida pela queda, e que a imersão na água fria prolongou. Não se asssuste, miss Nora; o mal não é tão grande como supõe. Vou depressa a casa buscar socorro e prevenir a diretora deste... acidente. __ Acrescentou, fitando Nora com ar significativo. __ Porque isto não passa e não passará de um acidente. Algumas tábuas apodrecidas da ponte que se partiram, quando ele passava. __ Rematou, quebrando ele mesmo a pontapés a madeira carcomida para dar aparência de verdade à fábula que se preparava para inventar.

Nora mal o ouvia; obedecera-lhe maquinalmente quanto aos cuidados a dar ao pai, mas no desvario de sua alma uma ideia, que

era um remorso desesperado, sobrepujava todas as outras: fora ela a culpada dessa resolução fatal...

Fora ela que, pelo orgulho intratável com que lhe repelira as súplicas, pela dureza egoísta com que o abandonara, o impelira a esse ato de demência assassina! Com que horror não encarava agora seu procedimento!

__ Por minha culpa, por minha culpa... __ Repetia baixinho, apertando as mãos geladas do pai nas suas. __ Oh! meu pai, meu pai, abra os olhos, viva, consinta em viver e eu lhe juro que farei tudo quanto exigir de mim!

Esta promessa, que o remorso lhe arrancava nesse momento de angustiosa exaltação, murmurava-a Nora com os lábios, roçando-os na fronte inanimada de seu pai. E, fosse a mudança de posição e a violência da fricção, ou fosse apenas o calor daquele hálito a bafejar-lhe as faces e a força impetuosa daquele afeto a chamar por ele, a exigir-lhe a vida com uma energia irresistível, a verdade é que um ligeiro estremecimento percorreu ao cabo de alguns instantes o corpo até então imóvel de Alfredo Carsten, um suspiro brando elevou-lhe o peito, e ele entreabriu os lábios por espaço de um segundo.

__ Meu pai, meu pai! __ Exclamou Nora, fora de si, abraçando-se a ele e cobrindo-lhe de beijos o rosto e as mãos. __ Meu Deus, fazei que ele viva! __ Tornou, erguendo para o céu os olhos ardentes, numa oração instintiva que era já uma ação de graças. Fazei que ele viva e toda a minha vida será pouca para expiar esse momento! Fazei que ele viva e não há sacrifício que não esteja pronta a aceitar em paga dessa vida amada!

Pobre Nora, era bem mais duro do que ela o poderia imaginar, bem mais irreparavelmente doloroso o sacrifício que a sorte implacável ia exigir de seu amor filial!

Landolfo chegou meia hora mais tarde, quatro homens o acompanhavam, com uma maca improvisada, onde deitaram o diretor em travesseiros e cobertores.

O secretário prevenira a diretora de um acidente sem importância, uma perna quebrada ao passar uma ponte arruinada, e dera ordens para que se preparasse o quarto e fossem imediatamente chamar o médico.

Aos quatro criados, que trouxera consigo, tornou-se verossímil a história do tombo, ante as tábuas quebradas da ponte.

Foi, pois, com um excesso extraordinário de cuidado que foi feito o transporte.

Iam em silêncio; Nora não quisera deixar a mão do pai, com os olhos fitos nesse rosto desfigurado, onde pouco a pouco voltavam, entretanto, vida e expressão; beijava de vez em quando essa mão abandonada, que se amornava ao contacto da sua.

Depois de várias paradas, chegaram afinal a casa, onde a criadagem em alvoroço estava quase toda à espera, na alameda que ia ter à orla do bosque.

Foi, pois, um verdadeiro cortejo fúnebre que da varanda d. Emília viu chegar.

Esta circunstância impressionou-a desagradavelmente; seus nervos delicados não resistiram ao espetáculo de Carsten lívido, inerte, como morto, e esboçou logo um delíquio interessante, ao qual um frasco de sais e duas ou três intimações enérgicas de Landolfo deram rapidamente fim.

Seguiram-se horas de mortal angústia, horas que Nora suportou com assombrosa calma; a desgraça parecia ter feito brotar nela uma nova fonte de energia, duplicando-lhe as forças e o ânimo.

Fez face a todas as dificuldades; providenciou, decidiu, ordenou, sem que faltasse nada, sem se descuidar um minuto, sem desfalecer um só instante.

O médico declarou grave o estado do doente; fora um princípio de congestão, agravado pela longa permanência na água fria.

Era preciso, apenas cedesse a violenta febre cerebral, que nenhuma emoção, nenhuma contrariedade sequer viesse perturbar a excessiva delicadeza desse organismo em convalescença.

Mas a febre não cedia, e durante longos dias debateu-se Carsten entre a vida e a morte.

Um delírio furioso acometeu-o; um delírio sem tréguas, em que a cada instante, como uma cantilena de loucura, voltava esta frase desolada:

__ Ela não o fará nunca, Landolfo, ela não o fará nunca!

__ Farei, meu pai adorado! __ Murmurava Nora, apertando-lhe docemente as mãos febris, como para fortalecer a sua resolução de sacrifício.

Ela o faria, estava inabalavelmente decidida a fazê-lo. Durante esses dias de angústia sem nome, em que disputava à morte a vida preciosa de seu pai com uma dedicação incansável, Nora só tinha uma ideia, só tinha um desejo: que ele abrisse os olhos, que recuperasse a consciência, para serenar-lhe o espírito com a afirmativa de seu consentimento em tudo o que ele exigisse dela. Nora não deixou o pai um instante; a madrasta, com o pretexto dos nervos, não se prestou para coisa alguma, e durante esses longos

dias e essas longas noites de vigília a menina nem um segundo sequer arredou pé do lado do doente, onde a morte pairava numa ameaça sombria.

Os cuidados, porém, foram mais fortes e veio um dia em que a febre abrandou, o delírio cessou, e Carsten, abrindo os olhos como se saísse de um sono profundo, relanceou pela penumbra do quarto um olhar claro e significativo. Sorriu vagamente para a filha, que de joelhos à sua cabeceira o contemplava extasiada, mal acreditando ainda na realidade dessas melhoras tão desejadas; cerrou depois as pálpebras, como se procurasse recordar qualquer coisa. Uma contração dolorosa passou-lhe pelo rosto. A memória respondia ao apelo dessa vontade ainda vacilante; tornou, pois, a abrir os olhos e cravou-os cheios de uma ansiedade inexprimível, cheios de uma interrogação silenciosamente desesperada, de uma interrogação que os seus lábios não conseguiram articular, cravou-os no rosto inclinado de sua filha. Nora compreendeu a muda angústia desse olhar e compreendeu também que era chegada a hora do sacrifício prometido.

__ Meu pai... __ Murmurou com intraduzível ternura, passando carinhosamente o braço por sob a fatigada cabeça e reclinando-a no peito, como se lhe quisesse falar com o próprio coração. __ Não tem mais nada a recear, mais nada mesmo em que pensar. Representarei no circo, como tinha decidido. O que é preciso, primeiro, é por-se bom para me dirigir e ensinar. Não há mais ruína e desonra a temer, pois, se dependia de mim conjurá-las, estão conjuradas!

Um clarão de alegria vivíssima iluminou os olhos do doente, um sorriso animou-lhe o semblante macilento; fazendo um esforço

para levantar-se, a fraqueza não lho permitiu; mas, tomando, num ímpeto de reconhecimento, a mãozinha pendente da filha, levou-a tremulamente aos lábios, murmurando: “Obrigado!”.

Nora beijou-lhe a testa.

__ Obrigado, minha filha! __ Continuou depois de uma pausa, com uma voz baixa e vibrante, em que palpitava a satisfação de um inesperado alívio. __ Tu não podes saber o serviço que me prestas! Não é só da desonra, não é só da miséria, é da morte também que me salvas! Porque eu morreria, eu morreria infalivelmente, se não conseguisse esmagar o meu rival! Com teu auxílio sinto-me forte outra vez. É como se me tivesse insuflado uma alma nova. Porque tu não sabes, criança, quanto sofri por te sentir arredia, distante de mim como uma estranha, inconscientemente hostil, tu, minha Norinha, outrora tão minha amiga! Eras tão pequenina, quando te levava ao circo, e sapateavas de raiva, quando não te queriam montar no cavalo grande! Gostavas tanto dos exercícios e batias palmas com tanto entusiasmo às proezas do clown! Depois, separaram-te de mim, quiseram cavar entre nós um abismo de preconceitos; mas tu voltaste, minha filha, meu sangue falou mais alto do que todas as tolices que te tentaram inculcar. És outra vez a minha Nora de outrora; tudo aquilo foi um sonho mau que passou. Ah! Eu bem dizia, eu bem dizia a Landolfo que serias como a tua mãe e que farias tudo por mim!

__ Tudo! __ Repetiu Nora firmemente, sorrindo com tristeza infinita. E havia tanto pesar concentrado nesse “tudo” dito assim, com aquela doçura simples, que uma emoção passou nos olhos fundos de Carsten. Talvez compreendesse ele naquele instante a extensão do sacrifício que lhe fazia essa criança tão nova ainda no

sofrimento e na vida. Esse sacrifício que, no egoísmo de seus interesses em jogo, aceitara com tanta facilidade, talvez o suspeitasse nesse instante, talvez lhe avaliasse a desolada, a cruciante amargura.

__ Não poderias ter sido feliz com ele, minha filha! __ Murmurou, abaixando a voz, como envergonhado e passando cariciosamente a mão pela cabecinha morena que se curvava ao peso de uma silenciosa mágoa. __ Eles nunca te aceitariam de bom grado. Veriam sempre em ti uma intrusa, uma inferior. Conheço o mundo, conheço a vida, Nora! Serias em pouco tempo infelicíssima. Chegaria um dia em que, farto de amor, ele mesmo se arrependeria de te ter desposado. E o abandono de então seria bem mais duro, acredita, do que a tua renúncia de agora. É a tua infelicidade que evitas, evitando-me a desonra, minha filha.

Carsten parou, ofegante; essa eloquência, na extrema fraqueza em que se achava, fatigara-o sobremaneira. Cerrou os olhos, reclinou a cabeça no travesseiro, não podendo assim ver as lágrimas contidas que de repente faziam tão brilhantes os grandes olhos puros de sua pequena enfermeira.

Nora retirou mansamente o braço de sob a cabeça do enfermo, fez-lhe tomar um calmante e, ajeitando-lhe mais comodamente o travesseiro, só se afastou quando, pela respiração calma, certificou-se que dormia um sono profundo e reparador.

Chamou então a enfermeira, que d. Emília contratara para ajudá-la, e, recomendando-lhe que a fosse chamar, apenas o diretor acordasse, retirou-se para seu quarto.

Pela primeira vez pensou em si, depois desses longos e horríveis dias.

Sentia uma necessidade imperiosa da solidão; no alquebramento de todo o seu ser, esgotado pelas vigílias, na tensão nervosa de seu espírito, que uma ideia fixa há tanto tempo torturava, uma só coisa lhe apetecia: o repouso. Um repouso completo, absoluto, um repouso que a descansasse para sempre do peso intolerável de sua mágoa.

Nora tinha a satisfação de ter cumprido todo o seu dever para com o pai; mas essa satisfação não bastava para a consolar de tudo o que o cumprimento desse dever lhe fazia irremediavelmente perder.

Quando compreendeu, pelas palavras do diretor, que tanto para seu pai como para ela a estreia no circo equivalia a um rompimento definitivo, foi como se tivesse ouvido ler a sentença condenatória de seu amor.

Sentiu no peito uma dor aguda, que lhe fez subir aos olhos essas lágrimas ardentes que ela agora não podia chorar e que, uma a uma, lhe caíam pesadamente no coração.

Sentia-se calma, entretanto, absolutamente calma; encarara seu sacrifício face a face, aceitara-o corajosamente, analisara-o detalhe por detalhe, sabendo - e com que dolorosa precisão! - tudo o que comportava de renúncia voluntária e de humilhação oculta.

Era a perda de uma posição na sociedade e no meio para os quais haviam educado seu espírito e as aspirações de sua natureza elevada tendiam como por encanto; era a renúncia a esse amor, essência mesmo de sua alma; era a destruição de todas as esperanças na flor de sua mocidade; era a infelicidade de sua vida.

Nora sabia tudo isto; sabia-o tão bem, que teve um gesto de espanto ao tornar a ver o quarto tal qual o deixara na tarde

inolvidável em que Landolfo lhe viera perguntar pelo pai.

Seria possível que as coisas fossem tão pouco diferentes, quando ela se sentia tão irreparavelmente mudada? Aproximou-se do largo espelho oval do toucador e nele examinou detidamente o pálido rosto desfigurado.

Estava na mesma, como na mesma estavam os objetos ordinários que a rodeavam; o que mudara fora a sua alma, fora a sua vida, em que a dor penetrara como um furacão destruidor. Nora sentou-se à secretária; como, aliás, em todo o quarto, a mesma ordem era ali também perfeita.

Apenas o tinteiro aberto, a caneta atirada e as pétalas murchas das flores, que se haviam desfolhado no vaso de *Sèvres* e que juncavam uma folha de papel em branco, indicavam a precipitação de uma saída brusca.

Nora tomou maquinalmente a folha acetinada. “Meu Curt” leu ela como se não compreendesse o sentido do que lia. “Meu Curt... meu Curt...” Repetiu lentamente, como se quisesse lembrar a si mesma tudo o que essa curta apelação continha de ternura, de saudade e de esperança.

Era um brado de socorro, o apelo instintivo da criatura em perigo pedindo proteção a quem unicamente lha podia dar; um brado inútil agora, pois que saudade, ternura, esperança, promessa e projetos tudo estava murcho, acabado, morto, disperso ao vento, como murchas estavam essas pétalas que ela dispersara com um sopro impaciente.

Nora rasgou nervosamente o papel.

__ É preciso... é preciso... __ Murmurou, como em sonho, apertando com ambas as mãos as fontes latejantes. Recordava-se

de que era preciso fazer qualquer coisa, acabar com um dever penoso, com uma obrigação, cujo cumprimento lhe traria afinal o repouso desejado, mas o quê? Tudo estava tão confuso em sua pobre cabeça! Ah! sim, lembrava-se agora... Era preciso escrever a Curt para dizer-lhe... para dizer-lhe...

Com o gesto seco, um gesto de sonâmbula, Nora tomou da pena e pôs-se automaticamente a escrever. Que escreveria ela? Nunca o soube ao certo, talvez mesmo não o soubesse nesse instante. Foi a princípio uma exposição clara, fiel, concisa de todos os acontecimentos daqueles dias fatais. À medida que escrevia, desprendia-se de si mesma, parecia-lhe até tratar de uma estranha, de uma outra a quem não a prendessem nem mesmo laços de amizade.

Quando, porém, chego ao fim, quando compreendeu que o adeus que ia escrever era para sempre, uma infinita amargura subiu-lhe ao coração: “Meu Curt” dissera: que irrisão, meu Deus! ... Meu Curt! Esse Curt que nunca mais, nunca mais seria dela...

Uma onda de enternecimento a invadiu, levando consigo toda essa falsa energia com que ela se estivera encouraçando contra si mesma e transbordando-lhe a alma numa expansão exasperada, de que não foi senhora a sua vontade.

É como quem vai morrer que me despeço de ti. Como quem perdeu toda a esperança de salvação, toda a esperança de vida...

Tenho, pois, o direito de falar-te com o coração. Curt, eu não posso já ser tua! Se tua generosidade me oferecesse o teu nome, seria obrigada a recusar. E, entretanto, meu querido, eu amo-te... mais do que nunca, se

possível fosse. Oh! Se estivesses aqui, se te sentisse perto de mim, se tivesse podido consultar-te, talvez tivéssemos achado ambos o meio de evitar essa desgraça, a solução desse problema, que para mim não tem outra saída... Mas eu estava só, tão horrivelmente só! Não tinha ninguém, ninguém, e o meu pai agonizava, e era preciso salvá-lo! Curt, eu não sei como vais julgar-me; sei apenas que te vou fazer sofrer, mas peço-te perdão desse sofrimento com todas as veras de minha alma. Se o que faço é mal feito, sirva-me de expiação este imenso sofrimento. Adeus, meu amigo, adeus para sempre!

Que Deus te console, Curt, te abençoe e te proteja.

Nora

A pena caiu-lhe da mão; sem reler, com uma precipitação em que se sentia o receio de não ter coragem bastante para chegar ao fim, Nora meteu a carta no envelope, fechando-o depois apressadamente. Estava pronto; agora poderia repousar, poderia esquecer, deixaria talvez de sofrer! Meteu a cabeça entre as mãos e fechou os olhos; mas, no fundo de sua alma magoada, qualquer coisa de indefinivelmente doloroso soluçava baixinho... E diante dessa carta fechada, dessa carta que fazia morrer para sempre o seu belo sonho de amor, a pobre Nora, sucumbida, pôs-se loucamente a chorar, como talvez nunca houvesse chorado...

Como nunca houvesse chorado? ... Não... Lembrava-se de ter chorado assim, há muito tempo... numa noite de inverno, junto ao corpo sem vida de uma pálida mulher loura...

Mas tinha nesse tempo para embalar-lhe o desespero infantil dois braços ternos, que a estreitavam com a força de um carinho piedoso. Eram os braços de Curt! ... Agora não tinha ninguém, ninguém! ...E no fundo de sua memória surgiu de chofre um pormenor esquecido até então, claro, nítido, vivo. Viu, no canapé manchado de sangue, sua mãe moribunda, afastando com um gesto brusco a Curt, que trazia no colo uma criança em prantos...

__ Oh mamã, mamã! __ Murmurou num soluço. __ Talvez tivesse querido desde então que eu fosse de meu pai, somente de meu pai! Fica satisfeita com o sacrifício de meu coração; posso dizer que sou hoje inteiramente dele! Mamã, mamã, abençoa tua filha, que precisa agora tanto de tua bênção e de tua proteção.

A lembrança de sua mãe foi para Nora um bálsamo salutar; chorou ainda por muito tempo, mas as lágrimas que agora vertia já não tinham a amargura corrosiva das primeiras. Uma paz tranquila fazia-se nela, e pouco a pouco uma serenidade estranha estancou-lhe o pranto desalentado, sem que ela o percebesse. Era a serenidade que segue e recompensa, segundo a promessa divina, os sacrifícios feitos de boa vontade e com um coração generoso.

Quando lhe bateram à porta, alguns minutos mais tarde, prevenindo-a de que o pai acordara, chamando-a para o pé dele, estava inteiramente sossegada.

Lavou rapidamente o rosto para tirar os vestígios das lágrimas, consertou o penteado, parando em seguida um pouco perplexa ante o envelope em branco.

Para onde mandaria ela a carta?

Curt, na última visita, falara-lhe na legação, mas tinha receio de que se extraviasse no correio e receava mais ainda que um

estranho a lesse.

Que fazer então? Era necessário tomar uma resolução, era necessário que, ao sair desse quarto, tudo estivesse terminado seu sacrifício fosse um fato consumado.

__ Mandá-la-ei à sua mãe! __ Pensou, com um sorriso de indizível amargura. Saberá fazer-lhe chegar as mãos e não importa que a leia! Era justamente o que ela mais desejava de mim...

Ah! se nesse instante Nora tivesse endereçado a Curt essa carta, que era um grito de sua alma desamparada, se ela lha tivesse enviado diretamente, talvez tivesse evitado toda a ruína de sua vida... toda a tristeza irremediável do seu futuro...

Mas o destino guiava-lhe a mão, e Nora escreveu com firmeza no envelope o endereço da condessa Degenthal.

*   *   *   *   *



"É certamente mais importante o modo como o homem aceita os fatos do que estes o são na realidade!"

BEM mais depressa do que esperava, Landolfo chegara a seus fins e era ainda com um resto de incredulidade admirável que considerava os resultados obtidos. Saíra plenamente vitorioso da oculta e maldosa campanha para destruir no pai a influência benéfica da filha; exagerara habilmente o mau estado dos negócios, fomentando com intrigas e anedotas de barbeiro, a malquerença de

Carsten para com seu concorrente e azedando com pequenas críticas veladas e indiretas subversivas o humor já tão azedado de seu chefe.

Esse azedume tivera Landolfo o talento de fazê-lo desviar todo para o lado de Nora, rematando o seu traiçoeiro trabalho com a insinuação verdadeiramente genial de que só o concurso dela poderia salvar os negócios da companhia. Carsten, já muito prevenido contra o que chamava “as fidalguias” da filha, agarrava-se a essa ideia com a tenacidade própria de seu caráter de resoluções extremas, tanto mais que essa ideia realizava o que fora sempre o sonho inconfessado de sua vida: deixar em Nora uma digna continuadora de suas proezas equestres.

Landolfo - que o desejo de vingança tornava insensivelmente psicólogo! - observava e registrava todos esses pensamentos, todas essas sensações, para mais seguramente servir-se deles na ocasião propícia.

A ocasião propícia teve-a ele com o mau impulso dado aos negócios da companhia; nada fez para lhe aumentar a gravidade mas também nada empreendeu ou aconselhou que lhe tolhesse a carreira arruinadora.

Carsten, esgotado pela fadiga, perdera aquela segurança na tática, que lhe dera outrora a força; no calor da luta turbara-se-lhe a visão nítida e desapaixonada dos fatos; confiara em Landolfo, e Landolfo, abusando dessa confiança, armara às ocultas o laço onde se deveria enredar, não o diretor, mas a presa cobiçada, que era Nora.

Diante do rumo trágico tomado pelos acontecimentos, a consciência do secretário alarmava-se, não por interesse pela vida

daquele em quem devia ver um benfeitor, mas com receio das complicações inevitáveis, que Ihe acarretaria inevitavelmente o suicídio de Alfredo Carsten.

Nutria por Nora um amor pronunciado, mas a hipótese de desposá-la pobre, nem um segundo sequer lhe passara pela mente. Se Carsten morresse, era a derrocada total de todos os seus ambiciosos sonhos de futuro. Mas a Sorte, de que decididamente parecia ser um protegido, não permitiu essa desgraça. Carsten, depois de uma luta tremenda contra a Grande Ceifadora - luta onde a dedicação da filha parecia ter sido a única razão da vitória! - retomara pé na existência e a convalescença fazia-se, auxiliada em sua marcha lenta pela perfeita paz de espírito do paciente.

Desde o dia em que Nora lhe prometera estrear no circo, apenas ele pudesse em pessoa dirigir-lhe os exercícios, um grande sossego varrera-lhe de súbito todas as apreensões.

Sabia Nora incapaz de faltar a um compromisso tomado e esperava tranquilamente que se lhe restabelecesse a saúde para retomar a direção da companhia, cedida agora ao secretário, e marcar definitivamente o dia da estreia.

Na satisfação de se ver enfim livre de todos os cuidados que o haviam ultimamente atribulado, entregava-se Carsten ao prazer da expansão, relatando a Landolfo, que diariamente o visitava, a boa vontade da filha e o que dela esperava sua ambição.

Mas Landolfo, a quem essas confidências faziam sorrir disfarçadamente, recolhia um a um todos os detalhes, aplaudindo intimamente a habilidade com que soubera fazer concorrer para o bom êxito de seus planos o “hábil” por excelência que era Alfredo Carsten. Porque, se estava realmente

convencido da eficácia da intervenção de Nora, muito mais convencido estava de que essa estreia no circo era um passo decisivo dado inconscientemente para a aproximar dele.

__ Há de acostumar-se a essa vida, a orgulhosa! __ Pensava ele despeitadamente, ao receber pela manhã

o frio cumprimento de cabeça com que ela lhe correspondia às cortesias. E em sua alma grosseira, dominada de sentimentos baixos, alegrava-se em sentí-la assim tão arredia e intratável, teria duplo prazer em submetê-la mais tarde, quando fosse genro de Carsten e senhor da Companhia; em domá-la na graça arisca de todo seu ser a transbordar de desdém, como ela própria domava e vencia os cavalos na arena, esses “puro-sangue” selvagens, dos quais parecia ter a raça e a rebeldia.

Mas os projetos de Landolfo ameaçavam não passar de projetos, pois mais do que nunca Nora se lhe

fizera distante e inatingível. Nem uma palavra, nem uma alusão sequer a esses inolvidáveis momentos de angústias, que a haviam apoiado um instante a seu braço suplicante e abandonada; dir-se-ia que olvidara por completo tudo o que não fossem os seus exercícios cotidianos de equitação.

Revestiu-se como de uma armadura de impassibilidade, contra a qual se vinham quebrar as veleidades

de familiaridade do secretário e as alusões que de vez em quando tentava fazer-lhe acerca dos acontecimentos posteriores à doença de Carsten. Esquecera o passado ou pelo menos parecia tê-lo esquecido na aparência.

Nunca ninguém lhe ouvia um queixume, uma palavra sequer, que pudesse fazer supor uma reminiscência

ou uma saudade. Ocultava a mágoa do seu sacrifício sob um sorriso indiferente, um sorriso de encomenda, cuja amargura oculta ninguém, nem mesmo o pai, poderia suspeitar.

Teve com Alfredo uma longa conversa a que Landolfo assistiu, e em que tratara de sua estreia no circo
com uma superioridade e um desprendimento de espantar, como se tratasse do contrato de uma bailarina ou de uma equilibrista qualquer.

Carsten, cujo interesse o tornava cego, regozijava-se abertamente de vê-la tão senhora de si, julgava-a
resignada já, se não consolada, e contava com a excitação dos exercícios e a alegria do triunfo para rendê-la definitivamente a essa paixão pela equitação, que lhe havia de fazer deslembrar tudo o mais. Na cegueira de seu egoísmo, não percebia, não queria perceber o martírio que para a menina representavam todas as pequeninas concessões que era obrigada a fazer para representar melhor no circo o seu papel.

Era como se renovasse todos os dias o seu sacrifício, e renovasse minúcia por minúcia, separadamente,
com meticulosidade de um bisturi a retalhar sem piedade carnes vivas. Landolfo, só ele, adivinhava na altivez das maneiras a tortura íntima e, mau grado seu, admirava essa menina, que afinal achava em seu orgulho, energia bastante para velar a todos a agonia silenciosa de sua alma.

__ Há de ser minha, há de ser minha! __ Prometia a si mesmo, cerrando os dentes, fustigado no seu
desejo por essa atitude de deusa arrogante, quando as primeiras horas da manhã ia com o diretor assistir aos exercícios cada vez

mais audaciosos que Nora executava na pista natural do parque.
Nora entregava-se com frenesi á equitação. Precisava de exercícios diários para manter-se no estado de
preparação suficiente, que lhe asseguraria o triunfo no dia do circo. Galopava, saltava, viravolteava com a ligeireza, a segurança e a fantasia própria de uma verdadeira filha do Far-West.
Carsten resplandecia de orgulho e de esperança; Landolfo afirmava a vitória com uma certeza
imperturbável, e Norman, o pequeno estribeiro, para quem a menina fora sempre o modelo inimitável de sua alma de cavaleiro em embrião, vivia num entusiasmo que atingia às raias do delírio, quando via passar sua bela miss, direita e firme, levada nas pernas aladas de Devil, numa carreira que tinha a velocidade de um turbilhão, como a encarnação mesma daquela vida livre e sã, que levara outrora nas planícies de sua terra natal.
Com uma facilidade, que acendera nos olhos claros da enteada, um clarão de indignação, d. Emília
aceitara também esta estreia, que seria para Nora a condenação irrevogável de seu amor.
__ Sempre achei, Norinha, que era pena desperdiçares aos olhos de Norman tanto talento e tanta graça!
__ Dissera-lhe a rir, batendo-lhe levemente no rosto e com carinho ligeiro, próprio de sua natureza expansiva. __ Terás doravante um quadro digno de tua beleza e de tua arte. Profetizo-te um sucesso nunca visto!
“Um sucesso nunca visto!” Nora encolheu os ombros num desprezo tão acentuado e tão sincero, que não

escapou a Landolfo, presente na ocasião. Que lhe importava talvez a vida! ... Era pasmosa, afinal, a inconsciência dessa gente!

Ninguém se admirava do sacrifício que fazia, ninguém se compadecia dela; todos achavam natural que

ela trabalhasse no circo. Julgavam que era seu dever, e pessoa alguma não tinha sequer jeito para suspeitar a angústia sem nome que fazia de sua vida um suplício intolerável, à medida que se aproximava o dia da estreia.

E uma chispa incendiava-lhe o olhar e um desejo veemente de fugir, de abandonar esse meio onde tudo

a melindrava, invadia-a com tanta impetuosidade, que precisava muitas vezes de fechar-se no quarto para poder, sem o testemunho importuno de estranhos, dominar a repugnância de seu espírito e dar expansão à revolta de seu coração.

Landolfo percebia tudo isto e, com receio de a ver voltar atrás, numa reação muito natural a uma menina

impulsiva - que ela nunca deixara de ser! - achou que era necessário preparar o terreno para que tudo estivesse tão bem preparado, e tão fechado o círculo em torno dela, que já lhe fosse impossível recuar, quando, dissipada a exaltação de sacrifício que lhe sustentava os nervos e a vontade, numa tensão exasperada, recaísse na realidade triste dessa trabalhosa vida de circo.

Landolfo tinha nas mãos o meio de fechar a sete chaves este círculo moral. Sabia que o importante, no

momento presente, era cortar a Nora toda retirada, dando a maior publicidade possível à sua estreia, excitando em torno dela a curiosidade sempre alerta da sociedade, de maneira a transformar num verdadeiro acontecimento sua entrada na vida do teatro.

Nora principiava, havia dias apenas, seus exercícios preparatórios, dividindo seu tempo entre a
pista e a enfermaria onde Carsten convalescia, e já num dos jornais mais importantes da cidade começavam a aparecer na secção artística pequenos artigos sem assinatura, onde, com louvores exagerados, lhe elogiavam ora a beleza, ora o talento, fazendo ao redor dessa estreia ainda obscura o reclame necessário para atrair sobre sua personalidade a atenção de todos os “acostumados” desse mundo do teatro e da boêmia risca, onde o nome de Carsten era já uma celebridade.

Landolfo possuía a fundo a arte do subentendido e da alusão transparente; pôde, pois, sem dificuldade,
mandar para jornais esses artiguetes picantes, onde Nora aparecia umas vezes como heroína de um romance infeliz, como artista apaixonada de sua arte; outras, enfim, como a vítima inocente de uma série de circunstâncias fatais, a filha heroica que por amor filial sacrifica, num gesto de nova Ifigênia, não a vida, mas as mais risonhas aspirações de um futuro, que se desenhava brilhante.

A vida de Carsten, com os seus episódios romanescos; a juventude e a formosura de Nora, seus amores
discretamente encobertos sob uma linha de reticências para deixar ao leitor o prazer de procurar na aristocracia austríaca o titular heroi desse idílio de circo; a morte mesmo de Helena, esse parêntesis trágico na aventura feliz, que fora até ali a carreira de Carsten, esse mesmo homem que a vivacidade do sangue francês unia a gravidade da raça germânica e a ousadia intemerata de um *cow-boy*, tudo isto explorou Landolfo, com a fantasia de um folhetinista,

misturando de tal sorte a fábula com a realidade, que seria difícil, mesmo a Carsten, separá-las uma da outra.

Essas notícias, que o tom de anedota em que estavam escritas fazia picantes, excitaram grande
curiosidade, como era de esperar.

Vários jornais, tanto da capital como da província, e do estrangeiro, reproduziram-nas, e o público,
que se interessa sobremaneira por tudo que diz respeito a teatro ou coisas e gente de teatro, entusiasmou-se em breve pela filha dessa celebridade europeia, Alfredo Carsten, de cuja maravilhosa beleza e garbo incomparável tanta coisa se dizia.

Nora ignorava completamente as histórias mais ou menos romanescas que corriam a seu respeito;
se lhe fossem dizer que era atualmente um dos nomes mais em evidência no mundo teatral, espantar-se-ia sem dúvida. Esperava passar despercebida, não sabendo, em sua inexperiência e candura, a estranha fascinação que exerce sobre a massa tudo que se ilumina à luz da ribalta ou se esconde provocadoramente na sombra dos bastidores.

A maior parte dos leitores de um jornal, antes de se informar do que vai pelo mundo ou de se deter na
leitura das questões de interesse universal, corre a saborear as crônicas teatrais; é que tanto mais logrará ser bem-sucedido o ser de fantasia e de prestígio, que para todos é o artista, quanto mais escandalosas, íntimas ou românticas forem as histórias que dele se contêm.

Apresentada como artista ao público, sempre ávido de sensações novas, Nora tinha a aureolar-lhe a fama

não só o nome de Carsten, o frescor de seus dezoito anos, a sedução de uma formosura incontestável, mas ainda mais talvez esse ambiente de novela, que Landolfo soubera habilmente criar em torno de sua enigmática personalidade.

E, diante da curiosidade crescente do público, o secretário rejubilava-se! Não lhe bastava, porém, a certeza
de que sua vítima não poderia já recuar; queria pôr uma barreira definitiva entre ela e esse Degenthal, rival odiado, que a celebridade de Nora não faria talvez desistir. Era preciso aniquilar para sempre toda e qualquer possibilidade de reconciliação.Para isso Landolfo tinha o maligno prazer de enviar a mãe de Curt os jornais, onde sublinhava
acintosamente as referências a Nora Carsten.

A princípio surpreenderam muito à condessa essas remessas anônimas, e, como não descobrisse a mão que assim as mandava tão sorrateiramente, atribuiu-as sem hesitar "aquela gente", como desdenhosamente designava Os Carsten.

Uma grande indignação sublevou-a diante das alusões irônicas ou sentimentais ali feitas ao filho, e ao possível casamento entre a bela artista, ainda ignota, e "um dos mais futurosos rebentos da aristocracia vienense", como dizia o jornal.

A condessa recebera a carta de Nora alguns dias antes da primeira remessa de artigos. Num cartão, onde
a cumprimentava atenciosamente, a menina pedia-Ihe para fazer chegar às mãos do conde a carta, que deixara aberta por um requinte de delicadeza.

A Condessa leu e releu essa carta, que era o grito de uma alma ao desamparo; não acreditava um instante

na veracidade dos fatos que relatava, e, colérica por ver transgredida a ordem de absoluto silêncio que impusera como condição primordial, decidiu não mandar a carta, ou pelo menos esperar que os fatos viessem confirmar o que ela anunciava. Sua consciência não a acusava; desde que tinham desobedecido ao contrato, considerava-se dispensada de aceder ao pedido de Nora.

A leitura dos artigos havia-lhe aumentado a indignação. Ia, pois, estrear-se no circo a criatura que o filho
honrava com o seu amor e à qual cometera a inqualificável loucura de oferecer seu nome! No circo, a futura condessa Degenthal, a esposa de seu nobre e soberbo Curt, cujos esponsais cobiçavam as mais patrícias herdeiras de Viena! Como tivera razão em opor a mais encarniçada resistência a esse casamento disparatado e absurdo!

E como soubera adivinhar, sob as aparências angélicas daquela intrigante, a ambição da comediante!

Comediante era e seria sempre essa que não hesitava em se servir do nome sem mancha daquele que fizera dela - filha boêmia de aventureiros! - a escolhida de seu amor para essa chantagem indigna, com a qual o pretendiam mais seguramente prender! ... A condessa tremia de indignação. Era impossível, absolutamente impossível que o filho pensasse ainda em semelhante união!

Pressentia confusamente que, se lhe enviasse essa carta, se o deixasse ler essas linhas onde palpitava a
inegável sinceridade de um amor leal, Curt não resistiria ao apelo dessas frases de despedida e viria, apesar de todos os obstáculos, e tornaria a ver essa feiticeira, que com um sorriso ou uma palavra o subjugaria de novo.

Foi por isto, por este oculto motivo inconfessado, que não enviou logo a carta ao filho, esperando que qualquer coisa de definitivo viesse tornar imprescindível o completo rompimento. A condessa não teve muito que esperar. Carsten convalescera com bem maior rapidez do que se poderia esperar, e a noite da estreia já fora pomposamente anunciada nos jornais.

Por um golpe de audácia, onde se reconhecia o molde do antigo Carsten, essa estreia se realizaria na noite mesma em que chegasse à cidade a companhia rival, e três semanas mais tarde distribuía-se pelas ruas o programa vistoso da grande função, onde se estrearia com a novidade dos seus exercícios equestres miss Nora Carsten, a nova estrela do Carsten-Circo, a jovem americana que aos dezoito anos batia o *record* de destreza e temeridade entre as amazonas do mundo.

Grandes cartazes, afixados a esmo pelos jardins e praças públicas, continuavam o reclamo, chamando ao espetáculo a multidão curiosa e ociosa, e entre os nomes das bailarinas, clowns, equilibristas, prestidigitadores e pelotiqueiros, o nome de Nora em maiúsculas letras douradas sobressaía como a torre esgalgada de um monumento de arte entre o casario banal. Na manhã da estreia, a condessa recebeu de seu misterioso correspondente não só o programa do Carsten-Circo, mas ainda um desses espalhafatosos cartazes.

Embora prevenida, não pode deixar de empalidecer ante esse nome atirado assim à curiosidade pública. O nome, que o filho pronunciava com tão respeitoso carinho, era ali o joguete dos comentários irreverentes da turba e estava cercado do nimbo equívoco das celebridades teatrais! ... Ah!

Ela nunca pensara que Nora fosse até ao fim! Por mais vil que a julgasse, nunca a suporia capaz de ir expor num circo essa beleza que cativara o inapreciável amor de Curt!

Madre Sibila afirmara-lhe tanto a pureza de caráter e a nobreza daquele coração, que acabara por acreditar

nela, mau grado seu....

Uma espécie de piedade por essa menina, cujo puro e lindo perfil a memória lhe evocava, enterneceu-a

por instantes. Que teria sucedido para obrigar a estrear no circo essa criatura de delicadeza e de pudor, que no locutório do convento tão altaneiramente lhe soubera falar? Que tufão passaria de chofre por sobre essa vida em flor, levando consigo todas as esperanças da alma pura e terna, cuja chama ardia naqueles profundos olhos azuis?

A condessa sacudiu a cabeça como para rejeitar esta piedade importuna.

Deixou novamente falar-lhe a indignação. Fosse pelo que fosse, a verdade é que Nora pusera por sua

própria vontade o impossível entre ela e Curt. Por mais justificável que fosse o motivo, não destruía o fato. Curt Degenthal não poderia nunca desposar uma dançarina de circo! Não havia já razões para lhe ocultar os acontecimentos; a condessa tinha ali argumentos suficientes para o convencer de que não se tratava de calúnias. Escrever-lhe-ia, enviando esses jornais, esse programa, esse cartaz onde o nome da noiva era como a assinatura da traição à promessa feita. Mandar-lhe-ia também a carta de Nora; não havia já perigo em mandar-lha. E, depois, a condessa Dengenthal tinha demasiada lealdade para interceptar uma carta, por mais prejudicial que fosse o

seu conteúdo. Sem delongas, escreveu, pois, a Curt com a sua habitual decisão:

Meu querido filho,

Já não te posso ocultar o que toda gente sabe. Esta notícia, bem o sei, vai tirar-te uma ilusão de há muito acariciada e sobre os perigos da qual tentei debalde abrir-te os olhos. Sofrerás, por certo, mas espero que encontrarás na tua dignidade ofendida energia bastante para vencer e dominar este sofrimento, que só te enobrece, pois é fruto da confiança inexperiente de uma alma elevada e crente.

Não te aflijas nem te humilhes por teres sido assim enganado, por tanto tempo, por quem foi indigna de te compreender. És moço! Felizmente e tens toda a vida diante de ti para tomares de sobejo a desforra dessa decepção cruel, é verdade, mas providencial, pois que te separa para sempre de um meio que, sem o sacrifício dos princípios em que te eduquei, nunca poderia ser o teu.

Foi Deus que te protegeu, Curt; rende-lhe graças e, se precisares de um coração amigo para desabafar com ele a amargura desta tua primeira grande mágoa, lembra-te, meu filho, de que tens e terás sempre o coração de tua mãe, que melhor do que ninguém te compreende, te quer e te abençoa.

Clotilde

A condessa subscritou rapidamente esta carta; sentiu a alma aliviada de um grande peso. Curt estava livre
e mais que livre pelo favorável concurso das circunstâncias; não a poderia jamais acusar...

Agora, o que era preciso era mandar-lhe num pacote registrado todos esses jornais e escritos, que eram
como que o libelo acusatório de um processo.

Fez, pois, ela mesma, meticulosamente, o pacote, tendo o cuidado de colocar por cima os jornais, de
maneira a serem vistos em primeiro lugar os artigos que o lápis insidioso de Landolfo sublinhara propositadamente. Em seguida o cartaz e o programa, depois a sua própria carta e por último, para ser lida só depois de produzido o efeito desejado, a carta de Nora, carta que fechara e sobre cujo envelope quase em branco se lia apenas: Conde Curt Degenthal, sem o resto do endereço.
Por que fazia ela isto? Cálculo ou casualidade? Era talvez uma insignificância, mas uma insignificância
que poderia ter efeitos surpreendentes.
Os grandes efeitos têm quase sempre pequenas causas, e é às vezes de um gesto assim insignificante
que depende a felicidade ou a desgraça de uma existência.
Talvez pensasse nisto a condessa quando tocou a campainha para entregar ao criado o pacote já pronto;
talvez agisse induzida apenas pelo que chamava orgulhosamente o “sentimento do dever”.
A mesma hora em que a condessa entregava ao lacaio o pacote para ser registrado no correio, talvez no
instante mesmo em que a carta seguia o seu destino, Nora, em pé diante do espelho de três faces de seu camarim, deixava que a madrasta e Ketty, sua criada de quarto, lhe dessem a derradeira mão à toilette, ajudada por duas ou três dançarinas do bailado da pantomima, vestidas ainda a caráter.
Sobre o toucador, entre caixas de pó de arroz, vidros de essência, alfinetes, frisadores, fitas, grampos,

joias - tudo espalhado a esmo! Uma desordem completa de última hora - dois objetos chamavam logo a atenção: um par de luvas pretas e um chicotinho, cujo cabo de ouro se refletia com brilho intenso nas faces lisas do espelho.

Nora estava quase pronta; de joelhos a seus pés, vermelha como uma framboesa e sabe Deus com que

esforços heroicos, pois o espartilho que lhe emprestava esse talhe de silfo dificultava-lhe em extremo toda e qualquer inclinação, d. Emília consertava as dobras amplas da amazona de cetim preto, que moldava com o colante macio de uma pelica, o corpo esguio da menina, dando-lhe uma silhueta serpentina de inigualável flexibilidade, que punha no coração de d. Emília o fel de uma passageira inveja.

Esse fel era, na verdade, bem pouco e bem inofensivo, pois a boa senhora fizera questão de vir em pessoa

vestir e preparar a enteada, com o receio inconfessado de que Nora, com a sua falta de garridice, metesse a cabeleira debaixo de uma touca de banho, Sob pretexto de não a deixar cair no “salto da morte”, ou se enfronhasse em sua velha roupa de montar - uns largos calções-saias do Far-West, gastos já pelo uso, que Carsten conservava como recordações de suas passadas exibições, e que seriam inadmissíveis na pompa daquela estreia grandiosa.

Esta estreia não deixava de melancolizar d. Emília; recordava-lhe glórias de outrora, trazia-lhe ecos da

própria estreia, que conservava na memória como um quadro iluminado - onde ela aparecia como figura principal na leveza roçagante de um saiote cor de carne, de onde emergia um busto grácil de adolescente e uma cabecinha ingênua de criança, que

sorria ao público com as rosas de papel prateado, postas aqui e acolá, na massa inverossímil de um ruivo do cabelo - e sorria agora a Emília Carsten, do fundo do passado, com a graça amaneirada de uma boneca.

Ah! Se ela dispusesse dos dezoito anos dessa Nora esquisita, que a consciência de sua beleza deixava indiferente; se ela dispusesse dessa cabeleira de huri, desse talhe esbelto de junco novo, desse frescor de tez, que nenhuma pintura alterara ainda, não teria, não, a tolice de escolher um traje de amazona preto!

Escolheria um traje mais vistoso, mais rico, mais fantástico; um traje que desse realce especial a cada um dos seus encantos naturais, postos em destaque pela mais sábia e mais provocadora das caracterizações.

Nora, entretanto, foi inflexível, recusou todo e qualquer artifício sob o pretexto, que arrancara a Emília um encolher de ombros impacientado, de que não era a ela, mas sim aos seus exercícios que aplaudiriam na cena.

Exigiu, pois, a amazona escura, as botas de verniz com esporas de prata, permitindo apenas ao desespero da diretora enfeitar-lhe o feltro tirolês com uma pluma branca, uma pluma real.

Não fora, pois, sem justas apreensões que d. Emília se encarregara da difícil tarefa de preparar a enteada.

Chegara cedo ao camarim, onde Nora revestia já, com o auxílio de Ketty, a couraça de cetim luzidio, que lhe dava ao corpo um modelo de estátua viva.

A diretora entrara espalhando a desordem; atirara sobre o canapé a capa de cachemira da Índia, que lhe
resguardava o vestido das injurias do sereno, pusera o chapéu sobre uma cadeira e as luvas sobre outra, e, atirando os grampos para um lado e o leque para outro, começou a pentear Nora, falando continuamente durante todo o tempo que durou o complicado trabalho.

Mas, se d. Emília não sabia refrear os excessos de sua língua, em compensação sabia perfeitamente a
arte de fazer de uma cabeça um modelo para qualquer vitrine de cabeleireiro em voga.

Com um verdadeiro gosto de artista, dividiu em dois maciços sobre a testa o ondeado cabelo de Nora,
amontoando-o um pouco acima da nuca num toucado alongado e espesso, que lhe dava a feição de uma estátua grega, prendendo em seguida essa massa compacta e rebelde com grampos dourados, que ressaltavam na negrura como pirilampos na treva.

Nora deixava-lhe fazer tudo, nem sequer se via ao espelho; respondia por monossílabos às perguntas de Emília, a quem esta docilidade absoluta abismava, o olhar distraído, o espírito ausente, como se escutasse em si mesma a voz de um sonho angélico.

__ Então, que me dizem a isto?!... __ Exclamou jubilosamente a cabeleireira improvisada, voltando a cabeça penteada de Nora para Ketty e as duas pequenas bailarinas, que na tarlatana verde dos seus saiotes perfumados, que lhes deixavam à mostra as pernas delgadas, lembravam dois magros e tímidos gafanhotos. __ Estás absolutamente ideal, minha querida! Um ar... um jeito.. um *chic* !... Enfim, não é por me gabar, mas se me tenho saído bem no

quer que seja, creio que foi agora. Receias que estes grampos não segurem bem o toucado? Não há perigo; espetei-os tão bem, que poderias sem medo dar as cambalhotas de Wimbleton. E, depois, quando se tem esse cabelo! ... Uma floresta, não é verdade, Ketty!? Uma verdadeira floresta! ... Agora, espera, Nora, não te mova não faças um gesto, assim... fica assim; Ketty, dê-me o chapéu! Minhas filhas, nada mais difícil do que a posição de um chapéu. Um chapéu mal posto é causa, às vezes, de um insucesso incompreensível para todos e principalmente para a própria pessoa. É preciso jeito, graça, arte, enfim, é preciso arte, Nora, tu não podes negar que é preciso arte...

E, tomando das mãos de Ketty o feltro emplumado, d. Emília recuou um passo como para estudar o terreno, medindo Nora sempre passiva com um olhar malicioso, coado entre os cílios entrefechados, como se lhe preparasse uma caçarola. Depois assentou vivamente o feltro num gesto pronto, prendendo-o fortemente ao cabelo com grampos escondidos sob a pluma, com a leveza de suas mãos de mulher faceira, habituada a todas as minúcias da toilette mais complicada, levantou-lhe um pouco a aba escura do lado esquerdo, e essa aba assim virada dava incontestavelmente à cabeça uma graça nova, uma garridice imprevista e provocante, que fez sorrir vaidosamente a d. Emília.

Ela tinha jeito para a coisa... Oh! Se tinha!... Mas ainda não estava satisfeita; procurava com os olhos qualquer coisa que rematasse dignamente essa toilette, qualquer coisa de claro, de alegre, uma nota viva que corrigisse, sem destoar dele, a severidade um pouco excessiva de todo esse negror monacal.

Relanceou pelo camarim em desordem um olhar investigador, e, antes que Nora absorta pudesse fazer a menor resistência, com a rapidez das grandes resoluções, arrancou uma rosa de pano vermelho da cabeça de uma das pequenas dançarinas que ali feiamente se pavoneavam, prendendo-a com um alfinete ao lado esquerdo de Nora, bem sobre o coração.

__ Oh! Não, miss; está tão bem! __ Protestou Ketty com sentimentos contra o gesto da menina para tirar a flor.

E, com efeito, nada podia ficar melhor no suave negro do corpinho ajustado do que essa grande mancha escarlate, viva e sangrenta como uma fantástica condecoração.

__ Oh! Que bem que está! __ Afirmou d. Emília, com a segurança das convicções inabaláveis, contemplando sua obra com um sorriso de satisfação orgulhosa. __ Fazes uma vista com este cetim, que é de meter inveja a uma duquesa! ... Tens raça, meu bem, raça patrícia! E esta pluma, que dizem vocês desta pluma, pequenas? ... Maravilhoso, hein?!... Realmente, foi uma ideiazinha das melhores! ... Nora, tu não fazes ideia desta pluma assim à mosqueteiro, roçando nos ombros. Um sonho, absolutamente um sonho! Agora uma nuvenzinha de pó de arroz ... Ai, Ketty, não lhe atenda aos protestos. Bem! ... Passe a escova pelo peito, o pó espalhou-se ... assim... Esta Nora com os seus desprendimentos é mais faceira do que todas nós! Quem teria a lembrança deste cetim preto? Só uma vaidade de natureza! E as luvas... e o chicote... bonitinho, não?... Alfredo tem gosto; não há dúvida! ... Oh! Nora! __ Exclamou numa expansão de entusiasmo sincero, quando a pequena se ergueu pronta afinal. __ Estás linda, linda! *Fascinating*,

darling, fascinating! __ Continuou, achando que só o Inglês exprimia o auge de admiração a que tinha chegado.

__ *Fascinating!* __ Repetiu com efusão, virando-se em torno da menina, como se a quisesse admirar de todos os lados. __ Vais transtornar todas as cabeças masculinas do circo! Os homens são de uma fraqueza, minha cara! __ Continuou com um gesto expressivo. __ Conheço esses senhores, oh! se os conheço. Receberás uma aluvião de flores e cinquenta e cinco declarações pelo menos... Porque tu estás... estás... Eu nem sei dizer já o que estás... ! Para o meu gosto, um pouco pálida, sabes? ... Uns laivos de carmim nas faces, um traço de cereja nesses lábios e dois dedos de *kohle* sob esses olhinhos tristes fariam um efeito deslumbrante... Mas visto que não queres, não insisto. Depois, a palidez é muito *chic*; ainda se usa. Há pessoas que adoram este gênero, disse-mo Landolfo ontem mesmo. É o gênero romântico, um pouco fora da moda, mas muito aristocrático. Nora, não há homem que me possa olhar hoje; vais captar todas as admirações! Se não te quisesse tão bem, estaria aqui a ralar-me de inveja. Francamente, não deveria ser permitido ser bonita assim! É um desaforo... para as outras! Nora, meu amor, estás divina; não acha, Ketty?... Lembras-me um livro que li há muito tempo... não me recordo agora o título! Era lindo! Pareces... pareces...

D. Emília fez um apelo desesperado a todas as suas reminiscências literárias. Mas esse apelo não foi correspondido, pois Nora nunca soube com quem se parecia naquele instante. Com a mesma facilidade com que mudava de um assunto para outro, ela mudou de ideia, declarando que já era muito tarde, o espetáculo já devia ir em meio. Landolfo a esperava no camarote para aplaudir os

sucessos de “sua filha”, pois Nora era a filha de seu coração, não obstante a diferença insignificante (D. Emília acentuava o qualificativo) das idades; tinha que partir, se não queria perder a entrada solene.

Despediu Ketty, recomendando-lhe estar a tempo no camarim para ajudar a Miss a despir-se; deu duas moedas à bailarina para compensá-la do roubo da flor, e mandou-as ambas embora, dizendo que duas moedas era realmente caro pelo benefício de a ter desembaraçado de um enfeite que a fazia tão feia.

Depois, ao espelho, e com mil trejeitos e afirmações repetidas de que ela abominava esses artifícios, mas que era preciso não fazer má figura numa noite dessas. “*Noblesse oblige”*, murmurou entre duas fricções de *“Rouge Dorin”* sobre os lábios já carminados de natureza.

Uns laivos rosados nas faces para disfarçar a emoção, uma camada de pó de arroz, o chapéu floreado colocado à francesa sobre o ruivo brilhante do topete, a capa decaída com uma negligência de fidalga, as luvas, o leque, o binóculo... estava pronta!

__ Até logo, Nora! Vê se te resolves a pôr carmim; estás decididamente de uma palidez exagerada! Duas pintinhas ligeiras cor de rosa... ficar-te-iam a matar!

E, apinhando os dedos num gesto garoto de admiração, desapareceu no ruge-ruge de suas sedas, sorridente, frívola, brejeira, inconsequente e feliz como a encarnação da própria leviandade.

Nora deu um suspiro de alívio; estava só, inteiramente só no camarim iluminado, cuja desordem ela não via; Norman, a quem coubera a honra sem igual de servir de estribeiro na arena a sua

miss, postado de vigia no corredor para preveni-la da hora de entrar em cena, impava de orgulho na elegância de uma libré preta e branca, as cores de sua senhora.

Nora ouvia-lhe o passo impaciente e as patadas ainda mais impacientes de White Dream, o cavalo branco de arreios negros que substituíra Devil, tornado demasiado manso com os torneios diários. Um rumor contínuo de gargalhadas chegava-lhe num estrépito amortecido e distante; era o circo, que ria das facécias de Wimbleton, o palhaço predileto... Nora cruzou nervosamente as mãos geladas, estava de um palor de morte.

Mirava, sem a ver, nas faces polidas do grande espelho, a sua airosa imagem triplicada, cujo donaire soberano a negra amazona realçava incomparavelmente.

Era sem ver que, calçando as luvas, olhava essa Nora tão branca e linda sob as abas largas do feltro, onde se agitava a pluma branca com uma graça romântica, caindo-lhe sobre o ombro em floco de espuma movediça e ajuntando uma desenvoltura aventureira de heroína da Fronda ao sombreado escuro do chapéu, que tanto brilho dava aos seus olhos claros.

Nora não via, nem sentia; esperava apenas. Parecia-lhe ter vivido todos aqueles dias numa inconsciência de sono, numa névoa ideal, que lhe tirara a nítida visão da realidade.

Entregara-se de corpo e alma aos exercícios equestres, e a fadiga corporal, que estes exercícios violentos produziam e lhe valiam aqueles sonos profundos, anestesiantes, em que se insensibilizava por momentos a sua grande mágoa, era o calmante diário com que procurava apaziguar a excitação de seus nervos.

Carsten tivera o tacto e o bom-senso de lhe poupar todas essas minudências supérfluas dos preparativos, para não lhe exagerar a sensibilidade e melindrar os escrúpulos.

Nora sabia que chegaria fatalmente o dia da estreia, e que todas essas horas que passavam tão célebres, mas lhe pareciam tão longas, a aproximavam inexoravelmente daquilo que a separara para sempre de Curt.

Ninguém a socorreria, ninguém lhe estenderia a mão para a salvar. Ninguém! Sabia disto e, todavia...

Do fundo de seu desalento qualquer coisa de indefinido, de indeterminado, teimava em fazê-la retardar o mais possível o momento irreparável da entrada em cena, fazia-a toda ouvidos aos ruídos no corredor, como se pudesse por ali vir alguém ou alguma coisa que lhe impedisse à última hora o passo fatal. Que fundas raízes tem nos corações de dezoito anos essa planta viçosa que é a esperança!

Ela mesma despedira-se de Curt, cortara com suas próprias mãos o vínculo que os unia, desfazendo toda a possibilidade de salvação... e, contudo, só agora o compreendia!

Todos esses dias não foram mais que uma longa espera... uma espera ansiosa e aflita, que a fizera espreitar de longe a chegada do correio com o coração a palpitar-lhe fortemente e com uma voz íntima a segredar-lhe: hoje... hoje.. hoje...

Mas nunca houve “hoje”... e na decepção cada vez mais funda dessa ilusão sempre frustrada, na amargura crescente que a invadia, algo de indestrutivelmente tenaz sugeria-lhe sempre desculpas para

esse silêncio indesculpável, tais como um atraso do correio, uma viagem mais prolongada, uma doença mesmo; segredava-lhe também num estribilho de animação: amanhã... amanhã... amanhã...

E agora, que Wimbleton deixava a arena, depois de uma salva barulhenta de palmas e a orquestra encetava os primeiros compassos de uma marcha triunfal, enquanto preparavam a pista; agora que Norman, abrindo a porta sem pedir licença, proferia, em tom apressado: “Miss Nora, são horas...” ainda agora esperava... esperava... Saberia ela dizer o que?

__ Uma carta para miss Carsten! __ Anunciou um dos palafreneiros vistosamente ajaezados, que lhe serviria de guarda de honra à entrada, entregando-lhe à pressa um sobrescrito selado.

Nora estremeceu dos pés a cabeça; um fluxo de sangue subiu-lhe ao rosto sem cor, onde se fixou num reflexo ardente; um lampejo atravessou-lhe os olhos; a boca entreabriu-se num sorriso divino, e ela arrancou quase com fúria a carta das mãos do subalterno, correndo febrilmente o olhar incendiado por sobre a letra do endereço...

Era de Madre Sibila!

__ Miss Nora, são horas! __ Insistiu Norman, que continha a custo a impaciência de White Dream.

__ Ja vou! __ Respondeu a menina com a voz surda, atirando com indiferença a carta amiga sobre o toucador. Um sorriso profundo saiu-lhe do peito; cerrou um segundo os olhos, como se a dominasse uma vertigem; uma contração de angústia crispou-lhe dolorosamente o semblante.

__ Minha filha... __ Murmurou Carsten, que a viera buscar, fazendo com os braços o gesto de ampará-la.

__ É inútil, meu pai; já vou! __ Respondeu Nora, abrindo num sorriso os olhos brilhantes, e com decisão, a decisão dos que perderam toda a esperança, dirigiu-se para o corredor, onde White Dream a esperava subjugado por Norman.

A carta de Madre Sibila teve pelo menos um efeito benéfico; deu as faces de Nora o corado fictício que a faceirice de d. Emília tão insistentemente lhes desejara...

Landolfo não poupara realmente esforços de imaginação, nem Carsten empréstimos para que a estreia de Nora tivesse um cunho de festa cintilante e inexcedível.

O circo estava repleto; Os arquibancos, abarrotados de gente, apresentavam o mais animado dos aspectos, e na profusão das luzes, na policromia das cores, das toilettes e dos chapéus, nas notas mesmo da música que enchia o ambiente de uma nota de vitória, havia uma tão grande expansão de vida, de alegria, de entusiasmo comunicativo e vibrante, que Nora sentiu como uma tonteira ao ver do corredor essa aglomeração humana, curiosa e inquieta, que ela deveria domar sozinha pelo poder superior de sua arte.

A orquestra executou uma marcha triunfal; todos os olhares convergiram para a entrada inferior, que fazia comunicar a pista com o interior do circo; Os palafreneiros da escolta, calções curtos e galões prateados no veludo das casacas à Luis XVI, desfilaram, formando em seguida ala à porta de entrada, e no meio deles surgiu de chofre White Dream, que as luzes e a música excitavam,

desvencilhando-se de um salto das mãos de Norman e tendo em sela a mais inesperada das amazonas.

Os exercícios de Nora tinham sido propositadamente deixados para o fim. Deviam causar o "efeito" do espetáculo e todo o aparato empregado para prepará-los aguçava ainda mais o interesse que haviam despertado por eles os anúncios dos jornais e os reclamos dos cartazes.

Quando Nora surgiu, qual aparição de graça e mocidade, sobre esse animal de fogo e neve, cuja impetuosidade sofreou, estacando como por magia no meio da pista iluminada como para uma apoteose, quando Nora surgiu tão diferente das costumadas amazonas de saiote rosa e arco de papel, tão verdadeiramente "melhorada" na estranheza daquele traje original e audaz, um murmúrio de admiração correu pelos espectadores e as palmas estrugiram com a espontaneidade de homenagem voluntária e reverente.

Nora não parecia ter consciência da sensação que produzia.

Tinha na fisionomia uma estranha expressão de concentração e não teve sequer uma inclinação de cabeça para esse povo entusiasmado, que sua radiosa formosura acabava de conquistar.

Com um sangue frio inalterável não perdia de vista um só dos movimentos de White Dream, que um frenesi arrastava, e com essa pequena mão enluvada, que tinha a fragilidade de um *bibelot*, dominava-lhe a fúria, fazendo-o executar as mais variadas e perigosas evoluções com a ameaça dos estalos do chicote, ou com o roçar leve das esporas de prata.

A música acelerava o compasso, e White Dream acompanhava-lhe o ritmo, empinando-se, saltando, corcoveando

sob o jugo dessa mãozinha dominadora, a cujo comando obedecia docilmente.

E o público teve nessa noite um espetáculo até então desconhecido.

Nunca artista alguma lhe havia proporcionado esta visão de agilidade na força e de elegância na destreza; nunca alguém atingira esse grau de perfeição no manejo do animal, essa serenidade imperturbável que nem um sorriso trazia ao grave semblante da amazona, essa frieza de coragem que lhe fazia arrostar o perigo como que a brincar.

E não era somente a arte consumada da cavaleira que aplaudiam, era a beleza, o garbo, o arrojo dessa tríplice sedução da mocidade, da formosura e do talento.

A música tornava-se mais viva ainda; Nora obrigava o cavalo a contornar, agora a pista numa carreira vertiginosa, onde nada mais se distinguia dela que a brancura da pluma a esvoaçar e a grande mancha rubra da rosa a sangrar sobre o Corpinho escuro.

Chegou o momento do famoso “salto da morte”, que o programa anunciava como a parte mais sensacional do espetáculo.

No centro do vasto círculo, que formava a pista, Norman e um palafreneiro armavam um muro - invenção de Landolfo! – um verdadeiro muro largo, coberto de musgo, com trepadeiras e líquenes a penderem-lhe dos lados, e de uma altura tão excessiva, que um sussurro de espanto percorreu a assistência.

Era impossível que ela galgasse esse obstáculo sem cair! Todos os olhos estavam cravados na amazona, que com uma chicotada vigorosa acelerava ainda mais o galope furioso do animal.

A orquestra tocava agora em surdina qualquer coisa de triste, como um hino de agonia; os palafreneiros haviam retomado os seus lugares, apenas Norman se conservava ao pé do muro improvisado.

Era a quinta volta que o animal dava a pista, quando, num revoluteio brusco que pôs de pé o circo inteiro, eletrizado, voltou de súbito a face ao obstáculo, galopando direto a ele.

A orquestra parou, e no silêncio solene da sala suspensa do menor movimento dessa menina que expunha desassombradamente a vida para diverti-la, Nora, com uma ligeireza que tinha algo de fantástico, pôs-se em pé sobre o cavalo desenfreado, atirando ao estribeiro o chicote inútil.

Segurava alto as rédeas, como se quisesse levantar do chão White Dream obediente, e assim direita, firme, sublime de graça e de galhardia, num desafio intrépido a todas as leis do equilíbrio, lançou ao cavalo um “hop!” sonoro, que ecoou em todos os corações, e retesando as rédeas galgou o obstáculo num salto incrível de audácia, num salto prodigioso que teve o adejo de uma ave e a duração de um voo.

Uma tempestade de palmas rebentou numa ovação delirante, enquanto White Dream desaparecia pela passagem estreita entre os palafreneiros alvoroçados, levantando um turbilhão de areia branca.

As paredes do circo tremiam ao calor desses aplausos e desses gritos, que repetiam numa aclamação uníssona e exaltada o nome da heroína dessa noite, o nome de Nora Carsten!

Da parte dos jovens, o entusiasmo atingiu ao auge; agitavam no ar chapéus e lenços, reclamando a artista, enquanto as

senhoras, de pé, batiam palmas, e Emília, fora de si, mandava beijos à porta por onde se sumira White Dream.

Landolfo, muito pálido, esfregava silenciosamente as mãos, numa satisfação que lhe tirava as palavras, e lá dentro do corredor Norman executava com delírio um passo desenfreado de *“cakewalk”* em honra de sua miss. Era um triunfo completo e embriagador.

No circo a ovação continuava, reclamando a artista, e brados autoritários exigiam com violência a reaparição de Nora Carsten.

Alfredo entrou precipitadamente no camarim da filha.

Tinha os olhos úmidos de emoção; uma expressão de orgulho triunfante transfigurava-lhe o semblante emagrecido.

__ Minha filha! __ Exclamou ele numa efusão, estendendo para Nora as duas mãos, num gesto que era ao mesmo tempo uma felicitação e um agradecimento.

A donzela não pareceu ver esse gesto. Apoiada ao toucador, tinha os olhos fechados e, pálida até aos lábios, arfava ainda de fadiga e de comoção.

Ketty, a seu lado, oferecia-lhe debalde um copo de água, indagando com solicitude se por acaso se sentia doente. Nora acenou com a cabeça negativamente.

__ Minha filha! __ Insistiu Alfredo, tomando-lhe afetuosamente a mão, que ela descalçava maquinalmente. __ Sentes alguma coisa? Se soubesses como estou orgulhoso de ti... Nunca na minha longa carreira vi ovação igual a esta! Ouves os gritos da sala? São aclamações a teu nome, Nora; chamam por ti, reclamam-te; não quererás vir comigo agradecer a essa gente, cujos aplausos exigem a tua presença?

Uma onda de sangue subiu ao rosto sem cor de Nora.

__ Sou eu acaso uma atriz? __ Replicou com soberbo desdém, fulminando o pai com um olhar chispante de indignação. Carsten deixou cair as mãos, que apertava nas suas, abaixando a cabeça como um culpado.

__ Não... __ Respondeu em voz baixa, quase que com humildade. __ Não és uma atriz. Fizeste bem em me lembrar que só consentiste em representar por favor. A alegria do teu triunfo ia-mo fazendo esquecer. Não queres ir agradecer ao público as palmas com que te aclamam? És livre, minha filha, inteiramente livre! Irei eu em lugar de ti.

Oh! essa voz! Nora jurava a si mesma nunca mais ouvir essa voz surda, essa voz de angústia e de sombria resignação, que na tarde da cena fatal lhe soara aos ouvidos tão terrivelmente.

Que lhe importava afinal ir agradecer ao público as ovações que lhe tributava, se desde o instante em que transpusera a porta da arena ela pertencia a esse público, a cujas imposições cedo ou tarde teria que obedecer? Por que adiar hoje o que teria fatalmente que fazer amanhã? Para que causar mais este desgosto ao pai, se ela já deixara em suma de ser miss Carsten, a menina ignorada no retiro da vida privada, para tomar essa brilhante personalidade, cujo nome repetem agora livremente milhares de bocas desconhecidas, para ser Nora Carsten, a nova estrela cuja estreia tomava proporções de um verdadeiro acontecimento social? Desde que se apresentara na pista, não seria tolice recusar-se a agradecer as homenagens que lhe prestavam. O que estava feito era irreparável. Nora estreara-se como artista equestre; fazia doravante parte do

elenco do Carsten-Circo; o público pagara para vê-la; tinha, pois, o direito de exigir-lhe a exibição.

Era preciso pagar também esse dinheiro com que se deveria saldar a honra de seu pai; o orgulho revoltava-se-lhe sentindo o jugo, mas este jugo aceitara-o ela por sua livre e espontânea vontade, não tinha já direito de ter orgulho. O público era agora seu dono e senhor; tinha que lhe obedecer.

__ Vamos! __ Disse simplesmente, tomando o braço do pai, que já fazia demonstração de se afastar.

E foi assim, pálida e sobranceira, sem um sorriso, tendo na grave fisionomia uma expressão de singular rancor, que apareceu de novo na arena pelo braço de Carsten, que se desfazia em sorrisos e cumprimentos reconhecidos, talvez para dissimular a frieza de sua companheira.

Ao público, porém, nada se lhe dava da expressão amável ou severa desta fisionomia; o que ele queria era a artista, essa Nora Carsten até então ignorada, que se revelara naquela noite não só cavaleira exímia, mas mulher encantadora na graça nova e fresca de seus radiosos dezoito anos.

Quando ela surgiu, correspondendo com uma leve inclinação de cabeça às palmas e vivas que de todos os lados romperam numa aclamação uníssona, quando ela surgiu com a linha régia daquele porte e o mistério daqueles olhos sérios, como uma deusa que condescendesse em deixar-se admirar momentaneamente, foi um verdadeiro delírio.

Os rapazes atiravam os chapéus e as bengalas à pista, para terem depois o direito de os irem buscar; as senhoras, de pé, nos

camarotes, aplaudiam com calor; as crianças mandavam-lhe beijos... uma verdadeira apoteose!

Nora inclinava-se sem sorrir, automaticamente, segurando-se com força ao braço do pai, pois sentia como uma vertigem, diante desse mar humano, encapelado e fremente, que parecia querer arremeter contra ela e arrebatá-la num frenesi de entusiasmo.

Ao entrar de novo no circo, teve como na primeira vez a sensação de entrar num oceano de luzes. Essas centenas de braços que se estendiam para ela, o magnetismo desses olhos todos que sentia fixos sobre si; acesos de admiração, davam-lhe uma impressão de medo, e para disfarçar essa impressão, aprumava inconscientemente o busto num desafio mudo à turba em delírio, que esta atitude de arrogante impassibilidade excitava cada vez mais.

Mas de todas essas palmas, de todos esses vivas, de todos esses aplausos, que deveriam ser para a sua vaidade de mulher troféus de uma inigualável vitória, nada mais lhe restava - agora que no seu camarim se deixava despir por Ketty - do que uma lassidão extrema. D. Emília fora boa profetisa; o sucesso havia sido com efeito sem igual, excedera tanto a expectativa geral, que se vira forçada a postar Norman à porta do camarim para impedir a entrada à corte de admiradores exaltados. Uma profusão de flores ornava agora toucador, como o dissera Emília, e desses ramos perfumados pendiam cartões, onde nomes aristocráticos e plebeus, numa confusão das mais democráticas, solicitavam a honra de ser apresentados a rainha daquela noite de gala.

Tudo isto, porém, deixava Nora profundamente indiferente, recusou aflar a quem quer que fosse, e dando como pretexto uma

enxaqueca terrível motivada pela emoção da estreia e pela fadiga do “salto da morte”, retirou-se para casa em companhia de Ketty, fugindo assim às demonstrações admirativas da madrasta, e à proximidade de Landolfo, cuja atitude se lhe tornara insuportável naquela noite.

D. Emília estava excitadíssima, dir-se-ia que todas essas flores e homenagens, todas essas admirações, cujos eflúvios estonteantes nada podiam contra a insensibilidade da enteada, recaíam sobre ela, infiltrando-lhe nas veias essa embriaguez sutil e capitosa, que tão estridente lhe fazia o riso e tão provocador lhe tornava o olhar.

Fez as honras na delicada ceia que Landolfo preparara em honra de Nora e à qual a menina recusou acintosamente comparecer, com uma negativa desdenhosa, cuja afronta ele jurou a si mesmo vingar mais tarde.

Carsten resplandecia de satisfação. Foi pessoalmente desculpar a filha perante os numerosos admiradores que reclamavam a honra de lhe ser apresentados; e fê-lo com tanta reserva e tanta amabilidade, que lhes excitou ainda mais a curiosidade sobre essa criatura misteriosa, cuja beleza triunfal se levantava no firmamento teatral como um astro novo, cheio de tentadoras promessas e de nunca vistas seduções.

Entretanto, Nora, a triste heroína dessa festa, sozinha afinal no seu quarto luxuoso, entrançava distraidamente a cabeleira ondeada, que lhe caía num manto de veludo escuro sobre as rendas claras da camisola. Despiu-se às pressas, despedindo Ketty, que insistiu em ajudá-la, numa ânsia tal de repouso, que lhe fez atirar sobre a cômoda a carta ainda fechada de Madre Sibila.

Sentia-se tão cansada, que nem para chorar achava coragem!

Estava tudo terminado; o passo fora dado, havia entre ela e Curt o intransponível.

Nora suspirou, atirando nervosamente para trás a grossa trança já acabada; deu a esmo dois ou três passos pelo quarto, enterrando com uma esquisita sensação de gozo os pés descalços no fofo tapete branco que cobria o assoalho. Sentia no coração um peso intolerável, mas não podia chorar.

A luz mortiça da lamparina elétrica derramava pelo aposento uma, claridade rósea, onde tudo se esbatia numa penumbra de sonho. Nora afastou com impaciência a colcha de cetim e deitou-se na cama,
ao comprido, cerrando os olhos como para dormir. Mas o clarão da lamparina incomodava-a; a cabeça doía-lhe intoleravelmente; soergueu-se com impaciência para apagar a luz, que lhe roubava o sono, com a vista na carta abandonada sobre a cômoda. Que lhe poderia dizer Madre Sibila? Desde que não podia dormir, era melhor tomar conhecimento da missiva, embora soubesse que doravante poucas relações poderia ter com a superiora, pelo menos relações de sociedade, uma atriz não sendo criatura que seja recebida no aristocrático convento de Bruxelas. Nora teve um sorriso pungente. Levantou com um gesto brusco o *abat-jour* rosado, que amortecia a luz viva da lamparina, e, rasgando o sobrescrito, pôs-se a ler com sofreguidão:

Minha filha,

Deus a conduz por caminhos estranhos, mas, por mais estranhos que se nos afigurem, curvemo-nos aos seus desígnios e esperemos com humildade que os acontecimentos nos indiquem o fim para que nos destinou desde sempre.

Recebi a carta onde me expunha a causa de sua brusca mudança de vida e de resolução extrema que foi obrigada a tomar, resolução essa que me teria sido explicável mesmo sem ela. Que Deus a proteja, minha Nora! A pureza das intenções e o espírito de sacrifício nobilitam e purificam todas as ações; lembre-se disto quando a sua cruz lhe parecer demasiado pesada.

Talvez o Senhor lhe reserve ainda dias de ventura e talvez a conduza Ele ao porto seguro da paz, por esta senda tão eriçada, aos nossos olhos, de perigos e tentações.

Em todo o caso, suceda o que suceder, lembre-se sempre, filha de minha alma, de que o meu pensamento a acompanha por toda parte e de que tenho confiança em você a despeito de tudo, pedindo a Deus que a guie, que a abençoe.

Madre Sibila

Nora fechou a carta e apagou a luz. As lágrimas corriam-lhe agora silenciosamente pelas faces e sem amargor, aliviando o peso que lhe apertava o coração, à medida que corriam.

Como era boa Madre Sibila e como sabia achar em seu afeto a frase que consola e a ideia que anima! ... Não a desdenhava, não a repudiava; confiava nela simplesmente, com a segurança generosa de um verdadeiro afeto. A amizade transpunha a barreira que fizera recuar o amor....

E no aconchego de seu quarto escuro, Nora, exausta de reflexões e de lágrimas, apertava de encontro ao peito a carta de Madre Sibila e repetia a si mesma a frase consoladora: A pureza de intenções e o espírito de sacrifício nobilitam e purificam todas as ações.

__ Será Curt também desta opinião? __ Interrogava, cerrando a meio os olhos na semi-inconsciência do sono que chegava. E

nesta interrogação, em que palpitava já uma confusa esperança, sem que ela disso tivesse consciência, Nora adormeceu, prometendo a si mesma que, não obstante as dificuldades do caminho, o amor de Curt seria para ela o escudo que a protegeria contra as tentações e que lhe impediria de cometer tudo o que pudesse merecer o seu desprezo.

*   *   *   *   *

Enquanto os acontecimentos se precipitavam para Nora em sua pátria, Curt no estrangeiro fruía dias pacíficos; com a sua delicada elegância de janota e o ardor de sua mocidade entusiasta, gozava do que de exótico e interessante encontrava nessa terra de exotismo e de interesse que é Constantinopla.

Desde que tornara a ver Nora e que adquirira a certeza, a tranquilizadora certeza de ser Dahnow tão indiferente à menina como os demais, que debalde lhe haviam feito a corte, tomou a resolução de gozar do presente sem se embaraçar com apreensões e saudades inúteis. Faltava apenas um ano e meio para finalizar-se o contrato. Curt depositava plena confiança na afeição de Nora, tinha certeza de que o seu afeto por ela não mudaria era, pois, sem receio que suportava a separação, fazendo o possível para assimilar um cabedal de conhecimentos práticos e literários, que poderiam vir a ser-lhe úteis mais tarde.

Delineava tão bem o seu futuro que já sabia de cor os dias vindouros, comprazendo-se às vezes em evocar na doçura de um devaneio ao crepúsculo o que seria a sua vida, quando sentisse sobre o braço o peso leve da mãozinha de Nora.

Apenas terminasse o prazo marcado pela condessa, pediria licença para ir a Viena, onde o casamento se efetuaria na mais

estrita intimidade.

Para evitar qualquer desavença entre a mãe e a esposa, e principalmente para arrancar definitivamente Nora a seu pernicioso meio, viria passar ali mesmo em Constantinopla a lua de mel, não abandonando logo esse posto de secretário, pois a permanência longe da pátria lhe facilitaria o silêncio, que ele desejava se fizesse em torno de seu enlace.

Desde já arquitetava a casa que prepararia para receber Nora, o lar oriental, almofadado e tépido, onde pretendia esconder a felicidade de seu grande amor.

Depois de dois ou três anos de permanência no estrangeiro, regressariam ambos a Viena, onde se demorariam apenas, para irem, fixar residência em Degenthal, nesse velho castelo solarengo, cujas valiosas terras Curt tencionava cultivar, levando a vida de fidalgo lavrador - que fora a de seus antepassados e que ele honradamente continuaria!

Nutria a esperança de ver dissipados nesse tempo todos os ressentimentos da condessa e esquecidas há muito as prevenções que alimentava contra Nora; esperava também que nessa época Carsten, farto de nomeada, já se houvesse retirado à vida privada, indo para Nova York ou Washington gozar o fruto de seus afanosos anos de trabalho.

Embalado por todas estas esperanças, que lhe faziam ver a vida através do mais radioso dos prismas, Curt entregava-se ao prazer de ser moço e estar livre.

Relacionou-se muito com o secretário francês Jacques Dorval, rapaz de vinte e oito primaveras, alegre como um gaulês genuíno,

com umas tinturas de literatura e uma veia artística, que faziam dele o mais espirituoso e o mais agradável dos companheiros.

Dorval estava há dois anos em Estambul; conhecia melhor do que o Baedecker todos os recantos da cidade dos mirantes. Era, pois, o homem designado para servir de iniciador a Degenthal. Encontraram-se no *garden-party* de uma elegante de Pera e, atraídos por irresistível simpatia, fizeram logo camaradagem.

Essa camaradagem, as longas excursões que Dorval fazia empreender ao “novato”, como chamava a Curt, encarregaram-se de transformar em breve uma franca amizade.

Amizade que excluía toda a confidência propositadamente e que tinha para ambos o encanto de uma união puramente intelectual, avivada de dia em dia por secretas afinidades de espírito e de coração.

Costumava Curt fazer pequenas excursões ao longo do Bósforo em companhia de Dorval, excursões que tinham a duração máxima de oito dias, e durante as quais o francês mostrava-se esfuziante
de graça maliciosa e de erudição superficial.

Foi de volta de uma delas que, apresentando-se na legação para receber ordens de seu chefe, entregou-lhe o próprio embaixador um pacote volumoso, cujo endereço fora escrito evidentemente por mão feminina.

__ Veio registrado __ Disse-lhe afavelmente, e como Curt se adiantou pressuroso, com uma impaciência mal contida, acrescentou com bonomia: __ Para que tanta pressa, menino? Vós, moços, sempre vos alegrais, quando vos chega uma nova! ... Eu também já fui assim; no entanto é sempre mais prudente considerar

a gente a novidade com desconfiança... Sabemos lá o que nos reserva o dia de amanhã? ... Mas... não quero detê-lo. Vá saborear à vontade a crônica caseira; dou-lhe férias até à noite.

Curt agradeceu sorrindo e retirou-se, indo encontrar-se à entrada com Dorval, que o esperava para combinarem ambos um passeio ao cemitério de Eyoub, onde a poesia primitiva e sonhadora da alma

e das coisas maometanas se sentia mais intensamente do que em qualquer outro sítio de Estambul, segundo afirmava o francês.

O passeio só se efetuaria ao crepúsculo, a hora romântica por excelência; mas como Dorval não tinha ocupação alguma para matar o tempo, foi acompanhando o amigo até à residência, entrando nela com a intimidade que haviam criado esses dois meses de convivência diária e que o fazia comensal ordinário do conde.

Só quando Curt pousou o pacote sobre a mesa com uma afetação de barulho talvez intencional, é que ele percebeu que estava em vias de se tornar indiscreto.

__ Ah vejo que tem correspondência, conde! __ Exclamou com a desenvoltura costumada. __ peço licença para retirar-me e, como Curt fizesse um gesto de protesto. __ Não proteste, caro amigo; sei perfeitamente o que são essas coisas. Tenho também, por felicidade num cantinho dessa Paris cosmopolita, uma velhinha de cabelos brancos e duas garotas louras, que me enviam de vez em quando pacotes desse gênero. São pedacinhos do homem, petiscos do coração, que a gente gosta de saborear a sós. Esteja, pois, à vontade. vou dar umas voltas pelo seu pátio e visitar *mes dames les roses*, a que faço

sempre dois rapa-pés, como sabe. E as suas estão lindas! Dignas de enfeitar a cabeça de uma Azyiada ou de se desfolharem no seio de Fátima, a preferida do profeta.

Assim falando, com verdadeira satisfação de botânico e de artista, Dorval desaparecia entre as trepadeiras em flor, onde cantava o borbulho sonoro do chafariz, que em toda casa turca orna infalivelmente o pátio interior.

__ Creio que minha mãe tenciona fazer de mim um jornalista! __ Disse Curt, rindo, ao deparar-se-lhe a série de jornais que saíam do pacote aberto. __ Meu caro Dorval, pode vir sem susto; creio que não será para hoje "o petisco do coração", como diz. Só vejo gazetas... anúncios... e...

A frase morreu num grito abafado que teve o poder de arrancar o jovem francês da contemplação de uma bonita rosa-chá, borrifada de orvalho, que ele examinava com a satisfação extasiada de um *dilettante* apaixonado.

__ Que tem, conde?! __ Perguntou, correndo para Curt, que, segurando na mão uma carta aberta, debruçou-se sobre a mesa, onde dum amontoado de jornais surgia, disparatado e vistoso, um grande cartaz de teatro em letras coloridas. Curt escondia o rosto com a mão livre; era, pois, impossível a Dorval distinguir-lhe a expressão da fisionomia.

__ Que tem? Pelo amor de Deus, diga-me o que tem, conde? __ Repetiu Jacques, assustado, tentando levantar a cabeça inerte do rapaz. Recebeu alguma notícia má? Quer que chame um criado?

Curt ergueu-se pesadamente; tinha as feições horrivelmente contraídas.

__ É uma vertigem! __ Explicou com esforço, apertando as fontes, como se ali sentisse uma dor aguda. Não me sinto bem... dê-me água... depressa...

Dorval precipitou-se para o interior da casa, assustadíssimo pela alteração do semblante do amigo; gastou dois minutos, no máximo, para trazer o moringue e o copo que se achavam na sala de jantar; mas estes dois minutos foram suficientes para dar tempo a Curt de fazer desaparecer a carta, o cartaz e os jornais que juncavam a mesa.

O francês notou esse fato; mas, como era homem de espírito, absteve-se de perguntas.

__ Eis a água! __ Declarou, enchendo o copo e apresentando-o a Curt que, com a cabeça entre as mãos, parecia sucumbido ao peso de uma dor violenta. __ Sente-se melhor?

__ Obrigado! __ Respondeu Degenthal, tomando o copo com a mão trêmula. __ Sinto-me um pouco melhor. Dói-me ainda horrivelmente a cabeça... __ Continuou, depois de ter bebido um gole, cerrando um pouco os olhos e passando a mão pela testa pálida. __ Foi uma vertigem; creio que a excursão de ontem me fatigou muito. __ Rematou à guisa de escusa, deixando recair a cabeça nas mãos.

Jacques Dorval era demasiado cortês para replicar que ele não dera mostras dessa fadiga quando o encontrara à porta da embaixada, e compreendendo que só más notícias de casa, notícias que queria encobrir, motivaram essa repetina indisposição, achou que o melhor meio de ser amigo naquele instante era retirar-se. Precisava, porém, de achar um pretexto para disfarçar esta saída *ex-abrupto*; achou-o logo:

__ Tem o pulso muito agitado, conde... __ Tornou, depois de uma pequena pausa, tomando solicitamente a mão do amigo. __ Penso que é um pequeno acesso de febre que se prepara, e como nestas condições o nosso passeio a Eyoub fica adiado indeterminadamente, aconselho-o a meter-se debaixo dos lençóis. Vou chamar Arif, o seu criado, para que ele não lhe permita fazer imprudências, e ao passar chamo-lhe o médico, pois não acho prudente brincar-se com o clima desta bela Turquia.

Antes que Curt pudesse responder sequer, Dorval bateu palmas para se fazer ouvir do criado. Degenthal teve um sorriso forçado, levantando-se com visível dificuldade:

__ Obrigado! __ Repetiu com voz surda. __ Parece-me que vou melhor; já não vejo tudo andando à roda. Mas... diga-me uma coisa, Dorval, nestas febres turcas... há delírio?

__ Conforme... __ retorquiu o francês, sorrindo para esconder a surpresa que esta pergunta lhe causava. __ conforme o grau da infecção. Espero, porém, que tal não há de ser o seu caso!

__ Uma boa febre talvez me fizesse bem... __ murmurou Curt, como se falasse a si mesmo. __ ... e a gente pensa muita vez que a vida não é mais que um delírio continuado. Realmente, não me sinto bem! __ prosseguiu, cambaleando como se caísse. __ Perdoa-me, Dorval, ter que lhe *fausser compagnie*; seria hoje um deplorável companheiro. Julga necessário um médico? ... Acho-o dispensável; em todo o caso nada de visitas! Pelo amor de Deus, amigo, não admita. É coisa que não posso sofrer, quando estou doente.

__ Como quiser, alemão, cabeçudo; mas hás de sofrer a do médico, não é verdade? Quando não, não arredo o pé daqui, pois

suponho que esta proibição contra as visitas não me compreende. Seria suposição temerária, meu amigo?

O francês falava com o desembaraço habitual, procurando ocultar a apreensão que despertava nele a atitude singular do amigo. Não queria ser indiscreto, mas também não queria abandoná-lo quando o via com esse palor de morte, esse impressionante olhar fixo e sobretudo essa expressão desvairada, que lhe desfigurava a cada
momento a fisionomia. Arif entrava nesse momento. Dorval recomendou-lhe em duas frases breves o patrão e, apertando a mão de Curt, saiu rapidamente, para lhe chamar o médico mais depressa.

__ O choque devia ter sido rude; pobre rapaz! __ Pensou ao transpor o limiar da porta, mas, apenas dera cinco passos na calçada, ouviu claramente que o chamavam. Voltou-se; era Degental, que, com a cabeça descoberta e um insólito rubor nas faces, se dirigia para ele a passos vacilantes.

__ Dorval! __ Disse-lhe encarando-o um pouco alucinadamente. __ Vou pedir-lhe um favor de amigo. Mandaram-me por engano esta carta, é para... um primo meu. Tenha a bondade de pô-la no correio ao passar; é preciso que parta hoje mesmo. Compreende?

Jacques acenou afirmativamente e, tomando a missiva, ofereceu-lhe reconduzi-lo até seu quarto, tanto o assustava a agitação em que o via. Curt recusou quase com maus modos e, agradecendo, retomou com andar incerto o caminho de casa.

O francês seguiu-o com a vista até vê-lo desaparecer, examinnando em seguida com ar perplexo a carta misteriosa, que

trazia como endereço, numa letra indubitavelmente feminina; “Conde Curt Degenthal”, e por baixo, com letra de Curt, o nome de uma cidade da Saxônia e *Allemagne, retour*. Dorval virou e revirou a carta entre os dedos; era evidente que não fora aberta.

__ Cortem-me a cabeça, se em tudo isto não andar um rabinho de saia. Pobre mensageira; pode gabar-se de ter tido uma recepção desabrida! Nem sequer a abriram. Talvez mais tarde se arrependa Degenthal de não ter lido o que ela continha; a gente às vêzes faz assim tolices sem o saber. Esses anglo-saxões então... são telhas de ferro! Em todo o caso façamos-lhe a vontade. Eu daria de boa mente três anos de existência para saber o que vai neste papelucho; é coisa de mulher, não resta dúvida! Em toda desgraça há sempre uma filha de Eva pelo menos, no fim, no princípio ou no meio! *“Oh! les femmes, les femmes! Ce qu'elles nous front broyer du noir, les matines!”.* Concluiu, estugando o passo e soltando um suspiro tão profundo, que só poderia ter sido arrancado ao amargor da própria existência.

*   *   *   *   *

Com a mesma ânsia, a mesma dolorosa e contida impaciência com que dias antes Nora esperava a resposta a sua carta, esperava agora a condessa uma palavra do filho, acusando a recepção do pacote. Baldada espera! Os dias passaram, as semanas na mesma e Curt não dava sinal de vida! A condessa perdia-se em cálculos e

conjeturas. Imaginava às vezes que o pacote se teria extraviado; mas, como sucederia isto, se o mandara registrar? Dizia-se, para sossegar a aflição que pouco a pouco lhe dominava o espírito, que o filho andava com certeza a viajar, não podendo por conseguinte dar logo resposta à carta recebida tardiamente.

Resolveu escrever outra carta; mas a segunda ficou sem resposta, como a primeira. Que significava este silêncio?!

A Condessa receava ter sido pouco hábil na remessa dos jornais; temia que a certeza da deserção de Nora não tivesse sido suficiente para destruir no coração do filho o germe desse nefasto amor. Não teria sido melhor prepará-lo antecipadamente?

E era tão martirizadora a angústia de todas estas suposições, que a condessa chegava a desejar que Curt viesse, revoltado, inconvencível, resolvido a galgar mais esse obstáculo, disposto a desposar Nora a despeito de tudo, mas vivo, falador, animado, presente, enfim, fazendo cessar com a sua chegada o suplício desse silêncio
agoureiro.

Depois de um silêncio desesperador, recebeu ela afinal uma carta de Constantinopla. Mais uma decepção, esta carta! Não era de Curt; escrevia-lhe o próprio embaixador.

Com muito cuidado e depois de vários circunlóquios preparativos, anunciava-lhe que, impedido por súbita indisposição, Curt não lhe podia escrever. Atribuíam os médicos essa indisposição à fadiga produzida pela recente excursão do conde ao interior do país e, com as precauções usadas em casos tais, o embaixador acrescentava

que a doença não apresentava nada de alarmante e que o conde estava cercado de todos os cuidados possíveis.

A condessa, atordoada com esta notícia inesperada, a única que não lhe acudira na chusma de hipóteses que imaginara, não pôde conter uma exclamação de susto ao verificar que a data da doença do filho coincidia justamente com a do recebimento do pacote.

Repeliu resolutamente um remorso importuno e com a energia de sempre preparou a viagem a Constantinopla. Era-lhe impossível estar longe do filho, sabendo-o doente e entregue a mãos estranhas.

Dois dias antes da partida recebeu, todavia, outra carta do embaixador, acompanhada de um bilhete do médico assistente e outro de Jacques Dorval. O embaixador e o médico declaravam Curt fora de perigo; o segundo insistia muito sobre o fato de o doente não poder suportar a menor emoção no estado de extrema fraqueza em que se achava.

Jacques Dorval, a quem a condessa telegrafou comunicando a sua chegada - por sabê-lo enfermeiro voluntário do filho e encarregado temporariamente da correspondência e dos negócios de Curt - foi mais franco em suas exposições.

Depois de vários pormenores sobre o enfermo e circunstanciadas notícias sobre a opinião dos médicos, terminava o serviçal francês aconselhando abertamente à condessa a não fazer a viagem. No grau de debilidade e de irritabilidade nervosa a que tinha chegado Curt, a visita da mãe e a emoção inevitável que essa visita excitaria ser-lhe-iam fatais.

Dorval tomava, pois, a liberdade de pedir à condessa a transferência dessa viagem, comprometendo-se a enviar-lhe semanalmente, com uma franqueza de cirurgião, notícias do doente.

A Condessa cedeu, Deus sabe com que sacrifício! Visto que era para o bem do filho, desistia da ida a Constantinopla com a mesma facilidade com que a preparara.

Passaram-se algumas semanas. Dorval, fiel à sua promessa enviava-lhe todas as semanas um relatório completo do estado de Curt.

Infelizmente a convalescença fazia-se com muita lentidão. A febre cedeu, mas o organismo extenuado parecia não ter forças para a reação necessária. Curt não se queixava de coisa alguma, mas acabrunhava-o uma profunda, uma invencível apatia. Falta absoluta de apetite, insônias frequentes, vivia num mutismo mórbido, não pronunciava uma só palavra acerca do que motivara o seu mal; dir-se-ia que se haviam extinguido nele todas as fontes de energia física e moral.

Tudo lhe era indiferente, não se interessava por coisa alguma, e era tal a fraqueza em que se achava, que para erguer-se do sofá necessitava do auxílio do criado. Em um só ponto mostrava ainda ter alguma vitalidade: não podia tolerar que falassem da pátria ou da família ausente. Desconversava quase sempre, só saindo do seu abatimento para pedir irritadamente que não tocassem em presença dele em assuntos que lhe eram desagradáveis.

Os melhores médicos consultados haviam sido unânimes em receitar repouso absoluto, evitar o mais possível toda contrariedade

e, apenas o doente pudesse suportar as fadigas da condução, uma longa viagem não só como cura, mas como recreio e distração.

Nas condições atuais, a condução era impossível; esperava-se, pois, que Curt se fortalecesse para cumprir à risca esta última prescrição médica. Seu amigo Dorval pretendia acompanhá-lo nessa viagem.

__ Não pôde resistir ao clima! __ Disse a condessa, com ares falsamente compassivos, à a coorte de amigos que, apenas se espalhou a notícia da doença de Curt, lhe veio apresentar as condolências e buscar assuntos para comentários e “notas d'Arcádia”.

Também que ideia de mandar sem necessidade o filho para o estrangeiro?

A condessa lia em todos os olhos e adivinhava esta latente e silenciosa exprobração da sociedade, sob a efusão das exclamações de piedade e a simpatia das amabilidades.

Orgulhosa como sempre, não se dignou confiar a ninguém o tormento em que vivia, e, impassível na aparência, aceitava com um sorriso as frases de interesse, devorando as lágrimas para que ninguém pudesse suspeitar que ela se arrependia um só momento de ter mandado o filho para Constantinopla.

Mas o que de íntimo sofrer escondiam este sorriso e esta reserva indicavam-no visivelmente o enfraquecimento de seu corpo, outrora esbelto, agora curvado como ao peso de uma carga superior a suas forças, e o embranquecimento rápido do cabelo, que em poucos meses se fizera branco como algodão.

Por fim, depois de angústias sem conta e apreensões sem número, recebeu ela, nos princípios do verão, uma carta de Dorval,

onde o francês lhe anunciava estar Curt suficientemente restabelecido para empreender a viagem projetada.

A condessa teve a sensação de respirar livremente pela primeira vez depois desses longos meses de opressão. Já podia escrever-lhe diretamente, agora que as emoções já não lhe podiam fazer mal.

E na alegria de ver, enfim, restituído a saúde e à vida quem fora sempre o predileto de seu coração, dirigiu-lhe uma longa e carinhosa carta, em que, sem o querer talvez, pedia positivamente uma resposta.

A resposta não se fez esperar; era, no entanto, de Dorval, como sempre. Curt mandava pedir mil desculpas à mãe de não lhe responder por própria mão.

Todo esforço era-lhe ainda penosíssimo e sustentar uma caneta fatigá-lo-ia demasiado. Enviava-lhe, porém, o itinerário da viagem e a lista das cidades para cujas casas bancárias deveria mandar o dinheiro. Pretendia partir, apenas obtivesse a licença de Jacques; esperava que a mudança de clima e de ares lhe restituiria a saúde do corpo e da alma.

Iriam primeiro à Grécia, depois à Sicília, passando o inverno no sul da França, onde terminaria a cura, se *rapprochant pourtant toujours plus de sa patrie et du coer de sa mère*, rematava o francês, numa frase graciosa, apresentando à condessa suas mais reverentes homenagens.

Ao ler aquelas linhas, duas lágrimas ardentes rolaram pelas faces de Clotilde Degenthal.

O filho não tivera uma palavra para enviar-lhe! Fatigava-o escrever, e por isso, esquecendo os martírios por que deveria estar passando, essa de quem era o maior cuidado, nem sequer lhe mandara pedir sua bênção.

E era naquele ingrato que havia concentrado todas as forças vivas de sua ternura e de sua ambição! Na amargura de seu desalento, voltou-lhe tristemente à memória uma frase de Madre Sibila, há tempos distraidamente ouvida: “Queira Deus que com todas estas oposições não percas um filho em vez de ganhar mais uma filha!”

A ninguém confiou a condessa a carta que recebera de Nora para o filho, nem jamais entreteve pessoa alguma com semelhante assunto. Nem mesmo o preceptor, seu conselheiro habitual, soube dela uma palavra acerca da estreia no circo da filha do diretor.

Para o preceptor, o procedimento de Nora continuava, pois, a ser um enigma indecifrável; a estreia veio confirmar os boatos que há algum tempo corriam, e o bom sacerdote, a quem o caráter e as ideias de Nora não eram desconhecidos, ficava perplexo, tendo que render-se a evidência, sem saber a quem acusar, nem a quem desculpar.

Por esse tempo recebeu a condessa uma carta de Madre Sibila. Com a expansiva familiaridade de uma antiga companheira de escola, a superiora exprimia-se desta forma:

Prezada Clotilde,

Há muito desejava escrever-te, dando-te algumas explicações indispensáveis acerca de uma pessoa que, se a roda da fortuna lhe tivesse

sido favorável, deveria hoje estar unida a ti pelos laços mais íntimos e mais sagrados.

O retiro das Filhas de Maria e algumas obras que fui obrigada a empreender em casa impediram-me de vir cumprir mais cedo este dever, pois julgo um dever meu vir esclarecer-te acerca do procedimento de Nora Carsten; já adivinhaste que é dela que eu quero falar, não é verdade?!

Podes ter a certeza de que foi num rasgo de amor filial e só para salvar da ruína o seu pai agonizante que ela se decidiu a abraçar esta carreira tão contrária aos seus instintos e à sua educação.

É quase inútil dizer-te quanto lhe custou o sacrifício! Só Deus pode avaliar o sofrimento dessa criatura, que eu pretendo desculpar hoje a teus olhos, para que não a condenes perante teu filho.

Dize-lhe, e será por certo o único consolo à dor que isto lhe deve ter causado, que não o foi por traição à palavra dada, nem por desejo de exibição que Nora se estreou no circo.

Moveu-a unicamente o mais alto, o mais abnegado e o mais louvável espírito de sacrifício. Deus há de forçosamente recompensá-la mais tarde, e se a sua onisciente Providência assim o quis, é que isto era para o bem de ambos!

Que o Senhor proteja teu filho, Clotilde, e te abençoe; é o desejo de tua velha amiga em Cristo.

Madre Sibila

__ Maria Luísa perdeu a cabeça! __ exclamou irritadamente a titular, atirando para o lado a carta da religiosa. __ Sua predileção

por essa americana faz-lhe inteiramente olvidar o ponto de vista prático da questão. Justamente agora que meu filho convalescente começa talvez a esquecer, iria eu, por um romanesco escrúpulo de Justiça, rememorar-lhe todo o passado e reavivar nele a loucura dessa descabida paixão? Que tolice! É singular como no afastamento do mundo e da sociedade se tornam pouco práticas as pessoas mais inteligentes! Como se tornou verdadeiramente Madre Sibila essa pobre Maria Luísa... Que romantismo de ideias!

E para não tomar o rumo romântico das ideias da boa freira, a condessa deitou fogo à carta, sem adivinhar na cegueira do seu orgulho que esta carta teria sido o único meio de reaver o que ela há tanto e tanto tempo desejava: a confiança e o afeto do coração de seu filho.

* * * * *



Devemos, pois, Separar-nos?
Não terás sequer um olhar
para a companheira de infância?
Não estenderás a mão à pobre
que outrora amaste?
Julgas que nado em mar de rosas?

ANOS se passaram. Lily atingira a maioridade; ninguém, contudo, daria à sua franzina e graciosa aparência mais do que os dezesseis anos com que deixara o convento para começar, sob a

tutela da tia, essa vida de diversões e mundanidades, que até àquela data fora a sua.

Os anos haviam passado sobre ela sem lhe alterarem em nada o frescor da tez e a graça ingênua do todo infantil. Adquirira mais elegância; o hábito da sociedade e a consciência de ser um partido, e um partido muito requestado, acabara-lhe aos poucos com o acanhamento, sem diminuir em nada a extrema reserva das maneiras e a sossegada indiferença com que parecia considerar o resto da humanidade.

Fora inúmeras vezes pedida em casamento. Sem razões definidas, com um entendido levantar de ombros, onde se traduzia um aborrecimento infinito de todos e de tudo, rejeitara todos os pedidos, dando como pretexto que ainda não se sentia preparada para a vida conjugal.

Este pretexto, que fazia sorrir perversamente o bando malicioso das amiguinhas casadouras, era geralmente considerado como uma escapatória para mascarar a decepção que a partida do primo lhe causara.

Ninguém na sociedade ignorava os projetos da condessa a respeito do filho e da sobrinha, e Mitzy Holbein, a crônica viva da alta roda, afirmava a quem lhe quisesse dar ouvidos que, se o belo Curt tivesse querido, o tal preparo para a vida conjugal não teria faltado àquela sonsinha de Lily.

A verdade é que, com ou sem razão, a menina era considerada como um desses seres infelizes que uma paixão mal correspondida martiriza secretamente, e, não obstante o seu dote, uma compaixão geral e um tanto zombeteira acompanhava-lhe os passos.

Lily não parecia ter consciência dos sentimentos que inspirava. Olhava o mundo com a sorridente indiferença de quem tomou há muito uma resolução, em cuja, realização o mundo não pode influir; e quem lhe tivesse observado de perto a tranquila fisionomia, teria notado no fundo azul de seus olhos uma expressão nova e séria, uma espécie de rancoroso desafio a toda essa gente que tão levianamente falava do que era a essência mesma de sua vida.

Para a condessa, a atitude da sobrinha era ao mesmo tempo uma resolução e uma esperança. Desde que Nora, por sua livre e espontânea vontade, se separava para sempre de Curt e este não parecia disposto a refazer tão cedo novos planos de futuro, era realmente um contentamento a indisposição de Lily para o matrimônio.

A condessa renunciava cada vez menos a seus projetos e, dando tempo ao tempo, esperava que o esquecimento voltasse à alma do filho, para, curado enfim e dócil como outrora, lhe meter nos braços esta tímida criança, que desde o berço ela lhe preparara para esposa.

Habituara-se, pois, a ver em Lily uma possessão de Curt, um objeto insignificante, como que um traste pertencente ao filho e do qual ele lhe tivesse confiado a guarda e a responsabilidade. Nunca he passara pela mente que esse objeto, de cuja submissão nem um segundo sequer duvidara, pudesse ter um minuto a veleidade de possuir uma vontade.

Se Lily, por um acaso que ela julgava sempre inadmissível, tivesse querido casar-se com um dos muitos pretendentes que lhe haviam aspirado à mão, era conscienciosa demais para a demover

desse intento, mas acreditaria piamente que ela seguia assim a mais certa das infelicidades.

Mas a hipótese de ver a sobrinha desposar outro, que não Curt, nunca lhe havia parecido fazer parte dos fatos possíveis; nem pensava nela, confiando no afeto de Lily pelo primo com uma certeza quase cândida, à força de firmeza. Sua surpresa atingiu mesmo às raias do assombro, quando, alguns dias depois de ter completado os
vinte e um anos, que a faziam livre e senhora de suas ações, a sobrinha lhe anunciou estar resolvida a deixar Viena, cuja vida mundana a fatigava, e a ir morar em companhia de uma velha parenta pobre, numa pequena propriedade que possuía nos arredores da capital.

A condessa não achou palavras para replicar, sufocada de espanto pelo imprevisto desta coisa inimaginável: Lily tomando resoluções, Lily dando-se ao luxo de ter uma vontade! Era o mundo às avessas... Perguntou-lhe em vão as razões dessa deliberação repentina, em vão lhe fez ver os comentários a que se sujeitava e sujeitaria a ela, condessa, com a sua partida desarrazoada; falou, indagou, insistiu sempre em vão.

Com uma teimosia polida, Lily respondeu a todos os argumentos, desfez todos os obstáculos. De olhos baixos, com um leve sorriso onde se condensava a firmeza de um ideal há muito amadurecido, recusou dar outro pretexto a não ser o cansaço da frívola existência vienense e o desejo de pôr em sua vida qualquer coisa útil
e de sério, tal como a direção de suas propriedades.

A tia mão a podia acusar de ingratidão porque poderiam estar juntas diariamente, visto que Degenthal não distava muito da casa de campo onde ia habitar. A condessa lutou ainda durante certo tempo, mas Lily, com o seu eterno sorriso de doçura, fez-lhe compreender terminantemente que, se não lhe concedesse de bom grado a licença que lhe pedia por mera formalidade, se veria na contingência desagradável de passar sem ela, pois não havia forças humanas que conseguissem retê-la por mais tempo em Viena.

Diante da tenacidade dessa resolução, a condessa teve de ceder e, não obstante qualificasse desdenhosamente essa partida de “capricho infantil”, resignou-se, mau grado seu, a ver abandonar-lhe a companhia essa criança em quem jamais supusera existir um átomo sequer de energia e de decisão.

Lily partiu, pois, mas tão discretamente como vivera. E na sociedade, onde essa partida foi acolhida com uma estupefação quase igual à da condessa, correu logo o boato de que uma desavença separara a sobrinha da tia, misturando este à curiosidade irônica de saber como a pobrezinha da Lily se sairia da tarefa difícil de administrar uma fortuna e dirigir propriedades. Teria ela energia suficiente para levar a cabo esse capricho rural?!

Contra a expectativa geral, a “pobrezinha” teve energia não só para levar a cabo o capricho, mas ainda para persistir nele e parecer muito satisfeita com o seu novo gênero de vida. Essa satisfação era, entretanto, mais aparente do que verdadeira, embora Lily fosse uma dessas naturezas que nenhum desgosto pode alterar fundamente.

Crescida e criada na ideia exclusiva de ser a esposa de Curt, apenas saísse do colégio, não fora sem uma decepção secreta que vira adiado indefinidamente este único sonho de sua vida. Tinha tal

certeza de que os acontecimentos não poderiam deixar de ser como a tia o determinara, que se considerava sempre a noiva de Curt, aquela que ele devia esposar fatalmente e por certo amara sempre unicamente, amava e amaria.

Os acontecimentos, porém, não se apressaram em obedecer aos desejos da condessa, como ela, Lily, estava disposta a fazê-lo, e o acolhimento indiferente do primo, quando saiu do colégio, foi a primeira grande desilusão desse afeto em torno do qual giravam, desde a mais tenra infância, todas as aspirações de sua alma retraída. Afeiçoou-se a Curt não só por insinuação da condessa, mas também por simpatia natural e pela admiração sem limites que lhe causavam os gestos e ações desse caprichoso, que apesar de sua fraqueza física,
sentia-se com forças para dominar mais tarde.

Essa afeição, que as palavras e os projetos da condessa alimentavam dia a dia, julgava-a recíproca na inexperiência de seu candor, e como Lily tinha muito vivo o sentimento da propriedade, apropriava-se moralmente de Curt, considerando-o como bem seu, desde sempre a pertencer-lhe exclusivamente.

A desilusão causada pela atitude fria do primo fora tanto mais profunda, quanto mais ocultamente reprimida, e, com as observações que a vida em comum lhe sugeria, transformou-se em pouco tempo em qualquer coisa de doloroso e de resignado, que lhe empanou para sempre a alegria da estreia na sociedade.

Embora de inteligência medíocre, tinha bastante perspicácia e principalmente bastante intuição feminina para perceber que o primo não lhe prestava a menor atenção. Sentia-o sempre distante, absorto numa preocupação que o alheava de todos e de tudo, e

desejando saber a causa desse alheamento que o tornava tão indiferente, fez-se inconscientemente observadora.

Sem ter nunca a certeza de coisa alguma, suspeitou grande parte da verdade e, com o espírito cheio de pontos de interrogação a respeito da pessoa que assim lhe tomara o lugar no coração de Curt, adquiriu a triste certeza de que ele não a amava. Adquirida esta certeza, a cabecinha de Lily pôs-se a trabalhar em relação à atitude da condessa e, como pressentisse que ela devia ter sido em grande parte a causadora da retirada brusca dele para Constantinopla, uma surda aversão invadiu-a contra o despotismo dessa tia, que assim pretendia dispor tão tiranicamente da felicidade dela, Lily, e da de Curt.

Essa aversão recrudesceu com o prolongamento da ausência do primo, mas Lily, como ainda não era senhora de seus atos e era inimiga de todo espalhafato, resolveu ter paciência até ao dia em que, podendo afinal dispor de sua pessoa, tivesse a liberdade de arranjar sua vida como bem o entendesse.

Quanto aos sentimentos de Curt, resolveu não se incomodar com apreensões inúteis; visto que a misteriosa rival não se apresentava, era que o perigo não estava tão iminente como pensava.

Lily era dotada de uma dessas calmas tenacidades que nenhum revés consegue desanimar; desde que lhe haviam prometido Curt, ele seria dela, quer o quisesse, quer não.

Reconhecia perfeitamente que no momento presente ela lhe era tão indiferente, como eram indiferentes a ela os rapazes que lhe aspiravam à mão e ao dote.

Mas estava inteiramente persuadida de que Curt, de cujo bom senso nunca duvidara, lhe voltaria, tarde ou cedo, passada a crise sentimental em que se debatia, não podendo razoavelmente desposar senão a ela, cuja união seria para ele a felicidade sob todos os pontos de vista.

Forte nessa persuasão animadora, Lily fazia como a condessa: dava tempo ao tempo, tendo para consolá-la nas longas horas de uma lembrança, evocada sempre tão carinhosamente... o daquela noite de cotilhão, em que o primo a achara bonita pela primeira vez.

Essa noite de baile ficou na sua memória como um fanal brilhante, para o qual se voltavam instintivamente suas esperanças; era o luminoso - quem sabe? - lançado na bruma triste do seu afeto, como a promessa sempre tentadora do destino.

Guiada por inexplicável pressentimento, a menina convenceu-se de que sua estadia junto da condessa só poderia contribuir para torná-la antipática aos olhos de Curt; foi, pois, este o motivo de sua resolução de partida, bem como a fadiga da longa submissão que a sujeitara à autoridade da tia e tutora.

Com a aparência de dócil e cândida, era Lily uma criaturinha muito prática e senhora de sua vontade, sabendo perfeitamente o que queria, e disposta a tudo para conseguir o fim almejado.

Tinha a certeza de só se sentir bem quando vivesse no que era dela e pudesse livremente dar expansão ao desejo de autoridade, que fermentava em sua louca cabecinha pensativa.

Ah! a condessa nunca supusera que essa Lily tão tímida e silenciosa teria tantos traços de família com ela!

Não obstante a inexperiência de seus poucos anos, Lily parecia ter sido talhada para a independência e para a autoridade.

Com pasmo geral das amiguinhas de Viena, soube organizar com rara inteligência uma vida ativa e agradável, captando em pouco tempo a simpatia de seus vizinhos pela lhaneza de seu trato e a doçura
inalterável de seus sorrisos.

Sem exceder em nada o nível comum das donas de casa, dirigia sossegadamente seus pequenos domínios, esquecendo o mundo que a esquecera, e, como encontrara tudo preparado de antemão para tornar-lhe fácil o caminho, seguia o trilho traçado, pedindo singelamente conselho à velha parenta que a acompanhava, quando acaso surgia alguma dificuldade inesperada.

Lily era bem a "campônia", como lhe chamava num motejo aquela má língua de Mitzy, e uma campônia que amava o seu campo, dividindo o tempo entre as suas flores, as suas aves, e os seus pobres, com uma serenidade de fazer ferver o sangue à irredutível mundana que era Mlle. Holbein.

Tinha inegavelmente na direção de sua casa uma graça ingênua e confiada, que lhe fazia perdoar as pequenas faltas, de que só se poderia responsabilizar a sua grande juventude.

Os rapazes continuavam a achá-la aborrecida na serenidade de suas novas atribuições; as donzelas, considerando-a inofensiva, concediam-lhe apenas uma atenção complacente; os pais de família viam nela uma boa dona de casa, e as mães, essas viviam citando-a como modelo às filhas casadouras e pregando aos filhos que sob aquela aparência pacata estava certamente o ideal das noras.

Quando tornamos a encontrar Lily, essa pacata e rosada fisionomia apresentava sinais de uma agitação insólita. Pela manhã recebera um bilhete da tia, participando-lhe que, por carta recebida

na véspera, que Curt lhe anunciava afinal a sua chegada e, como a propriedade de Lily ficava mais perto da estação do que Degenthal, ele iria apresentar-lhe os seus respeitos antes de chegar à casa.

Os olhos azuis de Lily encheram-se de lágrimas felizes ao ler esta notícia: havia tanto tempo que ansiava por esse dia! Com uma vivacidade alvoroçada e alegre, que mergulhou em abismos de espanto a velha parenta que lhe servia de *bonne*, pôs-se a arranjar a casa festivamente para receber com mais dignidade o caro hóspede, de cuja chegada ainda se ignorava a data certa.

E houve durante alguns dias um reboliço desacostumado na sossegada habitação, uma grande movimentação de trastes.

E na tarefa dos espanadores, na faina das vassouras, na lufa-lufa dos vasos que se enchiam de flores e dos quartos fechados que se abriam e enfeitavam, o ecoar argentino da voz de Lily a dar ordens contraditórias, ativando aqui um trabalho já terminado, censurando além a mudança de um móvel que ela mesma ordenara,

recomeçando vinte vezes o arranjo de um açafate florido para abandoná-lo depois com uma grande risada nas mãos do jardineiro e correr inutilmente ao portão do parque a esperar o carteiro, que passara duas horas antes.

Ninguém a reconhecia! Passava o tempo borboleteando pela casa com um estribilho nos lábios, a fazer tilintar triunfalmente as chaves dos seus domínios numa impaciência tal, que, fato virgem em sua vida, rasgou a manga da blusa com a pressa de sair do quarto para espreitar quem passava no jardim, e chamou três vezes de “tola” a arrumadeira, estupefata ante essa severidade nunca

vista, por não ter posto na cama de Curt as fronhas que ela, Lily, lhe havia bordado durante o inverno.

Cinco dias antes da chegada, como não tivesse a certeza do comboio em que ele devia chegar, mandou que o seu próprio carro com a melhor parelha fosse esperar à estação todos os comboios vindos da capital, ou do interior, não obstante a reprovação peremptória da velha parenta.

A alegria punha-lhe nos olhos um clarão radioso; nos gestos, uma vivacidade anormal; na alma, um incêndio de esperança.

A velha parenta abanava desdenhosamente a cabeça ante esse desperdício de *toilettes* - três vestidos novos, encomendados em Viena... e na casa mais careira! - e essa faceirice exagerada que a obrigava a consultar de minuto em minuto todos os espelhos da casa, como se tivesse receio de que lhe faltasse um bocadinho do rosto.

Mas o desdém da velha parenta caía sobre o bom humor da loura castelã como chuva na vidraça, e durante esses atormentados cinco dias não houve uma ordem de Lily - e deu-as às milhares! - que não começasse ou terminasse por esta frase infalível: “porque talvez chegue hoje o meu primo Curt!”.

Seu primo Curt!? Que era feito dele, desde o dia em que por intermédio de sua mãe lhe fora arrancada bruscamente da alma toda a fé no amor, toda a confiança na fidelidade, toda a esperança na vida?

Nunca o soube, nem tentou explicar a ninguém, nem a si mesmo, o que sentiu quando avistou no cartaz do circo o nome de Nora...

Foi como que um ciclone de sentimentos contraditórios, onde dominava, numa negativa veemente, um protesto furioso de toda a sua crença na lealdade, de toda a sua confiança no amor contra a evidência dessa traição à palavra dada.

Com o desespero a irromper-lhe do coração e mordendo os lábios até sangrar para conter o grito de sua indignação, percorreu esses jornais que falavam da noiva como de uma vulgar estrela de bailado, e quando, depois de ter envenenado a alma na leitura desses torturantes artigos, chegou afinal à carta da mãe, duvidava ainda e apesar de tudo!

A carta da condessa foi como o golpe de graça dado pelo carrasco ao condenado; era a confirmação inexorável do que os jornais e o cartaz lhe haviam anunciado.

Curt sentiu fugir-lhe a razão, num acesso de cólera, de mágoa, de humilhação, que o prostrou sobre a mesa num delíquio de vertigem.

Para não dar a Dorval o espetáculo de sua prostração, fez um supremo esforço para dominar-se e, quando o francês transpôs o limiar da porta, revolveu com um furor de demente os papéis, que escondera na gaveta da mesa para não chamar sobre eles a atenção do amigo, encontrando afinal a carta de Nora.

Ah! como a condessa soubera calcular o efeito desejado!

Diante dessa letra tão conhecida e sempre recebida com tanto carinho, seu furor recrudesceu, sentiu num relâmpago o desejo louco de ter ali aquela Nora perjura, de atirar-lhe à cara a injúria de seu desprezo, de castigá-la com a violência de sua cólera, de fazer-lhe pagar, enfim, com a brutalidade de uma afronta física, a dor humilhante de ter sido tão vergonhosamente enganado por ela.

No seu inqualificável arrebatamento teve por instantes a tentação de rasgar essa carta em pedacinhos, como fizera aos jornais e ao cartaz, como fizera mesmo à carta da mãe. Deteve-o, porém, a ideia maldosa duma represália imediata.

Relembrando, numa evocação quase palpável à força de nitidez, a expressão de receio angustiado com que Nora o fitara no salão do hotel, repetindo numa súplica intimamente terna: “Não vá para o estrangeiro, Curt; eu tenho tanto medo da distância!” Ah! Como ela o amava nesse tempo! Era impossível que fosse comédia a meiguice de que se repassava o seu olhar transparente, o confiado abandono de suas mãos, a emoção palpitante de sua voz! Era impossível que ela já tivesse deixado de o amar, era impossível que o houvesse esquecido! Se ainda o amava, se ainda conservava por ele o afeto que outrora a pusera tão completamente à mercê de uma palavra dele... Ah! Como a saberia castigar!... Com que masculina satisfação não a magoaria por sua vez, vingando com injúria da carta devolvida, sem ter sido aberta, a afronta que reduzia a ódio quase, o seu grande amor menosprezado.

Se ela o amava ainda, tinha o poder, o cruel poder de fazê-la sofrer indizivelmente!

Foi, pois, com a inconsciente perversidade do homem ferido no mais melindroso do seu amor-próprio que Degenthal devolveu a Nora a carta fechada, saboreando na raiva impotente de sua dor o prazer amargo de se ter vingado sobejamente.

Quando entregava na rua a carta a Dorval, era o último ato consciente que praticava. O médico veio mais tarde encontrá-lo sem

sentidos ante um montinho de papéis queimados, a pronunciar palavras desconexas, na incoerência de um delírio que só abrandou ao cabo de muitos dias.

A violência tempestuosa da febre sucedeu uma apatia letal. Curt estava salvo; o pesadelo febril, em que ameaçavam soçobrar a sua razão e a sua vida, passou alfim, e Dorval, que não lhe deixara um instante a cabeceira, adivinhando pouco mais ou menos pelas vagas divagações extenuantes do delírio o terrível sonambulismo moral que o abatera, viu com inexprimível alívio a calma voltar àquele semblante contraído e a placidez àquelas desvairadas pupilas.

Curt estava salvo. A mocidade e os incansáveis cuidados do médico e do enfermeiro haviam conseguido debelar satisfatoriamente essa crise de morte, cuja causa sentimental ambos suspeitavam, mas que nenhum se atrevia jamais a discutir. Com a vida voltou também ao doente a memória. E essa memória, implacável fita cinematográfica do passado extinto, fazia agora o suplício de sua longa convalescença; Curt tinha a sensação de ter sonhado um sonho mau; a carta da mãe, os jornais, o cartaz, tudo isto lhe parecia obra de alguma obscura fantasmagoria, uma fantasia do delírio que o tempo provavelmente dissiparia. Mas o tempo nada podia contra a chama devoradora dessa curiosidade de saber a certeza, de ter a firme, absoluta, irrefutável certeza em que agora se consumia. Não pronunciava nunca uma queixa, uma alusão sequer ao sofrimento íntimo que fazia dele um ser de mudez e de abstração, que o espírito e os esforços de Jacques Dorval não conseguiam arrancar a uma insensibilidade sonolenta.

Mas na gravidade dolorosa desses lábios cerrados, na tranquilidade aparente desse silêncio, que soma de reprimidas ansiedades, que desejo veemente de conhecer afinal os motivos que a haviam decidido a dar o passo fatal, que vontade incontida de indagar, que luta, meu Deus! Que exaustiva luta entre o orgulho que lhe impunha esquecer essa ingrata, indigna de sua estima, e o amor que a evocava a cada momento na graça nunca esquecida de sua beleza! E aventava mil desculpas para absolvê-la e continuar a adorá-la!

Porque, afinal de contas, Curt nunca soube inteiramente a verdade, nunca abriu aquela carta fechada, que agora não queria arrepender-se de não ter lido.

Quem sabe, desistiria ela à última hora? Quem sabe?

E era no martírio dessas interrogações sem resposta possível, na renovação destas probabilidades que o seu orgulho não lhe permitia formular, que se esgotavam aos poucos as forças de sua convalescença.

Curt consumia-se de insaciada curiosidade; nada fazia para curar-se, abandonando-se de corpo e alma ao desfalecimento que lentamente o minava, e escondendo a todos a inquietação incessante de seu espírito extenuado. Os médicos não sabiam a que atribuir essa invencível fraqueza e Dorval, que se afeiçoara decididamente ao doente, fazia o impossível para ver se o distraía e o interessava por qualquer coisa.

Decorreram meses; Curt já começava a sair, mas estava ainda muito magro e «frágil como um "*bibelot de Sèvres*", dizia-lhe Jacques a rir, dando-lhe o braço num dos pequenos giros que empreendiam diariamente pelo pátio florido. O doutor recomendava

ainda grandes precauções e nada de imprudências; as precauções, porém, já se iam tornando supérfluas, e sob a ação benéfica do tempo a alma perturbada de Curt recomeçava a interessar-se pela ida exterior.

Ele já não acolhia com a indiferença doentia de antes as proposições do francês jovial, que se prodigalizava em projetos sugestivos e fecundas inovações de divertimentos futuros; qualquer coisa de brilhante despontava-lhe no olhar, e, como Dorval insistisse muito sobre a originalidade da valsa cantada de uma opereta então em voga, pediu-lhe espontaneamente que a trouxesse no dia seguinte para a executarem ambos ao piano.

Dorval não se fez de rogado e, no contentamento de ver que conseguira afinal interessá-lo, trouxe-lhe não só a música pedida, mas ainda um maço de revistas inglesas e francesas, para segundo ele: “dar-lhe uma idéia geral dos progressos do planeta durante a sua doença” disse-lhe com o seu habitual bom humor, despertando o piano, há tanto tempo adormecido, com os acordes estrepitosos da mais endiabrada das harmonias de seu repertório pouco clássico.

Degenthal ouvia-o com um vago sorriso, divertido por essa infatigável animação que fazia da vida do francês uma perpétua festa, folheando distraidamente as páginas das revistas ilustradas, onde o trabalho do fotógrafo supre quase sempre o do redator, e onde tudo quanto tenha no mundo sombra de notoriedade se acha impreterivelmente registrado.

Dorval ao piano escandalizava a vizinhança num acesso de lirismo, fazendo ecoar com a sua bela voz de barítono as estrofes livres de uma canção de avenida, quando Curt, fazendo-se de súbito

pálido até aos lábios, parou bruscamente como hipnotizado ante a capa de uma das mais lidas revistas da época. A capa apresentava miss Nora Carsten, a célebre artista, a cavalo, no momento de entrar na pista, e na primeira folha, encimado um artiguinho elogioso, outra vez miss Nora Carsten na intimidade de seu gabinete. O pescoço e os braços seminus na elegância de um roupão caseiro.

Curt olhou fixa, demorada e profundamente essas estampas como se quisesse gravar no coração os mínimos detalhes.

Era mesmo ela! A fotografia perfeita e a arte propositada da pose realçavam-Ihe ainda mais a formosura excepcional; reconhecia-a no donaire da atitude, na linha de elegância impecável com que mantinha imóvel o animal inquieto. O que não reconhecia, porém, era a novidade, a estranheza desses trajes fantásticos, cuja simplicidade ousada a revestiam de uma sedução diferente e equívoca. O que não reconhecia, e lhe fazia tremer as mãos numa crispação de revolta indignada, era essa expressão de deusa condescendente, esse olhar soberano, esse ar de “mulher”, que sepultavam para sempre no passado a reservada Nora de Bonn, a Nora
“menina”, de quem tanto amara a candura e a graça airosa das maneiras. Curt atirou nervosamente para o lado essa estampa, que lhe fazia mal, e, reclinando no espaldar da poltrona a cabeça exausta, deu um suspiro tão doloroso, que fez voltar-se, ao impulso de uma mola, o pianista improvisado.

__ Então, que tem, Degenthal? __ Perguntou Jacques, dirigindo-se para ele assustado já pelo afogueamento das faces do amigo e pelo brilho do olhar fixo.

__ Cansaço... __ Suspirou Curt, passando a mão pela testa, num gesto de infinita lassidão.

Dorval, consternado, não sabia a que atribuir esse cansaço intempestivo; o médico havia aconselhado tanto distrações leves, coisas superficiais, que ele pensou que podia trazer sem perigo essas revistas que, francamente, não podiam ser mais superficiais do que eram.

Curt teve naquela noite uma recaída, com a maior perplexidade dos médicos, que debalde interrogaram a ciência a respeito dessa inexplicável teimosia da doença.

Essa recaída, porém, não teve a gravidade que Dorval receava; a febre, sem delírio desta vez, cedeu em poucos dias, e a convalescença fez-se com rapidez relativa.

Curt, completamente curado, não retomou logo o seu antigo vigor; a febre parecia ter extinguido nele toda fonte de atividade intelectual. O menor trabalho fatigava-o em extremo, grandes dores de cabeça impossibilitavam-lhe qualquer esforço. Os médicos declararam que o tempo se encarregaria de remediar o mal, mas o que o tempo parecia que não podia fazer voltar era a sua antiga e juvenil alegria.

Curt seria doravante um ferido moral, um desses entes que a vida atingiu no mais profundo de seu ser, um melancólico incurável e um eterno doente sob as aparências normais de rapaz elegante.

A confirmação brutal do que sua mãe lhe escrevera, exposta assim naquela revista de circulação mundial, sujeita, pois, a todos os olhares, varreu-lhe da alma - pelo menos ele sinceramente o acreditava! - tudo que nela restava daquele indigno amor.

A criatura a quem dedicara o mais puro dos seus sentimentos, pronto a sacrificar por ela as tradições de sua família e as justas ambições de seu futuro, não foi digna, nem soube compreender o preço inestimável desse afeto; enganou-o como o enganaria o mais vulgar de seus *flirts*!

A desilusão insensibilizara Degenthal; não sentia contra Nora nem ódio, nem rancor, apenas um imenso desprezo, ao qual se misturava a amargura inconfessada de uma saudade.

A fraqueza dificultou-lhe muito o restabelecimento moral, por impedir-lhe quase todas as diversões próprias de sua idade e que fatalmente haviam de distraí-lo.

A educação quase feminina que recebera da mãe, avivando-lhe em demasia a sensibilidade, fizera dele um afetivo que só compreendia e só podia compreender a vida com o excitante de um grande sentimento. O amor fora sempre o eixo de sua existência. E agora, sem o amor da mãe, e sem o amor de Nora, que fora a paixão exclusiva de sua mocidade, agora sentia-se desorientado, sozinho no vazio de sua alma, como um escolho ao desamparo e o mundo não era para ele mais do que um deserto árido, falto de interesse e ermo de sedução.

Abismava-se cada vez mais na apatia desoladora que segue as grandes crises, sem desejos nem aspirações, sem disposição de vontade, enfadado até consigo mesmo, olhando a vida com a frieza de um velho e respondendo a tudo com um entediado “não vale a pena!”, que tinha o dom de provocar verdadeiros ataques de nervos no fogoso Dorval.

Para arrancar um homem ao torpor mortal de uma dessas terríveis letargias, só a necessidade imperiosa e urgente da luta pela

vida.

Mas Curt era rico, não precisava lutar para viver e teria impreterivelmente sido vítima da neurastenia, se a Providência não lhe tivesse colocado no caminho esse ente de decisão e de energia vital que era o secretário francês.

Mandando interiormente ao diabo as mulheres, que haviam assim estragado a vida do esplêndido rapaz que era Curt, e como alimentasse há muito o desejo de ir respirar o ar natal e verificar com os próprios olhos se o Arco do Triunfo ainda não havia saído do lugar, foi ter com os facultativos encarregados da saúde do amigo, insinuando-lhes a ideia genial de uma mudança de clima e do excitante duma viagem.

Os médicos concordaram, e Degenthal viu em pouco tempo receitarem-lhe a partida imediata, se não quisesse morrer de toda sorte de coisas horríveis, ficando em Constantinopla. Obedeceu sem relutância ao conselho dos médicos.

__ Leve-me para onde quiser, amigo! __ disse a Jacques com o indiferentismo de sempre. __ ... Exceto para a minha terra.

__ Sentimentos patrióticos, meu caro! __ retorquiu o francês com a sua familiar ironia de garoto de Paris, batendo alegremente no ombro do conde. Mas a sua delicadeza inata não consentiu que ele pedisse explicações a respeito da espécie da idiossincrasia que inspirava ao amigo tudo o que dizia respeito à casa ou à famíla.

A verdade é que a ideia de regressar à Áustria, de tornar a ver esses lugares, onde se desenrolara o seu idílio, e principalmente de presenciar o triunfo da mãe, de sentir-lhe diariamente a apiedada silenciosa reprovação, de suportar, enfim, nos atritos da vida em comum, o sorriso de satisfação vitoriosa que ela não poderia deixar de ter pela inexperiência do seu candor... tudo isto tornava-se tornava-se-lhe insuportável a Curt. Preferia tudo a voltar ao pé dessa mãe que para ele a culpa imperdoável de ter tido razão! Partiu, pois, com Dorval, o seu alegre alter- ego da Turquia, como dizia o francês em companhia do qual percorreu a Europa, durante perto de cinco anos, evitando sistematicamente todo itinerário que o pudesse aproximar das fronteiras da Áustria.

Cansado afinal dessa peregrinação sem fim, resolveu regressar aos pátrios lares, mesmo porque Jacques tinha cometido “a loucura razoável de se casar”, como lhe mandara dizer numa carta, a Degenthal conservava como exemplo típico do espírito francês.

Estava inteiramente curado daquela ridícula paixão da juventude - pensava ele! - a imagem de Nora esbatia-se na névoa do passado como uma sombra indecisa. Nunca mais falou nela, nem sequer pensou; esqueceu-a por completo; podia voltar.

Foi, pois, sem alegria e sem tristeza que, cedendo afinal aos reiterados pedidos da mãe, Curt Degenthal se decidiu a ir de novo dar uma visita às suas propriedades e, depois de quase cinco anos de ausência, retornou ao caminho da pátria.

*   *   *   *   *

A noite caía, e numa das mais importantes estações da fronteira da Alemanha estava prestes a partir o comboio de luxo, um desses enormes comboios que sobre a linha escorregadia da via-férrea transpõem incomensuráveis distâncias, ligando pelo poder do vapor a capital de uma nação à de outra longínqua, e sem parar quase, como se desprezassem o repouso nas pequenas estações intermediárias, devoram o espaço com a rapidez fantástica dos dragões dos contos de fada.

Era o “expresso” de Paris-Viena, que, vindo da capital francesa, parou ali os dez minutos regulamentares, tendo já o chefe da estação dado o primeiro sinal de partida.

As portinholas todas fechadas e o longo penacho de fumo, que se escapava em novelos cinzentos da chaminé da locomotiva, indicavam claramente aos atrasados o pouco tempo que a benevolência do horário ainda concedia aos seus atrasos.

Na plataforma quase deserta, um viajante atrasado adianta-se pachorrentamente, como quem se habituou já de há muito a gozar até ao último instante, o tempo a que lhe davam direito os minutos restantes.

Era esbelto e aperaltado, de mocidade louçã no escuro de um sobretudo de viagem. Do semblante, quase escondido pelas abas largas de um chapéu cinzento, só se percebiam os bigodes pretos; Estava impecavelmente enluvado e trazia uma elegante malinha de couro da Rússia, sobre cuja chapa de metal uma coroa de conde encimava duas iniciais entrelaçadas. O condutor apressou-se a abrir a portinhola de um dos vagões de primeira classe.

Não há um compartimento vazio? __ Perguntou em alemão o desconhecido ao agente, lançando um contrariado olhar ao interior da carruagem, onde se divisavam na sombra crepuscular duas silhuetas femininas.

__ Não há, excelência! __ Respondeu obsequiosamente o empregado, não obstante a moeda que o viajante lhe deixou cair na mão. __ Sinto deveras não poder servir a V. Excelência, mas o comboio vai cheio; esse é o compartimento mais vazio.

O apito final soou nesse instante, fazendo estremecer, da máquina ao vagão de bagagens, a grande fila de carros, ainda não alumiados. A locomotiva soltou um silvo agudo e o passageiro resignado embarcou de um salto no compartimento, enquanto a portinhola se fechava sobre ele com um ruído seco de molas gastas. O comboio partiu; como para excitar-se a correr, a locomotiva soltou ainda dois outros silvos estrídulos, que ecoaram sonoramente no ar calmo da noite que descia, e num arremesso, que se precipitava de segundo em segundo, a longa fila de carros deixou a estação,

desenrolando-se como uma serpente sôbre a planície da linha, com um barulho ensurdecedor de ferragens entrechocadas.

O viajante tocou levemente no chapéu ao entrar no compartimento quase às escuras, pois ainda não haviam acendido as luzes, acomodando-se em seguida em um dos ângulos do banco estofado, junto à janela, com o desembaraço do homem viajado, que a presença de estranhos não pode importunar de todo. Enterrou a cabeça no chapéu até aos olhos e, cruzando as pernas, fitou a vista no veludo azul sombrio do firmamento, que algumas tímidas estrelas começavam a pontear de ouro faiscante. Parecia fatigado e havia no abandono de sua atitude um não sei que de indiferente, que impressionava; essa indiferença não chegou a ponto de não lançar um olhar às silenciosas companheiras de viagem.

Eram duas. A mais velha, gorda e séria, mostrava na claridade insuficiente, que vinha de fora, os cabelos brancos sob a negrura do toucado e o aspecto de idade avançada. Apoiava a cabeça ao encosto macio do banco e dormia como uma bem-aventurada, a boca entreaberta, deixando escapar de vez em quando um roncar indiscreto. Era evidentemente uma governanta.

A outra, no ângulo oposto ao do passageiro atrasado e junto janela aberta como a dele, quase desaparecia ao lado da corpulência de sua imponente companheira.

A sua silhueta fina, talhada por artista obscuro, adivinhava-se moça na penumbra que a encobria; nada se podia perceber da cabeça e do rosto, que uma espessa echarpe de gaze envolvia como um a bornoz, dissimulando-lhe as feições melhor do que uma máscara.

O passageiro conheceu, entretanto, que devia ser jovem, pela atenção profunda com que contemplava a paisagem, e que devia ser elegante, pela fineza das mãos enluvadas, que descansavam negligentemente sobre a peliça de um rico manto de viagem, que a tepidez da noite não lhe fazia vestir.

O comboio, entretanto, continuava na sua carreira vertiginosa. Com os dois olhos de chama da sua locomotiva perscrutava a treva, arrojado através da noite imensa como um monstro de aço e fogo arfando ao peso da carga que arrastava, arquejante, desesperado, furioso, na demência alucinante do movimento.

Pela chaminé, qual respiração possante do seu seio de ferro, uma grossa baforada de fumo evolava-se em turbilhões que o vento espalhava em desenhos fantásticos na atmosfera sem nuvens dessa noite clara de verão.

E corria sempre. Cidades iluminadas, aldeias adormecidas com a placidez de crianças sob a calma do céu, montes, vales, florestas, prados, pontes, túneis que o tragavam por instantes para cuspí-lo além na estrada branca de luar, como um réptil de pesadelo a fugir loucamente à sanha de invisível perseguidor, o expresso atravessava tudo, correndo sempre, numa ânsia anelante de chegar.

De súbito, porém, pareceu afrouxar a precipitação de sua carreira, a marcha diminuiu e a paisagem já não passava numa rapidez de torvelinho pelas vidraças dos vagões.

Uma cidade ao longe pespontava de branco a planície escura; a máquina fez ouvir um silvo estrídulo, que cortou o silêncio com a brutalidade de uma chicotada, interrompendo para sempre talvez o sono de muitos dos passageiros adormecidos.

__Bonn! __ Gritou ao longe a voz do condutor, e lentamente, quase a parar, o comboio passou através da cidade adormecida.

Era Bonn, a cidade universitária das margens do Reno. A velha fez ouvir uma rosnada desagradável e, acomodando melhor a cabeça, continuou tranquilamente no seu sono imperturbável.

Os outros dois viajantes, porém, deram um estremeção brusco, que os arrancou como por magia à sonolência que pouco a pouco os invadira; um mesmo impulso irrefletido pô-los de pé, face a face naquele estreito espaço. A luz viva do lampião, aceso afinal, caiu-lhes em cheio sobre os semblantes, como para uma apresentação
involuntária; olharam-se, mudos de assombro.

No espaço de um segundo poder-se-ia acreditar que essas mãos iam apertar-se, tal o ímpeto vitorioso que os atraiu um para o outro.

A donzela soltou uma exclamação abafada, os lábios do rapaz abriram-se como a ternura de uma apelação familiar, e no olhar dos dois um clarão de surpresa inexprimível brilhou um momento. Mas esse clarão apagou-se, e as mãos estendidas recaíram, os lábios fecharam-se, e recuaram ambos, ela, com um rubor de fogo a incendiar-lhe as faces, ele, pálido até aos lábios.

Recuaram polidamente, cerimoniosamente, como estranhos que eram, ocupando cada qual o seu lugar respectivo, mudos indiferentes glaciais.

Que poderiam dizer-se? ...Eram desconhecidos um ao outro, passageiros apenas do mesmo compartimento, vidas diversas que nada poderia jamais aproximar!

O comboio passou Bonn, reacelerando sua marcha. Na estrada margeava a linha, um grupo de estudantes em passeata noturna fazia serenata alegre ao luar. O eco de suas vozes risonhas, cantando em coro um velho *lied* sentimental, chegou em notas sonoras até aos silenciosos viajantes com a expansão viva daquelas almas despreocupadas, em que a mocidade cantava o seu hino triunfal.

Mas o barulho dos vagões apagou em breve esse canto de alegria, e os dois passageiros, imóveis como sombras à luz vacilante do lampião, os rostos voltados para fora, contemplavam sem ver o cenário divino que se idealizava na fantasmagoria azul do luar.

Avante, avante! parecia dizer o comboio na vertigem de sua interminável carreira: avante, avante!

Bonn passava como um sonho fugitivo; passava o Reno, espelho de prata sob a carícia da lua; tudo passava em turbilhão pelas janelas abertas, e as altas montanhas já não eram mais do que confusas sombras esbatidas na distância enluarada.

Tudo passava, como por eles havia passado essa grande bandoeira, que é a felicidade; essa peregrina irrequieta, que eles não souberam deter, e que fugira, como fugia na bruma da noite a paisagem móvel, e se esbatia, como ela, na bruma triste do passado remoto.

Que pensaria a donzela? ... Pensar! ... Poder-se-ia, naquele instante de suprema emoção, chamar realmente pensamento o tumulto de sensações que lhe faziam arfar o peito às palpitações desordenadas do coração, sob a gaze flutuante da grande echarpe

que lhe encapuçava a cabeça, recaindo em pontas soltas sobre o busto?

Um tremor nervoso a sacudia toda; tinha as faces em brasa, as mãos geladas e o vento fresco que entrava pela janela, beijando-lhe a testa, não conseguia abrandar a febre, que lhe fazia latejar dolorosamente as fontes.

Com os olhos fixos, perdidos no espaço, tinha um olhar sem vida para a larga faixa argêntea do Reno, que o luar fazia luzidio como uma torrente de mercúrio. Há quanto tempo, meu Deus, há quanto tempo, nas margens desse mesmo Reno, vira uma criatura de mocidade e de esperança, a quem a vida sorria como a uma amiga?

Havia meses, anos talvez, que numa noite de luar como esta, num barco, que as ondas desse mesmo Reno balançavam mansamente, dois olhos negros, dois belos olhos sinceros a haviam fitado. Ah! com que inesquecível expressão... e uma voz ardente lhe murmurava ao ouvido palavras de súplica. Mas tudo isto estava tão longe, tão longe, que ninguém se lembrava já daquela promessa de eterno amor, feita também outrora junto as águas fugitivas desse rio, que a haviam levado na corrente impetuosa para o largo sumidouro do oceano.

Ao influxo destas recordações, duas lágrimas rolaram pelas faces da jovem. Num movimento instintivo, aconchegou o véu para disfarçar a comoção que lhe alterava o semblante, mas os seus olhos que uma curiosidade invencível arrastava, foram cravar-se, cheios de infinita e suplicante ternura, na impassível fisionomia de quem fora outrora o único afeto de sua vida. Protegida pela gaze escura do véu, pode contemplá-lo à vontade, saciar por minutos

esse desejo devorador de vê-lo, que havia sido o suplício constante dos seus últimos anos.

Era sempre o mesmo! Belo sempre, aristocrático, sedutor, mas tendo nos lábios arqueados e no olhar vago uma expressão nova, como um envelhecimento da fisionomia, uma expressão de indefinível amargura, que lhe invadiu a alma e o coração de um súbito enternecimento.

Ele sofrera; tinha no semblante, virilizado por essa expressão, que ela não conheceu, o estigma desse sofrimento, de que ela nada soube, e que naquele instante o fazia ainda mais estranho.

Aonde iria ele? De onde viria? Tê-la-ia reconhecido? Com a sofreguidão de uma longa saudade, interrogava esse semblante impenetrável, esses olhos que acintosamente se desviavam para fora e cujo o olhar ela não conseguia encontrar, essa boca que uma fria expressão de desdém endurecia, mas invadiu-a a mesma sensação de indescritível consternação, que a invadira outrora ante uma carta fechada, uma carta que lhe havia sido devolvida sem que a abrissem.

A humilhação daquele ultraje, que essa atitude de inexprimível desprezo agora renovava, feriu-a de novo em cheio, como uma punhalada.

Ele nem sequer parecia suspeitar que ela estivesse ali, não a reconhecia, não a queria reconhecer mais! ... E, cerrando os olhos na onda de desespero que lentamente a submergia, compreendeu que havia agora entre eles um muro inacessível, uma barreira moral que ninguém lhes poderia jamais fazer transpor!

E ele, que pensava ele, na negligência propositada daquela fingida distração? Que reminiscências não lhe fervilhavam no

espírito e que fel não lhe subiria do coração aos lábios para dar-lhe à fisionomia esse cunho de dureza quase maldosa? Não fora também assim que, pela simples suposição de um ciúme absurdo, viera outrora do fundo da Turquia num comboio como este, arfando de impaciência para levar àquela, que ali estava, a afirmação de seu indestrutível amor? Havia tanto tempo! Já não se recordava quase; e, no entanto, o que não teria ele dado naquela época para encontrá-la assim a sós; para tê-la um instante a seu lado, ouvir-lhe o arfar da respiração, aspirar-lhe o perfume, sentir o ruge-ruge das sedas! É a mesma criatura que amou outrora com toda a louca
paixão de um coração romanesco, é a mesma, e, entretanto.... Uma surda irritação contraiu-lhe nervosamente as mãos nos bolsos do sobretudo, e numa interrogação de impaciência perguntou a si mesmo:

__Quando e onde desembarcará ela? ... Mas será verdadeiramente a mesma? ... Não a terá o tempo transformado?

Um desejo irresistível de fitá-la fez-lhe insensivelmente voltar para o lado dela a cabeça rebelde. O que era preciso era que ela não suspeitasse nunca, não imaginasse jamais que ainda o podia impressionar; e, carregando o ar de todo o desprezo de seu rancor, encarou-a deliberadamente.

Ah sim, sempre a mesma! São os mesmos olhos rasgados, longos cílios escuros projetam uma sombra diáfana sobre a rosada carnadura das faces; são os mesmos lábios voluntariosos, esses lábios cuja polpa de flor parece feita para o beijo; são os mesmos cabelos negros, que sobre a fronte se dividem em duas espessas melenas onduladas; é a mesma graça altaneira da cabeça; sempre a mesma, meu Deus! é a mesma em tudo!

Há talvez um rebuscamento no traje e menos candura na expressão; mas isto nada Ihe pode prejudicar a beleza, essa beleza que ele vira há tempos celebrada, e em que termos! ... Nas páginas ilustradas de uma das mais afamadas revistas da Europa.

Fechou os olhos para fugir à tentação de admirá-la, e na perturbação de sua alma, onde essa imagem ressurgira viva como dantes, uma humilhada vergonha de haver sofrido tanto por causa dela abateu-o profundamente.

Ah! se a tivesse encontrado pálida, emagrecida, alquebrada, talvez Ihe perdoasse, talvez tivesse tido para ela palavras de misericórdia e de reconciliação! Mas assim, nesse viço de formosura, nesse esplendor de vida, nessa irradiação de mocidade sobranceira e feliz, que era um escarnio vivo a seu sofrimento inútil, a seu triste desterro, como a desprezava, como a odiava!

E o comboio seguia sempre nessa carreira delirante, que não lhe diminuía um segundo sequer as forças e o ímpeto. Voava sobre o aço dos trilhos, deixando para trás cidades, rios e montanhas, tudo para trás, como para trás havia ficado o sonho ardente da mocidade, como para trás ficam também arrependimentos, desejos, remorsos, amores.

O expresso devorava o espaço, a distância, o tempo, e entre esses dois entes, que a sorte tornou maravilhosamente a reunir, entre esses dois entes, tão cheios um do outro, que se Ihes podia ouvir bater unissonamente os corações, entre esses dois entes, que palpitavam ali da irresistível emoção de se amarem a despeito de todos e de tudo, entre esses dois pobres entes, que um olhar seria talvez suficiente para atirar nos braços um do outro, o silêncio continuava a pesar.

Um silêncio de orgulho, um silêncio de rancor, um silêncio de agonia, um silêncio que a cada instante, sem que eles o soubessem, os separava mais irreparavelmente. E eles seriam, como tantos outros, uns desgraçados!

Deixariam passar, sem aproveitá-la, essa hora única, que a vida benevolente lhes concedia; deixá-la-iam passar, empedernidos, o orgulho tolo de não se quererem mostrar a mútua fraqueza, essa fraqueza que tão profundamente os fazia ainda um do outro. Deixa-la-iam passar para chorá-la mais tarde com lágrimas de sangue; deixá-la-iam passar sem que todas as exprobrações, as perguntas, as súplicas, as ternuras, que lhes subiam do coração aos lábios calados, se tivessem expandido na palavra divina, que os teria reunido para sempre!

Eles não diriam essa palavra; vítimas do eterno desencontro das almas, passariam um pelo outro distantes, hostis, irreconciliáveis, encouraçados de orgulho, e a vida para sempre os separaria irremediavelmente.

A frouxa claridade da aurora entrava agora pelas janelas abertas, o frio da madrugada fazia tremer as mãozinhas enluvadas da donzela, e no céu de um cinzento de pérolas as estrelas não eram mais que indistintos pingos de luz. O comboio já não corria com a velocidade primitiva, o silvo agudo da máquina anunciou por três vezes uma estação próxima e, resfolegando de cansaço, a locomotiva deslizou lentamente junto ao cais de pedra da estação de uma das mais populosas cidades do sul da Alemanha. A jovem estremeceu.

__ Chegamos, Ana! __ Preveniu em inglês, acordando com uma sacudidela a sempre adormecida companheira. A velha abriu os olhos estremunhada, e com gestos ainda cheios de sono consertou o toucado, cujo equilíbrio a posição derreada da cabeça prejudicara seriamente, arrecadando os embrulhos dispersos sobre o estofo do banco.

O comboio parava nesse instante. A donzela ergueu-se com uma solenidade singular, compôs maquinalmente a jaqueta e o grande véu azul escuro, que lhe envolvia o chapéu de viagem, e, fazendo passar para frente a governante ainda sonolenta, voltou-se para o lado do passageiro silencioso, cujos olhos lhe seguiam insistentemente os movimentos.

Voltou-se para ele simplesmente, como se fosse despedir-se; com os lábios trêmulos de palavras que ia talvez pronunciar, segurando com ambas as mãos a grande manta de peliça, que não fora suficiente para protegê-la do frio dessa noite de angústias, encarou-o de frente, como se esperasse uma palavra, um apelo, um gesto.

Os olhares de ambos encontraram-se, engolfaram-se desvairadamente um no outro, embeberam-se como para irem ler no fundo da alma o segredo do que os ia separar para sempre.

Nos olhos dela, nessas transparentes pupilas azuis que a emoção dilatava, só havia uma súplica humilde, ardente, desesperada, indizivelmente terna; mas no duro olhar que ele lhe lançou havia tanto rancor, tanta cólera e sobretudo tanto desprezo... Ah! tanto desprezo, que um palor de cera lhe cobriu as faces, e voltou-lhe as costas,
sentida e dolorosamente, descendo às pressas o degrau do vagão.

__ Tem aqui o carro à sua espera, miss! __ Disse de fora uma voz masculina, e um rapaz moreno, muito bem vestido, evidentemente da família ou de intimidade, adiantou-se para ela, tentando desembaraçar-lhe as mãos da manta pesada.

A donzela, porém, fez um gesto de recusa e, sem responder às obsequiosidades de que ele a cercava, dirigiu-se rapidamente para a saída, sem voltar nem de leve a cabeça para o lado do vagão onde o viajante, imóvel sempre, seguia com olhos de alucinado as evoluções dessa echarpe azul, que desapareceu em breve no meio da
turba dos viajantes apressados.

O comboio ia partir novamente; o condutor, que na fronteira abrira ao retardatário a portinhola do compartimento, aproximou-se, para fechá-la e, lembrando talvez a gorjeta que sem razão plausível recebera naquela ocasião, dirigiu a palavra ao passageiro, no intuito, aliás muito louvável, de arranjar outra.

__ V. Excia. não se pode queixar de não ter tido uma companheira bonita... __ Disse num tom de quem está muito seguro de suas informações. __ É a Carsten, a célebre cavaleira do Carsten-Circo. Mas como está pálido! Talvez enjoasse ou o trio da manhã o constipasse. Quer que lhe vá buscar café? Ainda temos tempo.

__ Obrigado, não preciso de nada! __ Interrompeu o viajante num tom tão seco, que o condutor se apressou em fechar a portinhola e ir procurar outro freguês menos irascível.

O “expresso” punha-se nesse instante em marcha e, deixando a estação, entrava no terreno dos arrebaldes, onde o sol nascente tornava cristal brilhante as gotas de orvalho da erva rasteira.

Era já dia claro, e Curt, só, afinal, como tanto desejava, prosseguia nessa viagem que, se tivesse querido, talvez agora não fizesse sozinho. E, diante desse banco vazio, onde há pouco se desenhava a graciosa silhueta dessa que ele já não podia avistar, aspirando ainda no ar o perfume que deixara no compartimento a sua estadia, o perfume antigo, o perfume inolvidado, um soluço saiu-lhe do peito. E compreendeu, o desgraçado, compreendeu que enquanto ela ali estivera, enquanto lhe sentira a respiração e pudera de longe adivinhar sob o véu a forma linda de seu rosto, ele gozara doidamente, gozara até ao sofrimento da graça de sua presença, e que todos esses sentimentos, que julgara indignação, desprezo e rancor, não eram mais que a estranha, a reconhecida e torturante ventura de a ter ali pertinho, e poder-lhe ainda contemplar mais uma vez os traços adorados.

Pobre Curt! ... Só agora, que a vida lha roubara de novo, pela dor aguda que lhe abrira na alma essa partida, é que compreendia quanto dela se lembrava ainda, que ela nunca lhe poderia ser indiferente e que o que sentia nesse instante era a saudade, a saudade pungente de seu sorriso, a saudade cruciante de seu amor. Porque tudo havia sido inútil, a decepção, o tempo, a ausência, a distância. Tudo havia sido inútil; ele amava-a sempre, amava-a mais do que nunca, com vergonha dessa derrota de seu orgulho, e, sabendo-a assim tão inacessível e distante, tornava-se-lhe ainda mais cara e mais desejada.

__ Nora, Nora! __ Soluçou baixinho com selvagem desespero, estendendo os braços aflitos para a estação onde ela ficara, e, cobrindo o rosto com as mãos, pôs-se a repetir baixinho o nome querido, o nome que há tanto tempo não pronunciava, como se

nessas breves sílabas sonoras pudesse achar lenitivo à grande saudade que
lhe confrangia o coração. E dizer que o acaso lhe havia proporcionado esse encontro providencial, esse encontro prodigioso, esse encontro único, que durante as longas horas dessa noite, ao parecer tão curta, ele a tivera ali, a poucos passos, livre, sozinha, e que não lhe tomara as mãos, não fizera um gesto para estreitá-la nos braços,
não dissera uma palavra, uma única palavra, para saber o porque do seu procedimento, para gritar-lhe que a queria a despeito de todos e de tudo.. Qual insensato, deixara-a partir, reprimindo no fundo da alma a torrente de ternura que lhe queimava os lábios que nunca mais poderia expandir-se! Ah! se ela ainda ali estivesse! Mas ele deixara-a fugir, na estúpida inconsciência de seu orgulho; deixara-a fugir, compreendendo só agora que era a felicidade que lhe fugia outra vez com ela!

__ Nora, Nora! __ murmurou novamente, já quase calmo, saboreando o amargo prazer de fazer essa coisa há tanto tempo proibida por ele a si mesmo: repetir-lhe o nome, o nome recordado sempre tão dolorosamente...

Era à tardinha, quando chegou também para Curt o termo da viagem. O lacaio de libré, que o esperava na estação, reconheceu-logo, vindo respeitosamente abrir-lhe a portinhola e prevenindo-o, depois da reverente inclinação de estilo, de que a carruagem da condessa Lily estava à sua disposição.

Era na realidade uma carruagem digna deste título pomposo, tal a beleza da parelha que a puxava, tal o esmero luxuoso dos arreios, tal a elegância fidalga do cocheiro e do lacaio. Uma

carruagem que fazia o orgulho de sua dona e que excitou em vários passageiros do comboio uma admiração não dissimulada, mas que não teve sequer a homenagem de um olhar daquele a quem fora receber. Levantando a gola do sobretudo, Curt enterrou-se nas almofadas escuras, fechando os olhos, como se o espetáculo da bela tarde ensolarada e risonha lhe fosse intimamente desagradável.

Da janela de seu quarto, aberta ao vento da tarde como a um mensageiro de esperança, Lily, toda rosada no alvor de uma deliciosa toilette nova, uma rosa branca ao peito, uma rosa branca no ouro leve dos cabelos, como uma castela da lenda, interrogava o horizonte enigmático:

__ Virá ou não virá hoje? __ Perguntava ela a si mesma desde a madrugada, percorrendo a casa de alto a baixo para lhe terminar os últimos preparos. Levou quatro horas a vestir-se toda de branco, como uma noiva, e quando pronta, enfim, se postou à janela, incapaz de fazer o quer que fosse, a não ser qualificar de tartarugas os ponteiros do relógio, sentiu-se tão feliz, que enviou um beijo de gratidão ao céu, todo engalanado de ouro e púrpura para festejar também essa chegada.

O rodar de um carro fez-se ouvir na estrada; Lily desceu a escada com a ligeireza de um silfo e, apoiada à balaustrada do terraço, com o coração a palpitar-lhe loucamente no peito, esperou a vinda de quem há tanto tempo implorava.

Esperava-o à porta de sua casa, com todas as honras, tremendo de timidez e de emoção, os olhos cintilantes, as faces rubras, bonita, verdadeiramente bonita no alvoroço dessa alegria que a transfigurava.

A carruagem parou, e o lacaio adiantando-se preveniu à sra. condessa que o conde Degenthal, tendo-se sentido repentinamente indisposto, descera na hospedaria, pedindo-lhe desculpa de não poder vir já apresentar-lhe seus respeitos. Se melhorasse, tomaria a liberdade de vir a noite cumprimentá-la.

Lily despediu o criado num aceno de cabeça, uma nuvem densa apagou-lhe de chofre todo o brilho da fisionomia e toda a alegria da alma.

Voltou cabisbaixa para o salão iluminado e florido como para uma festa, e maquinalmente, sem saber talvez o que fazia, arrancou dos cabelos a rosa branca, enxugando com ela duas grossas lágrimas que lhe rolavam lentamente pelas faces.

Quem poderá jamais avaliar o que vai de decepção e de silenciosa amargura em duas pequenas lágrimas de mulher?

*   *   *   *   *



A minha arte sombria é a minha dor,
O meu encanto um coração partido;
nem mesmo sei dizer por que motivo.

REALMENTE não se podia desejar companheiro de viagem mais silencioso! __ Disse a Nora a velha Ana, quando, depois de ter atravessado a estação, Landolfo as instalou na vitória que as esperava na saída.

A donzela pareceu não ter ouvido a observação; estava muito pálida e aconchegada maquinalmente em torno do pescoço a grande echarpe azul, que lhe envolvia o chapéu de viagem e, cruzando-se sob o queixo, Ihe caía em pontas flutuantes sobre as costas.

Uma expressão estranha anuviava-lhe o olhar, e uma ruga de contrariedade franzia-lhe a testa; parecia tão absorta em suas reflexões que não percebeu - ou não quis perceber! - o desejo evidente do secretário de acompanhá-las.

Antes que o belo Landolfo tivesse tido tempo de terminar o movimento esboçado de subir para a vitória, disse imperiosamente ao cocheiro o nome do hotel, e o carro rodou, deixando na calçada, com o pé ainda no ar, o impertigado secretário, cuja fisionomia exprimia o mais furioso desapontamento.

__ Mas, pequena, estás a tremer de frio! __ Exclamou a velha Ana, tomando nas suas, a mãozinha enluvada que, não obstante a protetora peliça, estava gelada, e lançando um olhar triste ao rosto sem cor, cujos lábios trêmulos tentavam sorrir-lhe sob a transparência anilada da gaze, disse: __ São os inconvenientes dessas viagens noturnas. Vive-se a correr pelo mundo; é impossível que um belo dia não se deixe a saúde num desses malditos vagões da estrada de ferro! ... Nora, meu amor. __ Acrescentou com a sua rudeza habitual. __ Deixa-me agasalhar-te, eu não quero que o diretor me acuse de não ter cuidado suficiente da filha.

E, desdobrando sobre os joelhos da donzela a grande manta de viagem, envolveu-a toda nas amplas dobras macias, com uma solicitude que indicava bem claramente o carinho maternal que seu velho coração dedicava à filha de sua sempre amada Helena.

Nora ainda era para ela a criança loura que tantas vezes embalara, e, embora mulher feita, embora artista consumada e celebridade em seu gênero, tinha ainda para ela os mesmos familiares e rabugentos cuidados com que outrora lhe prendia à cabecinha rebelde, a touca de renda ou, apesar dos seus manhosos protestos, lhe tirava
a mamadeira, quando achava que estava suficientemente alimentada.

Enquanto a menina estivera no colégio e mesmo depois dos primeiros tempos que passara junto da madrasta em Bonn, Ana julgando-se desnecessária no rancor sempre indignado de ver preenchido por uma bailarina o lugar de sua lembrada senhora, deixou-se ficar em sua pátria, para onde se retirara, contentando-se, para matar as saudades, com a correspondência da “pequena”, como continuava a chamar a Nora.

Quando soube, porém, pelos jornais e depois por carta da menina, que ela resolvera seguir a carreira do pai e se estrear no circo, veio sem vacilar, sem uma exprobração, não se concedendo o direito de julgá-la e adivinhando com a intuição certeira das verdadeiras dedicações que só um motivo de força maior, obrigara a filha de sua Helena a abraçar uma vida tão contrária a suas aspirações e à sua educação.

Com a confiança de seu humilde afeto e achando na prudência avisada de sua experiência que a filha de Helena não podia decentemente correr mundo sem a salvaguarda de uma companhia de mais respeito, fez sem hesitação a viagem tão fatigante para os seus anos avançados e veio trazer à filha desse Carsten, de quem ela nunca pudera ser grande apreciadora, a proteção de seus

cabelos brancos e a garantia obscura, mas sempre viva, de sua dedicação.

Era, portanto, a *chaperon* de Nora; seguia-a como uma sombra, acompanhando-a em todas as viagens que a menina era forçada a empreender pelas exigências de sua profissão. Suas relações com Carsten eram das menos cordiais; acusava-o secretamente da morte de sua Helena e não lhe perdoava ter consentido - pois Nora nunca lhe dissera uma só palavra a respeito das causas determinantes de sua resolução de entrar para o circo! - que a filha se entregasse a essa existência agitada e de exibição, que ela bem via que não era e não podia jamais ser do agrado de Nora.

Carsten, com a sua perspicácia habitual, sentia a animosidade da velha governante, adivinhava-se julgado e condenado por esse espírito reto, sobre o qual nunca pudera ter influência o seu aclamado prestígio de feiticeiro; isto despeitava-o no íntimo, mas, como a julgava útil à filha, tolerava-lhe a presença.

__ Ora, graças a Deus que chegamos! __ Exclamou Ana, num bocejo mal dissimulado, com esse tom mal humorado que era cotidianamente o seu, quando, depois de um trajeto assaz longo, o carro parou a porta de um dos mais afamados hotéis da cidade.

Estas viagens incessantes não servem para velhas da minha espécie, nem para novas! __ acrescentou com ar sombrio, lançando a Nora um olhar sobrecarregado de apreensões.

A menina esboçou um sorriso e, saltando agilmente do carro voltou-se para a antiga ama, ajudando-a cuidadosamente a descer. Um homem, entretanto, precipitava-se para elas, estendendo

debalde a mão para um auxílio puramente imaginário, pois Nora não pareceu ter-lhe percebido a presença. Era Landolfo. Por um destes prodígios de velocidade, dos quais possuía decididamente o segredo, tomara um carro atrás de Nora e, duplicando a gorjeta, conseguiu chegar antes dela ao hotel, esperando-a à porta do hall e tendo nos lábios o mais conquistador dos seus sorrisos.

__ O diretor chegou anteontem! __ Disse a Nora, inclinando para ela a cabeça e fitando-a com essa expressão de carinhosa familiaridade, que tomava sempre em público para falar-lhe, julgando destarte fazer patente ao próximo o pé de intimidade em que vivia com a filha de seu chefe.

__ Está tudo preparado para amanhã!__ Continuou, reforçando a amabilidade de seu sorriso e num tom confidencial absolutamente descabido. __ Se naturalmente não se sentir muito cansada, miss, e...

A donzela não respondeu, nem sequer olhou para ele; apressou o passo e, fazendo uma imperceptível inclinação de cabeça, pôs-se rapidamente a subir a escada, deixando no primeiro degrau o belo secretário ainda no meio de uma frase obsequiosa. Havia tanto desprezo no silêncio voluntário desta atitude, que o sangue subiu as faces pálidas de Landolfo.

__ Não desarmou! __ Murmurou entre dentes, seguindo com olhar rancoroso a silhueta fina que se perdia já na volta brusca da escada. Esquecendo, na humilhação dessa nova afronta, que havia gente no hall, que poderia perfeitamente perceber-lhe o despeito, permaneceu imóvel, tão imerso na cólera de suas reflexões, que não viu subir Ana, curvada ao peso da mala

e da manta esquecida por Nora com a pressa de se escapar de Landolfo.

__ Não desarmou! __ Monologou com a raiva concentrada de um rancor que o desprezo constante da menina transformava pouco a pouco em ódio verdadeiro. __ Mas há de vir o tempo em que essas maneiras displicentes hão de mudar! ... Tudo alcança quem sabe esperar. E não é por teres encontrado no comboio o importuno desse conde, num rendez-vous que eu creio ocasional, que escaparás aos ardis de mestre Landolfo! Serás minha, quer o queiras, quer não, minha bela, e prometo-te tomar ampla desforra de todos esses ares de menina mal educada! Quanto ao tolinho do Degenthal, eu soube tão bem arranjar as coisas, que dificilmente lhe reconquistarás o aristocrático coração, minha pomba!

E, sorrindo maldosamente ao recordar suas perfídias, o secretário abandonou o degrau da escada, onde parecia ter criado raiz, dirigindo-se ao farto restaurante do hotel, onde na delícia de um *“wisky and soda”* esqueceu ou procurou esquecer o amargor do desdém cada vez mais intratável de miss Carsten.

Ana, entretanto, chegava ao aposento, onde Nora, fatigada, começava a despir-se, e num momento, com aquela silenciosa presteza com que outrora servira à mãe, abriu as malas, preparou a cama, correu as cortinas e dispôs tudo para que a “pequena” pudesse repousar confortavelmente.

Ana tinha o gênio de tornar confortável o mais desajeitado dos aposentos; em pouco tempo, o quarto aquecido, cujas cortinas descidas faziam uma penumbra acolhedora, e o leito, cujos lençóis meio dobrados pareciam convidar ao descanso e ao sono, tomou o mais íntimo e agradável dos aspectos. Só depois de ter desnastrado

e penteado os longos cabelos da menina e de lhe ter aconchegado maternalmente os cobertores, é que a velha Ana pensou na sua própria fadiga e no próprio repouso.

__ *Poor darling!* __ Suspirou, lançando um último olhar ao lindo rosto que se imobilizava agora sobre o travesseiro, num palor de cansaço extremo. __ Esta vida acabará com ela, por mais forte que seja! Como acabou com a mãe! __ Rematou, fechando a porta de mansinho, numa onda de indignação interior contra o tirano desse diretor, cuja missão na terra parecia ser a de fazer vítimas em seu caminho.

Nora estava só. Sentia-se exausta, tão exausta que nem sequer abria os olhos, tendo ainda no ouvido o silvo e o arquejar da locomotiva; julgava sentir a cada instante o choque brusco dos vagões e estremecia dos pés à cabeça, num arrepio que lhe fazia enterrar nervosamente a cabeça dolorida no macio travesseiro.

E na angústia do seu espírito, onde num turbilhão de recordações ressurgia a imagem de Curt com uma nitidez implacável, rememorava - e com que amargo prazer! - todos os pormenores dessa viagem, que por momentos os aproximara mais uma vez. Quando ele entrara no vagão, olhara-o distraidamente: qualquer coisa de conhecido no porte e de familiar na silhueta fizera-lhe, no entanto, demorar sobre ele a interrogação do olhar.

Onde vira já essa figura? Em vão fez apelo à memória e tentou disfarçadamente examinar-lhe a fisionomia; as abas do chapéu faziam sombra, e como o lampião ainda não estava aceso no vagão, era impossível distinguir no claro-escuro do crepúsculo o quer que fosse do desconhecido.

Deixou, pois, de observá-lo, tentando distrair-se na contemplação da paisagem; mas uma curiosidade singular impelia-a, não podia deixar de lançar de vez em quando um olhar furtivo para o lado do silencioso companheiro. Estava tão quieto, tão imóvel no seu canto, que parecia ter-se petrificado naquela atitude de abandono indolente.

__ Quem será? De onde virá? E para onde irá? __ Perguntava-se, mau grado seu, ao impulso de uma curiosidade que não conseguia dominar. E por que se interessava ela assim por este estrangeiro, por esse viajante ignoto, de cuja vida ignorava tudo e que um acaso, dos mais comuns em sua vida errante, fazia viajar no mesmo vagão que ela?

Não o soubera, nem mesmo tentara sabê-lo explicar. Tinha, contudo, a plena, a absoluta, a perfeita certeza de já ter encontrado esse rapaz, de o conhecer muito bem; mas onde, meu Deus... onde? Não se recordava e, no enervamento dessa curiosidade insaciável que lhe fazia pulsar mais fortemente o coração, chegara a Bonn.

Ao ouvir pronunciar pelo condutor o nome da cidade onde passara as mais belas horas de sua mocidade, erguera-se instintivamente para poder ver melhor esses lugares onde o conhecera e onde se haviam amado.

E qual não foi a sua desvairada alegria, quando o reconhecera à luz viva do lampião?! Ele... Curt... o lembrado... o muito amado!... Deus era-lhe testemunha de que o seu primeiro ímpeto fora atirar-se-lhe ao pescoço e na irreprimível efusão deste amplexo reconquistar esse ingrato e apertá-lo nos braços, de encontro a esse

coração que havia cinco anos se consumia na ânsia incontida de o encontrar!

Mas, diante do olhar severo, exprobrador e glacial que lhe lançara, olhar que até agora lhe doía; diante da impassibilidade voluntária do semblante que o desdém crispava até à dureza, seus braços estendidos haviam caído, todo o grande impulso de afeto, que a atraíra para ele com a violência de um sentimento avassalador de
conveniências e de etiquetas, arrefecera, fazendo-a cair sem forças sobre o banco, palpitante ainda de tudo o que de apaixonado lhe subira aos lábios no grito contido desse amor que a separação, a distância, o rompimento, os anos não haviam conseguido destruir, ferida mais fundamente pela frieza desse olhar do que pelo desprezo insultuoso daquele cruel - ah! tão cruel silêncio! - com que a torturara durante cinco longos anos.

Havia tanto, tanto tempo que desejava, que implorava, que exigia de Deus esse encontro! ...E era para isso, meu Deus... para essa impassibilidade, para essa mudez, para esse desprezo que acariciara o sonho de o tornar a ver na ingenuidade de sua irredutível confiança e na esperança inconfessada de que bastaria um só olhar para cessar desde logo a desavença e todo o rancor!

Pobre Nora! ...E fora durante toda essa noite o suplício delicioso de o ter ali perto da vista e longe do coração, de o sentir viver a seu lado, de saber-se reconhecida por ele, de o olhar, enfim, desde que não tivera a coragem de lhe dirigir a palavra.

Não mudara quase; estava mais magro, mais grave, mais homem, com a seriedade dessa expressão pensativa, que não lhe conhecia, e mais bonito - se fosse possível!

Curt.. . Curt... Curt... __ Repetia baixinho seu pobre coração, que desfalecia de emoção ante a indiferença desse semblante voltado propositadamente, desses olhos que não a queriam fitar, desses lábios mudos que não tinham tido para ela uma só palavra de piedade, dessas mãos que não lhe haviam feito um gesto sequer de reconciliação.

E a longa noite passara, essa longa noite tão curta, entrecortada dos silvos da locomotiva e do surdo entrechocar de vagões, essa noite torturante a que daria agora tudo para que voltasse, durante a qual tivera Curt a seu lado, pudera abrir-lhe desafogadamente o coração, contar-lhe tudo, desculpar-se, explicar-lhe o que havia
feito a desgraça de sua vida, mas que não soubera aproveitar e deixara passar sem lhe dizer nada, cabisbaixa, taciturna, orgulhosa como ele e como ele uma estranha, uma simples viajante que o acaso fez entrar no mesmo compartimento.

Nora não chorava, não podia chorar. Derramara tanta lágrima desde o dia fatal da estreia no circo, tanta lágrima sentida, tanta lágrima desconsolada e inútil, que se não sentia já com força para chorar. Havia nela uma grande desolação, um desespero resignado, que lhe secara o pranto nos olhos e lhe endurecia singularmente o coração.

Amava-o ainda e era esta a sua desgraça toda; amava-o ainda... mas não tinha mais lágrimas para o chorar. E na desolação infinita de sua alma uma voz de intraduzível amargura segredava-lhe obstinadamente: Está tudo perdido, irremediavelmente perdido!

Havia cinco anos que Nora fizera no circo sua estreia retumbante. Cinco anos que, depois das emoções de um triunfo que

o tempo não fizera mais do que confirmar, jazia como naquele dia sobre um leito de insônia e chorava silenciosamente sobre as ruínas do sonho único e alentador de sua vida, abatida pela fadiga corporal e pela fadiga maior ainda da terrível luta moral que contra si mesma sustentara.

Em pouco tempo criara fama, e fama não só de artista equestre consumada, mas de formosura inigualável, o que lhe angariava talvez mais sucesso do que seus dotes de cavaleira e seus talentos de equilibrista.

Os cálculos de Landolfo não haviam sido exagerados; bastava o nome de Nora Carsten num cartaz de espetáculo para encher o circo e dar ao diretor um lucro de que sempre necessitavam os seus atrapalhados negócios.

Emília também não se enganara, quando profetizara à enteada invejáveis sucessos de mulher. Nora fora inúmeras vezes pedida em casamento e contava às dúzias os apaixonados que estavam prontos a fazer por ela todas as loucuras pecuniárias e sentimentais de que são suscetíveis cabeças de vinte ou de cinquenta anos.

Não parecia, porém, dar nenhum apreço a essas coisas. Desde a noite da estreia, depois do momento decisivo e da horrível agitação que o precedera, uma grande calma fizera-se em sua alma.

O fato consumado trouxera-lhe um apaziguamento quase completo, a reação salutar produzida pela carta de Madre Sibila amortecera um pouco a dor do sacrifício feito, a sensação do irremediável junto à vida de exercício físico e de grande movimentação, que era obrigada a levar, não lhe deixava lazer para reflexões.

A atividade física é o único remédio eficaz para as grandes dores morais. Carsten, compreendendo isto, impunha à filha mais exercícios do que ela talvez necessitasse para seus trabalhos, no intuito de alheá-la de si mesma, e, fatigando-lhe o corpo, impedi-la de pensar muito na tristeza de sua nova situação. Esse regime de ar livre e exercícios a toda prova fez bem a Nora; era indubitável que sua arte a interessava, e que, embora tivesse pelo circo em geral o desdém sua educação superior, adorava a equitação e apaixonava-se insensivelmente por seus exercícios, levada a isto pelo dom natural atávico que desde a mais tenra infância fizera dela uma *sportwoman* inata. Era com este dom que contava a habilidade do diretor.

Sabia perfeitamente que, dotada como era para todo exercício físico, Nora não poderia resistir muito tempo à influência do meio, da profissão e ... do triunfo. Não tinha repugnâncias a dominar, nem mesmo aéreas dificuldades a vencer, para se entregar de corpo e alma à sua arte; arrastava-a um gosto especial e hereditário, uma espécie de vocação, que naturalmente lhe faziam achar prazer onde outras não encontrariam talvez senão receios. Tinha nas veias o sangue forte desse pai para quem a vida não fora mais que uma contínua afronta a todos os perigos, e seus exercícios equestres foram-se, mau grado seu, tornando o maior, o único interesse de sua vida isolada.

Para não lhe sensibilizar a melindrosa delicadeza e não lhe ofender o amor-próprio, o pai conservava-a arredia dos negócios da Companhia e apartada da vida íntima do circo. Só a fazia aparecer em representações de gala, onde se exibia sozinha, cercando

sempre essas exibições de um aparato a que a vaidade da menina, natural a toda criatura humana, não podia ficar insensível.

Guardava-a como um relicário, um objeto de luxo e de preço, que só nas grandes ocasiões se decidia a mostrar ao público, não consentindo nunca que ela tomasse parte nas pantomimas e representações teatrais, que eram a especialidade de seus espetáculos.

Estas atenções do pai e o sucesso sempre crescente, que obtinha a cada nova exibição de seus exercícios equestres, lisonjeavam Nora, sem que ela mesma o pressentisse; e se lhe viessem dizer, agora que estava habituada ao incentivo das grandes enchentes, que deveria representar numa sala vazia ou quase vazia, teria um sorriso de incredulidade, cuja vaidade ela própria não poderia suspeitar. Habituara-se a ser aclamada; era já um grande passo dado para gostar da vida do circo.

Na primeira noite, Nora julgara não poder suportar aquela vida, e com dolorosa satisfação alimentara a esperança de que a morte a viria libertar em breve da humilhação dessas exibições e da incurável tristeza de seu amor despedaçado.

Esperava morrer; desejava-o mesmo com toda a sinceridade de sua alma juvenil que a vida muito cedo ferira profundamente. Mas não se morre assim tão facilmente, e seus vinte anos tinham tal seiva, tal vigor, e tanta exuberância de vida seu corpo novo e sadio, que a dor não lhe pode sequer abater o resistente organismo. Emagreceu um pouco, adelgaçou-se por assim dizer, mas sua saúde saiu incólume da tormenta em que soçobraram para sempre sua crença na felicidade e sua esperança no futuro.

Outra ideia, suscitada ainda pela carta de Madre sibila, dava-lhe forças para resistir às tentações inevitáveis no meio em que vivia. Era a ideia de conservar-se pura, digna sob todos os pontos de vista da estima de Curt e do respeito de si mesma, que com tanta altivez lhe fazia recusar as propostas, as vezes equívocas, que sua formosura lhe angariava infalivelmente.

Ao receber, fechada, a carta que enviara a Curt, foi como se um homem já muito ferido recebesse uma nova punhalada; estava insensibilizada à força de sofrer. Compreendeu - e com que requinte de sentimento! - a injúria dessa missiva devolvida, mas como queria a todo transe desculpar o amigo, achou no engenho de seu afeto um pretexto de escusa.

Ante a letra tremida e quase insoletrável de Curt, imaginou. Ou antes, obrigou-se a imaginar que a carta não lhe fora entregue e que essa letra não era a dele. Tanto se sugestionou com esta ideia, que acabou por convencer-se disto e na esperança de poder um dia mostrar a Curt essa carta que seria a justificativa integral do que poderia haver de repreensível no seu procedimento, guardou cuidadosamente assim fechada e intacta a carta que Degenthal tanto se arrependera de não ter lido. E para em nada desmerecer dessa justificativa, que desejava fosse completa, resolveu levar a mais retraída, a mais pesada das existências.

Fora do circo, onde fazia seus exercícios equestres, mesmo quando não tinha que se apresentar em público, ninguém a via quase. Uma vez ou outra num teatro em companhia do pai, ou em passeio a pé, tendo Ana por *chaperon*, eram estas as poucas ocasiões que dava a seus admiradores de lhe apreciarem a beleza e analisarem a elegância.

Levava uma vida de recolhimento, como dizia Emília, numa expansão de revolta contra a indiferença dessa menina, que as mais embriagadoras homenagens não pareciam comover.

__ Se quisesses, terias dez duques, seis marqueses e até príncipes para substituir o idiota desse conde, que nunca te soube apreciar devidamente! __ Afirmava d. Emília com uma franqueza indignada, ante a corte de admiradores titulares que os encantos da enteada atraíam aos bastidores do Carsten-Circo.

Mas Nora tinha um modo tal de lhe impor silêncio, abanando negativamente a cabeça com uma silenciosa e severa dignidade, que a tagarela senhora não se achava com a coragem para prosseguir, contentando-se em chamar interiormente a enteada de tola, por não aproveitar, como Emília o saberia fazer, a mocidade e os dotes q

a natureza tão prodigamente lhe concedera.

Nora não atendia a seus conselhos, falava a todos os frequentadores da pista com um modo esquivo, que punha entre ela e seus interlocutores um abismo intransponível. Não tratava mal a ninguém, a não ser a Landolfo, para quem não desarmara ainda seu desprezo; mas não tolerava liberdades e contava-se muito às escondidas a tada chibatada yankee com que castigara o atrevimento de um príncipe a húngaro, que lhe viera dizer à queima-roupa que a achava bonita.

Não alimentava esperanças de ninguém, e era voz corrente que jamais apanhara na arena um só dos ramalhetes que lhe atiravam nas noites de espetáculo; deixava aos clowns o cuidado de os apanhar e nunca tivera sequer um sorriso para um “bravo” mais caloroso ou um aplauso mais entusiasmado.

Era a personificação da indiferença, um enigma vivo, a encantadora e irritante esfinge, que nas fileiras da “juventude dourada” da capital contava um sem-número de fervorosos apaixonados, a quem essa atitude de inatingível impassibilidade molestava como um desdouro aos brios juvenis e aos poderes de sedução da classe inteira.

Haviam feito apostas para vencer essa frieza, que a vaidade masculina proclamava apenas aparente, e contava-se de um jovem marquês italiano, Lúcio Stanchi, um louco de dezenove anos, que gastara uma fortuna em flores para obter que Nora levasse, ao menos uma noite, no corpinho uma das raras orquídeas que lhe enviava diariamente ao camarim ou lhe atirava à noite na pista, quando fazia executar a White Dream uma de suas proezas mais perigosas.

E que louca prodigalidade de flores não lhe espalharam aos pés todos os que o esplendor de sua incomparável formosura fascinava! Nora parecia caminhar numa estrada triunfal e, de representação em representação, crescia a fama de sua beleza, de seu talento e de sua reserva.

Cada novo espetáculo trazia-lhe pelo menos meia dúzia de apaixonados, como dizia d. Emília, num suspirozinho em que havia, talvez, um ressaibo de inveja, mas de uma inveja das mais inofensivas, pois os cabelos flavos da diretora não deixavam de ter sucesso entre os frequentadores do Carsten-Circo.

Nora, porém, continuava cada vez mais inexplicavelmente indiferente a essas homenagens; as flores, que lhe atiravam, caíam-lhe aos pés, sem que ela se dignasse jamais esboçar sequer o

movimento de apanhá-las. Essa indiferença fustigava ainda mais, como era natural, a vaidade dos homens.

Era realmente incompreensível que no meio de tantos e tantos galanteios, equívocos uns e sinceros outros, essa menina de vinte anos não se tivesse ainda prendido por ninguém. Alguns admiradores mais ousados haviam tentado seduzi-la por ofertas mais duradouras do que simples ramalhetes e, lembrando talvez a velha tática de Fausto, haviam escondido joias entre as flores dos ramalhetes. Mas com a mesma inquebrantável frieza com que na arena correspondia aos aplausos e aos vivas, Nora rejeitara essas ofertas ofensivas.

Nem talvez as chegasse a ver. Mas seu pai, a quem essas repetidas recusas assustavam, preveniu-lhe que, se continuasse nessa atitude inabalável, comprometia seriamente o sucesso de seus espetáculos. É preciso transigir para agradar ao público. Se Nora persistisse em rejeitar com um desdém verdadeiramente ofensivo toda homenagem, seus admiradores desdenhados poderiam fatigar-se também dos espetáculos e não concorrer mais com a paga de sua presença. Carsten teve a habilidade de fazer compreender à filha esta razão peremptória. Nora decidiu-se afinal a não devolver as flores que lhe eram oferecidas espontaneamente.

Aceitava-as, mas nunca ofertante algum teve a satisfação vaidosa de a ver enfeitar-se com uma flor sequer dos ramalhetes que desde a sua estreia lhe haviam sido atirados das galerias em transportes de entusiasmo ou enviados delicadamente ao camarim.

D. Emília era quem se aproveitava de tudo isto. Seu marido não lhe permitiu tomar para si os mimos que eram oferecidos à

enteada; com um sorrisozinho dúbio submeteu-se a esta manifestação de autoridade marital, mas a expressão consternada de seus olhos brilhantes revelava suficientemente a pena com que via desperdiçada com esse dragão de virtude, que era Nora, tanta coisa bonita e tanta coisa aproveitável.
Como Carsten, porém, não estendia esta proibição às ceias e saraus, que por um benefício qualquer e com o pretexto falacioso de obsequiar o diretor, costumavam dar aqui ou acolá os rapazes das várias cidades onde trabalhava a Companhia, d. Emília consolava-se da perda desses presentes inaproveitados, divertindo-se a valer, divertindo-se por si e pela enteada, que recusava sempre assistir a essas festas, simples artimanhas de seus admiradores, para ver se conseguiam arrancá-la a seu desdenhoso retraimento.

Nora levava, pois, uma vida à parte, uma vida de tão completo isolamento moral, que teria fatalmente sucumbido às tentações do meio em que vivia, se a não sustentasse a ideia fixa de conservar-se, a despeito de tudo, sempre digna do amor puro de Curt e se a não fortalecesse uma profunda e verdadeira piedade. É que Nora não tinha somente de lutar contra essas vozes a repetirem-lhe - e com que irresistível sedução! - que era bela entre as mais belas, contra a embriaguez de seus magníficos vinte anos, estuantes de seiva, expandidos livremente nessa estonteadora atmosfera de admiração, uma admiração que aos olhos dos homens se fazia ternura ou se inflamava em desejo; tinha ainda e principalmente que lutar contra si mesma.

Lutar contra o gosto atávico pela equitação, uma espécie de vocação para o movimento e para a luta que, herdara do pai. Trazia no sangue aventureiro e lhe tornava tão fáceis os fatigantes

trabalhos diários, fazendo verdadeiramente agradáveis as noites do circo, quando recebia como justo prêmio de sua galhardia a ovação delirante de um teatro inteiro entusiasmado, depois de se ter apaixonadamente entregue a um exercício onde toda a sua arte e toda a sua experiência eram necessárias para evitar o perigo sempre iminente da queda fatal. Mas quem poderia dizer, quem poderia suspeitar a amargura daquelas voltas solitárias para o quarto do hotel, quando lhe suplicavam que ficasse, quando sabia seu nome repetido por centenas de bocas num elogio uníssono e admirativo e quando, sozinha, numa solidão em que a lembrança de seu triunfo a embriagava ainda no perfume dessas flores, que eram uma homenagem muda a sua beleza e ao seu talento.

O espelho lhe dizia que estava linda, que era jovem, desejada, livre e, que se quisesse... se quisesse...

Ah! Como era preciso força de vontade, como era preciso coragem, como era preciso recorrer desvairadamente às protetoras lembranças de seus dias de convento para resistir ao pérfido arrastamento de todas essas coisas de alegria e sedução, que lhe falavam de gozo, de sucesso e de amor!

Pobre Nora, como era preciso que ela amasse ainda a esse Curt, de quem nada mais soubera, para não ceder ao impulso dessa mocidade em flor, que lhe animava de tanto ardor o corpo sadio e a alma apaixonada! Para não dar ouvidos a essa voz insinuante e persuasiva, que vivia a segredar-lhe que a vida é curta e a mocidade
passageira, tão passageira como o ouro do sol na areia do chão! Essa coragem encontrava-a Nora na prática diária de seus exercícios de piedade. Dizia-se nos bastidores que todos os dias, ao

romper d'alva, Nora Carsten, só e às vezes acompanhada por Ana, se dirigia à capela mais próxima, a fim de assistir à primeira Missa.

Este fato nunca fora averiguado totalmente, pois o único que se atrevera a seguir a menina fora esse grande louco de Zolwensky, um príncipe polaco enamorado perdidamente da linda e fria amazona do Carsten-Circo. Mas esta tentativa mesma abortara.

Zolwensky encontrara, ao sair da igreja, um olhar frio, uma fisionomia tão severa, que achara melhor para o bom êxito de seu romance não renovar a tentativa. Tinha, pois, toda liberdade de ação, e se não empregava essa liberdade para o mal, devia-o ainda a esse amor, que era como uma couraça contra todas as tentações e contra todas as fraquezas.

Se nenhuma das declarações que lhe escreviam ou lhe dirigiam em frases dúbias conseguira ainda despertar a serenidade de seus vinte anos, é que tinha o coração cheio da imagem desse ingrato amigo, cuja influência se fazia ainda sentir beneficamente sobre a sua vida.

Nem o amor de Zolwensky, esse romanesco amor que fazia do príncipe o personagem obrigado de todos os espetáculos do Carsten-Circo, esse amor feito de capricho, talvez, mas também de impetuosidade e de sedução, esse amor que lhe enchia de flores o camarim, que seguia de país em país, de cidade em cidade, e mais demonstrativo se tornara de representação em representação, esse amor não a havia feito esquecer o passado, em que se refugiava como um abrigo seguro, quando o peso de sua solidão se lhe tornava mais intolerável.

Assim viveu ela até então; na frieza de sua castidade altaneira, Olhava de cima todas essas homenagens, nunca ia às festas, e a

única ocasião em que os seus admiradores lhe conseguiam falar era às vezes de manhã a cavalo em companhia do pai, e, extraordinariamente, à noite, em algum concerto ou teatro.

"Sóror Nora", dizia-lhe rindo a estouvada d. Emília e com efeito, para a sua mocidade e para o seu meio, era quase conventual aquele excesso. A verdade é que Nora esperava sem ter consciência disto, sem nunca mesmo ter sentido formular-se este pensamento; esperava, esperava instintamente esse encontro que havia sido...
ah que dolorosa desilusão!

Nora enterrou novamente a cabeça nas ondas revoltas de seus cabelos. Não chorava, não podia chorar mais. O desprezo, o glacial desprezo do olhar de Curt penetrava-lhe tão fundo no coração que lhe estancava toda fonte de emoção. Sentia ainda esse olhar, sentia-lhe ainda toda a injusta e rancorosa condenação e na penumbra
desse leito - onde seu corpo fatigado não conseguia achar repouso! - corava de vergonha por haver sofrido tanto, por haver sacrificado tanta coisa por esse Curt, que não a compreendera, que não a quisera compreender...

Fora propositadamente que ele lhe devolvera a carta; estava agora tão convencida disto, que todas as engenhosas e pueris desculpas que o coração lhe suscitava para o desculpar, a despeito de tudo, pareciam-lhe desculpas de criança, pretextos ridículos para uma indulgência ainda mais ridícula.

Era, portanto, inútil a sua reserva, inútil a severidade e a solidão de sua vida, como inútil havia sido a carta onde lhe pedia socorro, como inúteis seriam sempre lágrimas, preces e saudades!

Curt condenava-a, Curt não lhe perdoava, não lhe poderia perdoar nunca o ter faltado à sua promessa, fazendo-se artista de circo!

Um desespero sombrio enchia-lhe a alma de um desejo de vingança, um desses desesperos a cujo influxo se cometem todas as loucuras e que seriam mortais, se não encontrassem na ação imediato derivativo à sua violência. Nora soerguera-se sobre as almofadas, tinha nos olhos secos um brilho duro, e um sorriso estranho
crispava-lhe os lábios.

Curt desprezava-a. Quando, num espontâneo impulso da alma, lhe mandara aquela carta, que era súplica e apelo, tinha a certeza, a plena e indiscutida certeza de que ele viria, que lhe estenderia a mão protetora como tanta vez lho prometera, que a salvaria, enfim, pois era o único que a podia salvar. Mas ele não viera nem lhe atendera ao desesperado apelo, nem compreendera o seu sacrifício e, se o compreendera, condenara-o, julgara-o não uma prova suprema de dedicação filial, mas uma boa ocasião de exibicionismo.

Orgulhoso! Desprezava agora nela não só a cavaleira, que todos tinham o direito de aplaudir e de julgar, mas principalmente a filha desse aventureiro sem nome e sem posição social, cuja fortuna tinha uma proveniência humilde.

Era o seu modesto nascimento que aquele aristocrata desdenhava. Se o capricho de alguns meses lhe permitira esquecer um momento esse berço obscuro, a influência de seu meio fizera-lhe sentir em breve a intransponível distância que socialmente os separava, e talvez abençoasse intimamente aquela estreia, que rompera os laços que o traziam cativo. Nora torturava-se com todas

essas hipóteses, mas a ideia de que ele talvez se julgasse feliz por se ter desembaraçado dela fazia-a sofrer mais do que todas.

Ele nunca a havia amado verdadeiramente! Tivera por ela um capricho, um capricho vulgar e passageiro, e todas aquelas promessas de proteção e salvaguarda nada significavam, nada podiam significar quando dirigidas à filha de um simples diretor de circo. Como fora louca em acreditar nelas! E dizer que ela ainda lhe queria, que por causa dele desterrara de sua vida toda a alegria e toda a esperança, que sofrera, e quanto - quanto! - que sofria ainda para conservar-se sempre digna desse amor, que ele abandonara com tanta facilidade!

Que tolice, meu Deus, que tolice! Mas doravante não seria assim... Tantas admirações a rodeavam, tinha tal certeza do poder dessa beleza, arma de valor inapreciável desde que se quisesse servir dela; via todos os dias suas companheiras, criaturas menos favorecidas, festejadas, apreciadas, felizes, afinal, como ela, Nora, o teria sido, se não tivesse querido a ventura impossível, como o seria, como o queria ser desse momento em diante. Por que desejara ela sair de seu meio, elevar-se a uma esfera onde nunca a receberiam de boa vontade? Desde que pertencia a uma classe à parte, a classe fora do que se convencionou chamar “sociedade”, devia ter as maneiras, o modo de pensar de seu meio e de sua gente; seria presunção tola continuar nessa atitude fidalga, que a desclassificava entre os seus.

Desde que estava perdida na opinião da única pessoa para quem quisera imaculada sua reputação, desde que nada a podia reabilitar e que coisa alguma apagaria aquela desgraçada estreia no circo, faria como as outras, levaria a vida alegre de suas

companheiras, aproveitaria a mocidade e gozaria enfim da vida fartamente, com
a sofreguidão de seus vinte anos ávidos de felicidade!

Pobre Nora! Estava num desses terríveis momentos de abandono moral, em que tudo que há de mau em nós sobe à tona da alma num borbulho de revolta; era a reação inevitável de todos esses longos anos de silenciosa e concentrada tortura.

O sangue impetuoso de Carsten rebelava-se afinal contra a extenuante sujeição das horas de solitária reserva; o desprezo de Curt fora a gota de água que fizera transbordar toda a reprimida indignação que a devolução da carta lhe sublevara na alma. Desde que Curt a considerava uma perdida e que perdidos estavam para sempre
amor e felicidade, conduzir-se-ia como tal, gozando pelo menos de todas as equívocas vantagens que essa "perdição" lhe angariaria forçosamente. Estava decidida a usar e mesmo a abusar de sua nômade e livre existência de boêmia!

Uma pancadinha discreta na porta interrompeu neste ponto suas reflexões; era evidentemente Ana, que começava a inquietar-se. Que horas seriam? Tarde, por certo, pois a antiga ama não se permitia nunca importunar o repouso de sua "pequena", se a isto não a induzisse um motivo imperioso.

Deveria ser tarde; as cortinas descidas, que a claridade do dia fazia de um mortiço dourado, há muito que se haviam enchido de sombra, e no quarto às escuras mal se distinguiam os objetos esparsos. Devia ser muito tarde. Num movimento rápido. Nora atirou decididamente para o lado as cobertas e, envolvendo-se um pouco às tontas no primeiro vestido que encontrou ao alcance das mãos,

saltou vivamente da cama, correndo ao mesmo tempo a chave da eletricidade.

A luz jorrou branca e forte do lustre central, fazendo magicamente emergir da treva todo o luxo desse quarto de artista, agora um pouco desordenado. Nora abriu a porta.

__ Como dormiste, querida? __ Exclamou Ana, fitando nela seus olhos bons e leais. __ Estava tão contente por te saber descansando! Mas aquela gente não te deixa em paz. __ Acrescentou com uma raiva concentrada de um antigo rancor. __ Teu pai procurou-te duas vezes e mandou afinal dizer-me, pelo sr. Landolfo que estava lá em baixo à tua espera e que o avisasse, assim que estivesse pronta. Precisa falar-te... histórias daquele demônio de
circo! Queres que chame Ketty para vestir-te?

__ Não é preciso, Ana; dá-me tu mesma o meu vestido roxo. Sim, o roxo! __ Continuou com um estranho sorriso diante da interrogativa estupefata dos ollhos da ama. __ Quero fazer-me bela. Impressionar agradavelmente o meu público, sabes? Deixa Ketty em paz e traze também o meu chapéu de teatro; vestir-me-ei sozinha.

Ana não ousou pedir explicações acerca dessa desusada faceirice, tão fora das normas habituais da menina; obedeceu em silêncio, dizendo-se que afinal de contas era bem natural que uma criatura da beleza de Nora achasse gosto em se enfeitar. O que explicava a estupefação da velha governante era o luxo desse vestido
roxo, que Emília mandara fazer às escondidas para a enteada, que o recusara vestir até então, por ser, segundo ela, demasiado

decotado. O decote, no entanto, nada tinha realmente de exagerado; era o decote clássico de um vestido de baile, mas um vestido confeccionado com essa ciência quase genial da *toilette*, que só possuem as modistas de Paris. Era desse imponderável crepe da China, quase fluido à força de leveza, de um roxo esmaecido de glicínia, onde serpenteava o mais complicado - e na aparência - o mais simples dos bordados a prata. Era uma grande túnica argêntea, lembrando, na sobriedade de suas linhas, o *peplum* grego, e moldava como uma luva o corpo gentil de Nora, que esse traje de ondina fazia adoravelmente feminina e graciosa. Um grande chapéu preto completava essa toilette digna da mais exigente frequentadora da *Rue de la Paix*, um imenso Gainsborough inimaginavelmente emplumado, que dava à cabecinha alva da menina a graça aristocrática e fina de um Reynolds.

Nora mirou-se um instante ao espelho; havia na expressão de seus grandes olhos, tão singularmente brilhantes nesse momento, uma espécie de desafio; um sorriso de Gioconda entreabria-lhe o nácar dos lábios e qualquer coisa de provocante dava à sua beleza esse cunho de garridice que a realçava como uma rica moldura realça um quadro de arte. Devia estar satisfeita; nunca o espelho a refletira tão excepcionalmente formosa!

__ Eis o que te mandam, querida! __ Advertiu Ana, metendo a cabeça pela abertura da porta com a familiaridade dos criados velhos e apresentando-lhe um magnífico ramo de orquídeas aljofradas pelo orvalho fictício do pulverizador.

Nora fez insensivelmente o gesto de sempre, o gesto de recusa, mas deteve-se bruscamente; um clarão acendeu-lhe, na

sombra do grande chapéu, os olhos de pervinca; toda a sua fisionomia móvel tomou uma singular expressão de bravata.

__ Dá-mas! __ Respondeu a Ana, cada vez mais estupefata, estendendo os braços para as flores. __ São lindas!

Era, com efeito, uma oferta régia. Dispostas com a graça rebuscada e artística de um florista de fama, as orquídeas nada haviam perdido de seu frescor e de sua beleza; o verde da folhagem tenra que as cercava fazia sobressair o matiz malváceo das pétalas e o ar melado e doentio, que dá a essa flor uma tão estranha e exótica
morbidez. Eram flores raras, que deviam ter custado um preço exorbitante e que traziam num cartão, como uma homenagem muda, o nome de Kostia Zolwensky.

Nora tomou o ramalhete, soletrou com os olhos o nome principesco do ofertante; seus olhos tomaram uma expressão distante, que lhes turvou por momentos o azul cristalino; num movimento instintivo aprumou a cabeça orgulhosamente, aproximando as flores úmidas do rosto, que se rosou deliciosamente ao influxo de uma íntima emoção, como se lhes quisesse sorver a alma no mistério de perfume. Depois, com um sorriso sutil, antes com a sombra de um sorriso a arquear-lhe felinamente o canto dos lábios, arrancou lentamente do ramo três das mais belas orquídeas, prendendo-as ao peito com um alfinete de ouro.

__ Posso tê-los todos a meus pés! __ Pensou, voltando ao espelho para verificar o efeito deste novo adorno, que parecia ter sido encomendado de propósito para lhe completar a *toilette*. __ Quantos quiser! Posso fazê-los sofrer, humilhar-lhes o amor-próprio, martirizá-los, torná-los desgraçados, como ele me tornou a mim!

Para isto a mocidade e a beleza, hei de provar-lhe que não é um conde o que desejo; basta-me estender a mão e terei um príncipe!

__ Ana __ Disse nesse instante a voz de Alfredo Carsten do outro lado da porta. __ Previna a miss Nora que preciso absolutamente falar-lhe agora. Se se sente demasiado fatigada para jantar lá em baixo, que não se incomode; jantarei com ela aqui mesmo.

__ É inútil, meu pai; estou às suas ordens __ Explicou Nora, aparecendo no limiar da porta, tendo nos lábios o mais tentador dos sorrisos. E havia na expressão de seu olhar, na graça airosa de seus movimentos, na elegância talvez um pouco exagerada de sua toilette, uma tal irradiação de vaidade feliz, um brilho tal de mocidade e formosura, que o diretor recuou, positivamente sem palavras, diante dessa transformação, que fizera da puritana Nora a mais perturbadora das mulheres.

__ Não te pergunto como fizeste a viagem; estás magnífica! __ Disse afinal, num sorriso, depondo um beijo afetuoso na testa branca que ela lhe estendia carinhosamente.

__ Fi-la perfeitamente. __ Retorquiu Nora com ironia, cujo alcance só ela podia compreender. __ Tão bem, que estou hoje em excelentes disposições. Vamos para baixo, e durante o jantar combinaremos a data da estreia. Emília não o acompanha? Mas ... __ Continuou, voltando-se para a porta, onde alguém parecia esperar na meia sombra do corredor. __ Trouxe um amigo... É Zolwensky? __ Indagou mais baixo e, ao sinal afirmativo de Carsten, acrescentou dando para a porta aberta dois passos pressurosos e reforçando com uma risonha afabilidade a sedução do seu sorriso.

__ Entre, príncipe, não faça cerimônia. É-me tanto mais agradável vê-lo agora, que isto me dá o ensejo de agradecer-lhe de viva voz as lindas flores que me enviou. Adoro as orquídeas; parece ter adivinhado essa adoração. Para recompensá-lo, vê, Ornei com elas o meu corpinho! __ E sorrindo sempre, Nora estendia para Zolwensky, atônito e deslumbrado, a mãozinha afusada, designando com o olhar brilhante as flores que lhe debruavam o decote. O polaco inclinou-se como perante uma soberana; era a primeira vez que a menina lhe
falava nesse tom, era a primeira vez que se dignava mostrar-lhe, e - quão significativamente! - que não Ihe ignorava a existência.

Um sorriso triunfante passou-lhe sob o bigode louro, e foi num atordoamento de embriaguez que, sem palavras, mas com a fidalga elegância de um gentil-homem, depositou na mãozinha, assim tão deliberadamente estendida, o mais reconhecido, o mais fervoroso dos beijos. Nora continuava a sorrir, e foi com o enigma deste sorriso, onde havia um desafio e um remoque, sob a efusão de sua graça alegre e dum vago toque de misteriosa tristeza, que se apresentou ao público e que o conquistou desde a primeira apresentação.

Em pouco tempo só se falava na beleza e no espírito de miss Nora Carsten, essa americana estonteadora, por quem andava apaixonado tudo que na cidade vestia calças.

Nora foi a rainha da “estação”; a criatura disputada, invejada, sem a qual não há festa completa e cuja presença é considerada um favor para os que têm a felicidade de a possuírem provisoriamente. Suas *toilettes* eram assunto de discussões acaloradas, seus ditos, repetidos de boca em boca; todas as

revistas faziam questão de reproduzir seus retratos e não tinham já conta os noivos e os *flirts* que lhe atribuíam. O que mais se elogiava nela era a vivacidade, a gentileza, a alegria juvenilmente impulsiva de seus modos; a reserva que antigamente fazia dela uma "*Princesse Lointaine*", esquiva e glacial desaparecera por completo, e o desejo de agradar traduzia-se em todos os seus gestos e atos. Afirmavam as más línguas que esta transformação era obra de uma viagem feita ultimamente a Londres e Paris pela jovem artista; em todo caso, se Nora queria agradar, agradava muito além mesmo de seus ambiciosos sonhos de sucesso!

Carsten, desnorteado a princípio pelo inesperado desta nova atitude da filha, mostrava-se agora francamente encantado. A filha esrava tal qual a desejara sempre; fazia-lhe todas as vontades. Cada vez mais enamorado, Zolwensky batera-se duas vezes em duelo por causa dela e Landolfo, cujos projetos tomavam incremento mais do que nunca, vivia em alternativas cruéis, passando sem transição do mais desanimado desespero as mais ridentes esperanças. Para dizer a verdade, as maneiras de Nora pouco haviam variado em relação a ele. Se com os outros era duma cativante amabilidade, com ele conservava sempre a mesma inquebrantável sobranceria.

"Não desarmara ainda!" Uma esperança desvairada penetrou, no entanto, no coração do secretário, quando, poucos dias antes da partida da Companhia para Viena, apresentou a Carsten uma pantomima equestre. "A morte de Libussa", composição sua e cujo papel principal destinara a Nora. Com o maior pasmo de todos e inexprimível júbilo do autor, a menina não recusou tomar parte na representação. Landolfo não cabia em si de contente; nunca

supusera que Nora aceitasse, primeiro por ser obra dele, segundo por ser peça de um simbolismo por demais transparente.

A cena representava a luta de Libussa, a rainha das amazonas, a mais bela das virgens da montanha, contra Sharka, o chefe dos habitantes da planície, o mais valente dos heróis de sua raça. Sharka, apaixonado pela intrépida amazona, tentava furtar-lhe um beijo ao encontrá-la a sós numa vereda da floresta; para vingar esta afronta, Libussa declarava guerra aos filhos da planície. No combate entre amazonas e guerreiros é que residia o grande interesse do espetáculo, não só pelo grande aparato desenvolvido, pela extraordinária movimentação da cena, pelo número requerido de comparsas, mas principalmente porque permitia à protagonista exibir todas as suas qualidades de cavaleira incomparável. No último quadro, os derrotados filhos da planície fogem perseguidos pelas amazonas, quando Libussa encontra face a face Sharka, abandonado dos seus, ferido e desarmado. Com um grito de alegria feroz arremete contra ele, mas, diante da emoção vitoriosa que a domina, ante o pálido ferido que lhe sorri, compreende afinal que o triunfo é dele, pois que o ama com toda a furiosa impetuosidade de seu coração selvagem e - incapaz de matá-lo, mas incapaz também de se confessar derrotada! - atira para o ar a flecha que lhe destinava e, cravando no próprio peito a adaga da cinta, cai morta aos pés de seu vencedor.

Esta fantasia, de um lirismo macabro e que continha uma alusão à atitude da menina para com ele, aceitou-a Nora como se não compreendesse o simbolismo ameaçador do último ato, e começou sem detença a ocupar-se do seu traje de amazona, que ela própria desenhara.

A morte da Libussa seria levada em Viena. Poucos dias depois, partia a companhia para a capital, onde um hábil serviço de reclamo preparara o público, aguçando-lhe a impaciente curiosidade acerca deste novo trabalho de miss Nora Carsten.

Na noite da primeira representação, o Carsten-Circo regurgitava de tudo quanto havia de mais distinto na sociedade vienense. Era uma enchente à cunha e a expectativa do público manifestava-se ruidosamente. Landolfo estava plenamente convencido do êxito de sua obra. Entregou o papel de Sharka ao primeiro ginasta da Companhia, com receio de ver Nora desistir do de Libussa, se ele teimasse em fazer-se de chefe dos filhos da planície.

Esta entrega custou muito a seu amor-próprio; ser-lhe-ia agradável ter aquela orgulhosa a seus pés, mesmo no artificial de uma cena de cena de pantomima! ... E que significação não teria esse ato! Que significação!

Mas Nora era tão suscetível e era ainda tão extraordinário ter ela aceitado esse papel, que ele não ousou melindrá-la. D. Emília, porém, não foi tão comedida; exigiu formalmente um papel qualquer na peça.

Era inaceitável que uma obra de seu predileto secretário fosse à cena sem o concurso da mais fervorosa de suas admiradoras. Por condescendência, Landolfo confiou-lhe um papel de amazona, e o entusiasmo da demonstrativa senhora não conheceu mais limites.

Declarou em alto e bom som que Landolfo era um gênio, e foi preciso que este, assustado por tanta exaltação, a advertisse várias vezes de que uma pantomima se representa em silêncio, para

impedi-la de intrometer no seu papel frases elogiosas ao autor, o que seria de um ridículo completo.

Nora escolheu ela mesma o traje de Libussa e quando, à frente do esquadrão das amazonas, surgiu na arena montando um magnífico animal da mais pura raça - todo negro e tão fogoso que parecia lançar chispas pelos olhos, um animal raro, digno das cavalariças de um um lord e pelo qual Carsten se endividara! - foi tal a impressão de beleza, de perfeita e suprema beleza, que a plateia inteira se levantou numa exclamação uníssona e delirante.

Toda criatura tem na vida um momento que é como o apogeu de todas as suas qualidades físicas, intelectuais ou morais, um momento em que, na plenitude de uma expansão completa, todo o seu ser atinge o esplendor maior a que possa atingir, tem o brilho máximo, o acabamento definitivo.

É um momento fulgurante e rápido, que tem a glória e a fugacidade também de uma apoteose. Estava escrito que aquela noite seria para Nora a desse momento único e magnífico.

O busto revestia-o de uma couraça de metal dourado, que lhe desenhava a curva harmoniosa e juvenil; calçava botas de couro vermelho, que o saiote, feito de um luminoso tecido de prata, deixava meio descobertas; trazia na mão direita o arco de ouro, insígnia de sua realeza virginal, a aljava a tiracolo, e na cinta a adaga argêntea
com que deveria dar-se a morte na última cena. Um pequeno capacete de metal prateado, que uma estrela de ouro encimava, cingia-lhe a cabeça altiva, e a melena desgrenhada de seus incomparáveis cabelos negros caía-lhe ao desdém sobre os ombros, até aos joelhos quase.

Nora estava divinamente bela. A emoção ou talvez o contentamento de si mesma incendiava-lhe as faces de um rubor de vitória, um brilho estranho, como a reverberação de um fogo interior, punha-lhe na fronte e no olhar um tal clarão de triunfo, no sorriso ardente uma sedução tão poderosa, que sua vista deslumbrava como a de uma aparição sobrenatural.

Havia na irradiação de sua beleza algo de fantástico. E assim, na audácia dessa atitude de agressivo desafio, dominando o corcel, cujo ímpeto as rédeas douradas sofreavam a custo, era mesmo a encarnação radiosa de um sonho de poeta, a mágica evocação da arisca virgem da lenda, dessa guerreira Valquíria, que o gênio de um grande músico imortalizou.

Da pobre concepção de Landolfo fez ela, com o prestígio de sua formosura e de sua arte, esse espetáculo de magia que arrebatou, num enlevo, o teatro inteiro subjugado.

A representação prosseguiu, no entanto, entre aplausos e vivas, a cena da floresta terminou e a luta mesma entre os filhos da planície e as virgens da montanha estava já no fim. As amazonas perseguiam os últimos fugitivos; no campo de batalha, juncado de armas abandonadas ou partidas, os cavalos, excitados pela orquestra, viravolteavam como que tomados de demência. Nora, à frente de suas companheiras triunfantes, cabelos flutuantes, vibrando alto o arco, onde brilhava a flecha mortífera, um riso cruel nos lábios de púrpura, estacou de chofre ante o desgraçado Sharka, ferido e sozinho, que a via adiantar-se com um pálido sorriso, como que compreendendo a inutilidade de qualquer defesa contra essa criatura de cólera e vingança, que a sorte fez vitoriosa.

Para maior efeito, a orquestra parou; as amazonas, alinhadas em semicírculo, faziam à virgem guerreira um fundo claro onde a negrura do seu cavalo sobressaía quase bruscamente, e no jogo de luzes de um sol de eletricidade, que lhe nimbava de um resplendor de magia a fronte sobranceira, Nora, ou antes Libussa, os olhos chispantes e o busto aprumado, retesava o arco para o golpe fatal.

Neste instante, porém, como se tivesse consciência da sensação que produzia a sua maravilhosa figura, posta em realce pelos mais sábios artifícios cênicos, Nora tirou os olhos do pobre Sharka, que
estava a seus pés.

Uma vertigem de orgulho a sublevava; queria encarar de frente esse público vienense, esse público apurado e fino, cuja admiração ela sentia envolvê-la magneticamente em eflúvios frementes, mas o que queria, sobretudo, era ler essa admiração nuns olhos de homem, nuns olhos de chama, que ela sabia fixos em si, num êxtase de adoração.

Seu olhar cintilante percorreu a plateia à procura de Zolwensky, desse Zolwensky cuja voz se fizera há pouco tão irresistivelmente persuasiva, desse louco Zolwensky, cuja atitude era agora ali, no camarote de onde a devorava com a vista, uma pública e desassombrada confissão.

De súbito, porém, seus olhos, dilatados por uma irreprimível emoção, cravaram-se num canto da plateia, como atraídos por um ímã; vacilou um instante, como se fosse cair. Sharka, a seus pés, em posição artística, continuava a sorrir-Ihe um pouco nesciamente, esperando sempre o golpe, que não vinha; Libussa esqueceu-se dele. Seus lábios lívidos tinham um tremor convulso; um palor de

morte cobriu-lhe o semblante; parecia hipnotizada por um espetáculo invisível.

Diante da hesitação inexplicável da enteada, d. Emília, uma das amazonas que lhe ficavam perto, compreendendo que qualquer coisa de anormal tirava por um momento a Nora a consciência do lugar, onde estava e do que devia fazer, aproximou-se dela e fez-lhe em voz baixa uma advertência rápida.

Nora estremeceu violentamente, volveu para Sharka, sempre imóvel e sorridente, o olhar um pouco desvairado, e num supremo esforço atirou a flecha para o ar, caindo em seguida inanimada nos braços de suas amazonas, que, entre gritos e alaridos de dor, carregaram com ela para os bastidores, como indicava a rubrica do drama.

Findou o espetáculo, e o público, que não viu naquela hesitação e naquele palor mais do que uma interpretação magistral da luta travada na alma da virgem da montanha entre o orgulho e o amor, prorrompeu em palmas, aplaudindo com o frenesi de um entusiasmo que chegou ao auge, a artista incomparável, que naquela noite o fez vibrar de tantas e tão raras emoções. Não foi pequena felicidade para Nora que o desenlace da peça exigisse um desmaio, pois, se tivesse de continuar, ser-lhe-ia impossível encontrar forças para dominar a emoção irresistível que a prostrara.

Quando a recostaram ao canapé do camarim, estava realmente desmaiada e de todas essas aclamações que a glorificam, de todas essas flores que de todos os lados lhe atiravam com uma prodigalidade de loucura, nada pôde ela ver.

Quando abriu os olhos e deu com a vista em Emília, que lhe aplicava ao nariz um frasco de sais, em Ketty, que lhe esfregava as

mãos, no pai, que lhe beijava a testa, todos os três sem compreender nada desse inesperado delíquio, foi para desatar em pranto convulso, numa verdadeira crise de nervos, e para suplicar que não lhe deixassem entrar ninguém no camarim, pois sentia-se realmente doente.

Que veria Nora na plateia, que assim a abatera tão fulminantemente! Alguém muitíssimo modesto. Um homem de barba raspada, todo vestido de preto, um sacerdote, que desde o princípio do espetáculo a seguia com os olhos atentos e uma vaga tristeza na fisionomia expressiva as perigosas evoluções dessa Libussa, tão varonilmente destemida na exibição de seus manejos equestres, sem tomar no entanto parte nos aplausos estrondosos dos outros espectadores.

__ Como folgo em vê-lo restituído às nossas diversões profanas sr. preceptor! __ Disse-lhe à saída um tenente louro, estendendo-lhe a destra enluvada. __ Vejo que a Igreja não condena o circo, desde que o encontro aqui. Mas que é que o trouxe à capital? Seria a humana curiosidade de ver essa maravilha de arte equestre, minha prima, a severa condessa, ter-se-á decidido finalmente a abandonar o ostracismo em que tem vivido estes últimos anos, regressando a Viena? Há tanto tempo que não nos vemos.

O preceptor apertou amigavelmente a mão ao oficial; era o tenente Franz von Triel, primo remoto dos Degenthal.

__ Estou em Viena apenas de passagem __ Respondeu, sorrindo vou ter com a sra. condessa em Goehlitz, onde o conde Curt se acha convalescente de uma nova recaída de sua antiga enfermidade. Essa recaída surpreendeu-o no regresso de sua longa

peregrinação pelo estrangeiro, quando visitava sua prima, a condessa Lily.

__ Que me está a dizer?! ... Curt de regresso, Curt em Goehlitz! __ Exclamou vivamente o oficial. __ Eis um lugar, creio, que a mamã deve ter achado muito propício para essa recaída! __ Acrescentou com um sorriso de malícia, como entendido nos negócios da família. __ Mas, afinal, que tem esse pobre rapaz? ... Há tantos anos que nos perdemos de vista!

__ Febres! __ Replicou o preceptor, com um gesto evasivo. __ Febres apanhadas em Istambul e das quais nunca se pôde curar completamente. Desde aquela febre cerebral que por tão longo tempo o conservou doente, nunca mais gozou de saúde perfeita. Está muito mudado; qualquer pequena fadiga determina um acesso. A permanência em climas estrangeiros transformou-lhe para sempre o organismo.

__ Sinto deveras; Curt era um excelente camarada. Infeliz ideia a que teve a sra. minha prima de mandar o filho para o estrangeiro sem necessidade alguma. Foi sempre misteriosa, aquela condessa; só Deus sabe os motivos que a guiaram! ...E como se empenhou para conseguir esse belo resultado! como se empenhou! Mas Curt já melhorou da recaída, não?

__ Está ainda bem fraco, mas convalesce. Há meses já que se acham todos em Goehlitz; e como o conde manifestasse o desejo de ver-me, a condessa Lily mandou-me chamar.

__ Eu irei também um destes dias a Goehlitz abraçar esse filho pródigo e apresentar os meus respeitos às senhoras. O conde Nicolau, porém, onde está ele?

__ Nickel está no regimento. Fez-se homem; é um belo e ótimo rapaz, que adora a sua profissão.

__ Realmente? Em todo caso duvido que iguale o irmão. Curt é um dos rapazes de mais valor que tenho conhecido; seria uma lástima se não se restabelecesse! Creio que já nos é permitido sair, sr. preceptor! __ Ajuntou, tomando com o sacerdote o caminho da saída; mas um grupo gesticulante de jovens oficiais e um capitão de cavalaria deteve-os de novo à porta.

__ Como essa mulher é bela! __ Dizia num transporte de entusiasmo um oficial moço, revirando os olhos como numa contemplação extática. __ Daria dez anos... que digo? vinte anos da minha vida para ser amado uma hora por tão celestial criatura!

__ E que cavaleira! __ Atalhou outro, torcendo conquistadoramente as pontas louras do bigode. __ Vi-a várias vezes e dá-me sempre a impressão de estar progredindo. É verdadeiramente assombrosa! Que diz a isto, capitão?

__ Não sei se lhes diga... __ Respondeu um pouco secamente o interpelado. __ pois vão todos protestar com certeza, mas gostava mais dela antes; era verdadeiramente uma cavaleira. Quando montava, parecia esquecer-se de tudo, até de si mesma só tinha olhos para o animal. Agora já vai fazendo como as outras, exibe-se a si mesma.

__ E é uma exibição que vale a pena ser vista! __ Retorquiu o moço, com fogo. __ Mas diga-nos, barão- continuou, abaixando a voz. __ Não é aquele o famoso príncipe que dizem perdidamente enamorado dela? Olhe, esse que aí vem com aquele sujeito moreno, creio que um agregado do Carsten-Circo. __ Rematou, designando

com o olhar dois homens que se dirigiam para a porta interior do Circo, a porta por onde se entrava nos bastidores.
Um era Landolfo, e o outro, alto e louro, de uma esbelteza quase feminina, era Zolwensky, olhos pálidos e vagos, olhos cor de cereja, olhos de sonhador cheios de pensamentos e de melancolia.

__ Sim, é o príncipe Kostia! __ Afirmou o barão, seguindo com a vista a magra figura do polaco. __ Dizem que há dois anos que a segue, fazendo o impossível para conquistá-la. Mas o outro, o secretário do pai dela, guarda-a com olhos de lince. Afirmam que ela o ama, e é por lhe estar já prometida que não aceita Zolwensky.

O preceptor não perdeu uma só palavra da conversa, e a estas últimas palavras deu um suspiro leve, que se perdeu no ruído da turba.

__ Quer tomar um refresco, reverendo? __ Ofereceu afavelmente Triel, quando se achavam na rua. __ Depois de estar naquela fornalha, acho que seria uma boa ideia.

__ Obrigado! __ Respondeu o preceptor, recusando. __ Para um sacerdote já é uma extravagância o que fiz hoje. Não abusemos, pois. Como parto amanhã cedo, convém recolher-me. Até Goehlitz, tenente Franz. E, apertando as mãos, os dois interlocutores separaram-se.

*   *   *   *   *



Uma vez que tua consciência se decide
pelo bem e pelo mal dum ato humano,
respeita esta decisão, fazendo-a irrevogável.

NA manhã seguinte, bem cedo ainda, a uma hora que podia sem exageração alguma ser tachada de inconsciente, recebeu Nora, por intermédio de Ana, o cartão de uma pessoa que, segundo a velha ama, e duas linhas escritas a lápis debaixo do nome do visitante, precisava urgentemente falar-lhe. A donzela passara a noite em claro. Presa de inexplicável nervosismo, fora-lhe impossível receber na véspera quem quer que fosse, nem mesmo Zolwensky; recolhera-se ao hotel numa prostração que todos foram unânimes em declarar motivada pela extrema fadiga de seu exaustivo papel. Landolfo tivera apenas tempo para beijar-lhe a ponta dos dedos, murmurando uma frase de agradecimento tão arrevesada e comprida, que Nora nem sequer lhe ouvira o princípio.

Mas Carsten, assustado com esta indisposição da filha e receando adivinhar uma volta de suas antigas maneiras intratáveis, respeitou-lhe a vontade.

Nora não viu ninguém; todos os açafates e ramalhetes que lhe haviam enviado, nem lhes pôs sequer os olhos; mandou colocá-los na antecâmara e, recusando mesmo o auxílio de Ana, despiu-se sozinha, fechando-se no seu aposento sob pretexto de uma enxaqueca atordoadora. Não conseguiu, porém, conciliar o sono, e, fatigada de reflexões e de tentativas de repouso, levantou-se ao romper d'alva, entretendo-se a ler os cartões de seus admiradores, postos cuidadosamente por Ana numa bandejinha de prata sobre a escrivaninha.

Entre eles havia uma carta, que trazia no sobrescrito armas e coroa principescas e que acompanhava um pequeno embrulho, em

papel de seda rosa. Nora abriu distraidamente esse embrulho, franzindo com irritação as sobrancelhas ao reconhecer sobre o veludo branco, que lhe servia de anteparo, um maravilhoso colar de rubis,
que ela se recordava de haver na antevéspera elogiado a Zolwensky.

Sobre o estojo claro as pedras preciosas refulgiam como gotas de sangue luminoso; eram rubis orientais, de uma incomparável limpidez e de um brilho ardente, como se contivessem uma chama interior, rubis que deveriam ter custado ao ofertante um preço incalculável, jóia de rainha que parecia ter sido roubada ao tesouro
de uma sultana de conto de fada.

Nora examinou-a detidamente, fê-la mesmo cintilar numa, réstea de luz, inclinando de leve a caixinha preciosa; toda a sua fisionomia tomou uma expressão enigmática e concentrada. Depois abriu vagarosamente a carta, era esta carta que estava a ler, quando Ana lho entregou o cartão do matutino e insistente visitante. Olhou o nome; uma onda de sangue afluiu-lhe ao rosto; pôs-se de pé, num momento, enquanto a carta rolava esquecida no tapete.

__ Mande entrar! __ Ordenou a Ana numa voz demudada, num impulso mais forte que a sua vontade, esquecendo, no alvoroço que lhe causava esta visita, o desalinho de sua toilette: trança solta e roupão de cambraia. Apenas lhe disse isto, veio-lhe logo um arrependimento profundo de o ter dito. Fez um gesto para revogar essa
ordem, mas era tarde; Ana introduzia o visitante.

Era o preceptor. Vermelha de contrariedade e de emoção, as mãos trêmulas, os olhos turvos, Nora adiantou-se para ele com

passo incerto, inclinando cerimoniosamente a cabeça e fazendo um esforço supremo para dizer qualquer coisa. Nem um som pôde arrancar à garganta, apertada pela mão de ferro de uma emoção que lhe subia num soluço do seio oprimido.

O sacerdote estendeu-lhe simplesmente a mão, sorrindo-se com toda a bondade de seus olhos graves, agora cheios de uma infinita compaixão. Diante desse gesto tão singelo e tão significativo, vindo desse homem que lhe evocara as mais pungentes e as mais doces recordações de seu passado, o coração de Nora fundiu-se num imenso enternecimento e, deixando-se cair sobre o sofá, desatou loucamente a chorar.

__ Oh! Como me encontra! __ Balbuciou entre soluços, escondendo nas mãos o rosto abrasado, num gesto de dolorosa vergonha. __ Como me encontra, sr. preceptor! Uma artista de circo!

__ Deus seja bendito por essas lágrimas, minha filha! __ Disse com gravidade o sacerdote, pousando-lhe docemente a mão na cabeça desolada. __ Deus seja bendito por essa profissão ser ainda um sacrifício para você! Cheguei a temer ontem que já tivesse tomado gosto por esta vida.

__ Oxalá que assim fosse! __ Atalhou Nora, com arrebatamento, atirando para trás a trança pesada e enxugando impulsivamente os olhos úmidos no cabeção de valencianas de seu penteador. __ Oxalá que isto tivesse deixado de ser um sacrifício para mim e que eu tivesse esquecido tudo! ... Tudo, tudo, até a mais insignificante recordação do que fui e do que poderia ter sido! Tenho beleza, mocidade, fortuna; admiram-me, amam-me, desejam-me, dizem que é isto a felicidade da vida... eu devo ser muito feliz! ... Sofri tanto, lutei tanto para romper o elo insolúvel que me ligava a

esse passado que eu quero olvidar! ... E é agora, agora que eu começava a esquecer, agora que eu ia talvez começar a ser feliz, que V. Revma. Veio ... Por que o recebi eu, meu Deus?! Por que veio perturbar a quietação em que pouco a pouco se adormentava a minha dor?! Por que veio desviar-me do meu caminho, do único caminho que pode razoavelmente ser o meu, desde que os outros me
são vedados para sempre, e eu principiava a sentir menos dolorosamente o peso de minha saudade?! ... Por que veio, sr. preceptor?

__ Por que vim? __ Repetiu o eclesiástico, com autoridade serena, fitando seu grave olhar bondoso na donzela, que falou com a veemência quase raivosa da sobre-excitação em que se achava. __ Vim para cumprir a promessa feita outrora a uma agonizante, a promessa de proteção moral e de conselho que a morta me impele a vir cumprir hoje. Deus não me permitiu que eu cumprisse esta promessa no momento em que ela lhe teria sido útil, minha filha; contudo, creio que ainda chego a tempo. Diga-me, Nora, o porquê dessa resolução fatal, que tantos desgraçados tem feito?!

__ Acho esse plural demasiado. __ Replicou ela com ironia incisiva, levantando a cabeça como para um desafio. __ Se há algum desgraçado em tudo isto, creio que posso com justiça reclamar este título. Não se pode chamar "desgraçado" quem com tanta facilidade soube aproveitar as circunstâncias para se ver livre de um compromisso pesado, quem tão depressa condenou, desprezou e ... esqueceu.

__ Ninguém sabe do sofrimento de outrem! __ Tornou com brandura o preceptor. __ Talvez esteja enganada a respeito dele,

como ele a seu respeito. Talvez a Providência assim dispusesse tudo para assegurar melhor seu futuro.

__ Para mim já não há futuro! __ Exclamou Nora com amargura.

__ Já não há futuro aos vinte anos! __ Repetiu o sacerdote com um sorriso complacente. __ Pobre criança, tem ainda a vida toda diante de si! ... Talvez não haja o futuro que todos nós esperávamos, o futuro que seu coração ambicionava, mas um futuro que certamente a conduzirá ao caminho que Deus lhe quer ver trilhar. E se o começou a trilhar por um sacrifício, minha filha, maior será a recompensa que lhe esta reservada.

__ E acha realmente, reverendo, que conduz diretamente a Deus o caminho que tomei?! __ Tornou Nora, acentuando até ao sarcasmo, a ironia de seu tom.

O preceptor fitou-a com triste gravidade. Como estaria ferida essa pobre alma para assim se exprimir tão amargamente!

__ Não há caminho que o espírito de sacrifício não santifique! __ Replicou com tranquilidade. __ Quanto mais forte a luta, maior a recompensa, e se há muitas tentações a vencer, muitos serão mais tarde os méritos a coroar.

__ E V. Revma, acredita que sejam assim tão fáceis de vencer essas tentações? __ Interrompeu Nora com mais arrebatamento ainda, erguendo para o eclesiástico seus olhos brilhantes e expressivos, e continuou, mostrando num largo gesto a profusão de açafates de flores e de ramalhetes espalhados aqui e ali pelo salão. __ Olhe, são troféus de minha vitória de ontem. Os que me enviaram essas flores vivem a repetir-me que estão prontos a fazer por mim todos os sacrifícios e todas as loucuras. Afirmam-me que

sou bela entre as mais belas, e que esta beleza me dá o direito a todas as felicidades, a todas as vitórias. E V. Revma. imagina que tudo isto não embriaga, afinal? Acha que é possível ficar a gente insensível a tanto elogio e a tanta admiração? ... Há momentos em que sinto perder a cabeça, parece-me que uma vertigem me arrebata; fogem-me as crenças, sinto-me arrastada para o que V. Revma. chama abismo, mas que para o meu meio e para a minha gente não é mais que a vida de cada dia. Resisto, faço um apelo desesperado ao ensino de minha infância, procuro um amparo, uma proteção, um abrigo; não encontro ninguém. Todos os que me cercam, tudo o que me rodeia, empurra-me insensivelmente para a livre existência das minhas iguais, e quando, desvairada, quero achar em mim qualquer coisa que me detenha, uma promessa de futuro, o pálido vislumbre de uma esperança, não acho nada, nada, nada. O futuro para mim é aquilo mesmo que V. Revma. viu ontem; Ele destruiu tudo, tudo. Ah! se soubesse... __ Prosseguiu em voz surda, como quebrada pelo excesso de emoção, e fechando os olhos, como se lhe fosse ainda intolerável a visão do que evocava. __ Se V. Revma. pudesse saber um minuto como é difícil renunciar a tudo, quando se sente o coração vibrar de mocidade, quando tudo em nós não é mais que um grande, um imperioso, um irresistível desejo de ternura e de alegria! ... V. Revma, não sabe, nunca saberá o que me foi preciso de energia desesperada, como foi preciso que o amasse... meu Deus! Para resistir tanto tempo à influência de todas essas coisas e de toda essa gente que me falava em triunfo e em gozo. Ah! como sofri, como sofri! ... Mas agora, agora que sei quanto me despreza e com que facilidade me arredou da vida dele, agora que nada nos pode reconciliar, não será mais

assim. Sinto a necessidade de uma compensação, de qualquer coisa que me pague todos esses longos anos de solidão inútil e de retraimento estéril. Estou farta de lutar contra o que fatalmente me há de vencer
um dia. Compreendi a tolice desse orgulho que me queria fazer diferente e superior às de minha classe. Sr. preceptor, compreendi afinal que é preciso extrair da vida o que nela possa haver de melhor, aproveitar o momento que passa, gozar o mais possível do que o mundo nos oferece de brilhante e encantador. Aproveitar a mocidade! Não pensar no futuro, viver dia a dia, ser festejada, adulada, adorada como tantas mulheres o têm sido, como o vejo ser tantas das minhas companheiras! Gozar da vida, sr. preceptor, gozar da vida, desde que eu tenho para isto beleza, vinte anos e liberdade! Estou cansada de baldadas lutas interiores; quero ser feliz de hoje em diante, feliz, feliz! E V. Revma. não imagina como te feito sucesso. __ Rematou num riso, que queria ser galhofeiro, mas que ressoou doloroso como um soluço.

O preceptor a ouvia com infinita compaixão. Teve muitas vezes desejo de interrompê-la, mas, compreendendo que aquela afluência de palavras era a expansão de um longo, de um torturante silêncio, e que a expansão era o único remédio àquela alma, que se sentia tão profundamente ferida, deixou-a à vontade.

O preceptor conhecia o coração humano, sabia que a dor que se expande é uma dor que dá esperanças de cura; deixou, pois, falar Nora, e quando ela parou ofegante, entrelaçando nervosamente as mãos, só então é que levantou para ela o seu calmo olhar apaziguador.

__ Minha pobre filha __ Disse com simplicidade. __ O amor de um homem é sempre frágil e enganador. Mas como sabe, como pode saber que ele a despreza?

Todo o sangue de Nora afluiu-lhe ao rosto numa onda ardente, seus olhos encheram-se de lágrimas, moveu os lábios para responder, mas seus lábios rebelaram-se contra as palavras que queria pronunciar, e, levantando-se bruscamente, foi encostar à vidraça da janela, a fronte contraída, parecendo absorver-se na contemplação do movimento da rua.

__ Teve notícias dele? __ Insistiu com brandura o preceptor.

A mão que levantava a renda solta da cortina tremia convulsivamente.

__ Há dois meses que no expresso de Paris-Viena encontrei alguém que não me reconheceu ... que não me quis reconhecer... __ Respondeu Nora com voz sufocada.

O preceptor estremeceu.

__ Encontrou Curt no expresso de Paris-Viena? Fizeram a viagem juntos? No mesmo compartimento?

A donzela fez com a cabeça um sinal afirmativo; era-lhe impossível naquele instante pronunciar uma sílaba.

O sacerdote olhou-a em silêncio; se tivesse a veleidade de duvidar um momento do que ela afirmava, ter-lhe-ia provado de sobejo essa verdade a emoção de que a via possuída. Compreendia agora a causa da inexplicável recaída de Curt!

O acaso fizera-lhe encontrar Nora no mesmo comboio, e fora tal a comoção produzida por esse encontro, que determinara a recaída. Como ele ainda a amava! ... Teria realmente sido ocasional

esse encontro? Com certeza; se não o tivesse sido, Nora não lho teria confessado.

E saberia ela quão profundamente impressionara a Curt esse inesperado encontro? Saberia o que ele sofrera por causa dela?

Não, não o sabia!

Havia em suas palavras um sentimento tão magoado e tão fundo, um rancor tão doloroso na expressão que indicavam bem claramente a ignorância em que vivia do que dizia respeito a Curt. Julgava-se condenada, desprezada, esquecida, e sofria com isto mais do que ela mesma o poderia exprimir.

Tinha ele o direito de revelar a essa alma exacerbada de desesperança a única coisa que a podia reanimar? Devia ele dizer-lhe o quanto era ainda querida? Devia ele reacender-lhe no coração a mais enganadora das esperanças. Sim, devia-o, desde que era unicamente esta esperança que a podia ainda salvar. Devia-o e quanto antes.

E relanceando o olhar por esse salão de uma riqueza quase demasiada, diante dessa profusão de flores caras, cujo perfume sutil lhe subia a cabeça numa embriaguez, diante da elegância desse quarto de dormir, cuja intimidade se lhe deparava portas escancaradas, compreendia que era preciso falar.

Pela porta aberta via os rendados lençóis da cama desfeita, a grande manta de zibelina atirada negligentemente sobre uma cadeira, o chapéu de plumas preguiçosamente abandonado sobre o canapé, na volta do espetáculo, a desordem do toucador, onde reluzia a prata dos objetos de *toilette* e sobre a escrivaninha um ponto brilhante ao pé de um monte de cartões de visita, uma

caixinha branca, cujo conteúdo a luz vinda de fora fazia estranhamente cintilar.

Mas não era de todas essas coisas de luxo e perdição, cuja proveniência ele suspeitava confusamente, que vinha o maior perigo. O maior perigo vinha dela, dessa exuberância de sentimento que lhe fazia agora morder os lábios até sangrar para conter as lágrimas que lhe queimavam as pálpebras. E o olhar contristado do eclesiástico pousou demoradamente sobre Nora. Sim, era dela que vinha todo o perigo.

Sob o penteador de cambraia branca seu corpo flexível e novo tinha uma linha de elegância escultural, os braços torneados saíam róseos das mangas amplas como para a carícia de um abraço, o busto alteava-se firme, a trança negra fazia pender um pouco a cabeça, como sob o peso de um diadema, e nas linhas puras do perfil, no vermelho dos lábios, na expressão apaixonada da fisionomia havia um ardor tão palpitante de mocidade, uma formosura tão quente e radiosa, formosura a que o desalinho e a emoção davam agora uma nota de tocante infantilidade, que o preceptor sentiu esvairem-se todas as suas prudentes hesitações. Falaria a despeito de tudo,
salvá-la-ia enquanto ainda era tempo.

__ Desde esse encontro... __ Disse afinal, devagar, simulando indiferença e fitando o tapete como se nele tivesse descoberto, de súbito, qualquer coisa de extremamente interessante. __ O conde está doente bem gravemente. Se estou aqui é justamente a pedido da prima, em cuja casa se encontra, pois ainda não lhe foi possível chegar a Degenthal; desejou ver-me e por isso vim.

Nora voltou vivamente a cabeça; o sangue, que ainda há pouco lhe incendiava as faces, fugiu todo, deixando-a branca como as rendas do seu penteador.

__ Gravemente doente? __ Murmurou numa interrogação mais do olhar que dos lábios.

__ Sim! __ Replicou o sacerdote, sempre sem levantar os olhos. __ Uma recaída da doença que há três ou quatro anos lhe mina o organismo. Os médicos dizem que sofre duma sobre-excitação do sistema nervoso, devido a ... algum profundo abalo moral. A verdade é que não conseguem pô-lo bom.

__ Uma recaída? __ Repetiu Nora com uma entonação inexprimível espanto, dando dois passos para a frente. __ Ele... Ele esteve doente?

__ Não sabia? __ Perguntou o preceptor, erguendo para ela os olhos cheios de uma surpresa admiravelmente fingida.

Nora abanou negativamente a cabeça.

__ Eu... __ Replicou num esforço. __ Eu só sabia que era secretário da embaixada austríaca junto ao Sultão.

__ Então, escute, minha filha, e, pelo que lhe vou dizer, aprenda a não julgar tão levianamente do caráter e dos sentimentos dos outros. Há quatro anos, pouco mais ou menos, que ele, ao receber sem prévia preparação a notícia de sua estreia no circo, sofreu um golpe tão rude, que durante muitas semanas desesperaram de chamá-lo a vida.

E com uma simplicidade emocionante o preceptor relatou-lhe tudo o que a respeito de Curt conseguira saber.

Esse “tudo” não era muito, mas Nora ouvia-o com a sofreguidão do faminto a quem apresentassem de chofre um prato

saboroso. Deixou-se cair sobre o sofá em frente ao padre e, fincando os cotovelos nos joelhos, apoiou nas mãos, o rosto atento, cravando seus grandes olhos vivos no narrador, cujas palavras parecia beber.

Quando o preceptor contou a longa e cruel doença de Curt, por um movimento instintivo de pudor escondeu nas mãos o semblante demudado pela emoção. Doente! ... Ele estivera doente por causa dela e, quando se supusera esquecida, ele agonizava, ele morria quase, enquanto ela o acusava, enquanto ela chegava a odiá-lo até!

Ele sofrera, sofrera tanto e tão fundamente que estivera prestes a perder a vida nas torturas desse sofrimento de que ela tudo ignorava! ... Ah! ela nunca imaginaria, nunca pudera imaginar que aquele silêncio, que ela qualificara de indiferença, de esquecimento e de desprezo, fosse causado pela doença, pela impossibilidade física de chegar até ela.

Só atendera à sua própria dor, só vira na atitude dele pouco caso e injustiça, quando a injustiça fora dela, quando fora ela a causadora desse mal que lhe ia tirando a existência e que lhe arruinara a saúde para sempre. Como se odiava agora por se sentir tão forte e sadia no seu corpo robusto ... como o amava, como lhe agradecia do fundo de sua alma, cheia sempre de saudade dele, como lhe agradecia com uma infinita e reverente humildade ter sofrido por ela, tê-la assim amado tão comovedoramente!

__ Oh! Meu Deus, meu Deus, nunca pensei ... Nunca poderia imaginar... __ Balbuciou com voz abafada, descobrindo o rosto, que velara com as mãos trêmulas. Estava pálida até aos lábios; os olhos mesmos pareciam ter empalidecido no semblante sem cor.

O sacerdote olhou-a com gravidade apiedada.

__ É o que geralmente acontece, quando sob a pressão de um sentimento agudo julgamos os sentimentos alheios. Condenamos sempre, e com maior acrimônia quando nos julgamos ofendidos.

__ Oh! Sr. preceptor, sr. preceptor, eu não fui culpada... __ Atalhou Nora num ímpeto que lhe fez travar arrebatadamente das mãos do eclesiástico. __ V. Revma. não sabe, ninguém pode saber o que me forçou a tomar esta resolução fatal. E, contudo, eu escrevi a Curt, escrevi-lhe na hora mais angustiosa da minha vida, no transe supremo, quando, sozinha, no meio das mais aflitivas emergências, não encontrava ninguém que me pudesse guiar ou proteger. Escrevi-lhe simples e espontaneamente, como à única pessoa capaz de me aconselhar; expus-lhe os motivos superiores que me obrigavam a quebrar a minha promessa. Chamei por ele, pedi-lhe socorro. E ele condenou-me sem me ouvir, e a carta foi-me devolvida intacta, como lha enviara, fria e injuriosamente, sem uma frase de consolação, sem uma palavra sequer de compaixão!

__ A carta foi devolvida sem ter sido aberta? tem a certeza disso?

__ Certeza absoluta! __ Respondeu Nora dolorosamente. __ Uma certeza que me tem custado tanta, tanta lágrima!

__ Então foi porque alguém o preveniu de sua estréia, antes que ele recebesse sua carta! __ Tornou pensativamente o capelão. __ Alguém que provavelmente tinha interesse nisto. Curt, ferido até ao âmago do coração pelo que julgava uma traição daquela em quem depositara confiança ilimitada, vingou-se devolvendo-lhe intacta a carta. É isto, deve ser isto. Mas, se nunca disse a ninguém o porquê de sua resolução, Nora, não o quererá dizer a mim, que fui o depositário das últimas vontades de sua mãe?

__ Oh! Sim... __ Exclamou a donzela com calor. __ Dir-lhe-ei tudo: Há tanto tempo que este silêncio me pesa! Dir-lhe-ei tudo! Mas sob o sigilo da confissão, pois o que vou revelar é um pouco da vida de meu pai.

E ajoelhando-se, singelamente, como se fosse na verdade pedir perdão de pecados seus, narrou ao preceptor tudo o que se passara no dia fatal, os acontecimentos que o haviam precedido e que se lhe haviam seguido, disse tudo sem refolhos, sem grandes frases, sem rodeios; com uma simplicidade integral pôs à vista sua alma de crente que lutara, que desesperara, que chorara, sua alma terna e fraca de mulher que o amor torturara e abatera, mas que a fé conservara forte apesar de tudo, no cumprimento austero do dever.

O preceptor ouvia-a com emocionada atenção. Não fora daqueles que haviam atribuído a estreia de Nora no circo a um vaidoso desejo de exibicionismo ou ao inevitável arrastamento da frivolidade pervertida do meio em que vivia. Sem poder explicar-se satisfatoriamente esse passo inconsiderado, não a condenara; tivera, porém,
imensa pena dela, e, conhecendo-a como a conhecia, tinha procurado desculpá-la perante sua própria consciência.

Mas o que ele nunca pensara, o que ele jamais pudera imaginar, fora a silenciosa grandeza daquele sacrifício consciente do q sacrificava, a calma abnegação daquele amor filial que renunciara a tudo para salvar a vida e a honra do pai, o sossegado heroísmo com que essa criança resistira à influência perniciosa do ambiente, lutara contra si mesma no triste abandono moral, que a punha à mercê de todas as tentações e de todos os erros. Seu coração,

coração de padre, conhecedor de almas e pacificador de consciências, que uma grande, uma enternecida admiração ia avassalando pouco a pouco, fundia-se de piedade por essa incompreensível afeição que o tempo não conseguira destruir, e que em paga de tantos anos de sofredora fidelidade só encontrara um duro olhar de injusto desprezo ... Nora acabou e, ajuntando as mãos numa súplica em que punha toda a sua alma sincera, concluiu, numa interrogação vibrante:

__ Fiz mal, sr. preceptor? Diga-me agora se fiz mal?! ... Os que me cercam acharam tão natural o que fazia, que nunca me disseram uma palavra de aprovação; estava ansiosa por ouvir de alguém que eu não sou afinal tão culpada como pareço. Cheguei a pensar que amava realmente muito mal a meu pai, desde que sofria tanto para salvá-lo. Mas V. Revma. compreende, não é verdade? Não me condena, como não me condena Madre Sibila?

__ Condená-la, minha filha?! __ Exclamou o preceptor, comovido, pousando a mão numa carícia de pai sobre a cabeça juvenil que para ele se erguia. __ Deus me livre de tal! ... Se ele permitiu que este sacrifício se realizasse, é que este sacrifício era necessário ao aperfeiçoamento de sua alma. Ele somente a poderá recompensar. Uma coisa lhe posso dizer, entretanto, Nora, e é talvez a única que tenha o poder de suavizar essa generosa renúncia de toda a felicidade terrena: sua mãe deve estar contente com você. Agiu como ela, sacrificou tudo para salvar a seu pai.

__ Tê-lo-ei realmente salvo? __ Replicou ela tristemente. __ Há momentos em que a dúvida me assalta, instantes cruéis em que o meu sacrifício me parece inútil e vãos os meus esforços para impedir a ruína sempre iminente. Não lhe posso dizer tudo o que

desde certo tempo me oprime o coração, tudo o que silenciosamente vejo, e atormentadoramente pressinto. Não entendo de negócios, nunca falo neles com meu pai, mas observo tanta coisa, tanta coisa! E V. Revma. não calcula o suplício destes atormentadores pressentimentos. Quis a princípio fechar os olhos, viver, sempre descuidadamente para não pensar mais, afastar o martírio das suposições e das hipóteses. Ah! meu pai já não é o mesmo! O sr. preceptor não faz ideia como mudou! __ Acrescentou, abaixando os olhos, enquanto um pouco de cor subia às suas faces empalidecidas. __ Quem sabe, se eu não lhe tivesse feito a vontade, se me tivesse mostrado enérgica na recusa, quem sabe se ele não estaria hoje retirado dos negócios em condições bem mais favoráveis...

__ Não pense nisso, minha filha. Fez o que lhe pareceu melhor, é o quanto basta perante Deus e sua consciência. Ninguém pode prever o que vai suceder; confie na Providência. Mas, agora que os negócios de seu pai vão bem, não se poderia você retirar do circo?

__ É impossível, é infelizmente impossível! Tenho a certeza de que, se eu falasse em retirada, meu pai adoeceria de desgosto. Vivem tanto a repetir-me que eu sou a alma das representações, que meu nome num cartaz basta para chamar concorrência ao teatro, que afinal me convenceram. Depois, não quero deixar meu pai
sozinho; esse Landolfo mete-me medo com suas astúcias. Enquanto estou aqui, é contra mim que emprega toda a sua malícia e põe em jogo o seu espírito de intriga.

__ Contra você, a filha do diretor, o ídolo de seu pai? __ Interrompeu o preceptor numa interrogativa estupefata. __ Você não me diz toda a verdade, Nora; não a tratam bem, acaso?

__ Oh! Tratam-me bem demais até! __ Replicou a donzela com um sorriso singular, um sorriso de experiência desiludida que lhe avelhantou um minuto a fisionomia juvenil. __ Acham-me necessária, é natural que me adulem. Landolfo, então, não se fala; faz timbre em tratar-me como trata à soberana o vassalo. Mas V. Revma. não pode avaliar o que há de hipocrisia na doçura de suas maneiras e de velada maldade no seu sorriso. Tenho-lhe horror! __ Acrescentou com veemência súbita, fitando o espaço com uma expressão de asco impossível de descrever. __ Conheço-o tão bem, adivinho-lhe tão claramente os pensamentos e os planos, sinto-o tão cheio de ambições inconfessadas e de projetos ocultos, que V. Revma. não pode imaginar a impressão de repulsa quase física que me domina, quando sinto sobre mim seus olhos lânguidos e falsos. Mas meu pai adora-o, não pode passar sem ele. Landolfo teve a habilidade, à força de lisonja, de se lhe tornar o *fac-totum*. Está mais senhor dos negócios da companhia que o meu próprio pai, e V. Revma. não avalia do que é capaz esse homem. Não, não posso deixar meu pobre pai nas mãos de semelhante indivíduo.

__ Não serão talvez infundados seus receios? Não se poderia explicar mais claramente?

__ Não, não posso! ... O que prevejo é vago ainda; sinto como que fantasmas a vagar ameaçadoramente em torno de nós.

O preceptor olhou-a com apiedada simpatia; ela tinha razão, não podia deixar o pai. Seu destino, seu triste destino prendia-a assim radiosamente jovem e pura à vida errante daquele homem de

aventuras e de boêmia. Deus a saberia preservar de toda a mácula; era forçoso deixá-la ir.

__ Nora... __ Disse afinal, depois de uma pausa, tomando-lhe amigavelmente a mão. __ Vou falar-lhe como um amigo, como um pai, que só deseja seu bem. Siga seu caminho, minha filha; fique ao lado de seu pai, cumpra seu dever, por mais duro, por mais pesado que se lhe afigure esse dever. Seu pai precisa de seus carinhos, e eu chego a pensar que a Providência a colocou ao lado dele como anjo custódio dessa alma que ele não quer deixar perder-se. A graça não Ihe há de faltar. E desde que só o amor de Curt a pode preservar das tentações a que a expõem sua mocidade e seu desamparo moral, vou dizer-Ihe uma coisa que talvez Ihe cause admiração, mas que sei perfeitamente poder dizer-lhe: ame-o, minha filha. Desde que não pode sufocar esse amor, ame a Curt; asseguro-lhe que ele é inteiramente digno desse grande afeto. E depois, quem sabe o que pode acontecer? O futuro é a razão de ser da esperança.

__ Mas até quando, sr. preceptor, até quando? __ Atalhou Nora num queixume em que tremia toda a angustiosa fadiga de sua alma. __ Até quando poderei eu resistir? ... V. Revma. não sabe como me sinto cansada, farta até ao desespero de esperar sem resultado. V. Revma. disse-me ter chegado ainda a tempo; nem suspeita
como tinha razão?! ... Quando me remeteram seu cartão, recebi a dádiva régia de um homem belo, moço, gentil, de um homem que há cerca de dois anos me cobre de flores e se não me cobre de joias é por tê-las eu recusado até agora; de um homem que me adora com

toda a delicadeza e veemência de uma alma de paixão e de fantasia,
de um homem que eu sei inteiramente meu, absolutamente meu, dirigido à feição de meu capricho e cujo amor romanesco e louco me envolve, me embriaga, me atrai irresistivelmente. Quando V. Revma. entrou, exausta de lutar e recordando o inexorável olhar de Curt - porque V. Revma. não pode imaginar como ele me olhou! - ia ceder, ia responder que "sim" à carta em que me dizia a sua paixão, ia atirar-me nos braços desse estranho, que eu sei não me poder desposar, desde que os braços que eu quisera para abrigo me foram irremediavelmente fechados. Sr. preceptor, confesso-lhe toda a minha fraqueza; digo-lhe toda a minha vergonha, para lhe mostrar quanto estou desanimada e quão abatida está a minha força de resistência. Sr. preceptor, até quando deverei eu esperar?!

__ Até quando Deus quiser, minha filha! __ Replicou o sacerdote com uma gravidade quase solene. __ E a prova de que não abandona os seus escolhidos é que eu cheguei no momento preciso em que ia dar o mais irreparável dos passos. Vim trazer-lhe notícias de Curt, reavivar-lhe a lembrança dele; vim talvez fazê-la sofrer, mas este sofrimento será fecundo, desde que a salvará de tudo o que possa manchar a pureza de seu sacrifício.

E, levantando-se, o preceptor traçou vivamente sobre a cabeça inclinada de Nora um ligeiro sinal de bênção. A donzela ergueu-se também; tinha no rosto uma serenidade indizível.

__ Tem razão! __ Disse ela num sorriso resignado, pondo na dele sua mãozinha ardente. __ Foi uma providência a sua vinda. Ia cair no abismo, deu-me forças para retroceder.

Neste instante bateram à porta e o diretor entrou.

__ Ah! Tens visita! __ Exclamou com surpresa, encarando o eclesiástico, que se inclinava afavelmente. E se a vista não me engana é o sr. preceptor. Que prazer, que inesperado prazer! __ Continuou com efusão talvez exagerada, apertando fortemente as duas mãos do sacerdote. Há quantos anos não me oferecia o acaso esta extraordinária satisfação! Então, está por aqui de passagem ou estabelecido definitivamente?

O preceptor respondeu amavelmente à pergunta; Carsten parecia realmente encantado do encontro; pareceu-lhe, não obstante, que, sob a efusão das palavras de gentileza com que o recebia, se escondia uma espécie de contrariedade. Talvez que essa matutina visita não o encantasse tanto como o dizia e o queria mostrar. Enquanto conversavam, o preceptor observava disfarçadamente o pai de Nora, achava-o com efeito muito mudado. Engordara; os cabelos grisalhos já não tinham aquela espessura que dava outrora à cabeça do diretor uma feição de poeta ou artista, a linha do perfil, aplanada pela gordura, perdera aquela nobreza, que lhe dava à fisionomia um cunho de tão fidalga distinção; o que, porém, chamava mais a atenção era a cor vermelha que a tez adquirira. Carsten perdera aquela palidez que em outros tempos contrastava tão romanticamente com a negrura dos cabelos; o preceptor, contrariado, perguntava a si mesmo o porquê dessa transformação. Era realmente outro homem que tinha diante de si; um homem no qual ainda restavam vestígios do antigo Alfredo, mas que os anos haviam singularmente vulgarizado.

Nora explicou ao pai em poucas palavras a causa dessa visita matutina e enquanto lhe falava com essa voz de um timbre musical, que as emoções da conversa anterior repassavam agora de uma

sentida gravidade, o preceptor pensava com um vago aperto no coração que esse pai não era em verdade feito para compreender aquela filha e que, embora provida de um protetor natural, Nora se achava moralmente no mais completo abandono.

__ Receio que a visita do nosso caro amigo, embora apreciadíssima, te tenha aumentado o nervosismo, minha filha! __ Disse de chofre o diretor, fitando no alterado rosto da donzela dois desconfiados e perscrutadores olhos. __ Já estavas ontem tão agitada... V. Revma. não calcula o trabalho que esta pequena me dá! __ Continuou, pousando cariciosamente a mão no ombro da filha e voltando-se, ao mesmo tempo, para o lado do sacerdote. __ É uma menina das mais caprichosas, uma rosa cheia de espinhos; que quer? É o inconveniente das rosas em geral. Mas não lhe dizia eu, outrora, que as cabeças grisalhas têm mais experiencia que as teimosas cabecinhas morenas? E não é hoje feliz, como eu sempre desejei que ela fosse? E afinal de contas, esta vida, a nossa vida já não lhe parece tão má como supunha. É sempre assim; a questão é começar. Depois, quando tudo é triunfo desde o começo, o caminho faz-se tão fácil! Porque V. Revma. não imagina, sr. preceptor, o sucesso que tem feito esta menina. Um delírio, um verdadeiro delírio. Ainda ontem foi uma loucura; estavam ébrios de entusiasmo, queriam arrombar a porta do camarim.

__ Vejo que V. Excia, foi bom profeta. __ Atalhou o capelão sorrindo para Nora, a quem estes demasiados elogios incomodavam visivelmente.

__ Profeta excelente! __ Tornou o diretor com mais calor ainda, com riso estridente. __ Nora eclipsou-me por completo. São sem conta os ramalhetes que tem recebido e poder-se-ia escrever um

volume com as declarações que lhe dirigem. É a rainha da moda. Sim! __ Prosseguiu em tom de paternal zombaria, cingindo com o braço o talhe da donzela e chegando-a a si num gesto um pouco desajeitado de meiguice. __ Esta filha é o meu orgulho, a minha glória, a minha razão de ser neste mundo, mas também é uma princesa muito voluntariosa, e se a gente não lhe diz “sim” a tudo, não há meio de conseguir dela coisa alguma.

Carsten falava com estranha ansiedade; havia em seus gestos e em sua voz um quê de incerto e balbuciante, que fazia imediatamente pensar que ele não estava no seu natural. Tinha a face manchada de placas rubras e os olhos amortecidos, como que cheios de uma névoa interior. O preceptor olhava-o cada vez mais surpreendido; uma suspeita atravessou-lhe o espírito, suspeita esta que se teria transformado em certeza, se ele tivesse sabido que, antes de vir ter com eles, Carsten estivera na cervejaria do hotel em companhia de Landolfo. Aí, entremeando a advertência com alguns copos de Sherry, o astuto secretário prevenira-o da visita do preceptor, que ele tivera a habilidade de saber, como sabia aliás tudo o que sucedia a Nora, dizendo-lhe que esse padre viera provavelmente meter sandices na cabeça da menina, fazendo-lhe talvez retomar sua antiga e insociável atitude. Carsten, assustado, apressara-se em ir interromper aquela perigosa conversa, mas depois de haver consumido uma quantidade regular de Sherry. Era esta agora a tática de Landolfo.

Para assenhorear-se mais seguramente da vontade de seu chefe, fomentava nele essa inclinação para as bebidas fortes, que lhe viera da nômade vida de *cow-boy* que levara na mocidade. Na fraqueza física e intelectual, que lhe ficara da última enfermidade,

achava no álcool um excitante às suas faculdades diminuídas, e era insensivelmente arrastado neste caminho fatal pelos dizeres pérfidos do secretário, que vivia apregoando as virtudes regeneradoras e fortificantes do vinho. Ah! Nora tinha razões de sobra quando afirmava ser perniciosa a influência deste temível Landolfo! ... Ele não se contentava com dirigir a seu bel-prazer os negócios da Companhia, queria ainda ser senhor absoluto do espírito enfermiço de sua vítima e para atingir esse fim não deixava um momento ao diretor, seguia-o por toda parte, tomando com ele todas as refeições, como receio de que alguma influência exterior viesse contrabalançar a obra nefasta que sua ambição prosseguia perversamente.

O diretor, entretanto, continuava com aquele tom de motejo amistoso, que destoava inteiramente de seu modo habitual:

__ O príncipe esteve aqui, filha; veio saber notícias tuas e prevenir-nos ao mesmo tempo que prepara tudo a excursão que lhe disseste ontem teres desejo de fazer. Partiremos à tardinha. Perguntou-me também se recebeste o que te havia enviado.

Nora corou violentamente; um rubor de pejo subiu-lhe até à raiz dos cabelos, crestando-lhe de laivos rosados o pescoço desnudado.

__ Fez mal em prometer a minha ida, meu pai! __ Respondeu todavia friamente, sem levantar os cílios, que velavam por completo a expressão do olhar. __ Terei que faltar ao compromisso. Sinto-me demasiado fatigada para dar esse passeio,

__ E, contudo, foste tu mesma que o propuseste a Zolwensky! __ Replicou o diretor, franzindo o sobrolho contrariadamente. __ Não posso explicar razoavelmente esta mudança repentina de

resolução. Ainda ontem te mostravas desejosa, mais que desejosa, entusiasmada por essa excursão, e hoje, que alguém, a quem deves acatar, te proporciona, num requinte de gentileza, os meios de a empreender, recusas sem motivo plausível, como uma criança manhosa. Nora, isto é inqualificável! Que direi eu ao príncipe? ... Não estamos em posição de tratar com indiferença a pessoas de tão alta consideração, e não é agora, que estavas principiando a ter mais juízo, que vais recomeçar aquelas antigas recusas. Ah! sr. preceptor, sr. preceptor! __ Suspirou, dirigindo-se ao eclesiástico. __ Receio muito que a sua visita tenha vindo suscitar na minha filha ideias de freira! ... Ela teve sempre queda para o misticismo.

__ Está completamente enganado a respeito dos motivos de minha visita, sr. Carsten! __ Replicou o eclesiástico, num tom ligeiramente irônico. __ Nunca me passou pela ideia aconselhar o convento à sua filha, mas acho que, sendo jovem como é, faz bem em não se entregar sem cautela a qualquer gênero de divertimento.

__ Ora, não me venha com essas teorias do outro século! E pelo amor de Deus, meu caro preceptor, não lhe torne a meter na cabeça, ideias que eu consegui a muito custo desarraigar. Ela já é bastante orgulhosa e qualquer destes dias põe-me aí à beira da ruína com esses descabidos modos de fidalga.

__ Se asim lhe parece, meu pai... __ Atalhou Nora, com uma firmeza em que se adivinhava o descontentamento que as maneiras e o tom de Carsten lhe causavam __ Se é assim, posso retirar-me. Bem sabe que é esse todo o meu desejo e que acharei com facilidade emprego equivalentemente lucrativo.

__ Olhe, olhe, como é suscetível esta senhorinha, e com que arrogância me responde! __ Disse Alfredo, sorrindo num motejo

forçado e dando no rosto da filha uma pancadinha que era um afago. __ Sabe que é indispensável e abusa da situação; mas o que sabe, também, é que seu velho pai não pode passar sem ela e que, por conseguinte, seria um crime abandoná-lo.

Nora, a quem esta cena se ia tornando penosíssima, achou que era tempo de por fim à conversação.

__ Sr. capelão! __ Disse com um sorriso triste. __ Conquanto nos cause imenso prazer a sua companhia, creio que é hora de partir, se quer chegar pontualmente aonde o esperam.

O preceptor inclinou-se e dirigiu-se para a saída, apertando a mão de Carsten, que se deixou cair sonolentamente sobre uma poltrona, a repetir, com voz arrastada: "Não faça dela uma freira, não faça dela uma freira!".

Nora acompanhou-o até à porta do corredor.

__ Obrigada! __ Disse-lhe então, estreitando fortemente com ambas as mãos a que ele lhe estendia. __ Mil vezes obrigada! ... Sua visita fez-me um bem indizível, e se alguma vez teve o receio de chegar tarde, pode ir em paz; chegou a tempo, chegou ainda a tempo! Procurarei lutar contra todos, contra tudo, contra mim mesma; deu-me novas forças para isto, pôs-me na alma um novo alento.

__ Deus não a abandonará nessa luta, minha querida filha; e se por acaso eu vim aumentar involuntariamente a sua mágoa, talvez ela seja mesmo um escudo contra tudo quanto de pior que essa mágoa lhe possa acontecer. __ E, num último aperto de mão, o preceptor despediu-se, levando a alma a tristeza de deixar mais desamparada, mais órfã do que em menina, a filha estremecida da pobre Helena Wild.

Apenas ele desceu os primeiros degraus da escada, sentiu que lhe tocavam vivamente no braço; era Nora outra vez. Atravessou o longo corredor e, sem receio de ser vista por estranhos na intimidade daquele desalinho de alcova, estava ali tão agitada pela violência de uma emoção que lhe incendiava as faces de um rubor de fogo,
que se lhe via bater desordenadamente o coração sob as rendas do penteador, levantadas pela respiração arquejante.

__ Sr. preceptor... __ Disse em tom baixo e rápido, cravando nos dele seus grandes olhos suplicantes, com uma expressão de timidez e confiança que ele nunca mais devia esquecer. __ venho pedir-lhe uma coisa: mande-me notícias dele. E sobretudo não lhe diga nada a meu respeito; o saber a verdade poder-lhe-ia fazer mal, agravar-lhe o estado de saúde. Que importa o desprezo que tem por mim, se já não há mais remédio para a nossa situação? Não lhe diga nada; tenho tanto receio de lhe ser ainda prejudicial! __ E, voltando para o quarto, no susto de ver a sua ausência descoberta pelo pai, fez-lhe ainda de longe um sorriso de súplica, levando o dedo aos lábios numa derradeira recomendação de silêncio.

O sacerdote, profundamente comovido por este pedido, em que se sentia palpitar um afeto tão verdadeiro e abnegado, não lhe pode responder; contentou-se com inclinar afirmativamente a cabeça e, cumprimentando-a à distância com o chapéu, viu-a desaparecer como uma sombra clara no fundo escuro do corredor. E a caminho da estação, com a alma cheia ainda da imagem dessa criatura de graça e mocidade, para quem a vida se mostrava tão contrária, ia pensando enternecidamente nos tesouros de força e

dedicação que revela um coração de mulher, quando o domina e o governa um grande sentimento.

Nora preferia ser julgada injustamente, desprezada rancorosamente, a acrescentar um novo tormento à tristeza de Curt; preferia tudo, não havia heroísmos que lhe fossem impossíveis, desde que soubera que ele sofrera por causa dela.

Voltou a seus aposentos, depois de ter abreviado, com o pretexto de uma indisposição séria, as exprobrações do pai e de o ter reconduzido até ao patamar da escada, pedindo-lhe que a desculpasse perante Zolwensky, e sozinha, enfim, no meio dessa fantástica decoração de flores que faziam a sua beleza um tão lindo fundo, dessas flores de admiração que já nada lhe faziam agora, sentiu pela primeira vez, depois de tantos anos de desânimo, como que o bafejo de um conforto moral. Eterna contradição do coração feminino!

Comovia-o até as lágrimas a doença de Curt, mas não podia deixar de sentir uma espécie de alegria, um reconhecimento enternecido e satisfeito por esse sofrimento, que era a prova real e abençoada de que lhe não era ainda indiferente.

Nora entrou no seu quarto; sobre a escrivaninha os rubis fulgiam com um brilho maravilhoso, um brilho radioso de magia num raio de sol, que os tornava incandescentes como pingos de fogo. Os olhos de Nora foram desta joia incomparável e tentadora à ainda mais tentadora carta de amor, caída abandonadamente no tapete, e um rubor ardente, o mesmo rubor de vergonha que lhe subira à fronte quando o pai dera o recado de Zolwensky, cobriu-lhe a testa, o rosto e o colo. Dizer que estivera prestes a aceitar aquela oferta e responder que “sim” àquela carta!

Num movimento brusco empurrou com o pé para o cesto de papéis rasgados a declaração do príncipe Kostia e, fechando vivamente o anteparo, como se a refulgência quase cruel daquelas pedras lhe fizesse mal, estendeu- se preguiçosamente no canapé e, cruzando sob a cabeça os braços alvos, fechou os olhos, como para dormir. Queria pensar, queria rememorar uma a uma todas as palavras do preceptor...

Pobre Nora, num “talvez” em que revivia um mundo de aspirações entorpecidas, recomeçava para ela o suplício delicioso da esperança...

*   *   *   *   *



Vem, noite fria, refrescar
estes ardores, esta dor!...
Do turbilhão dos sentimentos
como salvar meu coração?
Onde outrora fomos ditosos,
tornei eu a vê-la outra vez,
e, como então, senti de novo
fugir a minha paz d'espírito.

COMO lhe mandara dizer pelo lacaio, Curt cumpriu a promessa feita a Lily e veio apresentar-lhe seus respeitos na noite mesma de sua chegada a Goehlitz. Veio com efeito, mas tão fraco, tão abatido, tão diferente do belo rapaz sadio e alegre de quatro anos atrás, que a condessinha sentiu os olhos arrasarem-se-lhe de

água, diante dessa mudança, cuja causa ela estava longe de suspeitar.

Curt estava tanto mais abatido, quanto se constrangeu a fazer-se de forte, e sentia-se já muito mal, quando se apeou em frente ao saguão iluminado, onde se destacava no claro escuro a silhueta finamente elegante de Lily. O encontro dos dois primos foi singelamente afetuoso e no abraço fraternal, que os estreitou por um instante, nada mais houve da parte dele que a sossegada efusão de uma amizade de infância, de onde a força do hábito suprimira toda a emoção e todo o constrangimento. Quanto a ela, que um enternecimento superior à sua vontade fazia tímida como uma criança, mil pensamentos contraditórios agitavam-na confusamente. Mas não foi tão grande a emoção que não lhe permitisse notar o calor doentio das mãos que tão afetuosamente apertava nas suas. Curt não se pôde retirar: a febre aumentava, e Lily, assustada pela extraordinária alteração de suas feições, mandou naquela noite mesma chamar o médico e prevenir a tia.

A condessa chegou no dia seguinte e ninguém soube jamais da amargura desse encontro há tantos anos desejado por ela. Ante a mudança desse semblante, que o sofrimento e a febre faziam agora mais pálido que a fronha rendada onde se afundava a cabeça fatigada, ante a indiferença desses olhos que não tinham para ela um lampejo sequer, ante a fraqueza desse corpo impotente sob o peso de um abatimento invencível, seu coração de mãe, onde qualquer coisa se agitava dolorosamente com um remorso, compreendeu a gravidade do golpe que ferira o filho.

Com uma compaixão desvelada, em que se mesclava o secreto desdém de uma natureza forte por aquela sensibilidade demasiada, que a primeira grande desilusão assim levava de vencida, avaliou o que fora necessário de silencioso sofrimento para atingir tão profundamente aquele organismo em plena expansão de vigor, mesmo curado da febre passageira, que fazia agora dele um doente. Curt seria sempre outro; a decepção matara nele aquela antiga efusão de maneiras, que o tornava tão carinhosamente meigo. Estava completamente mudado, física e moralmente.

A condessa compreendia tudo isto, mas nestas circunstâncias foi sempre lógica e semelhante a si mesma; nada deixou transparecer do que lhe ia no coração, conseguindo, à força de reflexões, sufocar o começo de um arrependimento que um instante a fizera considerar com remorso as consequências de sua obra.

Não era, porém, tão grande a sua força de alma que não sentisse por vezes o desânimo a invadi-la durante as longas horas que passou à cabeceira do filho, desse filho tão egoisticamente idolatrado e que jazia agora ali de olhos fechados, demasiadamente fraco para poder suportar que lhe dirigissem a palavra, demasiadamente fraco para se interessar por coisa alguma do que em torno dele se passava; frio, concentrado, quase hostil, num abandono de vencido, em que ela sentia um imenso desprendimento de todos e de tudo. Nem uma só vez lhe retribuiu as carícias que lhe prodigalizava; nem uma só vez teve para ela uma expressão de confiança. E, no rancor crescente que a dominava contra aquela “intrigante”, a condessa dizia-se que toda a capacidade de afeição gastara-a ele com aquela

Nora indigna, que não restava mais nada para a mãe nesse coração que o desengano endurecera, como se houvesse passado sobre ele um sopro gelado e insensibilizador.

Clotilde Degenthal, porém, não era mulher que se detivesse em revolver coisas passadas; estimava haver feito o seu dever, não se concedia, por conseguinte, o direito de ter remorsos, olvidando por completo que muita vez nós alcunhamos de "dever" o que não é mais do que um capricho ou um desejo. Escusou-se perante sua própria consciência, descarregando toda a culpa sobre "as intrigas daquela gente", que cada vez mais se sentia com forças para odiar, e acusando também o clima de Constantinopla do grande depauperamento em que encontrou o filho. Achava certa consolação em se repetir que previra tudo aquilo e em verificar quão nocivo fora a
Curt subtrair-se à influência e à direção dela, prometendo a si mesma pô-lo bom depressa, à força de cuidados e de distrações.

Afastar dele tudo quanto lhe pudesse recordar o passado e, tonificando-lhe o corpo por um sadio regime de vida ao ar livre e de regularidade de alimentação; tonificaria-lhe ainda mais o espírito com as diversões dessa vida de campo a um tempo faustosa e repousada, que o descansaria de toda a frívola mundanidade de seus quatro
anos de secretário de embaixada.

Estes projetos confiava-os ela a Lily, que era realmente a confidente ideal para tais expansões, pois tudo quanto se referia ao primo, de longe mesmo, ouvia-o ela com o interesse que punha nos olhos da tia um clarão de esperança e lhe iluminava a seca

expressão do rosto duro, com um sorriso de simpatia. Desde o grande susto que
lhe causara na noite da chegada, o súbito delíquio de Curt no salão, no meio de uma conversa que se arrastava morosamente ao lado da velha parenta sonolenta, susto esse que a vinda do médico acalmara, Lily chegou a dar graças à providência pela doença que fizera de Curt o prisioneiro de seus cuidados.

Como a condessa ignorava aliás a causa dessa recaída intempestiva, a única pessoa que sobre este assunto possuía dados certos era o preceptor, e este resolveu calar-se ante o silêncio do antigo discípulo, julgando que há sentimentos sobre os quais uma intervenção exterior exerce sempre uma influência deletéria.

Lily gozava, pois, da facilidade triste de ter só para si esse querido enfermo, que se servia do que era dela e se alimentava do que ela lhe preparava por suas próprias mãos, inteiramente à mercê de seu carinho, que se multiplicava em atenções amiudadas e constantes, que eram como silenciosas e renovadas declarações. Lily foi uma enfermeira incomparável, dir-se-ia que o amor lhe moderava ainda mais os passos para não perturbar com uma irrefletida carreira barulhenta o sono leve do doente e lhe punha nas mãos maior doçura para arranjar-lhe na cama as almofadas ou fazer-lhe beber devagarinho o caldo ou o leite, que momentos antes rejeitara displicentemente.

E foi sob o influxo dessas pequenas mãos jeitosas e acalmadoras que Curt saiu pouco a pouco de seu torpor febril, entrando lentamente em convalescença nos princípios desse setembro, que enchia de um sol tão quente as aleias e os bosques de Goehlitz. O esplendor talvez excessivo do verão amortecia-se já, sem nada ter

perdido, entretanto, de suas belezas nas primeiras melancolias do outono, e as árvores do parque tomavam aqueles belos tons de ferrugem, que as faziam parecer de ouro velho na magia cotidiana do pôr do sol.

O parque inteiro revestia-se de um encanto especial, adornava-se de todas as galas, enchia-se todo de uma sedução sutil como para finalizar num apogeu de apoteose a glória desse verão encantador. Os canteiros que se estendiam em frente do salão de honra da habitação, com uma solenidade de jardim de grande estilo, faziam-se familiares ao rodearem-lhe os lados, parecendo entrar intimamente pela casa, tal a acumulação de plantas exóticas e trepadeiras agrestes que ornamentavam a espécie de hall lateral, envidraçado como uma
estufa, e que abria diretamente para o jardim. Esse hall, que era ao mesmo tempo uma espécie de varanda ao nível do terreno exterior, constituía um dos maiores encantos de Goehlitz.

Lily transformara-o em delicioso jardim, separado do verdadeiro apenas por um cortinado de rendas, que nas horas de grande calor se abaixava, imergindo numa meia sombra de alcova a profusão de canapés e cadeiras de balanço espalhadas por entre as verdes plantas tenras, como um perene convite à indolência das longas palestras despreocupadas junto às mesinhas de bridge e de puzzle, ou à leitura preguiçosa das revistas e jornais que a dona de casa soubera inteligentemente distribuir aqui e ali sobre as mesas, numa desordem propositada e artística. A um canto, um piano sempre aberto falava de músicas ligeiras, executadas alegremente quando acaso a conversa se fosse tornando monótona, e pelas longas tardes outonais era um encanto contemplar no progressivo

torpor do crepúsculo luminoso o horizonte de altas serras verdejantes, que a distância azulava idealmente.

Era assim, nesse hall, orgulho ingênuo de Lily, que passava horas a enfeitá-lo de flores, que se arrastava agora a lenta convalescença de Curt. Além de ter a vantagem de ser ao ar livre, por assim dizer, como comunicava diretamente com a sala de verão, podia-se transportar com facilidade o doente para um lugar mais abrigado, quando o mormaço se tornava insuportável ou demasiado frio o vento da tarde.

E os dias de Curt passavam-se ali, entre a leitura sonolenta de um romance e uma partida de bridge, ou no repouso prolongado dos devaneios sem fim, olhos cerrados e mãos inertes, enquanto Lily tocava em surdina algum trecho embalador e a condessa acrescentava silenciosamente alguns pontos ao seu interminável bordado; em torno tudo se fazia quieto para não interromper seu repouso. Seu repouso! Enquanto todos o supunham adormecido na fadiga salutar de uma convalescença que se prolongava inexplicavelmente, seu espírito extenuava-se na luta fatigante contra o coração, onde mais viva do que nunca ressurgia a imagem daquela que fora o afeto insaciado de sua mocidade.

O encontro com Nora parecia ter despertado nele mil vozes e coisas do passado, fora como uma vitoriosa ressurreição de tudo o que ele supunha morto para sempre e enterrado pelo tempo num esquecimento definitivo. E, no ócio desses compridos dias despreocupados, a mágoa antiga, a sua grande mágoa inconfessada e torturante, recomeçava com uma intensidade que o deixava sem forças, o corpo e o espírito vencidos por esse perpétuo recordar de uma felicidade perdida no desencontro de sentimentos

que a dúvida envenenava e uma profunda e cruciante saudade tornava intoleravelmente dolorosos.

Por que não havia lido a carta que ela lhe escrevera? ... Por que a tinha condenado sem ouvir as circunstâncias atenuantes, que provavelmente lhe diminuiriam a culpa? E por que não lhe tinha, sobretudo, falado no comboio, não tinha correspondido com um sorriso ao olhar de súplica que ela lhe lançara ao partir? ... Ah! Como
ela o olhara! ... E um arrependimento desesperado de não ter aproveitado essa hora única sublevava-o todo numa revolta contra si mesmo, ao mesmo tempo que o abatia a certeza desoladora de não estar já na vida dela, de não poder já protegê-la contra a audácia de todas as admirações, que suspeitava em torno dessa beleza que até agora lhe enlevava o coração... Ah! se pudesse repousar... se pudesse esquecer... libertar-se... mas o esquecimento não depende da vontade, e, quanto mais lutava para conseguir o olvido que não vinha, mais funda se lhe fazia na alma a nostalgia de a ter perdido para sempre.

As pessoas que o rodeavam tinham-se-lhe tornado antipáticas; eram comparsas aborrecidos no drama oculto que se lhe desenrolava no coração, nada tinham que o pudesse interessar nem de longe. Os cuidados que lhe dispensavam enfadavam-no; a única pessoa cuja presença suportava sem desagrado era Lily. A menina não tivera a mínima participação nos fatos que o haviam tornado desgraçado, era a única criatura à parte e pela qual se sentia indiscutivelmente estremecido. Para ela era apenas o ausente, cuja vinda com tão paciente ternura aguardava tanto tempo; o doente por cujo restabelecimento tantas vezes rezara, o convalescente por cujo

conforto se desvelava agora com uma dedicação tão natural e amorosa. E desta dedicação tinha ele diariamente provas tocantes e para lhe provar a sinceridade deste cândido afeto bastava ver iluminarem-se-lhe os olhos e corarem as faces, quando ele por acaso demorava mais tempo sobre ela seu olhar distraído.

Lily sentia tal satisfação de hospedar o primo, que esta alegria lhe transformava o natural ordinariamente reservado e igual, fazendo-a expandir-se em efusões súbitas, risadas repentinas ou trechos de música lançados bruscamente num trinado de contentamento como a indomável expansão de uma alegria interior, que teria dado que pensar ao menor observador. Sua cabecinha tenaz não abandonara nem um só instante a ideia de desposar Curt, e esta ideia tomava agora mais incremento do que nunca, ante o sorriso complacente que os seus dizeres conseguiam sempre chamar aos lábios descorados do convalescente. Passava também os dias no hall ao lado do primo, achando sempre mil pretextos engenhosos para não estar muito tempo ausente, e a Curt não parecia desagradar-lhe esta presença quase constante, pois o seu gosto pelo hall nada sofria por ver nele o vulto familiar de Lily, na simplicidade um pouco afetada de seu eterno vestido branco. A verdade é que o hall parecia ter sido feito propositadamente para servir de engaste à simplicidade caseira de suas maneiras, à ingenuidade de seu sorriso, ao louro amortecido de suas tranças.

Nesse verde primaveril seus traços delicados e seu todo miúdo, que à noite passavam despercebidos na farta iluminação dos lustres de gala e que o luxo das toilettes de baile tornava apagados, como diminuídos, de uma insignificância colegial, tomavam em casa um destaque singular. Lily era uma dessas criaturas feitas para a

intimidade e nada lhe assentava tão bem como a despretensão de um vestido de casa, em cujo cinto houvesse prendido uma flor silvestre por uma faceirice de criança. A singeleza era-lhe um adorno e nenhum lugar mais apropriado para servir de fundo à sua clara figura sossegada do que esse hall familiar e florido, onde ela evoluía com a sua discreta graça inconsciente sob o olhar observador do primo, que diariamente se fazia mais amistoso para fitá-la.

Curt não seria rapaz se não tivesse notado com satisfação a transformação vantajosa que se operara na condessinha, durante os anos que passara fora. Cresceu um pouco, ou, pelo menos, como trazia o busto mais aprumado, dava a impressão de ter crescido; engordara também o suficiente para dar ao rosto um oval gracioso e fazer cavarem-se-lhe nas faces duas covinhas quando se ria, o que frequentemente acontecia. O louro outrora quase branco de seus cabelos adquirira com o tempo uns tons dourados, que faziam parecer mais azuis seus pálidos olhos um nada míopes, que ela tinha o hábito de apertar um pouco, coando o olhar através dos cílios louros, como se o ofuscasse a demasiada luz de fora.

Clemente Dahnow tivera razão, quando dissera a Curt que Lily se tornaria bem bonita com os anos; estes haviam confirmado essa agradável predição, e já não era com a indiferença de antes que ele agora lhe notava o “traço amável da boca”, como antigamente dizia o sagaz barão.

Surpreendeu-se mesmo várias vezes a chamar por ela sem motivo algum justificável, só para vê-la voltar pressurosa para ele o semblante rosado, com aquela expressão enamorada, que ele achava, embora não o dissesse, assentar-lhe muito bem. Gostava

de vê-la rir, com aquele meigo modo silencioso que lhe era habitual, ou mover-se jeitosamente por entre as plantas, arranjando aqui uma almofada, dispondo ali uma flor, ou desempenhando muito compenetrada de seu papel um dos numerosos misteres de sua posição de dona de casa.

Ninguém reparava que, por uma tácita combinação do acaso, esses misteres desempenhavam-se agora quase todos no hall, dando a condessinha suas ordens e recebendo seus empregados ou atendendo a seus pobres em presença do primo, que admirava, mau grado seu, a serena autoridade das maneiras e a distinção a um tempo singela e aristocrática com que sabia deslindar as pequenas questões de seus domínios.

E Curt pensava que Lily era na verdade o tipo ideal de castelã, e sem querer rendia-lhe homenagem pela simplicidade com que sabia dar conta dos deveres que se impusera por sua espontânea vontade. E no grande cansaço físico e moral que o abatia, dizia-se muitas vezes que seria bom ter na vida como companheira a essa criatura de paz e de ordem; repousar o coração no afeto tranquilo que assim tão inocentemente se lhe oferecia, esquecer tudo na doçura de uma união isenta das perturbações e das violências da paixão, e gozar sossegadamente da felicidade sem sobressaltos e sem desigualdades que lhe prometia a meiguice perene daquele sorriso. Era assim que Lily ganhava insensivelmente terreno na afeição do primo e que cada dia se tornava mais provável a realização do velho projeto da condessa.

Curt ia decididamente muito melhor, e para animar-lhe um pouco o fim da convalescença, cuja monotonia ela receava que começasse já a pesar-lhe, Lily convidou alguns parentes e amigos a virem passar em Goehlitz, o fim da estação. A presença da tia, do preceptor e da velha parenta, que não a deixava, dava a Lily uma nova segurança em seu papel de dona de casa. Nickel trouxe dois amigos; O tenente Triel consentira em acompanhar a irmã Edite, amiga de Lily, e Mitzy Holbein - que o tempo e a constância do

americano haviam transformado em mistress Dick Rowley, não se fizera de rogada para aceitar a hospitalidade que a antiga companheira lhe oferecia por alguns dias.

Uma fina sociedade achava-se, pois, reunida naquela tarde no hall, sendo todos unânimes em admirar a beleza incomparável daquele suave pôr do sol. Serviu-se o chá; ao ruido ligeiro de toda essa porcelana remexida, a palestra chegou a um diapasão de extraordinária animação e, coisa surpreendente, Lily, a retraída e calada Lily, era o centro de toda essa desusada e expansiva animação.

Trazia, como sempre, um vestido branco; diferenciava-o dos outros, porém, um forro azul, que lhe amortecia a brancura excessiva num azulado suavíssimo, casando-se muito harmoniosamente com o azul dos olhos; uma faixa também azul cingia-lhe a cintura, caindo-lhe em pontas soltas sobre a saia, e num requinte de faceirice ornou de um largo laço azul celeste o cabelo tão delicadamente louro.

Prendeu ao peito um ramalhete que Curt lhe trouxera do passeio que costumava dar todas as manhãs, um despretensioso ramo de florinhas azuis de linho, que lhe completavam a toilette muito graciosamente, e em todo esse azul, que lhe fazia sobressair deliciosamente o frescor da tez, a condessinha estava na realidade encantadora.

O amor punha-lhe no olhar um brilho novo e na fisionomia uma expressão de alegria tão comunicativa, tanto calor nas palavras, tanta vida nos gestos, que não era de estranhar a corte discreta que lhe faziam um pouco ostensivamente os convivas masculinos da reunião. Não teria sido nunca difícil à proprietária de Goehlitz achar

adoradores; mas não eram somente os bens, de que a sabiam dona, que admiravam agora nela, era também sua mimosa pessoa posta em relevo pelo poder de um sentimento que lhe realçava todas as delicadezas e a revestia de uma graça imprevista. Assentada num tamborete baixo sob os ramos flexíveis de uma palmeira exótica, cujo verde escuro servia de fundo à esbelteza de sua figurinha airosa, Lily respondia com vivacidade aos motejos que amigavelmente lhe dirigiam; muito corada e risonha, tinha para todos uma resposta amável, não se perturbando com os galanteios de que a crivavam e replicando com tamanha naturalidade, que chegava às vezes a desconcertar o interlocutor.

Parecia uma rainha, recebendo de seus vassalos o tributo merecido; uma rainha, porém, que se concedia o direito de ter um favorito, pois não era preciso grande esforço de observação para notar que seus olhares se voltavam sempre para o lado do primo, como à cata de uma aprovação, e, se dispensava atenção aos outros, sentia-se bem que toda a sua atenção estava presa às opiniões e dizeres desse grande distraído, que lhe brincava agora familiarmente com as pontas da faixa, divertindo-se preocupadamente em enrolá-las e desenrolá-las, como se o fatigasse tomar parte nos debates calorosos da sociedade.

Mas Curt não precisava de falar para agradar a Lily; bastava-lhe levantar de tempos em tempos os olhos e sorrir-lhe um pouco mais demoradamente para vê-la enrubescer infantilmente e disfarçar com um sorriso um pouco trêmulo o enlevo que lhe causavam estas novas maneiras do primo. É que Curt se fizera insensivelmente mais terno. A certeza de ser o preferido entre todos lisonjeava-o, mau grado seu, pois não há homem nenhum, qualquer

que seja seu estado de alma, que uma preferência ostensiva deixe absolutamente frio.

Sentado junto à prima no braço de pau de um canapé um pouco mais alto, acariciava-lhe a furto o pescoço nu com a ponta da faixa, com esse abandono confiado a que autorizava o parentesco, e como Lily, sentindo cócegas, fizesse um gesto vivo com a mão para afastar um inseto importuno, deixava cair prontamente a faixa, tomando logo um ar de distração tão profunda, que acendia um clarão de malícia nos calmos olhos azuis que o miravam numa súplica para que cessasse o brinquedo. Um vulto negro assomou nesse instante à porta da sala de verão; era o preceptor.

__ Oh! Como os encontro entretidos, senhores! __ Disse num tom de gracejo amigável. __ Rendendo culto à beleza, na pessoa da senhora destes sítios. Tenho receio de que a minha presença os importune...

Lily dirigiu-lhe um sorriso de complacência reconhecido.

__ Olá, reverendo __ Interrompeu alegremente o tenente Triel, voltando para o sacerdote seu risonho semblante de *bon viveur.* __ Quem menos se deveria lembrar de nos dirigir admoestações sobre o culto rendido à beleza é precisamente vossa reverência! Pode, sem receio de engano, dizer um *mea culpa* pelo mesmo pecado. Não o surpreendi eu, há tempos, subindo as escadas profanas de um dos melhores hotéis da capital para render esse culto?

__ Como assim? __ Atalhou o preceptor, bastante surpreendido.

__ Oh! Da mais simples das maneiras __ Tornou Triel, rindo. __ Pois se V. Revma. pretextou não ter tempo na véspera para

tomar comigo um refresco, visto a hora matutina de sua partida, sempre achou esse tempo no dia seguinte para mandar o seu cartão à bela das belas. Não há nada neste mundo que não se descubra, reverendo; e mal supunha V. Revma. que os olhos indiscretos de um amigo lhe seguiam curiosamente os passos, quando rendia à beleza seu culto clandestino, Pois imagino que não seria para fazer-lhe um sermão severo que V. Revma. visitou tão cedo a bela Carsten! __ Rematou o tenente, piscando maliciosamente os olhos cheios de reticências.

__ Ah! Fala de minha visita a miss Carsten? __ Respondeu com frieza o eclesiástico, visivelmente contrariado com esta brincadeira de mau gosto. __ Fui vê-la, com efeito, mas não para o fim que imagina; conheço-a desde criança. __ Acrescentou, à guisa de explicação, dirigindo um vivo olhar para o lado de Curt, mau grado seu.

A esse nome de Carsten, há tanto tempo banido daquela casa, duas pessoas estremeceram. Uma foi a condessa, que, parando instantaneamente de bordar, não pôde resistir à tentação de deitar ao filho uns olhos de apreensão aflita; a outra foi o próprio filho Curt, cujas mãos deixaram subitamente escapar as pontas da faixa, subindo-lhe as faces um ligeiro palor, embora permanecesse na posição em que se achava, aparentando a mais absoluta indiferença.

Ninguém à roda lhe percebeu a emoção, a não ser talvez a bisbilhoteira da Mitzy, a quem o idílio Carsten-Degenthal, como ela dizia, não passara absolutamente despercebido, e que se intrometeu na conversação com a petulância costumada.

__ Então, sr. preceptor, que explicações nos vai dar acerca dessa misteriosa visita? __ Perguntou num sorriso, considerando o sacerdote através dos vidros do seu *face à main*, objeto perfeitamente de luxo para ela, pois ninguém na sociedade se poderia gabar de ter melhor vista do que a nervosa esposa do feliz Rowley.

__ Não são necessárias explicações, reverendo! __ Tornou Triel, sem suspeitar nem de longe o perigo do terreno em que se adiantava. __ Conhecê-la em criança é um desses motivos que tudo aclaram, mesmo sem ele, todos nós, homens de gosto e de estética, desculparíamos a V. Revma. um fraco muito perdoável por essa beleza digna de todas as fraquezas. Não a conhecem, senhores? Para mim é a mulher mais formosa que jamais tenho visto, excetuando naturalmente as presentes. Vê-la a cavalo é um desses espetáculos para os quais valeria a pena empreender uma viagem. Você, que andou em tanta vagueação por essa Europa, nunca teve ocasião, Curt, de vê-la em tournée?

__ Nunca !__ Retorquiu o interpelado, com um laconismo que frisava quase a impertinência.

__ Pois há de ir vê-la comigo, meu caro! __ Continuou o loquaz tenente. __ Seria um crime para um rapaz de sua posição não conhecer essa celebridade. Tive ocasião de apreciá-la ultimamente numa pantomima equestre, “A morte de Libussa”, na qual desempenha o papel principal e onde é absolutamente divina. Tão divina, que não é para admirar que um pecador como eu se entusiasmasse, se eu vi o nosso santo preceptor entusiasmado também.

__ Entusiasmado, não! __ Corrigiu tranquilamente o sacerdote, sem olhar para o lado da condessa, cuja aflição ante o rumo tomado pela palestra ele adivinhava. __ Admirei como toda gente o garbo e a arte da cavaleira. Creia, porém, que nada mais do que uma profunda compaixão me animava para com essa pobre donzela, que um destino adverso obrigou a abraçar uma carreira tão contrária à sua educação e ao seu gosto.

__ Compaixão mal empregada, sr. preceptor! __ Redarguiu Triel, rindo, com a satisfação de quem pensa atrapalhar muito um interlocutor já embaraçado. __ Acredite que V. Revma. era o único na sala a quem ela inspirava esses sentimentos compassivos. Quando se é senhora de um corpo e de um rosto daqueles, não é piedade o que se costuma em geral inspirar; pelo contrario. Imagino a soma de inveja que nos arraiais femininos terá sua inigualável formosura.

__ Que exaltação, Franz! __ Lançou num motejo a voz alegre de Nickel. __ Vais fazer-nos supor que andas enfeitiçado por essa arrebatadora americana.

__ Oh! Franz é inflamável como um fósforo! __ Intercalou Edite von Triel, com esse detestável hábito peculiar às irmãs de revelarem em público as fraquezas fraternas. __ Não há atrizinha que apareça em Viena, por quem ele não ande apaixonado uma semana pelo menos. Mas, quanto à Carsten, devo confessar que não exagera; é realmente arrebatadora, como disse Nickel.

__ Curt! __ Advertiu nesse momento a condessa, num tom de voz levemente impacientado. __ Olha que começa a refrescar, e não te convém ficar mais tempo ao ar livre. Queres que entremos?

Curt não pareceu ter ouvido a observação, mas, talvez por acatamento a essa advertência previdente, tomou o panamá atirado sobre o canapé e enterrou-o bruscamente na cabeça até a testa, ocultando assim por completo a expressão da fisionomia.

__ Edite, minha menina! __ Replicou o tenente um pouco vexado pelo riso que excitara a frase final da irmã. __ Peço-te encarecidamente que não reveles em sociedade as intimidades de minha vida sentimental. São coisas que não devem sair do círculo restrito da família e que a ninguém aqui poderiam interessar. É preferível que o sr. preceptor nos revele por que chamou de adverso o destino da bela artista do Carsten-Circo. O que pode ela desejar, que não lhe tenha dado a existência? ... Beleza, fortuna, mocidade, talento, e admiradores sem conta. Tem um pai que a adora; vive a receber ovações que uma rainha não conhece, e, segundo ouço dizer, é de uma
virtude que, bem se pode dizer, tem andado à prova de fogo.

__ Oh! Esse Triel é de uma ingenuidade... __ Comentou a vozinha cantante de Mitzy Rowley. __ Todos nós sabemos, felizmente, quanto é relativa a virtude dessa gente.

__ E se a Carsten tem ainda essa auréola de santidade, é porque tem para protegê-la esse Otelo disfarçado que dizem ser seu noivo; um tal de Landulfo ou Landolfo, secretário particular do diretor. __ Concluiu o marido, cuja pronúncia se fez mais americana do que nunca.

__ Essa auréola não impede que se lhe atribuam aventuras de um romanesco a desafiar a imaginação de um folhetinista. __ Tornou um dos amigos de Nickel, que estava ansioso por mostrar ao auditório seus conhecimentos nesse sugestivo mundo de teatro. __

Não ouviram falar daquele marquesinho italiano que se suicidou por o terem surpreendido alta noite a arrombar a porta do quarto dela?

__ E o príncipe polaco? __ Disse vivamente Triel, receando que o outro monopolizasse a atenção geral. __ Vi-o ainda outro dia no circo, Chama-se Kostia Zolwensky; dizem que é rico como não deve ser permitido sê-lo, e posso afirmar que é fisicamente o que se pode chamar um gentil-homem. Dizem que há três anos que a segue de cidade em cidade, não perdendo um só dos espetáculos da Companhia. Envia-lhe todas as manhãs um custoso ramo de orquídeas, e asseguram que se bateu uma vez em duelo com um jornalista francês, que afirmara numa roda boêmia que a bela Carsten lhe volvera os "olhos misericordiosos". Conheço um banqueiro judeu que a pediu seis vezes em casamento, prometendo dotá-la com dois milhões; mas ouvi contar que, se resiste a tudo isto, é porque deu seu coração a um *cow-boy* do *Far-West*, com quem em criança domava cavalos selvagens, e que anda a fazer fortuna para vir arrancá-la dessa vida de exibições, que não seria suportável para um marido ciumento.

__ E os senhores acham que com todos esses marqueses italianos, príncipes húngaros, jornalistas, *cow-boys* e banqueiros a virtude dessa criatura seja coisa em que a gente se possa fiar de olhos fechados? __ Indagou com candura a linguinha perversa de Mitzy.

__ Creio que tudo isso não passa de invenções! __ Disse com uma serenidade súbita o preceptor, a quem esta maré crescente de maledicências ia pouco a pouco indignando. __ Conheço de perto a miss Carsten; é incapaz, não digo já de um erro, mas mesmo de uma leviandade.

__ Em todo caso, Zolwensky é um fato! __ Assegurou Franz, um tanto contrariado por ver posta em dúvida a veracidade de suas histórias. __ Tive ocasião de observar-lhe a atitude no último espetáculo a que assisti; era uma verdadeira confissão.

__ Não digo que miss Nora não tenha inspirado sentimentos violentos; é naturalíssimo que os inspire. O que digo, porém, com a segurança de quem lhe conhece de perto a vida, é que jamais teve sequer a veleidade de corresponder a esses sentimentos. Circunstâncias superiores a sua vontade impeliram-na por um caminho em absoluto contrário às suas aspirações e à educação que recebeu; ninguém tem o direito de julgar as razões que a levaram a abraçar essa carreira, bem como ninguém tem o direito de afirmar que ela não é de todo digna do maior respeito, não obstante o meio equívoco e pervertido em que vive.

__ Curt! __ Interrompeu secamente a voz autoritária da condessa, cuja fisionomia exprimia um descontentamento contido a custo. __ Não te queixes senão de ti mesmo, se por acaso recaíres; persistes em ficar ao ar livre, quando o sereno já começa a cair... Como pretendes curar-te com essas imprudências repetidas?

__ *Je n'en vois peut-être pas la necessite!* __ Murmurou Curt, num levantar de ombros significativo. Levantou-se, entretanto, para obedecer à intimação da mãe, mas lentamente, de má vontade, e, como se lhe custasse a renunciar a ouvir aquela conversação, ficou de pé à porta no salão de verão, encostado negligentemente ao umbral.

__ Fui companheira de colégio de Nora Carsten! __ Intercalou de chofre a voz argentina de Lily, que até então se conservava calada, ouvindo atentamente o que em torno se discutia. __ E é por

conhecê-la tão bem que perfilho a opinião do Sr. preceptor; ela é incapaz do quer que seja de desonesto ou de leviano. Algum motivo poderoso, desconhecido por todos, deve tê-la forçado a seguir essa carreira para a qual não parecia ter sido feita de modo algum. Há muitos anos que não a vejo. talvez mudasse com o tempo; em Bruxelas, todavia, nunca nos passou pela cabeça que Nora se faria artista de circo. Quem sabe se seria obrigada a trabalhar para ajudar ao pai?! A Companhia tem tido sucesso?

__ Pelo menos assim parece! __ Respondeu outro camarada de Nickel. __ Tem tido enchentes consecutivas e quanto a fama não há no mundo nenhum que se iguale ao Carsten-Circo.

__ Então, não sei o que a poderá ter induzido... __ Murmurou pensativa a loura senhora de Goehlitz. __ Em todo o caso, lastimo-a de coração; pobre Nora!

__ É digna de lástima, se com efeito recebeu a educação que lhe atribuem. __ Sentenciou um vizinho idoso, renitente admirador de Lily e que era tido como o catão da sociedade. __ Deve ter sofrido para se acostumar às liberdades de seu meio; esperemos, entretanto, que as leis de atavismo lhe hajam minorado as penas do caminho.

__ Pobre Nora... __ Repetiu Lily, que este assunto interessava decididamente, e ia continuar, quando seus olhos encontraram por acaso o olhar da condessa cravado no filho, com uma expressão tão aflita e apreensiva, que, julgando interpretar o desejo da tia, acrescentou, levantando-se para dar o sinal de partida: __ Mas... parece-me que é tempo de levantar o acampamento, se quisermos ver ganhar juízo ao rebelde de meu primo. Vamos, meu caro conde. __ Terminou num gracejo. __ No salão estaremos mais à vontade.

Seguindo o exemplo da dona de casa, todos se ergueram, passando para o salão de verão; mas a mudança não pareceu influenciar agradavelmente na sociedade, pois a animação anterior caiu por completo, fragmentando-se a conversa pelos grupos separados. A condessa não tirava os olhos do filho, que, muito pálido, se apoiara fatigadamente a uma mesa, folheando distraidamente um álbum de postais, sem dizer uma só palavra.

Uma sineta tangeu distante; eram horas de os convidados se retirarem para os primeiros preparativos do jantar. A reunião dissolveu-se rapidamente, saindo Curt antes de todos, com uma precipitação em que se traduzia seu ansioso desejo de solidão. Antes de partir, Lily fez a Triel um sinalzinho de chamada, retirando-se com ele para um canto.

__ Diga-me, Franz... __ Murmurou apressadamente, lançando para o lado da tia um olhar vagamente assustado. __ Quanto tempo se demora ainda o Carsten-Circo em Viena?

__ Não sei ao certo. __ Respondeu o tenente um pouco surpreendido com a pergunta. __ Creio que o espetáculo de despedida já está anunciado. Em todo caso, ainda se demorará uma semana, e se você quiser, eu poderei informar-me mais amplamente.

__ Oh! não é preciso; basta-me saber isso. __ Atalhou a condessinha num sorriso e, como a tia se aproximava neste momento, fez ao militar um amigável acenozinho de cabeça, desaparecendo rapidamente pela porta aberta.

Triel, um tanto perplexo, saiu também, deixando a sós na sala a condessa e o preceptor.

__ Sr. preceptor __ Disse ela num tom quase de censura. __ Como permitiu V. Revma. que se entabulasse diante de Curt a conversação de ainda há pouco? ... Não pensou por acaso que isso poderia de novo despertar nele recordações que só lhe podem fazer mal...

__ Sra. Condessa! __ Redarguiu o sacerdote, não sem uma suspeita de ironia. __Parece-me que estas recordações nunca estiveram de todo adormecidas e que são agora, como antes, a causa dos constantes padecimentos do conde.

__ Ora! reverendo, o que vai V. Revma. buscar? A causa da doença de meu filho, a causa principal, pelo menos, foi essa irrefletida mudança de clima. Quanto ao moral, creio que ele pouco se deve recordar do passado; tenho tido tanto cuidado de não lho lembrar, nem sequer por uma palavra!

__ Estas precauções são inúteis diante dos desígnios misteriosos da Providência. O conde Curt encontrou miss Carsten no comboio, quando se dirigia para aqui, não há muito tempo.

__ Encontrou-a no comboio... Meu Deus! __ Exclamou a condessa, absolutamente desnorteada pelo imprevisto dessa notícia desoladora. Como aconteceu isso, sr. preceptor? Como pôde acontecer semelhante coisa?

__ Pela mais fortuita das casualidades. O conde entrou por acaso no compartimento em que viajava miss Carsten, de volta de uma das suas tournées pela Europa. A sra. condessa tem até hoje diante dos olhos o resultado da impressão profunda produzida no conde por esse encontro.

__ Meu Deus, meu Deus! __ Murmurou a titular desconsolada. __ Eis o que me explica a brusca recaída de meu pobre filho! Essa

criatura, sempre essa criatura a atravessar-se-me no caminho, a atrasar a realização de meus planos!

__ Seria mais prudente não fazer plano algum, sra. condessa; a Providência sabe o que deve fazer para o maior bem de todos nós. Posso, contudo, assegurar-lhe que da parte de miss Carsten nada mais tem a temer. Fui visitá-la em Viena; há muito tempo que ela desistiu inteiramente de toda e qualquer pretensão relativamente ao conde Curt.

__ V. Revma. foi sempre para com essa criatura de um exagerado "gesto" de benevolência. __ Retorquiu com azedume a condessa, fitando no eclesiástico um olhar dos menos benevolentes. A prova está na maneira ridícula como há poucos instantes contestou o que diziam dela aqueles senhores. Não teria sido melhor para meu

filho que ele acreditasse nas verdades ... sim, nas verdades que a respeito do comportamento dela aqui relataram?

... Pois eu não tenho motivos de sobra para julgar inverossímil o que toda gente afirma.

__ Teria sido talvez melhor para seu filho, sra. condessa __ Replicou com firmeza o capelão, que o egoísmo desse obstinado orgulho indignava afinal. __ Para a minha consciência, porém, teria sido um crime colaborar com meu silêncio, na série de calúnias que contra aquela pobre menina aqui se levantaram. Defendi-a como a defenderei sempre que em minha presença lhe atacarem a reputação, e defendê-la-ei, não por um escrúpulo de amizade, mas porque sou conhecedor do que de silencioso sacrifício comporta para ela essa vida, que V. Excia. lhe exprobra tão desdenhosamente.

__ Eu não lhe exprobro coisa alguma! __ Redarguiu a condessa com uma impaciência que lhe fazia esquecer por completo o caráter religioso de seu interlocutor. __ Não tenho, por felicidade, nada a ver com essa gente. O que não compreendo, porém, é que necessidade tinha V. Revma., sendo de minha casa como é, de reatar com essa família relações que eu me congratulava de saber definitivamente rompidas.

__ A necessidade que obriga todo e qualquer sacerdote a correr em socorro de uma alma que julga em perigo. Não foi uma simples visita que fiz a Nora Carsten; foi um conselho e um auxílio que lhe fui oferecer para cumprir, como mo ordenava o meu dever, a promessa feita outrora a uma agonizante, cujo amor maternal ma confiava moralmente, promessa que, por mercê de Deus, creio ter chegado a tempo de cumprir eficazmente.

__ Sim, sim, sim, mas nem com esse auxílio eficaz e esse belo conselho deixou ela de se exibir em público! __ Tornou a condessa num tom incisivo. __ Eu nunca me fiz sobre essa rapariga as ilusões que V. Revma. ainda ingenuamente se faz. Não tenho a sua candura de alma e considerei sempre o ativismo como coisa muito séria e muito perigosa. Tal pai, tal filha: eis a minha opinião! Quanto às virtudes de que queira gratificar a estrela do Carsten-Circo, dependem unicamente do seu modo de pensar; faça como lhe aprouver. O que não sei, porém, é o que hei de fazer do coitado de meu filho. Não reparou como se fez pálido e taciturno, assim que tocaram nela? É absurdo de sensibilidade aquele rapaz. Chego a ter pena de que ele não se tivesse demorado mais tempo no estrangeiro!

__ Não tenha pena do que não lhe merece pena, sra. Condessa. __ Respondeu com decidida gravidade o preceptor. __ E sobretudo não intente fazer coisa alguma. Tudo o que se tem feito até agora só contribuiu para duas coisas: tirar a saúde de seu filho e fazer uma infeliz. Convença-se de que, sempre que nos empenhamos por todos os meios e modos em evitar uma desgraça, caímos geralmente em outra maior. Deixemos a Deus o cuidado de dirigir os acontecimentos.

A condessa levantou irreverentemente os ombros, num movimento de impaciência incontida, como para significar o pouco caso em que em todo este negócio tivera sempre as insignificantes opiniões de seu inexperiente preceptor.

*   *   *   *   *



Há entre nós um abismo tão profundo
que não há ponte que o possa atravessar.

MEU Deus, quando acharei eu tranquilidade? __ Perguntava-se ansiosamente Curt durante as longas horas da noite que se seguira à desastrada conversação do hall. Sob o pretexto de sua renitente fadiga de convalescente, retirara-se logo após o jantar, mergulhando Lily em abismos de suposições acerca do que lhe poderia ter feito mal, e desolando particularmente a mãe, que via

nessa retirada mais uma confirmação do que lhe dissera o preceptor: “Curt ainda não esquecera!”

No dia seguinte, porém, ele achava-se de pé aos primeiros albores da manhã, instalado no seu habitual cantinho do hall, ainda mais abatido de corpo e espírito por essa interminável noite de vigília, cujas extenuantes reflexões recomeçavam agora ali, no silêncio da casa adormecida, entre as plantas virentes, que a viração matinal agitava imperceptivelmente.

Recostado no canapé, Curt entregava-se com o desânimo de um vencido à amargura de seus contraditórios pensamentos. Tudo o que Franz e os amigos de Nickel haviam dito a respeito dela gravara-se-lhe indelevelmente na memória, torturando-o, mau grado seu, de um modo inexprimível, e mais ainda o tom com que comentavam.

A “Carsten” ... a “Carstenzinha”... era assim que a designavam, com o atrevimento de quem nada mais tem a respeitar nela, com a sem-cerimônia com que designariam uma estrela de café-concerto ou uma atriz de alcáçar. E o que haviam dito?! ... Todas essas histórias que faziam da vida dela o divertimento equívoco do público e que lhe devassavam a intimidade, atirando ao comentário irônico da turba o que mais recatadamente devia ser do domínio exclusivo da família e dos amigos.

Curt indignava-se por sofrer ainda com tudo isso; indignava-se por nada saber para contradizer as insinuações daqueles homens; indignava-se furiosamente contra ela por ter dado lugar a essas perniciosas maledicências, que lhe enxovalhavam para sempre o nome e a reputação.

O preceptor, esse desconcertante preceptor, com que gravidade, com que respeitosa compaixão falara dela, com que convicção a defendera! Provavelmente devia estar informado acerca de Nora muito melhor do que todos o supunham, e desde que falara em “destino cruel”, é porque sabia do que a levara a tomar semelhante resolução.

Por que não lhe falara ele? Por que não a condenava como toda gente e por que tomara, para falar nela, aquele ar enigmático que intrigara a Curt mais do que tudo? Não seria mais simples dirigir-se a ele e perguntar-lhe tudo numa expansão d'alma que o aliviaria para sempre do peso de todas aquelas dúvidas e do suplício dessas intermináveis incertezas?

Mas o orgulho detinha-o. O orgulho envergonhado de mostrar a alguém, mesmo a esse dedicado amigo de sua infância, o quanto ainda queria bem àquela ingrata e indigna criatura. Era-lhe intolerável pensar que um olhar estranho lhe pudesse penetrar no íntimo do coração e compreender de quanta fraqueza e de quanta miséria
era ele feito.

E depois, para quê? Mesmo que ela fosse inocente - hipótese inadmissível! - de todas as aventuras que lhe atribuíam, não estava ela irremediavelmente perdida depois daquela estreia fatal no circo? ... Poderia ele, conde Degenthal, dar sua mão e seu nome a uma dançarina de circo, sobre cuja virtude corriam as mais desencontradas e desagradáveis versões?

Era impossível! ... E Curt desesperava-se com a raiva impotente de haver lutado tanto, de haver cometido tantas loucuras

por causa dela; de haver projetado, sonhado e padecido tanto, tanto, para chegar afinal a esse miserável e irrisório resultado.

Um pequeno ruído, vindo nesse momento da sala de verão, fez-lhe voltar a cabeça; alguém aproximava-se devagarinho por entre as palmeiras. Curt endireitou-se no canapé e por um supremo esforço de vontade conseguiu dar à fisionomia uma expressão indiferente, fosse quem fosse, não queria que ninguém lhe pudesse surpreender a agitação interior. Qual não foi, porém, sua surpresa, quando viu aparecer Lily, que se dirigia deliberadamente para ele com o ar de uma criança assustada.

__ Bons dias, Curt! __ Disse-lhe ela num sorriso um pouco acanhado, estendendo-lhe a mão, que ele beijou afetuosamente. __ Não te sentes hoje melhor? ...Assustaste-me ontem muito; cheguei a ter receio de uma nova recaída e levei parte da noite a pensar no que poderia ter-te feito mal. Acho-te hoje com melhor aparência.

__ Estou bom, Lily, inteiramente bom! __ Respondeu Curt, apertando afetuosamente a mãozinha fina que conservava na sua. __ Peço-te desculpa do susto que te causei sem querer; foi apenas um pouco de cansaço. És muito boazinha para te preocupares com um aborrecido como eu. Mas o que não posso compreender é como advinhaste que estava aqui. És de ordinário assim tão madrugadora?

__ Oh! Eu nunca me levanto muito tarde; sabes que os negócios de uma dona de casa... __ Respondeu a menina com aquele ingênuo ar de importância que tomava sempre ao referir-se aos seus deveres de proprietária. __ Hoje, porém, confesso que me excedi! __ Continuou preocupadamente, pegando num tamborete e sentando-se junto ao primo __ Precisava falar-te, e, não sei por que,

qualquer coisa me dizia que havias de estar aqui. Essa qualquer coisa não me enganou muito, como vês! ...Curt! __ Prosseguiu depois de ligeira hesitação, baixando os olhos e fazendo-se muito corada. __ Eu... eu tinha que pedir-te um grande favor. És tão amável para comigo, que eu tenho a certeza de que não mo recusarás. Queria que sacrificasses uma de tuas manhãs para me acompanhares numa viagem... Oh! muito curta, tudo o que pode haver de mais curto, mas numa viagem que faríamos sem tua mãe o saber.

A fisionomia de Curt exprimiu sem rebuços a mais evidente contrariedade, a par de uma surpresa que o deixava sem palavra ante o inesperado deste pedido.

__ Uma viagem... __ Disse afinal com languidez. __ Aonde, menina? Não sabes o quanto me custa ainda empreender qualquer exercício?!

Lily, que desde a véspera levara todo o tempo a pensar naquele pedido e que esperava resposta muito diversa, levantou para ele os olhos consternados. Seu pequeno semblante rosado exprimiu a mais clara, a mais desolada das decepções.

__ Pensei que um passeio de carro por este lindo tempo não te poderia fazer grande mal! __ Murmurou num tom um pouco ressentido. __ Mas se te fadiga... __ Acrescentou, fazendo um gesto de resignação contristada, pronta já a desistir de seu pedido.

Curt compreendeu que havia sido pouco delicado. Era o primeiro pedido que a menina lhe fazia depois daqueles longos dias de tão constante e carinhosa dedicação; realmente seria roçar na grosseria recusar o quer que fosse à sua infatigável enfermeira. E,

para desfazer a má impressão de sua resposta, Curt redobrou de galanteria.

__ Estou inteiramente a teu dispor, priminha! __ Disse-lhe a sorrir, levando novamente aos lábios a mãozinha abandonada. __ Faze de mim o que quiseres. Um passeio contigo só poderá fazer-me bem; com tão graciosa companheira, seria capaz de ir até ao fim do mundo sem me fatigar.

O rostinho de Lily iluminou-se de satisfação; por isso, não se fez de rogada para aceitar-lhe o oferecimento.

__ O passeio revigorar-te-á, Curt! __ Tornou com vivacidade expansiva. __ Ponho, não obstante, uma condição formal à realização dele: tua mãe ignorará tudo. Tia Clotilde é muito boa, mas muito rigorista. Se lhe fosse pedir licença para sair sozinha contigo, diria logo que não; é preferível, pois, não lha pedir. Assim não se poderá queixar de que lhe desobedeci. Ela não deve, pois, saber coisa alguma e tu também não, aliás, meu caro! ...Porque tens que acompanhar-me sem saber absolutamente aonde me levas, ou antes, aonde te levo. Sim, senhor; ou bem se confia numa pessoa, ou bem não. Tu me prometeste que irias; não podes faltar à tua promessa.

__ Mas, Lily, isto é um absurdo! __ Protestou Curt, rindo da animação da menina. __ ...E eu seria um maluco se me fosse confiar assim às cegas à direção de tua pequena cabeça empreendedora. E depois, tudo isto tem um ar de mistério que...

__ Não há quê nem porque, meu conde; prometeste, cumprirás! E ainda por cima guardarás um segredo sepulcral. Tenho a tua palavra!

E, levantando-se, a menina acrescentou:

__ Iremos amanhã; diremos a tia Clotilde que tenho negócios a tratar, e a vitória será muito suficiente para nos transportar. Até amanhã, meu cúmplice, e... caluda.

Com uma reverência gentil, a menina retirou-se, fazendo ainda de longe um sinal de silêncio a Curt, perplexo e bastante contrariado com estas fantasias, cujo objetivo não alcançava.

Como sabia, porém, que Lily era incapaz do quer que fosse de menos correto, resolveu não se incomodar com os resultados do que reputava mera brincadeira de criança. A condessa não deixou de opor algumas objeções, quando, na tarde do mesmo dia, a sobrinha foi anunciar-lhe que, precisando fazer uma expressão por causa de uma questão de propriedades nos arredores, reclamava a companhia de Curt.

Os preconceitos de educação da condessa não admitiam que uma donzela saísse só com um rapaz, mesmo invocado o paliativo do parentesco; mas com tudo que contribuísse para estreitar a intimidade de Lily com o primo entrava nos planos da condessa e como percebesse que a menina estava muito disposta a passar sem sua licença, teve que aquiescer, mau grado seu.

Na manhã seguinte, pois, dando a seus hóspedes o mesmo pretexto que à tia, Lily deixou Goehlitz em companhia de Curt. Levava na alma uma alegria triunfante, e essa alegria dava-lhe uma aparência tão animada e juvenil, que o próprio Curt reparou nisto.

__ Pareces ter quinze anos, priminha! __ Disse-lhe num galanteio, sentando-se ao lado dela na vitória que os devia conduzir ao misterioso destino, cuja direção Lily comunicou ao cocheiro em voz baixa.

A menina sorriu sem responder, e este sorriso embelezou-lhe ainda mais o semblante risonho, todo cor de rosa sob a transparência da grande echarpe cinzenta, que lhe envolvia o feltro do chapéu de viagem, cobrindo-lhe a meio, o rosto franzino.

Lily vestia-se com particular esmero. Calçava botinas de camurça cinzenta, do mesmo cinzento que as luvas e o espartilho, que lhe adelgaçava elegantemente o talhe já de si delgado. O casaco curto abria sobre uma blusa de gaze também cinzenta, à qual um cordão de pérolas em torno da gola dava a nota de luxo que a simplicidade do traje requeria, e em todo esse cinzento, talvez um quase nada triste, sobressaltava admiravelmente o rosado incomparável de Lily.

Agora já te posso dizer pouco mais ou menos aonde pretendo levar-te. __ Decidiu-se Lily a dizer, levemente amuada por ver que o primo não mostrava desejo de o saber. __ Vamos a Viena! __ Continuou depois de uma pausa, durante a qual lançou de esguelha um olharzinho a seu impassível interlocutor, prolongando um bocadinho o silêncio, para ver se lhe espicaçava a curiosidade. __ A Viena, aonde conto chegar daqui a duas horas, se os cavalos não desmentirem a boa fama das cavalariças de Goehlitz. A manhã está tão fresca e linda, que acho impossível fazer-te mal este passeio, não é verdade?! Mas, para voltar, acho preferível o comboio; é mais rápido. O carro esperar-nos-á à estação; poderemos, assim, estar aqui para o chá. Não te parece que o programa da viagem ficou assim perfeitamente organizado?

Curt aquiesceu com um monossílabo e um sorriso; passara mal a noite, remoendo ideias tristes, sentia-se fatigado até para falar. Lily teve, pois, que sustentar só a conversação, que rolou

sobre os acidentes do passeio; como, porém, os acidentes não eram aos milhares e eles passavam por lugares já muito conhecidos, em pouco
Tempo os assuntos esgotaram-se, tanto mais que a menina estava visivelmente preocupada. Assim, o resto do passeio fez-se quase em silêncio, qual deles mais imerso em seus próprios pensamentos, e tão absortos iam ambos, que fizeram um movimento de espanto, quando o carro parou ao portão monumental que as armas de Degenthal encimavam fidalgamente.

Estavam no velho solar que a condessa nunca deixava inteiramente abandonado, fazendo conservar nele alguns aposentos sempre abertos e preparados, caso lhe viesse a ideia de vir de repente à capital. O porteiro e um lacaio estavam encarregados da limpeza da casa e de receber os hóspedes que por acaso chegassem.

Foi com esse lacaio que a condessinha teve uma misteriosa conferência antes do almoço preparado à pressa pelo porteiro - conferência que teve como resultado uma saída precipitada do criado e um não menos precipitado regresso, trazendo um bilhetinho para Lily!

Curt, que ainda não tornara a Viena desde a sua partida cinco anos antes para a Turquia, nada percebera desses manejos, imerso como estava na onda saudosa das reminiscências, cujo bando obsidente ele procurava debalde afugentar, e que entristeceram um pouco o tête-à-tête dos dois primos, embora Lily se esforçasse por manter a conversação num diapasão muito animado. Terminada a refeição, como Curt começasse aborrecidamente a perguntar a si mesmo se a prima o tinha realmente trazido a Viena só para passar

com ele o dia numa solidão que já o fazia bocejar, a menina apareceu de chapéu na cabeça, calçando as luvas, pronta para sair.

__ Curt! __ Disse-lhe com aquele misto de acanhamento e autoridade com que sempre lhe falava. __ Creio que já repousaste suficientemente, não? ... Poderemos cumprir agora a segunda parte do meu programa. Como OS cavalos estão um pouco fatigados com o passeio, deixaremos que descansem, indo a pé; não fica muito longe aonde pretendo chegar, e o tempo convida ao exercício. Não te contraria acompanhar-me, não é verdade?!

__ Estou inteiramente às suas ordens, condessa! __ Respondeu ele, pondo-se de pé e fazendo-lhe uma reverência de mordomo, na convicção formal de que a menina o conduziria a algum armazém, onde lhe pediria com muito segredo que a auxiliasse na compra de agumas prendas para algum cotilhão, com que contava surpreender os hóspedes de Goehlitz.

Saíram a pé pelas ruas cheias de movimento e, enquanto Lily tomava resolutamente o rumo a dar ao passeio, Curt, numa enervação crescente de emoções contraditórias, afundava-se com estranho prazer na amargura de suas recordações. Como ainda se lembrava! ... A última vez que pisara assim o asfalto da cidade, fora há cinco anos, quando, a despeito da proibição materna, procurara Nora no hotel.

Partia para Constantinopla, precisava despedir-se dela. E recordava até agora, com uma surpreendente nitidez de pormenores, a expressão de súplica e receio com que ela lhe pedira que não partisse para o estrangeiro.

Parecia ter o pressentimento do que ia acontecer; tinha medo da distância. Como tivera razão! ... Como teria tudo sido diferente,

se ele não se houvesse afastado, não a tivesse deixado tão desprotegidamente abandonada!

__ Chegamos! __ Disse de repente Lily, parando à porta de um dos mais afamados hotéis da capital. __ E, como tenho que dizer duas palavras muito em particular a uma pessoa hospedada aqui, rogo-te o favor de ires dar uma voltinha lá por fora. Dentro de meia hora poderás vir buscar-me.

__ Mas, Lily... __ Ponderou Curt, arrancado afinal de sua cisma por esta desconcertante manifestação de independência. __ Eu não posso consentir em semelhante loucura! ... Quem vais procurar nesse misterioso rendez-vous? ... Não queres dizer-mo? Que faria minha mãe, se soubesse que te deixei sozinha num hotel onde se acotovelam os mais disparatados espécimes do estrangeiro em viagem, sem sequer saber a quem pretendes dirigir-te? ... Isto não tem cabimento, Lily; tenho a minha responsabilidade de primo a salva-guardar e poderia muito bem proibir...

__ Os primos não têm o direito de proibir coisa alguma! __ Replicou a menina num riso de desafio que era talvez a exprobração por ele ser ainda só primo. __ Não tens confiança em mim, Curt? __ Continuou com um sorriso e um olhar meigamente suplicantes. __ Prometo-te que só me demorarei meia hora. Que mal pode fazer meia horazinha? ... Quando voltar, contar-te-ei tudo, dou-te a minha palavra. E depois, sabes, meu bom Curt, tu prometeste. Além disso é a primeira coisa séria que te pego desde o teu regresso!

Curt hesitava; as conveniências opunham-se formalmente a que acedesse, mas estava tão capacitado da inocência das relações da prima, que acabou por ceder, dizendo-se que, afinal de contas, já

lhe fizera a vontade até ali, e meia hora de liberdade não lhe poderia causar grande dano.

__ Daí a meia hora, pois! __ Concordou, tirando o relógio do bolso. __ Nem um minuto de menos nem um minuto de mais. Se não apareceres, entro no hotel e faço queixa à polícia por crime de conspiração.

Lily riu-se e, subindo rapidamente os degraus da escada, ainda se voltou para lhe fazer de longe um aceno de amigável agradecimento. Curt pôs-se, pois, a passear pelas proximidades do hotel, mau grado sua preocupação sobre o que estaria fazendo lá dentro aquela criança. A meia hora custou a passar, embora tentasse distrair-se com o espetáculo do movimento das ruas. Ao cabo desse tempo, dirigiu-se para o hotel e, apenas deu alguns passos no hall, viu surgir no fundo do salão o véu cinzento de Lily. Fora irrepreensível na pontualidade.

__ Então... __ Disse-lhe num gracejo, tomando-lhe o braço e saindo com ela para a rua. __ Terminou afinal a conspiração, Mlle. Mistério? ... Já se pode saber ... Mas que te fizeram, Lily... Choraste? __ Perguntou com ansiedade, reparando só então no vermelho anormal das faces e dos olhos da menina, e curvando-se para ela, tomou-lhe afetuosamente a mãozinha, trêmula ainda de uma emoção que ela debalde procurava disfarçar.

Lily levantou para ele os olhos úmidos e tentou sorrir; foi como um raio de sol numa paisagem de inverno.

__ Dir-te-ei tudo em casa! __ Respondeu rapidamente tomemos um carro para abreviar o caminho.

Durante o curto trajeto, permaneceram ambos silenciosos. Lily olhava a rua numa distração propositada e Curt observava-lhe

inquietamente a fisionomia. Chegaram por fim, e, depois de instalados na sala de fumar, a menina tirou sossegadamente o chapéu e as luvas.

__ Curt... __ Começou, arranjando muito cuidadosamente o penteado no espelho da chaminé, como para dar-se tempo de tomar uma atitude. __ Agradeço-te em primeiro lugar a benevolência com que me acompanhaste e principalmente não me teres feito perguntas, contendo desta forma uma curiosidade muitíssimo justificada pelo
enigma do meu proceder. Posso agora dizer-te tudo! __ Continuou lentamente, como se a atenção que era obrigada a dispensar ao cabelo a distraísse um pouco do que dizia, mas observando a furto no espelho a fisionomia atenta do primo.

__ Fui procurar... Nora Carsten.

Curt fez-se pálido até aos lábios, estremecendo como se o houvesse ferido um raio.

__ A... a do circo? __ Perguntou num tom tão perturbado, que fez vivamente voltar Lily, um pouco assustada com o efeito de sua confissão.

__ Sim, a do circo! __ Confirmou ela, cravando em cheio seu claro olhar perscrutador no semblante desfigurado que a contemplava quase com fúria.

__ Mas que tens tu que ver com semelhante gente, Lily? Quem te autorizou a uma loucura desta ordem? Perdeste por completo o juízo! __ Atalhou Degenthal, pondo-se de pé, numa agitação que lhe fazia perder todo o comedimento.

Lily não perdia uma só das expressões da fisionomia do primo; esta zanga súbita parecia consterná-la, e como não queria que ele

suspeitasse nem de leve o motivo que a impelira aquele golpe de audácia, dispôs-se a dar-lhe explicações, fazendo-se tanto mais submissa e meiga, quanto mais feminilmente se propunha iludi-lo.

__ Curt, não te zangues comigo... __ Implorou baixando os olhos e tomando uma expressão de criança medrosa. __ O passo, que te parece tão inconveniente à primeira vista, tem muitas justificativas. Como sabes, fui companheira de Nora Carsten. Naquele tempo não sabia a origem dela, mas parecia-me uma criatura à parte, tão cheia de decisão; de iniciativa, em comparação a mim, que era a timidez personificada. Era a primeira do colégio nos estudos, como era a primeira em todas as festas; tinha uma influência enorme. Todas a invejavam pouco mais ou menos; eu tinha por ela uma admiração sem limites. Já nessa época era bonita. A superiora protegia-a muito;
não obstante isto, Nora era boa! Livrou-me inúmeras vezes de “pitos”, que me aterrorizavam; ensinava-me as lições; não permitia que as outras fizessem comigo brincadeiras que me molestassem, e, quando me via triste, tomava-me a mão e dizia-me, com uma expressão de que ainda hoje me lembro: “Fala-me de casa, Lilyzinha; isto há de aliviar as saudades”. Estas coisas não se esquecem. A vida separou-nos; depois da saída do colégio, nunca mais nos encontramos, e só ouvi falar nela naquela noite do cotilhão, lembras-te? ...Soube pelos jornais que ela se fizera artista; logo imaginei que algum motivo sério a impelira a isto. Disseram-me depois tanta coisa... tanta coisa... Mas eu fui sempre das que reputaram Nora irrepreensível. Outro dia, quando discutiam a respeito dela, veio-me um desejo louco de tornar a vê-la. Por ela não ter a felicidade de pertencer a um meio respeitável, não se

segue daí que eu a desdenhe. O ar grave e enigmático com que o sr. preceptor a defendeu intrigou-me; quis passar tudo a limpo e saber se certas coisas, que me insinuara Mitzy, tinham ou não fundamento. Se tivesse pedido a tia Clotilde permissão para a visitar, tenho a certeza de que ela ma recusaria indignada, e se te tivesse dito a ti o que intencionava, tenho a certeza também de que não me terias acompanhado; resolvi, pois, agir sozinha... e creio não me ter saído mal da empresa. O sr. preceptor disse que ela era infeliz; conjeturei que a visita de uma antiga amiga de colégio havia de fazer-lhe bem por força, e vim consolá-la, que outrora me consolou tanta vez. Achas que fiz mal, Curt? Estas amuado comigo? __ Terminou Lily, numa interrogativa cheia de ansiedade, lançando ao primo um olhar penetrante através da franja semibaixa dos cílios louros.

Curt não respondeu logo; sentou-se junto a uma mesinha apoiando a testa na mão, parecia refletir profundamente.

__ Tens um coração de ouro, Lilyzinha! __ Disse por fim, num timbre de voz fatigado e baixo. __ Não serei eu quem te desaprove. Quanto ao bom conceito que dela formas, creio que é ainda teu bom coração que te ilude.

__ Oh! Curt! tu não estás zangado comigo?! __ Tornou a menina num verdadeiro grito de alívio. Não fazes ideia de como isto me alegra... O que a tia Clotilde poderia dizer era-me soberanamente indiferente; mas tu, Curt! Se me tivesses desaprovado, se achasses mal feito o que fiz, não me consolaria nunca! ... Tu nem suspeitas o quanto prezo a tua opinião! ... Quanto a Nora, Curt, creio não me ter enganado. O sr. preceptor tem razão; ela não é o que dizem. Recebeu-me com uma dignidade

inexcedível; custou-lhe um pouco a reconhecer-me; mas, quando lhe disse meu nome, quase chorou. Pobre Nora! Não sei por que, pareceu-me muito infeliz. Deve representar hoje, coitada! ... Quando lhe disse que tu me acompanhavas, perguntou-me se já estavas curado de todo. Lembra-se ainda de te conhecer em pequeno em Genebra; não quis, porém, que te fizesse subir por coisa alguma. Não calculas como é linda, e não calculas também com que emoção me agradeceu minha visita. Imagino que as outras colegas lhe tenham feito alguma desfeita por causa da profissão que adotou. Ficou-me tão reconhecida!

Lily falava com extrema ansiedade, e, para um observador mais atento do que o primo, esta ansiedade parecia anormal; era evidente que a menina só relatava a metade da verdade; o fundo mesmo do que entre ela e Nora se passara guardava-o ela para si, encobrindo sob essa verbosidade o que não queria que ele percebesse. Para Curt, porém, ela podia dizer o que dissesse, discorrer como quisesse, que ele não a ouvia! Estava fora de si, e no turbilhão de ideias que o assaltavam só uma coisa sobressaía nitidamente: Nora, sem que a procurasse, saía-lhe novamente no caminho! Seria isto o dedo da Providência que, querendo-os um para o outro, tão insidiosamente os tornava a reunir? ... deixaria ele escapar esta única ocasião de aclarar tudo, de destruir para sempre todas as dúvidas más, de acabar de uma vez com todas as incertezas, como o fizera no comboio? ... Era impossível!

Evidentemente o acaso trabalhava por eles, e essa inocente Lily fazia-se o instrumento inconsciente desse complacente acaso; urgia aproveitar o tempo e a ocasião.

A donzelinha começava a inquietar-se desse longo silêncio e contemplava o primo com os olhos cheios de hesitação; decidiu-se afinal e, aproximando-se dele, pousou-lhe a mão no ombro:

__ Curt! __ Principiou com doçura, inclinando-se para ele. __ Tu te aborreceste, não é verdade?!

__ Não me aborreci, não, louquinha. __ Replicou ele, descobrindo o rosto ainda muito pálido, mas que um sorriso indulgente iluminava. __ Simplesmente não posso deixar de dizer-te que cometeste uma grande imprudência. Enfim... o que está feito está feito; não falemos mais nisso. Agora eu é que preciso sair! __ Acrescentou, levantando-se e consultando o relógio. __ Tenho necessidade de procurar um amigo, e como nos restam duas horas antes da partida do comboio, peço-te licença para deixar-te só. Não me demorarei mais de uma hora; prometo-te...

__ Oh! Demora-te quanto quiseres, Curt, contanto que não nos faça perder o comboio; visto que não estás aborrecido, vai tudo às mil maravilhas. Porque nós estamos tão bons amigos como dantes, não é verdade?

__ Amicíssimos! __ Replicou o jovem, acentuando a palavra com uma exageração cômica e, antes que Lily pudesse fazer um gesto só de protesto, chegou-a fortemente a si, dando-lhe na testa um beijo rápido. Ainda ela não voltava da surpresa que lhe causou esta imprevista carícia, e já Curt desaparecia, galgando a escada e atravessando o vestíbulo a correr.

Que pretendia ele? Que iria buscar? ... Não o sabia ao certo, sentia simplesmente que um impulso superior à sua vontade o impelia para o hotel onde se achava Nora, e que qualquer coisa de

indizivelmente persuasivo lhe segredava: é preciso aproveitar a ocasião e não perder tempo.

__ Miss Carsten? __ Indagou do gerente com tal expressão de pressa e de aflição que fez com que o digno homem o qualificasse de maluco; e, como este lhe apontasse para o primeiro andar, desprezando o elevador, galgou a escada com a velocidade de uma seta.

A porta do salão particular da jovem artista achava-se entreaberta. Curt não se deteve em admirar o luxo desses aposentos dignos de uma rainha, nem em fazer reflexões acerca do preço exorbitante que tudo isto devia custar; sentia o coração saltar-lhe literalmente do peito; não se deu ao trabalho de bater, empurrou resolutamente a porta e entrou.

__ Curt! __ Exclamou Nora, num grito abafado, reconhecendo, ao voltar-se, o inesperado visitante que assim lhe forçava a porta.

__ Conde Degenthal... __ Repetiu com assombro, fazendo um esforço supremo para dominar a vertigem que a fazia vacilar e lhe turbava a vista de uma névoa. Para não cair agarrou-se desesperadamente ao encosto de uma cadeira; estava tão pálida que parecia ir morrer, e as mãos, que apertavam esse encosto, tremiam convulsivamente.

__ Conde Degenthal! __ Disse, entretanto, depois de um minuto de palpitante silêncio, num tom que queria ser glacial, mas a emoção tornou vibrante como um desafio. __ Quem lhe deu o direito de entrar aqui?

Curt, absolutamente desconcertado pela altivez dessa atitude, deu dois passos para a frente, tirando o chapéu, e foi diante dessa

pálida e elegante mulher, em quem ele desconhecia a antiga Nora, que começou a sentir toda a irreflexão, toda a insensatez de seu ao.

Nora estava vestida para sair; quando ele entrou, acabava mesmo de ajeitar ao espelho o grande chapéu verde escuro, que lhe deixava o rosto claro em um tão lindo sombreado. Nessa elegante *toilette*, de uma elegância a um tempo sóbria e original, a donzela parecia mais fina ainda; seu talhe esbelto tinha a flexibilidade dum junco, sob as pregas desse vestido verde-limo, que a moldava como uma luva, e na sombra do amplo chapéu, onde duas brancas asas de gaivota punham uma nota alada, seu delicado semblante parecia esbater-se em tom leve, afinar-se ainda mais uma expressão de tristeza amargurada que a tornava irresistivelmente tocante.

__ Tem razão, minha senhora... __ Conseguiu finalmente dizer Degenthal, com uma voz que a emoção estrangulava. __ Eu não tenho direito algum de forçar-lhe a intimidade, nem mesmo sei se... Oh! Nora... __ Continuou num ímpeto, correndo para ela, vendo que ela cambaleava, e travando-lhe arrebatadoramente as mãos. __ Não foi você mesma que me tirou este direito?! Não foi você que, por sua conduta inqualificável, rejeitou para sempre meu amor, pronto a todo sacrifício? ...Não foi você que faltou às promessas que nos uniam? Nora, Nora, como está culpada! ... E por que, meu Deus, por que? ...Por uma desprezível satisfação de vaidade!... Se soubesse quanto sofri, quanto inutilmente me amaldiçoei por não poder esquecê-la... Ah! se eu pudesse odiá-la, se eu pudesse odiá-la...

Curt largou bruscamente as mãos que minutos antes apertava com frenesi nas suas. A donzela não respondeu a esta apóstrofe veemente; deixou-se cair sobre a cadeira, fitando no jovem dois

olhos cheios de uma infinita desolação. Quando ele parou, sufocado pela violência dos sentimentos que o agitavam, ela escondeu silenciosamente o rosto nas mãos e pôs-se a chorar. Era um choro sossegado, quase calmo, que lhe sacudia apenas os ombros, em soluços espaçados, mas era tão triste esse choro e havia tanto desespero, uma tão funda e sincera mágoa na maneira singela como ela chorava, que Curt, perplexo, não sabia que fazer. Esperava que ela o repelisse, que tentasse desculpar-se, que se indignasse, que protestasse, mas o que jamais poderia esperar eram aquelas lágrimas de inexprimível desânimo, que sentia virem do âmago mesmo de uma alma irremediavelmente ferida; lágrimas de vencida, em que se afogavam numa onda de intraduzível amargura todas as barreiras do amor-próprio, todas as falsas energias da dignidade, todas as mesquinhezas do rancor, tudo o que outrora constituíra o orgulho dessa criatura, que numa grande rajada de sinceridade e por essas lágrimas tão tristemente derramadas se confessava ali para sempre vencida.

__ Nora... __ Murmurou Curt, aproximando-se um pouco, mas não ousando tocar-lhe de novo as mãos. __ Diga-me como devo interpretar essas lágrimas? Fui talvez cruel ainda há pouco; mas havia tanto... tanto tempo, que sofria em silêncio! ... Você não imagina quão profundamente me feriu a sua traição à palavra dada! Depositava em você tamanha confiança.. Tinha tal certeza de que jamais contrariaria meu pedido! ... Não sei como não morri... Oh! Nora! __ Acrescentou num novo assomo de violência, que debalde procurava dominar. __ Por que fez você isto? Não compreendeu, não pensou um instante que, desde o momento em que aparecesse em público, estaria tudo acabado entre nós? Como não refletiu que

um Degenthal não poderia de modo algum dar a sua mão e seu nome a uma atriz, a uma cavaleira de circo, cuja rotação anda exposta a todos os comentários? ... Nora, Nora, foi você a única culpada! ...Se outrora perdi quase a vida, se expatriado levei anos a procurar lenitivo a uma dor que me consumia a saúde e que arrebatou para sempre a alegria e o orgulho de minha mocidade, se eu não sou hoje mais do que um doente incurável, um ser de descrença e de tristeza, a quem o devo senão a esse amor que foi
a desgraça e a vergonha de minha vida!

Nora descobriu lentamente o rosto; marejados de lágrimas, seus grandes olhos, de um transparente azul entre a seda negra das pestanas, tinham um brilho úmido e claro, um brilho de pedra preciosa que um raio de sol ferisse.

__ Não fale mal de nosso amor, Curt! __ Disse com uma dignidade triste, em que soava, contudo, uma exprobração. __ Não fale mal desse sentimento que foi a mais abençoada alegria de minha adolescência. Você não tem o direito de o amaldiçoar; você condenou-me sem me ouvir. Você arredou-o de sua vida sem hesitar.

Curt sentiu a justiça destas palavras; a donzela pronunciara-as sem ênfase, com uma singeleza que lhes garantia a espontaneidade, e como levantasse para ele seus lindos olhos de uma tão dorida e amorosa expressão, compreendeu, como o compreendera no comboio e como o compreendia sempre que diante dele lhe pronunciavam o nome, compreendeu que era ela, só ela que ele amava, e que unicamente nela residia o que ele podia chamar felicidade na terra.

Não quis, porém, dar-se por vencido, e num tom de violência reprimida, replicou, tomando-lhe outra vez arrebatadamente as mãos:

__ Olhe para mim, Nora; veja o estrago que fizeram em mim todos esses longos anos de doença e de luta interior! Não é a esse amor que devo ser hoje um doente, um eterno doente, que nada mais na vida pode eficazmente reanimar?

A donzela contemplou-o detidamente, e diante da palidez, da magreza, do avelhantamento, e principalmente da tristeza expressa nas linhas dessa fisionomia que ela conhecera tão resplandecente de vida e de saúde, um imenso enternecimento a venceu. Não achou uma palavra de réplica; tudo o que levara anos a acumular amargamente contra ele - indignação, ressentimento, rancor, tudo se fundiu numa pena imensa de ter sido afinal a causa dessa tão significativa mudança, e, como Curt se inclinasse para ela, apertando-lhe com força as mãos prisioneiras, deixou cair-lhe no ombro a cabeça abatida e, aconchegando-se a ele, como se achasse ali o refúgio há tanto tempo procurado, pôs-se de novo a chorar silenciosamente.

__ Oh! Curt, Curt... __ Soluçou baixinho, numa queixa pungente. __ Por que me deixou aqui sozinha?

__ Eu estou aqui, Nora, estou aqui! __ Repetia Curt, que, profundamente comovido, a estreitava apaixonadamente ao peito. E nesta repetição, onde punha toda a sua alma, era como se lhe assegurasse para sempre uma proteção e um abrigo, como se lhe prometesse com sua presença afastar dela tudo que a fizera chorar até então.

__ É tarde, Curt; demasiado tarde! __ Respondeu Nora entre lagrimas. __ Há tanta coisa entre nós... tantos anos de silêncio e de rancor... tanto preconceito... tanto irremediável! ...Ninguém pode hoje fazer de mim o que fui outrora, ninguém conseguirá apagar do meu passado essa estreia do circo, que nos separa mais do que tudo! ... Ninguém tem o poder de nos restituir a ambos, intacta e forte como dantes, a confiança recíproca, que era o mais sagrado elemento de nosso afeto. Você não pode mais confiar em mim, Curt; nunca mais! ... E eu pergunto-me, agora, por que veio você, por que veio, se já não pode fazer mais nada por mim...

__ Vim para recuperar o tempo perdido, para reaver os meus direitos, para poder de novo chamá-la minha Nora! __ Exclamou o mancebo, com uma impetuosidade que lhe fazia perder todo o comedimento e toda a prudência. __ Durante esse tempo, esse longo tempo de saudade e de sofrimento, em que tudo empreendi para

Esquecê-la, nada mais fiz do que convencer-me de que a vida sem você não será para mim senão mágoa ou sensaboria. Perdi demasiado tempo, Nora; não quero deixar fugir mais esta ocasião de ter com você as explicações por que tão ansiosamente anelo! ...É preciso que tudo se aclare entre nós, que nada mais subsista das intrigas, desinteligências, ressentimentos, que nos separaram quase para sempre. Mas é necessário que eu saiba, Nora; que eu saiba tudo... por mais duras, por mais humilhantes que sejam as revelações! ... Não me esconda coisa alguma; bem sabe, bem deve sentir que a prefiro a tudo, e que, por mais profundo que seja o abismo cavado entre nós, estou disposto a transpô-lo e fazê-la minha a despeito de todos!...

__ É tarde, é muito tarde! __ Repetiu Nora, desvencilhando-se a meio dos braços que a cingiam e, enxugando os olhos, tornou, com uma expressão de enigmática gravidade: __ Hoje mais do que nunca compreendi que seu destino deve ser outro, meu amigo. Todas as generosas propostas que me faz são filhas de um momento de exaltação ; se lhas aceitasse, arrepender-se-ia mais tarde de me tê-las feito!... Curt, eu não posso já ser tua; eu...

Neste instante um ruído de passos no corredor interrompeu-a. Nora pôs-se de pé como sob o impulso de uma mola, voltando assustadamente a cabeça para a porta entreaberta.

__ Curt! __ Murmurou apressadamente, afastando-o com ambas as mãos, como se receasse que a surpreendessem nessa atitude por demais íntima. __ Dir-lhe-ei tudo em outra ocasião. Agora é impossível... Retire-se, por Deus; não vê que alguém se aproxima? Oh! Esse homem... sempre esse homem! __ Concluiu num misto de repugnância e desânimo, que lhe deu um instante à fisionomia uma acerba expressão.

__ Mas por quê? __ Perguntava Curt, voltando-se também para a porta; nesse momento, porém, o batente entreaberto escancarou-se e Landolfo apareceu no limiar, tendo nos lábios um sorriso de sarcasmo quase diabólico.

__ Ah! É o conde Degenthal! __ Exclamou com superioridade, inclinando-se o suficiente para fazer de seu cumprimento uma impertinência. __ Nora! __ Continuou, dirigindo-se a donzela com familiaridade e fazendo timbre em esquecer o “miss” respeitoso com que de ordinário lhe dizia o nome. __ Creio que são horas de ir para o circo. Seu pai pediu-me que a viesse buscar.

Nora encarou-o com surpresa.

__ É extraordinário que meu pai o tenha encarregado disso! __ Respondeu muito secamente. __ Costumo sempre ir só com Ana.

__ Mas demorou-se hoje mais do que de ordinário. __ Tornou docemente Landolfo. __ O diretor inquietou-se e mandou-me indagar do que a detinha. Se eu tivesse sabido que era uma visita tão agradável... __ Continuou, acentuando as palavras com uma ironia que frisava à insolência. __ Não me atreveria a interrompê-la. Se prefere, contudo, não ir hoje, poderei prevenir a seu pai que se acha ocupada. __ Concluiu, sorrindo com um obséquio zombeteiro e lançando a Curt um olhar provocador.

__ Preveni-lo-ei eu mesma! __ Replicou friamente Nora e, sentindo que era tempo de fazer cessar esta cena, que ameaçava tornar-se desagradável, estendeu a mão a Curt, dizendo-lhe com simplicidade: __ Creia que o sinto, conde Degenthal; mas é tempo de nos separarmos.

Curt tomou nas dele aquela mãozinha gelada e, com uma decisão em que se sentia o propósito de provar a todos que não o intimidavam presenças estranhas, disse, olhando para os olhos da donzela:

__ Eu me retiro, Nora; pois também para mim é tempo de retirar-me. É necessário, porém, que tudo se esclareça entre nós e que eu saiba tudo, seja o que for. Voltarei, pois, um destes dias, conte com a minha visita muito brevemente. __ Terminou, acentuando o “muito brevemente”, como se quisesse confirmar a si mesmo
essa intenção de demonstrar a Landolfo o pouco caso em que tinha suas delações possíveis.

O secretário teve um sorriso de dúvida insolente. Nora viu esse sorriso e com receio de que Curt se ofendesse, querendo evitar entre estes dois homens qualquer questão, repetiu sem confiança, sorrindo um pouco tristemente:

__ Até um destes dias!

Curt apertou-lhe significativamente a mão e, cobrindo-se, passou por diante de Landolfo sem lhe conceder um olhar sequer, como se não lhe suspeitasse a existência, saindo rapidamente o corredor. No patamar da escada voltou-se para vê-la ainda. Nora estava imóvel no limiar da porta, olhando para ele - ah! Curt nunca poderia supor com que infinita amargura!

Ao vê-lo sair, esboçou um gesto de o deter, mas, compreendendo a inutilidade desse chamamento, deixou cair ao longo do corpo seus braços desanimados. Curt sorriu-lhe de longe, levantando o chapéu; foi assim que ela lhe ficou gravada na memória pela última vez, e era assim que ele a devia mais tarde recordar saudosamente. De pé na claridade desse traje escuro que lhe afinava a silhueta, os olhos úmidos de lágrimas derramadas por ele, a sorrir-lhe um pouco... Oh! a sombra tênue de um sorriso... com uma expressão de ternura hesitante na sombra do grande chapéu, sob o qual se idealizava seu claro rosto voltado melancolicamente para ele.

Curt tomou às pressas o carro, que o esperava à porta do hotel, dando ordem ao cocheiro para ir depressa. Embora nada tivesse sabido de certo, embora pouco lhe houvesse adiantado aquela visita, ia satisfeito. Tornara a ver Nora, tivera-a palpitante e comovida entre os braços, ouvira-lhe a voz, sentira-lhe toda a sincera emoção, adquirira a certeza, a abençoada certeza de que,

fossem quais fossem seus erros e suas fraquezas, ele não lhe era, não lhe seria nunca indiferente. Naquele instante bastava-lhe isto.

Achava-se num tal estado de exaltação interior, que estava quase convencido de que a causa da estreia no circo havia sido um dever mal interpretado. E condená-la-ia ele inexoravelmente, só porque ela fora fraca? Não soubera resistir às circunstâncias e à influência dos seus; fora mulher, em suma, nada mais do que uma pobre e abandonada mulher, que os acontecimentos haviam amedrontado. O remorso de a haver deixado sozinha atormentava-o; julgava-se culpado perante ela e, por lhe ter de novo fitado os grandes olhos magoados e ouvido a harmonia da voz, sentia que era ela mesma que ele amava entre todas, e na exaltação da antiga chama renascida, parecia-lhe naquele instante que não havia obstáculos que não vencesse, nem dificuldades que não se aplanassem ante o impulso vitorioso de sua vontade. E para um homem que passara anos supliciado pela dúvida e abatido pela desesperança, aquele momento de desafogo moral era deliciosamente reconfortador.

Ao entrar em casa, Curt foi vivamente surpreendido por uma vozeria, em que sobressaía o timbre argentino da voz de Lily. Com quem conversaria a prima? Impelido pela curiosidade, empurrou a porta entreaberta do salão de fumar e deparou-se-lhe, sentado junto à menina no divã turco, que dava ao aposento uma nota de preguiça oriental, um homem baixo e gordo, cuja lisa cabeça loura contrastava bizarramente com a espessa barba, loura também, a cair-lhe patriarcalmente do queixo. Esse homem parecia muito à vontade com Lily e conversava, fazendo rodar maquinalmente entre

os dedos um exótico panamá. Com a bulha que fez Curt ao entrar, o desconhecido voltou para ele seu barbudo semblante jocoso.

__ Dahnow! __ Exclamou Degenthal, num brado de alegria, reconhecendo-o logo, não obstante a novidade da barba e o moreno do rosto. __ Meu querido Clemente, tu por aqui? __ Continuou, estreitando o amigo num amplexo de irmão. __ É na verdade o dia das surpresas! E que agradável surpresa a de abraçar-te!... Havia tanto tempo... Quando chegaste?... Onde andaste todos esses longos anos? Nunca mais me escreveste, preguiçoso Não te quero mal por isto; sei quanto aborreces a arte epistolar. Que te traz a Viena?

__ Venho “europeizar-me” um pouco, meu Curt. __ Replicou o barão, quando conseguiu desvencilhar-se dos abraços efusivos de Curt, acomodando-se de novo na maciez do divã. __ Há três anos quase quatro, que ando metido com a fina flor da selvageria africana. Embora me sentisse perfeitamente bem no meio desses gentis homens de chocolate, compreendi que necessitava de um banho de civilização. Andei vagando aqui e acolá por essa conhecidíssima Europa; passando por Viena, não podia deixar de vir procurar-te. Tive a ventura de encontrar tua prima, que se deu ao amável trabalho de contentar a minha curiosidade a teu respeito. Soube
de tuas peregrinações orientais e da triste lembrança que tiveste de perder tempo, andando doente todos estes anos. O acaso protegeu-me, fazendo-me escolher para visitar-te o único dia em que te poderia achar. Vejo, porém, que a condessa Lily exagerou um tantinho teus padecimentos; estás com esplendida aparência.

__ Estou com efeito quase bom! __ Declarou Curt rindo, e sentando-se no divã ao lado de Lily.

__ Felicito-te, meu caro; andar doente é uma das contingências tristes a que pode estar sujeito todo homem de bem; mas, durante a mocidade, creio bem que é empregar muito miseravelmente o tempo! Acho-te magnífico, não obstante uma magreza que acharia excessiva, senão fosse tão elegante.

__ Estás realmente muito corado e com uns olhos tão brilhantes! ... Será talvez febre? ... Se este passeio te viesse a fazer mal, teria remorsos para toda a minha vida... Sentes alguma coisa? ... queres repousar? __ Intercalou vivamente a condessinha.

__ Pelo amor de Deus, Lily, não te embaraces com remorsos. __ Respondeu Curt num riso prazenteiro. __ Este passeio foi uma excelente ideia; uma das tuas melhores ideias, priminha; acabou de curar-me. Há muito tempo que não me sinto tão bem! Porque tu não podes fazer ideia, Clemente. __ Continuou, rejeitando num gesto cômico de horror a almofada que ela lhe estendia e, tomando-lhe a mão, mostrou-a ao amigo, como se fora um *bibelot* de valor. __ Tu não podes fazer ideia do que esta mãozinha sabe fazer de meigamente bondoso; tu não suspeitas que tesouros de dedicações e de carinho encerra este pequeno coração. Nós, homens... __ Acrescentou com uma expressão estranha. __ Concebemos dificilmente um afeto tão constante e abnegado; somos uns verdadeiros bárbaros.

Curt dizia isto pensando na delicada e fiel amizade que levara Lily a visitar Nora, dando-lhe assim ensejo de a tornar a ver. A menina, entretanto, compreendeu de outra forma, e, retirando a mão num gesto contrariado, replicou, corando até à raiz dos cabelos:

__ Não digas tolices, Curt!

__ Não me parece tolice o que ele está a dizer. __ Disse Dahnow, olhando alternativamente os dois jovens com essa maliciosa expressão de bonomia cheia de reticências que lhe era peculiar. __ E se o é, creio que ele a disse muito seriamente, condessinha. Começo agora a compreender a doença do nosso Curt; com tão gentil enfermeira também me seria indiferente ficar doente a vida inteira.

__ Como a África o tornou galanteador! __ Retorquiu Degenthal, rindo. __ Com esta menina perdes, sem dúvida, o teu tempo; é de uma seriedade intransigente! Dize-me, que fizeste de bom?... Essa barba dá-te um ar de descobridor de continentes; chegas a impor-me respeito, palavra! ... Não emagreceste, todavia, meu barão, o que me faz pensar que a cozinha africana te agradaria ao paladar.

__ Sabia-me bem, com efeito, mas tanto que me matasse a saudade dos pátrios petiscos, isso não. Outro qualquer teria provavelmente deixado por lá o estômago; eu, porém, ainda engordei. Esta gordura faz parte da minha personalidade; é o que me dá o meu distintivo na banalidade ambiente.

Curt e Lily puseram-se a rir, enquanto a conversação continuava alegremente, crivada de perguntas a que o viajante dava pacientes e minuciosas respostas. Dahnow, contemplando a face animada e o todo risonho do amigo, pensava com um sorriso interior, que lhe acendia de um clarão de ironia os olhinhos vivos e claros:

“Incorrigível este Curt! ... Deixei-o cinco anos antes fazendo uma declaração amorosa, venho encontrá-lo cinco anos depois

fazendo ainda uma declaração amorosa! ... Qual! Isto é de temperamento... Terá sempre um idílio na cabeça; é inevitável. Agora, porém, o romance terá desfecho. A pobre Nora parece jazer no esquecimento; varreu-a da memória. Teve bom-senso; e que felizardo, esse Curt, que o pôde fazer tão facilmente! ... Estes sonhadores... estes sonhadores precisam sempre de uma *ela*, que lhes povoe os devaneios. Que terá sido feito de Nora?”

Esta pergunta não a formulou ele todavia, e como Lily prevenisse ao primo que eram horas de partirem para a estação, levantou-se para as despedidas. Em vista, porém, das instâncias com que a donzela e Curt lhe pediram para ir vê-los, prometeu formalmente ir passar em Goehlitz dois ou três dias antes do fim do verão.

Só assim desistiram do intento de levá-lo com eles para o castelo.

__ Não deixes de ir, Clemente! __ Segredou-lhe Curt, reconduzindo-o até à porta. __ Não deixes de ir, tenho coisas de suma importância a confiar-te.

__ Oh! meu amigo, se pensas que eu ainda não sei essas coisas! __ Murmurou o nédio barão com um levantar de ombros e um sorriso de uma amigável e significativa ironia.

__ Graças a Deus que o passeio não te fez mal, Curt. __ Dizia Lily ao primo, algumas horas mais tarde, quando o carro que os trouxera da estação parou em frente a uma das entradas laterais da casa. A donzela não quis dar espetáculo aos hóspedes reunidos no salão, apeando na porta principal. __ Nunca te vi tão bem disposto! __ acrescentou, fitando-o com satisfação, enquanto Curt lhe estendia a mão para ajudá-la a descer. __ Mas, olha, o segredo

continua. Não digas nada do objetivo de minha visita, e mil agradecimentos pela complacente companhia.

__ Eu é quem agradeço a prova de confiança que depositaste em mim, pedindo essa companhia, Lilyzinha. __ Respondeu Curt, vagamente enternecido, fazendo gesto de a aproximar de si. __ Daqui a alguns dias talvez eu tenha por minha vez de confiar-te uma coisa para a qual também reclamo a tua indulgência e tua discrição. Escuta...

Mas, vermelha como uma framboesa, a condessinha esquivou-se antes que Curt tivesse tempo de rete-la e desapareceu, a correr, no interior da casa.

*   *   *   *   *



Por mais que nos enalteçamos,
são as nossas inclinações
mais volúveis, mais inconstantes,
mais facilmente vacilantes,
que as inclinações das mulheres.

NUM destes dias! ... __ Pensava Nora, e mau grado a dúvida que se mesclava involuntariamente a essa aspiração de esperança, seu coração estremecia de gozo à mágica evocação do que lhe prometia essa curta frase alentadora. Pressentimentos felizes agitavam-na, mau grado seu, fazendo-lhe aceitar com um bom humor desconcertante as contrariedades desses últimos dias.

O rompimento com Zolwensky, que a devolução do colar motivara, valera-lhe da parte do pai repreensões muito penosas; a atitude de Landolfo tornara-se cada vez mais insuportável, e Emília mesma, que até àquela data lhe fora sempre bondosa ou indiferente, começava a mostrar-lhe uma desconfiança hostil, que Nora, perplexa, não sabia de todo a que atribuir.

Tudo isto complicava-se com os trabalhos obrigatórios do circo e com uma súbita indisposição de Ana, que o médico declarara apresentar sintomas de gravidade. A vida de Nora nada tinha, pois, de sorridente. Ele viera, no entanto; falara-lhe, estreitara-a nos braços e prometera-lhe voltar!

Todos os pensamentos, toda a vida dela se resumiam agora nessa promessa, que sabia, entretanto, tão facilmente falaz. Que lhe importava a rudeza e a cólera com que lhe falara? Que lhe importava que lhe tivesse exigido explicações com o rigor de um Juiz? Que lhe importava mesmo que ele a tivesse desdenhosamente condenado tanto tempo, se o amor fora afinal mais forte e se ele a procurara ainda a despeito de tudo e de todos? Sofrera tanto, que a Providência lhe devia uma compensação. E a compensação ai vinha, e que radiosa, que magnífica compensação!

E a cada hora, a cada segundo, numa espera que lhe acelerava ansiosamente as palpitações do coração, Nora repetia a si mesma, como para convencer-se, que ele seria firme, saberia achar argumentos para convencer a mãe, teria energia bastante para fazê-la dele, superando todos os obstáculos, mesmo com o sacrifício de muito preconceito. E ele viria então! ... Ela dir-lhe-ia tudo, abrir-lhe-ia o coração, e com que franqueza, com que falta absoluta de receio!

Não tinha nada de que pudesse envergonhar-se, que lhe fizesse temer o olhar dele. Nada?

Nora recordava com indizível humilhação aquela hora de desvario, em que a tentação do abismo estivera prestes a vencê-la. Contar-lhe-ia isso mesmo; não queria que ele ignorasse nada do que pensara, do que sentira durante esses longos anos de silêncio e de separação. Poria à vista sua alma dolorida, de onde a tristeza dos acontecimentos, a vertigem da tentação, a amargura do abandono não havia conseguido extirpar o grande afeto magoado e ardente, que a fazia dele para sempre.

“Num destes dias!...” pensava Curt na exaltação do seu amor reconquistado, contra tudo que de duvidoso e de desanimador lhe subia às vezes ao coração. Sua resolução estava tomada; precisava de Nora para viver; tê-la-ia a despeito de tudo; não deixaria já que lhe arrebatassem seu amor!

“Num destes dias!...” pensava Lily, afundando nos travesseiros rendados de seu leito a loura cabecinha, que o sono não conseguia entorpecer. E sorrindo no escuro, sem querer determinar bem o que esperava, sentia a frase de esperança repercutir em vibrações felizes no íntimo de seu ser. Mitzy havia-lhe insinuado tanto que, se Curt não se decidira, era porque o amor de outra - e de que outra! - lhe enchia o coração, que ela se decidira a interrogar a esposa de Rowley, embora custasse muito a compreender indiretas e lhe repugnasse indagar a vida particular do primo. Mitzy furtara-se a explicações decisivas, dera-lhe respostas vagas, evasivas, que ainda lhe aguçaram a curiosidade e inquietaram o espírito.

O único meio de ter a certeza era dirigir-se à heroína desse suposto romance; e com a audácia ingênua, que lhe insuflava seu

amor, Lily fora deliberadamente ter com Nora. O que não dissera ao primo, o que não queria que ele soubesse nunca, eram as explicações que fora pedir à antiga companheira, confessando-lhe corajosamente seu amor por ele. Com uma dignidade tão triste, que a comovera até às lágrimas.

Nora afirmara-lhe que nada houvera, que nada havia entre ela e Curt, e embora ela chorasse também ao dizer isso, Lily acreditara. Queria acreditar, era preciso que assim fosse, e numa conclusão, em que se patenteava a tenacidade egoísta de sua natureza, rematava, fechando os olhos no entorpecimento do sono que chegava:

“Mesmo que houvesse outrora qualquer coisa entre eles, já deve ter acabado há muito tempo. Curt não pode cometer a loucura de desposar uma atriz, por mais formosa que ela seja. Quando ele for meu, hei de acabar de curá-lo; e se ainda não a esquecer de todo, esquecerá. O essencial é que seja meu!”

Lily não fazia parte do grupo das mulheres que ao lembrar o ente amado pensam “Quando eu for dele”, pensava sempre “Quando ele for meu!”, e nesta diferença estava toda uma Lily.

E foi “um desses dias”, o terceiro depois da ida dos dois primos a Viena - quando Curt já se preparava para voltar à capital, invocando o pretexto de ir buscar Dahnow - que os jornais noticiaram um escândalo, que muito veio interessar aos amadores de crônicas sensacionais. As pessoas de que se tratava eram personalidades em vista, muito citadas no mundo do teatro e conhecidas nas rodas frequentadoras dos bastidores.

Anunciara-se com grande espalhafato de reclamo o espetáculo de despedida do Carsten-Circo; mas na

noite mesma da representação, no momento preciso de entrarem em cena os primeiros equilibristas, fora suspenso bruscamente o espetáculo sem motivo aceitável, ou, antes, dando-se como motivo ao público, que protestava, uma súbita e grave indisposição do diretor.

Os íntimos dos camarins trataram logo de se informar, mas era tal a confusão que se notava entre os artistas, tão desencontrados os boatos e contraditórias as afirmações, que saíram de lá menos informados do que haviam entrado. Dominava a todos uma ansiedade geral e a desordem atingira os limites da anarquia; o que, porém, se notava era a ausência inexplicável do secretário. Landolfo desaparecera; por mais investigações que se fizessem e explicações que se tentassem dar, era impossível que as imaginações e as línguas não trabalhassem em derredor do enigma deste fato.

Os comentários choviam, e não havia hipótese que se não tornasse verossímil para a malícia de toda essa gente, que o mistério exaltava. Landolfo, sempre à frente das representações, sempre o primeiro em todas as questões, Landolfo, sem o qual nada se fazia, Landolfo, que pela manhã mesma fora visto dirigir os ensaios na pista, tornara-se à última hora estranhamente invisível. No dia seguinte, os jornais, relatando o fato, contavam a doença do diretor: apoplexia galopante, atribuindo-a ao desespero causado pela fuga de sua filha com o insinuante secretário.

Este boato, como era de esperar, foi aceito unanimemente e comentado, como de ordinário se comentam estes escândalos, quer dizer, com o máximo de maldade, embora alguns jornais tentassem

explicar que não era a filha, mas sim a mulher do diretor, a heroína em questão. Esta hipótese não prevaleceu! Há tempos que se falava já das relações amorosas da bela Carsten com Landolfo, e a diretora, não obstante os artifícios de que lançava mão para encobrir os estragos dos anos, parecia a todos demasiado gasta para este gênero de aventuras. Foi em torno de Nora, pois, que a maledicência fervilhou.

Os jornais estamparam-Ihe o retrato junto ao de Landolfo e, com um farto desperdício de imaginação, narraram-lhe a vida desde a sua estreia no circo, exagerando-Ihe o romanesco, emprestando-lhe episódios que a pobre Nora jamais suporia poderem existir. Sobre o motivo da fuga aventaram-se os mais desencontrados boatos.

O porteiro do hotel onde se achava hospedada a família Carsten foi muitíssimo procurado, como uma das mais seguras fontes de informações; chegou mesmo a ter as honras de uma *interview*. Contou, então, esse digno homem que na noite da última representação, meia hora antes de começar o espetáculo, um carro parara em frente do hotel, e que poucos minutos após embarcaram nele Landolfo em companhia de uma senhora alta, cujo rosto o porteiro não pode distinguir por causa do espesso véu de renda preta que lhe envolvia o chapéu, disfarçando-lhe inteiramente o semblante. Era tão comum vir Landolfo à noite buscar as senhoras, que o porteiro não fizera reparo nisto; não obstante, lembrava-se perfeitamente que a donzela trajava preto e levava na mão uma mala de viagem.

Uma hora após a partida do secretário chegara ao hotel o diretor moribundo, transportado em braços. Haviam-Ihe dito que, ao

entrar no camarim da filha, que se demorava para entrar em cena, encontrara o pai uma carta, onde se despedia dele, e, abatido já por enfermidades recentes, não pudera resistir a mais este golpe, caindo fulminado por um ataque de apoplexia. E com um sorriso cheio de misteriosas reticências, o porteiro acrescentava uma porção de minúcias acerca dos excessos de mesa do diretor e das dissensões que o incompatibilizavam com a família. Eram ultimamente cenas diárias entre ele e a filha, sobretudo depois de retirada brusca de um príncipe polaco, que costumava emprestar a Carsten grandes somas para o ajudar nas despesas do circo. Concordavam todos que o que fulminara o diretor não fora tanto a fuga da filha, como a notícia de que Landolfo, além de Nora, lhe roubara também todo o dinheiro, arruinando-o por completo. Em dois dias o porteiro do hotel foi uma personagem; falava-se dele em toda parte, e ficou tão envaidecido por esta rápida notoriedade, que esteve prestes a abandonar desdenhosamente o seu modestíssimo emprego. A verdade é que mesmo no hotel pouco se sabia dos acontecimentos. Confinado no seu quarto, onde a ninguém era permitida a entrada, a não ser ao médico e à velha Ana, Carsten não tinha comunicações com o exterior. Partira do médico a versão de que se tratava da mulher e não da filha do diretor, e como este senhor era o único que podia naqueles momentos entrar na intimidade dos Carsten, a versão teria sido aceita, se não a tornasse inverossímil a lembrança do filho de Emília, que ela, como boa mãe, jamais abandonaria.

Era Nora, por conseguinte; e, visto a maioridade da delinquente, a polícia nada teve que ver com os fugitivos, limitando-se os jornais a deplorar a perda de uma artista de tão real talento e

tão admirada formosura. Os admiradores de Nora foram os primeiros a não lhe pouparem remoques, no despeito de se verem preferidos por esse insignificante secretário, em quem sempre haviam silenciosamente desprezado um subalterno. Toda essa história teria sido logo esquecida, se não lhe houvessem mesclado, como condimento Picante, o nome de uma das mais antigas famílias da aristocracia vienense.

Sob a epígrafe *"História íntima de uma bela artista"*, deram os jornais uma noticiazinha escandalosa três dias depois da fuga de Landolfo, onde, sob o anônimo transparente das iniciais, era contado – e com que perversidade de ironia! – todo o idílio de Curt Degenthal.

Dizia o articulista - e pela segurança das afirmações parecia ele perfeitamente senhor dos menores incidentes do romance! – que um jovem titular, membro de uma das mais nobres famílias da fidalguia, enamorara-se perdidamente da bela cavaleira, quando ela não era ainda senão uma tímida colegial, saída há poucos meses do convento. Esse amor fora não só correspondido pela jovem, como vergonhosamente favorecido pelo pai, a cuja ambição devia sorrir o ver a sua filha condessa. Mas a família do herói, esses intransigentes D...g...l , a quem toda *mésalliance* repugnava, opunha-se tenazmente ao romanesco enlace, e para por termo a esse perigoso idílio, exilaram para terras longínquas o rapaz, a quem o corpo diplomático oferecia um futuro brilhante.

A bela desespera-se; o pai da bela faz... o que se não faz para reter o namorado fugitivo, chegando mesmo a proporcionar à filha entrevistas secretas com seu amado. O conde parte, entretanto, e começam para a abandonada os longos dias de exaustiva espera.

Passam-se semanas, meses, anos; o ingrato não vem, o perjuro esqueceu-a... A distância e a separação deram cabo desse amor, que se jurara eterno.

Fatigada de esperar, a jovem, que não tinha como incentivo à constância um temperamento de Penélope, resolvera-se um belo dia a aceitar a corte de alguém que há muito a queria em silêncio. Esse alguém, que o articulista desenhava rapidamente com um tipo de dedicação e altruísmo, era naturalmente Landolfo, o *factotum* do diretor, que, ainda segundo o informado autor do artigo, não ignorava as intenções de seu secretário, como também não ignorava as relações amorosas da filha com o conde D...g...l, a quem ambicionava ardentemente para genro, como era de prever. Depois de ter feito tudo e empregado todos os meios a fim de agarrar - como vulgarmente se diz - esse fidalgo apaixonado e néscio, presa fácil, por conseguinte, para sua ambição desenfreada, e ante a resistência irredutível da família e a partida súbita do rapaz para o estrangeiro, o diretor decidira dar a filha ao secretário, chegando mesmo a sancionar com sua aprovação o noivado secreto de ambos.

Estava, pois, para realizar-se o casamento, quando o importuno conde regressa inesperadamente da “cura amorosa” imposta pela família. Reanima-se a ambição do pai, que, olvidando a palavra dada ao secretário, instiga a filha a reatar com o antigo namorado o inacabado romance. Mas o abandono do titular ferira demasiado fundo a alma da bela jovem, o afeto abnegado e magnânimo de Landolfo tocara-a afinal, e antes que o pai, com o despotismo habitual, lhe impusesse um papel odioso nessa nova intriga, decidira

resolutamente do destino de sua vida, fugindo com aquele que a soubera conquistar definitivamente, para o que a ambos parecia ser a felicidade.

Esta história, assinada por três estrelinhas misteriosas e escrita num estilo redundante e romanesco, teve naturalmente um sucesso enorme. E não foi principalmente aos frequentadores do Carsten-Circo e aos artistas que ela interessou, foi à alta roda, onde o nome de Curt era conhecido e sua família relacionada com todas essas mães que o haviam sonhado para genro, com todos os pais que o tinham citado tantas vezes aos filhos como exemplo. No campo das donzelas, o sucesso transformou-se logo num enxame de zombarias ferozes. Era, pois, essa a causa da frieza do “belo indiferente”? ...Era por andar com a cabeça cheia de uma equestre heroína de circo que ele passara desdenhosamente por todas elas, sem conceder a nenhuma, a particularidade significativa de alguns instantes de atenção? Fie-se a gente nesses santinhos!

O artigo vinha abrir perspectivas inesperadas e esclarecer muito ponto obscuro no proceder da condessa. Estava agora explicada a repentina entrada de Curt para o corpo diplomático, a prolongação de sua estadia no estrangeiro, o retraimento da condessa e sua visível contrariedade quando por acaso insistiam em pedir-lhe informações sobre a saúde e as ocupações do filho. Estava tudo pouco mais ou menos esclarecido e, a contento geral, este esclarecimento tinha a dose suficiente de pimenta que a malícia de todos exigia. “Como não estará a orgulhosa Clotilde, depois de ter visto misturado a essas equívocas histórias de amor de atriz o nome de seu predileto?” indagavam as pretendidas “amigas” da condessa, que esse golpe dado ao amor-próprio da

soberba mãe de Curt não deixava de divertir intimamente. E nesta interrogação, que um falso tom de compaixão tornava ainda mais irônica, ia toda a antipatia que por seus modos altivos e sua intransigência a condessa Degenthal angariara na sociedade.

E os poucos que tachavam de calúnia todas essas histórias, não deixavam, contudo, de acreditar que em tudo isso houvesse um triste fundo de verdade, embora defendessem Curt ou por dever de amizade ou por espontânea simpatia. Contra Nora é que a maledicência não conheceu limites; sua reserva, o antigo comedimento de suas maneiras foi inexoravelmente comentado e as zombarias mais cruéis não lhe foram poupadas por esses mesmos que outrora haviam sido, em vão, seus mais fervorosos admiradores.

Em Goehlitz as primeiras notícias produziram o efeito de um raio. A condessa foi a primeira a ler no jornal a relação da fuga de Nora. Estavam no hall à espera do almoço, que um *pic-nic* dos hóspedes retardou; Lily fazia-lhe companhia. Com um sorriso de desdém e um gesto, em que se traduzia a satisfação de alguém que vê realizar um fato previsto há muito, estendeu o jornal à sobrinha:

__ É para aprenderes a não defender estouvadamente pessoas desconhecidas! __ Disse num tom superior.

A menina tomou o jornal um pouco surpreendida; leu, porém atentamente o artigo e, entregando-o de novo à tia, disse simplesmente, franzindo de leve as sobrancelhas louras:

__ Isto não pode ser! Nora é demasiadamente piedosa e digna para fazer semelhante coisa.

__ A piedade e a dignidade não são coisas que se conservem por muito tempo no meio em que vivia essa pessoa! __ Replicou

desdenhosamente a condessa.

__ Mas Nora não está mudada, minha tia! __ Retornou Lily com vivacidade. __ Eu não sei os motivos que a levaram a fazer-se artista de circo; o que, porém, posso afirmar é que ela em nada desmereceu da minha estima. Continua tão digna como no tempo do colégio.

__ E como podes tu saber isso? __ Perguntou a condessa, a quem o tom decidido da menina despertava afinal a desconfiança.

Lily fez-se corada até à raiz dos cabelos; hesitou um instante, mas, querendo dar um exemplo definitivo de sua independência, encarou corajosamente a tia, respondendo em tom deliberado:

__ Sei disto porque estive com Nora, há dias... quando dei com Curt aquele passeio a Viena.

__ Com Curt?!... __ Repetiu a condessa, pondo-se de pé de um salto, tal o assombro que lhe causou esta surpreendente notícia.
__ Mas, desgraçada, tu levaste Curt à casa dessa Carsten?...Perdeste completamente o siso!

A condessa estava positivamente atônita; não achava palavras, absolutamente sufocada por essa aterradora revelação. Fez-se tão pálida e havia tanta angústia na expressão de seu semblante contraído, que Lily sentiu voltarem-lhe num aperto de coração todas as dúvidas e suspeitas atormentadoras que as insinuações de Mitzy lhe haviam suscitado há dias. Afastou deliberadamente os pensamentos que a perturbavam e, encarando de novo a tia com uma expressão de pensativa curiosidade, tornou:

__ Curt não esteve com ela, minha tia. Acompanhou-me somente até à porta do hotel e nada soube de minha visita, senão depois de feita. Censurou-me a princípio e aprovou-me em seguida.

Se pedi a companhia dele, foi por achar que eu estaria bem mais protegida indo a um lugar público, como a um hotel, tendo a meu lado um cavalheiro.

__ Então ele não a viu? __ Interrompeu a condessa, que de tudo o que a sobrinha disse só percebeu este fato importante.

__ Não a viu; como já lhe disse, nada mais fez do que acompanhar-me. Se a minha visita a uma antiga companheira tem alguma coisa de censurável, seja eu a censurada. Curt ignorava completamente o meu intuito. Se eu soubesse que lhe ia custar este susto incompreensível, teria por certo preferido a companhia de minha parenta.

Para não dar ensejo a perguntas indiscretas, com a tática de quem se sente fraco e prefere evitar o perigo a afrontá-lo, Lily deu bruscamente uma reviravolta, retirando-se antes que a condessa, perplexa ainda, pudesse esboçar sequer o gesto de a deter.

__ Lily! __ Chamou ela imperiosamente, mas a menina ia longe e o seu chamamento ficou sem resposta. A condessa dispôs-se a ir ter com ela, mas a reflexão fê-la adiar para mais tarde a repreensão severa que ela se preparava para dar-lhe. Se Lily lhe pedisse explicações... que lhe diria? Não seria perigoso, agora que as coisas
entre ela e Curt pareciam ir tão bem, revelar-lhe os pormenores desse episódio sentimental da vida do primo, que ela ignorava com certeza? O melhor era deixar passar a impressão que a notícia da fuga de Nora com o secretário ia provavelmente causar em Curt.

No íntimo não deixava de se alegrar por esse fato providencial; seria o golpe decisivo num sentimento que a despeito de todos e de tudo se obstinava em viver. A ideia de que este novo encontro de

Nora e do filho era um sinal da Providência em favor desse amor que ela condenava roçou-lhe um instante pela mente; mas como essa ideia lhe contrariava os planos, afastou-a sem demora.

__ Uma ferida cauterizada cura-se mais depressa! __ Pensou reagindo contra a espécie de enternecimento que a invadiu, ao lembrar o desgosto que essa notícia ia causar ao filho. __ É preciso que ele saiba tudo; terá assim a prova, se na verdade ele ainda lhe quer bem. E se sofrer com isto, este sofrimento será o antídoto contra os perigosos devaneios em que ultimamente o mergulharam as palavras imprudentes do preceptor e de Lily a respeito daquela criatura.

E como o criado passasse nesse momento, levando para o quarto de Curt a correspondência costumeira, a condessa não se deu ao trabalho de reiterar de entre as revistas e jornais chegados pelo correio a folha em que, sob o espantalho de um cabeçalho vistoso, vinha relatada a notícia fatal.

Foi realmente como um cautério que essa notícia penetrou no coração de Curt. Graças ao pic-nic, que levara cedo para fora todos os hóspedes do castelo, impedindo-lhe assim a leitura dos jornais, só pôde tomar conhecimento dela depois do almoço, quando se retirou para dormir a sesta, como costumava todos os dias. Estava felizmente só. Ninguém pôde, pois, presenciar a amargura de sua humilhação.

Ficou longo tempo a olhar friamente para o jornal, os dentes cerrados, pálido até aos lábios de uma cólera que sentiu subir do fundo magoado do ser como num turbilhão de demência.

Não disse como Lily: não é verdade. Teve imediatamente a certeza de que aquilo tudo era a expressão nítida de um fato

inevitável, que mais inevitável lhe parecia, agora que lembrava a atitude íntima do secretário ao ir buscá-la ao hotel, o tom com que lhe falara, o olhar em que a envolvera. E o palor, o susto, e a agitação dela, o modo brusco com que se desprendera de seus braços, o tom de submissão com que respondera ao secretário, as respostas evasivas que lhe dera a ele, Curt, tudo isto eram provas evidentes de que aquelas lágrimas, aquela emoção, aquele abandono tão tocante dos primeiros instantes nada mais haviam sido do que uma comédia, uma comédia representada superiormente para mais facilmente o enganar!

__ Ela é artista, é natural que represente bem! __ Pensou com um sorriso de acerba ironia para a dor que, mau grado seu, sentia apertar-lhe o coração num círculo de ferro. ante a silenciosa e dolorosíssima derrocada das esperanças que nestes últimos dias lhe haviam tão alentadoramente dado novo calor aos sonhos, uma só ideia o dominou: fugir de Goehlitz, esconder aos olhos de todos e principalmente aos olhos da mãe o espetáculo humilhante deste sofrimento que ele tentava debalde dominar.

À tarde, como ele não aparecesse no hall e Lily o mandasse chamar, o criado voltou, trazendo um bilhete, onde ele a prevenia de ter tido necessidade urgente de partir, e pedia que não se inquietassem, pois ia tratar de negócios e estaria de volta dentro de poucos dias. Foi tal o sobressalto da condessa, que pela primeira vez na vida não conseguiu fingir aos olhos do mundo uma impossibilidade que não tinha. Pretextou uma indisposição súbita e, retirando-se incontinente para os seus aposentos, aí se conservou encerrada, não permitindo senão a Lily abrir-lhe a porta. A partida de Curt foi também uma surpresa desagradável para Lily; mas tinha

hóspedes, e como dona de casa era obrigada a aparentar indiferença. Ao ler o bilhete, abaixou a cabeça numa tristeza, que disfarçou num sorriso, perguntando-se, porém, não sem apreensão: “Por que partiu ele?”

Mas uma prova mais penosa do que todas as outras esperava a condessa: dias depois o velho diplomata, amigo da família, cuja influência fizera nomear Curt para Constantinopla, apresentou-se em Goehlitz, pedindo uma entrevista com a condessa. Numa conversa confidencial, mostrou-lhe o artigo, onde tão maldosamente era citado o nome dos Degenthal, e não lhe escondeu o efeito produzido na sociedade por essas escandalosas revelações. Como antigo amigo da família, julgava-se obrigado a ir buscar à fonte limpa o desmentido formal a todas essas calúnias. A condessa leu o artigo e ouviu o diplomata com uma indignação que atingia quase às raias do furor; seu orgulho quis negar a última estada do filho em Viena, mas, depois do que lhe dissera Lily, essa negativa tornara-se impossível. Às perguntas do velho amigo sobre onde se achava o rapaz, teve que confessar sua ignorância do paradeiro dele. Como o destino se vingara cruelmente dela!

Esses dois nomes, que ela fizera tudo para separar, unia-os agora num escândalo público a sorte adversa. E o que mais atormentava o espírito da condessa era a ideia de que Curt talvez estivesse mais envolvido nesse negócio do que ela supunha. Se ele por acaso lesse o tal artigo, era impossível que o não movesse o desejo de tomar uma desforra e de pedir conta de tanta velada insolência ao autor do ousado artigo. A hipótese de um duelo passou-lhe como um raio pela mente exaltada; que novo escândalo não seria agora um duelo! ... Era urgente evitá-lo, fosse como fosse.

Numa expansão exasperada, a condessa confiou tudo ao velho diplomata, suplicando-lhe interviesse no acontecimento, impedindo Curt de cometer alguma imprudência, quer no sentido de tomar uma desforra, quer no sentido mais perigoso ainda de seguir Nora ou de ter com ela alguma explicação. O diplomata prometeu, um pouco contrariado, sim, mas prometeu, sem poder, no entanto, abster-se de declarar que o conde Degenthal agira em tudo com a irreflexão de uma verdadeira criança.

__ São esses os frutos das viagens das senhorinhas independentes! __ Dizia à noite a condessa à sobrinha, quando lhe foi perguntar do estado de saúde, depois de lhe ter pouco mais ou menos relatado o ocorrido. Lily, que a partida inesperada do primo consternara profundamente, não achou palavras para replicar; o que a tia relatou ainda mais lhe aumentou a aflição. Tudo o que de inquietadoramente dúbio lhe dissera Mitzy voltava-lhe agora à memória. Seria então verdade? ... E Nora mentira, quando lhe afirmara que nada de sério pudera haver entre eles? ... Mas havia tanta seriedade em seu olhar, tanta emoção em sua voz e chorava tanto, quando lhe dizia isto, que era impossível ser tudo mentira. Lily queria tranquilizar-se e enganava-se com falsas esperanças, repetindo-se que Curt tinha senso suficiente para não romper com todo o passado e sua família, fugindo ao encalço de uma artista de circo com quem ele jamais poderia casar-se. Havia, contudo, tanta acrimônia e tanta exprobração na atitude da condessa, que um íntimo sentimento de revolta dominou um instante na menina o respeito com que sempre lhe acatara as opiniões.

__ Creio haver muito exagero em tudo isto! __ Respondeu sossegadamente, como a tia lhe relatasse pela segunda vez o que

dizia o famoso artigo, atenuando-o naturalmente. __ Nem Curt nem mesmo Nora seriam capazes de semelhantes coisas. Quem merece na realidade um castigo é o insolente autor de tais calúnias.

__ Deus te conserve as ilusões da inocência __ Replicou a condessa com a surpresa irônica da experiência, pela singeleza confiada com que essa criança encarava tão graves acontecimentos. E, como a menina se retirasse, seguiu-a um instante com os olhos, invejando do fundo da alma essa tenacidade na confiança, que fazia da delicada Lily um ente pouco mais ou menos invulnerável.

Pela primeira vez em sua vida a condessa não se perguntava: “Que fazer?” Os últimos acontecimentos haviam-lhe abatido por completo a energia de ação; não se sentia com coragem para tomar a menor resolução. E pela primeira vez também fez-se em lugar dela essa pergunta, a alminha voluntariosa de Lily: «Que fazer? Lily amava verdadeiramente o primo; amava-o egoisticamente, é verdade, mas amava-o o mais que podia amar seu tranquilo coração de menina bem educada. Podia-se mesmo afirmar sem engano que Curt era a única grande afeição de sua vida. Criada e educada na ideia exclusiva de o ter por marido, não admitia a hipótese de que outra lhe pudesse tomar o lugar; admitia, porém, perfeitamente, que ele tivesse amado Nora, mesmo muito; ela era tão superior às outras mulheres pela inteligência e pela formosura! ... Mas o que não lhe passava pela cabeça era a ideia de que Curt pudesse ter tido a veleidade sequer de casar-se com Nora. E era com certa compaixão que, desfazendo as tranças louras ante o grande espelho de *psyché* que a refletia toda, raciocinava: «Pobre Curt! Ele com certeza gostou muito dela e foi por não poder casar-se com ela

que esteve tão doente e que andou tanto tempo a viajar. Tenho muita pena dele! ... Graças a Deus que se tratou de Nora, com quem todo casamento era impossível. Pobre Curt! ... Talvez ainda goste um pouco dela e este artigo deve tê-lo aborrecido muito. Se ele não tivesse partido, eu saberia perfeitamente consolá-lo.

E com a ideia de consolar o primo, Lily foi insensivelmente aproximando-se de sua secretária. Que faria?

Era preciso fazê-lo voltar a Goehlitz antes que lhe viesse de novo o capricho de se expatriar. Com medo de o ver partir outra vez para o estrangeiro, a menina teve uma ideia luminosa. Encarregaria o preceptor de ir ter com ele e de lhe entregar a carta que pouco a pouco se elaborava sob o liso dourado de seus cabelos em desalinho. O preceptor era a criatura propositadamente feita para tal missão; conhecia Nora, conhecia Curt, sabia da afeição de Lily, não ignorava os projetos da condessa; saberia, pois, com consciência e com interesse fazer o possível para conciliar tudo do melhor modo. A intuição amorosa de Lily dizia-lhe que Curt devia ter-se retirado para Degenthal, procurando a solidão do castelo natal, inteiramente deserto nessa época do ano, para esconder seu sofrimento.

__ Queria dizer-me tudo! __ Pensava ela, traçando as primeiras linhas de sua missiva. __ E era provavelmente a isto que se referia, quando assim me falava. Tem confiança em mim, pobre Curt; eu compreendo-o tão bem.

E foi por certo a ideia de que o compreendia tão bem que fez escrever a Lily a mais ingenuamente apaixonada das cartas. Com uma simplicidade deliciosa dizia ao primo, num abandono de irmã, o que sabia de sua tristeza, a parte que tomava em sua mágoa e oferecia-lhe candidamente como consolação sua amizade e o pouco

que essa amizade por ele pudesse fazer. Nunca uma carta de amor tivesse talvez sido mais verdadeiramente de amor, do que este despretensioso oferecimento de amizade, onde a menina pôs involuntariamente toda a inquebrantável confiança de seu afeto, toda a solicitude de um carinho em alarma por um sofrimento de que, não obstante, ela não fora a causa. Lily escreveu inconscientemente, com eloquência de um grande sentimento, e foi com essa mesma eloquência inconsciente que na manhã seguinte persuadiu o preceptor de ir ter com Curt, verificar se ele tivera conhecimento do artigo fatal, impedi-lo de tomar uma desforra, consolá-lo, se possível fosse, e finalmente entregar-lhe a carta que, na opinião dela, o deveria trazer de novo a Goehlitz.

A matreira sabia a quem se dirigia, quando decidiu encarregar o preceptor desta delicada missão. Quando se tratava de Curt, o sacerdote não sabia resistir; foi, portanto, com a máxima facilidade que a menina conseguiu que ele partisse aquela mesma manhã para Degenthal. Seu instinto não a enganava, quando dizia estar Curt por lá. Como o animal ferido busca a espessura do bosque, assim buscara ele na solidão completa do velho solar um lenitivo à grande mágoa humilhante que presentemente o torturava. Passara por Viena com a ideia de colher mais amplas informações, mas as notícias haviam sido tão explicitas, que era tolice duvidar. Tolheu-o também a repugnância invencível de ouvir repetida por bocas indiferentes toda a miséria desta triste história. E, de mais a mais, para quê? ... Era tudo tão claro, tão natural, tão lógico mesmo ... Chegara demasiado tarde, ela mesma lho dissera; se sofria agora, só podia culpar sua louca paixão, que se obstinara em esperar contra toda esperança. Toda aquela grande emoção que

passageiramente a vencera nada mais fora de que o receio de ver perturbado pela reaparição de seu antigo amor o idílio com esse infame Landolfo. E, sob a amargura deste pensamento, Curt não se deteve em Viena mais do que o intervalo de um comboio a outro. Sua chegada a Degenthal causou a estupefação da criadagem. Ninguém o esperava; a condessa escrevera ao intendente que, embora restabelecido de todo, seu filho não voltaria tão cedo ao castelo. A todos esses velhos servidores, que o haviam conhecido menino e para os quais era mais um amigo do que um patrão, causou estranheza a maneira indiferente com que recebeu as manifestações de regozijo que a sua chegada despertou. Desconheciam neste ente pálido e taciturno o antigo Curt, o pequeno conde expansivo e alegre, que para todos sabia achar uma palavra de animação ou de amizade.

__ Ainda está doente! __ Comentavam ante o pouco apetite do rapaz e a melancolia fatigada com que respondia a tudo e a todos.

Passava as horas sem fazer nada, cismando estirado num divã, ou então saía em longas passeatas solitárias a cavalo pelos bosques mais ermos de seus domínios. Foi nesse abatimento de neurastenia que o preceptor o encontrou dois dias depois. Curt não manifestou a menor surpresa ao vê-lo ali, recebeu-o com a polida indiferença com que receberia a um conhecido da véspera, nem sequer o interrogou sobre a saúde dos habitantes de Goehlitz. Por indiretas, a que Curt deu pouca atenção, pôde todavia perceber que ele ainda não sabia felizmente do famoso artigo. Depois de rápida reflexão, achou melhor ser ele, preceptor, amigo de sempre e quase pai, o primeiro a preveni-lo do ocorrido.

Após algumas perguntas banais acerca do estado de conservação de Degenthal, entregou-lhe a correspondência que trouxera para ele de Goehlitz. Curt teve para o maço de cartas e jornais um olhar distraído; reconhecendo, porém, no meio das outras a letra familiar de Dahnow, meteu no bolso a carta, voltando para o eclesiástico o olhar interrogador. O preceptor, um pouco comovido apesar da tranquilidade aparente, entregou-lhe então, com o jornal onde vinha o artigo, o envelope azulado que subscritava a letra miúda e pouco clara de Lily. Surpreendido, Curt guardou a carta, desdobrando curiosamente a folha onde o título sensacional do artigo lhe prendeu logo atenção. Pôs-se a ler e, à proporção que se adiantava na leitura, uma expressão de ferocidade quase demudava-lhe o semblante. Quando acabou, estava de uma palidez mortal; seus olhos lançavam chispas, e, no ímpeto com que se ergueu, o sacerdote adivinhou que uma dessas raivas furiosas como um vendaval lhe dominava naquele momento a vontade e a razão. Conservou-se, pois, silencioso esperando que se acalmasse a tempestade, e durante alguns segundos, Curt entregou-se inconscientemente às inspirações desordenadas da cólera.

Rasgou o jornal em pedacinhos e, arremessando-o violentamente contra a parede, voltou-se para o preceptor, cruzando os braços como para lhe pedir contas do que trouxera.

__ Foi realmente para dar-me esta notícia agradável que V. Revma. empreendeu esta viagem? Valia na verdade a pena, e eu nada mais tenho que fazer senão ser-lhe infinitamente grato. Deve estar satisfeito do resultado de sua missão. Tem diante de si um homem cujo nome é hoje a risota do público, cuja reputação anda sujeita ao comentário zombeteiro e perverso de todas as bocas, é

uma situação invejável! ...E tudo isso por causa de uns olhos sonhadores e de um sorriso ingênuo! ... Ah! como a odeio, como a odeio! ...E como sinto não poder lançar-lhe em rosto sua infâmia, fazer-lhe mal, matá-la! ...Como se deve estar rindo de mim, como deve troçar em companhia do amante de minha ingenuidade e de minha estupidez! ...E como tem razão para rir... como toda gente tem razão para caçoar do imbecil que eu tenho sido em toda essa vergonhosa história! ...Por que não se ri, sr. preceptor? Por que não se ri como eu, do louco que ainda há poucos dias sonhava fazer dessa criatura a companheira de sua vida? ... Oh! Ainda não sabe tudo? ...Não conhece a extensão de minha tolice! ... Sim, senhor, pretendia desposá-la, dar-lhe o meu nome e o meu amor! Fazê-la minha a despeito de tudo o que a sua leviandade pusera entre nós de irremediável! ...Como me enganou, quão superiormente me soube enganar! ... O que me consola talvez um pouco __ Concluiu com uma expressão de intraduzível sarcasmo

__ É que não fui só eu o enganado; a V. Revma., que a julgava merecedora de tanta consideração, essa edificante fuga deve também ter-lhe dado um pouco que pensar. Enganou-o também, sr. preceptor, e com tanta maestria que eu não deixo de achar-lhe graça. E, com um riso estridente, Curt pôs-se furiosamente a passear de um para o outro lado do aposento.

__ Curt! __ Atalhou finalmente o sacerdote, a quem fazia mal esse riso de demente, compreendendo que era tempo de intervir. __ Dou-lhe plena razão. Esse artigo também me indignou profundamente. Sou da opinião de que a maior parte destas infâmias não passam de calúnias vis, como é provavelmente calúnia o ter estado você ultimamente com Nora em Viena.

__ É justamente aí que não há calúnia! __ Replicou Curt, rindo sempre seu riso de louco. __ V. Revma. não sabe de que extravagâncias é capaz um imbecil de minha espécie, quando se sugestiona a influência de uma mulher. Sim, fui procurá-la, tive-a em meus braços, interroguei-a, disse-lhe toda a loucura do meu insano afeto, supliquei-lhe que me desse explicações, e ela respondeu-me a tudo isto: “é demasiado tarde!”. Chorou, teve o supremo fingimento de chorar, e diante dessas lágrimas, que tão puras e sinceras me pareceram naquela hora, acusei-me de injustiça e de dureza, julguei-me culpado, cheguei quase a pedir-lhe perdão. Perdão... eu a ela, sr. preceptor! Que tristíssima ironia! ... E não obstante todo o mal que me fez, tudo o que tenho inutilmente sofrido por ela, era tal a minha cegueira que estava disposto a passar por cima de todos os obstáculos e, apesar de tudo, fazer dela minha mulher. Como a amava, como a amava! ... É incrível que se possa amar assim! __ Rematou surdamente, passando pelos cabelos as mãos trêmulas.

__ E quando esteve lá... __ Tornou o preceptor com muito cuidado. __ encontrou o secretário?

__ Naturalmente tive esse prazer! __ Respondeu Curt com amarga ironia e, numa expansão de momento, narrou em breves e incoerentes frases a seu antigo professor o que entre ele e Nora se passara no hotel.

__ Ela mesma disse-lhe ser demasiado tarde. __ Murmurou pensativamente o sacerdote. __ E prometeu dar-lhe explicacões mais tarde, pedindo-lhe, entretanto, que partisse. Só Deus sabe o que esconderiam essas frases obscuras; e que tormento moral obrigaria a desgraçada a dar esse passo funesto!

__ E V. Revma. ainda a desculpa?! É inacreditável, sr. preceptor! __ Replicou Curt com acerba expressão. __ Não compreende, não quer compreender que tudo aquilo não passava de comédia para ter o gosto de ver até que ponto me tinha sob seu jugo. É artista, filha de artista, e representou artisticamente seu papel. Ah! Como tinha razão minha mãe ao dizer que a educação esmerada que recebeu a tornou ainda mais apta para toda intriga e falsidade!

__ Não seja tão cego em seu ódio como o foi em seu amor, Curt! __ Disse gravemente o preceptor. __ Eu estou longe de desculpar Nora. Se ela fez o que narram os jornais, foi realmente muito culpada. Conhecendo-a, porém, como a conheço, só posso atribuir a um acesso de demência essa escandalosa aventura. Custa-me acreditar; em todo o caso deve ter sofrido muito para se resolver a isto. É tão difícil julgarem-se imparcialmente uns aos outros. O que não acredito, porém, é que fosse ela a inspiradora desse artigo odioso; seria demasiada perversidade.

__ Não acredita! __ Retorquiu o rapaz com um riso irônico. __ É de uma bondade verdadeiramente cristã. Mas quer seja ela, quer não seja, tanto se me dá! ...Não é a ela que eu irei pedir contas das infâmias dirigidas contra mim e minha família! O patife que se atreveu a escrever isto não ficará impune, asseguro-lhe eu. Saberei mostrar-lhe como um Degenthal repele as insinuações insultantes de um inimigo covarde.

O preceptor levantou-se e, com uma gravidade, que dominou de chofre a cólera renascente de seu ex-discípulo, pousou-lhe a mão no ombro, dizendo-lhe com a serena autoridade que suas

vestes de padre e a afeição de mestre e amigo dele faziam irresistivelmente emanar:

__ Veja bem o que vai fazer, meu filho; reflita maduramente antes de agir. Se desafiar em duelo o autor desprezível desse artigo, o escândalo será maior em torno de seu nome. O que não dirão, o que não inventarão a seu respeito! ...A melhor resposta a injurias desta sorte é o desprezo do silêncio. Tomar uma desforra de tão baixo agressor seria igualar-se a ele; conserve-se superior, Curt. Mostre a todos que a lama tão insidiosamente atirada sobre si não conseguiu atingí-lo; lembre-se dos tristes resultados que para você e para seu nome teria uma nova história dessa ordem. Sua mãe adoeceu com o susto de o ver tomar uma resolução fatal, e a sua prima mandou-me pedir-lhe que nada fizesse. Ambas choram e afligem-se; pense nelas, Curt, antes de se meter numa aventura, que só dissabores lhe pode acarretar.

__ Minha pobre mãe!__ Murmurou Curt, abaixando tristemente a cabeça, dominado pela seriedade convincente das palavras de seu velho preceptor. Pela primeira vez depois de tantos anos de rancor tinha uma lembrança de meiguice para a mãe. A ideia do que deveria estar sofrendo em seu orgulho intolerante a altiva
condessa encheu-o de apiedado remorso para com essa mãe, cujos previdentes conselhos ele tão loucamente desdenhara.

__ Tem razão em compadecer-se de sua mãe, Curt; ela tem sofrido muito por sua causa. Reflita, pois, como lhe disse. __ acrescentou docemente o preceptor. __ E creia que um silencioso desprezo é o melhor meio de fazer o mais depressa possível cair no esquecimento esse desagradável incidente. Deixe de ir algum tempo à

capital, onde os comentários naturalmente fervilham; sua doença será escusa suficiente para isto. E creia que seus amigos saberão em breve dissipar estas calúnias, cuja proveniência é mais proveitoso ignorar-se.

Assim falando, o preceptor dirigiu-se para a porta, achando que era tempo de deixar o jovem entregue a suas reflexões.

__ Pobre Nora! __ Pensava ele, dirigindo-se através do longo corredor central para os aposentos particulares que sempre estavam preparados para ele em Degenthal. __ Que novo infortúnio a terá impelido a esse passo fatal? E se não for verdade o que diz o jornal, se espera ainda o regresso de Curt, como será preciso que tenha fé para resistir ao tremendo choque dessa crudelíssima decepção!

O bom sacerdote não sabia como explicar a si mesmo a indulgência com que julgava Nora, não obstante estarem contra ela todas as aparências. Duvidava ainda, duvidava a despeito do que lera, duvidava a despeito de tudo, tão sincera e tão honesta se lhe mostrara, quando conversara com ela ultimamente!

Talvez cedesse à tentação do abismo, talvez. A vertigem do mal foi afinal mais forte; em todo caso duvidarei sempre até ter provas materiais. Ela pareceu-me tão verdadeira! ... A influência do ambiente é quase irresistível. Enfim, que Deus a proteja. E não esqueçamos que a virtude é flor que medra em todos os meios e viceja nos mais ingratos caminhos.

E, com esta reflexão consoladora, o preceptor fechou-se em seu quarto para tomar o repouso de que necessitava após tão precipitadas horas de viagem. Deixou Curt vítima ainda de uma

agitação que as suas derradeiras palavras haviam, no entanto, acalmado um pouco.

Curt sentia que seu velho amigo tinha razão.

Desafiar agora em duelo o autor anônimo do artigo em questão, como lhe aconselhava sua indignação, era ajuntar um novo escândalo ao caso escandaloso. O silêncio de um grande desprezo era na verdade a melhor resposta à covardia dessa injuriosa agressão. Um desejo, porém, de vingança, muito natural aliás nas circunstâncias em que se debatia, sublevava-lhe ainda a alma de um ódio violento contra Landolfo e principalmente contra Nora.

Sentia contra ela um tão fundo, um tão exacerbado rancor, que se lhe afigurava materialmente impossível não fazer qualquer coisa que o aliviasse da raiva impotente de se achar na impossibilidade física de lhe pagar com um mal maior o mal que ela tão implacavelmente lhe fizera. Precisava agir, tomar uma resolução, fosse qual fosse. E na ânsia de tomar essa resolução indeterminada ainda, mas cuja intensidade indecisa o sufocava quase, levou maquinalmente as mãos ao peito. Dependem às vezes de um gesto insignificante as mais decisivas mudanças de um destino. E foi talvez por ter levado ao peito a mão inconsciente, por ter feito esse pequenino gesto impulsivo, que irremissível e silenciosamente se decidiu para sempre a sorte de sua vida. Ao sentir o volume que faziam no bolso do sobretudo as cartas de Lily e de Dahnow, perguntou-se insensivelmente: __ Que me quererá aquela menina?

E, rasgando o sobrescrito azulado, pôs-se desinteressadamente a ler. Nunca uma carta poderia ter chegado em ocasião tão propicia. No coração amargurado de Curt as frases

despretensiosas de Lily caíram como o bálsamo desejado. Um grande enternecimento invadiu-o.

__ Que coraçãozinho de ouro! __ Murmurou emocionadamente, com os olhos rasos d'água.

Releu a carta e, ante a afeição que testemunhavam essas linhas tão singelamente escritas, uma pueril compaixão de si mesmo comoveu-o por alguns instantes. Sentiu uma invencível vontade de chorar, e sem dar fé que essas lágrimas eram a reação natural da grande cólera magoada, que tão fortemente lhe excitara os nervos algumas horas antes, cedeu a esse desejo e pôs-se intimamente a soluçar sobre a carta amiga de Lily. À medida que chorava, sentia afogar-se num indizível abatimento a amargura de seu rancor; as lágrimas levavam todo o fel de que sentira cheio o coração.

A reflexão, no entanto, sucedeu em pouco tempo a este acesso de sensibilidade, e, à proporção que se estancava o pranto, a imagem da prima foi-lhe consoladoramente ocupando o pensamento. Era indubitável que ela o amava, que o amara sempre e com uma constância tanto mais merecedora, que ele sempre parecia ignorar-lhe a existência. Amara-o desde criança e enquanto ele se esfalfava e se perdia na conquista da outra, que nada mais fizera do que enganá-lo atormentadoramente, ela esperava por ele sossegadamente, com a inquebrantável paciência de sua ingênua confiança.

A vida de Lily, essa vida de recato e de pacífico labor, que ele sempre qualificara levianamente de prosaica, apareceu-lhe então em sua calma e tão despretensiosa simplicidade. O cansaço da luta em que até então se empenhara, da luta em que soçobrara a alegria de sua mocidade, a crença na felicidade, o gosto pela vida, luta vã

que a derrota final tão miseravelmente coroara, fez-lhe sorrir, como único remédio para a funda lassidão que o prostrava, a tranquila evocação dessa vida de uma tão risonha tranquilidade.

Para que encher do perigoso excitante da paixão uma existência que tão pacificamente feliz lhe poderia ter corrido?... Para que procurar as fortes emoções de um supliciante e impossível amor, quando tinha a seu lado a segurança desse ponderado afeto isento da mistura malsã do romanesco, esse afeto que ele sabia imutável e
que benignamente lhe sorria nos calmos olhos azuis dessa pequena Lily inocente? ... Sentia-se tão acabrunhadoramente fatigado... Precisava de repouso, e o repouso seria o trilho que lhe fora traçado desde sempre. Lily era a felicidade de todos os dias, invariável com seu bom humor, e para Curt, cuja vida até então nada mais fora do que uma perene tormenta de sentimentos, o abandono a esse afeto apaziguador era como a entrada nas águas tranquilas de um grande rio plácido e embalador para o navio desamparado, depois de um longo e tormentoso roteiro pelas águas revoltas de um tempestuoso mar.

Passou os dedos pelas pálpebras ainda úmidas, e seu olhar caiu distraidamente sobre a carta de Dahnow. Abriu-a como por obrigação, notando um pouco surpreendido que o barão já lhe escrevia de sua terra. Assim rezava a curta missiva:

Estas linhas, amigo, levam-te as minhas escusas por não ter cumprido a promessa feita a ti e a tua graciosa prima. Dou-te plenos poderes para inventares o menos inverossímil dos pretextos como desculpa perante a mais amável das castelãs, embora me parecesse não andarem

ambos em disposições de espírito para sentirem muito a minha ausência. Confio em tua faculdade imaginativa e aproveito esta ocasião para ser o primeiro a felicitar-te como o mais antigo de teus amigos. Meu caro Curt, a experiência ensinou-me que o momento oportuno para felicitar um homem é quando se percebe claramente que esse homem vai aprisionar essa grande vagabunda que é a Felicidade. Em geral cometemos a asneira de deixar escapar esta senhora errante; tal, porém, não sucederá contigo, pois, se não sou o mais bronco dos observadores, creio que estás prestes a fazer o gesto feliz. Faze-o com desassombro; tenho a arraigada certeza de que tanto para ti como para ela é a ventura completa. Decide-te, pois, a oficiar esse negócio, consagrando nas participações de estilo um tão agradável acontecimento. Quero ser o primeiro a receber o mensageiro cartão dessas participações, e até lá - um lá que adivinho muito próximo, envio-te num abraço de amigo a sinceridade do meu velho afeto perspicaz.

Clemente

A leitura desta carta foi naquele instante como o complemento perfeito do que pensava Curt. Foi a colaboradora misteriosa do acaso na irrevogável resolução que pouco a pouco se Ihe elaborava no fundo da alma. Se o casamento com a prima se afigurava mesmo a este bom Dahnow a felicidade para ele, Curt, é porque o era, e seria tolice deixá-la fugir. A condessa não tinha maior desejo do que esse enlace; Lily amava-o; Curt, se não tinha por ela um amor ardente, tinha pelo menos um gosto pronunciado. Esse gosto saberia fazê-lo passar aos olhos dela como amor; e, de mais a mais - argumento capital - a participação desse casamento no momento

presente seria o desmentido categórico as malévolas insinuações e as perfídias caluniosas do que em Viena suscitara contra ele o venenoso artigo anônimo.

__ É um coraçãozinho de ouro! __ Repetiu a meia voz, guardando a carta de Lily no bolso do sobretudo, sobre o coração, que ele naquela hora pensava sinceramente ser todo dela.

Mas não foi ainda a loura figurinha da juvenil senhora de Goehlitz, nem o seu ameno sorriso acolhedor, que lhe povoou a mente de sonhos quando, preparadas as malas, cerrou os olhos à cata de um sono, que pirracentamente lhe fugia. Foi um pálido rosto demudado sob as abas largas de um chapéu escuro, onde dois largos olhos de um azul de abismo tentavam pateticamente sorrir-lhe através das lágrimas, que assim ao longe os faziam cintilar com um brilho de pedra preciosa. Curt afastou deliberadamente essa visão perturbadora; morreu para o passado; era preciso encarar resolutamente o futuro feliz.

O que ele, porém, nunca suporia era que Dahnow ao escrever-lhe aquela carta pensara egoisticamente:

__ É-me intolerável ir vê-lo namorar a prima depois de ter amado e ter sido amado pela outra; não irei, pois. O que, porém, não posso deixar de saber, e já, é o paradeiro dela.

Se Curt tivesse podido sondar este pensamento, seu espanto não teria sido menor que o do preceptor, quando no dia seguinte, ao trazer-lhe o café matutino, o criado lhe entregou este bilhete imprevisto:

Sigo para Goehlitz; do que lá se decidir talvez dependa minha partida para o estrangeiro. Seja como for, V. Revma. terá notícias exatas

dentro de poucos dias. Creio ter tomado a única resolução acertada. Reze por mim.

C. D.

*   *   *   *   *



Tu, pobre criança,
foste certamente
mais feliz na dúvida.

ENQUANTO no bulício do mundo sucediam estas coisas, junto ao leito de dor de um homem agonizante uma jovem, uma menina ainda, tentava arrancar à morte uma vida preciosa e idolatrada, com todas as forças de uma dedicação que o perigo iminente exaltava até ao heroísmo. Essa jovem era Nora.

Desde o momento em que lhe haviam trazido ao quarto do hotel o pai moribundo e adivinhou o drama que assim prostrava definitivamente o lutador que fora até então Alfredo Carsten, Nora não se afastara um só instante de sua cabeceira.

Com a mesma silenciosa força de sacrifício, a mesma abnegada resistência com que já uma vez o soubera salvar, dispôs-se a lutar contra a enfermidade, auxiliando os cuidados médicos do facultativo, chamado a pressa, com todo o desvelo de seu amor filial em alarma e a doçura enérgica de uma enfermeira de profissão.

Não tinha ninguém para ajudá-la, a não ser Ana, que, doente e alquebrada, só podia servir para tomar conta do pequeno Jack.

Nora previra a catástrofe. Há muito que a atitude da madrasta com o secretário e a espécie de acrimônia com que a tratava lhe tinham suscitado as suspeitas, e, quando falara ao preceptor dos inconfessáveis receios que a atormentavam, era a essa tristíssima história que se referia. Nora seguira com olhos de lince as diversas faces desse drama, cujo desfecho acarretava a ruína, a desonra e talvez a morte do pai. Sentira aproximar-se a desgraça, vira-a vir de longe, guiada na sombra pela pérfida mão de Landolfo, desse Landolfo, cuja vingança ela não pudera evitar, embora lhe adivinhasse os planos, embora jamais se tivesse feito ilusões a seu respeito.

O secretário nunca lhe perdoara não ter consentido em contentar-lhe as ambições e com um desprezo - cujo perene insulto lhe levantava na alma verdadeiras tempestades de ódio e de rancor - ter repelido sempre as propostas de casamento que ele atrevidamente lhe fizera.

Os projetos de Landolfo eram simples. Senhor da vontade de Carsten, a quem conseguira inspirar uma confiança cega em tudo o que lhe dizia, parecera-lhe muito fácil apoderar-se também dessa criatura de brilho e sedução que era Nora.

Em sua vaidade de rapaz bonito, para quem toda conquista se afigura natural, concebera o plano de a desposar e, marido dela tomar abertamente a direção do circo, explorando a seu bel-prazer não só os capitais da Companhia, como ainda, e talvez com maior lucro, essa afamada beleza de que seria dono e senhor.

A fria recusa de Nora, cuja seca dignidade mal encobria uma repulsa que chegava ao nojo, foi o primeiro obstáculo com o qual se deparou. Não contava com ela e doeu-lhe tanto mais quanto não era

somente o dote da donzela que desejava, desejava-a também a ela com toda a desenfreada paixão de um temperamento grosseiramente sensual.

A donzela não lhe concedeu a honra de explicar sua recusa; recusou-o simplesmente, deixando-lhe campo livre às mais desencontradas hipóteses. Landolfo, cuja fatuidade não lhe permitia atribuir essa recusa a um sentimento de antipatia por ele, imaginou logo, e não sem acertar, que a houvesse motivado o amor de outro. Foi-lhe fácil saber tudo. Nora não se escondia, e desde o momento em que lhe surpreendera a entrevista com Curt no Hotel Pelloux, um ódio implacável o animou contra esse “fidalgote atrevido”, como costumava dizer, causa afinal da derrocada ou pelo menos do adiamento indefinido de seus sonhos. Jurou vingar-se, e desde esse dia começou contra Nora no espírito de Carsten o lento e insidioso trabalho de desunião, que pouco a pouco os separou tão completamente.

Mas não se limitou a intrigar a filha no espírito do pai; prosseguia mais palpavelmente sua vingança. Os negócios da Companhia iam mal; com seus conselhos tornaram-se péssimos; foram ainda seus conselhos que levaram Nora a estrear no circo. Quando conseguiu ver decaída do pedestal em que até então se mantivera aquela orgulhosa, Landolfo teve um momento de alegria soberana. Na embriaguez desse triunfo ousou renovar à donzela a proposta de casamento, que ela repeliu outra vez, quase com indignação.

Já por esse tempo percebera o secretário a admiração sem limites que seu belo exterior e suas maneiras superiores de “artista” haviam inspirado à diretora. Decidiu-se a voltar para este lado suas

baterias e, desde que não podia atingir Nora em pessoa, atingi-la-ia mais seguramente ainda, ferindo o pai, que era o que de mais caro ela possuía no mundo.

A princípio cultivou discretamente a admiração de Emília, e ocultando seu jogo, para depois fazê-lo abertamente ante a cegueira de Carsten, sem perder, entretanto Nora de vista, jurou a si mesmo separá-la de qualquer modo de Degenthal para sempre. Vigiava-a com ciumento desvelo de um verdadeiro apaixonado, cumulando-a de gentilezas e não se apartando um só instante daquela atitude de enlevada familiaridade, que fazia dizer a todos que era noivo de Nora.

Aos numerosos admiradores da donzela, mesmo a ZoIwensky, cuja assiduidade não deixava de o inquietar um pouquinho, achava ele meio de insinuar em frases veladas, que uma enigmática expressão tornava ainda mais velada, a existência de um compromisso secreto entre ele e a cobiçada filha do diretor.

Durante certo tempo Zolwensky chegou a assustá-lo. Nora parecia fraquear; sua atitude em relação ao príncipe polaco revelava uma preferência que ameaçava tornar-se significativamente ostensiva.

Mas Zolwensky estava divorciado e, apesar do cínico ceticismo que professava pelas mulheres em geral, Landolfo tinha demasiada confiança na piedade sincera e convicta de Nora, para acreditar seriamente que esta preferência pudesse algum dia determinar qualquer coisa de mais comprometedor.

Limitou-se, pois, a tornar-se o companheiro inseparável da Alteza, e Nora mesma, que pressentia, embora não a determinasse, a trama de intrigas em que pouco a pouco a enredava, teria

dificuldade em achar qualquer coisa de repreensível na conduta do secretário, tão bem sabia ele salvar as aparências.

Nora teve um momento a ideia de prevenir o pai, abrir-lhe os olhos, pô-lo de sobreaviso; mas não tinha acusações positivas a formular e sobretudo sentia bem que tudo quanto pudesse dizer resvalaria sobre a espécie de atonia em que se mergulhava aos poucos o diretor; calou-se, guardando para si a sensação angustiosa de achar-se sob o domínio de um inimigo problemático, cuja influência oculta a arrastava inevitavelmente à desgraça. Os negócios da Companhia iam de mal a pior; para fazer face as despesas crescentes, aconselhadas por Landolfo como o único meio de manter perante a sociedade o prestígio ameaçado, Carsten sobrecarregava-se de dívidas.

Não obstante a influência que os trabalhos da filha atraíam a seus espetáculos, e o sucesso que de novo lhe parecia sorrir, o diretor compreendia que seu concorrente ganhava terreno, apesar da temporária vitória que sobre ele obtivera com o aparecimento de Nora. Vendo-se pouco mais ou menos perdido, em vez de refrear as despesas, diminuir o pessoal, por um termo ao luxo exagerado de sua casa, Carsten atirava-se cada vez mais dementemente ao torvelinho, abusando do álcool para esquecer as dificuldades e os aborrecimentos de sua complicada existência, na passageira inconsciência da embriaguez.

Não consultava ninguém, exceto Landolfo, que esperava satisfeito o epílogo de sua obra de vingança com o interesse de um sábio, que espera atento o resultado de uma experiência importante.

Era natural que, atribulado como vivia, Carsten pouca atenção desse à esposa. Tivera por ela um capricho de momento e

desposara-a na exaltação desse capricho, confiado na fama de relativa honestidade de que gozava Emília Laner na Companhia. Em pouco tempo, porém, enfastiara-se dessa criatura de frivolidade e de nervos, cujo espírito pueril nada tinha que o pudesse cativar, nem sequer interessar de longe. Contentava-se com cobri-la de ouro, fazendo-lhe indulgentemente a vontade e concedendo-lhe apenas a complacência levemente irritada que se concede às crianças mal criadas.

Com a novidade da vida de “senhora”, e maravilhada ainda com o deslumbramento da inacreditável ventura de ter sido ela, pobre dançarina de corda, promovida ao cargo de diretora, Emília satisfizera-se durante certo tempo com essa aparência de amor conjugal, muito divertida com a necessidade de representar bem seu papel de mulher honesta e considerada. Este interesse, porém, não tardou em arrefecer; longe da Companhia, desse centro de intriguinhas e aventuras baratas, de que se alimentara sua mocidade, Emília aborrecia-se indizivelmente. O marido abandonara-a a si mesma, a enteada era-lhe demasiado superior para não lhe parecer muito enfadonha; O filho enfadava-a com seus choros despropositados; de mais a mais, tinha a ama, não precisava dos cuidados da mãe.

Emília nunca tivera jeito para crianças, a fibra materna estava nela muito embotada, e o único receio que exprimira ao ter Jack, fora que o marido a obrigasse a amamentar o pequeno, o que teria sido um desastre para a estética de seu busto.

Foi, portanto, no vácuo de uma existência onde os trapos exerciam um domínio soberano, que Landolfo apareceu com sua cabeleira de poeta, seus trajes de artista, com a sedução irresistível

de seu passado boêmio e de suas maneiras de Lovelace de bastidores.

A alma impressionável da diretora sentiu-se imediatamente perturbada; o antigo fundo de sentimentalidade germânica que dormitava nela, e que não achara até então ocasião de se expandir, despertou-o esse rapagão de olhos lânguidos e de sorriso doce, que tão bem sabia dar um nó na gravata e falar com superioridade das coisas e gente de Paris.

Emília sentiu-se vencida por uma admiração sem limites; Landolfo, sem o saber, realizava o tipo de "artista" que foi, é e será sempre o ideal de todas essas criaturas de ribalta. Admirava-lhe o corte da roupa, a negligência com que atirava para trás a cabeleira ondeada, o modo como cruzava as pernas e principalmente a maneira com que se referia às aventuras de sua vida passada, o sorriso de ironia superior com que julgava os homens, o grande desprezo experiente e farto em que parecia envolver todas as mulheres.

Landolfo fascinava-a positivamente, e cônscio desta fascinação, que não era para desagradar a seus brios de rapaz bonito, acentuava ainda mais essa atitude displicente e inatingível, que só parecia modificar-se para ela, Emília.

E depois, como resistir a alguém que vos declara a causadora cruel de um secreto martírio com a voz quebrada de melancolia, a alguém que vos envolve nos eflúvios de um olhar ternamente demorado, e que, beijando-vos morosamente a mão num encontro furtivo de corredor, vos chama em francês: *"Mimi, la reine des blondes..."* em francês, oh! sedução das seduções!

Era realmente para fazer perder a cabeça a pessoas de uma virtude bem mais resistente do que a da pobre Emília... e ela perdeu-a por completo, só caindo em si quando já não era nas mãos de Landolfo mais do que o instrumento de vingança, cujo desfecho se precipitava dia a dia. O que mais concorreu para a perda da diretora foi não somente o ter ela recomeçado por conselho do secretário a tomar parte nos espetáculos da Companhia, como ainda a embriaguez de sua vaidade por ter sido a preferida, ela, que há muito deixara de ser de primeira mocidade, tendo por competidora essa afamada beleza que era a enteada. De tudo quanto Landolfo lhe poderia dizer de galanteador e de apaixonado, era ainda isto o que mais a lisonjeava e mais seguramente a submetia ao jugo de seu idolatrado secretário.

Emília, porém, não era tão estúpida para não perceber que, se era dela que ele se dizia e se mostrava enamorado, era para Nora que iam suas públicas atenções e em torno de quem se concentrava seu interesse, embora disfarçadamente.

Isto despeitava-a sobremaneira, e era esta a causa da espécie de hostilidade com que ultimamente tratava a enteada, perplexa ante esta inexplicável má vontade. Estavam, pois, as coisas neste pé e tivera Nora, há dias, uma cena violentíssima com o pai, por causa do rompimento com Zolwensky, quando o reaparecimento de Curt veio pôr fecho a esta já tão delicada situação.

Carsten não se consolava da partida do príncipe, não só porque a corte do polaco dava à filha um incomparável prestígio romanesco, como ainda mais porque esse amor lhe auxiliava os negócios. Kostia Zolwensky era ultimamente quem fazia a maior

parte das despesas da Companhia. Por isso, seu furor foi tanto maior quando Nora, devolvendo ao príncipe a joia que ela não poderia aceitar sem desonra, lhe significou em termos categóricos que perdesse para sempre toda esperança.

Desesperado, Zolwensky partiu bruscamente para a Polônia, onde na solidão de seu castelo principesco foi esconder a mágoa verdadeira de sua grande decepção.

Landolfo exultou com esse rompimento e recomeçou a esperar silenciosamente, visto a cólera do pai, a animosidade da madrasta, a humilhação de suas exibições diárias no circo, o esquecimento de Degenthal e a desorientação moral em que a lançara a visita do preceptor, afigurava-se-lhe impossível que Nora não sucumbisse, afinal e não lhe aceitasse a aliança como o único meio de se libertar para sempre de todas essas terríveis preocupações.

Não erraria talvez seus cálculos, se Curt não surgisse como um fantasma do passado, fazendo com sua presença e suas palavras renascer na alma combalida de Nora um mundo de esperanças quase apagadas.

A surpresa de o encontrar a sós com a donzela no hotel só teve como equivalente a fúria que este encontro lhe suscitou na alma. E foi sob o impulso desse exaspero de rancor que, apenas Degenthal deixou o quarto do hotel, teve ele a coragem de repetir a Nora a proposta de casamento, ameaçando-a de revelar tudo ao pai, caso ela persistisse em recusar.

Frenética ainda da indescritível emoção da visita de Curt, a donzela repeliu-o num assomo de indignação com palavras de injurioso desdém. Pela primeira vez o secretário replicou e Nora, com a exacerbação de seus nervos irritados, quis fazer calar esse

homem, impor-lhe definitivamente silêncio e tirar-lhe para sempre essas pretensões, que a punham à mercê de declarações daquela ordem; confessou num arrojo de bravata que ela amava a Curt, que nunca deixaria de o amar um só instante e que, fizesse ele o que fizesse, amá-lo-ia sempre, amá-lo-ia a despeito de todos e de tudo, a despeito dele mesmo, com uma constância que só a morte conseguiria aniquilar.

Landolfo ouviu-a, lívido de cólera; e como Alfredo, que o atraso de ambos acabara por assustar deveras, entrasse naquele momento, contou-lhe tudo num arrebatamento de ódio que lhe fazia inconscientemente exagerar os fatos.

A cena que se seguiu foi de inenarrável violência. O diretor, cuja estada na cervejaria do hotel excitara ainda mais, arremeteu contra a filha num furor de loucura e, como Landolfo se interpusesse para evitar qualquer violência física, disse a Nora, que o ouvia tremendo de uma emoção que lhe tirava toda a força de proferir sequer uma silaba de protesto, tudo o que de mais duro se possa dizer. Nora teve a suprema energia de conter a onda de indignação que a levava a responder com falta de respeito às acusações desse pai que assim cometia a maior das injustiças.

Quando Carsten parou afinal, extenuado, Nora, com uma autoridade soberana, disse-lhe apenas que ele se arrependeria um dia do que acabava de fazer, e, sem olhar para Landolfo, atravessou o salão, indo encerrar-se em seu quarto, onde ficara até à hora fatal em que lhe haviam trazido o pai moribundo.

Ao sair Nora, Landolfo acalmou o diretor com algumas palavras, e, descendo com ele, instalou-o na cervejaria, indo ter em seguida com Emília, a quem muito sucintamente informou do

ocorrido. O secretário compreendia que a situação se tornara insustentável. No dia seguinte à noite teria lugar o espetáculo de despedida; Nora, magoada como estava, recusaria certamente representar, tanto mais que ele devia tomar parte nos trabalhos; Carsten enfurecer-se-ia, haveria cena, barulho, escândalo.

Dois dias depois era o prazo do pagamento geral dos artistas e empregados, não havia dinheiro suficiente e Zolwensky, para quem se apelava sempre nas emergências difíceis, já não estava ali; trapaças e desfalques do secretário iam infalivelmente ser descobertos pelo diretor.

Que sucederia? ...Landolfo resolveu dar o golpe final. Convenceu facilmente Emília da necessidade urgente de uma fuga com ele para o estrangeiro. A leviana e vaidosa criatura tinha, porém uns restos de consciência: a lembrança do filho fê-la relutar a princípio. Com muito carinho, entre abraços e beijos, Landolfo declarou-lhe que, se não consentisse em acompanhá-lo, revelaria tudo ao marido, e, como ela voltasse para ele o rosto desfigurado por súbito terror, tranquilizou-a, traçando-lhe em linhas brilhantes o quadro sedutor da vida encantadora que os esperava no estrangeiro. Iriam para a Itália com o dinheiro que arranjassem nos escaninhos do toleirão desse Carsten, passariam ali uma deliciosa lua-de-mel, seguindo depois para Paris, onde ela, com aqueles cabelos de ouro e aquele corpo de fada, acharia facilmente colocação num pequeno teatro, até que ele desse a lume a peça de inigualável sucesso que se propunha escrever, e de cujo papel principal seria ela a criadora.

Emília não pôde resistir a tão atraente perspectiva; por outro lado, o receio de serem conhecidas do marido suas criminosas

relações com o secretário fez-lhe ceder a tudo o que o amante exigiu dela. Combinaram a fuga; inspirada por ele, escreveu a carta que Landolfo, num requinte de crueldade e no momento de entrar no
comboio, fez remeter no dia seguinte ao diretor por um simples portador de rua, como se se tratasse de um convite para um jantar ou para o teatro.

Foi então que concebeu a ideia de fazer Emília passar-se por Nora e de completar assim a sua vingança, enxovalhando para sempre a reputação da donzela. Recomendou a Emília que não saísse de casa até à hora marcada para a partida e que pusesse um véu bem espesso para a viagem.

Durante a noite escreveu o artigo envenenado, que tanto mal devia fazer a Curt e Nora, indo entregá-lo à redação do jornal onde três dias depois saiu publicado.

No dia seguinte tudo se passou como de costume. Sendo o último espetáculo da companhia, Alfredo partiu muito cedo para o circo, não havendo ensaiado por causa de uma indisposição de Nora e da diretora, que recusara sair de seus apartamentos. À hora costumada Landolfo foi buscar as senhoras e, como dissera o porteiro na célebre interview, saiu acompanhado de miss Carsten, dizendo mesmo alto que a diretora não ia por achar-se ainda indisposta.

O plano de Landolfo era de uma perversidade refinada. Sabia perfeitamente que a inocência de Nora seria descoberta cedo ou tarde, mas sabia também que, como artista de circo, tudo o que se espalhasse a respeito dela seria indiscutivelmente acreditado. O que ele queria era separá-la para sempre de Curt; as revelações do

artigo eram mais do que suficientes para conseguir este fim. Que se lhe descobrisse depois a inocência, que importava! ...Sempre havia de ficar alguma coisa de tudo o que caluniosa e anonimamente publicara contra ela.

E foi com esta esperança infame a iluminar-lhe de um sorriso infernal o cínico semblante que na estação entregou ao portador o bilhete de Emília, para ser entregue imediatamente ao diretor do Carsten-Circo.

Alfredo estava no camarim de sua mulher. Passara uma noite agitada, atormentado não só pelo remorso de ter feito à filha aquela cena inqualificável diante do secretário, mas talvez ainda mais pelo receio de que Nora recusasse à ultima hora tomar parte no espetáculo. Era o último espetáculo que dava em Viena; fizera muitos gastos para tornar ainda mais espalhafatoso o reclamo em torno dele, pois contava muito com os lucros para equilibrar um pouco suas finanças.

Fora cedo para o circo, dirigindo ele mesmo a encenação e os preparativos. Fatigado por este trabalho, de que se desacostumara, excedera-se um pouco nos aperitivos, que julgava conveniente tomar à guisa de jantar, e fora esperar a filha e a mulher no camarim da diretora, para lhes dar as últimas explicações acerca das particularidades da entrada em cena ou coisa equivalente. Continuava um pouco inquieto com relação a Nora, tendo-lhe já enviado dois portadores, quando um dos palafreneiros lhe entregou um bilhete de Emília.

Julgando-o ser da filha, abriu-o à pressa com uma sofreguidão que lhe fazia tremer as mãos. Leu-o a primeira vez sem compreender, ficou um instante parado, fitando o papel que lhe

tremia na ponta dos dedos; tornou a lê-lo muito devagar, franzindo a testa num esforço de compreensão... Depois, como se a luz se fizesse de chofre no seu espírito, soltou um grito abafado e, batendo no ar as mãos convulsas, caiu fulminado no chão.

Ao baque do corpo o palafreneiro, que se achava ainda no corredor, precipitou-se ao camarim e ao avistar seu diretor, com a face contorcida num espasmo de agonia e estirado no assoalho, bradou por socorro com tal veemência, que em poucos minutos amotinou o teatro inteiro numa desordem de pânico.

De todos os lados surgiram cabeças aterrorizadas e em poucos minutos o camarim foi invadido por uma horda de homens e mulheres, alguns dos quais muito sumariamente vestidos, que se acotovelavam, apertavam e esmagavam na ânsia desordenada de prestarem socorro ao patrão inanimado. Graças à presença de espírito
de um dos clowns, foi chamado um médico da vizinhança e foram prestados a Carsten os primeiros cuidados no meio da turba consternada dos comparsas e artistas, que este súbito desastre deixava absolutamente desnorteada. Passado o primeiro momento de alarme, e como Landolfo, a quem todos procuravam, não aparecesse realmente, o bilheteiro do circo tomou a direção dos acontecimentos; era um velho que viera dos Estados Unidos com o diretor e que desde essa época não o abandonara um só instante. Sua primeira decisão foi mandar transportar para o hotel o corpo ainda inerte de Alfredo Carsten.

Nora vestia-se para sair. Depois da terrível cena da véspera recusou falar a quem quer que fosse e permaneceu em seu quarto entregue a amargura de seus desalentados pensamentos. Cenas

como a que acabava de sofrer não se podiam de modo algum renovar; era preciso, custasse o que custasse, por termo a essa vida de escravidão e de martírio, que lhe ia tirando dia a dia um pouco de sua dignidade e que, mau grado seu, a punha à mercê de pretensões como a desse audacioso Landolfo. A ideia só de tornar a ver o secretário era-lhe odiosa. Resolveu comunicar sem detença ao pai a inabalável resolução que tomara de deixar o circo. Não tomaria mesmo parte no espetáculo do dia seguinte; seu pai que suprimisse a parte em que se deveria exibir.

Levara toda a noite a remoer estas ideias; pela manhã recebeu o primeiro recado de Carsten, dizendo-lhe que precisava dela à noite no circo. Seu primeiro ímpeto foi escrever que não iria; deteve-a, entretanto, um escrúpulo delicadíssimo. Se recusasse ir, sabendo as dificuldades em que se achava o pai e o chamariz que era para o público o seu nome no cartaz, parecia e seria na realidade uma vingança. E que baixa, que mesquinha vingança...

Além disso, era o último espetáculo; a Companhia devia sair de Viena dois dias depois; era o sacrifício derradeiro que faria a esse pai que tão mal a compreendia e tão injustamente a tratava. Ele não teria mais tarde o direito de se queixar, quando ela lhe anunciasse sua partida.

Respondeu simplesmente que lá estaria à hora do costume. Como o dissera, à hora do costume fazia afadigadamente ao espelho sua toilette de teatro e, com a ignorância patética em que vivemos dos piores acontecimentos que nos ameaçam, consertava a gaze um nada amarrotada da grande *charlotte* de rosas que pretendia levar, quando o alarido de muitas vozes alvoroçadas e o ruído que faziam no transporte penoso do corpo de Carsten vieram

bruscamente arrancá-la de seu sossego e, apenas aberta a porta a que batiam febrilmente, precipitaram-na em pleno drama.

Nora adivinhou de relance a catástrofe. Outra qualquer teria ali pretexto suficiente para uma síncope ou pelo menos para a explosão desvairada de uma grande dor; a donzela, porém, recebeu corajosamente a desgraça.

Depois de ver o pai deitado em seu próprio leito, teve ela mesma de arrancar-lhe da mão crispada a carta de Emília, esse curto bilhete onde a desgraçada, com uma afetação de cinismo revoltante, não tocara no filho, prevenindo ao marido que o deixava por não poder sofrer por mais tempo o abandono em que vivia. Era demasiado jovem e demasiado sensível para se resignar com o papel secundário a que a tinham condenado. Oferecia-se-lhe outro amor, desinteressado e sincero; iria para ele na convicção formal de que aí pelo menos seriam apreciados seus dotes de mulher e seu talento de artista, etc...

Nora leu este bilhete numa revolta que roçava no asco, e para que ninguém mais pudesse ver essas linhas, prova inegável da desonra de seu pobre pai, queimou-o imediatamente no fogo vivo da chaminé. Quando acabou, esfregou instintivamente as mãos nas rendas do vestido, como se as quisesse limpar do contacto repulsivo daquele infame bilhete; parecia-lhe ter-se sujado só em pegar nele.

O médico, entretanto, reclamava-a à cabeceira do pai; Nora não tinha tempo para reflexões. Estava conjurado o perigo iminente; o facultativo, porém, não se responsabilizava ainda pela vida do doente.

Talvez à força de cuidados e com um tratamento rigoroso se lhe conseguisse salvar a existência; o que ficaria, contudo, perdido

irremissivelmente- e ele preferia preveni-la desde já para que ela não se embalasse com falsas esperanças - era o uso das pernas e provavelmente a integridade das faculdades mentais. Nora ouviu-o sem dizer palavra, ante a imensidade de seu infortúnio.

Naquele instante só tinha uma ideia: salvar-lhe a vida; tudo o mais desaparecia ante a ameaça dessa morte que lhe roubaria o único afeto de sua existência.

Teve, porém, que despedir com palavras falsamente tranquilizadoras os homens que haviam transportado Carsten, e em frases entrecortadas de emoção pedir rapidamente ao velho bilheteiro que assumisse temporariamente a direção da Companhia, fazendo na ausência do secretário o que melhor lhe parecesse para contentar o público e os artistas.

Mesmo a este velho amigo ocultou Nora o motivo do ataque do pai, dizendo-lhe que Landolfo se ausentara por motivos de negócios, devendo estar de volta dentro de poucos dias. Apenas desembaraçada desse bando importuno, cuja curiosidade ela sentia ter chegado ao auge, e como o médico esperasse junto ao doente o resultado de um remédio aplicado, pensou Nora no irmão, no pequenino Jack, cuja indigna mãe tão cruelmente o abandonara sem uma palavra sequer de carinho ou de saudade. Correu ao quarto da madrasta; e aí, ante a desordem das gavetas abertas, dos armários escancarados, dos móveis dispersos, de roupas velhas atiradas aqui e ali, numa verdadeira precipitação de fuga, Nora compreendeu que não fora só a honra que Emília roubara a Alfredo Carsten, roubara-lhe também todo o dinheiro, todos os papéis de valor, todas as joias, roubara-lhe mesmo a roupa, num frenesi de

vingança que indicava bem claramente a sugestão perversa de Landolfo.

Nora sentiu um imenso desespero invadir-lhe o coração. Jack dormia sobre o tapete, cansado de chorar, o rostinho ainda úmido das lágrimas que vertera sozinho, apertando na mãozinha fechada os pedaços de um polichinelo vermelho, que Emília provavelmente lhe entregara para distrair-lhe a atenção no momento decisivo da saída.

Os cachos louros de seus cabelos espargiam-se desfeitos e emaranhados, uma expressão de tristeza espantada apertava-lhe a boquinha numa careta de amuo e no gesto com que apertava de encontro ao peito o brinquedo estragado havia qualquer coisa receoso e um sentido irresistivelmente tocante.

Era evidente que se assustara muito, quando se vira sozinho, que chamara pela mãe ou pela ama, que gritara, que chorara e que só a fadiga o havia adormecido afinal naquela posição de vencido que enchia agora de lágrimas os olhos de Nora.

A donzela tomou cuidadosamente nos braços a criança adormecida na inconsciência da irreparável desgraça que a feria, estreitou-a fortemente ao coração, que se fundia numa imensa e consternada piedade, beijou-lhe de leve os cabelos e por entre as lágrimas, que lhe corriam numa onda quente pelo rosto pálido, jurou-lhe baixinho, com a inexprimível ternura de sua alma de mulher e de irmã, que ela lhe serviria doravante de mãe, tentando substituir com o carinho de sua dedicação aquela que sua inocência, sua fragilidade, sua graça não haviam conseguido reter.

A voz de Ana chamou-a nesse instante, o médico reclamava-a. Nora entregou o menino à velha ama, recomendando-lhe que o

deitasse, e não o deixasse no dia seguinte falar a pessoa alguma, indo em seguida colocar-se junto à cabeceira desse pai, que tantas e tão amargas lágrimas já lhe tinha custado. E durou três ou quatro dias a expectativa angustiosa, a luta silenciosa de hora em hora, de minuto em minuto, a luta encarniçada para poder defender contra a morte essa vida que parecia querer extinguir-se.

O médico vinha duas vezes por dia; Nora mal tinha tempo para dar uma volta para ver o que fazia Jack. A criança brincava sob a vigilância atenta de Ana, pois a ama foi despedida no dia seguinte ao da fuga de Emília.

Ao ver entrar a irmã, levantava invariavelmente para ela os olhinhos negros, que uma expressão de tristeza ingênua anuviava, e, aconchegando-se a ela para o abraço costumado, perguntava-lhe baixinho pela mãe.

Um rubor ardente subia às faces descoradas da donzela, que apertando nos braços o menino, que esta expansão de ternura fazia um pouco admirado, dizia-lhe por entre beijos que a mãe fora viajar e que voltaria muito em breve. Oh! muito em breve.

Carsten, no entanto, ia melhor, embora ainda inconsciente e em perigo de vida. Nora consultou o médico e, afirmando-lhe este que uma mudança não podia ser prejudicial ao doente, fez alugar pelo bilheteiro, um dos únicos amigos que não a abandonara, três quartos num pequeno pensionato de um bairro afastado, transportando-se para lá com Ana e Jack, apenas Alfredo pôde suportar o transporte.

O luxo do hotel em que se achava não só a assustava, ante a escassez de recursos de que agora dispunha, como a molestava pela atenção que atraía sobre sua desgraça.

Sentia-se ali à vista da curiosidade e dos comentários de todos esses estrangeiros que a haviam conhecido em pleno apogeu da fama e de prosperidade aparente.

Conheciam-na demais; era-lhe intolerável ter de sofrer a piedade, a bisbilhotice ou a zombaria dos estranhos. Por um sentimento de pudor muito natural, preferia esconder seu infortúnio longe deste centro de mundanismo brilhante, perder-se no mundo dos ignorados, desaparecer para sempre nas ondas sempre renovadas desse mar humano, que é uma grande capital. Quem se lembraria de a procurar nesse cantinho de Viena, distante e modesto, nesse bairro pobre, na humildade daquela pensão barata? ...Quem? ...Ele, talvez!

E era este um dos grandes remorsos de Nora: que ainda pensasse nele, ainda loucamente consagrasse o melhor de seu pensamento, o mais comovido de seu interesse no meio de tantas e tão graves preocupações, na dificuldade quase inextricável de uma situação pecuniária vizinha da miséria, tendo que tratar do pai, prover ao sustento do irmão e da velha criada, satisfazer as despesas do médico, atender às reclamações diárias do bilheteiro, que se fazia, embora constrangidamente, porta-voz do descontentamento geral da Companhia em dissolução.

Mas ele dissera “num destes dias!”, e na cegueira voluntária de seu afeto indestrutível Nora esperava sem saber definir bem o que esperava envergonhadamente, dizendo-se, diante daquele silêncio que a ofendia e a torturava, que se ele não viera ainda era porque não soubera da desgraça que a ferira.

Era uma esperança vaga, indefinida, quase inconsciente, mas uma esperança que lhe dava forças para afrontar sem

desfalecimento com a amargura e a dureza do momento presente. Porque era preciso notar que Nora se debatia num mar crescente de dificuldades. Havia instantes em que julgava enlouquecer. Se pudera, com o dinheiro que guardara e a venda imediata de suas joias de donzela, saldar todas as contas do hotel e sair de lá de cabeça arguida, o mesmo não se dava em relação aos artistas da Companhia, cujos ordenados ainda estavam por pagar.

Nora extenuava-se em combinações e projetos; quando podia deixar o pai, cuja impertinência não lhe permitia arredar pé de junto do leito, era para eternizar-se em conferências com o bilheteiro, que tomara provisoriamente a direção da Companhia.

O digno homem, embora cheio de boa vontade, não sabia mais que pretextos inventar perante os reclamantes para contemporizar até a cura de Carsten, como lhe recomendava Nora. Mas o diretor não se curava. Nora via com infinita tristeza que era impossível mesmo que ele chegasse um dia a curar-se a ponto de poder retomar a direção dos negócios; e os artistas, cada vez mais impacientes, exigiam o pagamento, ameaçando fazer intervir a polícia!

A menina sentia-se perdida; não havia dinheiro, Landolfo levara tudo. Como contentar essa gente que arremetia contra ela numa Justa revolta, reclamando apenas o que lhe era devido? ... Como cunhar dinheiro para pagar o pensionato, onde por caridade já lhe haviam diminuído a pensão diária? ... Trabalhar? ... O trabalho era o único meio de salvação nesta situação. Mas a que trabalho se dedicar? ... Onde encontraria ela emprego que lhe rendesse imediatamente o lucro de que necessitava nos apertos em que se achava? ... Que fazer, Senhor, que fazer?

Nora repetia-se essa pergunta a cada instante do dia; em sua imaginação doente as piores hipóteses, as mais tristes cenas evocadas pelas palavras do bilheteiro iam pouco a pouco tomando corpo e assumindo proporções de realidade. Via seu pai citado perante os tribunais, preso, encarcerado; via seu nome difamado nos jornais, Jack no abandono, Carsten na prisão, morrendo de vergonha e de fraqueza. Era preciso evitar quanto antes que a polícia se metesse nos negócios do circo!.. Que fazer?!

No desespero de sua solidão, Nora se lembrara já de recorrer ao preceptor. Este amigo, porém, fazia parte da família Degenthal, morava com eles; pedir-lhe socorro era como tentar uma aproximação dessa família, a quem ela nada queria dever.

E se ele não tivesse por acaso a soma suficiente e recorresse a Curt? Oh! que horrível ideia! ... Receber dinheiro de Curt! Era preferível mendigar nas ruas. Por este lado, pois, todo auxílio tornava-se impossível. Pensou em Zolwensky; era impossível também. Nora conhecera nesses últimos dias o ultraje das propostas infamantes, sabia por que preço seria obrigada a pagar a proteção de Kostia como a dos outros, de todos aqueles que tão docemente lhe haviam proposto... Um grande enojamento a sublevava, toda, crestando-lhe as faces de um rubor de pejo; era impossível, impossível, impossível! ...Que fazer então? ...E foi a repetir-se pela milésima vez esta pergunta desesperada que Nora, farta de combater, pegava na pena para implorar o socorro de Madre Sibila, embora soubesse que a boa freira pouco poderia fazer por ela, quando a criadinha do pensionato lhe veio entregar toda alvoroçada o cartão de “um senhor muito bem vestido” e que insistia muito em ser recebido.

Era por uma fria tarde de outono; Nora estava só, compulsando desanimadamente os papéis que o bilheteiro lhe deixara há pouco, dizendo ser imprescindível tomar uma resolução para o dia seguinte.

Ana saíra para fazer tomar ar a Jack e o diretor repousava afinal, depois de uma noite e uma manhã agitadas. Nora estava só no cubículo que lhe servia de saleta e para onde abriam as portas do quarto do pai e da alcova onde ela dormia e com o pequeno.

Estava só nesse estreito quarto, cuja mobília consistia num velho sofá, duas cadeiras e uma mesinha, sobre a qual se espalhavam tristemente os papéis trazidos pelo bilheteiro; e fazia frio lá dentro, pois a pensionista pagava pouco para ter os três aposentos aquecidos. Já era muito que lhe aquecessem de graça o quarto do pai doente. Não havia tapete no chão e na parede, cujo papel cinzento o tempo manchara aqui e acolá de nódoas escuras, um espelho partido ao meio por uma larga fenda refletia a miséria dos reposteiros sebentos e das cortinas de cassa desbotada da única janela, por onde se escoava a luz triste de uma tarde fria e grisalha.

Nora estava só e um imenso desânimo acabrunhava-a. Quando a criadinha lhe entregou o cartão, estremeceu bruscamente e uma esperança insensata irrompeu-lhe do íntimo do coração numa exaltação de júbilo. Se fosse ele! Era Dahnow! E, na decepção que lhe causara ser o amigo e não ele, ia despedi-lo, quando duas linhas traçadas a lápis sob o nome do barão lhe chamaram a atenção.

Clemente escrevera; “Se miss Carsten necessita de conselho ou auxílio, é um amigo que tem a honra e o sincero prazer de

oferecer-lhos”. Era a primeira oferta de auxílio que recebia depois de sua desgraça. Sentia-se comovida, e, depois, o barão era um homem tão inteligente, tão perspicaz e tão prático, que talvez pudesse
ajudá-la eficazmente a sair dos cruéis embaraços que a estreitavam num círculo de ferro.

__ Mande subir. __ Ordenou à criadinha atenta. Cheia como estava de seus próprios pensamentos e na emoção repentina que lhe causou a visita deste antigo espectador de sua ventura passada, Nora não pôde reparar a profunda emoção que assim demudava tão anormalmente o irônico semblante do impassível barão. Movido por um sentimento de respeito ou para velar talvez a grande emoção que o emudecia, Dahnow inclinou-se para a mão que a menina lhe estendia, levando-a aos lábios numa silenciosa e reverente homenagem. Esta cortesia tão fidalgamente respeitosa foi direta ao coração de Nora, cujos grandes olhos pisados de insônias e de lágrimas encheram-se de água.

__ Obrigada, barão! __ Disse comovidamente, indicando-lhe com um gesto o velho sofá; sentou-se também e continuou, sorrindo-se um pouco para ele. __ Não imagina quanto me faz bem sua visita... Ando muito só agora, sabe, por isso causou-me espanto como pôde o senhor descobrir meu paradeiro e saber que eu necessitava de auxílio.

A frase era uma admiração e o olhar dos grandes olhos claros fitava-se sobre ele numa silente expectativa. Dahnow corou ligeiramente, mas sua resposta foi das mais simples. Fora a Viena por acaso e, lendo nos jornais a doença repentina do diretor e a não menos repentina suspensão dos espetáculos, foi ao circo e depois

ao hotel e ali tinha-lhe sido fácil informar-se onde ela se achava, indo, como era obrigação de todo velho amigo, pôr-se inteiramente à disposição dela e do diretor; autorizavam-no a isto as antigas e tão cordiais relações de Bonn. Dahnow falava com um desembaraço intencional, não queria de modo algum que Nora suspeitasse dos mil e um estratagemas que empregara para chegar até ela.

Vivendo no estrangeiro, como vivera todos esses últimos anos, deixara a menina ainda noiva de Curt, e embora achasse lá no íntimo que aquele noivado nunca poderia dar bom resultado, a notícia de sua estreia no circo, lida por acaso num magazine, não deixou de o surpreender. Conhecendo Curt como conhecia e principalmente a família a que pertencia, compreendeu logo que aquela estreia devia ter sido o golpe fatal no romance encetado.

Teve compaixão de Curt, mas muito mais de Nora. A suave figura da menina gravara-se-lhe na alma de um modo indelével desde o dia já tão remoto em que a vira aparecer a galope pela estrada deserta, na sorridente arrogância de seus dezoito anos, deliciosamente rosada sob a neve que lhe caía em flocos alvos no cabelo negro, voltando para ele dois grandes olhos ingenuamente azuis, de um azul que ele nunca mais encontrara em olhar algum.

Guardara ciumentamente essa imagem no fundo da alma, e todos os seus devaneios de sonhador incompleto, pois tinha para refrear-lhe a fantasia, essa grande destruidora de sonhos que é a ironia, haviam-se desde então cristalizado em torno de sua imagem, de cujo encanto a vida e o tempo não o haviam conseguido desenfeitiçar.

Levara-a através de suas longas e exóticas peregrinações, pensando sempre nela saudosamente, com uma constância que lhe

acercava o motejo do sorriso todas as vezes que ouvia falar na volubilidade das afeições masculinas e na desesperadora fragilidade de suas dedicações. Pensava sempre nela, e com tanta indulgente confiança o fazia, que não fora daqueles que a haviam acusado, quando lera a notícia de sua estreia; atribuíra-a, como o preceptor, a algum motivo de ordem superior e, conhecendo o caráter de Nora, tivera simplesmente imensa pena dela.

Ao regressar, soubera um pouco por todo o mundo dos triunfos que em toda parte angariava a beleza dela, e, ao ver a atitude de Curt para com Lily, julgou que Nora fora muito ajuizadamente esquecida por ele, e uma curiosidade febril de saber o paradeiro dela invadiu-o freneticamente.

Negócios importantes chamavam-no, entretanto, à sua terra; resolveu adiar a visita que pretendia fazer à artista, para quando regressasse a Viena. A notícia da fuga de Nora com o secretário foi, por isso surpreendê-lo na tranquilidade de seu velho solar, onde se via livre da amabilidade importuna do bando de seus numerosos sobrinhos.

Não acreditou um só instante, é preciso fazer-lhe esta justiça; e, compreendendo que qualquer coisa de irreparavelmente doloroso ameaçava Nora, seguiu para Viena no intuito, que ele interiormente qualificou de “quixotesco”, de oferecer-lhe seus serviços. Leu em Viena o artigo difamador, continuou a não acreditar, e, com uma teimosia verdadeiramente germânica, pôs-se à procura de Nora na babilônica Viena, com a sentimentalidade de um enamorado de vinte anos.

Achou-a afinal, e agora que a tinha ali diante dele, nesse emagrecimento e nessa palidez que lhe punham no rosto magoado

o estigma vivo de uma grande dor, agora que a ouvia narrar-lhe numa expansão provocada por ele a dolorosa história de sua vida neste último terrível mês, um secreto triunfo enchia-lhe de júbilo o coração ante a ignorância em que a viam, onde tudo quanto de torpe e baixo sobre ela correra. Ela não decaíra!

Tivera razão em confiar na altivez nobre do caráter de Nora, que nem um só instante desmerecera do grande culto fervoroso e puro que ele há tanto tempo lhe votava. E do fundo de sua alma, enlevada na alegria de a contemplar e de a ouvir, Clemente manifestava-lhe sua admiração de homem, curvava-se num respeito de crente ante a grandeza de alma tão singela e tão alta virtude, enquanto, impassível na aparência, continuava a fazer-lhe com a precisão habitual aquelas perguntas claras pelas quais se ia pouco a pouco inteirando da lamentável situação do diretor e de sua família.

__ O que eu mais receio... __ Rematou Nora com uma voz triste e apagada, que tão fundamente o comovia, baixando um segundo sobre os olhos a franja escura das pestanas. __ É que tudo isto venha a público, seja espalhado pelos jornais.

Foi tal a expressão de espanto que se refletiu na fisionomia de Dahnow, que a menina parou, encarando-o com uma surpresa de receio.

__ Já foi publicado, não foi? __ Prosseguiu, depois de ligeira pausa, para explicar sua ignorância. __ Tenho estado tão ocupada com a doença de meu pai, que nada sei do que se passa lá fora. Imagine que ainda não li um jornal desde que ele adoeceu! ... Publicaram então, não é verdade?

__ Seria inverossímil que, tratando-se de pessoas tão conhecidas como a menina e o sr. seu pai, os jornais não tratassem do assunto.

__ Eu? __ Interrompeu Nora, abrindo desmedidamente os olhos, numa expressão de verdadeiro assombro, que teve o dom de desconcertar ainda mais o pobre barão, já bastante atrapalhado com sua pessoa. __Como poderia meu nome estar envolvido em tudo isso ? ...Eu não tive cumplicidade alguma nos fatos.

__ É que houve troca de nomes! __ Explicou Dahnow, perdendo um pouco a cabeça ante esta inacreditável ignorância. __ Os repórteres estão mal informados... disseram que a menina... Compreende?! D. Emília era mãe, passara a idade das aventuras; enfim...

__ Enfim, sou eu a desmoralizada em tudo isso! __ Terminou Nora num revoltado assomo de indignação, que lhe fez subir até à raiz dos cabelos uma onda rubra de sangue. __ Oh! Meu Deus, meu Deus! __ Exclamou, escondendo nas mãos o rosto abrasado, como se recuasse aterrorizada ante a descoberta de um tenebroso abismo.

__ São tão inexatas as informações dos jornais... __ Tornou Clemente, consternado, como querendo desculpar-se do que dissera.

Nora não respondeu logo, esteve assim imóvel um instante, a face escondida nas mãos trêmulas, num silêncio de estátua. Depois descobriu bruscamente o semblante, que se fez branco como a cal, e voltando para Dahnow, com os olhos súplices e brilhantes, disse-lhe, um pouco ofegante ainda do choque que sofrera, mas perfeitamente senhora de si:

__ Barão, V. Excia. compreende, V. Excia. deve compreender que se trata aqui de uma questão de honra; é preciso, pois, que eu me esclareça. É preciso que eu saiba do que me acusam, para poder defender-me. Diga-me tudo, barão! Não tenha receio de melindrar-me; eu sou de uma têmpera que essas coisas não podem melindrar. Fale-me como a um amigo, como a um homem... Não me esconda nada; eu não tenho mais ninguém por mim; se V. Excia. recusar esclarecer-me, como poderei acreditar em seus protestos de amizade?

Nora disse isso simplesmente, com essa voz profunda e triste que Dahnow ainda não lhe conhecia; e, ante a firmeza com que ela se exprimia, ele achou que o melhor meio de captar-lhe definitivamente a confiança e provar-lhe categoricamente sua estima era contar-lhe tudo. Contou-lhe, pois, o que sabia, pondo em suas frases
todo o condoído respeito que ela lhe inspirava naquele instante. Quando acabou, Nora levantou-se, estendendo-lhe as duas mãos num gesto de espontâneo abandono; as lágrimas corriam-lhe em bica pelo rosto sem cor.

Havia tanto tempo que chorava sozinha, que lhe era quase doce deixar correr livremente o pranto que lhe sufocava o coração, na presença daquele amigo, cujos olhos tão apiedadamente a contemplavam.

__ Obrigada, meu amigo. __ Pôde afinal dizer em voz baixa, correspondendo ao aperto de mão de Dahnow. __ Não tenho palavras para lhe agradecer o interesse de sua visita. Quisera poder dizer-lhe tudo o que me inspira de gratidão; não sei, estou tão emocionada ainda! ...Mas volte amanhã e traga-me o artigo, sim? Eu preciso saber até que ponto me odeiam.

__ Trar-lhe-ei o artigo, miss Nora! __ Prometeu o barão, levantando-se e conservando ainda um minuto nas suas, as mãozinhas emagrecidas da menina, e continuou a fitar-lhe os olhos, com uma emoção que a expressão amigavelmente caçoadora da voz mal pôde velar. __ Mas é preciso prometer-me que não chorará mais. As lágrimas não condizem com seu gênero de beleza; é-me intolerável vê-la chorar. Tanto mais que eu me encarrego de tapar a boca a essa horda de caluniadores. Amanhã mesmo aparecerá na primeira página dos jornais principais um desmentido formal a esse chorrilho de infâmias. Sossegue; seu nome sairá de tudo isso puro de toda mácula.

__ Para que, agora? __ Observou Nora com infinito desfalecimento. __ Todo o mal que se escreve a respeito de uma pessoa de minha classe é indiscutivelmente acreditado; já não há remédio, meu amigo. O mal que me quiseram fazer está feito; é muito tarde!

__ Nunca é tarde para contradizer a mentira! __ Replicou Dahnow, sorrindo. __ E ainda que só pelo prazer estético de lhe

estancar as lágrimas, creia que o faria, miss Nora! __ Concluiu, beijando-lhe a mão num galanteio de despedida. __ Quanto a isto... __ Prosseguiu, apropriando-se rapidamente de todos os papéis que jaziam esparsos sobre a mesa. __ fica ao meu cuidado. Quando o tal bilheteiro a procurar amanhã, diga-lhe que se vá entender comigo ao Bristol-Hotel. Não foi à toa que eu em minha mocidade manuseei códigos e bocejei sobre as leis.

E cumprimentando mais uma vez, o jovial barão desapareceu, levando na alma a tristeza de ver naquele reduto miserável essa flor de luxo que fora Nora, a filha do milionário Carsten, a par da alegria de a saber pura a despeito de tudo e de todos, na graça tocante que viera dessa pobreza e desse abandono.

No dia seguinte aparecia com efeito nos jornais a retificação prometida, mas, como dissera Nora, era muito tarde. Distraída a atenção por fatos de maior atualidade, o público não deu importância a essa exumação extemporânea de um fato já de há muito consumado e até meio esquecido. Quem acredita na virtude de uma atrizinha de circo?

E que importância pode ter essa virtude aos olhos de um público cético e tarado? ... A pobre Nora estava definitivamente julgada e era irreparável a obra nefasta de Landolfo, pois a única pessoa para quem essa virtude tinha valor e aquela retificação podia trazer algum lenitivo nunca a leu. Havia um mês que Curt era noivo; não tinha tempo de ler jornais. No dia seguinte ao da chegada a Goehlitz, com a exaltação sentimental que lhe causara a carta da prima, pediu Lily em casamento, cedendo a um movimento de sua natureza impulsiva. A menina não se fez de rogada para dar com os lábios o “sim” que há tanto tempo estava dado no coração. A

condessa, que a alegria restabeleceu, triunfava discretamente, e ao jantar foi anunciado aos convivas esse noivado, que a todos encheu de alegria.

No dia seguinte, ao mesmo tempo que um telegrama comunicava ao preceptor o feliz acontecimento e reclamava-lhe a presença, ia para as notas mundanas dos jornais de Viena a participação do contrato de casamento do conde Curt Degenthal com a condessa Lily von Goehlitz.

O efeito causado por este inesperado desfecho de um romance, que todos supunham terminado há muito, caiu como uma bomba na monotonia daquele princípio de estação. Durante alguns dias o casamento de Curt foi o tema das conversações dos salões aristocráticos de Viena. Não faltaram comentários picantes e, na chusma de cartas e cartões de parabéns que Lily recebeu das famosas "amiguinhas", um psicólogo teria facilmente descoberto, entre as efusões de que eram portadores, o acídulo dessa coisa inconfessável e humana que é a inveja. Era afinal de contas uma felizarda aquela condessinha! ... Conquistava essa *avis rara*, que era o conde Degenthal, a quem suas passadas aventuras com a bela Carsten ainda acrescentavam um prestígio romanesco; e conquistava-o sem esforço, muito naturalmente, como se tomasse inteira posse de uma coisa que lhe estivesse destinada desde sempre. Era, na verdade, irritante. Irritante ou não, o fato é que Lily saía vencedora, e como todo sucesso atrai insensivelmente a simpatia ainda mesmo mesclada de inveja, todos aplaudiam a felicidade da loura e pacífica castelã de Goehlitz.

Essa felicidade era realmente completa naquele instante. A menina atingia ao apogeu de seus sonhos, realizava as aspirações

de toda a sua vida, assenhoreava-se do único afeto pelo qual anelava seu coraçãozinho egoísta, mas sincero. Esta felicidade fazia-lhe resplandecer os olhos, aureolava-lhe a fronte de um clarão de triunfo, dava-lhe ao sorriso uma graça nova, um encanto enleado e ao mesmo tempo sobranceiro, e repassava-lhe o gesto e a voz de uma inexprimível doçura. Curt achava-a deliciosa de candura meiga, julgava sinceramente amá-la muito. Declarou, pois, terminantemente à mãe que ficaria noivo no máximo em um mês, devendo o casamento realizar-se em Goehlitz, em estrita intimidade, partindo eles em seguida para a Itália, em viagem de núpcias.

Embora a condessa preferisse a pompa de um casamento em Viena, acedeu a tudo o que o filho queria, tal a alegria que sentia ao vê-lo realizar afinal o mais acariciado sonho de sua existência. Ia agora em Goehlitz o reboliço da alegria que precede uma Iesta de boda. Havia tantos preparativos a fazer que ninguém achava prazer nem sentia curiosidade de ler jornais. Ninguém leu, portanto o desmentido redigido por Dahnow; a pobre Nora foi esquecida e sua lembrança atirada para um canto, como coisa gasta, inútil, definitivamente acabada. Ninguém leu o desmentido, a não ser talvez o preceptor, que achou nele a confirmação do que sempre pensara de bom a respeito da filha de Carsten. Teve um instante a tentação de mostrá-lo a Curt, mas para que reavivar um tormentoso passado extinto, agora que tudo entrava nos eixos e que todos se preparavam para ser felizes?

Desistiu, pois, deste intento e, prometendo-se ir procurar Nora apenas tivesse tempo de ir até Viena,
deixou-se também arrastar pelo vento de alegria que a perspectiva da festa da boda fazia soprar sobre Goehlitz.

*   *   *   *   *

Dahnow, entretanto, tomou muito a peito o encargo de por em dia os negócios de Nora. Com uma solicitude e um zelo muito para admirar de sua natureza comodista e pacata, tomou resolutamente a direção da Companhia, fazendo face aos credores com aquela imperturbável serenidade que o caracterizava desde os tempos acadêmicos.

Como era independente e rico, pôde entrar à vontade com seus capitais para saldar aos artistas e empregados seus salários atrasados e dissolver sem escândalo a companhia. À força de pesquisas e de trabalhos, vendendo a vila de Dresden e fazendo leilão da mobília e objetos de arte que ela continha, pôde apurar um pouco de dinheiro e ajuntar para Nora um pequeno pecúlio. Com as traduções de inglês que lhe arranjara, ia ela mantendo-se e mantendo ao pai, ao irmão e a Ana, cuja saúde se alquebrara muito nos últimos tempos.

Nora, todavia, não dispunha de muito tempo para o trabalho. Alfredo, com as suas desesperadoras alternativas de melhoras e pioras, absorvia-a por completo. Vivia literalmente presa à cabeceira do doente, numa tristeza que o bom humor e as facécias de Dahnow não conseguiam desanuviar.

O barão tornou-se íntimo da casa. Era idolatrado por Jack, a quem trazia rebuçados e contava histórias; fez-se um amigo devotado da irascível Ana pelo respeitoso desvelo com que tratava Nora. Esta tinha-lhe uma infinita gratidão; era o único amigo que encontrara na desgraça, considerava-o como um irmão mais velho muito

querido, e estava tão habituada às suas visitas cotidianas, que se inquietava quando não o via chegar à hora certa, como se a ameaçasse uma nova desgraça. Não tinha, porém, com ele a mínima familiaridade, tratava-o quase cerimoniosamente, e Dahnow afligia-se de uma inexprimível maneira ao verificar a grande indiferença que a fazia tão desprendida de todos e de tudo. Afligia-se talvez ainda mais ante o emagrecimento e o palor crescentes que tornavam transparentes seus dedos afusados e diáfano o semblante abatido, onde os olhos cintilavam maiores e mais brilhantes.

A menina parecia flutuar dentro dos vestidos demasiado largos e, quando Dahnow lhe falava repreensivamente a este respeito, tinha um tão significativo levantar de ombros, que o bom mecklemburgues sentia confranger-se-lhe no peito, o coração incompreendido.

Nora teve, contudo, um clarão de alegria, quando, ao entregar-lhe o resultado da venda e do leilão da vila de Dresden, Clemente lhe anunciou que estava dissolvida a companhia, não existindo já o Carsten-Circo. Um sorriso, o primeiro depois que a desgraça caíra sobre ela, animou-lhe a fisionomia pensativa, esteve quase alegre naquela noite, conversou, pareceu mesmo achar graça às anedotas que ele se esmerou em contar-lhe, radiante por esta repentina transformação. Estava, pois, dissolvido o Carsten-Circo, Nora já não era uma artista equestre. Essa coisa, que ela desejava há tantos e tantos anos, que ela nunca pensara acontecer tão cedo, realizava-se afinal, e tão depressa, meu Deus, tão depressa e também tão tarde. Uma indizível amargura invadiu o coração de Nora, e no dia seguinte Dahnow encontrou-a mais triste e mais abatida do que nunca. O barão desolava-se interiormente. O médico aconselhou a

Carsten uma mudança de ares, afirmando que no ar puro e oxigenado do campo, o doente, se não recuperasse de todo a saúde, melhoraria pelo menos sensivelmente, e que não era só ao diretor que essa mudança faria bem, era também a Ana, cujo reumatismo provinha da umidade e do frio daqueles aposentos mal aquecidos; era também ao menino que se estiolava sem espaço para brincar na estreiteza sem conforto daqueles três quartinhos apertados, e era principalmente a Nora, que definhava como uma planta do bosque transplantada para a estufa, na atmosfera viciada desse quarto de doente, sem o exercício a que estava habituado seu organismo de *sportwoman*.

Dahnow partilhava da opinião do médico; alugou, pois, num dos mais afastados arrabaldes da capital, quase em pleno campo, um pequeno chalet, isolado, modesto, é verdade, mas rodeado de jardim e com o máximo conforto que lhe foi possível arranjar.

Comunicado a Nora o aluguel do chalet, Dahnow vinha todos os dias saber se ela já marcara o dia da mudança. A menina, porém, ficou fria com esse projeto, adiando sempre o dia da partida; desconversava quando o barão insistia, era evidente que tergiversava e que, por mais inexplicável que isto parecesse, a ideia de deixar Viena repugnava-lhe visivelmente. Repugnava-lhe com efeito. Desde o momento em que Dahnow se pusera tão desinteressadamente a frente dos negócios, poupando-lhe desta forma toda a imediata preocupação pecuniária, e que o estado estacionário da saúde do pai a livrava do receio avassalador de perdê-lo, já era vergonho - era sobretudo intimamente doloroso confessá-lo! - mas era verdade que Curt retomara o primeiro lugar em seus pensamentos. Não falava dele a ninguém; a quem falaria?

Mas se alguém, por acaso, pudesse ler através da fronte um impassível que se curvava fatigadamente sobre as traduções inglesa, veria que era ele, ainda ele, sempre ele que passava ante esses olhos abstratos e enchia de saudade a solidão daquele sonho infinito. Nora sentia-se presa a Viena por invisíveis laços; parecia-lhe que, estando ali, estava mais perto dele, e pensava supersticiosamente que, se partisse, ele lhe perderia a pista e nunca mais a poderia encontrar. Ficava, pois, cativa dessa esperança - que se tornara quase uma ideia fixa – na qual, se adiasse a mudança inconfessada para o dia seguinte, talvez a vida lhe trouxesse Curt...

Porque, afinal de contas, ele tinha casa ali, costumava vir sempre a Viena, podia perfeitamente descobrir-lhe a morada. Dahnow não a havia descoberto? E, depois, fora ali que ele surgira um dia inesperadamente, quando ela menos pensava nele; fora ali que ele aparecera de repente, quando ela punha o chapéu para sair e que, pálido de uma emoção que o fazia mais dela ainda, lhe disse que não a pudera esquecer, que a queria sempre por esposa e que voltaria “num destes dias” para que tudo se esclarecesse entre eles.

Nora não podia deixar de esperá-lo.

Desde que ele viera sem que ela o chamasse, e se sem que pessoa alguma o obrigasse a isto, é porque ela não lhe era de todo indiferente; e mesmo na maneira autoritária e violenta com que ele lhe falara, o que havia, senão a justa cólera de um amor que se julgava vilipendiado?... Nora vivia destas recordações. Não é que ela se quisesse casar com ele, que desejasse lembrar-lhe o compromisso antigo, que exigisse dele cumprir as promessas que lhe fizera; oh! não, não era isto! Queria simplesmente explicar-lhe

tudo, provar-lhe a sua inocência, enfim vê-lo outra vez, e depois... depois...

Nora não especificava o que viria após este “depois”; perdia-se num sonho íntimo, cheio de confusas esperanças e de vagas reminiscências, e para a explicação que teria, que não podia deixar de ter com Curt, tirou de seus escaninhos a carta que lhe fora tão injuriosamente devolvida de Constantinopla, a carta que era a sua melhor justificativa e que indubitavelmente faria com que tudo se esclarecesse entre eles. Mas a carta já lhe estava há muitos dias no bolso e Curt não aparecia.

Uma grande inquietação, feita de saudade apreensiva, apossou-se de Nora. Que poderia assim retarda-lo? Tê-lo-ia ela ofendido sem querer, com suas palavras? ... Estava tão emocionada que não sabia já o que ele lhe dissera ! ... Chegar-lhe-iam aos ouvidos as calúnias que haviam publicado sobre ela nesse artigo que Dahnow sempre lhe prometia trazer e que nunca trouxera?... Era possível. Mas ele viria assim mesmo, viria para verificar se tudo aquilo era verdade, a menos que estivesse doente de novo.

A ideia de uma recaída de Curt punha-a fora de si. Como saber? A única pessoa a quem poderia pedir notícias, a pessoa mais autorizada a dá-las, quanto amiga íntima dele, era Dahnow. Mas invencível acanhamento coibia-a, quando se lembrava de falar-lhe; tinha pudor de seu afeto, ao mesmo tempo que a intuição vaga de que perguntar por Curt a Clemente havia por força de fazer-lhe mal.

Não sabia explicar por que, mas tinha a certeza de que seria assim. Passaram-se semanas, O desassossego moral de Nora aumentava tanto mais quanto não o confiava a ninguém. A casa

estava alugada há muito, Dahnow e o médico insistiam pela partida; era urgente tomar uma decisão.

A menina resolveu-se afinal; a angustiosa curiosidade de saber, o que nesses últimos tempos a torturava, foi mais forte do que seu recato. E numa tarde de inverno, úmida e cinzenta, como Nora, cansada de escrever e não tendo já luz bastante para seu trabalho, divagasse tristemente, apoiada à mesinha dessa miserável saleta onde passava agora seus dias e, na penumbra da noite que chegava, Dahnow, sentado em face dela, indagasse pela vigésima vez quando pretendia partir, Nora decidiu-se e perguntou-lhe bruscamente por Curt. Teve o cuidado de se colocar de costas para a janela, para que a pouca luz que entrava não lhe pudesse trair a emoção da fisionomia, e falou negligentemente, querendo dar à pergunta a maior indiferença possível; mas a vibração da voz, embora contida, denunciava claramente a profunda comoção que esse nome, há tanto tempo calado, ainda produzia nela.

Dahnow empalideceu, dando interiormente graças ao céu por a escuridão quase completa da saleta não permitir à menina perceber-lhe esse palor.

Havia tanto tempo que esperava, que receava essa pergunta... Vira-a, por assim dizer, voejar constantemente nos lábios de Nora, aguardando - com que indefinível aperto no coração! - a hora que chegara afinal, a hora em que ele teria que lhe dar uma resposta. Com a certeira intuição dos que amam, adivinhava no silêncio altaneiro da menina um mundo de secretas recordações e de atormentadoras saudades; à força de deduções chegara quase a reconstituir o triste epílogo do romance de Nora, e embora ela nunca lhe tivesse

tocado nele, compreendia que ainda amava a Curt e que era isto a causa verdadeira da grande tristeza profunda em que aos poucos se isolava do resto do mundo.

Esta ideia não era das que lhe confortavam mais o coração, e quando há oito dias encontrara por acaso na rua a Curt, que lhe anunciara seu noivado, convidando-o muito insistentemente para assistir-lhe ao casamento em Goehlitz, tremera de susto ao pensar que Nora podia ler essa notícia no jornal. Durante esses oito dias arredou sistematicamente da vista da menina toda gazeta, observando-a com muito cuidado para perceber se alguém não lhe teria dado por descuido a nova fatal. Respirou quando percebeu que ela não o sabia ainda, e resolveu não lhe dizer nada, senão mais tarde, muito mais tarde... o bom Dahnow não precisava bem quando. O que ele mais temia era justamente essa pergunta de Nora. Enquanto ela se conservava em silêncio, ser-lhe-ia ainda permitido nutrir dúvidas a respeito do sentimento que votava a Curt, mas se ela falasse, preferia mil vezes ser ele o primeiro a dar-lhe a cruel notícia a que ela viesse a saber pela crua informação de um indiferente.

Na véspera ainda recebera de Goehlitz um bilhete do amigo, e exprobrando-lhe em termos amistosos não ter ido assistir à festa dos esponsais e oferecendo-lhe seus préstimos na Itália, para onde seguia naquela mesma tarde em viagem de núpcias. O barão tinha esse bilhete no bolso, quando a menina lhe perguntou por Curt, e, diante, da necessidade inadiável de dizer-lhe tudo, diante principalmente da emoção de que a sentia presa, embora não lhe distinguisse o rosto imerso na sombra, diante da certeza de quão profundamente iria feri-la com esta notícia, amaldiçoou no fundo da

alma sua triste sina, que tão maldosamente o obrigava a assim fazer sofrer o único ente que ele no mundo quisera preservar de todo sofrimento!

__ Degenthal vai bem! __ Respondeu, entretanto, com aparente indiferença, olhando, com um ar que ele supunha absolutamente impassível, para as tábuas do chão. __ Está restabelecido, creio que por completo. Escreveu-me ontem de Goehlitz, onde realizou há dias seu casamento com a prima, a condessa Lily. Penso que eram prometidos desde a infância. Partem hoje para a Itália em viagem de núpcias.

Estava dito. Apesar do frio, as fontes do nobre mecklemburguês haviam-se umedecido de suor, e por coisa nenhuma da vida despregaria ele do soalho, os olhos baixados, com o receio louco de encontrar neles o claro olhar de Nora. Esta não pronunciou uma palavra; não deu um grito, um soluço, um gemido. Fez-se um longo silêncio, tão profundo e tão pesado que deu a Dahnow a impressão de se ter bruscamente cavado entre eles um abismo escuro; um desses silêncios durante o qual se lhes poderiam ouvir as pulsações descompassadas do coração.

__ Era de esperar. __ Disse afinal a voz de Nora, como se falasse a si mesma na penumbra, onde mal se distinguia seu vulto branco. __ Era de esperar, e contudo... __ Repetiu baixinho, com uma intraduzível inflexão. Dahnow não lhe reconheceu a voz, agora destimbrada, ensurdecida, como se lhe houvesse apagado o metal sonoro, e ninguém poderia exprimir o que ia de desengano, de amargura, de infinita e desalentadora tristeza nesta simples frase inacabada. O silêncio tornou a pesar.

__ Tenho que ir ver meu pai. __ Falou outra vez a pobre voz dolorosa e, levantando-se, a menina agarrou-se instintivamente à borda da mesa. Acendiam-se nesse instante os lampiões da rua. O revérbero esverdeado de um deles iluminava frouxamente a saleta, e foi a esta luz bruxoleante que Dahnow ousou afinal levantar os olhos e encarar Nora de frente. Ah! como ele lhe fizera mal! ... Estava branca, toda branca, de uma brancura que se estendia até aos lábios, uma brancura de giz, com os olhos muito abertos, uns olhos imensos, desesperados, a brilharem com um fulgor estranho, num rosto de morta. Pareceu a Dahnow que vacilava, estendeu as mãos para ampará-la, mas Nora abanou a cabeça num movimento enérgico, um movimento muito habitual a Alfredo Carsten, e que acusou explicitamente a estranha parecença da filha com o pai.

__ Não é nada! __ Disse, afastando-lhe docemente as mãos. __ Um princípio de vertigem. Esta vida presa de enfermeira acaba-me realmente com a saúde, V. Excia. tem razão, barão; é preciso partir quanto antes. Agrada-lhe depois de amanhã... Terei um dia para fazer os preparativos; com o auxílio de Ana, será mais do que suficiente.

Assim falando, Nora estendia-lhe a mão para a despedida, tentando sorrir num supremo esforço de dignidade; o barão tomou nas dele essa pequenina mão que o frio talvez fazia tremer, e seus olhos cruzaram-se por espaço de um segundo. E havia tanta compaixão, uma tão sincera, uma tão compreensiva e suplicante simpatia nos olhos leais que para ela se erguiam tão apiedadamente, que uma repentina comoção a venceu. Toda a sua energia baqueou, uma expressão de infinita desolação estendeu-lhe

as linhas crispadas do semblante, e seus lábios tremeram como os de uma criança que vai chorar.

__ Barão... __ Murmurou num tom incerto, inclinando-se para o lado dele, como se lhe quisesse ler na face a verdade do que lhe ia perguntar. __ Diga-me com toda franqueza. No artigo que V. Excia nunca me quis trazer, o que se dizia de mim tinha toda aparência de verdade, não é?

__ Tinha feito o possível para lhe dar essa aparência! __ Respondeu Dahnow baixinho, como se confessasse um crime próprio.

__ Mas, então, V. Excia. __ Tornou ela, elevando insensivelmente a voz numa impaciência exasperada. __ Como compreendeu que não era verdade?

Dahnow fez-se mais pálido ainda e, levantando para ela um olhar onde punha toda sua alma, respondeu simplesmente:

__ Porque a conhecia, miss Nora, e, conhecendo-a, não podia de modo algum acreditar no que diziam!

E, inclinando-se profundamente diante dela, o bom Clemente saiu precipitadamente da saleta, perturbado como nunca se sentira em sua vida. Nora quase não percebeu que estava só, como não percebeu a insólita perturbação do barão. Um intraduzível desespero acabrunhava-a. Deixou-se cair junto à mesinha de trabalho e, escondendo nas mãos o rosto contraído, deu livre curso às lágrimas de fogo que sentia queimarem-lhe o coração.

Chorou assim por largo tempo, e, na desolação de sua alma dolorida, repetia inconscientemente a frase de Dahnow, no grande anseio palpitante de todos aqueles que a vida feriu inexoravelmente.

__ Conhecia-me, e por isso não podia de modo algum acreditar; e, contudo, o outro... o outro acreditou... Acreditou, e agora está tudo acabado... Oh! meu Deus, meu Deus, se eu pudesse morrer... Se eu pudesse morrer!

Com um exclusivismo próprio das grandes paixões, Nora não tinha um pensamento só de compaixão para aquele a quem, sem querer, acabava ali de infligir o mais refinado dos suplícios. Não se lembrava do pobre Dahnow, que, na aflição de lhe ter causado aquela mágoa, lá ia pela noite chuvosa, vagueando à toa pelas ruas de Viena, insensível ao frio, pensando nela e tendo momentaneamente perdido por causa dela essa imperturbável compostura zombeteira que era um dos seus grandes orgulhos.

__ Realmente, só a mim é que acontecem destas! __ Monologava furiosamente, dando no ar grandes bengaladas indignadas. __ Todos vivem a falar no “volúvel coração das mulheres”, e justamente a mulher que vou amar é um fenômeno de constância! É, na verdade, o que se pode chamar azar! Se eu fosse escolher a dedo uma mulher constante no universo, é certo que morreria sem a achar; bastou-me amar, e eis a fênix procurada, empregando toda essa bela constância em proveito de outro! ...E que outro! ...Um leviano e um fraco que eu sempre pensei não a poder fazer feliz. E como ela o ama, coitadinha! ...Desperdiça um tesouro de afeto com aquele idiota, que nunca soube o que fosse amor! ...Inconsequência feminina, quem te poderá decifrar o enigma?!

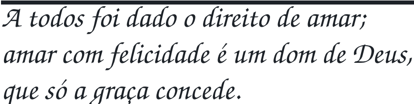
E foi talvez por conhecer “o que fosse o amor”, que o pobre barão se recolheu cedo ao hotel, metendo-se logo debaixo dos lençóis para ver se esquecia num bom sono reparador, no conforto

de seu quarto de luxo, a mágoa dessa dura ciência. Mas o sono não vinha, interpunha-se-lhe sempre entre as pálpebras fechadas a imagem de um lindo rosto muito branco, onde brilhavam num luar de desespero dois largos olhos febris. Impacientado, Dahnow tomou da mesinha de cabeceira um livro meio aberto. Era uma saleta de trechos escolhidos de Goethe; abriu-a no *Goetz von Berlichingen*, quando o poeta faz dizer ao rude Sickingen, falando de uma doce amada: “E a loura Maria, vítima de um amor infeliz, aceitou, não obstante, ao cabo de um certo tempo, a proposta de matrimônio que outro lhe fazia”.

O barão leu e releu duas ou três vezes esta passagem, fechou o livro em seguida e, apagando a lamparina, cerrou os olhos. E deviam seus sonhos ter sido particularmente felizes, naquela noite, pois que um sorriso adejou-lhe constantemente à flor dos lábios e nunca seu sono foi mais docemente sossegado.

*   *   *   *   *

✣✡✰❹✷✸✯✯ ✶✰✧⑩✳✰★✯ ✱✸✡✼✷✯



Não foi “depois de amanhã”, como disse Nora a Dahnow, que se pode efetuar a projetada mudança; a sorte decidira ter a menina que passar em Viena o fim desse rigoroso e atormentado inverno.

No dia seguinte Ana, cuja saúde era muito precária e vacilante, amanheceu com febre, sendo-lhe impossível sair do leito. Nora alarmou-se, mandando imediatamente chamar o médico; era impossível pensar em remover a doente por essa temperatura glacial, e a mudança foi, portanto, adiada para quando passasse a constipação da velha ama.

Mas a constipação de Ana era de natureza tão maligna que três dias depois estava declarada pneumonia dupla, e em oito dias, após um intenso e rápido sofrimento, Ana morria, obscuramente como vivera, só levando da terra a tristeza do incômodo que iria dar à filha de sua Helena, sua morte e seu enterro.

Nora sentiu o desaparecimento dessa velha criada amiga como o de um parente estremecido; habituara-se a considerar Ana como uma segunda mãe; perdia com ela a mais abnegada das dedicações. E, contudo, foi a morte de Ana o que mais contribuiu para fazer suportar a Nora a mágoa de sua grande decepção.

Obrigada pelas circunstâncias e pelo carinho que dedicava à velha ama a ocupar-se dos cuidados a dispensar-lhe, a menina teve que sair do seu desânimo, subtrair-se, mau grado seu, à deletéria influência de sua dor; teve que dedicar-se, pagar com o desvelo de cada instante a longa dedicação silenciosa de Ana, e dedicar-se na terrível crise moral que atravessava, era o único meio de salvar-se de si mesma.

A doença e a morte da pobre governanta de sua mãe foram pois, quase providenciais.

A notícia do casamento de Curt com Lily foi para Nora a mais dolorosa das desilusões. Embora ela se houvesse dito várias vezes que era esse o único desfecho razoável para a felicidade de Curt,

nunca acreditara verdadeiramente na possibilidade da realização desse desfecho.
Esperava quase inconscientemente alguma intervenção exterior, alguma imprevista e decisiva manifestação da Providência, por intermédio de um acaso feliz que os reunisse afinal e fizesse com que toda a desavença entre eles se dissipasse.

Mas essa intervenção não chegara e Curt afastara-se irremissivelmente dela para sempre, quando ela o supunha prestes a ouvi-la, a compreendê-la, a desculpá-la... Não, ela nunca teria imaginado aquilo, nunca, nunca! ... Jamais imaginaria que ele a tivesse procurado com essa frieza de ânimo, reavivando nela esperanças quase mortas, para desviar-se em seguida desdenhosamente, como se a vergonha de seu ato irrefletido o obrigasse a um acréscimo de injurioso desprezo.

Curt desposara Lily. Estava tudo acabado, pois, e morto para sempre o sonho famoso de sua mocidade. E era tão simples, tão natural, tão lógico aquele desfecho, que era tolice da parte dela querer revoltar-se contra a consumação de um fato tão conforme à expectativa geral. Mas Nora não se revoltava, oh! Absolutamente não. Talvez não tivesse já forças para isto e, no acabrunhamento de sua alma irreparavelmente desiludida, talvez compreendesse também a inutilidade de toda a revolta ante a misteriosa força inexorável do destino.

Não sentia nem despeito, nem ódio, nem cólera, mas uma grande humilhação apenas, uma humilhação profunda, que aniquilava por instantes a saudade lancinante que tanto tempo a fizera sofrer, e um desânimo imenso, um desânimo enervante, que a

deixava sem lágrimas, sem vontade, sem pensamentos, fatigada de si mesma como do peso de um fardo.

A vida perdera para ela todo interesse; nada mais tinha a esperar, não desejava mais nada... E no vazio de sua existência devastada foi com a sinceridade de uma verdadeira inveja que, ao contemplar o plácido rosto de Ana morta, tão calma e insensível em seu caixão de pobre, repetia baixinho e desesperadamente: “Por que não ter sido eu, meu Deus? por que não ter sido eu?”

Emagrecera ainda mais e havia tanto cansaço em seus gestos, que Dahnow tinha furiosos acessos de indignação interior contra a estupidez da sorte, que não lhe dera a ele a aparência sedutora daquele Curt tão insensatamente amado, ou não favorecera Curt com a alma enamorada, independente e enérgica, que se escondia sob seu gordo invólucro.

Não ousou fazer à menina a menor referência ao que tão contrariadamente lhe comunicara, e, embora sentisse que só uma expansão a aliviaria, não se atrevia a procurar essa expansão, tal a reserva ativa de que ela se revestiu como de uma armadura.

Durante a doença de Ana e após sua morte, não abandonou um só instante a Nora, chegando quase, no egoísmo de seu grande amor, a abençoar a morte da velha criada, desde que essa morte conseguia distrair um pouco a menina da amargura de sua decepção.

Mas o desaparecimento da pobre Ana veio trazer a Nora um aumento de trabalho; ficava agora Jack inteiramente a seu cargo, além de Alfredo, que por si só ocuparia suficientemente duas ou três pessoas.

Dahnow receava que ela não resistisse, tal o abatimento físico e moral de que a via presa, não obstante achasse que o único remédio contra o mal que a minava fosse na verdade o trabalho.

Estava-se no fim do inverno; o médico opunha-se a que transportassem Carsten para a casinha do arrabalde; seria prudente esperar os dias menos frios da primavera.

Recomeçou, pois, Nora, sua monótona existência de enfermeira e de *bonne* ao mesmo tempo, pois Jack coseu-se-lhe literalmente as saias depois da morte de Ana, não lhe concedendo um segundo de tréguas.

Só a deixava quando dormia, e foi numa dessas longas vigílias solitárias que, numa hora de tédio mortal, Nora escreveu à velha amiga de sua infância, à boa Madre Sibila, este curto bilhete, que era como um brado de sua alma extenuada de sofrer:

Quanto invejo, madre, a paz imperturbável que seu retiro lhe proporciona! Quanto invejo também a felicidade de outras que vão pela vida amadas e ditosas! E que fiz eu para que se voltasse contra mim o meu sacrifício e de tudo o que tão ardentemente quis salvar nada pudesse ter salvo? A vida nada mais foi para mim que desilusão e amargura. Oh! minha santa amiga, com que sofreguidão não iria eu cair em seus braços, se não me detivesse aqui o mais sagrado dever! Como me seria doce ir esquecer dentro dos muros abençoados de seu convento e no grande silêncio de sua solidão este mundo, que tanto mal soube fazer ao coração de sua triste Nora!

Em resposta a este bilhete, a superiora escreveu:

Minha filha, meu convento não é cemitério. Não se vem «esquecer no rebanho de que tenho a guarda; vem-se, pelo contrário, para "lembrar" - lembrar que toda a ciência da salvação está em aceitar com o espírito humilde e o coração contrito a vontade do Senhor. Para o grande desprendimento e a abnegação cotidiana da
vida religiosa é preciso um coração forte e cheio de vida ativa e dedicada.

Minha pobre Nora, eu compreendo quanto deve sofrer; se estivesse a seu lado, meus braços estariam abertos para a consolar, mas não para a reter. O cansaço do mundo, que lhe faz hoje aspirar à luz do claustro como anestesiante à sua grande mágoa, em breve lhe seria pesado, quando essa mágoa perdesse com o tempo sua momentânea intensidade. Deus não a chamou, minha filha; siga corajosamente o caminho que ele no mundo lhe traçou. E se na tristeza do momento presente tiver por vezes a tentação de achá-lo parcimonisoso no quinhão de felicidade que lhe aprouve dispensar-Ihe, faça-se simplesmente esta pergunta: quereria eu, a troco de uma tranquilidade futura, apagar de meu passado os dias decorridos? ... Responda com inteira franqueza a si mesma, Nora, e verá que ele não foi afinal tão mesquinho quanto a princípio Ihe pareceu. Ninguém pode sondar os misteriosos desígnios da Providência. E eu chego a pensar, minha querida filha, que esse grande amor, tão rude provação para você, nada mais é do que um modo especial do Altíssimo para atrai-la mais seguramente para ele. Pense nisto, Nora, pense principalmente que, no meio perigoso em que vivia, esse infeliz amor foi o escudo que a protegeu das más influências, foi o preservativo benéfico contra tudo o que lhe pudesse crestar a pureza da alma. Eu sei quanto estas minhas palavras lhe parecerão agora duras, mas tenho também a certeza de que há de chegar um dia a compreender a verdade e a boa intenção delas. E se, como me diz,

julga realmente perdida toda a felicidade humana, lembre-se de "outra", daquela para que fomos criados, daquela para que talvez contribuam, se os aceitarmos resignadamente, seu sacrifício e sua dolorosa decepção.

Que Deus a fortaleça e a proteja, minha querida filha!

Madre Sibila

A leitura desta missiva causou a Nora uma impressão muito complexa. Revoltou-se primeiramente contra a resignação aconselhada nela, mas, com a reflexão, as frases esclarecidas da religiosa foram-lhe penetrando lentamente na alma.

Mau grado seu, fez-se a pergunta de madre Sibila e reconheceu que por coisa alguma deste mundo quereria apagar de sua vida os aventurosos dias de Bonn; não haveria felicidade nenhuma, por maior que fosse, que lhe fizesse desejar não ter conhecido Curt.

Sofria muito, entretanto; tinha demasiada mocidade na alma para não sofrer indizivelmente ante a ruína definitiva de seus sonhos, mas se em seu sofrimento ainda havia esse azedume de desespero que a prostrava num desânimo de morte, a ideia de que a Providência velava por ela com paternal carinho ia-se insensivelmente
insinuando como germe de uma cura futura.

Madre Sibila, porém, não tivera razão nesse ponto; a mágoa de Nora não era dessas que o tempo pode apagar.

Amortecê-la-ia sem dúvida, mas nada mais podia fazer reviver nesse coração cruelmente ferido o apego às coisas da vida e a

crença na ventura, que a desilusão arrasara como a um trigueiral em pleno viço arrasa o sopro do tufão.

Essa grande, essa funda, essa irreparável decepção era a pedra de toque, a prova de fogo pela qual passara a alma vibrante de Nora e de onde sairia fortalecida para o misterioso destino que a vontade da Providência lhe preparara.

O inverno, entretanto, ia muito adiantado; nas árvores das ruas os primeiros rebentos verdes começavam a aparecer e entre dois aguaceiros o céu já se mostrava de um azul de porcelana nova, iluminado às vezes por um claro riso de sol. Nora já não sentia repugnância alguma em deixar Viena; o diretor, embora ainda de uma fraqueza excessiva, apresentava já sintomas de melhoras, podendo por conseguinte ser transportado sem perigo.

Como predissera o médico, perdera por completo o uso das pernas, passando 8 dias estendido no canapé, indiferente a tudo, num marasmo e numa abstração de quase idiotice, quando não dormitava. Estava doravante condenado àquela tristíssima condição, não se exprimindo senão por sinais e reduzido incuravelmente à fraqueza e à impotência de uma criança.

Chegou, pois, o momento da partida; Dahnow, que alguns dias antes fora obrigado a ausentar-se, encarregou o bilheteiro, velho amigo da família, do transporte do doente.

Durante essa pequena ausência, não deixou um só dia de escrever a Nora, e nessas cartas, única distração a monotonia da vida da menina, cartas puramente de negócios, quanta coisa havia aliás que nenhuma relação tinha com esses “negócios”, mas que ela lia distraidamente, sem lhe compreender a misteriosa significação...

Era abril, quando Nora transpôs pela primeira vez o limiar de sua nova residência. A casa era pequena, casa de pobre, que um acanhado jardim rodeava, mas, graças aos prodígios que fizera Dahnow, tornada de uma tão risonha e confortável aparência, que nos olhos pisados de Nora passou como que um clarão de contentamento ao avistar-lhe de longe a fachada ensolada. O barão esperava-os ao portão, e embora agarrassem ainda às hastes despidas das árvores, os últimos flocos de neve, havia flores por toda a casa, uma excessiva profusão de flores, que lhe davam ao interior um aspecto festivamente acolhedor. Nora teve um silencioso, mas eloquente aperto de mão para o amigo, que por este meio lhe desejava tão delicadamente as boas-vindas, e Clemente, ridiculamente comovido sob as aparências do mais desenvolto bom humor, ante a pálida Nora de agora, grave e triste, na austeridade de seu vestido escuro, que parecia andar de luto por um ente caro, não pôde abster-se de recordar a outra Nora, a risonha amazona de Bonn, que num abril como esse lhe surgira inopinadamente na neve do caminho e, a sorrir, na malícia ingênua de sua travessura, lhe entrava vitoriosamente no coração.

Como fora curta a felicidade dela e curtas também - agora que ele já não poderia vir todos os dias - as horas de amargura que ao pé dela passara durante esse triste inverno! ... Nora, contudo, afez-se depressa a seu novo gênero de vida; tratava do pai, ocupava-se de Jack e da casa, tendo ainda tempo para fazer as traduções inglesas cujo ganho a auxiliava nas despesas domésticas.

O inverno fora para ela como um longo e terrível pesadelo, cuja recordação a estremecia ainda de um frenesi de retrospectiva angústia; era, pois, uma consolação para ela a tranqüilidade relativa

de agora, o esquecimento em que vivia, permitindo-lhe pensar livremente, recordar, sofrer...

O diretor parecia ter estranhado pouco a mudança; continuava em sua desesperadora imobilidade, a inteligência sonolenta ainda, os olhos vagos, só dando demonstrações de impaciência quando, à tarde, o traziam do jardim, onde passava as horas vagas de seus dias.

Queria parecer a Nora, que o observava com a atenção desvelada de seu carinho, que qualquer coisa despertava na bruma daquele espírito embotado; havia instantes em que positivamente lhe percebia no olhar um vislumbre de compreensão. O corpo, entretanto permanecia inerte, numa invencível prostração, mas a alma acordava lentamente do profundo sono em que dormira, e Nora, para ter a prova desta inacreditável ressurreição, decidiu-se um dia a comunicar-lhe a dissolução da Companhia, pensando assim fazer-lhe retomar decididamente contacto com a vida.

Alfredo ouvia-a em silêncio; depois, voltando para ela os olhos indiferentes, disse simplesmente: “Helena sempre o desejou!”

Só isto; a notícia da dissolução do que fora a ocupação única de sua vida não o impressionou já, a doença insensibilizara-o.

Seu espírito fatigado esquecera, ou pelo menos parecia ter esquecido os fatos recentes, volvera ao passado e muita vez Nora ouviu-lhe surpreendida chamar-lhe o nome de sua mãe. Nunca teve uma alusão sequer a sua segunda mulher; dir-se-ia que lhe olvidara por completo a existência, assim como parecia ignorar a presença de Jack.

Nora chegava a pensar que a violência do choque, que o abatera, lhe houvesse para sempre esvaziado a memória.

Houve um dia, não obstante, em que essa memória despertou com a veemência de um furacão, dando assim à menina a prova decisiva de que Alfredo se recordava de tudo e que sofria com isto bem mais do que o faria supor a apatia de sua atitude.

Foi numa manhã de sol; como Nora trabalhasse em casa e o tempo estivesse lindo, Jack tinha licença para ir brincar no jardim, junto do canapé do doente.

O bilheteiro, que por morte de Ana se tornara o factotum da casa, vigiá-los-ia do canteiro onde andava jardinando.

O menino não receava o pai, habituara-se a seu mutismo e à sua indiferença e, como não tivesse companheiro, com a tagarelice natural à sua idade, tomava-o sempre por interlocutor, embora ele nunca tivesse concedido resposta.

A criança brincava, pois, fazendo com terra do chão as construções fantásticas que sua imaginação lhe sugeria, e conversava alegremente com o pai, na expansão de sua alminha cândida, que o prazer da brincadeira dilatava. De súbito, porém, pronunciou o nome de Landolfo, numa reminiscência cruel de algum fato que o impressionara outrora.

Foi como se o contacto de um pilha elétrica galvanizasse por momentos o diretor.

Uma expressão de furor selvagem congestionou-lhe a fisionomia, e num grito surdo ergueu-se a meio na cadeira, erguendo para o menino os punhos ameaçadores. As forças traíram-no, entretanto, e rolou por terra com indizível terror de Jack, espumando de cólera, as pupilas esgaseadas, a murmurar entrecortadamente palavras incoerentes.

Nora acudiu aos gritos da criança, e não lhe foi pequeno trabalho ter que acalmar, com a meiguice de palavras brandas e afastando o quanto antes Jack, que soluçava, a fúria impotente que fazia tremer, como um junco ao sopro do vento, o corpo paralisado de Alfredo Carsten.

Quando tranquilizado enfim, ele fechou os olhos, vencido pelo cansaço, Nora, desolada, compreendeu que se reabrira para o sofrimento a inteligência até então entorpecida do pai.

Na ventura ou na desgraça de sua vida passada, a menina poucas vezes pensara nessa coisa que tão importante lhe parecera no tempo do colégio: a conquista da alma de seu pai.

Agora, porém, essa ideia impunha-se-lhe de novo com a gravidade de um inadiável dever; até então ela não vivera senão para o amor de Curt, viveria dora em diante para o amor do pai.

Desde esse dia as forças de Carsten foram como que declinando, à medida que se esclarecia sua inteligência. Era um declínio quase que insensível, mas visivelmente progressivo, e Nora com mais desvelo do que nunca aplicava-se a falar-lhe docemente do perdão das injúrias e da grande paz que emana do esquecimento, como vingança do mal que os outros nos possam fazer.

A vida da menina decorria, pois, tristemente junto a esse leito de doença. Nora apaziguava-se aos poucos numa expansiva melancolia; duas criaturas empenhavam-se, entretanto, uma inconscientemente, outra com todo o engenho de uma inteligente afeição, em minorar-lhe as amarguras dessa nova existência: essas criaturas eram Jack e Dahnow.

Nora tornara-se o ente indispensável à criança, o ídolo indiscutivelmente adorado, a providência caseira a que se recorre em todas as pequenas e grandes dificuldades, e o menino amava loucamente a irmã. Enchia-a de carinho, exigia dela uma constante e cuidadosa vigilância, forçava-a a esquecer-se de si mesma, o que, nas condições em que ela se achava, era o melhor meio de fazer-lhe bem.

Dahnow, esse parecia não ter outro pensamento do que o bem-estar e a satisfação de Nora. Dando aos parentes o pretexto de um estudo científico em Viena ou não lhes dando pretexto algum, o barão instalou-se na capital, indo quase todas as tardes saber notícias do diretor, como ele insidiosamente afirmava.

Dahnow era o ponto alegre nos dias monótonos da menina; levava-lhe flores, doces, livros; falava-lhe de literatura, de *sport*, de artes; fazia interessar-lhe a vida ambiente, sem que ela desse fé disso, e só ele podia, com esse delicado carinho, demasiado discreto para molestar, arrancá-la insensivelmente àquelas longas cismas
absorventes, em que ele pressentia um mundo de dolorosas recordações e de silenciosa saudade.

O ar do campo não restituíra, porém, à menina o vigor que o bom Clemente sonhara fazer-lhe resistir. Continuava magra, com essa palidez persistente e essas fundas olheiras, onde o barão adivinhava desanimadamente o amargor de lágrimas em segredo vertidas.

Era preciso inventar qualquer coisa que verdadeiramente a distraísse. Sem grande custo achou Dahnow esta salvadora distração, e por uma bela manhã clara e risonha, como conduzisse

o pai para o seu habitual cantinho no jardim, Nora viu parado junto às grades e seguro pelo bilheteiro, que sorria, com ar de cumplicidade maliciosa, um cavalo tendo ao dorso uma sela de mulher. Era a distração achada por Dahnow.

Os olhos de Nora tiveram pela primeira vez um brilho de alegria; estava tão habituada ao exercício, que sofria realmente com a reclusão a que a condenava a doença do pai.

A equitação fora sempre a grande predileção de sua vida; teve, portanto, um movimento de verdadeiro prazer ante essa tão significativa quão delicada atenção.

À noite, como agradecesse a Dahnow em termos calorosos, exprobrando-lhe amistosamente o luxo do presente, Dahnow replicou que o obrigado era ele.

Seus cavalos andavam ultimamente tão abandonados, que seria realmente fazer-lhe um obséquio dar-lhes um pouco de exercício. O que tomou a liberdade de enviar-lhe, então, ninguém podia com ele; era um animal quase selvagem, e se Nora se prestasse a amansá-lo, seria na verdade uma providência. Dahnow não sabia já o que fazer dele. A menina acreditou, ou pelo menos pareceu acreditar na verossimilhança desses pretextos e, para fazer a vontade ao bom Clemente, tão satisfeito sempre que a podia servir em qualquer coisa,
começou nesse dia mesmo aqueles longos passeios matutinos, que em pouco tempo se tornaram a nota agradável na monotonia de sua existência. Como tinha ocupações muito absorventes durante o dia e até de noite, escolheu para a vagueação dessas passeatas as primeiras horas da manhã.

Carsten repousava ordinariamente sob a vigilância do bilheteiro, e Jack dormia; a menina dispunha, pois, de algumas horas para entregar-se livremente a seu *sport* favorito. E, na verdade, nada podia contribuir mais eficazmente para restituir-lhe o antigo vigor do que esses loucos galopes ao ar puro e frio da manhã, quando ainda nas árvores sonolentas o orvalho se cristalizava em falazes diamantes e o silêncio do campo ia pouco a pouco enchendo-se dos mil ruídos diversos da vida que acordava.

Nora ia sempre só, escolhendo propositadamente os caminhos mais desertos para, com menos receio de ser importunada, mergulhar-se na melancolia de seu cismar.

Em torno dela a natureza despertava em gala; nos bosquetes era um pipilar em ninhos, que se abriam alegremente à brisa da manhã carregada do perfume silvestre das amoreiras em flor. O sol nascia preguiçosamente entre flocos esparsos de nevoa argêntea, que ao calor de seus raios se evaporavam no grande azul luminoso da atmosfera. Havia flores aqui e acolá na verdura dos campos e na água irrequieta do riacho que ziguezagueava caprichosamente ao longo da estrada em cintilações de prata líquida.

Não era ainda o cálido esplendor magnífico do verão; era a primavera em toda a sua graça risonha e fresca a estuar de seiva nova na florescência ainda inacabada das arvores, a encher de uma palpitação radiosa de vida a natureza toda renovada.

E Nora não podia deixar de sentir os efeitos desse primaveril rejuvenescimento das coisas. O ar salubre e vivo da madrugada punha-lhe nas faces descoradas duas lindas manchas cor de rosa, que pareciam dar mais brilho a seus olhos pensativos; seus lábios abriam-se insensivelmente para aspirar esse ar cheio de

emanações vegetais, e em seu corpo virgem insinuava-se insensivelmente um inexprimível desejo de movimento e de vida.

Com uma chicotada, Nora apressava o passo do animal; seu peito dilatava-se de gozo inconsciente, e era então pela estrada erma de transeuntes um galope desenfreado, um louco, um vertiginoso galope em que, cerrando a meio os olhos, tinha a sensação deliciosa - quase um voo - um galope que acabava sempre com uma volta lenta e fatigada, como se toda a força que por momentos lhe enchia as veias desse frenesi de movimento se houvesse esvaído bruscamente na vertigem dessa carreira doida.

Nora ia sempre só; não teve, porém, a surpresa que era de esperar quando, num de seus passeios costumados, encontrou numa volta do caminho um cavaleiro solitário e madrugador, que parecia também entregar-se às delícias matutinas da equitação.

Esse cavaleiro era Dahnow. Vinha entre acanhado e resoluto, não sabendo como Nora acolheria essa temeridade, mas com um tão evidente desejo de ser bem recebido e um sorriso tão suplicante, que a menina não pode deixar de estender-lhe amistosamente a mão e convidá-lo para acompanhá-la, caso ele não estivesse já fatigado.

Esse convite encheu de júbilo o coração tão pouco esportivo do barão. Era um consentimento tácito à série de passeios que ele se propunha dar em companhia dessa por quem agora deixaria todas as manhãs a maciez indolente de seu leito, e com uma ligeireza, que destruía por completo sua arraigada fama de preguiçoso, ia correr estradas e veredas, na esperança inconfessada de que por uma manhã muito bonita, na descuidosa intimidade desse prolongado tête-à-tête, ele se animaria finalmente

a dizer-lhe... a dizer-lhe... Dahnow preparava todas as noites a frase inicial dessa grave confidência, repetia-a várias vezes antes de dormir e todas as noites tomava a inabalável resolução de falar no dia seguinte, custasse o que custasse. Falaria; era preciso acabar de uma vez com a ambiguidade dessa situação, definir sua posição, fazer compreender a Nora que ele não era, afinal de contas, uma criança e que o sentimento que lhe consagrava - há quanto tempo, Senhor?! - tinha todas as garantias de um sincero, de um profundo, de um verdadeiro afeto.

Falaria; seria tão fácil, tão natural dizer-lhe tudo isto!... Ela era tão singela como ele, considerava-o como um irmão, ouvi-lo-ia certamente com bondade; falaria impreterivelmente no dia seguinte. Mas apenas avistava no caminho o vulto gracioso de Nora, apenas lhe via despontar ao longe a amazona escura e julgava distinguir-lhe à distância, o sorriso banalmente afável de sempre, sua grande decisão abandonava-o, invencível acanhamento coibia-o, e todas as frases que levara horas e horas a preparar fugiam-lhe subitamente da memória, como um bando de aves errantes. Amnésia completa...

Era, pois, materialmente impossível falar, e adiava de novo para o dia seguinte sua declaração, encetando com Nora em voz alta a mais indiferente das conversações, enquanto o coração lhe segredava baixinho essa profusão de coisas ternas que seus tímidos lábios de apaixonado jamais conseguiam exprimir.

E lá iam os dois pelo caminho florido, numa camaradagem de amigos velhos, deixando expandir na fantasia de uma conversação, em que Dahnow se mostrava esfuziante de espírito e de lábia alegre e despreocupada, a inconsciente exaltação que lhes vinha da beleza irradiante das coisas e do tempo, a febre passageira de vida

que lhes punha na alma tanto a primavera da natureza, como a primavera ainda mais embriagadora da mocidade que vibrava neles.

Nora interessava-se imensamente pelo que lhe dizia Dahnow. Durante toda a duração de seu idílio com Degenthal, absorta inteiramente pelas peripécias de uma vida sentimental demasiado intensa, a menina preocupara-se pouco com a cultura de seu espírito. Agora, porém, que o nome querido de Curt já não vibrava com a intensidade absorvente de outrora no silêncio desiludido de sua alma, Nora deixava-se prender pelo encanto inteligente da palavra de Dahnow.

A cultura, a firmeza, a experiência mesmo desse espírito viajado, cuja mordacidade natural se ameigava para ela em observações de uma graça leve e nunca maldosa, seduzia-lhe a inteligência de uma inexprimível maneira. Ante a capacidade intelectual de Dahnow, avaliava sua própria ignorância; aprendia no convívio dele uma infinidade de coisas de que antes não suspeitava a existência, e despertava nela um interesse estranho pelas coisas do espírito até então esquecidas pelas muito mais interessantes do coração. As conversações variavam sempre sobre incidentes do passado, mudanças de paisagem, leituras, músicas, *sport* e principalmente sobre as viagens de Dahnow.

Quando falava neste assunto era certo ver voltarem-se para ele os olhos compreensivos de Nora, com essa expressão de interesse vivo que ela para nada mais parecia ter; interrogava-o, pedia minúcias, deixando ir a passo o animal, entregue a ele mesmo, tal a atenção que nela suscitavam as narrativas de seu companheiro.

Clemente reparava, no entanto, que dessas narrativas mesmas eram, as referentes a uma excursão feita por ele aos Estados Unidos, as que na verdade lhe excitavam mais o interesse.

Nora era insaciável quanto à pátria de sua mãe e só saia da espécie de distração cismadora em que, apesar da justeza com que respondia, andava sempre imersa, quando lhe fornecia ele pormenores abundantes sobre as particularidades da vida yankee. Ah! Dahnow podia com razão gabar-se de interessá-la!... Mas interessá-la apenas; por mais íntima que se tornasse a palestra, nunca Nora teve sequer um minuto de abandono, nunca saiu, mesmo quando se entregava à expansão de um riso, da reserva altiva sob a qual escondia o que de triste, terno ou saudoso lhe pudesse ir na alma.

Era absolutamente desconcertante para o pobre Dahnow, cuja vida se cifrava agora em esperar para aproveitar, se tivesse ânimo, uma ocasião em que ela se mostrasse mais abordável, para confiar-lhe afinal seu grande segredo. Essa ocasião nunca chegava e, embora Clemente se repetisse diariamente que era impossível ante o renascimento estival das coisas que Nora não principiasse a esquecer e não sentisse nascer em sua alma outras esperanças e novas aspirações de futuro, nunca a famosa “ocasião” se apresentou favoravelmente. E a primavera passou e passou também toda a magia dourada do estio, sem que Dahnow se atrevesse a romper o silêncio, a seguir o acertado exemplo do rude Sickingen. “Terá ela afinal olvidado Curt?”, vivia a interrogar-se, observando a menina com uma atenção quase angustiosa. Parecia-lhe às vezes que sim, e fortalecia-se nele a resolução de falar, e outras vezes que não, e eram de novo contra o inimigo e a sorte

furiosas indignações e veementes acessos de revolta interior. Nora nunca mais lhe tocou em Curt, nem por uma longínqua alusão se referiu a fato, pessoa ou coisa que tivesse relação com os Degenthal; dir-se-ia que morrera para ela todo o passado. Era essa uma das circunstâncias que mais esperanças devia dar a Clemente e era, no entanto, a que justamente o desanimava mais. Desde que ela não falava nele, era porque provavelmente esquecera, sim; mas, para que assim fosse, seria preciso que ela não tivesse aquele sorriso distraído, aquele desinteressado modo de julgar as coisas e encarar os acontecimentos, aquele absorto olhar indiferente e principalmente, quando se dirigia a ele, aquela naturalidade!... Se não fosse aquela naturalidade, se não fosse aquela total ausência de acanhamento ou de emoção quando o fitava ou lhe falava, talvez ele já lhe tivesse falado, talvez ele já tivesse dito tudo o que por ela trazia oculto no coração.

E o pobre Dahnow, desesperado, chegava a pensar que o que o contrariava era esse tratamento de “Barão”, do qual ela nunca até então se abstivera. “Barão”, “barão”, sempre “barão!” ...O nobre mecklemburguês chegou a odiar sinceramente seu título e muita vez se dizia tristemente que ela nunca saberia quanto o teria feito feliz se um dia lhe dissesse por descuido - já não queria que Clemente! - mas Dahnow, sem esse abominável “Barão”, que punha entre eles todas as cerimoniosas barreiras da etiqueta...

Chegara, entretanto, o outono. Nora, visto a baixa sensível da temperatura, começava a encurtar seus passeios matutinos, que em breve por certo suprimiria de todo. Era preciso falar quanto antes, pois com a entrada do inverno falharia em breve para esses

encontros diários o pretexto dos exercícios a cavalo. Dahnow compreendeu que a ocasião chegara, e, por uma linda manhã, à luz saudosa do sol de outono, que tornava de ouro fosco as folhas esparsas do caminho, como ela lhe pedisse algumas traduções mais, alegando os longos lazeres das noites invernais para escusar esse excesso de trabalho, ele decidiu-se repentinamente a falar-lhe...

Disse-lhe, com a emocionada sinceridade de seu nobre e delicado caráter, tudo o que de apaixonado por ela há tanto tempo guardara na alma; ofereceu-lhe, com a gravidade varonil do homem que empenha a felicidade de sua vida, seu nome, sua fortuna, sua posição, e, com a solenidade inconsciente dos momentos decisivos, pediu-lhe uma resposta clara e leal.

Pobre barão!... Pela primeira vez em sua existência foi eloquente, desataviado da costumada ironia que emprestava a seus dizeres um ar de troça. Falou com o coração, na justa esperança de que outro coração o ouvisse e compreendesse.

Mas estaria Nora tão imersa em seus próprios pensamentos que não percebesse o que de significativo comportava ultimamente a atitude do barão?

Era de supor, pois um verdadeiro assombro pintou-se em sua fisionomia, ao ouvir a comovida declaração de Clemente. Ficou tão surpreendida, a princípio, que não achou o que responder, depois, ante o calor com que seu companheiro insistia, lembrou-lhe o que tinha sido e o que dela se havia dito e escrito. - Dahnow levantou desdenhosamente os ombros; falou-lhe do futuro brilhante e feliz que o esperava, se ele se unisse a uma jovem de seu meio e de sua classe. - Dahnow declarou que não havia em seu meio e em sua

classe uma só jovem que lhe tivesse jamais merecido um olhar sequer; mostrou-lhe o pai doente e Jack por educar, encargos estes que ela não podia absolutamente impor-lhe. - Dahnow replicou que seria um filho para Alfredo e um protetor seguro para o pequeno, a quem votava um carinho quase paternal. Falha de argumentos, Nora recordou a diferença de religião que os separava. - Dahnow, com uma seriedade respeitosa, asseverou-lhe que jamais se oporia a que ela praticasse os deveres de suas crenças e nela educasse os filhos que tivessem. A menina, não achando mais que opor-lhe, pôs-se então a falar-lhe docemente do pesar que provavelmente causaria à família com esse casamento inconsiderado.

Falou-lhe com a meiguice bondosa de uma irmã e achou argumentos tanto mais especiosos e irrespondíveis, quanto maior era seu desejo de suavizar essa recusa. Falou-lhe, enfim, como sabe falar uma mulher quando diz que “”” - o que quer dizer, com uma persuasiva eloquência incomparável! - e o pobre Dahnow, ouvindo-a em silêncio, pensava consternadamente, ante a tranquilidade e a firmeza com que se exprimia, que ele na verdade lhe devia ser bem indiferente para que ela pudesse tão friamente, sem um brilho mais vivo sequer nos olhos calmos, tratar do que para ele resumia toda a felicidade.

Falaria ele demasiado cedo?... E perdurariam ainda nela as recordações do “outro”? ... Com o seu grande desejo de vencer, custasse o que custasse, referiu-se a isto, assegurando-lhe que saberia ter paciência para esperar por tempo indeterminado que ela esquecesse; pedia-lhe simplesmente que se deixasse amar.

Ante o recuo brusco de Nora e a gravidade ofendida de que se revestiu seu semblante, compreendeu que a magoara no ponto

sensível; continuar seria alienar para sempre sua amizade.

__ Não se zangue, miss Nora! __ Disse tristemente. __ É como se eu não tivesse dito nada.

__ Realmente? __ Respondeu a menina, com a inconsciente crueldade da indiferença, levantando para ele o semblante que a esperança de vencer iluminou subitamente. __ Então continuamos amigos como dantes? __ Acrescentou, estendendo-lhe a mão com o abandono confiado de uma verdadeira camarada.

__ Muito amigos! __ Concordou o pobre Dahnow, apertando essa mãozinha que tão cruelmente acabava assim de o afastar de seu caminho e que ele, no entanto, não se sentia com a coragem para repelir.

E foi como ele o dissera; continuou a ir todos os dias, como se nada fosse dito entre eles. Continuou a ser o amigo de Jack, o companheiro de dominó do diretor, o infatigável conversador que fazia rir até às lágrimas o menino entusiasmado e animava de um sorriso fugitivo o rosto pensativo de Nora.

Continuou a ser o mesmo alegre Dahnow de sempre e representou seu papel com tanta naturalidade que a própria Nora se deixou enganar por essa aparência de descuidosa jovialidade. Imaginou que ele se teria compenetrado da sensatez dos argumentos que lhe apresentara, e teria compreendido a loucura do ato que queria cometer. A pouco e pouco a lembrança do que lhe dissera foi-se amortecendo nela, e o esquecimento veio naturalmente, pois o pobre Clemente nada mais fora sempre aos olhos dela do que um amigo fraternalmente considerado. Para ele, porém, é que o esquecimento não vinha.

No convívio diário da menina sua paixão aumentava com todas as novas qualidades e os ignorados encantos que diariamente descobria nela. Admirava com enlevado enternecimento a dedicação com que tratava do pai, a paciência carinhosa que dispensava a Jack, o jeito calmo e simples com que dirigia a casa, a consciência com que dava conta das aborrecidas traduções inglesas.

Quando ela falava, gostava tanto do timbre grave e triste da sua voz, como da maneira inteligente e fina com que lhe respondia, do acerto e da compreensão clara e prática que tinha das coisas e do mundo.

Mas do que mais gostava nela, pois Dahnow era homem e é isto afinal o que mais firmemente impera no profano coração dos homens, era de sua beleza, dessa beleza que na vida ativa e ao mesmo tempo repousada desses últimos tempos parecia ter desabrochado ainda mais lindamente.

Nora fez-se positivamente mais bonita; o sofrimento afinara-lhe as feições, dera-lhe mais expressão aos grandes olhos, mais luz ao sorriso, mais alma, enfim, à fisionomia. Qualquer coisa de indefinivelmente tocante emanava dela e impunha respeito, e o enamorado Dahnow, a quem nenhum desses matizes escapava, perdia cada vez mais sua tranquilidade de espírito e sentia chegar o momento em que lhe seria de todo impossível conter-se.

Essa impossibilidade patenteou-se em toda a sua desoladora realidade pouco tempo depois. Numa noite de chuva, como Dahnow demorasse sua chegada, julgando Nora que ele não viria, devido ao tempo, e como lhe doesse a cabeça, soltou a massa negra e

ondulada de seus cabelos, para aliviar-se do peso dos grampos e dos pentes.

Era um manto régio, um verdadeiro manto de veludo escuro, que lhe chegava aos joelhos e que prendeu com um laço de fita sobre a nuca, para não lhe cair ao desdém pelo busto. A fita era dum vermelho vivo, dum vermelho espanhol, e fazia sobressair estranhamente, posta assim num largo laço frouxo, o contraste esquisito e encantador daqueles cabelos de treva com o azul carregado dos olhos cheios de expressão. Dahnow entrou nesse instante: era a primeira vez que a surpreendia nesse desalinho de intimidade e pela primeira vez também não pôde, apesar do domínio sobre si mesmo, esconder a impressão de admiração sem limites que ela lhe inspirou.

Deteve-se um segundo, fitando nela um olhar extasiado; nunca supusera que pudesse atingir aquela formosura. E realmente tinha razão. Esse penteado simples e severo emprestava à linda cabeça de Nora uma graça pura de adolescente, espiritualizava-lhe a fisionomia, dando-lhe a feição de uma virginal madona de Botticelli.

Dahnow pouco falou nessa noite, e Nora, para disfarçar talvez o vexame de o amigo a ter encontrado nessa desordem de penteado, mostrou-se mais animada, mais viva, mais encantadora do que nunca. Esse encanto, porém, não pareceu atuar muito sobre Dahnow, pois alguns instantes mais tarde levantou-se bruscamente para sair.

Estava visivelmente perturbado.

__ Miss Nora! __ Disse numa voz baixa e triste, ao despedir-se à porta da sala. __ A menina desculpe-me, mas é-me impossível continuar a vir. Não me pergunte por que. __ Atalhou vivamente

ante o gesto de espanto interrogativo da menina. __ Ficaria zangada se eu lho dissesse. Creia, no entanto, que não a esquecerei; continuo a ser o velho amigo de sempre. E se por acaso precisar de mim ou mudar de ideias a respeito do que lhe disse há tempos, é só chamar-me; estarei sempre a seu dispor.

E, inclinando-se profundamente diante dela, Clemente desceu quase a correr os três degraus de pedra da entrada. Nora estendeu o braço para o deter, mas esse braço recaiu lentamente ao longo do corpo, antes que seus lábios tivessem articulado o apelo que um minuto os entreabrira. Para que? ... Levou instintivamente a mão ao peito, o coração não lhe pulsava mais forte, nem a sombra sequer de uma emoção a agitava; ela não amava Dahnow. E, seguindo com os olhos enxutos o vulto do amigo que se sumia na noite, ao longo da estrada onde a chuva caia numa trama cerrada e fina, Nora pensava que na verdade não tinha direito de unir seu destino a esse nobre e generoso coração.

Que lhe poderia ela dar em paga de toda esta prodigalidade de amor e de dedicação? ... Nada, ou quase nada, pois não se poderia em verdade chamar alguma coisa essa fria amizade que, ante a partida definitiva do mais abnegado, do mais leal dos amigos, a deixava calma, inteiramente calma nessa estranha impassibilidade que nem sequer lhe fazia vir aos olhos uma passageira lágrima de saudade. Ela não amava Dahnow, não podia já amar a ninguem, e nesse instante compreendia-o melhor do que nunca, pois sua primeira ideia, ao ver partir Dahnow, era de que com ele partia a única pessoa que lhe poderia talvez dar notícias de Curt.

Foi-se Dahnow; durante alguns dias permaneceu ainda em Viena, na esperança louca de que Nora o mandasse chamar, mas

como este chamamento não viesse, seguiu para sua pátria, enviando à menina o endereço para onde lhe poderia dirigir as cartas.

A surpresa de seus parentes e amigos foi enorme ao vê-lo chegar tão extraordinariamente magro e com o ar soturno de quem andou frequentando a companhia dos coveiros.

Que demônio de ciência teria ele estudado em Viena? Qualquer coisa de muito lúgubre por certo, pois nem o conforto de sua casa, nem o carinho de que o cercou a tropa considerável de seus sobrinhos, conseguiram arrancá-lo à tristeza de uma cisma macambúzia. Decididamente, a ideia de ir passar o verão na fornalha de Viena só teve como equivalente em extravagância a ideia realmente inqualificável de ir viajar para o norte da Europa em pleno inverno.

Quando Dahnow comunicou esta resolução a seus parentes, foi uma grita geral e uníssona. Clemente perdera a cabeça. Não seria preferível, desde que resolvera fazer uma loucura, fazer outra mais razoável, que era casar-se? ... Só uma irmã de Dahnow, mãe de numerosa prole insubordinada e que cobiçava secretamente para seus filhos a fortuna do barão, declarou em tom peremptório que, loucura por loucura, era melhor a viagem, que apresentava pelo menos a vantagem de não ter consequências. Dahnow concordou com ela e pouco depois partiu para a Suécia, não se sentindo desta vez com coragem para atravessar os mares, pois afigurava-se-lhe que, não deixando a Europa, estaria mais perto daquela a quem tão desprendidamente amava.

*   *   *   *   *

A partida de Dahnow fez em casa dos Carsten um grande vazio. Jack ficou absolutamente desorientado, sem a presença tão distrativa de seu amigo, e Nora mesma surpreendeu-se várias vezes a pensar com verdadeira saudade nas longas conversas divertidas que com ele tivera, na alegria que a jovialidade de seu caráter expandia em torno dele, no interesse que ele a tudo e a todos sabia dar.

Para distrair Jack, que a ausência de Dahnow e o mau tempo tornavam tristonho e irritadiço, Nora teve que aparentar uma alegria que não sentia, brincando com o menino e forçando-se a rir para fazê-lo rir também. Essa obrigação ajudou-a a suportar a tristeza da partida de Dahnow.

E o inverno foi assim adiantando-se pacificamente, como também se adiantava assim traiçoeiramente a doença do diretor. Carsten definhava dia a dia; a medida, porém, que seu corpo sucumbia, sua inteligência se reavivava e esclarecia, como se a proximidade do momento final espancasse as sombras em que ultimamente andava envolvido o seu espírito.

Nora não o deixava um só instante, trabalhava ao pé dele, numa cadeirinha baixa, junto à lareira, onde desde os primeiros dias do inverno ardia um grande fogareiro, pois Alfredo vivia a tiritar no aconchego dos cobertores que lhe cobriam o canapé.

Numa dessas úmidas tardes de inverno, quando às cinco horas da tarde já é noite cerrada, costurava Nora em seu lugar habitual, ao pé do fogareiro, abandonando de vez em quando seu

trabalho para traçar nas chamas, com a pinça de ferro que lhe ficava ao lado, algum desenho a brasas e a carvão.

Jack foi brincar para o pé do bilheteiro e Carsten, que passara um dia relativamente agitado, repousava afinal; o silêncio era completo, interrompido apenas pelo crepitar da chama buliçosa na lareira. Havia muito tempo que Nora trabalhava, olhos baixos sobre a costura, pensando melancolicamente em coisas tristes, enquanto a agulha ia e vinha na fazenda fina.

__ Nora! __ Disse de chofre a voz fraca de Alfredo. __ Que é feito do conde Degenthal?

A costura caiu bruscamente das mãos da menina, que se voltou para o pai, com receio de que delirasse, num acesso repentino de febre. Não se podia, porém, pensar em delírio; o diretor estava perfeitamente calmo, olhos abertos, fixando em Nora um olhar muito lúcido e claro. Devia estar assim a olhá-la há muito tempo, pois havia na expressão de sua fatigada fisionomia como que a energia de uma decisão pensada.

__ Sim! __ Repetiu ele um pouco impacientemente. __ O conde Degenthal. Nunca mais me falaste nele, e eu chego às vezes a pensar que destruí por completo tua felicidade. Nora, minha filha, eu não me recordo bem das datas e dos fatos, mas parece-me que ele voltou, não voltou?!

Nora cruzou lentamente as mãos trêmulas sobre a costura e seu olhar fitou fixamente o fogo vivo do fogareiro. Na incandescência crepitante das chamas as brasas amontoadas sob a ação do fogo haviam fantasticamente levantado um castelo de púrpura refulgente. Era um desenho bizarro e torturado, por cujos

espaços saiam sibilando pequenas flamas azuladas, e cuja base assentava numa grande acha negra, esbranquiçada aqui e ali pelo excesso de calor. Uma larga língua de fogo contornava-a, subindo em espiral ao longo das paredes vermelhas desse frágil castelo irradiante. Era uma construção de sonho, que a fantasia inconsciente da chama criou e que essa mesma fantasia momentos após destruía, numa derrocada magnifica.

__ Sim, voltou! __ Respondeu afinal Nora, fitando sempre o ideal castelo cintilante e tendo no fundo de seus olhos claros como que um reflexo luminoso de todo esse fogo que fitava, talvez a reverberação intensa da chama ou de uma grande emoção...

__ E por que não ficou? __ Tornou Carsten, com essa pueril insistência dos doentes, que à menor contrariedade se impacientam.

__ Houve uma desavença entre nós! __ Replicou Nora com a voz um pouco oprimida, continuando a fitar a lareira, onde o castelo se inflamava em fosforescências de apoteose. __ Nunca nos pudemos entender. Vivia num meio tão diferente do nosso... era de outra classe. Enfim, foi melhor assim; foi muito melhor, desde que não podia ser de outro modo.

Carsten ficou silencioso um instante, contemplando a filha, cujo grave e lindo perfil a claridade vermelha do braseiro iluminava dum clarão de aurora. Sentiu confranger-se-lhe o coração no peito. Por que não poderia ela, assim tão bela, jovem e pura, ser feliz segundo o voto de seu coração? ... Não haveria nada que pudesse desfazer essa desavença?... Esta ideia deu-lhe novas forças para prosseguir com certa animação:

__ E onde está ele agora?... __ Perguntou, sem suspeitar nem de longe o suplício que, sem querer, infligia à filha.

O fogo tinha atingido nesse instante o esplendor máximo de sua incandescente magnificência, todo ele ardia na policromia candente das chamas caprichosas e de súbito, como se esse esplendor não tivesse outro fim senão finalizar numa irradiação de magia a transitória beleza desse quimérico edifício, fez ouvir um estalido seco e ruiu com pouco barulho, indo esboroar-se aos pés de Nora, desfeito em cinzas e em pequenas lascas de lenha carbonizada.

A menina respondia nesse instante ao pai:

__ Há meses já que se casou com a prima. __ E, apesar de toda a sua força de vontade, apesar do supremo esforço que fazia para dizer isto com a maior naturalidade possível, sua voz nada mais foi que um trêmulo murmúrio palpitante. __ Era o que devia ser! __ Continuou, como para afastar do amado pai a sombra de culpa que lhe traria talvez incriminação. __ Nós não fôramos feitos um para o outro; foi melhor assim!

O castelo de chamas tombava nesse instante, como tombara também o sonho juvenil da pobre Nora e como o castelo, glorioso há pouco, ali lhe estava aos pés reduzido a cinza, desfeito em nada.

E não era ela que acabava nesse instante de o enterrar inexoravelmente, de o meter para sempre no rol das coisas definitivamente passadas, confessando que fora melhor assim?

Nora curvou-se para o fogareiro, para afastar as brasas, que lhe chamuscavam quase a fímbria da saia, e com a pá e a pinça pôs-se, lenta, muito lentamente, a refazer o fogo semi-apagado na fumaça que o desmoronamento das achas incendiadas produzira. Suas mãos não tremiam ao executarem com a perícia de sempre o delicado trabalho, mas em seu rosto calmo persistia um palor, que

lhe vinha talvez do reflexo de toda essa cinza revolvida ou talvez - quem sabe? - ...da grande emoção reprimida que lhe escurecia os olhos, revolvendo na alma a cinza triste de sua decepção.

__ Minha pobre filha! __ Murmurou sentidamente o diretor, passando num afago a mão por sobre a cabeça inclinada de Nora. A menina não respondeu a esse desajeitado gesto de carinho; sentia que, se pronunciasse uma sílaba sequer, romperia em soluços, curvou-se ainda mais sobre a pá, que manejava vagarosamente, e um silêncio pesado e opressor fez-se de novo no pequeno quarto, que a sombra dessa tarde de inverno melancolicamente enchia.

__ E o outro? __ Tornou o doente, depois de uma longa pausa, reabrindo os olhos, que um instante cerrara fatigadamente. __ Sim, o outro... o gordo... Tu bem sabes de quem falo, Nora; daquele que vinha sempre no inverno passado e agora mesmo durante o verão. Doía-me, então, a cabeça; tudo me doía, afinal, mas mesmo assim pude perceber, minha filha, de quantas atenções e carinhos nos rodeava. Seriam realmente todos eles só para o pobre velho enfermo que eu sou? __ Prosseguiu numa volta de suas antigas maneiras brincalhonas, com uma espécie de sorriso malicioso. __ Custa-me muito a crer. Por que não vem ele mais? Mandaste-o embora...

Nora ergueu o busto inclinado, e sacudindo as mãos para delas tirar a cinza que por acaso se lhe tivesse agarrado, retorquiu com indiferença:

__ Não o mandei embora, meu pai; o barão partiu porque precisava partir.

Carsten abanou desgostosamente a cabeça:

__ Tu não me queres dizer nada, minha filha; não tens talvez confiança em mim. É impossível que ele não te tenha falado! ...Um coração de pai não se engana, e ter-me-ia sido tão doce deixar-te confiada àquele homem de bem! ...Por que não o quiseste, Nora, por que?

Na lareira bruxuleava nesse momento uma chamazinha, começando a inflamar a lenha seca e o carvão que Nora amontoara cuidadosamente no fundo do fogareiro; seu clarão avermelhado crescia pouco a pouco, lançando um raio tremulante sobre a saia escura da menina.

__ Não me pergunte por que, meu pai, não me pergunte por que! __ Suplicou num tom quase pungente, cruzando as mãos aflitas sobre o peito, que arfava, e fechando a meio os olhos como para contemplar em si mesma uma visão desoladora.

__ Minha pobre filha! __ Repetiu amargamente o diretor, desviando o olhar desse pálido semblante desfigurado. __ Tu és e sempre serás a filha do diretor do circo. Estás destinada a vagar eternamente pelo mundo; serás como eu: uma nômade, que em parte alguma encontra seu verdadeiro lugar.

__ Não, meu pai! __ Replicou ela docemente, voltando para ele o rosto claro, onde os olhos tinham agora um límpido e sossegado brilho. __ Há um lugar onde encontrarei a tranquilidade e a proteção que me deseja. É um lugar distante ainda. __ Prosseguiu com uma expressão singular, fitando de novo a chama que, titubeante a princípio, subia agora cheia e forte na lareira inflamada, espargindo pelo aposento alumiado a luz firme e lúcida de seu fogo novo. __ Mas é um lugar para onde irresistivelmente me leva uma vontade superior. Não se inquiete, meu pai; eu saberei chegar a

esse abençoado lugar rematou com firmeza, olhando sempre o fogo, como se visse nessa bela chama quente e brilhante o símbolo misterioso de uma bela chama ardente, que, saía da cinza de seu desfeito sonho de felicidade, espancasse as trevas de sua vida e lhe renovasse a alma, iluminando-a toda do clarão de um fogo imortal.

__ Não compreendo. __ Tornou Carsten queixosamente, passando pela testa a mão emagrecida, num gesto de infinito cansaço. __ Tudo se confunde em minha pobre cabeça. Sinto-me tão fatigado! ... Enfim, tu sabes melhor do que eu o que deves fazer. Não me interrompas. __ Acudiu, atalhando com um gesto o movimento da filha para o fazer calar. __ É preciso que eu fale hoje, amanhã talvez não saberei já; estou tão fraco! ... Nora, minha filha, quero que mandes chamar o preceptor. Sim, aquele que assistiu aos últimos momentos de tua mãe. Dize-lhe que estou a morrer; tenho a certeza de que virá. Preciso falar-lhe de ti, do menino, de Helena e de mim também. __ Nora! __ Prosseguiu, respirando com esforço e procurando com a mão tateante a mão da filha. Não te aflijas com o que vou dizer; talvez não seja hoje, talvez nem mesmo amanhã; mas, quando eu não estiver já aqui, olha pelo teu irmão. Ele só tem a ti no mundo. Se por acaso encontrares um dia a mãe, dize-lhe que lhe perdoei. Eu quero morrer como Helena me quereria ver morrer, sem ódio, sem rancor. Sim, sem rancor, como Helena. __ Repetiu com uma emoção que lhe vinha talvez do moroso beijo silencioso da filha sobre a mão, que apertava nas dela. __ Nora, minha pequena Nora, foi tua mãe, foi a minha querida Helena que te colocou a meu lado. Que teria sido de mim sem ti, meu Deus?! Porque é preciso que eu te diga afinal, minha filha, é preciso que o saibas. Tu foste a minha alegria, a minha consolação, o meu sustento, a minha

salvação! ...E eu acho, sim, chego mesmo a achar, como disseste, que foi melhor assim. Ele ter-te-ia apartado de mim, levar-te-ia para longe; e eu não te veria hoje aqui, não te poderia agradecer, não te poderia abençoar, minha Nora. Foi melhor assim, foi melhor assim... __ Repetiu num soluço, reclinando sobre os travesseiros a cabeça extenuada, enquanto as lágrimas lhe corriam a fio pelas faces cavadas.

__ Sim, foi melhor, meu pai; foi melhor assim. __ Repetiu Nora, com o fervor de um juramento, lançando-lhe ao pescoço a cadeia de seus braços trêmulos e beijando-lhe amorosamente a testa úmida de suor. E embora seu pobre coração rebelde palpitasse num protesto instintivo contra a crueldade desta afirmação, seus lábios convictos repetiam-na, enquanto apertava de encontro ao coração a cabeça desse pai por quem tudo sacrificara na vida, e chorava silenciosamente.

E não era só o pai a quem ali tão desoladamente chorava naquele instante; não era só o pai, o morto de amanhã, a quem nada mais podia conservar a vida; era o outro morto, esse morto vivo que lhe roubara a vida e cuja dolorosa recordação seu desgraçado amor não conseguira ainda esquecer, como se a conversação dessa tarde tivesse esgotado nele todo o fictício vigor que alguns instantes o reanimara, o diretor poucas palavras pronunciara daí em diante.

A fraqueza aumentava, dir-se-ia que de hora em hora, tanto que Nora, assustada, escreveu ao preceptor para o castelo de Degenthal, pedindo-lhe que acudisse ao derradeiro chamamento de seu pai.

Quando o preceptor chegou era tarde; Alfredo já não falava e pôde apenas, respondendo por apertos de mão às perguntas do padre, fazer-lhe essa confissão que ele tanto desejava; depois, com um gesto de mão lânguido e um olhar de suplicante recomendação, designou-lhe Nora, fechando em seguida os olhos no supremo abandono do grande repouso.

O preceptor acompanhou-o até ao cemitério; foram justamente ele e o bilheteiro os únicos acompanhantes desse enterro de pobre, e o sacerdote, no carro humilde que o levava junto do seu humilde companheiro à necrópole distante, ia pensando que realmente esse Carsten fora singular até na morte.

Morreu como um justo, ele que toda a vida fora o mais incorrigível dos boêmios. Dois dias após, o preceptor retomava o caminho da pequena casa onde se finara o diretor; ia levar à órfã a consolação de sua presença amiga e prestimosa, o esclarecimento do seu conselho. Queria também saber quais eram as intenções dela, pois era impossível que ela permanecesse ali, sozinha, com aquela criança para sustentar, nessa crítica penúria que a punha à mercê de todos os perigos, de todas as explorações. O preceptor ia disposto a ajudá-la, a pôr, enfim, em prática o que junto ao leito de morte prometera silenciosamente a Alfredo Carsten: amparar Nora no abandono de sua orfandade.

Encontrou-a na sala, toda de preto já e lendo atentamente uma carta recebida instantes antes. Nora não se levantou para recebê-lo; estendeu-lhe simplesmente a mão, erguendo para ele os olhos cavados, de onde rolaram duas lentas, brilhantes lágrimas, indo cair no papel da carta que tinha entreaberta sobre os joelhos.

__ Já sei a que vem! __ Disse-lhe ela sem disfarçar a emoção de que estava possuída, indicando-lhe com um aceno de cabeça uma cadeira próxima. __ Vem saber de meus projetos e indagar de minhas intenções. Vê esta carta? __ Continuou, apresentando-lhe o papel onde se desenhava uma letra fina e pequena. __ Não pode imaginar os tesouros de delicadeza, de dedicação, de sentimento que ela contém!

__ É do barão Dahnow? __ Perguntou, admirado, o preceptor, reconhecendo a caligrafia inconfundível do melhor amigo de seu ex-discípulo.

__ Sim, é do barão Dahnow! __ Confirmou Nora com um trêmulo na voz. __ Esta carta resolveria tudo por si só. É do barão Dahnow, desse nobre barão Dahnow, que por um prodígio de interesse soube da agravação da doença de meu pai e com a espontânea generosidade de seu grande coração me oferece nesta carta, seu nome de fidalgo e seu amor, que nenhum preconceito pode tolher e que uma primeira recusa não conseguiu diminuir. Adivinhou com certeza o abandono em que me deixaria essa morte, e deposita-me aos pés o oferecimento do apoio moral de seu nome e a segurança de sua proteção. É para que V. Revma. veja, sr. preceptor, que ainda há pessoas capazes da degradante loucura de pedir a mão da filha difamada de um diretor de circo. __ concluiu Nora com amarga ironia.

O sacerdote compreendeu a alusão e desculpou-a; ela sofrera tanto por causa desse a quem sua presença não podia deixar de ali evocar! ...E, com efeito, ante o ato tão abnegadamente significativo de Clemente, como diminuía e se amesquinhava o indeciso e fraco amor de Curt!

__ É uma oferta nobilíssima. __ Respondeu todavia com reserva. __ Digna sob todos os pontos de vista do barão Dahnow. Se não fosse a diferença de religião que os separa...

__ Oh! por isso não... __ Atalhou Nora, com o inconsciente orgulho do grande sentimento que inspirava. __ Clemente Dahnow dava-me inteira liberdade de praticar à vontade minha religião e de educar nela os filhos que tivéssemos.

__ Mas, então, por que não aceita, Nora? __ Acudiu, estupefato, o eclesiástico. __ Por que não responde que "sim" a este pedido que a reabilitaria aos olhos da sociedade, destruindo por completo as calúnias de que lhe enxovalharam o nome?...Eu não posso crer que você seja dessa lamurienta classe de mulheres que passa a vida a chorar inutilmente sobre um sonho irrealizado. O passado passou; encare com coragem o futuro e aceite a proposta de Dahnow. Tenho a certeza de que este casamento lhe seria o porto seguro, o desejado, o necessário refúgio.

__ Eu também tenho certeza disso. __ Replicou Nora com brandura. __ Tenho a certeza de que a nobre estima desse generoso, desse querido Clemente Dahnow teria sido para mim, e para meu irmãozinho também, o refúgio tranquilo e certo. Mas eu não amo Dahnow, Sr. preceptor; não o amo pelo menos como ele o merece, como tem o direito de ser amado. E seria de minha parte uma indignidade imperdoável aceitar-lhe o nome e o afeto, levando ainda no coração o fantasma de meu amor passado. Sr. preceptor, se eu não sou daquelas que passam a vida a chorar inutilmente sobre um sonho desfeito, sou infelizmente dessas que só podem amar uma vez. E toda a minha existência seria pouca para pagar a Clemente Dahnow, o que ele fez por mim. Falou num porto seguro...

__ Continuou, erguendo a fronte bela, depois de uma ligeira pausa, durante a qual pareceu concentrar-se como para dar mais força ao que ia dizer. __ Um porto seguro... __ Repetiu numa voz lenta e profunda, como se falasse a si mesma, fitando no espaço um olhar de uma enigmática e iluminada expressão. __ Achei esse porto, sr. preceptor; pode tranquilizar-te, pois tenho a plena, a consoladora convicção de o ter achado e de caminhar para ele infalivelmente. Irei talvez devagar, terei ainda no caminho lutas, tentações, mágoas; mas, oh se soubesse como tenho a certeza de chegar!

Nora disse estas últimas palavras quase em voz baixa; seus olhos azuis, que o reflexo de seu sonho enchia de uma estranha claridade, fitavam através do vidro da janela o céu de inverno, onde sob a gaze transparente da bruma se acendia uma pálida estrela.

__ Não se precipite em resoluções extremas, minha filha. __ Advertiu o preceptor, a quem impressionava não só o misterioso sentido das frases, mas ainda mais talvez a estranha expressão do semblante da menina. __ A gente, sob a dolorosa impressão de uma decepção inesperada, pensa às vezes poder romper com a vida e...

__ Mas eu não quero romper com a vida! __ Interrompeu Nora quase com um sorriso, voltando para ele um semblante animado, onde nada mais perdurava do místico reflexo que segundos antes o transfigurava. __ Pelo contrário, sr. preceptor, quero começar agora verdadeiramente a viver! ... Passou felizmente o tempo terrível em que desejei enterrar meu coração e morrer para todos e para tudo; para esquecer, afinal. Sinto-o agora mais forte, mais vivo do que nunca, pronto para a ação, pronto para a luta, pois creio que o destino da filha do diretor do circo, sr. preceptor, é passar pela vida

lutando. A luta nunca me amedrontou; e diga-me, agora, com franqueza, se eu tenho realmente a aparência de alguém que quer romper com a vida?!

Num movimento impulsivo, Nora ergueu-se, desenvolvendo sem o saber, na elegância involuntária do gesto, toda a flexibilidade graciosa de seu corpo modelar.

O sacerdote mirou-a da cabeça aos pés, assim diante dele, nessa atitude de espera, que lhe fazia palpitar de impaciência os músculos nasais. Ah! como ela tinha razão! Não era com efeito uma criatura que pudesse romper com a vida; era uma esplêndida criatura onde a vida estuava por todos os poros; era uma mulher em pleno vigor de mocidade, uma linda mulher sadia e pura, cujo olhar irradiava de inteligência, cujo sorriso iluminava-se de ternura; uma criatura de beleza, de força de vontade, que o sofrimento purificara apenas, sem nada alterar de sua radiosa e soberba vitalidade.

__ E esse? __ Perguntou o preceptor com um suspirozinho de pesar, ao lembrar o que poderia ter sido, mostrando Jack, que com a familiaridade das crianças se encostara à saia da irmã, fitando no visitante dois vivos olhinhos curiosos.

__ Este será meu primeiro cuidado. __ Respondeu Nora, apoiando as duas mãos nos ombros do menino, e achegando-o mais para si, como para definitivamente tomar posse dele. __ O meu mais querido dever. Lance os olhos em redor, sr. preceptor; não vê que já não há quase nada e o que resta tem um ar de partida? Que vamos partir também nós. Vamos para a América, para a pátria de minha mãe, onde eu espero encontrar na família dela o apoio moral que me faltaria aqui. É para lá que eu quero levar Jack, e lá que eu pretendo fazer dele um homem. É lá que ele fará mais tarde

sua vida. É lá também que se me abrirá o campo de ação onde projeto trabalhar ainda muito e muito. Mas tudo isto está distante. Por enquanto é preciso tratar das passagens, e é para isto que eu vou ainda reclamar de sua bondade mais um favor de amigo.

O sacerdote levantou-se, estendendo-lhe afetuosamente a mão.

__ Minha filha! __ Disse com seriedade de uma suprema recordação. __ Pela terceira vez prefere a luta ao sossego; Que o Senhor a ilumine. São extraordinários os caminhos por onde lhe apraz levá-la; mas, por mais extraordinários que sejam, tenha a certeza de que Ele lhe assistirá sempre com sua graça, como lhe assistiu até
agora, mesmo quando permitiu que a vida destruísse cruelmente sua felicidade terrena.

Havia chegado à porta, que o sacerdote abriu para partir. Era noite feita; no céu muito alto, muito negro, muito límpido, as estrelas palpitavam radiosamente na refulgência de seus fogos milenários, e, numa derradeira alusão àquele por quem conhecera o sofrimento e a decepção, Nora levantou para a altura serena os olhos cheios de um enlevado fervor:

__ E é preciso agradecer a Deus comigo, sr. preceptor. __ Murmurou docemente, num sorriso apaziguado, juntando as mãos como para a gratidão de uma prece. __ Que só fosse destruída “a minha” e que “ele” ainda tenha podido ser verdadeiramente feliz.

*   *   *   *   *

Algum tempo depois, numa cidadezinha montanhosa do sul da Alemanha, um jovem par achava-se temporariamente hospedado no único hotel do lugar, quase vazio já, pois o fim da estação arrastava para as capitais o bando errante dos veraneadores. Eram moços ambos e voltavam evidentemente da clássica viagem de núpcias à Itália, pois nas malas de bagagem que transportavam liam-se quase todos os nomes das principais cidades desse país, para onde a moda conduz geralmente os noivos afortunados do *snobismo* europeu. Eram
o conde e condessa Degenthal, Curt e Lily, que, após uma lenta e preguiçosa excursão de um ano pela terra azul de Dante e de Miguel-Angelo, regressavam à pátria, trazendo não só a recordação indelével de todas as visões de arte e beleza que lhes haviam enchido os distraídos olhos de recém-casados, mas, ainda, nos braços morenos de uma soberba napolitana, um menino roliço e lindo, Luitpold Degenthal II, que o orgulho maternal de Lily declarava a mais bonita criança do velho continente, pelo menos. Por causa do pequenino, haviam eles decidido fazer demoradamente a viagem de volta por pequenas estações, parando aqui e além, para não fatigar a criança nem a ama, pois, apesar de todo o seu desejo e do desgosto que essa impossibilidade lhe causava, a condessa Lily não podia amamentar seu primogênito. Se não o amamentava por formal proibição médica, era a única coisa que não fazia por ele, pois não o deixava senão o tempo estritamente necessário para as refeições. A jovem vivia enlevada na alegria de sua maternidade feliz. Curt passara para o segundo plano; era Luitpold agora que exclusiva e tiranicamente lhe absorvia a atenção e os cuidados. O casamento, a viagem, o prazer de ser amada e de ser mãe, haviam

dado o cunho definitivo ao que Lily pudesse ter de formosura. Engordara e crescera o suficiente para perder seu gracioso e um pouco enfezado aspecto de colegial, e a consciência das prerrogativas a que lhe davam direito seu título, sua fortuna e sua situação de senhora casada, tinham-na desembaraçado muito favoravelmente. Embelezara positivamente, pois nada pode embelezar mais seguramente a uma mulher do que a felicidade no amor.

Curt devia também estar plenamente feliz. Fortalecera a saúde, possuía fortuna, o que lhe proporcionava a independência, tinha uma bonita mulher moça que o amava, um lindo filho, e, para dar sabor a todos esses dons magníficos que a sorte acumulara munificentemente em sua vida, esse incomparável condão que tudo valoriza e prestigia: a mocidade.

Sim, devia na verdade ser completamente feliz; e era por certo essa preciosa felicidade que o mantinha solitário e cismador no terraço ao rez do chão do hotel, reclinado numa dessas fundas e cômodas cadeiras de palha que o gênio dos hoteleiros oferece ao devaneio preguiçoso de seus hóspedes, tendo na mão um livro, sem o ler, e deixando vagar uns olhos de embevecimento pelo grandioso panorama de montanhas, onde as primeiras tintas do crepúsculo começavam a esbater a grande luz gloriosa do dia que ia findar.

Era provavelmente nessa felicidade que pensava; mas era também na secreta e inconfessada decepção que para ele havia sido essa viagem de núpcias.

Uma espécie de cansaço vinha-lhe de todos os horizontes, dessas paisagens, desses museus e desses quadros contemplados; sentia-se farto do estrangeiro e, como uma intensidade que o

deixava pasmado, aspirava ao retiro de seu velho castelo solarengo, onde livremente poderia pensar, trabalhar, devanear e ficar só. Porque
era a isso que o marido de Lily aspirava mais ardentemente, embora ele o não quisesse confessar a si mesmo. De que se sentia inexprimivelmente aborrecido era da presença constante e absorvente de Lily. Gostava muito dela, reconhecia-lhe com justiça uma bondade extrema, um bom-senso superior, uma invejável igualdade de gênio e de maneiras; mas eram esse bom-senso e essa invariabilidade de bom humor que afinal o enervavam.

Nunca esperara dela grandes arroubos e entusiasmos excessivos. Sabia-a prática e sossegada como o próprio prosaísmo; mas, francamente, esperara muito mais do que aquelas superficiais e tão pouco sentidas exclamações de admiração diante dos inigualáveis espetáculos de beleza e de arte que a Itália lhes proporcionara.

Lily tinha o dom de perceber logo o lado fraco e defeituoso das coisas; amesquinhava tudo, Curt dizia-se aborrecidamente que, afinal de contas, essa viagem, onde nunca simultânea e unissonamente haviam vibrado suas duas almas desiguais, essa viagem, que deveria ter sido um lindo sonho nupcial, nada mais fora que uma
banalíssima excursão, que ele se sentia ansioso por terminar.

E era nisto que cismava o feliz Degenthal, quando, no caminho em declive da montanha, avistou, dirigindo-se para o hotel, um excursionista em quem julgou reconhecer alguém muito familiar.

__ Será possível? __ Exclamou, levantando-se impulsionado pela mais jubilosa das surpresas. __ Mas tão magro, assim tão

magro, não é crível que seja ele.

O excursionista adiantava-se, entretanto, entrando com a sem cerimônia de um velho hóspede no terraço onde se achava Degenthal.

__ Dahnow! __ Exclamou Curt, reconhecendo-o afinal e estendendo-lhe os braços num largo gesto de afetuosa saudação.

__ Meu querido Clemente, quando imaginaria eu ter o prazer de encontrar-te aqui?

__ É na verdade surpreendente! __ Replicou o barão com uma expressãozinha de desagrado na voz, correspondendo frouxamente ao abraço efusivo de seu amigo. __ Podes ter a certeza de que não estou menos espantado do que tu.

__ Menos espantado do que eu? __ Retorquiu alegremente Curt, afastando-se um pouco para encarar melhor o velho camarada dos tempos passados. __ Deves forçosamente estar. Nunca pensei que chegasses a este estado de magreza! ... Imagina que, ao avistar-te, ao longe, levei algum tempo a duvidar de minha vista. Irreconhecível! ... Como arranjaste essa esbelteza? ... Algum desconhecido regime para viajar?

__ Coisas da vida! __ Respondeu evasivamente Dahnow, num indiferente levantar de ombros.

__ Mas que demônio de coisas são essas? ... Doença? Trabalhos ... Clemente, tu não fazes ideia de como estás mudado! ... E não fazes também ideia da satisfação que é para mim este nosso encontro ... Havia tanto tempo! ... Desde o meu noivado em Viena, lembras-te?... Volto agora da Itália, sabes? Apresentar-te-ei a Lily daqui a pouco; ela anda lá por dentro às voltas com o pequenino. Porque eu tenho um filho, meu caro; não sei se tiveste notícia. É um

garoto magnífico, que te apresentarei mais logo e que acharás incontinenti uma beleza, se quiseres cair nas boas graças da mamã. Mas... __ Continuou, puxando para junto da sua uma cadeira onde Dahnow se assentou. __ Tu ainda não me disseste o que te trouxe a estas paragens. Que tens feito todo esse tempo, Clemente?

__ Oh! nada de muito aproveitável. __ Acudiu o barão, cruzando as pernas com a fleuma de sempre. __ ando como um herói de romance a viajar, para esquecer um amor infeliz. Sugestivo, hein?... E será mais sugestivo quando souberes que tens diante de ti um homem que acaba de receber pela segunda vez essa desconsoladora coisa que vulgarmente se chama "uma tábua"...

__ Uma "tábua"... Um partido como tu, Dahnow, não é possível... __ Interrompeu Curt, arregalando uns olhos cheios de estupefação, E de quem, meu pobre amigo, de quem?

__ De Nora Carsten! __ Replicou o barão, num tom áspero, depois de uma hesitação quase imperceptível, fitando no amigo um olhar descontente e rancoroso.

__ Nora Carsten! __ Balbuciou o outro, assombrado. __ Mas... mas ela não fugiu com um tal Landolfo?

__ Oh! Isso era muito fácil de acreditar para quem tinha vantagens em acreditá-lo! __ Atalhou Dahnow, com um sorriso escarninho. __ Infelizmente eu não estava no número desses privilegiados.

__ Que queres dizer com isso, Clemente? __ Perguntou agitadamente o conde, que se fez de súbito muito pálido. __ Dar-se-á o caso que... que não tenha sido verdade?

__Foi a mais vil, a mais infame das calúnias! __ Lançou bruscamente Dahnow, cedendo afinal ao desejo muito humano de

atormentar com a tristeza de um remorso esse venturoso Curt, em quem via o homem por quem fora irremediavelmente rejeitado. E numa explosão repentina, em que exalava a um tempo a indignação que provocara nele o proceder do amigo e a amargura que sofrera, continuou num tom incisivo, martelando as palavras, como se as quisesse gravar indelevelmente na alma de seu interlocutor:

__ Foi uma dessas infâmias que, gozando da impunidade que lhes garante a lei, se praticam cada vez mais habitualmente. Foi uma vingança desse torpe Landolfo; uma vingança diabólica, uma vingança tão bem calculada, tão bem combinada, que atingiu magistralmente o fim que se propunha. Quem fugiu com o secretário, esquecendo, num regresso ao passado equívoco, seus deveres de esposa e de mãe, foi Emília, mulher do diretor. Nada mais se podia esperar daquela criatura de frivolidade e de inconsciente perversão, mas quem saiu irreparavelmente enxovalhada de toda essa vesga história foi a pobre Nora. O miserável substituiu-lhe o nome ao de sua indigna amante nas notícias dos jornais, contando, pela infernal habilidade de sua experiência, com a credulidade do público acerca de tudo o que de escandaloso se conta a respeito de coisas e gente de teatro.

__ Mas... Dahnow, não é possível! Se eu li com os meus próprios olhos!

__ Sim, tu leste, leste com teus próprios olhos! __ Prosseguiu o barão, acentuando até ao sarcasmo a ironia de seu tom. __ Leu como eu li, como toda a gente leu, e acreditaste, como toda gente acreditou. Estavas em teu direito. Eu, porém, que nunca fizera nada para me aproximar mais intimamente dela, como tu, e nunca, ainda como tu, lhe jurara um amor eterno e um apoio infalível, eu, que a

conhecia bem menos do que tu, e que nada podia esperar dela, tinha-a no entanto em tão alto conceito, que logo se me afigurou impossível essa calúnia. E fiz o que não fizeste; fui simplesmente procurá-la. Oh! Eu não deveria talvez ter feito isto, não era noivo dela, não tinha com ela compromisso de espécie alguma, não lhe era nada; mas tinha a loucura de amá-la como tu nunca suspeitarás que se possa amar, meu pobre Curt, e fui assim mesmo! ...Queres saber como eu a encontrei? Encontrei-a sozinha, à cabeceira do pai moribundo, entre a velha criada enferma e uma criança abandonada, sem recursos, sem família, num isolamento de ruína, sem ninguém que a protegesse, que a aconselhasse, que lhe dirigisse os atrapalhados negócios. Ah! Nunca pensei também achá-la tão calma, tão digna, tão pura, tão à altura de ilimitada confiança que nela depositara cegamente meu afeto! ...Fiz por ela o que pude; teria feito tudo, se ela mo tivesse permitido. Mas ela não quis, não, senhor. Nunca obtive dela mais do que a gratidão afável de uma amizade banal, pois, por mais duro que isto me tenha sido e mais absurdo me pareça agora que te vejo, ela nunca te foi infiel, nem por pensamento. Fui eu quem lhe comunicou teu casamento, vi seu sofrimento, assisti a silenciosa agonia de seu sonho, compreendi e senti o que de vida e crença destruiu em sua alma essa tua deserção. E, no entanto, foi a tua lembrança que ela preferiu... a mim. Curt, tu foste um grande culpado; não só destruíste a felicidade de uma vida juvenil e cheia de esperança, mas tornaste impossível a minha própria felicidade.

Clemente parou um pouco, ofegante e já envergonhado do excesso dessa expansão a que não estava acostumada sua comedida natureza concentrada.

__ Curt! __ Chamou de chofre uma voz sonora, vinda do hall do hotel. __ Não queres ver Lulu? Vou levá-lo para a cama; não fazes ideia de como está bonitinho com esta carinha de sono. __ E, sorrindo para o pacote de rendas e cambraia branca que trazia amorosamente nos braços, Lily surgiu no limiar da porta, muito elegante no *surah* branco de uma toilette de jantar, onde em rendados arabescos sorria a graça esquisita de um cravo de valor, sem suspeitar nem de longe o mundo de pungentes emoções que sua descuidosa aparição intimamente reprimia.

__ Não estás só? __ Perguntou, adiantando-se um pouco no terraço que o crepúsculo escurecera e procurando distinguir na penumbra o companheiro do marido. __ Mas... __ Acrescentou com um brilhante sorriso de surpresa. __ Se os olhos não me enganam, é o barão Dahnow, a quem tenho o prazer de ver?

__ O barão Dahnow em pessoa, condessa! __ Replicou Clemente, levantando-se e dominando por um violento esforço de vontade a comoção que lhe sacudia os nervos. __ Já não me surpreende, então, a demora de Curt cá por fora. __ Tornou Lilly, sorrindo sempre, correspondendo à inclinação profunda do mecklemburguês com um amistoso movimento da cabeça loura. __ Desculpe-me, se não lhe dou a mão, barão; mas, como vê, tenho-as ambas ocupadas. Sim, é meu filho explicou com a orgulhosa complacência das mães venturosas é o nosso Luitpold - o meu Luluzinho! - a quem V. Excia. não pode agora admirar devidamente, pois está escuro aqui e ele tem os olhos fechados. Morre de sono, coitadinho! Não imagina como é esperto! __ Prosseguiu, fitando um embevecido olhar na criancinha loura, que Dahnow a custo

descobriu no meio das fofas rendas brancas e a quem naturalmente fez logo um elogio.

__ Há de conhecê-lo amanhã, quando o vir acordado. Veio tomar a bênção ao pai, a esse distraído papá, que lhe prefere os cigarros, os livros, a vista das montanhas, quanta coisa há, enfim; a esse ingrato papá, que nem sequer lhe estende os braços para o beijo de todas as noites.

Assim falando, a jovem aproximou-se do marido, sempre imóvel em sua cadeira de palha, e com um gesto de infinito carinho, um lindo gesto maternal, estendeu-lhe a cabecinha adormecida do pequenino. Curt curvou-se sobre seu filho e depôs-lhe na testa um beijo distraído.

__ Viu este beijo? __ Disse Lily com ares de amuo, apresentando Luitpold a Dahnow para idêntica carícia. __ É assim que ele gosta do filho. Pobre do meu Lulu, se não fosse eu, creio que nunca seria realmente beijado! __ concluiu, apertando afetuosamente de encontro ao seio seu precioso fardo. Até já, sim? __ Perguntou da porta, numa despedida que era um convite. __ Não pode deixar de jantar hoje conosco; Curt não me perdoaria se eu o deixasse ir. __ E, sorrindo sempre, a loura condessa Degenthal fez de longe um cumprimentozinho afetuoso ao barão, desaparecendo ligeiramente no interior já iluminado da casa.

Os dois amigos ficaram sós. Curt apoiou na mão a fronte contraída; estava tão imerso no turbilhão de seus desencontrados pensamentos, que nem sequer percebeu que Dahnow estava de novo a seu lado e lhe pousou silenciosamente a mão no ombro.

A revelação do amor de Dahnow por Nora e da inocência dela tinham acordado nele tudo o que levava um ano inteiro a querer

desesperadamente esquecer; precipitara-se de novo em plena paixão, essa torturante paixão que lhe oprimia agora o coração num sofrimento de agonia. Deu um longo e doloroso suspiro, um verdadeiro suspiro da alma.

__ Curt... __ Disse então Clemente, com uma apiedada seriedade. __ Peço-te que me desculpes a minha violência de há pouco. Deixei-me arrastar por um sentimento superior à minha vontade e excedi-me; não tinha a intenção de magoar-te. Mas havia jurado a mim mesmo que, se te encontrasse algum dia, reabilitaria Nora a teus
olhos, embora sofresses tu com isto. Não toquemos mais neste assunto, queres? Ela não fora destinada para nenhum de nós. Tenho a certeza de que ficaria triste, ela que tão desprendidamente te amou, se soubesse que por sua causa rompemos uma tão velha e tão preciosa amizade. Curt, meu amigo, deixa o passado, que o tempo em breve esbaterá no esquecimento. O nosso afeto mútuo deve sair intacto dessa passageira crise dos nossos corações.

Curt estendeu-lhe caladamente a mão, e durante alguns instantes os dois amigos permaneceram imóveis, de mãos dadas, unidos ambos na mesma profunda e silenciosa emoção.

__ Onde está ela agora? __ Perguntou afinal Degenthal, voltando para Dahnow um pálido e desfigurado semblante.

__ Foi para os Estados Unidos com o irmão. A morte do diretor deixou-os a ambos num isolamento terrível (escreveu-me ela). Julga mais fácil arranjar lá a vida e educar o menino; Conta com o auxílio da família da mãe. Pobre Nora! ... Enfim, o destino é o destino. O teu, meu caro Curt, é o de ser feliz com a mulher e o filho que a bondade da Providência te concedeu; o meu é o de partir. Oh! não

para onde pensas! __ Atalhou com um sorriso triste, ante a muda interrogação de Degenthal. __ Eu não farei mais a tolice de procurar Nora Carsten; nada nos pode reunir em vida. Falo simplesmente de por termo às minhas intermináveis viagens.

__ Que vai ser de ti, meu pobre Clemente? __ Exclamou Curt com ímpeto, lembrando a solidão do eterno celibatário que ele pressentia no amigo.

__ Que vai ser de mim? __ Eepetiu Dahnow, um pouco surpreendido pela pergunta, mas já com a desenvolta ironia de sempre. __ Simplesmente isto: depois de algumas voltas que ainda pretendo dar pelo planeta, regressarei a meu solar tanto mais querido quanto mais tempo andei vagabundamente distante dele; pois, meu caro amigo, quanto mais viagens faço, tanto mais fortemente se vai arraigando em mim a burguesa convicção de que o bicho-homem se acha bem só num lugar: é dentro de sua própria casa, em sua própria terra. Regressarei, portanto. Durante algum tempo as raparigas da vizinhança se alvoroçarão com a ideia inevitável de conquistar-me, a maior parte de minha família e todas as velhas senhoras das minhas relações empenhar-se-ão neste louvável intuito. Eu resistirei; tornar-me-ei, então, um enigma indecifrável para a sociedade; serei interessantíssimo. Depois, com a idade, sempre sobre meus livros, realizarei o tipo perfeito do esquisitão, sem nunca deixar de ser o que é, em suma, meu destino neste mundo imperfeito: a esperança de meus sobrinhos... Uma esperança que se transformará em gostosa realidade, espero eu! __ Rematou com um sorriso de troça indulgente, enfiando seu braço no do amigo. Creio que aí vem tua senhora reclamar-nos. __ Acrescentou, mudando de assunto.

__ Curt, não a façamos esperar.

E, de braço dado, entraram ambos no hall iluminado, onde se destacava em branco a silhueta elegante de Lily, enquanto no ar calmo da noite quase feita a sineta do hotel tocava para o jantar.

Foi, na verdade, o quadro exato de sua vida futura que Dahnow traçou naquela tarde ao conde Degenthal. Depois de alguns anos mais de viagens estudiosas, ele regressou à sua "*gentilhommière*" da província, onde se embebeu definitivamente em suas investigações científicas e em seus trabalhos literários.

Sua casa, porém, foi sempre um centro de refinada intelectualidade e de acolhedora urbanidade, graças ao inalterável bom humor de seu gordo proprietário. Porque Dahnow tornou a engordar, reconquistou o sobejo da perdida adiposidade e, como ele o dissera, fez durante alguns anos o desespero de todas as meninas casadoras dos arredores. Jamais consentiu em constituir família; quando lhe falavam nisto, declarava que seus filhos eram os livros e seus companheiros a legião de gatos de que povoara a solidão de seu velho solar.

E assim se foi arraigando pacatamente sua fama de celibatário endurecido, e com esta fama crescendo sua popularidade entre a tropa considerável dos sobrinhos, cujas "esperanças" se tornavam cada vez mais fortes e mais fundadas. Só uma vez sofreram essas esperanças um choque tremendo, e foi isto muitos anos mais tarde, quando certo dia se apresentou no castelo um jovem americano, com o pedantismo de uns exuberantes dezoito anos, cuja proveniência toda gente ignorava. O estrangeiro trazia uma carta de recomendação para Dahnow, carta essa que nunca ninguém leu,

mas que lhe abriu de par em par as portas da casa e do coração de Clemente.

Os sobrinhos tremeram. Quem seria esse intruso, que assim instalava tão deliberadamente na intimidade do tio?... Espalharam-se os mais esquisitos boatos. O jovem americano, porém, pouco se embaraçava com eles; tomou positivamente conta da direção da casa e era em tudo desculpado indulgentemente por Dahnow, a quem divertiam sobremaneira a decisão de seus modos e o juvenil arrojo de suas ideias.

A inquietação dos sobrinhos aumentava dia a dia; acabou, porém, com essa inquietação a declaração formal do barão de que o rapaz era possuidor duma bela fortuna independente e sólida. Não obstante isto, ninguém pôde nunca compreender a singular predileção do sossegado sábio que era Dahnow por esse turbulento personagem, que, com um desembaraço verdadeiramente americano, virava a casa, antes tão sossegada, de pernas para o ar e acordava os ecos adormecidos dos antigos corredores com o riso sonoro de sua risonha mocidade.

Nem o próprio estrangeiro talvez o soubesse. Sabia-o Clemente Dahnow, a quem um breve nome de mulher, pronunciado constantemente pelo rapazinho, evocava suavemente as mais puras, as mais intensas recordações de um belo tempo passado.

Sabia-o Clemente Dahnow, que nas feições menos corretas e mais viris de Jack Carsten julgava sempre achar o vestígio de uma longínqua e amada parecença, e cujo coração, fiel ainda, não pudera resistir ao encanto dessa parecença, ilusória talvez mas que para ele ressuscitava radiosamente a quadra enamorada, a quadra

mais querida e mais saudosamente lembrada de sua mocidade morta.

*   *   *   *   *



E de súbito ressurgiu em minh´alma
toda a felicidade e toda a dor de outrora;
e ergueu-se em mim loucamente a saudade
de ti terra perdida de minha louca juventude!

Os anos passaram. Rápidos ou lentos, cheios de fatos ou vazios de emoção, eles foram passando, arrastando inexoravelmente para o grande olvido, com os insignificantes acontecimentos de todos os dias, essas numerosas quimeras por que se combate a vida inteira, que vida nenhuma consegue afinal cativar duradouramente e que se chamam a felicidade e o amor.

Os anos passaram e outra vez sobre os jardins floridos de Goehlitz o sol quente e radioso de Agosto inunda as aleias, salpica de ouro o saibro fino das alamedas e ilumina como para uma apoteose a velha fachada do castelo, que o tempo acinzentou ainda mais. À luz viva dessa iluminação de primavera, todos os pormenores de um avelhantamento, pouco perceptível em geral a olhos familiares, patenteiam-se e destacam-se como por encanto.

Os anos passaram também sobre Goehlitz. Os antigos muros da aristocrática morada cobriam-se dessa cor especial de que o

pincel do tempo reveste as velhas obras em pedra. Goehlitz envelheceu, como envelheceram seus habitantes, sem nada, porém, ter perdido de seu íntimo encanto familiar. E sempre o solar, a casa acolhedora e cheia de recordações, que se agita hoje nas expansões de uma alegria festiva e alvoroçada. Porque é festa hoje em Goehlitz e o claro sol, que num polvilhamento de raios derrama a áurea glória de sua luz sobre o efêmero estio das coisas, ilumina também o dia das bodas de prata de Curt e Lily Degenthal.

Sim, há vinte e cinco anos, vinte e cinco longos anos, que, num dia também belo e ensolarado como este, muito rosado sob as custosas *mâlines* de seu véu de noiva, a dona desses sítios, a loura castelã de Goehlitz, tomou o nome e o título daquele por quem sempre batera seu coração virginal.

Havia muita gente, então, muita flor, muito ruído, muita alegria, e, como então, há também hoje muita alegria, muita gente e muita flor, para comemorar com o máximo de brilho e de efusão essa abençoada festa de família.

Todos os Degenthal, velhos e novos, e todos os parentes e amigos, acorreram a Goehlitz; a velha casa regurgitava de gente, e nas aleias quentes de sol há um vaivém apressado de retardatários, que chegam para a festa da tarde, em que Luís, o mais moço dos cinco filhos de Curt, deve pronunciar a saudação de estilo ante todos os parentes, convivas e domésticos, reunidos no vasto gramado fronteiro do jardim - saudação esta que lhe tem custado noites de insônia e dias de meditativo recolhimento.

Desde seu regresso da Itália e sob o pretexto especioso de que o castelo era demasiado úmido para Luitpold, Lily recusou peremptoriamente fixar-se em Degenthal. Curt, não querendo

contrariá-la e receando também conflitos com a mãe na gerência e administração desse domínio, de que era dono e senhor, como primogênito da família, preferiu estabelecer-se em Goehlitz, vindo pouco tempo depois a ceder seus direitos sobre essa parte de seu patrimônio a seu irmão Nickel, cuja idade e profissão o retinham sempre nas mundanidades da capital.

A velha condessa, pois, ficou só, reduzida à companhia do preceptor, e adivinhando nesse abandono dum bem que se lhe afigurava sagrado e inalienável a influência oculta da sobrinha, retraiu-se num silêncio reprobativo e soberbo, acariciando em segredo um sonho imposto pelas circunstâncias, pois era tradicional na família que o mais velho dos filhos estabelecesse morada no castelo de seus pais; era o sonho de que Nickel, casando-se, fixaria residência em Degenthal.

O abandono de Curt feriu o rigorismo conservador e tradicional de Clotilde no que ela tinha de mais suscetível; nunca mais perdoou a Lily ter sido a causa de que um Degenthal faltasse pela primeira vez à tradição, e principalmente ter-lhe privado a velhice da presença constante desse filho a quem sempre votara uma subida predileção.

Compreendeu que a era do seu despótico domínio sobre as resoluções de Curt estava definitivamente acabada; a jovem condessa Degenthal interpor-se-ia doravante entre ela e o filho com a silenciosa tenacidade de seu caráter; Curt já não lhe pertencia mais. Magoada em seus preconceitos e talvez mais magoada ainda em seu ciúme, a velha condessa resolveu contentar-se com Nickel na falta de Curt, mas esta esperança mesma lhe foi frustrada.

O jovem e brilhante oficial, que a perspectiva de uma sossegada vida provinciana não seduzia positivamente, invocando as repetidas mudanças de guarnição a que o forçavam as exigências de sua profissão, montou em Viena uma *garçonnière* confortável e elegante, até ao dia em que, desposando uma das mais mundanas flores da aristocracia, se estabeleceu definitivamente na capital, aparecendo em Degenthal apenas de fugida, três meses no ano - o tempo estrito que lhe concedia a mulher para não ficar mal vista na roda *chic* - permanecendo na cidade, quando todos se retiravam para o campo.

A condessa, pois, vivia só; Curt vinha somente de visita, retido sempre em Goehlitz pela administração das terras da mulher ou pela educação dos filhos, e ninguém pôde nunca avaliar o que de sofrimento comportava esse isolamento tão orgulhosamente suportado.

Como lhe haviam falhado todos os seus projetos!... E quanta vez a realização do que mais desejamos só nos traz amargura e decepção! ... Clotilde Degenthal não se podia queixar da sorte; seus filhos haviam seguido na vida a rota que lhes traçara previdentemente; a fortuna de Lily contribuíra para dar mais brilho e cercar de mais luxo o nome dos Degenthal; Nickel fizera um casamento digno também sob todos os pontos de vista de seu nome e de sua posição, e quando Luitpold, o mais velho de seus netos, três anos antes dessa data se aparenta com uma das mais antigas famílias da nobreza, por uma união que fora obra exclusiva de Lily, a velha condessa deveria ter chegado ao apogeu de suas ambições.

O casamento de Luitpold deu-lhe na verdade a ilusão de que ia cessar para ela o atroz isolamento de coração a que se via

condenada sua altaneira velhice, pois, tendo-lhe cedido Nickel seus direitos sobre Degenthal, o rapaz decidiu habitar o velho solar, que a condessa já não se sentia com forças para dirigir.

Mas essa ilusão desfez-se em pouco tempo; não só a jovem viscondessa Luitpold era pessoa muito decidida a ser dona e senhora exclusiva de sua casa, não consentindo por conseguinte que outra vontade lhe contrabalançasse a autoridade, mas também nunca tivera com o neto essa intimidade familiar, que só o convívio de todos os dias pode criar.

Os filhos de Curt haviam sido educados todos longe dela, respeitavam-na muito mais do que a amavam; Luitpold mesmo nada mais tinha para com ela do que uma deferência cheia de atenções, e em pouco tempo a velha condessa era, nessa casa onde dominara outrora, apenas uma comensal, cuja severidade de juízos era temida, uma espécie de estrangeira que em coisa alguma se imiscuía.

Confinada em seus aposentos, tristonha e reumática, quanta vez, no aborrecimento de sua solidão, não lembrou ela, com o secreto rancor que lhe inspirava agora Lily, aquela que por sua beleza, inteligência e coração madre Sibila lhe afirmara outrora ser em tudo digna do título e da posição de condessa Curt Degenthal. Talvez “aquela” não lhe tivesse confiscado o coração do filho, como fizera Lily, cujo exclusivismo jamais permitiu que o marido tivesse outras ocupações senão ela e os filhos. Embora a nora a tratasse sempre com o afeto respeitoso habitual, Clotilde sentia que tinha em Lily uma adversária secreta e que nessa mulherzinha tranquila e dócil, de sorriso inalterável e maneiras sempre tão afáveis, residia

afinal de contas a “rival” que ela de antemão tanto execrara na “outra”.

Lily foi com efeito sua rival, e rival vitoriosa no afeto de Curt. A influência que ela antigamente exercia tão soberbamente sobre a índole um pouco fraca do rapaz, soube Lily apropriar-se jeitosamente dela, e do antigo Curt, do Curt confiado, entusiasta e meigo que ela sonhara ter na vida sempre a seu lado e ser na velhice seu terno companheiro, nada mais restava do que um filho muito atencioso - é verdade! ... e delicado em extremo - mas tão frio, tão comedido, tão diferente - meu Deus! - do menino expansivo que outrora se lhe atirava ao colo e, sem fazer caso da reprimenda que esta falta de decoro infalivelmente provocava, lhe segredava numa carícia apaixonada: “Mamãe, eu te adoro!”

Quanta lágrima não derramou silenciosamente a condessa ao relembrar essas doces coisas do passado! Quanta, quanta inexprimível saudade! ... E recordava a filha de Helena Wild, a donzela impulsiva, cujos grandes olhos azuis tão confiadamente se haviam voltado para ela um dia e cujos lábios estavam prontos a darem-lhe, na efusão de gratidão que lhe teria angariado seu consentimento, esse nome de “mãe”, que Lily nunca se habituara a pronunciar, acostumada como estava ao seco “minha tia”, de que jamais se pudera ou quisera abster.

E foi este o verdadeiro castigo de Clotilde Degenthal. Foi o não poder esquecer a filha do diretor do circo, admirando-lhe - mau grado seu! - a energia e o desprendimento, depois de ter ouvido contar pela boca verídica do preceptor a história dolorosa daquela vida, que a mais pura, a mais elevada noção do dever havia sabido

manter à altura das mais recalcitrantes admirações. Chegou a arrepender-se de ter impedido esse casamento, que teria talvez feito de Curt outro homem que não o ente de indiferentismo e de atonia encerrado por Lily no círculo estreito de suas ideias limitadas.

Mas... para que lamentar um passado irremediavelmente extinto? ...Para que chorar sobre fatos consumados, lastimando a perda de um bem que ela não havia querido outrora?

A condessa compreendeu a inutilidade desse arrependimento tardio e, com o orgulho de sempre, reprimindo no fundo da alma a tristeza de suas decepções, veio como toda gente festejar as bodas de prata de seu filho com essa Lily que ela tanto e tanto desejara por nora em outros tempos.

Os anos haviam modificado pouco o exterior da mulher de Curt; sofrera como toda gente “o irreparável ultraje” de que fala o poeta, mas esse ultraje reduzia-se nela a diminutas proporções, por um privilégio que devia por certo à tranquilidade de seu gênio. Perdera com a idade o frescor que lhe emprestara algum tempo o brilho de uma passageira formosura; conservava, no entanto, a graça afável do sorriso e a esbelteza de talhe que lhe dava ainda um aspecto de juventude. O louro mortiço de seus cabelos apagara-se ainda mais sob a ação dissolvente do tempo; ia-se desbotando agora num branco prateado que mais incolores fazia parecer seus claros olhos azuis, onde se refletia a serenidade feliz de sua vida regrada e pacífica.

Lily seria mais tarde o que já começava a ser: uma velhinha ativa e alegre, muito ufana da beleza de seus flhos e netos, da ordem e boa fama de sua casa. Uma velhinha feliz, em suma, pois a

segunda condessa Degenthal sempre havia feito na vida o que quisera.

Realizara o sonho de sua mocidade, casando-se com aquele que desde a infância pensara ter por marido, e concentrara todas as energias de suas faculdades em conservar esse marido só para si, fazendo consistir sua felicidade em criar e educar os cinco filhos que lhe haviam vindo desse desejado casamento.

Era uma incomparável mãe e uma inigualável dona de casa. Ninguém como ela para preparar um jantar, arranjar um aposento, apartar as bulhas das crianças.

Numa coisa, porém, Lily parecera mesmo ela: preferia Luitpold a todos os outros filhos. Luitpold era o primeiro e foi sempre o primeiro em tudo e por tudo; mas essa preferência, que o marido combatera a princípio e que os anos nada mais fizeram do que fortalecer e tornar mais ostensiva, em nada prejudicou aos outros.

Lily amava igualmente a Ricardo, Egberto, Gustavo e Luís; mas Luitpold tivera as primícias de seu amor maternal e conservou toda a vida as prerrogativas deste fato. Nunca foi tão bem recompensada uma predileção. Luitpold tinha uma veneração de fanatismo por sua mãe, de quem era o retrato fiel. Ouvia-a em tudo e por tudo,
não se atrevendo jamais a tomar uma decisão sem lhe pedir antes conselhos, e quando ele, seguindo os esclarecidos e práticos conselhos da mãe, desposara uma das mais ricas herdeiras da aristocracia vienense, indo residir em Degenthal como dono e senhor, Lily julgara-se a mais venturosa das mães. Desde que Luitpold era rico e feliz, os outros podiam ser menos afortunados.

Os outros também haviam herdado, como o mais velho, o mesmo gênio calmo e o mesmo claro e louro físico da mãe. Eram todos esbeltos e fortes, tinham aqueles mesmos pálidos olhos azuis, aqueles cabelos de seda dourada, aquele idêntico caráter sossegadamente ativo e aqueles modos tranquilamente alegres.

Só um destoara desse conjunto um pouco apagado; era o segundo, esse pensativo Ricardo, que só tivera de Lily a tenacidade inquebrantável de vontade, sendo no físico como no moral a reprodução exata do que fora Curt. E era provavelmente por ser ele essa reprodução e por ter revelado desde pequeno tendências para um idealismo, que a mãe fizera o impossível para reprimir, e principalmente por ser o menos querido de Lily, que o conde lhe votava secretamente uma predileção, nem a si próprio confessada.

Ricardo tinha todas as iniciativas, todos os entusiasmos, toda a grave e apaixonada delicadeza de sentimentos que na mocidade haviam caracterizado Curt; diferençava-se de seus sossegados irmãos pela fantasia de que sua turbulenta imaginação coloria os menores fatos da vida caseira, pela vibratilidade de um temperamento a um tempo cismador e ativo. Os irmãos haviam-no alcunhado: “sonhador”, aceitou a alcunha e, apenas terminou seus estudos, que o mais brilhante sucesso coroara, declarou aos pais sentir decidida vocação para a literatura.

Lily deu um verdadeiro brado de protesto; jamais consentiria em semelhante capricho. Mas Ricardo, com a sossegada temosia que dela herdara, provou-lhe que Luitpold sacrificara as nobres tradições da família, escolhendo como seu pai essa opulenta e fidalga vida de castelã; que estavam Egberto e Gustavo decididos a imitar o exemplo do tio Nickel, seguindo a carreira militar, e que Luís

destinava-se à diplomacia. Por conseguinte, ele reclamava o direito de não ser coisa nenhuma, ou, antes, de ser o que bem lhe parecesse, o que queria dizer literato e jornalista.

Diante da decisão do rapaz; os pais tiveram que ceder, Lily desoladamente resignada e Curt com uma pontinha de admiração por esse juvenil arrojo, que com tanta confiança em si reclamava o direito de se cultivar e expandir livremente. Pouco tempo permaneceu Ricardo em Viena, onde seus artigos num jornal assaz em voga fizeram alguma sensação. Graças à influência de seu nome e de sua fortuna, arrojou ser encarregado pelo jornal em questão de ir estudar os processos modernos de jornalismo nos Estados Unidos. Depois de um pequeno giro pela Europa, seguiu para a pátria dos credores e dos milionários, com grande pesar do pai, que sua partida deixava extremamente saudoso, e não sem receio da parte de Lily, que ele galhofeiramente ameaçara no momento da partida com uma escandalosa *mésalliance* com a primeira possuidora de dólares a quem agradasse sua negra barbicha de Mefistófeles.

Embora viajando, Ricardo mantinha correspondência ativa com os habitantes de Goehlitz; escrevia quase sempre de preferência ao pai, que sabia mais apto para compreender-lhe os devaneios e a quem interessavam sobremaneira as observações que em vista de um futuro livre ele coligia a esmo nos países que atravessava.

Nesse dia mesmo, dia de festa familiar de que Ricardo era talvez o único excluído, o conde Degenthal recebera dele uma volumosa missiva. A fim de saboreá-la a vontade, Curt deixou o bulicio do hall lateral, que dava para o gramado onde o jovem Luís devia à tarde fazer sua estreia na arte oratória, indo encerrar-se em

seu escritório, cuja solidão o bando invasor dos convivas até então respeitara.

O aposento era sóbria e elegantemente arranjado; pela profusão de livros, mapas e revistas poder-se-ia julgar dos gestos estudiosos de seu morador; mas o silêncio que esse morador fora nele procurar era na verdade dos mais fictícios. Pela larga janela que se abria para o gramado, onde os últimos preparativos da manifestação levantavam uma algazarra alegre, o ruido entrava impertinentemente, como para lembrar ao senhor desses sítios que os regozijos da hora presente não lhe concediam muito tempo aos devaneios.

A parte feminina da sociedade já se retirava para essa coisa imprescindível e importantíssima que é a toilette, e os rapazes, deixados em liberdade, davam a derradeira mão aos preparativos para a noturna iluminação do jardim à veneziana.

Sorrindo indulgentemente à animação desse bulhento grupo alegre, o conde Degenthal aproximou-se da janela, por onde a luz entrava mais viva, para ler em paz a carta de seu predileto. Era-lhe tão doce receber notícias do caro ausente nesse dia de júbilo!

Que acréscimo de vida não teria dado à festa esse Ricardo, por quem Luís tanto suspirava ao elaborar o famoso “discurso”, se ele ali estivesse! ... O conde deu um suspirozinho reprimido bem depressa e, sorrindo à lembrança do filho distante, rasgou o grande sobrescrito.

Tal como estava, posto em destaque pela luz clara que vinha de fora, Curt era realmente um homem respeitável ainda. Do belo rapaz garboso e lépido que fora outrora, os anos haviam feito esse velho em quem perdurava uma estranha mocidade de porte, mas

cuja fisionomia expressiva a vida trabalhara, como o mármore de uma estátua o cinzel paciente do artista. A fronte ampla sulcara-se de fundas linhas horizontais, que indicavam o esforço do pensamento, sob o bigode grisalho, a boca tinha dois duros vincos amargos, o cabelo, embora farto ainda, já estava quase todo branco, e no fundo dos olhos, onde as rugas inevitáveis punham de cada lado o sinal inexorável da idade, havia uma expressão de tédio, de aborrecida indiferença, que dava um cunho de inexprimível tristeza a esse nobre semblante envelhecido.

O que se conservara intacto no conde Degenthal era a suprema distinção que à primeira vista revelava nele a “raça”. Era um fidalgo em toda a acepção aristocrática da palavra. Mas um fidalgo taciturno, desde seu encontro com Dahnow, nunca mais o conde recuperara a vivacidade de maneiras que outrora o caracterizava.

Essa taciturnidade era assunto das indagações curiosas dos amigos e conhecidos. Que poderia faltar a esse Degenthal, a quem a felicidade sempre sorrira?

Por mais que procurassem, nunca atinaram, acabando por atribuírem essa incompreensível melancolia às enfermidades de que na mocidade fora vítima. Nesse momento, porém, quem lhe visse a insólita animação da fisionomia, julgaria ter diante dos olhos o antigo Curt, tal o brilho de seus olhos, a viva expressão de interesse
de que a leitura das primeiras linhas da carta do filho lhe iluminava o semblante atento. Abandonou a prosa de Ricardo num gesto brusco e do largo sobrescrito tirou agitadamente outro sobrescrito pequeno, coberto de carimbos e selos e tão amarelecido pelo tempo, que mal se lhe podiam distinguir as letras do endereço. O conde

Degenthal fitou neste pequeno quadrado de papel um olhar turvo de comoção, aproximou-o da vista como para decifrar a trêmula caligrafia com que outrora uma mão feminina lhe traçara ali o nome, e por baixo dela reconheceu sua letra, a letra quase apagada do Curt, apaixonado e jovem, que num assomo de furiosa indignação devolvera em tempos idos essa carta assim fechada.

Reconheceu-a. E no tremor com que rasgou o sobrescrito, na hesitação palpitante que o deteve um segundo ante a leitura dessas linhas de que não quisera outrora tomar conhecimento, já nada mais havia do velho senhor de agora; era o Curt de então, o Curt moço enamorado, o Curt de Constantinopla, o pobre Curt desvairado de ciúmes e de despeito que, ressuscitado naquele momento, fazia agora o gesto que antigamente recusara fazer por vingança. O passado dominou-o todo inteiro, e foi com os olhos do passado que leu emocionadamente a carta seguinte:

Curt, eu não posso já ser tua. Se tua generosidade me oferecesse ainda teu nome, seria obrigada a recusar. Não obstante, meu querido, eu amo-te mais do que nunca, se possível fosse. Oh! se estivesses aqui, se te sentisse perto de mim, se tivesse podido consultar-te, talvez tivéssemos achado ambos o meio de evitar esta desgraça, a solução deste problema, que para mim não tem outra saída. Mas eu estava tão só, tão horrivelmente só! ... Não tinha ninguém, ninguém, e o meu pai agonizava, e era preciso salvá-lo!

Curt, eu não sei como me vais julgar; sei apenas que te vou fazer sofrer, e deste sofrimento peço-te perdão com todas as veras de minh'alma. Se o que faço é mal feito, sirva-me de expiação este imenso sacrifício.

Adeus, meu amigo, adeus para sempre! ... Adeus, Curt; que Deus te console, te abençoe e te proteja!

Nora

O conde Degenthal deixou lentamente cair os braços ao longo do corpo; seus olhos que acabavam de ler estas linhas, onde palpitava a sinceridade desesperada de uma grande aflição e de um afeto infinito, fitaram extaticamente o espaço.

Oh! por que não lera ele outrora essa pequena carta, tão agoniadamente escrita, vinda de um coração verdadeiro, que na amargura de uma situação desesperada recorrera a ele nessa despedida apaixonada, que nada mais era do que um brado frenético de socorro?! ... Por que não a lera? ... Teria sido tão diverso o curso
dos acontecimentos! E, evocando a distante cena passada, tornou a ver a sala oriental da casa de Pera, o pátio florido de rosas, Jacques Dorval e, sobre a mesa, onde se debruçava num desfalecimento de agonia, o maço de jornais e a carta da mãe.

A ideia de que fora a mãe a culpada de tudo isto atravessou-lhe a mente num frêmito de rancor retrospectivo; repeliu-a, mas sentia-se tão culpado que não queria acusar ninguém. Não fora ele afinal o próprio autor desse rompimento de que nunca - como o compreendia agora! - se pudera inteiramente consolar? ... Não acreditara ele imediatamente nos boatos que a haviam desonrado, e não tinha ele acreditado neles só por Ihe ser mais cômodo acreditar, como Ihe dissera Dahnow?!

O passado invadia-o todo inteiro, revivia-o com uma intensidade que o fazia quase palpável, e, aos olhos desiludidos do velho de agora, Bonn ressurgia no fresco encanto dessa longínqua primavera, em que nas margens do Reno encontrara aquela por cujos belos olhos cor de céu todo sacrifício lhe parecera pequeno durante muito tempo e mesquinha se lhe afigurava toda dedicação. Tornou a vê-la, a ela, criatura toda de encanto e de formosura de que fora o único e exclusivo amor, tornou a vê-la na evocação de uma pungente saudade, como a vira pela última vez a sorrir-lhe tristemente sob o grande chapéu, que lhe esbatia em sombra o lindo rosto emocionado.

Tornou a vê-la, e foi como se em torno dele se levantasse de chofre a mocidade desse passado de sonho e de paixão... Já não era o velho de quem hoje se celebravam as bodas de prata; era o Curt dos tempos idos, o Curt de Bonn, o Curt da vila de Dresden, que num anelo, em que passavam o desespero de um remorso e a tristeza inconsolável de uma saudade, se dizia amargamente: Se eu pudesse voltar atrás, se eu pudesse tê-la de novo nos braços e dizer-lhe neste momento o que lhe teria dito, se tivesse lido então essa carta, agora inútil! ... Era, porém, ao fantasma de uma época irremissivelmente extinta que se dirigia o homem de cabelos brancos a quem toda essa longa série de anos felizmente vividos parecia naquele instante estéril, vazia, inútil.

Mas um ruído estranho, vindo da janela, fê-lo estremecer bruscamente, arrancando-o às sombras angustiosas do passado e voltando-lhe para o lado exterior os olhos assustados. Sobre a estreita borda da janela duas mãozinhas agarravam-se desesperadamente, duas mãozinhas vermelhas da força que

empregavam para não escorregarem ao peso do corpinho, que se adivinhava suspenso do lado de fora, cosido à parede para uma escalada que ameaçava acabar num tombo. Ouvia-se o arquejar de uma respiração de criança a quem o esforço redobrava a fadiga, e ao rez da janela surgia de vez em quando uma crespa cabecinha loura, num arranco desesperado.

O conde precipitou-se para a janela, suspendendo nos braços a uma travessa prestes a cair. Era uma linda criaturinha de três anos, de grandes olhos castanhos e, sob o ouro vivo de uma cabeleira de querubim de cromo, o mais esperto, o mais ingênuo, o mais delicioso semblante de menina que se possa idealizar. Era a filha de Luitpold, a primeira mulherzinha da família, a condessinha Elisabeth Degenthal, a pequena Ely, mimo e enlevo de toda gente, a única neta de Curt e por isso mesmo seu ídolo e seu tirano.

__ Ely, Ely! __ Chamou ele, numa repreensão que se perdeu num beijo. __ Que travessuras são essas? Se eu não te visse a tempo, caías com certeza; e o que seria desse vestido tão bonito? Que diria a mamã.... Que faria a avó!

Ely encolheu os ombros, com uma absoluta e irreverente indiferença por essa opinião de pessoas que sabia perfeitamente rendidas a seu domínio.

__ Chamei por ti, avô... __ Explicou com um sorrisinho petulante, apoiando ao ombro dele o braço rosado e nu e sacudindo a madeixa loura, que lhe emoldurava o gracioso rostinho, vermelho ainda dos esforços baldados para a sua subida. __ Chamei muitas vezes por ti. Como não vieste, subi.

__ Subiste, maluquinha. __ Repetiu o avô, apertando-a num esforço contra o peito, num susto retrospectivo do que poderia ter

sucedido e se tivesses caído? ... Não sabes que o avô teria ficado muito zangado?

Ely teve o mesmo significativo levantar de ombros para esta zanga, cuja ameaça, sempre feita, nunca tivera probabilidades de realização.

__ Tu bem sabes que não podes ficar zangado com Ely, avozinho. __ Respondeu, acabando de enfeitiçá-lo com a graça irresistível de seu sorriso.

Era tão verdadeira esta asserção, que o conde não achou réplica, fitando um extasiado olhar na criança, cujos olhos faziam curiosamente o inventário desse jardim proibido que era para ela o escritório do avô.

Era a filha de seu filho. O pequeno ser logo adorado irrefletidamente, o único diante do qual desaparecia a amargura de ser velho, era o presente que vitoriosamente o tomava pela mão, arremessando para o ouvido o passado morto; era o futuro que lhe sorria na candura luminosa desses olhos sem sombra e dessa fronte sem mácula.

Curt apertou de novo seu tesouro contra o coração. Como se sentia velho! ... E que lhe poderia fazer, agora que tinha a neta nos braços, esse amor de que já o separavam duas gerações.

Vivera sua vida, vivera-a boa, em suma, junto a uma companheira fiel e amante, que tão belos e bons filhos lhe dera; não se podia queixar da sorte, fora dos felizes do mundo. E, ao relembrar essa felicidade que hoje lhe alentava o coração numa efusão de reconhecimento para com a Providência divina, veio-lhe um remorso desta outra existência, a quem sua própria ventura talvez desgraçara irreparavelmente.

Que teria sido de Nora?... Como chegara às mãos de Ricardo essa carta, que ele supunha há tanto tempo rasgada? ... Sem o aconchego de um lar e o acalentar de outro amor, encontraria o viajante essa a quem tão convictamente prometera outrora estas duas coisas?

Era preciso ler. O filho mandaria certamente pormenores sobre a extraordinária remessa daquela carta, e agora, que tinha Ely nos braços, não temia já o passado. E, sentando-se à escrivaninha com a criança ao colo, enquanto ela se entretinha em remexer os objetos esparsos - privilégio este que lhe era raramente concedido - Curt, ainda um pouco turbado, pôs-se a ler a longa carta de Ricardo:

Meu pai: Antes de tudo envio-lhe e a minha mãe o efusivo abraço de parabéns, que eu infelizmente não lhes poderei pessoalmente levar. Do sentimento que a minha ausência nessa tão querida festa de família desperta em mim, não podem duvidar, pois ninguém melhor do que vocês podem saber o quanto de alma e coração estarei hoje com vocês. Imagino o figurão que espera o nosso Luís, e tenho o prazer de augurar-Ihe daqui o mais esplêndido sucesso e os mais calorosos aplausos. Desde já reclamo de Egberto ou de Gustavo uma cópia fiel da famosa peça oratória.

Para tranquilizar a mamã, começarei dizendo que a minha saúde continua a ser das melhores e que ainda não encontrei a “princesa dos dólares” dos meus sonhos. Creio que por ora só está reservado a Luitpold o prazer de Ihes dar netos. Quanto a meus estudos, vão em andamento; creio que a América me fornecerá amplo assunto para o projetado livro. Não sei, porém, a forma que lhe darei; ainda hesito entre a simples narração de viagem e o romance. Esta ideia de romance veio-me há tempos, depois do episódio que lhe vou relatar e que o meu pai saberá

provavelmente explicar melhor do que eu, não obstante o interesse extraordinário que em mim despertou.

Desse episódio resultou a carta que aqui lhe envio inclusa e que me foi entregue tal qual para lhe ser remetida em particular. Não ousei abri-la, tal a impressão de respeito que me produziu a pessoa que lha mandou por mim, carta esta que provavelmente o esclarecerá muito mais do que a esse respeito lhe possa contar. Eis os fatos:

Ha seis meses, tendo eu terminado minha excursão pelas principais cidades da União e dado por concluídos meus estudos sobre Jornalismo, pretexto a esta interessantíssima excursão, relacionei-me com um francês, engenheiro chefe de uma importante firma industrial e morador do mesmo hotel.

Esse rapaz, encarregado da construção de um caminho de ferro numa afastada região do Far-West, sendo obrigado a demorar-se nessa remota paragem todo o tempo que exigisse a conclusão do seu trabalho, convidou-me para ir ajudá-lo a suportar os primeiros rigores do exílio, acompanhando-o até lá. Assim ser-me-ia dado observar de perto a admirável energia colonizadora do povo americano e o que de pitoresco tem em sua expansão civilizadora e progressista.

Acedi ser tergiversar. Depois de uma viagem assaz longa, chegamos a uma cidadezinha, primitiva ainda, mas que encerra ja em si o germe de um futuro grande centro. Era o ponto extremo da nossa "viagem civilizada", como dizia o meu companheiro: daí em diante matos, sebes e talvez peles-vermelhas, para dar à nossa excursão um jeito de aventura à Fenimore Cooper. Para continuar, porém, essa excursão, eram necessários vários preparativos, que exigiram nossa permanência de alguns dias no lugar, e eram principalmente necessárias instruções sobre os caminhos a seguir e os perigos a evitar; e sobre todas estas inadiáveis necessidades avultava a

de uma carta de apresentação para o Superior de uma missão de lazaristas, em cujo estabelecimento, situado no limite mesmo do começo da estrada de ferro onde meu amigo pretende tornar-se milionário, pretendíamos todos nós fixar acampamento.

Depois de muitas voltas e indagações junto às pouco informadas autoridades da terra, ficamos cientes de que a única pessoa que nos poderia dar informações seguras a respeito de tudo era a mais antiga moradora desses sítios, uma tal irmã Teresa, superiora de um orfanato de meninas pobres e diretora tanto do hospital do lugar como do externato de meninos e de várias outras instituições pias e de caridade. Essa irmã Teresa, de quem toda gente tinha na boca o nome e o louvor, afigurou-se-nos desde logo a verdadeira «autoridade da cidade, e recorremos a ela como a uma providencial manifestação do deus dos viajantes. Procuramo-la, pois, fazendo-nos anunciar pela porteira, uma francesa que estropiou meu nome como só uma língua francesa é capaz de estropiar um honesto nome alemão.

A superiora recebeu-nos logo. Era uma senhora alta e magra, de uma suprema distinção de porte e de maneiras, e que devia ter sido excepcionalmente formosa quando donzela. Dessa formosura, que a idade e as fadigas de uma afanosa vida tinham apagado pouco a pouco. Conservava ela vestígios na extraordinária limpidez de dois belos olhos azuis, de um azul de impressionar, sob sobranceIhas pretas.

Este contraste prendeu-me logo a atenção; mas o meu espanto tomou proporções de um verdadeiro assombro quando, depois de responder em francês a meu companheiro, que lhe expunha os motivos de nossa visita, voltou-se para mim e no mais puro alemão disse-me estas palavras textuais: "V. Excia. é um Degenthal; de outra maneira seria inexplicável uma tão extraordinária parecença!".

Deixo-lhe pensar, meu pai, na estupefação em que estas palavras me lançaram; fiquei absolutamente sem resposta e o meu embasbacamento ter-se-ia eternizado, se ela não acudisse com um sorriso cheio de afabilidade, um sorriso que me impressionou também, um sorriso novo num rosto velho:

__ Compreendo a surpresa! V. Excia. é o retrato de seu pai, quando tinha a sua idade, e foi justamente a época em que eu o conheci. Ele não usava talvez a barba assim; mas os olhos, a testa, o porte, o modo, tudo é o mesmo. É como se o estivesse a ver... Ele ainda vive por certo, não é verdade?

Poderá supor com que satisfação eu lhe respondi afirmativamente, pois nada pode confortar mais o coração em terras estranhas do que poder-se falar de pessoas amadas a outras conhecidas.

Então, com um interesse emocionado, pôs-se ela a perguntar-me por você, pela sua vida, suas ocupações, seus cuidados; indagou também da mamã, da vida que levávamos em Goehlitz, referindo-se com particularidade ao nosso velho preceptor, de quem se disse muito afeiçoada. Pareceu-me ter conhecido perfeitamente todos os maiores da família: minha avó, minha mãe, o preceptor, meu pai, e até o tio Nickel, a quem viu em pequeno, segundo me afirmou.

Falava de todos com singular emoção, mas por quem realmente se interessou foi por você, e como eu lhe dissesse a serenidade laboriosa de sua vida e o bem que tão modestamente espalhou em torno de si, ela murmurou, como falando a si mesma:

__ Sim, deve ter sido assim, ele foi sempre generoso e bom, teve sempre altas e elevadas aspirações!

Confesso-lhe que meu espanto crescia de minuto em minuto, e, movido pela mais justa das curiosidades, pedi-lhe que me dissesse o nome,

para que eu em minhas cartas lhe pudesse falar deste tão imprevisto encontro.

__ As filhas de S. Vicente de Paulo não têm nome! __ Respondeu-me a sorrir. __ Eu nada mais sou do que a irmã Teresa. Para recordar-me a seu pai, seria necessário volver a um passado distante demais para os velhos que somos.

Voltando-se para meu companheiro, que esta conversação quase íntima, num idioma de que não percebia uma sílaba, deixava também positivamente pasmado, recomeçou em francês a tratar com ele do assunto de nossa viagem. À medida que falava e que singelamente nos dava as informações pedidas, acrescentando minúcias que revelavam uma ampla cultura e uma viva inteligência prática das coisas, ia-se firmando mais em mim a convicção de que ela devia ter pertencido à mais alta e fina sociedade. Devia ter viajado muito também, o que não é de admirar numa americana, mas o que surpreende sempre numa religiosa!

De suas palavras depreendi que ela conhecia a França, a Bélgica, a Alemanha e a Áustria como qualquer de nós, e cada vez mais se aguçava em mim o desejo de saber quem se escondia sob a personalidade dessa modesta irmã Teresa. Este desejo não foi satisfeito, meu pai; talvez o possa vir a ser um dia pelo sr., a quem todos esses indícios devem ter revelado de quem se trata.

lrmã Teresa, tendo-nos dado todas as informações necessárias, despediu-nos com uma sorridente amabilidade, prometendo-nos para o dia seguinte a carta para o superior da Missão. Retiramo-nos verdadeiramente encantados com essa mulher tão singular; mas no dia seguinte esperava-nos surpresa maior. Aos primeiros albores da manhã, como nos preparássemos para a partida, vimos aparecer a cavalo irmã Teresa, que, trazendo-nos ela própria a carta de recomendação, nos explicou com a

maior naturalidade do mundo que, tendo uma visita a fazer a um pobre mais afastado e estando ocupadas todas as irmãs, preferia vir ela mesma entregar-nos o que prometera.

Uma religiosa a cavalo! ... É preciso atravessar os mares para se encontrar destas originalidades. O que me surpreendeu, porém, não foi tanto a estranheza desse sport tão em contraste com o caráter da pessoa que o praticava, nem tampouco a singeleza dessa superiora a fazer serviço de criada; foi principalmente a maneira como irmã Teresa montava. Parecia nunca ter feito outra coisa em toda a sua vida. Ela leu-me na fisionomia. Este espanto pouco disfarçado.

__ Era muito dada à equitação, quando moça. __ Condescendeu em explicar-me com aquele inexprimível modo de ser amável de que parece ter o monopólio. __ Vale-me hoje ao menos isto para um bom fim.

E, sorrindo, afastou-se, desejando-nos a ambos uma excelente viagem.

Não a devia tornar a ver tão cedo, porque, partindo naquele mesmo dia, só me foi possível regressar à cidade três meses depois. Não só me detivera a novidade de minha vida selvagem, mas ainda a notícia, trazida por um portador desgarrado, de que ali rebentara uma dessas violentas e terríveis epidemias tão comuns nestas zonas insalubres.

Por este portador soubemos também da incansável dedicação de Irmã Teresa, que se mostrou nessa ocasião a verdadeira providência do lugar, organizando postos de socorro, salas de enfermarias, serviços de isolamento, acolhendo e tratando os doentes com o singelo heroísmo de uma verdadeira irmã de caridade e a inteligência de uma enfermeira diplomada, interpondo-se em suma entre a sua querida cidade e o terrível flagelo, que ameaçava dizimá-la, com a temeridade abnegada que em toda parte caracteriza e sublima as humildes filhas de S. Vicente. Só quando nos

chegaram notícias de que a epidemia cessara, não havendo já perigo de contágio em atravessar a cidade vitimada, é que me decidi a abandonar o meu mato e voltei a cidade para daí me dirigir a Nova York; era mais do que tempo de apressar meu regresso.

Como só devesse demorar-me um dia, fui procurar irmã Teresa na mesma tarde de minha chegada; era-me impossível partir sem apresentar-lhe minhas despedidas. A porteira informou-me que, fatigadíssima com o trabalho desses últimos tempos, a superiora estava adoentada; ia, no entanto, entregar-lhe meu cartão com as linhas de despedidas que eu traçara a lápis sob o nome. Esperei uns cinco minutos no locutório a volta da porteira, que me conduziu silenciosamente até ao pátio interior da casa, onde irmã Teresa me esperava, recostada nas almofadas de uma ampla poltrona. Estava irreconhecível de magreza e abatimento; deu-me a sensação nítida de um ente que perecia.

__ Fi-lo entrar por ser a última vez que provavelmente nos veremos neste mundo. __ Disse-me com o seu bondoso sorriso acolhedor. __ V. Excia. vem despedir-se, e eu, se Deus me der forças para suportar a viagem, já tive ordem de regressar à casa matriz. Querem que eu repouse... __ Acrescentou com indefinível expressão. __ Ser-me-ia doce repousar neste torrão, onde vivi o melhor de minha vida! ... Enfim... Tratemos do presente. V. Excia. vai partir, não vai? Quero encarregá-lo de uma missão para seu pai. Tome esta carta... __ Continuou, entregando-me o sobrescrito que aqui lhe envio; esta carta pertence-lhe, conhecemo-nos muito em criança; sua avó foi mesmo de uma admirável bondade para com minha mãe. Uma desavença separou-nos mais tarde, nunca mais nos pudemos explicar direito, e eu não quisera deixar a terra sem que tudo ficasse esclarecido entre nós. Mande-Ihe, pois, esta carta e diga-lhe... diga-lhe bem que há muito eu sabia da felicidade dele e que dava a Deus fervorosas

graças por essa felicidade. Diga-lhe também que quem esta carta enviou foi feliz, muito feliz, inteiramente feliz.

__ Sim, foi feliz! __ Replicou, como se falasse a si mesma. __ Teve a mais bela, a mais invejável das vidas. Serviu na casa do Senhor. E como Ele dispõe todas as coisas com admirável misericórdia! Não há dor que não console, não há treva que não ilumine! ... Meu quinhão foi dos melhores. Pelo que na mocidade me concedeu, só Lhe posso ter infinita gratidão; e por me ter chamado a seu aprisco, que ações de graças não lhe devo dar! Deu à minha atividade o campo de sua vinha; deu a meu coração a inesgotável fonte de seu amor.

__ Todos nós seguimos afinal o nosso trilho; Deus a todos conduz seguramente. A alguns mostra desde logo o caminho, mas a nós, os rebeldes, os inquietos de coração, faz-nos primeiro passar pelo fogo vivo da provação para nos conduzir purificados aonde sua bendita vontade nos quer ver chegar.

Seus olhos tinham tomado uma expressão profunda e absorta; havia tanta unção em sua voz, que eu compreendi que uma emoção mais poderosa do que sua vontade a alheava nesse momento das coisas exteriores, transportando-a ao mundo distante das recordações.

Permaneceu alguns instantes silenciosa, imersa em seus pensamentos, totalmente esquecida de minha presença! Eu não ousava chamar-lhe a atenção, mas pareceu acordar bruscamente de sua cisma e, abanando a cabeça como para afugentar o bando das ideias profanas, voltou-se para mim com o olhar e o modo amável de sempre:

__ Vê como uma velha freira ainda pode estar apegada às coisas da terra? __ Tornou, sorrindo um pouco. __ Na sua idade as coisas da velhice parecem tão distantes e há tanto espaço ainda a percorrer para chegar até a elas, que se imagina facilmente que é transformado que o coração atinge

muita idade. E, no entanto, como a gente se engana! E quanta coisa fica sempre a mesma, em nós, quanta coisa! Só o chegamos a compreender, quando, tendo todos os nossos anos atrás de nós, a exiguidade do futuro nos faz parecer tão próximos ainda, que se diria terem sido de ontem todas essas queridas coisas que o tempo arrastou. Mas para que falar em velharias? ... Diga-me algo de seus projetos; deixa-nos amanhã, deveras, para sempre?

Acedi a seu pedido e durante alguns instantes entretivemo-nos de minha viagem e de meu regresso à Europa; depois, como eu me levantasse para a despedida, inclinando-me diante dela:

__ Já se vai? __ Disse-me com uma espécie de emoção, estendendo-me a mão quase descarnada. Nunca imaginará, sr. Degenthal, que imensa graça me concedeu o Altíssimo, conduzindo-lhe os passos até esta casa.

E tomada de inexplicável comoção, como eu me curvasse para depor-lhe na mão o beijo de adeus:

__ Deixe que a irmã Teresa o abençoe, meu filho! __ Prosseguiu com a solenidade de uma suprema despedida, traçando-me sobre a cabeça uma rápida cruz. __ E que em sua pessoa abençoe com toda a sua alma aqueles que em sua terra Ihe são caros.

Foram as últimas palavras que lhe ouvi; a irmã porteira, que se conservara discretamente a um canto, reconduziu-me, e na manhã seguinte tomava o rumo de Nova York.

Algum tempo depois de chegado aqui, recebia carta de meu amigo engenheiro francês, cujos negócios ainda devem retê-lo algum tempo no Far-West; trazia-me a notícia da morte da irmã Teresa. Não pudera resistir as fadigas da última epidemia e sucumbira algumas semanas depois de minha partida, no meio da desolação de toda a cidade, quando se preparava, obedecendo às ordens da superiora geral, para regressar à casa

matriz de França. Teve, pois, o fim que almejava; repousava no torrão onde, segundo ela, viveu o melhor de sua vida, e onde sua obra terá por certo benfazejas continuadoras.

Sua morte e seu enterro foram verdadeiros acontecimentos; a cidade em peso chorou em irmã Teresa a encarnação perfeita da caridade cristã, dessa caridade inspirada, empreendedora, eficaz, que não só conforta os órfãos, os pobres, os enfermos, mas sabe também ter uma palavra de afeto e de consolação para as penas da alma e as mágoas do coração. Eis aqui, meu pai, O episódio inesperado e estranho de que, ao começar esta, lhe falei. Para o sr. Irmã Teresa não será o enigma que foi e ainda é para mim; deve saber quem era, e certamente, contentando a curiosidade excitadíssima de seu filho, lho mandará dizer numa carta, que, se não tiver o comprimento escandaloso desta, exijo pelo menos que seja repleta de informações. À minha querida mãe as saudades terníssimas do mais vagabundo de seus filhos, a Luitpold e família, assim como aos militares e ao Luís orador uma grande quantidade de beijos.

E ao sr. meu querido pai, num grande abraço, cheio de carinho, o coração de seu

Ricardo

Curt deixou cair lentamente a mão que segurava a carta; tinha os olhos rasos de água.

__ Acabaste, avozinho? __ Perguntou Ely, que o brinquedo por demais silencioso acabara por enfadar, passando-lhe sem cerimônia nenhuma o braço roliço ao redor do pescoço.

__ Sim, acabei, meu anjo. __ Respondeu o conde, abraçando-a com extrema emoção.

E acabara, com efeito, como tudo acaba neste mundo, mocidade, amor, velhice e vida. Podia agora sem receio de um tardio remorso atormentador retomar a carta de Nora, podia-o, sem ofensa, sem despeito e sem rancor; a sombra de irmã Teresa acenava-lhe de longe num gesto de bênção e de perdão.

Ah! como ela fizera bem em lhe enviar essa carta! ...Como, ante o altruísmo dessa vida tão cheia, tão ativa, tão proveitosa, se desfazia em admiração e respeito o turvo sentimento que perturbadoramente o sublevara momentos antes. E na grande onda de resignada melancolia, que ele sentia subir pouco a pouco consoladoramente do fundo de seu ser apaziguado afinal, Curt retomou a carta de Nora e releu-a piedosamente, tudo acabara. O ente a quem se endereçavam essas apaixonadas linhas era aquele que ainda não tinha vivido, e ele agora era simplesmente aquele que vivera. E não estava ali, para provar-lhe o termo definitivo dessas coisas do passado, essa loura criancinha, a filha de seu filho, que curiosamente fitava nele seus luminosos olhos de criatura nova, onde o futuro sortia numa promessa radiosa?

Sim, tudo estava acabado, tão acabado que, para não aborrecer Lily, que essa carta assim achada entre os papéis do marido certamente apoquentaria, fez maquinalmente o gesto de rasgá-la. Deteve-se, porém, um instante, antes de o terminar, e, num preito à morta autora dessas frases de amor, pousou os lábios num fugitivo
beijo caricioso sobre esse breve nome de Nora, que já ninguém designava na terra... Depois rasgou lenta, muito lentamente, a carta e o sobrescrito em bocadinhos, que atirou para o cesto de papéis.

__ E aquela, não rasgou? __ Perguntou a menina, que estivera todo o tempo, observando o avô, apontando com o dedinho rosado as folhas dispersas da carta de Ricardo.

__ Aquela não, curiosinha! __ Replicou o conde e, levantando-se, sentou a pequenina sobre a escrivaninha, tornando num sorriso complacente: __ Aquela é do tio Ricardo, o avô vai guardá-la; Queres ver?

Assim falando, o conde abriu uma pequena gaveta colocada na parte baixa do móvel. Não, ele ainda não podia dizer como irmã Teresa: “Que assim fora melhor!”, mas recordava, num impulso de reconhecimento para com a Providência bondosa, que tudo viera a ter um belo, um bom fim.

Nesse instante a gaveta emperrada cedia bruscamente a força das mãos que a puxavam, e no recuo violento provocado pela repentina falta de resistência, um objetozinho duro e brilhante saltou do interior, indo rolar no chão. O conde curvou-se para apanhá-lo; era um coraçãozinho de ouro cravejado de pérolas. Que misteriosa mão se comprazia hoje em atirar-lhe assim, na ironia pungente e comovedora dessas esquisitas coincidências, como que um punhado das mais deliciosas recordações de seu passado? ... Quem fizera naquele momento saltar dessa gaveta, onde tantos e tantos anos jazia perdida, essa joiazinha de um tempo esquecido?

Curt apanhou devotamente o pequeno coração cintilante e prendeu-o instantaneamente à corrente do relógio, antes que Ely - cujo narizinho bisbilhoteiro se inclinou sobre a gaveta aberta para lhe devassar o conteúdo - lhe percebesse o movimento. A criança que outrora lhe fizera ingenuamente essa dádiva simbólica havia-o amado fielmente até à morte; ele tinha, pois, o direito, o dever

quase, de usar esse mimo, numa homenagem de sua tardia gratidão.

E, como evocada pelo contacto dos dedos sobre a joia que ornara outrora o pescoço de uma linda menina por quem seus doze anos se haviam perdidamente enamorado, a cena do hotel de Genebra ressurgiu-lhe na memória. Tornou a ver Carsten, a expressão severa da mãe, o rostinho contristado de Nora, seu próprio desespero, e de novo lhe soaram aos ouvidos as palavras do preceptor.

Mas estava escrito que o presente não deixaria naquele dia o passado tomar conta do espírito de Curt Degenthal. Três vultos assomaram familiarmente no limiar da porta: eram a velha condessa, Lily e o preceptor. A condessa Lily, a noiva de hoje, trajava um riquíssimo vestido de cetim *liberty*, de um branco grisalho, todo incrustado de rendas preciosas. Ornava-lhe a cabeça um pequeno diadema de pérolas, presente de Luitpold, e em sua fisionomia resplandecia o mais intenso júbilo.

__ Desde que Ely não foi suficiente para arrancar-te à tua solidão, Curt... __ Disse num tom entre carinhoso e ressabiado, adiantando-se num ruge-ruge de sedas. __ E como não é justo que num dia como este Ricardo te absorva a esse ponto, nós, os mais velhos da família, em comissão e em nome dos que lá fora te aguardam, viemos buscar-te para dar início as surpresas da festa. Só se espera por ti. Mas... __ Continuou numa interrogação já ansiosa, só então reparando na insólita emoção que transparecia no semblante do marido. __ As notícias não foram boas?

__ Excelentes, minha amiga, excelentes! Somente a carta era muito longa e dava-me notícias... dava-me notícias de uma pessoa

de quem há muitos anos não se falava, de uma pessoa para com a qual todos nós cometemos uma grave injustiça. __ Continuou, voltando-se para a mãe e o preceptor. __ Falava-me de Nora Carsten.

__ Nora Carsten?! __ Repetiram em eco três vozes diversas na mesma entonação de interrogativa surpresa.

__ Sim, Nora Carsten! __ Confirmou Curt com um frêmito involuntário na voz. __ Nora Carsten, que, com o nome de irmã Teresa e sob o hábito humilde das filhas de S. Vicente de Paulo, acaba de morrer santamente na América.

__ Então, vêm ou não vêm? __ Interrompeu de fora a sôfrega voz de Egberto, cuja cabeça loura surgiu de chofre na janela. __ Está tudo pronto; só se espera por vocês.

__ Já lá vamos, impaciente. __ Retorquiu-lhe o pai, sorrindo a essa juvenil manifestação de impaciência, e, como percebesse a sombra com a qual suas palavras anteriores haviam coberto a fronte da esposa: __ Não te entristeças, minha Lily! __ Segredou, apertando-lhe num carinho o braço que se apoiava ao seu. __ Ela foi feliz no caminho que foi seu destino trilhar. Não nos entristeçamos num dia como o de hoje, porque, graças a Deus, ainda temos diante de nós muitos anos para nos amarmos e com nossos filhos sermos também plenamente felizes. __ E dando a mão à netinha, Curt Degenthal, com a esposa pelo braço, dirigiu-se para o jardim, onde começavam a estourar os primeiros foguetes da festa de suas bodas de prata.

__ A filha do diretor do circo irmã de caridade! __ Murmurou, ainda não voltada de sua surpresa, a velha condessa que o preceptor acompanhava, ao atravessar o corredor para o hall de

onde deveriam assistir ao discurso de Luís. __ Quem poderia jamais supor isto, sr. preceptor?

__ Tudo é possível à vontade de Deus, sra. Condessa! __ Replicou o sacerdote com um sorriso bom sob a neve de seus cabelos de ancião.

__ A virtude, bem vê, é flor de todos os climas, como de todos os meios!

*   *   *   *   *

Retirado do Livro - composto e impresso - nas oficinas gráficas da Editora VOZES Limitada, Rua Frei Luis, 100, Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, Brasil, no ano de 1971, 70° de sua fundação.

VOZES